

FORÇA SIGMA

JAMES ROLLINS

Autor de *A Colônia do Diabo* e *O Olho de Deus*

A SEXTA EXTINÇÃO



Será tarde demais para parar
a destruição da humanidade?



BERTRAND EDITORA



FORÇA SIGMA

JAMES ROLLINS

Autor de *A Colônia do Diabo* e *O Olho de Deus*

A SEXTA EXTINÇÃO



Será tarde demais para parar
a destruição da humanidade?



BERTRAND EDITORA



JAMES ROLLINS é autor de vários *thrillers* internacionais, todos eles *best-sellers* do *New York Times*, e os seus livros estão publicados em mais de quarenta países. A sua série **Força Sigma**, na qual se insere *A Sexta Extinção*, foi considerada «no topo da lista das boas leituras» (*New York Times*) e uma das «melhores leituras do género» (revista *People*). Em cada romance, revelam-se mundos invisíveis, descobertas científicas e segredos históricos em que a ação tem um ritmo alucinante e a narrativa é inteiramente original.

www.jamesrollins.com

Título original: The Sixth Extinction

1.ª edição em papel: novembro de 2015

Autor: James Rollins

Tradução: Miguel Freitas

Revisão: Susana Andrade

Design da capa: Ana Monteiro

Imagens da capa: Shutterstock Images

© 2014 by James Czajkowski

Publicado com o acordo do autor, representado por

BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, USA

Mapa da Antártida fornecido e desenhado por Steve Prey.

Todos os direitos reservados. Usado com permissão de Steve Prey.

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

Tel. 217 626 000 · Fax 217 626 150

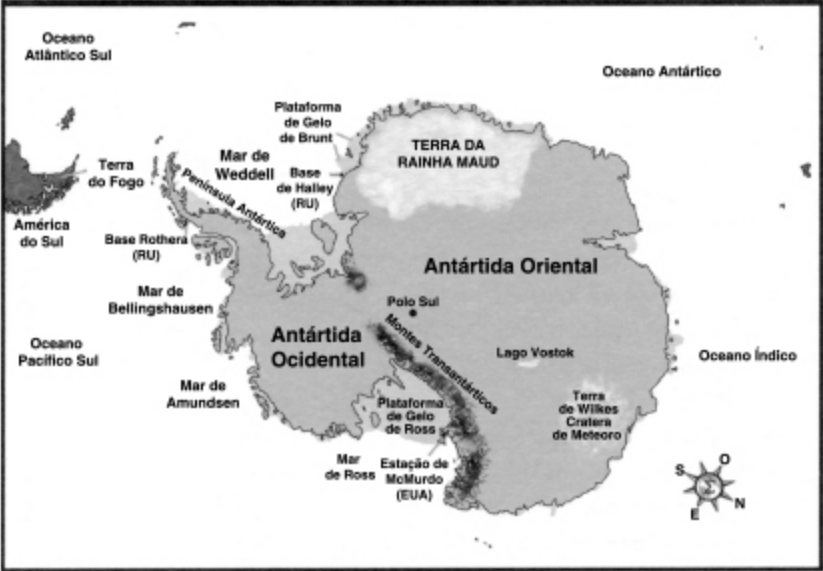
ISBN: 978-972-25-3160-3

*Para David, que me mantém os pés bem assentes na terra e,
simultaneamente, me faz voar bem alto... não é uma proeza fácil!*

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas deixaram as suas impressões digitais neste livro. Agradeço toda a sua ajuda, críticas e encorajamento. Em primeiro lugar, tenho de agradecer aos meus primeiros leitores, aos meus primeiros editores e a alguns dos meus melhores amigos: Sally Anne Barnes, Chris Crowe, Lee Garrett, Jane O’Riva, Denny Grayson, Leonard Little, Scott Smith, Judy Prey, Will Murray, Caroline Williams, John Keese, Christian Riley, Tod Todd, Chris Smith e Amy Rogers. E, como sempre, um agradecimento especial a Steve Prey pelo magnífico mapa... e a Cherei McCarter por todos os mimos que vão aparecendo na caixa de mensagens do meu correio eletrónico! A David Sylvian por conseguir fazer tudo e mais alguma coisa do que lhe é pedido e por garantir que estou sempre no meu melhor na área digital! A todos na HarperCollins, por me apoiarem sempre, sobretudo Michael Morrisson, Liate Stehlik, Danielle Bertlett, Kaitlyn Kennedy, Josh Marwell, Lynn Grady, Richard Aquan, Tom Egner, Shawn Nicholls e Ana Maria Allessi. Por fim, claro, um agradecimento especial a todos aqueles que desempenham um papel determinante em todos os níveis da produção: a minha editora, Lyssa Keusch, e a sua colega Rebecca Lucash; e os meus agentes, Russ Galen e Danny Baror (e a sua filha Heather Baror). E, como sempre, devo salientar que todos e quaisquer erros em factos ou pormenores neste livro, que espero que não sejam muitos, são da minha inteira responsabilidade.

ANTÁRTIDA



NOTAS DO ARQUIVO HISTÓRICO

Ao longo da história, o conhecimento tem altos e baixos, vai e vem. O que outrora foi conhecido é mais tarde esquecido, por vezes durante séculos, apenas para ser redescoberto muito tempo depois.

Há vários milénios, os antigos Maias estudaram o movimento das estrelas e desenvolveram um calendário que não falhou um único dia num período de 2500 anos. Uma proeza astronómica que demoraria muitos séculos a ser repetida. Durante o auge do Império Bizantino, as artes bélicas mudaram drasticamente com a invenção do *Fogo Grego*, uma arma incendiária que não se apagava com água. A receita desta estranha mistura inflamável perdeu-se por volta do século X e não viria a ser redescoberta até o seu homólogo, o napalm, ser criado em meados de 1940.

Como é que este tipo de conhecimento se perde na Antiguidade? Um exemplo disso remonta ao primeiro ou segundo século, quando a Biblioteca de Alexandria ficou reduzida a cinzas. A biblioteca, fundada aproximadamente no ano 300 a.C. no Egito, continha mais de um milhão de manuscritos, um imenso repositório de conhecimento, absolutamente inigualável. Atraiu estudiosos de todo o mundo conhecido na altura. A causa da sua destruição pelas chamas permanece um mistério. Alguns culpam Júlio César, que mandou atear fogo às docas de Alexandria; outros atribuem a sua ruína aos saqueadores árabes. De qualquer maneira, é um

facto que as chamas incineraram uma enorme e valiosa casa de segredos, o conhecimento de muitas eras perdido para sempre.

No entanto, alguns segredos recusam-se a ser enterrados. Nestas páginas encontra-se a história de um desses mistérios obscuros, um conhecimento de tal forma perigoso que nunca se poderia perder completamente.

NOTAS DO ARQUIVO CIENTÍFICO

A vida neste planeta sempre foi um ato de equilíbrio — uma rede complexa de interconetividade surpreendentemente frágil. Basta remover ou apenas alterar alguns componentes-chave para que essa rede se comece a desintegrar e colapse.

Tal colapso — ou extinção em massa — já aconteceu cinco vezes no passado geológico do nosso planeta. O *primeiro* ocorreu há quatrocentos milhões de anos, quando a maior parte da vida marinha foi eliminada. O *terceiro* evento atingiu o mar, bem como a terra, no final do Período Permiano, extinguindo 90 por cento das espécies da Terra, falhando por um triz a erradicação completa da vida no planeta. A quinta e mais recente extinção eliminou os dinossauros, abrindo caminho para a era dos mamíferos e mudando o mundo para sempre.

Quando é que vamos ver algo semelhante acontecer? Alguns cientistas creem que já chegámos lá, que estamos totalmente mergulhados numa *sexta* extinção em massa. A cada hora que passa, mais três espécies são extintas, perfazendo um total de mais de trinta mil por ano. O mais grave é que o ritmo desta extinção está continuamente a crescer. Neste preciso momento, quase metade dos anfíbios, um quarto dos mamíferos e um terço de todos os recifes estão à beira da extinção. Até mesmo um terço das árvores coníferas se encontra na mesma situação.

Por que razão está isto a acontecer? No passado, tais extinções em massa foram despoletadas por mudanças climáticas bruscas, ou pela movimentação das placas tectónicas, ou, no caso dos dinossauros, possivelmente devido à queda de asteroides. No entanto, a maior parte dos cientistas acredita que a crise atual tem uma explicação mais simples: os *humanos*. Através da nossa negligência em relação ao meio ambiente e do aumento da poluição, a humanidade tem sido a força motora por detrás da perda da maior parte das espécies. De acordo com um relatório realizado pela Universidade de Duke publicado em maio de 2014, a atividade humana conduziu à extinção de várias espécies a um ritmo *mil vezes* mais elevado que antes do aparecimento do Homem moderno.

No entanto, o que nem toda a gente sabe é que existe um *novo* perigo para toda a vida na Terra, um perigo saído do passado distante e que ameaça acelerar o ritmo de extinção atual e empurrar-nos para lá da beira do precipício, levar-nos ao apocalipse.

E essa ameaça não só é muito real, como se ergue neste preciso momento nos nossos próprios quintais.

A extinção é a regra. A sobrevivência é a exceção.

— CARL SAGAN,
The Varieties of Scientific Experience (2007)

27 de dezembro, 1832

A bordo do HMS *Beagle*

Devíamos ter prestado atenção ao sangue...

Charles Darwin olhou fixamente para as palavras que acabara de gatafunhar a tinta preta nas páginas brancas do seu diário, mas tudo o que via à frente era a cor carmesim. Apesar do brilho intenso que vinha do forno no interior da sua pequena cabana, tremia com um frio que lhe gelava o tutano dos ossos... um gelo que ele desconfiava nunca fosse derreter. Murmurou uma prece silenciosa, lembrando-se de como o seu pai insistira que se tornasse um homem do clero depois de ter desistido do curso de medicina.

Talvez devesse ter ouvido.

Em vez disso, fora seduzido pelo encanto de terras longínquas e novas descobertas científicas. Há um ano, quase preciso ao dia, aceitara um cargo a bordo do HMS *Beagle* como naturalista do navio. Com a tenra idade de vinte e dois anos, estava preparado para conquistar uma reputação e para ver o mundo. Foi assim que chegou onde se encontrava agora, com sangue nas mãos.

Olhou em volta no seu camarote. Quando chegara ao navio fora-lhe atribuído um alojamento privado na sala de navegação, um espaço exíguo dominado por uma grande mesa ao centro, trespassada pelo tronco do mastro. Charles utilizou cada centímetro livre que sobrava — armários, prateleiras, até o lavatório — como área de trabalho e uma espécie de

museu temporário para as amostras recolhidas. Tinha ossos e fósseis, dentes e conchas, até mesmo espécimes de cobras, lagartos e animais invulgares embalsamados ou conservados. Perto do seu cotovelo encontrava-se um quadro com baratas de tamanhos gigantescos, presas por alfinetes, com antenas proeminentes como os chifres dos rinocerontes africanos. Junto ao seu tinteiro, estava uma fila de frascos com plantas secas e sementes.

Observava desolado a sua coleção, à qual o pouco imaginativo comandante FitzRoy chamava tralha inútil.

Talvez devesse ter enviado tudo isto de volta para Inglaterra antes de o Beagle ter saído da Terra do Fogo...

Mas, lamentavelmente, tal como o resto da tripulação do navio, Charles ficara demasiado impressionado pelas histórias contadas pelos selvagens daquele arquipélago: os nativos fueguinos da tribo Yaghan. Os membros da tribo partilharam as suas lendas de monstros e deuses e maravilhas para além da imaginação. As histórias tiveram um impacto tão profundo que fizeram com que o *Beagle* se perdesse, levando o navio e a sua tripulação para sul da ponta da América do Sul, atravessando mares gelados, até chegar a este mundo congelado nos confins da Terra.

«*Terra Australis Incognita*», murmurou para si mesmo.

O infame Território Desconhecido do Sul.

Charles afastou um mapa da confusão que se encontrava em cima da sua secretária. Há nove dias, pouco depois de ter chegado à Terra do Fogo, o comandante FitzRoy mostrara-lhe aquele mapa francês, datado de 1583.

Retratava aquele continente inexplorado no polo sul do globo. A carta era nitidamente imprecisa, nem sequer tendo em conta o facto de um contemporâneo do cartógrafo, Sir Francis Drake, já ter descoberto os mares gelados que separavam a América do Sul deste território desconhecido. Ainda assim, apesar de já terem passado dois séculos desde

a data em que o mapa fora desenhado, este continente inóspito continuava a ser um mistério. Até mesmo a sua costa permanecia desconhecida e inexplorada.

Não seria então de esperar que as suas imaginações ficassem em polvorosa quando um dos fueguinos, um ancião de pernas e braços magros, ofereceu à tripulação recém-chegada do *Beagle* um presente espantoso? O navio estava ancorado perto da enseada de Woolya, onde o bom reverendo Richard Matthews estabelecera a sua missão, convertendo muitos dos selvagens e ensinando-lhes um inglês rudimentar. E, apesar de o ancião que os presenteou não falar a língua do rei, o que ele ofereceu não necessitava de palavras.



Era um mapa primitivo, desenhado num pedaço branqueado de pele de foca, retratando a costa do continente para sul. Só isso já era

suficientemente intrigante, mas as histórias que acompanhavam a oferta serviram apenas para aumentar o interesse de todos.

Um dos fueguinos, que fora batizado com o nome anglicizado de Jemmy Button, explicou a história do povo Yaghan. Contou que as suas tribos viviam nas ilhas deste arquipélago há mais de sete mil anos, um período de tempo espantoso que punha em causa a sua credibilidade. Além disso, Jemmy enalteceu as capacidades náuticas do seu povo, o que suscitava menos desconfiança visto que Charles já reparara em muitos dos seus grandes navios na enseada. Embora fossem rudimentares, estavam, sem dúvida, em condições de navegar.

Jemmy explicou que o mapa era o culminar de milhares de anos de exploração do grande continente para sul por parte do povo Yaghan, um mapa passado de geração em geração, aperfeiçoado e redesenhado ao longo dos séculos à medida que se descobria mais sobre aquele território misterioso. Partilhou também histórias desse continente perdido, de enormes bestas e tesouros estranhos, de montanhas em fogo e terras de gelo infinito.

A afirmação mais fantástica ecoava agora no pensamento de Charles. Registou aquelas palavras no seu diário, ouvindo a voz de Jemmy na sua cabeça: *Em tempos muito remotos, os nossos antepassados dizem que o gelo desapareceu dos vales e das montanhas. Cresceram florestas frondosas e havia muito para caçar, mas também existiam demónios que assombravam a escuridão, prontos para comer os corações dos mais fatigados...*

Um grito súbito ouviu-se do convés superior, fazendo com que Charles derramasse tinta sobre o que lhe restava dessa página. Conteve-se para não praguejar, mas não havia como negar o terror e o sofrimento daquela única nota estridente, que fez com que se levantasse de um pulo.

Os últimos homens da tripulação deviam ter regressado daquela costa tenebrosa.

Abandonando o diário e a pena, Charles correu até à porta do seu camarote e atravessou o pequeno corredor para o caos que se instalara no convés.

— Cuidado com ele! — gritou FitzRoy.

O comandante encontrava-se de pé, encostado à balaustrada de estibordo, com o casaco desabotoado, as faces vermelhas por cima da barba escura coberta de gelo.

Subindo para o convés do meio, Charles pestanejou repetidamente, lutando contra o fulgor do sol de verão do hemisfério sul. Ainda assim, o frio intenso mordia-lhe o nariz e enchia-lhe os pulmões. Um nevoeiro gelado envolvia os mares negros à volta do navio ancorado, enquanto camadas de gelo cobriam o cordame e a balaustrada. Nuvens de um branco pálido saíam dos rostos da tripulação, enquanto tentavam diligentemente obedecer ao seu comandante.

Charles dirigiu-se apressadamente para estibordo a fim de ajudar os outros a içar o tripulante de um baleeiro amarrado de través. O homem ferido estava envolto em pano de vela dos pés à cabeça e era puxado por cordas. Gemidos acompanhavam o seu sofrimento. Charles ajudou a içar o pobre homem por cima da balaustrada para o convés.

Era Robert Rensfry, o mestre do navio.

FitzRoy gritou pelo médico do navio, mas este encontrava-se por baixo do convés a prestar auxílio aos dois homens da primeira incursão à costa. Nenhum deles deveria ver o sol novamente, não depois de sofrerem ferimentos tão terríveis.

Então e este homem?

Charles ajoelhou-se junto ao homem caído. Outros abandonaram o baleeiro, escalando de volta para o navio. O último foi Jemmy Button,

com um ar pálido e, ao mesmo tempo, furioso. O fueguino tentara avisá-los para se manterem afastados dali, mas os seus receios tinham sido ignorados e encarados como superstições nativas.

— Já está feito? — perguntou FitzRoy ao seu imediato, enquanto ajudava Jemmy a subir a bordo.

— Sim, meu comandante. Os três barris de pólvora negra. Deixados à entrada.

— Bom homem. Assim que o baleeiro estiver preso, dá a volta ao *Beagle*. Prepara as armas de bombordo. — FitzRoy dirigiu o seu olhar preocupado para o tripulante ferido caído aos joelhos de Charles. — Onde raio está o Bynoe?

Como que invocado pela maldição, a figura esguia do médico do navio, Benjamin Bynoe, subiu para o convés. Estava ensanguentado até aos cotovelos, o seu avental igualmente sujo.

Charles apercebeu-se da troca de silêncios entre o comandante e o médico. O último abanou a cabeça duas vezes.

Os outros dois homens deviam ter morrido.

Charles levantou-se, fazendo notar a sua presença.

— Desembrulhem-no! — ordenou Bynoe. — Deixem-me ver os seus ferimentos!

Charles encostou-se à balaustrada, juntando-se a FitzRoy. O comandante encontrava-se de pé, em silêncio, a olhar fixamente para terra, um pequeno óculo encostado ao olho. Enquanto os gemidos do homem ferido se tornavam cada vez mais estridentes, FitzRoy passou o óculo a Charles.

Charles pegou nele e com algum esforço focou a costa vizinha. Muros de gelo azul enquadravam a enseada estreita onde se encontravam ancorados. No seu ponto mais largo, um nevoeiro ensombrava a costa, mas não era a mesma névoa enregelada que abraçava os mares e envolvia os

icebergues circundantes. Era um vapor sulfuroso, o sopro de Hades, saindo de uma terra tão magnífica quanto monstruosa.

Uma rajada de vento tornou a costa mais nítida por alguns momentos, revelando uma catarata de sangue a escorrer pelo penhasco de gelo. Corria pelo icebergue em regatos e riachos carmesim e parecia jorrar das profundezas assombradas por baixo da superfície congelada.

Charles sabia que não se tratava de sangue, mas sim da alquimia de químicos e minerais que saía dos túneis subterrâneos.

Ainda assim, devíamos ter prestado atenção àquele aviso sinistro, pensou novamente. *Nunca devíamos ter passado aquele túnel.*

Charles focou o óculo na abertura da enseada, reparando nos três barris encharcados de óleo colocados à entrada. Apesar de todos os recentes horrores que ameaçavam a sanidade de qualquer um, continuava a ser um homem da ciência, alguém que procurava o conhecimento e, embora se devesse ter oposto ao que estava para vir, Charles manteve-se calado.

Jemmy juntou-se a ele, murmurando algo na sua língua nativa, recorrendo manifestamente a orações pagãs. O selvagem regenerado chegava apenas à altura do peito do homem inglês que se encontrava ao seu lado, mas emanava dele uma força de vontade que compensava a sua estatura pequena. O fueguino tentara repetidamente avisar a tripulação, mas ninguém lhe dera ouvidos. Ainda assim, o intrépido nativo acompanhara os ingleses para a sua desgraça insensata.

Charles reparou que os seus dedos agarravam com força a mão mais escura ao lado da sua na balaustrada. A insolência e a ganância da tripulação custara não só a vida dos seus próprios homens, como a de um dos membros da tribo de Jemmy.

Nunca devíamos ter vindo aqui.

No entanto, de forma insensata, tinham-no feito — tinham-se desviado para sul da rota planeada por causa das histórias mirabolantes sobre este

continente perdido. Mas o que mais os tentou foi um símbolo que constava nesse antigo mapa fueguino. Assinalava esta enseada com arvoredos, uma promessa de vida. Com a intenção de descobrir este jardim perdido entre as costas geladas, o *Beagle* zarpara, todos na esperança de reclamar aquele território virgem para a Coroa.

Só demasiado tarde é que perceberam o verdadeiro significado do que se encontrava assinalado no mapa. No final, toda a aventura terminara em horror e num banho de sangue, uma viagem que, por necessidade, seria retirada dos registos com o consentimento de todos.

Nunca ninguém deve regressar aqui.

E, se alguém se atrevesse a tentar, o comandante estava determinado a fazer com que não encontrasse nada. O que aqui estava escondido nunca devia chegar ao resto do mundo.

Com a âncora recolhida, o navio virou lentamente fazendo estalar o gelo do cordame e soltando-o das velas. FitzRoy já se ausentara do convés para inspecionar as armas. O HMS *Beagle* era um brigue da classe *Cherokee* da Marinha Real, equipado inicialmente com dez armas. E, embora o navio de guerra tivesse sido convertido numa embarcação para exploração, ainda tinha seis canhões.

Outro grito chamou a atenção de Charles de volta ao convés, para o tripulante que se contorcia num ninho de pano de vela.

— Segurem-no! — gritou o médico do navio.

Charles correu em auxílio do médico, juntando-se aos outros para segurar um dos ombros e ajudar a manter Rensfry quieto. Cometeu o terrível erro de cruzar o olhar com o mestre do baleeiro. Leu nos seus olhos toda a sua dor e sofrimento.

Os seus lábios moveram-se, enquanto um gemido empurrava as palavras para fora.

— ... tirem-no de dentro de mim...

O médico libertou Rensfry do casaco grosso que o envolvia e cortou a camisa do homem com uma lâmina, expondo uma barriga ensanguentada e uma ferida do tamanho de um punho cerrado. Enquanto Charles observava, uma ondulação volumosa atravessou o abdômen, como uma cobra debaixo da areia.

Rensfry contorceu-se violentamente, arqueando as costas em agonia. Um guincho estridente irrompeu da sua garganta, repetindo a sua súplica.

— *Tirem-no de dentro de mim!*

Bynoe não hesitou. Enfiou a mão na ferida, nas profundezas fumegantes das vísceras do homem. Empurrou a mão ainda mais fundo, introduzindo o pulso e o antebraço. Apesar do frio gelado, gotas de suor escorriam pela face do médico. Já com o cotovelo enfiado na barriga do homem, o médico procurou a sua presa.

Um estrondo abalou todo o navio, sacudindo mais gelo sobre eles.

Depois outro e outro.

À distância, ecoando da costa, surgiu um retumbar ainda mais alto.

De ambos os lados, gigantescos blocos de gelo soltaram-se da costa da enseada e despenharam-se no mar. Ainda assim, os canhões do navio continuavam a disparar a sua metralha de destruição flamejante e balas de canhão quentes.

O comandante FitzRoy não queria correr riscos.

— Tarde demais — disse Bynoe, por fim, retirando o braço da ferida.
— Já é tarde demais.

Só nessa altura é que Charles reparou que o corpo do mestre do navio se encontrava inanimado no chão, ainda com o médico a agarrá-lo firmemente. Os olhos mortos fixavam o céu azul.

Charles lembrou-se das primeiras palavras de Jemmy sobre este maldito continente: *Também existiam demónios que assombravam a escuridão, prontos para comer os corações dos vivos...*

— E o corpo? — perguntou um dos membros da tripulação.

Bynoe olhou em direção à amurada, para o mar agitado e cheio de gelo.

— Sepultem-no aqui, juntamente com o que quer que esteja dentro dele.

Charles vira o suficiente. Enquanto o mar ondeava e as armas explodiam, Charles retirou-se, ao mesmo tempo que os outros erguiam o corpo de Rensfry. Voltou discretamente para o seu camarote sem testemunhar a cerimónia fúnebre do mestre do navio.

Uma vez no interior, Charles reparou que o pequeno fogo que ardia no fogão estava quase apagado, mas depois de todo o frio, o calor do quarto dificultava-lhe a respiração. Caminhou em direção ao seu diário, arrancou as páginas em que estivera a trabalhar e atirou-as às chamas moribundas. Observou as páginas enrolarem, escurecerem e transformarem-se em cinza.

Só nesse momento regressou à mesa da navegação, aos mapas que ainda lá se encontravam... incluindo o antigo mapa fueguino. Pegou nele e observou novamente o arvoredado amaldiçoado que assinalava esta enseada. O seu olhar voltou-se para as chamas reavivadas.

Deu um passo em direção à lareira, depois parou.

Com os dedos frios, enrolou o mapa e apertou-o nos punhos cerrados.

Ainda sou um cientista.

Com o coração pesado, virou costas à lareira e escondeu o mapa entre os seus pertences pessoais, mas não sem antes ter um último pensamento pouco científico.

Que Deus me ajude...

PRIMEIRA PARTE

GÉNESE SOMBRIA



27 de abril, 18h55 PDT
Lago Mono, Califórnia

— Parece a superfície de Marte.

Jenna Beck sorriu para si mesma ao ouvir a descrição mais comum do lago Mono por parte de mais um turista. Enquanto o último grupo de visitantes do dia tirava as fotografias finais, Jenna esperava junto à sua *pick-up Ford F-150* branca, a porta da carrinha com a estrela da Guarda Florestal do estado da Califórnia.

Puxando mais para baixo a aba do seu chapéu, Jenna contemplou o Sol. Embora faltasse apenas uma hora para o anoitecer, a luz oblíqua transformara o lago num espelho opalescente de azuis e verdes. Estalagmites altíssimas de calcário escarpado, a chamada tufa calcária, estendiam-se como uma floresta petrificada ao longo da margem sul do lago e dentro de água.

Parecia, sem dúvida, uma paisagem de outro mundo... mas de certeza que não se assemelhava em nada à de Marte. Bateu no braço, esmagando um mosquito e provando que a vida ainda prosperava apesar da beleza estéril da bacia de água.

Com o barulho, a guia do grupo turístico — uma mulher idosa chamada Hattie — olhou para ela e dirigiu-lhe um sorriso compassivo,

mas também interpretou o som como um sinal para concluir a sua conversa. Hattie era Kutzadika'a, do povo paiute do Norte. Com setenta anos, sabia mais sobre o lago e a sua história do que qualquer outra pessoa na região.

— O lago — continuou Hattie — tem cerca de setecentos e sessenta mil anos, mas alguns cientistas acreditam que pode ter até três milhões de anos, o que faz com que seja um dos lagos mais antigos nos Estados Unidos. E, apesar de ter cento e oitenta quilómetros quadrados de área, no seu ponto mais fundo tem pouco mais de trinta metros de profundidade. É alimentado por uma série de nascentes borbulhantes e riachos, mas não tem escoadouro, contando apenas com a evaporação que ocorre nos dias quentes de verão. É por esta razão que o lago é três vezes mais salgado que o oceano e tem um pH dez, quase tão alcalino como a lixívia que usamos em casa.

Um turista espanhol perguntou num inglês hesitante:

— Há alguma coisa viva dentro deste lago?

— Não tem peixes, se é nisso que está a pensar, mas existe vida.

Hattie virou-se para Jenna, sabendo que tal conhecimento era a sua especialidade.

Jenna aclarou a garganta e atravessou o grupo de cerca de uma dúzia de turistas: metade americanos, a outra uma mistura de europeus. Situado entre o Parque Nacional de Yosemite e as cidades-fantasma vizinhas do Parque Histórico Estatal de Bodie, o lago atraía um número surpreendente de visitantes estrangeiros.

— A vida arranja sempre maneira de preencher qualquer nicho ambiental — começou Jenna. — E o lago Mono não é exceção. Apesar da sua composição inóspita de cloretos, sulfatos e arsénico, tem um ecossistema muito rico e complexo, que estamos a tentar preservar através dos nossos esforços de conservação.

Jenna ajoelhou-se junto à água.

— A vida no lago começa com a eflorescência de uma alga única que é tolerante aos níveis elevados de sal na água e que ocorre no inverno. Na verdade, se viessem cá em março, encontrariam o lago verde como uma sopa de ervilhas.

— Porque não está verde agora? — perguntou um jovem pai, pousando a mão sobre o ombro da sua filha.

— Isso deve-se às pequenas artêmias que vivem no lago. São pouco maiores que um grão de arroz e consomem as algas todas. Depois, as artêmias servem de alimento ao caçador mais ubíquo do lago.

Ainda ajoelhada junto à água, Jenna deslizou a mão pela borda, remexendo um tapete flutuante de moscas-negras. Levantaram voo numa nuvem de zumbidos descontentes.

— Que nojo! — exclamou um adolescente carrancudo de cabelo ruivo, aproximando-se para ver melhor.

— Não te preocupes. Elas não picam. — Jenna fez sinal a um rapaz de oito ou nove anos para se aproximar. — Mas são caçadorazinhas criativas. Venham ver.

O rapaz aproximou-se dela timidamente, seguido pelos pais e pelos outros turistas. Jenna bateu no solo ao seu lado, pediu ao rapaz para se agachar, depois apontou para a água pouco profunda do leito do rio, onde várias moscas fugiam debaixo de água, dentro de pequenas bolhas de ar prateadas.

— Parece que estão a fazer mergulho! — disse o rapaz com um sorriso enorme.

Jenna retribuiu o sorriso, apreciando a sua excitação pueril ao presenciar esta simples maravilha da natureza. Era um dos melhores aspetos do seu trabalho: espalhar essa alegria e espanto.

— Tal como eu disse, são caçadorazinhas astutas. — Jenna levantou-se e desviou-se para o lado para permitir que os outros turistas vissem. — E são todas aquelas artémias e moscas-negras que, por sua vez, alimentam as centenas de milhares de andorinhas, grebes, garças e gaivotas que migram para aqui. — Jenna apontou para lá da linha da costa. — E, se olharem para além, conseguem ver um ninho de águia-pesqueira naquela tufa calcária.

Mais fotografias foram tiradas à medida que Jenna recuava.

Se quisesse, Jenna poderia ter-se alongado mais sobre a rede de vida única que existia no lago Mono. Mal falara da complexidade do estranho ecossistema alcalino do lago. Era possível encontrar-se todo o tipo de espécies estranhas e adaptações, sobretudo no lamaçal do lago, onde bactérias exóticas prosperavam em condições que pareciam desafiar a lógica, em lama tão tóxica e desprovida de oxigénio que nada deveria conseguir sobreviver.

Mas sobrevivia.

A vida arranja sempre uma maneira.

Embora fosse uma citação do *Parque Jurássico*, o mesmo pensamento fora-lhe incutido pelo seu professor de biologia nos seus tempos na Cal Poly. Jenna planeara fazer o doutoramento em ciências ecológicas, mas, em vez disso, sentira-se mais atraída pelo serviço de guarda-florestal, pelo trabalho no terreno, pelo papel ativo de ajudar a preservar aquela rede de vida frágil que parecia rarear mais e mais a cada ano que passava.

Jenna encostou-se à porta da sua *pick-up* e esperou que a visita guiada terminasse. Hattie levaria o grupo de volta para o autocarro e para a aldeola vizinha de Lee Vining, enquanto Jenna a seguiria na sua carrinha. Já conseguia imaginar a pilha de costeletas de porco que serviam no Bodie Mike's, o restaurante local.

Da janela aberta atrás dela, uma língua molhada lambeu-lhe a nuca. Jenna estendeu a mão às cegas e afagou *Nikko* atrás da orelha. Evidentemente, não era só ela que estava a ficar com fome.

— Já estou quase a terminar por aqui, miúdo.

O bater de uma cauda respondeu-lhe. O *husky* siberiano de quatro anos era o seu companheiro fiel, treinado em busca e salvamento. Enfiando a cabeça pela janela aberta, *Nikko* pousou o focinho sobre o ombro dela e suspirou profundamente. Os seus olhos — um branco-azulado, o outro de um tom introspetivo de castanho — fixavam ansiosamente as colinas. Hattie dissera-lhe uma vez que, segundo as lendas dos nativos americanos, os cães com olhos de cores diferentes conseguiam ver o céu e a terra.

Quer isto fosse verdade ou não, o olhar de *Nikko* parecia mais orientado para a terra neste momento. Uma lebre saiu disparada de um declive de arbustos secos próximo, e *Nikko* levantou-se de um pulo no banco da *pick-up*.

Jenna sorriu enquanto o coelho desaparecia rapidamente nas sombras.

— Fica para a próxima, *Nikko*. Apanha-lo da próxima vez.

Embora o *husky* fosse um cão de trabalho treinado, continuava a ser um *cão*.

Hattie juntou e fez entrar o grupo de turistas no autocarro, apanhando pelo caminho os que ficavam para trás.

— E os índios comiam estas larvas de mosca? — perguntou o adolescente ruivo.

— Chamamos-lhe *kutsavi*. As mulheres e as crianças apanhavam as crisálidas das rochas e colocavam-nas em cestos, depois torravam-nas. Ainda se faz em ocasiões especiais, como uma iguaria rara.

Hattie piscou o olho a Jenna enquanto passavam por ela.

Jenna escondeu um sorriso ao ver a expressão enojada do miúdo. Este era um dos pormenores da rede de vida do lago que Jenna deixava para

Hattie partilhar com os turistas.

Enquanto o autocarro enchia para fazer a viagem de regresso, Jenna abriu a porta da *pick-up* e sentou-se ao lado de *Nikko*. Enquanto se acomodava, o rádio emitiu um guincho estridente.

O que era agora?

Jenna agarrou no rádio.

— O que se passa, Bill?

Bill Howard era o coordenador de serviço e um grande amigo. Bill estava nos seus sessenta, mas acolhera Jenna quando ela começara a trabalhar no parque. Isso fora há mais de três anos. Jenna tinha agora vinte e quatro anos e terminara o bacharelato em ciências ambientais no seu tempo livre, o pouco que lhe restava. Tinham falta de pessoal e trabalhavam demasiadas horas, mas, ao longo destes três anos, Jenna aprendera a adorar os humores do lago, dos animais e até dos seus colegas de profissão.

— Não sei bem o que se passa, Jen, mas estava com esperança de que pudesses passar pela zona norte. Os serviços de emergência retransmitiram para o nosso escritório uma chamada parcial para o cento e doze.

— Dá-me os pormenores.

Além de zelarem pela manutenção do parque, os guardas-florestais eram também agentes da autoridade oficiais. Desempenhavam uma variedade de papéis no exercício das suas funções, desde investigadores criminais a técnicos de emergência médica.

— A chamada veio de fora de Bodie — explicou Bill.

Jenna franziu o sobrolho. Não existia nada *fora* de Bodie, exceto umas quantas cidades-fantasma da era da corrida ao ouro e minas abandonadas. Isto é, à exceção de...

— Veio daquele centro de investigação militar — confirmou Bill.

Bolas.

— O que disseram na chamada? — perguntou ela.

— Eu próprio ouvi a gravação. Só se ouviam gritos. Não se percebiam palavras. Depois, a chamada caiu.

— Então, pode ser qualquer coisa ou coisa nenhuma.

— Exatamente. Talvez a chamada tenha sido feita por engano, mas alguém devia passar por lá e perguntar.

— E, pelos vistos, esse alguém sou eu.

— O Tony e a Kate foram chamados para os lados de Yosemite para resolver uma situação de embriaguez.

— Está bem, Bill. Vou tratar disso. Comunico pelo rádio assim que chegar aos portões da base militar. Avisa-me se ouvires mais alguma coisa.

Bill concordou e terminou a comunicação.

Jenna virou-se para *Nikko*.

— Parece que aquelas costeletas vão ter de esperar, amigo.

19h24

— Despachem-se!

Quatro andares abaixo da superfície, o doutor Kendall Hess subia ruidosamente as escadas, seguido de perto pela sua analista de sistemas, Irene McIntire. Luzes vermelhas de emergência piscavam no cimo de todos os lanços de escada. Uma sirene soava continuamente pelas instalações.

— Perdemos os níveis quatro e cinco de contenção — arfava ela atrás dele, enquanto monitorizava num bioanalizador portátil a ameaça que subia a um ritmo acelerado.

No entanto, os gritos que os perseguiram eram prova suficiente disso.

— A esta altura, já deve estar nas condutas de ar — disse Irene.

— Como é possível?

A sua pergunta deveria ser retórica, mas, ainda assim, Irene respondeu.

— Não pode ser. A menos que tenha ocorrido em erro enorme no laboratório. Mas eu verifiquei...

— Não foi um erro no laboratório — interrompeu ele de forma mais abrupta do que tencionava.

Ele conhecia a causa mais provável.

Sabotagem.

Demasiadas *firewalls*, eletrônicas e biológicas, teriam de falhar para que esta situação pudesse ser casual. Alguém causara esta falha de contenção de forma deliberada.

— O que podemos fazer? — gemeu Irene.

Tinham apenas um último recurso, um dispositivo de segurança, para combater fogo com fogo. Mas será que ia provocar mais mal que bem? O doutor Kendall ouviu os gritos sufocados que vinham de baixo e soube o que responder.

Chegaram ao andar de cima. Sem saber o que estavam prestes a enfrentar, sobretudo se tivesse razão relativamente à existência de um sabotador, o doutor Kendall parou Irene, tocando-lhe ao de leve no braço. Reparou que a pele das costas da mão dela já estava a formar bolhas, assim como a do pescoço.

— Tens de tentar chegar ao rádio. Enviar um pedido de socorro. Na eventualidade de eu falhar.

Ou se, Deus me ajude, perder a coragem.

Irene acenou com a cabeça, os seus olhos tentando esconder a dor que sentia. O que ele lhe pedia para fazer acabaria eventualmente por lhe provocar a morte.

— Vou tentar — disse ela com um ar aterrorizado.

Sentindo-se terrivelmente culpado, ele forçou a porta até a abrir e empurrou Irene para dentro da sala de comunicações.

— Corre!

19h43

A carrinha deu um solavanco quando passou da estrada pavimentada para o caminho de gravilha.

Com o pé a fundo no acelerador, Jenna demorou menos de vinte minutos a subir uma elevação de dois quilómetros e meio, que se estendia do lago Mono ao Parque Histórico Estatal de Bodie. No entanto, ela não ia para o parque. O seu destino ficava ainda mais alto e mais longe.

O Sol era apenas uma luz ténue no horizonte, quando Jenna conduziu aos solavancos pela estrada escura, deslocando gravilha com os pneus da carrinha. Apenas algumas pessoas fora do círculo das forças policiais sabiam da existência desta instalação militar. Fora estabelecida rapidamente, com pouca ou nenhuma discussão. Até mesmo os materiais de construção e o pessoal tinham sido trazidos de helicóptero para aquele lugar, e os próprios empreiteiros pertenciam aos quadros da Defesa.

Ainda assim, tal não impediu que alguma informação escapasse.

O local pertencia ao Centro de Desenvolvimento de Testes dos Estados Unidos. As instalações estavam, de alguma forma, ligadas aos Dugway Proving Grounds nos arredores de Salt Lake City. Jenna pesquisara o local na Internet e não gostara do que descobrira. Dugway era uma estação de testes nucleares, químicos e biológicos. Nos anos sessenta, milhares de ovelhas morreram perto do local devido à fuga de um agente mortífero sob a forma de gás neurotóxico. Desde então que a estação continuava a

expandir-se. Cobria agora mais de quatrocentos mil hectares, duas vezes o tamanho de Los Angeles.

Então, porque precisavam de mais esta estação aqui, no meio de nenhures?

É claro que existia alguma especulação: de que os cientistas militares precisavam das profundezas das minas abandonadas que podiam ser encontradas naquele local, de que as suas investigações eram demasiado perigosas para serem realizadas perto de uma grande metrópole como Salt Lake City. Outras mentes concebiam teorias ainda mais elaboradas, propondo que o local era utilizado para conduzir investigações secretas sobre vida extraterrestre — talvez porque a Área 51 se tornara uma atração turística.

Infelizmente, esta última conjectura ganhara o apoio de um grupo de cientistas que explorava o fundo do lago Mono e retirava amostras do solo das profundezas. Eram exobiólogos associados ao National Space Science and Technology Centre da NASA.

No entanto, o que eles estudavam estava longe de ser extraterrestre; na verdade, era bastante *terrestre*. Jenna tivera a oportunidade de conversar por breves momentos com um dos investigadores, o doutor Kendall Hess, um biólogo cordial de cabelo grisalho, no Bodie Mike's. Parecia que toda a gente que visitava o lago Mono saboreava, pelo menos uma vez, uma refeição naquele restaurante. Enquanto tomavam café, ele falara-lhe do interesse da sua equipa nos extremófilos do lago, aquelas espécies bacterianas raras que se desenvolvem em ambientes tóxicos e hostis.

Esta investigação permite-nos compreender melhor como pode existir vida noutros mundos, explicara ele.

Até nessa altura, Jenna sentira que ele não lhe estava a contar tudo. Viu-o no seu rosto, um misto de preocupação e entusiasmo.

Contudo, esta não era a primeira instalação militar secreta no lago Mono. Durante a Guerra Fria, o governo estabelecera várias estações isoladas na área para testar sistemas de armamento e realizar vários projetos de investigação. Até a praia mais famosa do lago, a Navy Beach, tinha recebido o nome de uma antiga instalação estabelecida na sua costa a sul.

Então, o que era mais um laboratório secreto?

Após mais alguns minutos de solavancos de fazer bater os dentes, Jenna reparou no contorno da vedação na colina em frente. Passados alguns momentos, os seus faróis dianteiros iluminaram um sinal à beira da estrada, velho e crivado de balas, com a seguinte inscrição:

ESTRADA SEM SAÍDA
PROIBIDA A ENTRADA
PROPRIEDADE DO ESTADO

A partir deste ponto, um portão costumava bloquear a estrada, mas, em vez disso, encontrava-se aberto. Desconfiada, Jenna abrandou e parou a carrinha junto à entrada. Por esta altura, o Sol já desaparecera por detrás das colinas e um denso crepúsculo abatera-se sobre os campos ondeados.

— O que achas, *Nikko*? Não é invasão de propriedade se eles deixaram os portões abertos, pois não?

Nikko levantou a cabeça, com as orelhas no ar, curioso.

Jenna pegou no auscultador e comunicou com o coordenador de serviço do parque.

— Bill, já cheguei aos portões da base.

— Algum indício de problemas?

— Não que eu veja daqui. Exceto o facto de alguém ter deixado o portão aberto. O que achas que devo fazer?

— Enquanto estavas a caminho, fiz alguns telefonemas pela cadeia de comando militar. Ainda não obtive resposta.

— Então, cabe-me a mim decidir.

— Nós não temos jurisdição para...

— Desculpa. — Jenna interrompeu a transmissão do rádio. — Não consegui perceber o que estavas a dizer, Bill.

Jenna terminou a comunicação e voltou a prender o rádio ao cinto.

— Quero dizer... fizemos este caminho todo para chegar até aqui, não foi, *Nikko*?

Então, vamos ver qual é a razão para toda esta agitação.

Jenna carregou no acelerador e passou pelo portão, dirigindo-se para o conjunto de edifícios iluminados que coroavam a colina sombria em frente. A pequena instalação parecia ser constituída por uma série de barracões tipo Quonset e *bunkers* construídos à pressa com blocos de cimento. Jenna desconfiava que aqueles edifícios eram nada mais que a ponta de uma pirâmide subterrânea, sobretudo pela quantidade de antenas parabólicas e outras antenas que brotavam daqueles telhados.

Nikko rosnou quando ouviu um ruído baixinho.

Jenna travou e desligou os faróis instintivamente, respeitando a sua própria intuição, bem como a do cão.

Um pequeno helicóptero preto apareceu por trás de um dos barracões Quonset, subindo suficientemente alto para ainda apanhar os últimos raios do sol poente. Jenna susteve a respiração, na esperança de que o brilho intenso do sol e as sombras no sopé da colina a mantivessem escondida. O que a fez arrepiar foi o facto de o helicóptero não ter qualquer insígnia. A sua forma esguia predatória e a sua cor negra não tinham aspeto militar.

Expirou lentamente enquanto o helicóptero se afastava da posição onde se encontrava, sobrevoando as colinas e acabando por se perder de vista.

O ruído estridente do rádio fê-la saltar. Agarrou no auscultador.

— Jenna! — Bill parecia agitado. — Já estás a voltar para aqui?

Jenna suspirou.

— Ainda não. Decidi ficar um pouco junto ao portão para ver se alguém aparecia para me receber.

Era mentira, mas bastante melhor do que a verdade.

— Então, sai imediatamente daí!

— Porquê?

— Recebi outra chamada, retransmitida pelo comando militar. Foi comunicada por rádio por alguém no local. Ouve.

Após uma pausa, surgiu a voz fraca de uma mulher, mas não havia como negar o pânico e a urgência.

«Daqui sierra, victor, whisky. Houve uma fuga. Dispositivo de segurança iniciado. O que quer que aconteça: matem-nos... matem-nos a todos.»

Jenna olhou fixamente para o conjunto de edifícios, quando o cume da colina explodiu numa nuvem de fogo e fumo. O chão debaixo dos seus pés estremeceu violentamente, abanando e sacudindo a carrinha.

Oh, meu Deus...

Depois de engolir com dificuldade para conseguir voltar a respirar, Jenna engatou a marcha-atrás e carregou a fundo no acelerador, fazendo a carrinha derrapar para trás.

Uma enorme parede de fumo ergueu-se na sua direção.

Mesmo no meio de todo o seu desespero, Jenna sabia que não devia deixar aquela nuvem alcançá-la. Lembrava-se da grande quantidade de ovelhas mortas em Dugway. A sua cautela provou ser sensata apenas uns minutos depois, quando uma lebre saiu disparada daquele pano mortuário, deu uns quantos saltos e caiu para o lado num ataque de convulsões.

— Aguenta-te, Nikko!

Não conseguia obter velocidade suficiente em marcha atrás, por isso fez um pião com a carrinha para se virar para a frente, espalhando gravilha por todo o lado com as rodas, depois acelerou a fundo e passou pelo portão aberto. Nos espelhos retrovisores, via a nuvem a persegui-la.

Algo preto embateu no capô da carrinha, e ela arquejou.

Um corvo.

Asas escuras como breu agitaram-se enquanto o pássaro rolava pela carrinha.

Mais pássaros tombaram em cima dos arbustos de ambos os lados da estrada, caindo mortos do céu.

Nikko gania.

Jenna teve vontade de fazer o mesmo, mas só conseguia ouvir as últimas palavras daquela pobre mulher.

Matem-nos... matem-nos a todos.

27 de abril, 20h05 PDT
Santa Bárbara, Califórnia

Sou um homem de sorte...

Painter Crowe olhava fixamente para a silhueta da sua noiva contra o clarão do pôr do sol sobre o Pacífico. Ela encontrava-se de pé à beira de uma escarpa, a contemplar a praia, olhando fixamente na direção de Rincon Point, onde alguns surfistas ainda se aventuravam nas últimas ondas do dia. Da praia imediatamente em baixo vinha o ruído gutural das focas-do-porto, cuja zona de nidação estava interdita aos turistas durante a época de acasalamento.

A sua noiva, Lisa Cummings, observava a paisagem com binóculos. Da sua posição, Painter, por sua vez, observava-a a ela. Lisa usava um biquíni amarelo, coberto por um páreo fino de algodão apertado na cintura. O tecido transparente permitia-lhe apreciar a curvatura das costas dela, o ângulo da anca, o comprimento da perna.

De onde se encontrava, Painter chegou a uma conclusão definitiva.

Sou o homem com mais sorte do mundo.

Lisa interrompeu a fantasia dele, apontando para baixo.

— Esta é a praia onde fiz a investigação para a minha tese de doutoramento. Testei a fisiologia do mergulho das focas. Devias ter visto

as crias... tão queridas. Passei semanas a colocar oxímetros nas mais velhas, para conseguir estudar a sua adaptação ao mergulho a grande profundidade. O corolário da respiração humana, oxigenação, resistência e vigor...

Painter aproximou-se dela e deslizou o braço de forma muito íntima à volta da sua cintura.

— Podíamos fazer a nossa própria investigação sobre resistência e vigor no nosso quarto de hotel.

Lisa baixou os binóculos e sorriu para ele, usando o dedo mindinho para afastar do rosto umas quantas madeixas de cabelo louro sopradas pelo vento. Arqueou uma das sobrancelhas.

— Acho que já fizemos essa investigação muitas vezes.

— Ainda assim, nunca se pode ser demasiado minucioso.

Lisa virou-se para ele, encostando o seu corpo ao dele, e disse:

— És capaz de ter razão.

Beijou-o suavemente nos lábios, demorando-se lá por alguns momentos, depois soltou-se do abraço.

— Mas já é tarde e temos encontro marcado com a empresa de *catering* dentro de uma hora para decidir a ementa final para o jantar de ensaio.

Painter soltou um grande suspiro, enquanto observava o sol a desaparecer completamente. O casamento era daqui a quatro dias. Ia ser um evento pequeno, celebrado numa praia local, na presença dos amigos e familiares mais próximos, seguindo-se um copo-d'água no Four Seasons Biltmore em Montecito. No entanto, à medida que o dia fatídico se aproximava, a lista de pormenores parecia tornar-se cada vez maior. Para fugirem ao caos durante algumas horas, os dois tinham ido passear ao final da tarde pelos desfiladeiros de Carpinteria, sobranceiros ao Pacífico, e pelos campos salpicados de eucaliptos muito altos.

Eram momentos como estes que permitiam a Painter ficar a conhecer pormenores mais íntimos da infância de Lisa, das suas raízes por aqui. Ele já sabia que ela crescera no sul da Califórnia e se formara na UCLA, mas vê-la no seu próprio elemento, a recordar, a contar histórias, simplesmente a gozar o seu sol nativo, fez com que a amasse ainda mais.

E como poderia ser de outra forma?

Desde o longo cabelo louro à pele suave, que se bronzeava com o mais ligeiro toque do sol, ela era a epítome do Estado Dourado. Ainda assim, só um tonto resumiria o seu encanto à sua beleza física. Por detrás daquela beleza estava uma mente que eclipsava tudo e todos. Não só terminara o curso de medicina com nota máxima na UCLA, como também fizera um doutoramento em fisiologia humana.

Com tantas razões que os ligavam ao oeste, tinham escolhido Santa Bárbara para o local do casamento. Embora ambos vivessem agora na costa oposta, em Washington, D.C., a maior parte dos amigos e familiares de Lisa ainda moravam ali. Assim, mudar o local do casamento para a Califórnia fazia todo o sentido, sobretudo porque Painter não tinha família. Ficara órfão muito novo e sempre se mantivera afastado do lado nativo-americano da sua família; a sua única parente era uma sobrinha afastada e ela frequentava a Universidade de Brigham Young no Utah.

Tal fazia com que apenas alguns convidados tivessem de atravessar o país, nomeadamente o círculo de amigos mais chegados de Painter na Força Sigma. Não que a viagem fosse fácil de fazer para esses poucos. O comandante do grupo, Grayson Pierce, tinha o pai a piorar da doença de Alzheimer e...

— Já te disse que falei com a Kat esta manhã? — perguntou Lisa, como se conseguisse ler-lhe os pensamentos.

Painter abanou a cabeça.

— Ela conseguiu arranjar alguém para tomar conta das miúdas. Devias ter ouvido o alívio na sua voz. Acho que ela não estava muito desejosa de viajar tantas horas de avião com duas crianças pequenas a reboque.

Painter esboçou um sorriso rasgado enquanto regressavam pelos rochedos cada vez mais sombrios.

— Também desconfio que a Kat e o Monk precisem de tirar umas férias das fraldas e dos biberões a meio da noite.

Kathryn Bryant era a especialista dos serviços de informação da Sigma, ocupava o segundo posto na cadeia de comando de Painter e era o seu conhecido braço-direito. O marido, Monk Kokkalis, também era agente da Sigma, qualificado em medicina forense e biotecnologia.

— Por falar em fraldas e biberões a meio da noite... — Lisa inclinou-se sobre ele, entrelaçando os seus dedos nos dele. — Talvez sejam essas as tarefas de que nos vamos queixar muito em breve.

— Talvez.

Pelo seu ligeiro suspiro, Lisa deve ter percebido a hesitação na voz de Painter. É evidente que já tinham falado de ter filhos, de começar uma família. No entanto, fantasiar era completamente diferente de ser confrontado com essa realidade.

As mãos dela desprenderam-se das dele.

— Painter...

O toque agudo e insistente do telemóvel de Painter interrompeu-a, fazendo com que não tivesse de se explicar — o que era uma coisa boa, pois ele não era capaz de explicar a sua relutância, nem a si próprio. As suas costas ficaram tensas ao ouvir o toque distinto. Lisa não se opôs a que ele atendesse, sabendo que aquele toque em particular só soava em caso de emergência.

Painter colocou o telemóvel junto à orelha.

— Daqui fala Crowe.

— Diretor — era Kat Bryant —, temos problemas.

Para a segunda no comando lhe estar a telefonar neste momento, tinha de ser um *grande* problema. Mas, também, quando é que a Sigma lidava com problemas pequenos? Como filial secreta da DARPA, a agência de projetos de investigação avançada de defesa, a Sigma Force lidava com ameaças globais de natureza científica ou tecnológica. Enquanto diretor, Painter reunira um grupo de elite de soldados das forças especiais de diversos ramos e treinara-os em várias áreas científicas para atuarem como agentes no terreno para a DARPA. Quando um problema caía nas mãos da Sigma, raramente era uma preocupação menor.

Normalmente, um telefonema urgente deste tipo punha Painter nervoso, mas não podia negar o alívio que sentiu, agradecendo a distração. *Se tiver de provar mais um pedaço de bolo de casamento ou decidir qual o centro de mesa que fica bem em que mesa no copo-d'água...*

— O que se passa? — perguntou a Kat, preparando-se para a resposta.

20h09

«Não, não, não!»

Jenna carregou com força no pedal do travão e sentiu um puxão no ombro do cinto de segurança. *Nikko* caiu do banco ao lado dela. Enquanto o *husky* se levantava do fundo da carrinha, Jenna olhava pelo espelho retrovisor.

O mundo atrás dela tornara-se uma parede negra de fumo, descendo impiedosamente do cimo das montanhas. Jenna tinha de sair do seu caminho, mas a estrada à sua frente desenrolava-se numa curva apertada, ziguezagueando pela colina abaixo em direção à bacia distante do lago Mono. Aventurarem-se por aquele caminho de altos e baixos ia levá-los

diretamente de volta ao fumo tóxico. Contorcendo-se no assento, Jenna fez a curva da estrada e constatou que, de facto, esta a conduzia de volta à nuvem furiosa.

Apesar da frescura do final de tarde, Jenna limpou o suor da testa.

Nikko observava-a, confiante de que ela os levaria para um local seguro.

Mas para onde?

Jenna ligou os máximos da carrinha e estudou o caminho acidentado à sua frente. Reparou em marcas de pneus muito esbatidas que saíam da estrada de gravilha em direção ao terreno aberto de arbustos e uns poucos pinheiros. Ela não sabia onde o caminho estreito levava. É evidente que os turistas e os adolescentes locais faziam os seus próprios trilhos ilegais, acampando nas ravinas que existiam por perto ou fazendo fogueiras junto aos riachos. Só Deus sabe quantos já enxotara dali enquanto guarda-florestal.

Sem escolha, arrancou a toda a velocidade em direção ao caminho acidentado. Embateu com a carrinha na berma da estrada e entrou no trilho estreito. Jenna acelerou pelo caminho cheio de sulcos, fazendo estremecer todos os parafusos e porcas da sua *Ford*. *Nikko* arfava ao seu lado, as orelhas no ar, os olhos em todo o lado.

— Aguenta-te, amigo.

O terreno tornou-se ainda pior, o que a fez abrandar. Apesar da urgência, Jenna não podia arriscar partir um eixo ou rasgar um pneu num daqueles pedregulhos afiados. O seu olhar voltava-se constantemente para o espelho retrovisor. Atrás dela, o pano de fumo engolia a lua.

Deu por si a suster a respiração, com medo do que estava para vir.

O caminho começou a subir, aproximando-se do cume de outra colina. O seu progresso rápido abrandou para um rastejar traiçoeiro. Amaldiçoou a sua sorte e considerou abandonar o trilho, mas tudo à sua volta se tornara

ainda mais rochoso. Não havia nenhuma direção que parecesse melhor do que a que estava a seguir.

Agora completamente empenhada, carregou ainda com mais força no acelerador, testando ao máximo o sistema de tração às quatro rodas da carrinha. Por fim, a inclinação voltou a nivelar-se. Aproveitando a situação, Jenna acelerou corajosamente numa curva do caminho, contornando a colina, e viu a luz dos seus faróis incidirem sobre um amontoado de pedras de uma velha derrocada que se atravessava no caminho.

Jenna travou a fundo, mas a *pick-up* derrapou na areia e nas pedras soltas. O para-choques da frente embateu no pedregulho que se encontrava mais próximo. O *airbag* disparou, batendo-lhe no rosto como um saco de cimento oscilante. Tirou-lhe o ar. A sua cabeça tinia, mas não tão alto que não ouvisse o motor dar o último suspiro e morrer.

Enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas de dor, Jenna sentiu o sabor a sangue do corte que fizera no lábio.

— *Nikko...*

O *husky* ainda se encontrava no assento, não parecendo afetado pelo impacto.

— Anda.

Jenna deu um encontrão na porta para a abrir e caiu do banco para o chão. Levantou-se com as pernas a tremer. O ar cheirava a fumo e óleo.

Já chegámos demasiado tarde?

Virou-se em direção ao fumo e lembrou-se da lebre a sair aos saltos da mortalha de fumo e cair para o lado a contorcer-se. Deu uns quantos passos, cambaleantes, com certeza, mas não por causa do veneno. *Apenas aturdida*. Ou, pelo menos, esperava que fosse essa a razão.

— Continua a andar — ordenou a si mesma.

Nikko juntou-se a ela, saltitando sobre as patas, a sua cauda farfalhuda a ondular como um estandarte de determinação.

Atrás deles, a parede sólida de fumo começava a desvanecer-se. Ainda assim, continuava a cair sobre ela como uma onda que parecia querer engoli-la. Ela sabia que nunca seria capaz de fugir dela a pé.

Olhou fixamente para o topo da colina.

A sua única esperança.

Retirou uma lanterna da carrinha e começou a subir a colina rapidamente. Optou por um caminho que cruzava a derrocada, assobiando para manter *Nikko* por perto. Assim que a atravessou, descobriu um campo ondulante de *Purshias* e flox. O terreno aberto permitia-a movimentar-se mais rapidamente. Correu em direção ao topo da colina, seguindo o feixe de luz saltitante da lanterna, subindo cada vez mais.

Mas seria a colina suficientemente *alta*?

A respirar com dificuldade, forçou as pernas a correr ainda mais. *Nikko* trotava silenciosamente ao seu lado, ignorando o ocasional esvoaçar repentino de um pardal ou o salto de uma lebre de cauda preta.

Por fim, chegaram ao cimo. Só nessa altura Jenna se atreveu a espreitar por cima do ombro. Observou a imensa onda de fumo a chocar contra a encosta da colina e a espalhar-se para os lados, enchendo os vales mais baixos em redor e transformando o topo da colina numa ilha no meio de um mar venenoso.

Mas durante quanto tempo seria aquele refúgio seguro?

Jenna fugiu para ainda mais longe da costa mortífera, em direção ao ponto mais alto da colina. Perto do topo, arestas afiadas recortavam-se sob a luz das estrelas, assinalando as ruínas de uma cidade-fantasma. Contou cerca de uma dúzia de celeiros e edifícios. Postos militares avançados como este, que remontavam à época da corrida ao ouro, salpicavam as colinas locais, a maior parte esquecida e sem constar no mapa, à exceção

da cidade vizinha de Bodie, uma cidade-fantasma de maior dimensão que se encontrava no centro do Parque Histórico Estatal de Bodie.

Ainda assim, Jenna dirigiu-se para o frágil abrigo, arranjando forças ao avistar as paredes e os telhados que ainda se encontrarem teimosamente de pé. Enquanto se aproximava da estrutura mais próxima, pegou no telemóvel, na esperança de estar suficientemente alto para conseguir rede. Com o rádio da carrinha submerso no mar tóxico, o telemóvel era o único meio de comunicação.

Com um enorme alívio, reparou numa única barra iluminada que indicava a força do sinal.

Não é ótimo, mas não me posso queixar.

Marcou o número do gabinete do coordenador de serviço. A chamada foi rapidamente atendida por um Bill Howard sem fôlego.

Embora a ligação não estivesse boa, Jenna conseguiu ouvir o alívio na voz do amigo.

— Jen, estás b... m?

— Um pouco atordoadada, mas estou bem...

— O que... atordoadada?

Jenna esforçou-se por ignorar a frustração que sentia em relação à qualidade da ligação. Tentou falar mais alto.

— Ouve, Bill. Tens um grande problema a ir na tua direção.

Tentou explicar a explosão, mas o sinal fraco dificultava a comunicação.

— Tens de evacuar Lee Vining — disse ela, quase aos gritos. — E também as áreas de campismo nas redondezas.

— Não consegui... isso. O que estás a dizer sobre evacuar?

Jenna fechou os olhos, irritada. Respirou fundo duas vezes.

Talvez consiga mais rede se subir ao telhado de um destes celeiros.

Antes de conseguir ponderar o melhor caminho para subir, ouviu-se o barulho de algo a bater baixinho. No início, pensou que fosse o bater do próprio coração nos ouvidos. Em seguida, *Nikko* ganiu ao ouvir o mesmo barulho. À medida que o som se tornava mais alto, Jenna olhou para o céu e avistou luzes de navegação.

Um helicóptero.

Sabia que era demasiado cedo para Bill ter enviado uma equipa de busca e salvamento. Com os nervos a aconselharem-na a ser cuidadosa, Jenna desligou a lanterna e correu para se abrigar nos edifícios da cidade-fantasma. Ao chegar lá, agachou-se junto a um celeiro velho, ao mesmo tempo que um helicóptero surgia.

Reconheceu a forma esguia e preta do aparelho. Era o mesmo que vira levantar da base militar minutos antes da explosão.

Será que viram a minha carrinha a fugir da zona da explosão e voltaram para trás? Mas porquê?

Sem saber ao certo, manteve-se escondida. Ao chegar ao portão aberto do celeiro, entrou rapidamente com *Nikko*. Percorreu depressa o interior escuro, parando apenas o tempo suficiente para verificar o telemóvel.

A sua chamada para Bill caíra e o ecrã não mostrava agora quaisquer barras de rede.

Estava isolada de todos, por sua conta.

Ao alcançar a outra ponta do celeiro, espreitou cuidadosamente pelo vidro partido de uma janela. O helicóptero baixou em direção a um campo daquele lado. Quando os patins ficaram suficientemente perto do chão, homens de uniforme preto saltaram de ambos os lados do aparelho. A deslocação do ar provocada pelas pás do rotor massacrava os arbustos que se encontravam à volta do helicóptero.

O coração dela disparou quando reparou nas espingardas que os homens carregavam ao ombro.

Não se tratava de uma equipa de busca e salvamento.

Jenna tocou na sua única arma, presa num coldre à anca. Uma taser. Por lei, os guardas-florestais da Califórnia não podiam ter armas de fogo, mas era bastante desanimador sobretudo numa situação como a de hoje.

Nikko rosnou com a agitação que aumentava lá fora.

Jenna fez sinal com a mão para que parasse, sabendo que a única hipótese de sobreviverem era mantendo-se escondidos.

Enquanto se agachava ainda mais, o último homem, um autêntico gigante, saltou do helicóptero e afastou-se alguns passos. Trazia consigo uma arma comprida de cano largo. Ela não a reconheceu, até um jato de fogo sair disparado da ponta, iluminando o campo.

Um lança-chamas.

Demorou algum tempo para perceber a necessidade de usar uma arma daquelas. Em seguida, os seus dedos apertaram com força o parapeito da janela do celeiro, reparando na madeira seca e retorcida. Estava escondida dentro de um verdadeiro barril de pólvora.

Lá fora, o grupo de homens armados espalhava-se por todo o lado, preparando-se para cercar os pequenos edifícios.

Eles devem saber que estou aqui, escondida algures na cidade-fantasma.

O plano deles era claro. Tencionavam queimar tudo para a fazer sair do esconderijo para campo aberto.

Para além do local onde os homens se encontravam, o mar tóxico serpenteava em redor do cume da colina. Não havia como fugir desta ilha. Jenna agachou-se ainda mais, a sua mente a pensar freneticamente nas opções que tinha. Restava apenas uma certeza.

Não há maneira de sobreviver a isto.

No entanto, isso não significava que ia deixar de ser guarda-florestal. Pelo menos, deixaria uma pista sobre o seu destino, sobre o que realmente

lhe acontecera ali.

Nikko encontrava-se ao seu lado.

Abraçou-o com força, sabendo que seria provavelmente a última vez.

— Preciso que faças uma última coisa por mim, amiguinho —
sussurrou-lhe ao ouvido.

Nikko abanou a cauda ruidosamente.

— Lindo menino.

27 de abril, 23h10 EDT
Takoma Park, Maryland

Quando chove, é a potes...

Gray Pierce acelerou na sua mota pela rua molhada dos subúrbios. Estivera muito mau tempo a semana toda. Esgotos sobrecarregados deixavam poças traiçoeiras nas bermas da estrada. A luz do farol dianteiro rasgava um vislumbre do caminho por entre os pingos de chuva densa enquanto se dirigia para casa do seu pai.

O bangalô do Artesão ficava a meio do próximo quarteirão. Mesmo de onde se encontrava, Gray conseguia ver luzes brilhantes a sair de todas as janelas, iluminando o alpendre que rodeava a casa e o baloiço de madeira que se encontrava ali pendurado languidamente. A casa tinha o mesmo aspeto de sempre, escondendo a tempestade que o aguardava no interior.

Quando chegou ao caminho de acesso ao bangalô, fez a curva inclinando o seu metro e oitenta e dirigiu-se ruidosamente para a garagem nas traseiras da casa. Um grito áspero soou vindo da parte de trás da casa, sobrepondo-se até ao ronco do motor da *Yamaha V-Max*.

Parece que tudo tinha piorado por aqui.

Quando desligou o motor, surgiu alguém das traseiras, caminhando de forma ameaçadora pela chuva. Era o seu irmão mais novo, Kenny. As

parecenças de família eram evidentes, desde o tom de pele rosado, tipicamente galês, até ao cabelo escuro e grosso.

Contudo, as semelhanças entre os irmãos resumiam-se a isso.

Gray tirou o capacete e desmontou da mota para enfrentar a ira do irmão. Embora fossem da mesma altura, Kenny tinha uma barriga proeminente, uma característica resultante de uma década de vida fácil de engenheiro de *software* na Califórnia, ao mesmo tempo que tratava o seu problema de alcoolismo. Kenny tirara recentemente uma licença do trabalho e regressara a este lugar para ajudar o pai. Ainda assim, ameaçava voltar para oeste quase todas as semanas.

— Não aguento mais — disse Kenny, cerrando os punhos, o rosto completamente vermelho de irritação. — Tens de falar com ele e tentar chamá-lo à razão.

— Onde é que ele está?

Kenny acenou em direção ao quintal das traseiras, com um ar irritado e envergonhado.

— O que é que ele está a fazer cá fora à chuva?

Gray dirigiu-se para as traseiras da casa.

— Diz-me tu.

Gray chegou ao quintal. Uma única lâmpada por cima da porta das traseiras da cozinha oferecia pouca luz, mas não teve qualquer dificuldade em ver o homem alto, de pé, junto a uma fila de oleandros que delineavam a cerca. A visão fê-lo parar durante alguns momentos, enquanto tentava perceber o que via.

O pai encontrava-se descalço e nu, à exceção de um par de *boxers* molhados que se colavam ao seu corpo esquelético. Tinha os braços magros erguidos, o rosto virado para cima a levar diretamente com a chuva, como se estivesse a rezar a alguma espécie de deus da tempestade.

Em seguida, estendeu os braços cruzados em frente aos arbustos como se fossem uma tesoura.

— Ele acha que está a podar os oleandros — explicou Kenny, agora mais calmo. — Encontrei-o há pouco a vaguear pela cozinha. É a segunda vez esta semana. Eu não o conseguia pôr na cama sozinho. Sabes como ele sempre foi teimoso, mesmo antes... antes de isto acontecer.

Alzheimer.

Kenny raramente dizia a palavra, como se tivesse medo de ficar com Alzheimer apenas por falar nisso.

— Foi nessa altura que resolvi chamar-te — disse Kenny —, ele a ti ouve-te.

— Desde quando? — murmurou ele.

Gray e o pai sempre tinham tido uma relação tumultuosa. O pai trabalhara na indústria do petróleo no Texas, era um homem rude e duro, com uma filosofia de vida assente em persistência e independência, até um acidente industrial numa plataforma petrolífera lhe arrancar uma das pernas até ao joelho. Depois disso, a sua forma de encarar a vida azedou e tornou-se amargo e colérico. Muita dessa cólera foi dirigida ao seu filho mais velho. Tudo isto acabou por fazer com que Gray se afastasse, para o Exército e, por fim, para a Sigma.

Naquele momento, Gray procurava aquele homem duro e enfurecido naquela figura frágil no quintal. Tinha as costelas visíveis, a pele emaciada e as vértebras salientes. Aquele homem nem sequer era a sombra do que o seu pai um dia fora. Era um invólucro, ao qual tudo fora arrancado pela idade e pela doença.

Gray aproximou-se do pai e tocou-lhe suavemente no ombro.

— Pai, já chega.

Os olhos viraram-se na direção de Gray, surpreendentemente brilhantes. Infelizmente, era apenas a raiva antiga que brilhava neles.

— Estes arbustos precisam de ser podados. Os vizinhos já se queixam.
A tua mãe...

Já faleceu.

Gray refreou um pouco da culpa que sentia e manteve a mão firme sobre o ombro do pai.

— Eu faço isso.

— E a escola?

Gray ficou atrapalhado ao tentar acompanhar a cronologia do velhote, depois continuou calmamente.

— Eu faço-o depois da escola. Está bem?

O fogo esmoreceu nos olhos desorientados e azuis do pai.

— É bom que o faças, rapaz. Um homem só tem o valor da sua palavra.

— Eu faço. Prometo.

Gray conduziu-o para o alpendre das traseiras e de volta para o interior da cozinha. O movimento, o calor e a luz brilhante pareceram ajudar o pai a orientar-se.

— Gr... Gray, o que fazes aqui? — perguntou o pai com a voz rouca, como se o visse pela primeira vez.

— Passei aqui para ver como estás.

Uma mão magra deu palmadinhas no braço de Gray.

— E o que me dizes a uma cerveja?

— Talvez noutra altura. Tenho de voltar para a Sigma. O dever chama-me.

O que era verdade. Kat apanhara-o a sair do seu apartamento e pedira-lhe para ir com ela à sede da Sigma em D.C. Depois de ter explicado o que se passava com o seu pai, Kat deu-lhe alguma margem de manobra. Ainda assim, Gray ouvira a urgência na sua voz e não a queria desiludir.

Gray olhou de relance para Kenny.

— Eu levo-o para a cama. Depois de episódios como este, ele costuma dormir o resto da noite.

Ainda bem.

— Mas, Gray, isto não acabou. — Kenny baixou a voz. — Não posso continuar a fazer isto todas as noites. Na verdade, ainda hoje falei com a Mary sobre isto.

Gray sentiu alguma irritação por ter sido excluído dessa conversa. Mary Benning era a enfermeira que cuidava do pai de Gray e Kenny durante o dia. As noites eram geralmente asseguradas por Kenny e Gray tomava conta do pai sempre que podia.

— O que é que ela acha?

— Que o pai precisa de cuidados permanentes e de algumas medidas de segurança. Alarmes nas portas. Barreiras nas escadas. Ou...

— Ou que lhe arranjemos um lar.

Kenny acenou com a cabeça.

Mas este é o seu lar.

Kenny deve ter-se apercebido da expressão de aflição no rosto de Gray.

— Não temos de decidir já. Por enquanto, a Mary deu-me os contactos de algumas enfermeiras que podem começar a assegurar o turno da noite. Acho que qualquer um de nós precisa de férias.

— Está bem.

— Vou tratar de tudo — disse Kenny.

Um resquício de desconfiança percorreu a mente de Gray, preocupado que a repentina prestabilidade do irmão se devesse ao facto de se querer livrar do pai e fugir de volta para a Califórnia. Ao mesmo tempo, Gray reconhecia que o irmão era capaz de ter razão. Tinham de fazer alguma coisa.

Enquanto Kenny conduzia o pai em direção às escadas e aos quartos no andar de cima, Gray retirou o telemóvel do bolso e ligou para a sede da

Sigma. Kat atendeu quase de imediato.

— Vou já para aí.

— É melhor despachares-te. A situação está a piorar.

Gray olhou de relance para as escadas.

Está mesmo.

23h33

Gray chegou à sede da Sigma em quinze minutos, puxando pela sua *Yamaha* até ao limite nas estradas praticamente desertas, tanto perseguido pelos fantasmas do passado, como impulsionado pelo que o chamava com urgência a D.C. Podia ter pedido para ser dispensado do serviço, mas no seu apartamento só o esperavam ainda mais preocupações. Naquele momento, até mesmo a sua cama estava fria e vazia, visto que Seichan se encontrava em Hong Kong a trabalhar com a mãe num projeto de angariação de fundos para raparigas carenciadas do Sudeste Asiático.

Assim, neste momento, precisava de se manter em movimento.

Quando as portas do elevador se abriram nos níveis subterrâneos da sede da Sigma, Gray saiu e percorreu o corredor. As instalações ocupavam *bunkers* da época da Segunda Guerra Mundial há muito abandonados e refúgios nucleares por baixo do Smithsonian Institution. A localização secreta nos arredores do National Mall oferecia aos membros da Sigma acesso direto aos centros de poder, bem como aos muitos laboratórios e materiais de investigação do Smithsonian Institution.

Gray dirigiu-se para o centro nervoso das instalações — e para o cérebro da rede de serviços de informação e comunicação da Sigma.

Kat ouviu-o aproximar-se e saiu para o corredor para o receber. Apesar da hora tardia e do longo dia que tivera, Kat estava fardada com um

impecável uniforme azul da marinha. O seu cabelo curto castanho-avermelhado estava cuidadosamente penteado e apanhado num penteado à rapaz, embora não houvesse nada de arrapazado na sua figura. Ela acenou-lhe com a cabeça, os olhos severos e concentrados.

— Que se passa? — perguntou Gray ao juntar-se a ela.

Sem desperdiçar o fôlego, Kat virou-se e dirigiu-se para o centro de comunicações da Sigma. Gray seguiu-a para o interior da sala circular, com monitores e computadores a toda a volta. Em circunstâncias normais, dois ou três técnicos encontravam-se de serviço neste centro e, quando havia uma operação em curso, chegavam a estar mais do dobro. No entanto, àquela hora tardia, apenas uma figura os esperava: o analista principal de Kat, Jason Carter.

O jovem encontrava-se sentado num dos postos a teclar furiosamente. Usava calças de ganga e uma *t-shirt* dos Boston Red Sox. O seu cabelo louro, quase branco, estava despenteado e parecia lambido por uma vaca, como se tivesse acabado de acordar, mas, pela exaustão evidente no seu rosto, era mais provável que nem sequer tivesse dormido. Apesar de ter apenas vinte e dois anos, o miúdo era brilhante, sobretudo no que dizia respeito a computadores. Segundo Painter, Jason fora expulso da marinha por entrar sem autorização nos servidores do Departamento da Defesa com pouco mais que um *BlackBerry* e um *iPad*. Kat recrutara-o pessoalmente, protegendo-o debaixo da sua asa.

Kat dirigiu-se a Gray:

— Há pouco mais de uma hora, houve um acidente grave numa estação de investigação militar na Califórnia. Emitiram um pedido de socorro desesperado.

Kat tocou no ombro de Gray.

Gray clicou numa tecla. Começou a passar de imediato uma gravação áudio. Era uma voz de mulher, firme mas nitidamente abalada, com

dificuldade em manter a postura.

«Daqui sierra, victor, whisky. Houve uma fuga. Dispositivo de segurança iniciado. O que quer que aconteça: matem-nos... matem-nos a todos.»

Kat continuou.

— Identificámos quem fez a chamada, a doutora Irene McIntire, a responsável pelos sistemas de análise da base.

No monitor do computador surgiu a imagem de uma mulher de meia-idade com uma bata de laboratório a sorrir para a câmara. Os seus olhos brilhavam de entusiasmo. Gray tentava associar esta imagem à voz frenética que acabara de ouvir.

— Em que projeto estavam a trabalhar? — perguntou Gray.

Jason interrompeu-os, pressionando o auricular do Bluetooth contra a orelha.

— Já chegaram. Vão descer agora.

— É isso que tenciono descobrir — disse Kat, respondendo à pergunta de Gray. — Tudo o que sei é que a estação devia estar a trabalhar com algo perigoso, algo que requeria medidas drásticas de contenção. As imagens de satélite mostraram uma explosão. Muito fumo.

Jason fez surgir no monitor as duas imagens, passando-as rapidamente. Embora as imagens fossem a preto-e-branco e com pouca resolução, Gray conseguia identificar com facilidade as chamas e a nuvem densa de fumo negro.

— Ainda não conseguimos ver o que se encontra por baixo do fumo para avaliar o estado atual da base — disse Kat —, mas não houve mais comunicação.

— Devem ter aniquilado a base.

— É o que parece neste momento. O Painter está a investigar a situação a oeste, fazendo uso dos recursos locais. Encarregou-me de

descobrir mais pormenores sobre as operações da base. — Kat virou-se para Gray, os olhos preocupados. — Já descobri que o local é gerido pela DARPA.

Gray não conseguiu esconder a sua surpresa. A DARPA era a agência que supervisionava as operações da Sigma, embora o conhecimento da existência deste grupo fosse restrito a apenas algumas pessoas-chave, aqueles com o nível de acreditação de segurança mais elevado. Contudo, Gray não deveria ter ficado tão surpreendido ao descobrir que a base estava ligada à DARPA. A agência de investigação e desenvolvimento militar tinha centenas de instalações espalhadas por várias unidades militares em todo o país. A maioria funcionava com supervisão mínima e era gerida de forma independente, fazendo uso das mentes e dos talentos mais únicos que existiam por aí. Os pormenores de cada operação eram mantidos tão confidenciais quanto possível.

E, ao que parece, era precisamente o que tinha acontecido neste caso.

— Estavam cerca de trinta homens e mulheres de serviço na base quando a situação se desencadeou — disse Kat. Pela tensão nos seus ombros e rigidez nos seus lábios, dava para ver que estava furiosa.

Olhando para o monitor e para a densa nuvem negra, Gray não a podia censurar.

— Sabes que divisão específica da DARPA geria aquele lugar?

— O DTB. O Departamento de Tecnologias Biológicas. É uma divisão relativamente recente. A sua missão é explorar a relação existente entre duas ciências: a biologia e a física.

Gray franziu o sobrolho. O seu próprio contributo enquanto perito da Sigma era nessa área. Era território perigoso, abrangendo tudo, desde a manipulação genética à biologia sintética.

Ecoaram vozes ao fundo do corredor, vindas do lado do elevador. Gray olhou de relance por cima do ombro.

— Depois de obter a permissão do Painter — explicou Kat —, pedi ao diretor do DTB, o doutor Lucius Raffee, para se juntar a nós a fim de nos ajudar a resolver esta situação.

Enquanto o novo grupo se aproximava, as suas vozes transmitiam uma enorme tensão relativamente a esta reunião tardia.

Apareceram dois homens à entrada do centro de comunicações. O primeiro era um desconhecido, um homem negro distinto, vestido com um sobretudo até ao joelho por cima de um fato Armani. Parecia ter cinquenta e poucos anos, com cabelo grisalho e uma barba bem aparada.

— Doutor Raffee — disse Kat, chegando-se à frente e cumprimentando-o com um aperto de mão. — Obrigada por ter vindo.

— Não me parece que o seu homem me tenha dado outra opção. Estava a sair do espetáculo *La Bohème* no Kennedy Center quando fui abordado insistentemente.

O acompanhante do doutor, Monk Kokkalis, conduziu-os para dentro da sala. Era um homem que mais parecia um buldogue, com a cabeça rapada e um corpo musculado como um defesa de futebol americano. O homem franziu o sobrolho para Gray, como que a dizer «já viste a lata deste gajo?». Depois aproximou-se e beijou ao de leve o rosto da esposa.

Monk murmurou para Kat:

— Querida, cheguei.

O doutor Raffee olhou de relance para um e para o outro, tentando compreendê-los enquanto casal. Gray percebia perfeitamente a confusão do homem. Faziam um casal vistoso, se não mesmo estranho.

— Presumo que o meu marido já o tenha posto ao corrente da situação na Califórnia — disse Kat.

— Sim. — O doutor Raffee suspirou profundamente. — Mas receio que haja muito pouca informação concreta que eu lhe possa dar em relação ao que correu mal... ou até mesmo em relação à natureza exata do que

pode ter resultado em medidas tão drásticas naquela base. Já contactei várias pessoas-chave para seguirem o caso. Esperamos que nos deem notícias em breve. Tudo o que sei, neste momento, é que o investigador responsável era o doutor Kendall Hess, um especialista em exobiologia, com um interesse específico no estudo das biosferas-sombra.

Kat franziu o sobrolho.

— Biosferas-sombra?

O doutor Raffee acenou com a mão com desdém e continuou:

— Ele andava à procura de formas de vida radicalmente diferentes, sobretudo aquelas que empregam processos bioquímicos e moleculares para funcionar.

Gray estava bastante familiarizado com o tema e disse:

— Como os organismos que usam o ARN em vez do ADN.

— Sim. No entanto, as biosferas-sombra podem ser até mais esotéricas que isso. Hess propôs a possibilidade da existência de alguma forma de vida oculta que utiliza um conjunto completamente diferente de aminoácidos do que é conhecido. Foi por esta razão que ele decidiu estabelecer a estação de investigação junto ao lago Mono.

— Porquê? — perguntou Gray.

— Em 2010, um grupo de cientistas da NASA conseguiu levar um micróbio nativo para aquele lago altamente alcalino e forçá-lo a usar arsénico em vez de fósforo nos seus processos bioquímicos.

— E porque é isso significativo? — perguntou Monk.

— Enquanto exobiólogo, Hess estava familiarizado com o trabalho da equipa da NASA. Ele acreditava que esta descoberta provava que as primeiras formas de vida na Terra eram provavelmente à base de arsénico. Também pôs a hipótese de existir uma biosfera de organismos à base de arsénico em franco crescimento algures na Terra.

Gray compreendia o fervor de Hess. Tal descoberta viraria a biologia de pernas para o ar e abriria um novo capítulo de vida na Terra.

Raffee franziu o sobrolho e continuou:

— No entanto, Hess também investigava muitas outras possíveis biosferas-sombra. Tal como o verniz do deserto.

Reparando nas suas expressões confusas, o doutor Raffee passou a explicar de forma mais pormenorizada:

— O verniz do deserto é aquela camada que se encontra nas superfícies expostas das rochas, que vai da cor da ferrugem até ao preto. Antigamente, os nativos costumavam raspá-la para criar os seus petróglifos.

Gray imaginou os desenhos rudimentares de pessoas e animais encontrados em todo o mundo.

— Mas o que é estranho no verniz do deserto — continuou Raffee — é que ainda não se sabe como se forma. Será uma reação química? O resultado de algum processo microbial desconhecido? Ninguém sabe. Na verdade, o estatuto do verniz do deserto enquanto *ser vivo* ou *não vivo* tem sido discutido desde os tempos de Darwin.

Monk verbalizou a sua irritação:

— Mas como é que investigar um pedaço de sujidade nas rochas acaba por desencadear um pedido de socorro frenético e uma explosão?

— Não sei. Pelo menos, por enquanto. Apenas sei que o trabalho de Hess chamou a atenção do setor privado, que uma parte do seu trabalho mais recente era uma *joint venture* com uma empresa privada e o Programa de Transferência Tecnológica federal. — Raffee encolheu os ombros. — É o que acontece quando fazem tantos cortes na área da pesquisa e desenvolvimento.

— Qual era o interesse da esfera privada nesta investigação? — perguntou Kat.

— Ao longo dos anos, a investigação de Hess sobre biosferas-sombra descobriu uma grande quantidade de novos extremófilos, organismos capazes de se desenvolverem em ambientes adversos e invulgares. Tais microrganismos são excelentes recursos para a descoberta de químicos e compostos únicos. Se juntarmos isto à explosão da biologia sintética, cujos laboratórios levam a manipulação genética ao extremo, temos uma área de investigação muito lucrativa.

Gray sabia que muitos milhões de dólares dessas empresas já eram investidos em investigações como esta, por parte de gigantes como a Monsanto, a Exxon, a DuPont e a BP. E, quando estava tanto em jogo, as empresas colocavam os lucros à frente da segurança.

— Se estiver certo em relação ao financiamento da investigação do doutor Hess por empresas privadas — perguntou Gray —, poderá este acidente ter sido uma forma de sabotagem?

— Não lhe sei dizer, mas tenho as minhas dúvidas. A sua investigação financiada por empresas privadas é bastante altruísta. Chama-se Projeto Neogénese.

— E qual era o objetivo do projeto? — perguntou Kat.

— Bastante ambicioso. O doutor Hess acredita que é capaz de abrandar ou até mesmo parar o crescente número de extinções neste planeta, sobretudo aquelas que ocorrem através da ação do Homem. Nomeadamente, a poluição e os efeitos das alterações climáticas. Uma vez ouvi o doutor Hess dar uma palestra numa conferência sobre o facto de a Terra se encontrar a meio da sexta extinção em massa, uma extinção de tal maneira grave que chegaria a igualar a que extinguiu os dinossauros. Lembro-me de ele dizer que um mero aumento de dois graus na temperatura global aniquilaria de imediato milhões de espécies.

Kat arqueou as sobrancelhas.

— E qual era o plano do doutor Hess para evitar que isso acontecesse?

Raffee olhou em volta como se a resposta fosse óbvia.

— Ele acredita que descobriu um caminho para fugir a este fim certo.

— Através do Projeto Neogénese? — perguntou Kat.

Gray compreendia agora o significado do nome.

Nova génese.

Olhou de relance para a imagem repleta de fumo que ainda se encontrava no monitor. Era, sem dúvida, um objetivo digno, mas, ao mesmo tempo, a presunção do homem provavelmente custara a vida de trinta homens e mulheres.

E, com um arrepio, Gray teve a sensação de que isto ainda não terminara.

Quantos mais iriam morrer?

27 de abril, 20h35 PDT

Lago Mono, Califórnia

Não consigo aguentar muito mais tempo.

Jenna estava deitada sobre a barriga, debaixo da carcaça ferrugenta de um velho trator. Ela tinha uma visão nítida do helicóptero parado na pradaria para lá da cidade-fantasma. Tirou uma série de fotografias com o telemóvel. Não se atrevia a usar o *flash* com medo de ser localizada pela equipa de assalto no terreno. Fora-lhe necessária muita cautela e paciência para se arrastar desde o celeiro até àquele esconderijo exíguo.

Esticou o pescoço para localizar o homem de ombros largos que batia o terreno à volta do conjunto de frágeis estruturas que coroavam a colina. O seu lança-chamas rugiu, disparando um jato de chamas com três metros. Incendiou a erva, os arbustos e os edifícios mais próximos, transformando o cimo da colina numa paisagem infernal. O fumo elevou-se a grande altura, lembrando-lhe demasiado bem o mar venenoso que a mantinha presa ali.

Podia não ser capaz de escapar, mas isso não significava que não pudesse deixar alguma coisa para trás, alguma pista do seu destino, do que lhe acontecera ali.

Limpou o suor da testa com as costas da mão. Tinha dado o seu melhor para captar o maior número possível de fotografias da aeronave e dos homens armados. Se tudo corresse bem, alguém seria capaz de identificar o helicóptero ou reconhecer algum dos rostos captados digitalmente. Usando o *zoom*, ela obtivera um grande plano do gigante a manejar o lança-chamas. As suas feições eram morenas, possivelmente hispânico, com cabelo escuro por baixo do boné militar e uma cicatriz proeminente e arroxeadada que lhe rasgava o queixo.

Feio como é, tem de estar em alguma das bases de dados das autoridades.

Sabendo que tinha feito tudo o que podia, virou-se de lado e encontrou um par de olhos a brilharem para ela, refletindo a luz do incêndio. *Nikko* arfou em silêncio, com a língua pendente. Ela acariciou-o desde o cimo da cabeça até ao flanco. Os músculos do animal tremeram com a adrenalina, pronto a correr, mas ela tinha de exigir mais dele.

Agarrou e prendeu o cordão do estojo do seu telemóvel à coleira do cão, depois agarrou-lhe o focinho entre as mãos, fitando o olhar determinado do animal.

— *Nikko*, senta. Fica.

Reforçando a ordem, estendeu a palma da mão para o animal, depois fechou-a num punho.

— Senta e fica — repetiu.

Ele parou de arfar e deixou escapar um ganido baixinho.

— Eu sei, mas tens de ficar aqui.

Jenna afagou-lhe o focinho para o tranquilizar. Ele encostou-o com força contra a palma da sua mão, como se lhe pedisse para não se ir embora.

Sê o meu menino valente. Uma vez mais, okay?

Largou-lhe o focinho. O cão baixou a cabeça, acabrunhado, e pôs o focinho entre as patas. No entanto, os seus olhos nunca a deixaram. Ele era seu companheiro desde que ela ingressara na Guarda Florestal. Jenna acabara de sair da universidade na mesma altura em que *Nikko* completara o seu treino de cão de busca. Cresceram juntos, tanto profissionalmente como em privado, tornando-se parceiros e amigos. Ele também estava com ela quando, há dois anos e meio, a sua mãe morrera com cancro da mama.

Jenna afastou a recordação daquela batalha longa e brutal que devastara o seu pai, deixando um invólucro vazio do homem que ele fora, perdido na dor e na culpa do sobrevivente. A morte tornara-se um abismo de que nenhum deles conseguia sair. Jenna fizera um teste genético BCRA, uma análise que confirmou que ela era portadora de um dos dois marcadores genéticos herdados que indicavam um risco elevado de vir a sofrer de cancro da mama. Mesmo agora, ainda não fizera as pazes com essa informação, nem partilhara os resultados com o pai.

Desde então, tinha mergulhado no seu trabalho, encontrando consolo na beleza agreste dos grandes espaços abertos, descobrindo a paz na mudança das estações, esse eterno ciclo de morte e renascimento. Mas também encontrou uma família *de facto* nos seus colegas da Guarda Florestal, na simples camaradagem de almas idênticas. Mais que tudo, pensou, encontrara *Nikko*.

Ele ganiu baixinho outra vez, como se soubesse o que ela tinha de fazer.

Jenna inclinou-se para mais perto do cão e encostou o nariz ao dele.

Também gosto de ti, companheiro.

Uma parte dela queria desesperadamente ficar com ele, mas vira o inevitável no rosto corajoso da sua mãe. Agora, era a sua vez.

Com o seu registo de acontecimentos a salvo e escondido em *Nikko*, sabia o que tinha de fazer. Afagou *Nikko* uma última vez, depois rolou de

debaixo do trator. Tinha de conduzir os homens para o mais longe possível daquele local agreste. Duvidava que quem quer que a estivesse a perseguir soubesse do seu cão ou, mesmo que soubesse, se preocupasse com ele. A finalidade deles era eliminar qualquer testemunha que falasse. Uma vez que o conseguisse, a equipa de assalto partiria. Esperava que depois disso alguém fosse à sua procura e encontrasse *Nikko* e as provas que ela deixara para trás.

Era tudo o que podia fazer.

Isso e dar aos seus perseguidores uma boa caçada.

Começou por uma corrida lenta, afastando-se das chamas em direção à parte mais escura do sopé da colina. Percorreu 45 metros e foi então que ouviu um grito à sua esquerda, o urro triunfante do caçador que avistava a sua presa.

Correu mais depressa com um último pensamento bem vivo dentro dela.

Adeus, meu companheiro.

20h35

O doutor Kendall Hess sobressaltou-se com o ripostar em *staccato* de tiros de espingarda. Endireitou-se no seu assento, esticando as costas ao mesmo tempo que se esforçava por ver pela janela lateral do helicóptero. As algemas de plástico que lhe prendiam os pulsos atrás das costas cortavam-lhe dolorosamente a pele.

O que é que está a acontecer?

Debateu-se através da neblina das drogas. *Cetamina* e *Valium*, calculou, embora não pudesse ter a certeza de que sedativo lhe tinha sido injetado na coxa depois de ter sido capturado no laboratório.

Ainda assim, tinha testemunhado o que transpirara depois de o helicóptero ter deixado a base. Todo o seu corpo doía com a memória da explosão, das contramedidas que conseguira tomar como último recurso. Rezou para que uma ação tão drástica tivesse contido o que escapara do laboratório de biossegurança nível 4. O que ele e a sua equipa tinham criado naquele laboratório subterrâneo era um primeiro protótipo, demasiado perigoso para ser sequer libertado no mundo real. Mas alguém o tinha soltado, um sabotador.

Mas porquê?

Visualizou os rostos dos seus colegas.

Desaparecidos, todos desaparecidos.

Outra explosão de tiros ecoou sobre a colina em chamas.

Kendall tinha sido deixado com um guarda no helicóptero, mas o homem estava a olhar pela outra janela, claramente ansioso por se juntar à caçada. Se pelo menos o piloto não tivesse localizado a carrinha em fuga — pelo logótipo, um veículo da Guarda Florestal —, Kendall poderia ter-se agarrado a alguma esperança, tanto por ele, como por qualquer um que estivesse num raio de 160 quilómetros do seu laboratório.

De novo, rezou para que as suas contramedidas se agentassem. O fumo continha uma mistura mortífera criada pela equipa de Hess: uma combinação para uso militar de VX e saxitoxina, um preparado de um agente paralisante com um derivado de um organofosfato letal. Nada vivo podia sobreviver à mínima exposição.

Exceto aquilo que eu criei.

A sua equipa ainda não descobrira uma maneira de matar aquele microrganismo sintético. O gás neurotóxico produzido era destinado a *conter* a sua propagação, matar qualquer organismo que o pudesse transmitir.

À medida que a barragem de fogo continuava lá fora, ele visualizou o guarda-florestal anônimo dando o seu melhor para se aguentar, mas o homem estava claramente em desvantagem, tanto em número como em armamento. No entanto, continuava a lutar.

Posso eu fazer menos?

Kendall lutou por sair daquela neblina induzida pela droga. Debateu-se com as algemas de plástico, usando a dor para o ajudar a focar-se. Um mistério ocupou toda a sua atenção. Os sabotadores tinham matado a tiro toda a gente na base ou tinham-nos deixado morrer na explosão.

Então, porque é que eu ainda estou vivo? Porque é que eles precisam de mim?

Kendall estava determinado a não cooperar, mas também era suficientemente realista para saber que podia ser quebrado. Qualquer um podia ser quebrado. Havia apenas uma maneira de os fazer fracassar.

No momento em que outra rajada de tiros eclodiu, Kendall torceu os braços o suficiente para esmurrar o mecanismo que soltava o cinto de segurança. Ao ficar livre, deu um encontrão à porta, abrindo-a, e caiu de lado para fora da cabina. Conseguiu colocar uma perna por baixo do corpo ao bater no chão, usando-a para se lançar para longe do helicóptero.

Um berro de surpresa elevou-se da cabina, vindo do guarda solitário — seguido de um sonoro craque.

A terra explodiu junto do seu pé esquerdo.

Ele ignorou a ameaça, confiando que o seu captor o quisesse manter vivo. Correu desesperadamente, em desequilíbrio, com os braços ainda manietados nas costas. As suas pernas tropeçavam na vegetação rasteira e feriam-se nos arbustos. Dirigiu-se para a escuridão fumegante que rodopiava nas vertentes mais baixas da colina.

Aquele caminho conduzia a uma morte certa.

Correu mais depressa naquela direção.

É melhor assim.

Com a atenção de todos centrada na perseguição ao guarda-florestal, Kendall sentiu-se mais confiante.

Vou conseguir... é o que mereço...

Então uma sombra abateu-se sobre ele, impossivelmente rápida, vibrando pela paisagem, iluminada pelas chamas que ardiam no cume da colina. Uma pancada brutal atingiu-o nas costas, atirando-o de bruços contra os arbustos espinhosos. Ele rolou, ficando de costas apoiado nas mãos e nos pés.

Uma forma maciça recortou-se contra as chamas.

Kendall não precisou de ver a cicatriz disforme para reconhecer o chefe da equipa de assalto. O homem agigantou-se sobre ele, levantou um braço e desferiu uma forte pancada com a coronha de aço da espingarda.

Com as mãos ainda presas atrás de si, Kendall não pôde desviar o golpe. A dor explodiu no seu nariz e testa. Ele caiu para trás, os seus membros frouxos e inertes. A escuridão fechou o mundo num nó apertado e agonizante.

Antes que se pudesse mexer, dedos de ferro agarraram-lhe o tornozelo e arrastaram-no de volta ao helicóptero. Espinhos e pedras aguçadas cortaram-lhe as costas. Podiam precisar dele vivo, mas claramente não importava em que estado.

Kendall desmaiou, acordando quando foi despejado para dentro da cabina. Foram gritadas ordens em espanhol. Ele ouviu as palavras *apúrate* e *perigo*.

Ele traduziu através do torpor.

Despacha-te e perigo.

O mundo de súbito encheu-se com um rugido surdo, em seguida oscilou. Percebeu que o helicóptero estava a descolar.

Kendall rolou o suficiente para espreitar pela janela. Abaixo dos patins, vultos escuros corriam pela paisagem infernal da cidade-fantasma em chamas. Parecia que o helicóptero abandonava o resto da equipa de assalto.

Mas porquê?

O piloto gesticulava freneticamente para o solo.

Kendall olhou mais de perto. De repente, compreendeu a ameaça. A nuvem de gás neurotóxico começava a elevar-se dos vales circundantes. De início, pensou que o fumo tinha sido levantado pela deslocação de ar do rotor do helicóptero, mas então entendeu.

Corrente ascendente!

A tempestade de fogo na colina estava a empurrar para cima uma coluna de ar quente. À medida que esse ar subia, levava o gás mortal com ele, puxando-o como um véu sobre o cume em chamas.

Não admirava que uma evacuação rápida tivesse sido ordenada. Kendall ficou a olhar fixamente para a forma gigantesca do líder sentado à sua frente, com uma arma sobre os joelhos. Os outros olhavam também pela janela, mas ele olhava para cima, para o céu, como se já tivesse perdido os seus camaradas.

Kendall recusava-se a ser tão insensível.

Procurou em baixo algum sinal do guarda-florestal sitiado. Não tinha esperanças por ele, mas o tipo merecia que testemunhassem por ele ou, pelo menos, merecia uma última oração. Kendall murmurou algumas palavras à medida que o helicóptero se afastava rapidamente — acabando com uma última súplica, olhando para baixo, para aquele mar negro e rodopiante de veneno.

Deixa-me estar certo sobre o gás.

Acima de tudo — nada deve viver.

27 de abril, 20h49 PDT

Lago Mono, Califórnia

Jenna agachou-se no interior das ruínas de um velho armazém. Escondeu-se com as costas contra o balcão coberto de *graffiti* no fundo da loja. Sobre a sua cabeça, filas de prateleiras de madeira cobertas de uma geada de teias de aranha suportavam algumas garrafas antigas com etiquetas engelhadas pelo tempo. Lutou para não espirrar por causa de todo aquele pó e fez o seu melhor para ignorar a dor no antebraço. Uma bala atingira de raspão o seu bíceps.

Aguenta, disse a si mesma.

Esticou-se para ouvir a aproximação de algum dos homens armados, uma tarefa tornada mais difícil pelo martelar do seu coração na garganta. Tinha sorte por ter aguentado tanto tempo a jogar ao gato e ao rato entre os poucos edifícios que restavam e que ainda não tinham ardido.

Só estava a salvo agora devido à distração criada pelo helicóptero a descolar. A sua súbita partida confundira os seus perseguidores tempo suficiente para ela conseguir dar uma louca corrida para dentro da loja. Mas, como eles, também ela estava confusa pela mudança da situação.

Porque é que o helicóptero os abandonara no terreno? Ou só se teria afastado tempo suficiente para que ela fosse encontrada e despachada?

Há uns instantes, vira de relance alguém com uma bata de laboratório ser arrastado para a cabina do aparelho. O homem era claramente um cativo, talvez um dos investigadores da base militar. Estava demasiado longe para ver algum pormenor que pudesse identificar o prisioneiro. Teria o helicóptero partido para desencorajar outra tentativa de fuga?

Não acreditava nisso.

Alguma coisa devia ter espantado os homens do helicóptero.

Mas o quê?

Ela queria desesperadamente levantar a cabeça e descobrir que novo perigo andaria por ali, mas não podia confiar que os homens armados não completassem a sua tarefa. Já tinha percebido que eram homens duros com treino militar. Fosse qual fosse o risco, aqueles soldados cumpririam a sua missão — o que significava eliminá-la.

O ruído de vidro esmagado atrás dela e à sua esquerda atraiu a sua atenção. Visualizou a janela aberta naquele lado. Alguém devia ter trepado por ali em vez de usar a porta da frente. Anteriormente, usando o rugido do helicóptero como cobertura, ela tinha estilhaçado uma das garrafas antigas das prateleiras por cima da sua cabeça em cada um dos pontos de entrada: duas janelas e a porta.

Usando o ruído para se guiar, ela levantou-se de repente e fez pontaria com a sua única arma. Uma sombra agachou-se a três metros de distância, a sua silhueta recortada contra o clarão do fogo. Ela premiu o gatilho. Uma centelha azul incandescente saiu disparada e atingiu o vulto. Um grito agudo de dor incapacitante seguiu-se quando os dardos da taser o atingiram.

Ela saltou sobre o balcão ao mesmo tempo que o assaltante desabava no chão, contorcendo-se em agonia. Ela apontou a taser X3 e disparou uma segunda vez para o silenciar. Não se ia arriscar. A arma aguentava uma

terceira carga, mas ela sabia que não era suficiente. Fora por isso que preparara a emboscada no armazém.

Jenna atravessou o espaço até ao homem — agora inconsciente, talvez morto — e aliviou-o da espingarda. Meteu a taser no coldre e rapidamente passou a mão sobre a arma automática dele. Embora raramente andasse com uma espingarda automática, tinha tido o treino obrigatório com armas. A espingarda parecia ser uma *Heckler & Koch*, modelo 416 ou 417. De qualquer modo, era idêntica à *AR-15* com que tinha treinado na carreira de tiro.

Correu para a porta, apoiou-se num joelho e levantou a espingarda. Estudou o terreno à sua frente. O grito do soldado não escapara à atenção dos outros caçadores. Através do fogo e do fumo, homens corriam agachados entre as ruínas em chamas da cidade-fantasma. Estavam a tentar cercá-la. Ela apontou para o homem mais próximo e disparou uma rajada de tiros. A terra explodiu sob os seus pés, mas uma rajada atingiu o homem na perna esquerda e atirou-o violentamente contra o solo.

Os outros correram para se abrigar. Embora não os detivesse, a sua investida atrasá-los-ia. Uma barragem de tiros pulverizou a fachada do armazém. As balas furaram a madeira como brasas de carvão através de papel. Mas ela já estava em movimento, correndo para se abrigar atrás do sólido balcão de madeira. Resistiria ali até ao fim, tencionando liquidar o maior número possível dos seus adversários.

Uma vez em posição, ela encostou a espingarda ao balcão e procurou o alvo seguinte com a mira de visão noturna. Manteve a vigilância sobre as duas janelas e a porta. Levou-lhe algum tempo para se habituar ao *zoom*. Por um momento, avistou um homem à distância, em terreno aberto. Embora ele não constituísse uma ameaça imediata, os seus movimentos descontrolados atraíram momentaneamente a sua atenção.

Ele corria para a cidade-fantasma, com a espingarda a cair-lhe de repente das mãos; em seguida, tombou de joelhos. As suas costas arquearam-se num espasmo antes de desabar de lado com um ataque apoplético. Ela lembrou-se da lebre e de súbito soube o que levaria o helicóptero a partir.

Aquele mar tóxico devia estar a subir, começando a inundar o cume da colina.

O seu dedo tremeu sobre o gatilho da espingarda, reconhecendo a futilidade da sua louca tentativa para resistir. Por muitos soldados que matasse, no fim estavam todos condenados.

Pensou em *Nikko* escondido debaixo do trator. Ela sabia que ele ainda estava ali, obedecendo à sua última ordem, sempre leal. Ela esperara que o seu sacrifício pelo menos o protegesse, lhe desse a oportunidade de ser encontrado pela equipa de resgate enviada por Bill Howard.

Nikko... desculpa-me.

Um vulto apareceu na janela à sua direita. Com um nó escaldante de raiva nas suas entranhas, ela disparou selvaticamente, apontando para o centro do corpo, e viu com satisfação o corpo do homem desaparecer da sua vista. Uma nova barragem de fogo inimigo rasgou o armazém. Soou como se mil motosserras estivessem a abater uma floresta. Fragmentos de madeira seca choveram a toda a sua volta.

Ela baixou-se mais, mas manteve a espingarda apontada sobre o balcão. Sempre que avistava uma sombra em movimento, disparava. A dada altura, começou a chorar. Só percebeu que chorava quando a sua visão se nublou, exigindo-lhe que enxugasse os olhos.

Por um segundo, ela afundou-se sobre os joelhos, derrotada, lutando por compreender as suas lágrimas. Era medo, desespero, raiva, dor?

Provavelmente, tudo junto.

Fizeste tudo o que podias, pensou, tentando animar-se, mas aquele pensamento não lhe trouxe qualquer conforto.

20h52

Kendall sentou-se pesadamente no seu lugar, novamente prisioneiro. Observou a paisagem em baixo, tentando perceber para onde estava a ser levado. Tinham finalmente ultrapassado a mortalha de gás neurotóxico, deixando as montanhas para trás. Pareciam dirigir-se agora para leste sobre o deserto do Nevada. Porém, o terreno escuro em baixo não tinha sinais distintivos, quaisquer pontos de referência.

O homem corpulento sentado à sua frente tinha estado durante quase todo o voo embrenhado numa conversa irritada com o piloto. Kendall tentou ouvir o máximo possível fingindo desinteresse, mas a maior parte da conversa desenrolara-se num dialeto espanhol obscuro. Conseguira apanhar algumas frases; outras eram uma algarviada incompreensível.

Se tivesse de adivinhar a origem da equipa, cravaría uma bandeira algures na América do Sul. Colômbia, talvez Paraguai. Provavelmente, esta conclusão era preconceituosa, devendo-se à aparência da equipa de assalto. Eles eram claramente paramilitares, todos da mesma nacionalidade. Para homens, tinham uma estatura baixa, com rostos redondos e olhos pequenos, a pele bexigosa cor de café e manchada. A exceção era o líder. Tinha perto de dois metros, um gigante para qualquer nacionalidade.

Pela conversa, Kendall estava bastante certo de que o nome do homem era Mateo, enquanto o do piloto era Jorge.

Como que atraído pelos seus pensamentos, o homem da cicatriz virou-se para ele. Empunhava uma faca. Kendall encolheu-se, temendo as suas

intenções, mas o homem agarrou-o brutalmente pelo ombro e virou-o o suficiente para cortar as algemas de plástico dos seus pulsos.

Com as mãos livres, Kendall esfregou com alívio a pele esfolada, fazendo uma careta de dor. Considerou tentar chegar à espingarda pousada no assento, mas sabia que o outro era rápido a mover-se. Qualquer tentativa desse género valer-lhe-ia provavelmente outra pancada no crânio, e a cabeça ainda lhe doía de ter sido golpeada com a coronha da espingarda anteriormente, uma lição bem aprendida.

O piloto inclinou-se para trás e entregou um telemóvel a Mateo, que ele por sua vez passou a Kendall.

— Tu, ouve. Faz o que te disserem.

Kendall viu que uma chamada já estava em curso. A identidade do interlocutor dizia simplesmente DESCONHECIDO.

Levou o telemóvel ao ouvido.

— Está? — perguntou, odiando como soava medroso.

— Ah, doutor Hess, já não era sem tempo que nos falássemos de novo.

Kendall sentiu o sangue fugir-lhe do corpo.

Não pode ser...

Porém, reconhecia a voz. A rica tonalidade de tenor e a pronúncia britânica eram inconfundíveis. Kendall não tinha qualquer dúvida de que o homem do outro lado da linha era o homem que tinha orquestrado o ataque.

Engoliu em seco, sabendo que o que estava em curso era mil vezes pior do que podia suspeitar. Apesar da impossibilidade daquilo, não podia ignorar a verdade.

Fui raptado por um homem que já morreu.

No centro da crescente tempestade de fogo, Jenna agachou-se atrás do balcão do armazém. Buracos crivavam as paredes. O pó da madeira enchia o espaço. A escalada das explosões ameaçava ensurdecê-la. A única coisa que a mantinha a salvo era a espessura de madeira sólida do balcão. Porém, mesmo esse refúgio não podia aguentar muito mais sob semelhante barragem de fogo.

Um forte som surdo.

Ela visualizou o helicóptero da equipa de assalto a voltar, numa tentativa de resgatar os homens que tinham ficado para trás. No entanto, segundos depois, deflagrou uma violenta explosão no local de onde vinha o tiroteio mais pesado. Ela sentiu a onda de impacto como um murro no peito.

Depois, outra explosão à sua direita.

Confusa, ela recuou. O ataque contra a frente do armazém parou subitamente, mas não o tiroteio. De facto, este tornou-se mais intenso lá fora — mas já não era dirigido contra a sua posição.

Atordoada, ela pôs-se de pé, mantendo a espingarda em riste.

O que é que...

Uma forma escura saltou mesmo à sua frente. Uma mão agarrou o cano da espingarda e arrancou a arma das suas mãos. Era o homem que ela tinha atingido com a taser. Simplesmente, ele só estava inconsciente, não morto. No seu desespero, ela tinha-se esquecido de confirmar o seu estado.

Ele lançou-se contra ela com uma adaga.

Ela desviou-se no último segundo, mas a lâmina afiada abriu um sulco na sua clavícula. O ímpeto do golpe fez parte do tronco do homem ficar sobre o balcão. Ela sacou o X3 do coldre, apontou aos olhos e carregou no gatilho. A explosão do último carregador da arma atirou a cabeça do homem para trás.

Ele desabou, inerte, e ficou esparramado sobre o balcão.

Movida a adrenalina, ela rolou sobre o balcão e recuperou a espingarda. Arquejante, cambaleou em direção à porta. Por essa altura, já a troca de tiros lá fora se tinha transformado em rompantes esporádicos e, quando ela chegou à porta, mesmo isso tinha acabado.

Tudo o que restava era o ruído característico dos rotores do helicóptero.

Ela procurou no céu carregado de fumo.

Formas caíam da noite.

Paraquedistas.

Caíam em direção aos incêndios em baixo. Equipamento de visão noturna ocultava os seus rostos; nas mãos, seguravam espingardas automáticas. Ela viu um paraquedista disparar para a cidade-fantasma e em seguida um grito lá em baixo. À distância, um helicóptero militar aproximava-se e baixava em direção à pradaria.

Jenna conseguia adivinhar a origem desta força de resgate. O Mountain Warfare Training Center, o Centro de Treino para a Guerra na Montanha, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos situava-se a apenas cinquenta quilómetros do lago Mono. Eles deviam ter sido mobilizados logo que o pedido de socorro fora enviado da base. Aquelas últimas palavras arrepiantes tinham provocado uma resposta imediata.

Matar-nos... matar-nos a todos.

Mas como é que os fuzileiros a tinham encontrado tão depressa? Pelos incêndios?

De súbito, Jenna adivinhou a razão mais provável. Ela visualizou a sua carrinha abandonada com o *airbag* aberto. O choque desencadeara um alerta automático do GPS. Bill Howard devia tê-lo captado depois de a sua última comunicação com ele ter sido cortada. Conhecendo-o como conhecia, ele certamente lançara um SOS com a sua última localização.

Uma onda de alívio percorreu-a, mas também se lembrou do corpo tomado de convulsões de um dos assaltantes. Os paraquedistas estavam a cair bem no meio daquela maré de toxinas. Ela tinha de os avisar do perigo.

Indiferente a que ainda houvesse algum inimigo no terreno, ela abandonou o seu refúgio e correu para fora. Acenou para o paraquedista mais próximo de si. Recuou quando ele virou a arma na sua direção.

— Pertença à Guarda Florestal do parque! — gritou ela.

A arma continuou apontada para Jenna até o paraquedista aterrar. Com uma mão, ele desprende o seu paraquedas e deixou-o ondular para longe. Outros atingiram o chão no cume da colina e na cidade-fantasma, ocupando o terreno.

— Jenna Beck? — perguntou o fuzileiro, aproximando-se dela. Com o equipamento de visão noturna ainda no rosto, era uma figura ameaçadora.

Ela estremeceu, mas não por medo dele.

— Isto aqui não é seguro.

— Nós sabemos. — Ele agarrou-a pelo braço. — Estamos aqui para a escoltar para o helicóptero e pô-la a salvo. Mas temos de nos apressar. A deslocação de ar das pás do helicóptero só manterá o gás ao largo por pouco tempo.

— Mas...

Outro fuzileiro juntou-se a eles e agarrou-lhe no outro braço, apertando dolorosamente a ferida superficial de bala daquele lado. Eles dirigiram-na à força e rapidamente para o helicóptero que os esperava. Os outros paraquedistas rodearam-nos.

— Esperem — exclamou ela, debatendo-se para libertar os braços.

Foi ignorada.

Um grito ouviu-se à sua esquerda. Um dos inimigos ergueu-se do seu esconderijo com uma pistola nas mãos. Ela reconheceu o homem que tinha

atingido na perna. Espingardas foram apontadas, mas os fuzileiros abstiveram-se de disparar. Um dos fuzileiros correu para o homem pelo seu ângulo de visão cego, claramente tencionando capturá-lo.

Porém, o homem levou a pistola à sua própria cabeça e premiu o gatilho.

Jenna olhou para o lado, agoniada.

Claramente, a equipa de assalto tinha ordens para não se deixar capturar ou interrogar. De novo, ela ficou impressionada com o seu inabalável sentido de dever. Fossem eles quem fossem, estavam firmemente determinados a cumprir o seu objetivo.

Ao chegar a campo aberto, os dois fuzileiros arrastaram-na entre eles. Os seus pés mal tocavam o chão. Alcançaram o enorme helicóptero de transporte, as poderosas pás do rotor quase a cegaram com o pó e a terra que levantavam.

Não.

Ela tentou firmar os calcanhares no chão. Não o conseguindo, pontapeou o paraquedista à sua esquerda. Atingiu-o com um golpe repentino no joelho. Apanhado de surpresa, ele cambaleou para o lado, libertando-a.

Ela virou-se para a cidade-fantasma, levantou o braço livre e pôs dois dedos na boca. Lançou um assobio alto e estridente, um chamamento agudo.

— Não temos mais tempo — disse o fuzileiro que a agarrava com força.

O seu companheiro voltou e juntos empurraram-na para a cabina de passageiros aberta. Os outros oito fuzileiros apressaram-se a juntar-se a eles. Ela debateu-se à entrada.

— Não! Esperem! Só mais alguns segundos.

— Não temos esses segundos.

Ela foi levantada e empurrada para dentro do helicóptero. O resto da equipa de resgate amontoou-se atrás dela. No meio do caos, ela manteve-se firmemente agarrada a uma pega junto da porta aberta, procurando pela pradaria cheia de fumo e a orla da cidade-fantasma.

Vem, Nikko.

Ela não tinha uma visão desimpedida da carrinha onde deixara o seu companheiro. Estaria ainda vivo? Recordou as explosões atroadoras que tinham antecedido a chegada dos fuzileiros. Eles deviam ter disparado granadas-foguete para abrandar o inimigo. Uma das espirais de fumo encontrava-se próxima do local onde estava a carrinha enferrujada.

Na sua tentativa de salvar *Nikko*, teria provocado a sua morte?

Com toda a gente a bordo, os motores do helicóptero rugiram mais alto. As rodas ergueram-se acima da erva.

Então, ela detetou movimento, uma forma a correr através dos arbustos espinhosos da orla da cidade-fantasma.

Nikko.

Ela chamou-o de novo, assobiando. O cão correu ainda mais em direção ao helicóptero que se erguia, mas o aparelho já estava a metros do chão. Recusando-se a abandoná-lo, ela saltou pela porta aberta da cabina e aterrou de cócoras na terra poeirenta.

Gritos zangados elevaram-se acima dela.

E *Nikko* estava ali, saltando para os seus braços, atirando-a para trás. O cão arfava junto ao seu rosto, contorcendo-se de alívio. Ela abraçou-o com força, pronta a enfrentar tudo o que surgisse — desde que estivessem juntos.

Então, mãos agarraram-na por trás, puxando-a para cima. Sem que as rodas tocassem sequer o chão, o helicóptero baixara o suficiente para os resgatar.

Jenna colou-se a *Nikko*, levando-o com ela para a cabina. Caiu de costas, com *Nikko* em cima dela.

A porta fechou-se atrás deles.

O fuzileiro que a tinha agarrado primeiro inclinou-se sobre ela. Tinha tirado o seu equipamento de visão noturna, revelando um rosto jovem e rude com uma barba de vários dias. Ela esperava ser admoestada, repreendida pelo seu ato temerário.

Em vez disso, ele deu-lhe uma palmadinha no ombro e ajudou-a a levantar-se.

— O meu nome é Drake. Não me tinham dito nada sobre o cão — disse ele num tom apoloético. — Os fuzileiros nunca deixam um soldado para trás. Mesmo um de quatro patas.

— Obrigada — retorquiu ela.

Ele encolheu os ombros e ajudou-a a sentar-se, depois coçou *Nikko* no pescoço.

— Lindo menino.

Ela sorriu, simpatizando já com o rapaz. Além disso, o mesmo podia dizer do fuzileiro.

Lindo menino.

Nikko saltitou sobre as patas, tentando olhar para todo o lado ao mesmo tempo, mas manteve-se firmemente junto das suas pernas, recusando-se a separar-se dela.

Sinto o mesmo, meu amigo.

Ela ficou a olhar fixamente pela janela à medida que o helicóptero se inclinava para um dos lados. Avistou à distância a cintilação prateada do lago Mono, ainda livre da nuvem tóxica que alastrava. Se os fuzileiros sabiam do gás neurotóxico, então seguramente Bill Howard também sabia e já estaria a preparar a evacuação da área imediata.

O helicóptero oscilou e dirigiu-se para longe do lago.

Franzindo a testa, fitou Drake.

— Para onde vamos?

— De volta ao MWTC.

Ela virou-se de novo para a janela. Portanto, regressavam ao Mountain Warfare Training Center. Não era uma surpresa, considerando que a base de investigação tinha sido primeiro uma base militar. No entanto, as suspeitas invadiram-na.

Drake aumentou a sua preocupação com um último pormenor.

— Parece que há um homem de D.C. que quer muito falar consigo. Ele deve chegar ao centro mais ou menos à mesma hora que nós.

Jenna não gostou do som daquilo. Inclinou-se e afagou *Nikko* com força, ao mesmo tempo que soltava disfarçadamente o telemóvel da coleira do cão. De costas para o grupo, fê-lo deslizar para o bolso. Até que soubesse mais, tencionava jogar as suas cartas junto ao peito. Em especial, depois de tudo por que tinha passado, de tudo o que tinha arriscado.

— Logo que ele a interrogar — rematou Drake —, poderá regressar a casa.

Ela não respondeu, mas apertou com mais força a mão à volta do telemóvel escondido, refletindo sobre o burocrata de Washington.

Sejas quem fores, não te vais livrar de mim tão facilmente.

27 de abril, 21h45 PDT

Floresta Nacional de Humboldt-Toiyabe, Califórnia

— Estamos a fazer a aproximação final — anunciou o piloto pelo rádio. — Aterramos dentro de dez minutos.

Painter olhava fixamente por baixo das asas da aeronave à medida que uma pradaria se tornava visível, aninhada bem no meio das montanhas da Sierra Nevada. Algumas luzes brilhavam num conjunto de edifícios e casas em baixo, sinalizando uma das mais remotas bases dos EUA. O Mountain Warfare Training Center ocupava 20 000 hectares da Floresta Nacional de Humboldt-Toiyabe. Ficava literalmente no meio do nada a 2000 metros de altitude, o lugar perfeito para treinar soldados para operações militares em terreno montanhoso e clima frio. Dizia-se que a formação aqui era a mais rigorosa e dura de todo o mundo.

— Tens notícias recentes? — perguntou-lhe Lisa, agitando-se no assento extra ao lado dele, com uma pilha de notas científicas sobre o colo. Ela olhava para ele sobre os óculos de leitura. Ele gostava da sua aparência.

— Gray e os outros ainda estão a trabalhar com o doutor Raffee no centro de comando da Sigma. Estão a reunir informação sobre o que

realmente se está a passar naquela base. Parece que só muito poucos têm conhecimento detalhado da pesquisa secreta do doutor Hess.

— O Projeto Neogénesis — rematou Lisa.

Ele anuiu com um suspiro.

— Como chefe do projeto, Hess manteve todos os detalhes limitados a um pequeno círculo de colegas, e a maior parte deles estava no local quando a contenção de fosse o que fosse falhou. Não se sabe o que aconteceu aos que estavam na base. Até que essa nuvem tóxica se dissipasse ou seja neutralizada, ninguém se pode aproximar do local.

— E o que se passa com o meu pedido de fatos de proteção para ameaça biológica? Devidamente equipados, poderemos bater a área a pé.

Ele sabia que Lisa queria chefiar essa expedição. Gelava-o imaginá-la a aventurar-se naquele miasma tóxico usando um fato com um aparelho respiratório isolante, como um mergulhador de águas profundas em águas infernais.

— Por agora e até que saibamos mais, ninguém se aproxima dali. A evacuação ainda prossegue com a ajuda das autoridades locais e dos militares. Estamos a estabelecer um perímetro de segurança de oitenta quilómetros à volta da base.

Ela suspirou e olhou pela pequena janela ao lado do seu assento.

— Ainda me parece inacreditável que uma coisa destas possa ter acontecido. Em especial, sem que ninguém soubesse o que é que se passava realmente nessa base.

— Ficarias surpreendida se soubesses como isso é comum. Desde o Onze de Setembro tem havido um grande reforço nos gastos com a biodefesa, o que resultou numa enorme quantidade de laboratórios de biossegurança nível 4 a surgirem por todo o país. Com fundos privados, estatais ou de universidades. Estes laboratórios lidam com o pior do pior, agentes para os quais não há vacina ou cura.

— Como o Ébola, o Marburgo ou a febre de Lassa.

— Precisamente, mas também microrganismos que estão a ser desenvolvidos para serem usados como armas, tudo em nome de nos prepararmos para o inevitável, para estarmos um passo à frente do inimigo.

— Que tipo de supervisão existe?

— Muito pouca, e sobretudo independente e fragmentada. Atualmente, há cerca de quinze mil cientistas autorizados a trabalhar com agentes patogénicos mortais, mas há *zero* agências federais encarregadas de avaliar os riscos de todos estes laboratórios, muito menos manter um registo do seu número. Como consequência, tem havido inúmeros relatos de erros na manipulação de agentes patogénicos contagiosos, de tubos que desaparecem, relatórios insuficientes. Por isso, quando se dá um acidente como este, não era uma questão de *se* mas de *quando* aconteceria.

Ele ficou a olhar pela janela, para sul, na direção do fumo tóxico. Já tinha sido informado sobre as contramedidas tomadas pela base: uma mistura de um agente paralisante e um gás neurotóxico, tudo para combater o que quer que tivesse escapado, para matar qualquer vetor vivo que o pudesse transmitir ou permitir-lhe que se espalhasse.

— O génio está fora da lâmpada — murmurou ele, referindo-se não apenas aos acontecimentos naquele lugar, mas também à rápida escalada dos projetos de bioengenharia em curso por todo o país.

Virou-se para Lisa.

— E não é só com estas instalações autorizadas que temos de nos preocupar. Em garagens, sótãos e centros comunitários locais, laboratórios de genética caseiros brotam em qualquer lugar. Com pouco dinheiro, pode-se aprender a fazer as suas próprias experiências genéticas, até patentear as suas criações.

Que empreendedores. Parece que os ciberpunks do passado se tornaram os biopunks de hoje.

— Só agora eles começaram a piratear o código genético em vez dos códigos informáticos. E de novo com pouca e nenhuma supervisão. Neste momento, o governo depende da autorregulação destes embriões de laboratórios.

— A súbita escalada do número de laboratórios não me surpreende.

— Porquê?

— O custo do equipamento e materiais de laboratório está em queda há anos. O que no passado custava dezenas de milhares de dólares pode agora ser feito com cêntimos. A par disto, tem havido um aumento de velocidade crescente. Atualmente, o ritmo da nossa capacidade de ler e escrever o ADN decuplica a cada ano que passa.

Ele calculou mentalmente as implicações. Aquilo queria dizer que em dez curtos anos a engenharia genética poderia ser dez mil milhões de vezes mais rápida.

Lisa continuou.

— As coisas estão a mover-se a velocidades alucinantes. Um laboratório já conseguiu criar a primeira célula sintética. E precisamente há um ano os biólogos criaram um cromossoma artificial, sintetizando uma levedura viva e funcional do nada, com espaços no seu ADN onde planeiam inserir fragmentos específicos num futuro próximo.

— Levedura por medida. Fantástico.

Lisa encolheu os ombros.

— E há implicações ainda mais sinistras com o génio fora da lâmpada. Não é só com acontecimentos acidentais que temos de nos preocupar. Estive a ler sobre o programa Kickstarter, em que por quarenta dólares um grupo de jovens biopunks empreendedores envia cem sementes de um tipo de erva daninha que tem incorporado um gene que a faz brilhar.

— Ervas daninhas que brilham no escuro? Para quê?

— Por brincadeira, maioritariamente. Querem que os seus investidores espalhem as sementes por todo o lado. Já têm cinco mil apoiantes, o que quer dizer que cerca de quinhentas mil sementes sintéticas podem ser lançadas por todos os Estados Unidos num futuro próximo.

Painter sabia que aqueles casos eram meramente a ponta de um perigoso icebergue. O general Metcalf — o diretor da DARPA e seu chefe — tinha dito que um dos grandes receios da segurança interna era a vulnerabilidade dos laboratórios a agentes estrangeiros. Uma organização terrorista podia facilmente infiltrar um estudante recém-formado ou um doutorado numa dessas instalações de bioarmas, tanto para obter um agente patogénico mortal como para obter o treino necessário para o fazer no seu próprio laboratório.

Painter estudou as montanhas distantes envoltas em nevoeiro.

Teria alguma coisa desse género acontecido aqui? Teria sido um ato de terrorismo?

Para responder a essa mesma pergunta — e observar o local em primeira mão —, o general Metcalf ordenara a Painter que voasse para aquela base remota dos fuzileiros. O Mountain Warfare Training Center tinha-se tornado o palco oficial para supervisionar o desastre. Ele devia agir em conjunto com o coronel que dirigia o centro, onde todos os recursos já estavam a ser reunidos.

Painter podia ter deixado Lisa para trás, mas os seus conhecimentos e perspicácia já tinham provado ser inestimáveis. Além disso, ela insistira em vir, com os olhos a brilharem de expectativa. Ele cobriu as mãos de Lisa com a sua, entrelaçando os dedos nos dela como se estivessem ligados para sempre. Como podia recusar alguma coisa à sua futura noiva?

Esta complacência era parte da razão por que tinham um terceiro companheiro para este voo. Josh Cummings, o irmão mais novo de Lisa,

sentado no *cockpit*, entabulava uma animada conversa com a equipa de voo. Neste momento, Josh apontava para a pista de aterragem em baixo. Aquele era o aeródromo mais importante da base dos fuzileiros, um local que o jovem tinha visitado várias vezes no passado e a outra razão por que ele ia nesta viagem.

Como a irmã, Josh era magro e louro. Podia facilmente ser confundido com um surfista californiano, mas a paixão de Josh não era o mar e o sol, mas as alturas e os abruptos precipícios rochosos. Era um montanhista reconhecido, que tinha escalado a maioria dos picos mais altos do mundo nos seus vinte e cinco anos, colecionando elogios pelo seu talento e criando um pequeno negócio com muitas patentes na conceção de equipamento.

Em resultado disso, desenvolvera uma relação de trabalho com a base dos fuzileiros como consultor civil. Tinha até usado o gorro vermelho de instrutor dos Mountain Warfare, conhecidos simplesmente como Red Hats. Poucos civis tinham conquistado o direito de usar aquele gorro, de ensinar aos soldados os segredos da exploração da montanha, o que era um testemunho da perícia de Josh.

Porém, à parte o gorro, poucas pessoas confundiriam Josh com um fuzileiro. Usava o cabelo pelos ombros e tinha uma despreocupada indiferença pela autoridade. Mesmo a sua maneira de vestir era tudo menos militar. Por baixo de um casaco de pele de carneiro — que Josh tinha ganhado a um xerpa numa noite de póquer dentro de uma tenda na encosta do K2 durante uma tempestade de neve —, usava uma camisola térmica cinzenta para climas frios com o logótipo da sua empresa. Este consistia numa cordilheira com a montanha mais alta no meio. Parecia claramente um punho num gesto obsceno.

Definitivamente, sem aprovação militar.

Na maior parte do ano, Josh vivia com a mochila às costas, mas estava na cidade para o casamento e fez questão de acompanhar a irmã até à base. Painter concordara sem reservas. Josh conhecia a maior parte do pessoal da base e podia dar o aval a Painter, ajudando-o a apaziguar os fuzileiros por a Sigma estar a invadir o seu território. Além da instrução que Josh lhes dera no passado, ele tinha um conhecimento profundo do terreno, o que poderia vir a ser útil.

Josh provava isso agora mesmo, gritando instruções para se fazer ouvir sobre o ruído dos motores.

— Aterrem na extremidade norte do aeródromo. Cuspirão menos areia. É onde os fuzileiros fazem a maior parte do treino de V/STOL.

Lisa olhou para Painter, arqueando inquisitivamente uma sobrancelha.

— Descolagem vertical e aterragem — traduziu ele. Se havia coisa de que as forças armadas gostavam mais do que das suas armas, era dos seus acrónimos.

Imóvel, Painter não conseguiu evitar uma certa excitação à medida que a aeronave se preparava para aterrar. Viajavam a bordo de um *MV-22 Osprey*, cortesia do Centro de Combate Ar-Terra do Corpo de Fuzileiros de Twentynine Palms, nos arredores de Los Angeles. O invulgar veículo era conhecido como *tiltrotor*, assim chamado pela sua capacidade de se transformar de um avião tradicional de turbo-hélice num aparelho semelhante ao helicóptero ao rodar os motores na extremidade de cada asa.

Contorcendo-se no seu lugar, Painter viu as hélices rodarem lentamente da vertical para a horizontal. A velocidade para a frente abrandou rapidamente até o avião pairar com perícia sobre o aeródromo; então o maciço aparelho baixou em direção ao chão. Momentos depois, as rodas tocaram-no.

Lisa deixou escapar num longo suspiro o ar que devia estar a reter.

— Isto foi espantoso.

Painter reparou noutros dois *Ospreys* estacionados um pouco mais afastados, com equipas a trabalharem à volta deles, dando a ideia de que tinham acabado de chegar, uma parte da mobilização que acontecia aqui. Um punhado de outros helicópteros dos fuzileiros ponteavam o aeródromo.

— Parece que toda a gente aceitou o teu convite — disse Lisa.

Antes de deixar o litoral, Painter delineara um esboço grosseiro da ordem das operações para esta missão: busca e resgate, evacuação, quarentena do local, investigação e limpeza final. As primeiras três já estavam em curso, permitindo à equipa de Painter proceder de imediato à investigação.

Ele sabia por onde queria começar. Os primeiros a responder à chamada — uma equipa de busca e resgate dos fuzileiros — tinham salvado a vida a uma testemunha, uma guarda-florestal do parque que por acaso estava no local quando a base explodiu. Painter tinha ouvido falar do tiroteio no topo de uma colina próxima, o que levantava um sério mistério: *quem eram os homens daquela força hostil e o que tinham eles que ver com o que tinha transpirado da base?*

Apenas uma pessoa tinha virtualmente a resposta.

E pelo que Painter ouvira no caminho... ela não falava.

22h19

Jenna não se deu ao trabalho de verificar a maçaneta da porta. Ela sabia que estava trancada lá dentro. Percorreu o espaço. A avaliar pelo quadro negro em frente de uma fila de cadeiras, calculou que fosse uma pequena sala de aula. Da janela de um terceiro andar, avistou um teleférico

escuro à distância e uma fieira de cavalaria. Mesmo abaixo dela, uma ambulância afastava-se lentamente do edifício.

A equipa de emergência médica de partida já examinara os seus ferimentos: tinham-lhe enfaixado o braço, suturado as pequenas lacerações na clavícula e, finalmente, injetado antibióticos. Perguntaram-lhe se queria uma injeção para as dores, mas ela optara por simplesmente tomar ibuprofeno.

Tenho de manter a cabeça lúcida.

Porém, a sua fúria crescente não estava a ajudar.

Nikko, esparramado no chão, observava-a, os seus olhos a seguirem-na enquanto ela andava indignada de um lado para o outro da sala de aula. Uma taça de água e um prato vazio encontravam-se ao seu lado. Um tabuleiro com uma sanduíche de fiambre embrulhada em celofane e um pacote de leite estava pousado numa das secretárias. Ela ignorou-o, ainda longe de lhe apetecer comer.

Ela consultou o relógio.

Quanto mais tempo me vão manter aqui?

O fuzileiro que a resgatara — o sargento de artilharia Samuel Drake — dissera-lhe que o seu testemunho seria recolhido por alguém de Washington. Porém, já se tinha passado uma hora desde que ali chegara.

Onde diabo está esse tipo?

O comandante da base tinha vindo ver como é que ela estava e fizera-lhe algumas perguntas, mas ela remetera-se a um silêncio obstinado. Ela contaria a sua história, mas só depois de obter algumas respostas.

Um arrastar de pés e um ruído metálico atraíram a sua atenção para a porta.

Finalmente...

Ela recuou alguns passos e cruzou os braços sobre o peito, pronta a lutar. A porta abriu-se, mas não era o homem de que estava à espera. O

sargento de artilharia entrou. Parecia retemperado, o cabelo castanho-escuro estava molhado e penteado para trás. Usava um par de calças de caqui largas e uma *t-shirt* a condizer colada ao corpo, revelando os seus braços musculados.

Embora ela quisesse mostrar-se perturbada com a intrusão, deu por si a descruzar os braços, fazendo o seu melhor para parecer despreocupada. Tinha a certeza de que estava a falhar redondamente.

Ele sorriu-lhe, o que não ajudou.

— Só vim trazer um presente de um amigo — disse ele. A sua voz era de um baixo profundo, parecendo mais calorosa do que anteriormente, não mais seca e dura pelo peso do comando. — Pensei que talvez gostasse de partilhar comigo.

Ele levantou um braço, mostrando um grande saco de papel pardo, ligeiramente húmido no fundo.

— O que é?

Ela aproximou-se e um aroma familiar assaltou-a.

Não pode ser.

— Costeletas de porco do Bodie Mike's Barbecue — confirmou ele. — E também salada de repolho e batatas fritas.

— Como...? — perguntou ela gaguejando, confusa.

Ele sorriu ainda mais abertamente, mostrando uns dentes perfeitos.

— Temos gente a voar entre este lugar e o lago Mono, para coordenar a evacuação. Parece que um amigo seu decidiu enviar uma encomenda de Lee Vining antes de a cidade ser evacuada. Ele calculou que pudesse estar esfomeada depois de toda aquela confusão.

Apenas uma pessoa sabia que ela estava ali.

Ela sorriu pela primeira vez no que pareciam séculos.

— Bill, era capaz de te beijar

Os olhos escuros de Drake cintilaram de divertimento.

— Se quiser, posso servir-lhe de mensageiro.

— E que tal limitar-me a dividir as batatas consigo? — Ela dirigiu-se a uma das secretárias.

— E que tal umas costeletas?

— Nem pensar. São todas para mim.

Ele arrastou uma secretária para mais perto de Jenna e passou uma perna sobre uma cadeira para se sentar ao lado dela. Quando ele rasgou o saco para o abrir, Jenna recuperou rapidamente o apetite. Estava ela a meio das costeletas, com *Nikko* firmemente instalado aos seus pés com uma expressão esperançosa no focinho, quando a porta se voltou a abrir.

Um contingente de estranhos entrou. Devia ser o destacamento de D.C. Depois de ter esperado tanto tempo, agora ela gostaria que se fossem embora e voltassem mais tarde.

Ela limpou os dedos.

Drake pôs-se de pé rapidamente e endireitou-se quando o comandante da base entrou com os outros.

— Coronel Bozeman.

— À vontade, Drake...

O comandante parecia estar no início dos sessenta anos, com cabelo prateado a condizer com a águia pousada sobre filas de fiadas coloridas na sua camisa de caqui. Os seus olhos pousaram na refeição meio acabada.

— Não queria interromper, menina Beck, mas este é o diretor Painter Crowe, adjunto da DARPA. Ele quer fazer-lhe algumas perguntas antes que possa voltar para junto dos seus colegas.

Os dois acompanhantes do homem foram apresentados. Eram claramente aparentados, provavelmente irmão e irmã, talvez mesmo gémeos, mas ela concentrou-se no homem à sua frente. O recém-chegado tinha cabelo negro, com um única madeixa branca puxada para trás da orelha. A cor da sua pele denunciava claramente a sua ascendência nativo-

americana, mas os penetrantes olhos azuis indiciavam também sangue europeu. Ela queria zangar-se com ele, mas alguma coisa na sua atitude desarmou-a. Talvez fosse a sombra de um sorriso caloroso ou a centelha de inteligência naqueles olhos. Claramente, aquele homem não era um burocrata intrometido ou um agente dos serviços de informação condescendente.

Imóvel, percebeu que a sua mão dissimulava o telemóvel no seu bolso.

Quero respostas.

Crowe virou-se para o coronel.

— Podemos falar em privado?

— Certamente. — Bozeman acenou a Drake. — Vamos deixá-los a sós.

Drake seguiu-o para fora da sala, mas não sem antes cumprimentar com o punho o homem louro que continuava encostado à porta.

— É bom ver-te, Josh.

— Gostaria que fosse noutras circunstâncias.

— Eu também. — Sorriu abertamente. — Mas é por isso que nos pagam tão bem, não é?

Quando os dois fuzileiros saíram fechando a porta, Crowe virou a sua atenção para Jenna.

— Menina Beck, passou por muita coisa, mas gostaria que nos desse alguma informação adicional sobre o que aconteceu hoje. Conte-me o que se passou com tanto pormenor quanto possível. Estou particularmente interessado no grupo de homens que a atacaram no topo da colina.

Ela manteve-se firme.

— Não antes de me dizer o que é que realmente se passa dentro desta instalação de pesquisa, que está a pôr toda a bacia em risco. Não apenas o já frágil ecossistema que demorou milénios a formar-se, mas também os meus amigos e colegas.

— Gostaria de lhe poder dizer — retorquiu ele.

— Gostaria, mas não o fará?

— Para ser honesto, não sabemos qual é exatamente a natureza da investigação. A base era chefiada pelo doutor Kendall Hess, um sujeito muito reservado.

Jenna franziu a testa, lembrando-se do exobiólogo que tinha ido ao lago Mono. Recordou a conversa com ele enquanto tomavam um café no Bodie Mike's. Mesmo nessa altura, chamara-lhe a atenção o facto de ele ser tão reservado, de escolher tão cuidadosamente as palavras.

— Eu conheci-o — admitiu ela — quando ele andou a recolher amostras da lama do fundo do lago.

Crowe virou-se para trás para a sua companheira, Lisa Cummings. Trocou um olhar de entendimento com ela, como se os dois estivessem a avaliar se este pormenor era importante ou não.

Jenna olhou para um e para outro, franzindo ainda mais a testa.

— Em que é que o doutor Hess estava a trabalhar?

Crowe virou-se para ela outra vez.

— Tudo o que sabemos com alguma certeza é que ele estava a estudar e a fazer experiências com formas de vida exóticas.

— Extremófilos — exclamou Jenna acenando com a cabeça, recordando os pormenores da sua breve conversa. — Ele disse que andava à procura de organismos fora do comum... bactérias, protozoários... qualquer coisa que pudesse ter desenvolvido estratégias únicas para sobreviver em ambientes inóspitos.

Lisa aproximou-se.

— Mais precisamente, ele estava a investigar biosferas-sombra, ambientes em que vida não *standard* possa existir em segredo. Pensamos que o seu interesse nesta área surgiu quando alguns cientistas da NASA encontraram bactérias no lago Mono que conseguiam desenvolver-se utilizando o arsénio.

Jenna percebeu.

— Então foi por isso que o doutor Hess escolheu este local.

Crowe anuiu.

— Provavelmente para continuar essa linha de investigação ou mesmo ir mais longe. Pensamos que ele estava a tentar criar alguma coisa nova, alguma coisa que nunca existiu neste planeta.

— E que fugiu ao seu controlo.

— É o que pensamos, mas não sabemos se foi um acidente industrial, um erro laboratorial ou algo criminoso.

Jenna afagou *Nikko*. Ele mantinha-se calmo e relaxado ao seu lado, não revelando qualquer tensão. Ele simplesmente não sentia qualquer receio na presença daqueles estranhos. Ao longo dos anos, ela aprendera a confiar na avaliação de carácter do seu companheiro. Ao mesmo tempo, não sentia qualquer subterfúgio nas atitudes do trio e apreciava a sua boa vontade em partilhar informações.

Resolvendo arriscar, abriu-se um pouco mais.

— Não acredito que tenha sido um acidente, diretor Crowe.

— Painter, por favor, mas porque é que pensa isso?

— Vi um helicóptero a sair da base entre o período em que o pedido de ajuda foi emitido e quando tudo se transformou num inferno. Era o mesmo helicóptero que descarregou uma equipa de mercenários no cume da colina. Devem ter-me avistado a fugir da nuvem tóxica.

— E foram atrás de si para eliminar a única testemunha.

Ela acenou afirmativamente.

— E estiveram muito perto de o conseguir.

— Pode descrever o helicóptero? Reparou em alguma insígnia ou números?

Ela abanou a cabeça.

— Mas consegui tirar uma fotografia.

Jenna sentiu-se algo divertida com a sua expressão chocada. Tirando o telemóvel do bolso, relatou o que tinha acontecido na cidade-fantasma com toda a minúcia de que foi capaz, mostrando as fotografias no ecrã do telemóvel. Parou na fotografia do gigante a empunhar um lança-chamas.

— Este tipo parecia ser o chefe da equipa de assalto.

Painter agarrou no telemóvel e fez um *zoom* do seu rosto.

— Fez uma fotografia nítida dele. Bom trabalho.

Ela sentiu uma onda de orgulho.

— Esperemos que ele esteja em alguma base de dados.

— Também o espero. Certamente, vamos fazê-la correr num programa de reconhecimento facial, tanto aqui como no estrangeiro. Também vamos pôr a fotografia do helicóptero nos boletins informativos das autoridades do Sudoeste. Não podem ter ido muito longe.

— Eles têm um prisioneiro — avisou ela. — Um dos cientistas. Pelo menos, o homem usava uma bata branca do laboratório. Ele tentou fugir, mas o tipo do lança-chamas recapturou-o, arrastou-o de volta ao helicóptero e levantaram.

Painter olhou para o telemóvel.

— Conseguiu tirar uma fotografia do prisioneiro?

— Receio que não. Naquela altura eu já tinha escondido o telemóvel no *Nikko*.

Ela deu uma palmadinha no lombo do *husky*.

Painter observou-a mais de perto, depois falou como se lhe tivesse lido os pensamentos.

— Deixe-me adivinhar. Você esperava que, logo que a tivessem matado, o inimigo partiria. Mais tarde, alguém encontraria *Nikko* e o telemóvel.

Ela estava impressionada. Não mencionara nada daquilo, mas o homem deduzira tudo.

Lisa falou.

— Se eles raptaram alguém, aposto que foi o doutor Hess. Ele seria o alvo mais valioso naquela base.

Painter virou-se para Jenna.

Ela encolheu os ombros.

— Não posso dizer que fosse ele. Foi tudo muito rápido e nunca consegui ver bem a cara do homem. Mas podia ser o doutor Hess. No entanto, há outra coisa. Fosse ele quem fosse, estava a tentar correr *para* a nuvem tóxica antes de ser recapturado, como se preferisse morrer a ser levado dali.

— O que sugere que o prisioneiro devia saber coisas que não queria que o inimigo soubesse. — Painter parecia seriamente preocupado.

— Que coisas? — perguntou ela.

— É o que temos de descobrir.

— Gostaria de ajudar.

Painter estudou-a demoradamente.

— Admito que poderíamos usar os seus olhos nesta investigação inicial. Pode haver mais alguns pormenores de que se tenha esquecido ou que não tenha achado que fosse importante na altura. Porém, devo avisá-la de que vai ser perigoso.

— Já é perigoso.

— Mas penso que vai ser muito mais. O que quer que tenha começado aqui é provavelmente a ponta de alguma coisa muito maior e bastante mais mortal.

— Então ainda bem que tenho alguém a ajudar. — Jenna pôs a palma da sua mão sobre a cabeça de *Nikko*. Este abanou a cauda, pronto para tudo. — O que fazemos primeiro?

Painter olhou de relance para a doutora Cummings.

— Logo que amanheça, vamos àquela terra de nenhures tóxica procurar pistas do que aconteceu ali.

— E talvez do que saiu dali — acrescentou o seu companheiro.

Jenna sentiu o sangue gelar nas suas entranhas ao imaginar-se a reentrar na ratoeira de que tinha escapado.

No que é que eu me meti?

28 de abril, 03h39 EDT

Arlington, Virgínia

— Porque estamos sempre enfiados numa cave? — perguntou Monk.

Gray olhou de relance para o seu melhor amigo e colega. Encontravam-se nos níveis subterrâneos da nova sede da DARPA, na Founders Square, em Arlington, Virgínia. Tinham acompanhado o doutor Lucius Raffee de volta à sede. Os escritórios do Departamento de Tecnologias Biológicas ocupavam a maior parte do espaço no sétimo andar. Lá em cima, o diretor do DTB continuava a fazer telefonemas, tentando acordar alguém a meio da noite que tivesse um conhecimento mais aprofundado da investigação que decorria nas instalações da Califórnia.

Entretanto, tinham que fazer aqui em baixo.

— No teu caso — respondeu Gray, esticando o pescoço para se livrar da tensão que acumulara ao estar sentado em frente do computador —, estás destinado a permanecer fechado numa cave ou a baloiçar na torre do sino de uma igreja qualquer.

— Isso é a piada do Quasímodo? — disse Monk do seu terminal com o sobrolho franzido.

— É um facto que *estás* a ficar com uma corcunda.

— É de carregar duas meninas pequenas nos braços todos os dias. É capaz de dar problemas de costas a qualquer um.

O terceiro membro da equipa emitiu um som de exasperação e debruçou-se ainda mais sobre o computador, escrevendo rapidamente. Kat pediu a Jason Carter para fazer uma análise digital forense dos ficheiros e registos da base, para procurar na imensidão de dados, pedidos de inventário e inúmeros *e-mails* alguma pista sobre o que estava realmente a acontecer na Califórnia.

Os três estavam fechados no principal centro de dados da DARPA, uma pequena sala com uma janela que dava para filas e filas de *mainframes* pretos, cada um do tamanho de um frigorífico.

As paredes do andar por baixo da cave tinham noventa centímetros de espessura e eram isoladas de forma a evitar qualquer tipo de intrusão ou ataque eletrónico.

— Acho que encontrei algo — disse Jason, olhando para cima com um ar exausto. Um copo vazio do Starbucks encontrava-se junto ao seu cotovelo. — Executei uma pesquisa utilizando um *web crawler*, com o nome do doutor Hess e o seu número da Segurança Social. Cruzei esses dados com o termo *Neogénesis*.

— O que encontraste?

— A pesquisa acabou também por recolher vários terabytes de informação. Levaria dias a escrutinar tudo. Então refinei o algoritmo da pesquisa para cruzar os dados com *gás VX*.

— Uma das toxinas utilizadas pela base como contramedida?

Jason acenou com a cabeça.

— Deduzi que esses ficheiros pudessem referir qual o organismo que esse gás foi concebido para matar. Mas vejam a primeira diretoria dos resultados.

Gray atravessou a sala para o seu terminal, juntamente com Monk, e leu o nome do ficheiro.

D.A.R.W.I.N.

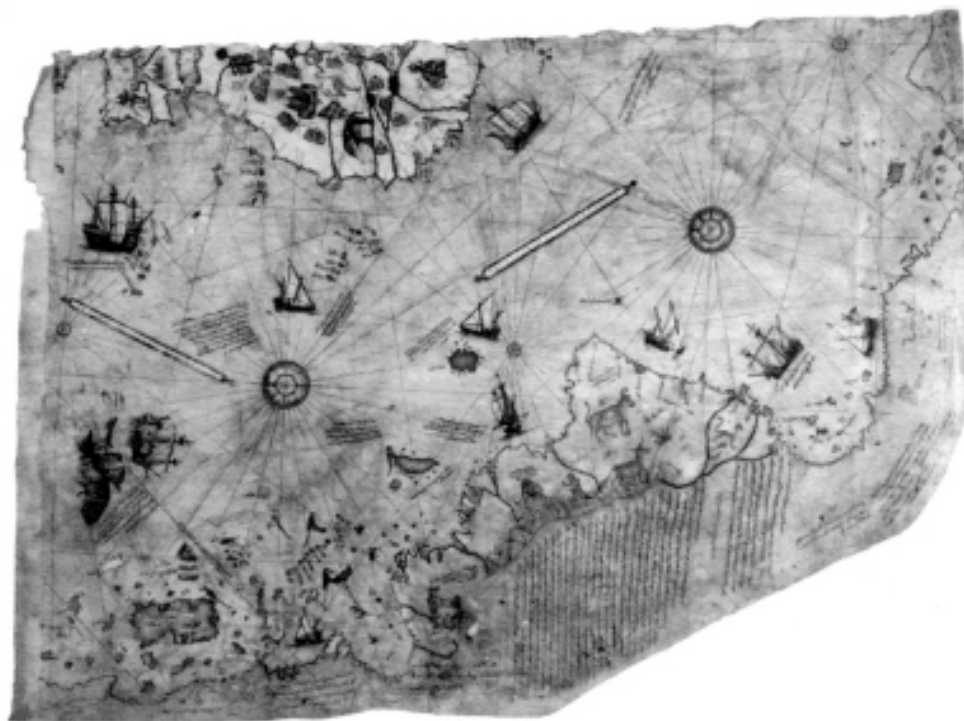
— Mas que raio? — murmurou Monk.

— O ficheiro é enorme — disse Jason. — Dei uma vista de olhos pelas primeiras pastas. Fazem referência, na sua maioria, ao British Antarctic Survey. São o maior grupo inglês envolvido em pesquisas naquele continente. O primeiro artigo estava destacado e relatava de forma pormenorizada o êxito que o grupo teve em trazer de volta à vida musgo da Antártida com mais de mil e quinhentos anos.

Gray percebia por que razão tal intrigaria um cientista como Hess, um investigador interessado em vida exótica.

— Mas vejam esta pasta que se encontrava dentro da anterior, intitulada *História* — disse Jason. — Cliquei nela, na esperança de perceber qual a ligação entre este grupo científico inglês e a investigação do doutor Hess na Califórnia. Mas, em vez disso, vejam o que apareceu.

Jason premiu o botão do rato sobre o ícone da pasta e surgiram uma série de mapas. Clicou no primeiro, denominado PIRI REIS-1513.



— Já tinha ouvido falar do mapa — disse Gray, aproximando-se. — Não é bem uma história. Um explorador turco, o almirante Piri Reis, compilou esta carta numa pele de gazela em 1513, mostrando a costa de África e da América do Sul, juntamente com a área mais a norte da Antártida.

Gray percorreu essa linha costeira com o dedo na parte inferior do monitor.

— E o que há de estranho nisso? — perguntou Monk.

— A Antártida só foi descoberta três séculos mais tarde, pelo menos oficialmente, mas mais misterioso ainda é o facto de alguns dizerem que o mapa de Piri Reis mostra a *verdadeira* linha costeira do continente, uma linha de costa *sem* gelo. — Gray olhou para cima. — É provável que a última vez que a costa não teve gelo tenha sido há seis mil anos.

— Mas isso é tudo muito controverso — disse Jason. — É provável que esta massa continental aqui nem sequer seja a Antártida.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Monk. — O mapa é falso?

— Não — respondeu Gray —, o mapa é autêntico, mas o turco admite numa série de notas nas margens que compilou o seu mapa a partir de cartas de navegação mais antigas. Assim, é provável que o surgimento desta linha costeira da Antártida se deva a um misto de confusão ao fazer o mapa e coincidência.

Monk coçou o queixo e disse:

— Então o que faz o mapa numa pasta no meio dos ficheiros do doutor Hess?

Gray não tinha uma resposta, mas Jason aparentemente tinha-a.

O miúdo falou enquanto teclava.

— Este mapa e muitos outros na pasta estão identificados como tendo vindo de um professor, Alex Harrington.

Gray aproximou-se ainda mais.

Jason abriu rapidamente no computador uma série de janelas.

— Acabei de o pesquisar no Google. Diz que ele é um paleobiólogo que trabalha para o British Antarctic Survey.

— Paleobiólogo? — perguntou Monk.

— É uma área que combina arqueologia com biologia evolutiva.

Com os dedos ainda a teclar, Jason acrescentou:

— E parece que o professor tem vindo a trocar uma enorme quantidade de *e-mails* e telefonemas com o doutor Hess há quase duas décadas. Ambos partilhavam um interesse comum por ecossistemas invulgares.

Jason olhou de relance para Gray com uma sobrelanceira levantada.

Gray percebeu. *Se alguém sabe pormenores secretos sobre a investigação de Hess, é este tipo.*

— Bom trabalho — disse Gray. — No entanto, devíamos ir lá acima falar com o Raffee sobre tudo isto. Talvez o diretor saiba mais alguma

coisa sobre esta relação com os ingleses. Podes imprimir este ficheiro?

Jason franziu o sobrolho, baixou-se e retirou uma *pen* do terminal do computador.

— Já copiei tudo para aqui. Demoraria horas a imprimir tudo isto. Quando chegar ao gabinete do diretor, só tem de encontrar a entrada USB do computador dele e...

— Eu sei utilizar uma *pen*. Não sou um dinossauro.

— Desculpe. O senhor tem mais doze anos que eu. Em termos digitais, isso equivale à era do Pleistoceno.

Jason escondeu um sorriso por detrás do seu copo do Starbucks, enquanto tentava sugar o que restava do seu café.

Monk deu uma palmada no ombro de Jason e disse:

— Agora percebo o que a Kat vê neste miúdo.

Gray enfiou a *pen* no bolso e dirigiu-se para a porta.

— Continua a escrutinar esses ficheiros — ordenou Gray. — Vê se consegues descobrir mais alguma coisa enquanto eu falo com o diretor Raffee.

Gray percorreu um pequeno corredor na cave, entrou no elevador de segurança e inseriu o seu cartão da Sigma, com a letra grega Σ inscrita, o símbolo matemático que significa «a soma de tudo» e que resumia o credo da Força Sigma: combinar a melhor elite em termos físicos e mentais para lidar com ameaças globais. O cartão servia também de chave-mestra para a maior parte das portas trancadas em D.C.

Carregou no botão do sétimo andar. Enquanto o elevador subia suavemente, Gray retirou o telemóvel do bolso para ver se tinha alguma mensagem de Kenny sobre o seu pai. Era a primeira oportunidade que Gray tinha no espaço de uma hora para saber como estava a situação do pai, visto que não havia rede no centro de dados subterrâneo. Suspirou de alívio quando não viu mensagens.

Devia ser, pelo menos, uma noite calma.

Quando as portas do elevador se abriram, Gray apressou-se a percorrer os corredores escuros e desertos. Era um verdadeiro labirinto lá em cima, tornado ainda mais estreito pelas pilhas de caixas deixadas à porta das salas. Andaimes e latas de tinta também bloqueavam o caminho. A DARPA ainda estava a meio da transição da sede antiga, a poucos quarteirões de distância, para as novas instalações em Founders Square. Algumas divisões ainda se encontravam no edifício antigo; outras já tinham mudado ou estavam agora a instalar-se. Conseguia imaginar o caos durante o dia, mas a esta hora tardia estava tudo sossegado e calmo.

Ao dobrar a esquina, viu uma porta entreaberta que dava para uma sala iluminada por uma lâmpada. Parecia que Raffee tinha conseguido um escritório de canto. Gray apressou-se em direção a ele... quando um grito estridente o fez parar.

Gray encostou-se discretamente a uma parede.

A voz, pouco nítida por causa da distância, não parecia ser a do diretor. Gray retirou a sua arma de serviço, uma *SIG Sauer P226*, do coldre de ombro por baixo do casaco. Enquanto os seus dedos apertavam o cabo, um distinto *pop, pop, pop* ecoou na sua direção.

A porta do gabinete do diretor Raffee abriu-se de rompante, iluminando todo o corredor. Gray esgueirou-se e escondeu-se atrás de uma fotocopiadora *Xerox*. Espreitou o suficiente para conseguir ver quatro homens de camuflado preto e com pistolas com silenciadores em riste saírem da sala e fugirem na sua direção. Gray olhou de relance para trás. A porta mais próxima ficava a vários metros dali.

Demasiado longe.

Gray pensou rapidamente. A sua pistola tinha uma dúzia de munições de calibre .357. Teria que acertar todos os tiros, sobretudo se os

adversários tivessem coletes à prova de bala. A sua única vantagem neste momento era o fator surpresa.

Gray ganhou coragem para avançar, concentrando-se na respiração.

O último homem a passar pela porta rosnou para um rádio:

— Os outros estão lá em baixo. Andar menos três. Vão pelas escadas, nós vamos pelo elevador.

Pensou em Monk e Jason, fechados naquela pequena sala, sem fazerem a menor ideia da tempestade que ia na sua direção.

Gray esperou que os dois primeiros homens passassem o local onde se encontrava escondido. Concentrados no seu objetivo, não o viram acorrido atrás da fotocopiadora.

Disparou duas vezes, fazendo pontaria e acertando na cabeça, depois virou-se e rolou rente ao chão para o meio do corredor. Apontou em direção ao gabinete do diretor Raffee e para os outros dois homens. Disparou para o joelho do que se encontrava mais perto, fazendo-o cair, mas, mesmo com dores e apanhado desprevenido, o homem disparou a sua pistola enquanto caía.

A bala passou rente à orelha de Gray.

Raios...

Tornou-se óbvio para Gray que estes homens eram profissionais treinados, provavelmente ex-militares. Quando o ombro do outro homem bateu no chão, Gray disparou à queima-roupa para o seu rosto, não querendo correr mais riscos.

O último atirador escondeu-se atrás de um andaime, disparando incessantemente por todo o corredor. Gray permaneceu rente ao chão, usando o corpo à sua frente como escudo. As munições perfuravam o corpo do colega de equipa do atirador ou ricocheteavam no linóleo.

Gray tinha de agir antes que o seu alvo retirasse para o gabinete do diretor Raffee. Pela forma como o homem olhava de relance naquela

direção, era essa a sua intenção: refugiar-se em segurança e chamar reforços.

Não posso deixar que isso aconteça.

Gray levantou-se e correu em direção ao seu adversário. As munições ressaltavam do andaime ou cravavam-se na parede atrás do seu alvo. O homem manteve-se escondido, enquanto Gray apertava o gatilho, o braço esticado, passando por cima do corpo que se encontrava no chão.

Por fim chegou ao décimo segundo tiro... e a corredeia ficou travada.

Sem munições.

O seu adversário apareceu novamente, apontando a sua arma fumegante, um sorriso triunfante estampado no rosto.

Gray largou a *SIG Sauer*. Enquanto os olhos do atirador seguiam por um segundo a trajetória da arma a cair, Gray aproveitou a distração para levantar o braço, revelando uma pistola escondida por detrás da anca, uma arma que confiscara ao homem morto no chão. Apertou o gatilho duas vezes... mas uma teria sido suficiente.

Um tiro certo atravessou o olho do último adversário, fazendo-o cair por terra.

Gray correu e entrou no gabinete do diretor Raffee. Não tinha muita esperança de encontrar o diretor com vida, mas tinha de verificar. Encontrou-o na sua cadeira, sem o casaco e com as mangas arregaçadas. Um círculo vermelho-sangue manchava o centro da sua camisa branca e um buraco cilíndrico perfurava a sua testa.

Controlando a sua fúria face a uma execução tão cruel, Gray pegou no telefone em cima da secretária, mas reparou quase de imediato que o fio fora cortado. Respirou fundo, pensou em procurar outro telefone; mesmo que encontrasse um, não conhecia suficientemente bem o sistema para saber como ligar para a extensão do telefone da cave. E, sem rede lá em baixo, o telemóvel que tinha no bolso era inútil.

Não tinha como avisar Monk e Jason.

04h04

— Talvez aqueles que desacreditaram o mapa de Piri Reis estejam errados — disse Jason, endireitando os ombros curvados de estar debruçado sobre o monitor do computador.

Jason respirou fundo, escondendo o seu nervosismo ao revelar uma conclusão a que chegara sozinho. Ele tinha conhecimento das proezas do comandante Pierce e do seu parceiro e sentia que não estava à altura deles.

Sou apenas um simples cromo informático.

Ainda assim, o seu instinto dizia-lhe que o que descobrira podia ser importante.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Monk, deixando escapar um bocejo.

Monk estava sentado com os pés em cima da secretária ao lado.

— É melhor ver isto.

Monk balbuciou qualquer coisa a ver com as crianças o estarem sempre a acordar. Assentou os pés no chão e deslizou a sua cadeira para junto de Jason.

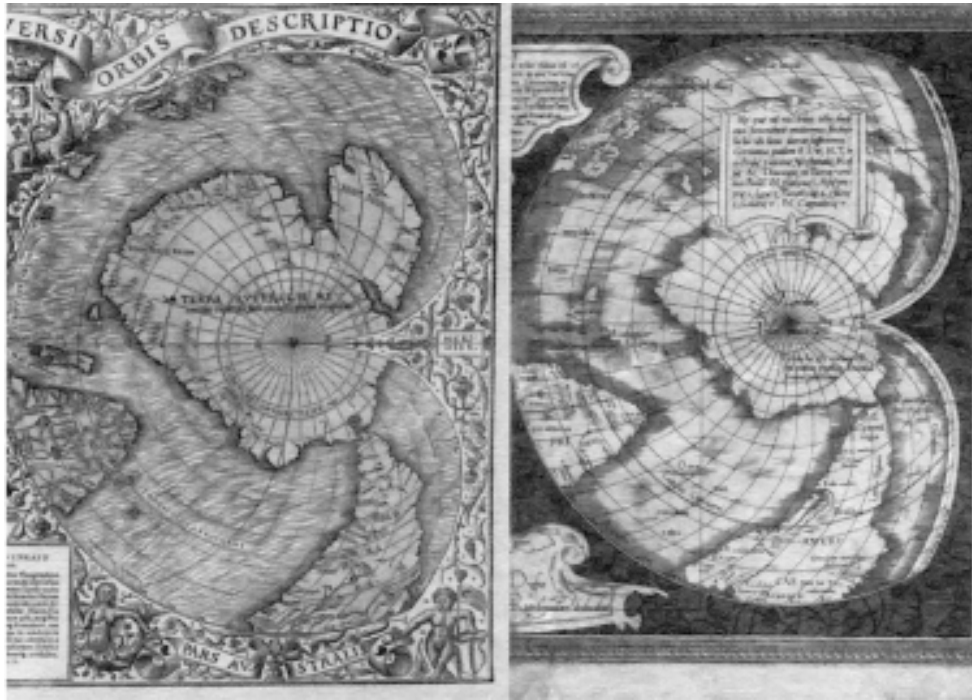
— O que encontraste?

— Tenho estado a analisar os outros mapas históricos que se encontravam na pasta do British Antarctic Survey e a ler as notas que o professor Harrington escreveu sobre eles.

— O paleobiólogo.

— Exato. — Jason aclarou a garganta e engoliu com dificuldade. — Aqui estão outros dois mapas da Antártida, ambos com mais vinte anos

que o mapa que Piri Reis elaborou em 1513. Um de um tipo chamado Oronteus Finaeus e outro de Gerardus Mercator.



— Repare que ambos retratam a Antártida sem gelo — disse Jason. — Harrington também anotou que o mapa revela cadeias montanhosas, picos que estão agora por baixo de glaciares e que não seriam visíveis no século dezasseis. Da mesma forma, os mapas incluem pormenores específicos do continente, como por exemplo instruções para navegar até à ilha Alexandre I e pelo mar de Weddell.

Monk franziu o sobrolho e disse:

— E ambos os mapas foram desenhados séculos antes de o continente ter sido oficialmente descoberto.

Jason acenou com a cabeça.

— E muitos milénios *depois* de a linha costeira da Antártida não ter gelo. Também surgiu este mapa de 1739, elaborado por um cartógrafo francês chamado Buache.



— Repare como esta carta retrata a Antártida como duas massas continentais, separadas por um rio ou mar. Isso é verdade. Apesar de o continente parecer uma massa de terra contínua, se retirar o gelo, é na verdade um arquipélago montanhoso dividido em duas partes principais: Antártida Ocidental e Antártida Oriental. Este pormenor não era conhecido até a Força Aérea dos Estados Unidos da América fazer o mapeamento sísmico em 1968.

— E este mapa é do século dezoito?

— Sim — respondeu Jason, incapaz de esconder a excitação na sua voz.

— Mas o que é que tudo isto tem que ver com a investigação do doutor Hess na Califórnia?

A pergunta fez esmorecer o seu entusiasmo.

— Não sei, mas há muito mais do professor Harrington nesta pasta, muitos dos ficheiros datam da Segunda Guerra Mundial. A maior parte

está expurgada por conter informação sensível. Vou precisar de muito tempo para analisar tudo.

— Parece que vais precisar de um barril de café quando voltarmos para a sede da Sigma.

Jason rendeu-se a esse facto.

— Desconfio que, no que diz respeito aos mistérios da Antártida, mais vale ser eu do que outra pessoa qualquer.

Monk fitou-o com um ar severo.

— O que queres dizer com isso?

— A Kat... quero dizer, a comandante Bryant... nunca lhe contou?

— Há muitas coisas que a minha mulher não me conta. A maior parte para o meu próprio bem. — Monk apontou o dedo a Jason. — Desembucha, miúdo.

Jason olhou fixamente para a mão levantada do homem, reparando no brilho pouco natural da sua superfície. Era uma prótese, surpreendentemente realista, com pelos finos nas costas da mão e nós dos dedos. Jason sabia a história de como Monk perdera a mão e respeitava-o ainda mais por isso. Mais tarde, a DARPA substituíra-lhe a mão por esta maravilha da bioengenharia, incorporando mecanismos e estimuladores avançados, o que lhe permitia receber *feedback* sensorial e executar movimentos com precisão cirúrgica. Jason também ouvira dizer que Monk retirava a mão e podia controlá-la à distância através de pontos de contacto no punho de titânio que lhe fora cirurgicamente ligado ao coto do pulso.

Jason adoraria assistir ao procedimento um dia.

— Se já te cansaste de olhar... — avisou Monk, com um leve rosar na voz.

— Desculpe.

— Disseste que tinhas um contacto na Antártida.

— Eu já lá vivi, mas há muito tempo. A minha mãe, o meu padrasto e a minha irmã ainda lá estão... junto à estação McMurdo.

Monk semicerrou os olhos, com a sensação de que havia mais para contar, aventuras nunca dantes reveladas, mas não insistiu.

— Então, dado o teu historial, talvez devesse ser tu a entrevistar este tipo, o Harrington. Descobre o que o inglês sabe.

Jason ficou animado. Sempre quisera trabalhar no terreno um dia e talvez esta fosse a oportunidade de que precisava. Tudo para se ver livre de *motherboards*, circuitos e algoritmos decodificadores.

Fechou-se uma porta ao fundo do corredor, o som ecoou até eles.

Monk levantou-se.

Jason olhou de relance por cima do ombro.

— Parece que o comandante Pierce voltou.

Com alguma sorte, traz-nos qualquer coisa mais interessante para fazer do que olhar para mapas.

— Miúdo, tens alguma arma contigo?

Somente agora se apercebera do quanto o seu colega ficara tenso. Toda a descontração se dissipara como uma nuvem de fumo.

— Não... — disse Jason numa voz esganiçada.

— Nem eu, mas este som veio da porta das escadas. Não do elevador. Acho que o Gray não precisa de fazer exercício a esta hora.

O som dos passos pesados de várias botas a bater no cimento chegou até eles.

Monk virou-se para Jason e disse:

— Estou aberto a alguma das tuas ideias brilhantes, miúdo.

Gray moveu-se rapidamente, sabendo que cada segundo contava.

Enquanto percorria o corredor do sétimo andar, Gray recolhia os carregadores dos cadáveres, garantindo que eram compatíveis com a arma que recolhera anteriormente. Não sabia quantos mais estariam lá em baixo, mas não queria correr riscos desnecessários. Num tiroteio, a diferença entre a vida e a morte podia estar numa única munição.

— Vou para baixo — disse, segurando o telemóvel contra o ouvido com o ombro.

Depois de encontrar o diretor Raffee morto, fez um telefonema para a Sigma a pedir auxílio.

— Vou enviar reforços assim que possível — disse Kat. A sua voz parecia tensa, mas mesmo com o marido em perigo manteve-se calma. — Tem cuidado.

— Apenas o cuidado que for estritamente necessário.

Gray desligou quando chegou ao fundo do corredor. Parou tempo suficiente para tirar um martelo da caixa de ferramentas de um construtor. Apesar dos esforços de Kat, Gray sabia que a polícia demoraria vários minutos a chegar ao local.

Demasiado tarde para ajudar Monk e Jason.

Gray aproximou-se do alarme de incêndio na parede e puxou para baixo a alavanca vermelha. Soou um alarme de imediato. O objetivo de Gray era provocar um incêndio por baixo do inimigo, na esperança de os fazer fugir. Se isso falhasse, poderia, pelo menos, apressá-los, talvez até cometessem algum erro.

Além disso, o barulho poderia ajudar a camuflar a sua própria aproximação.

Atravessou o corredor para junto dos elevadores, sabendo que as escadas estariam sob vigilância, e entrou no mesmo que o trouxera ali. Carregou num dos botões para os andares de baixo, mas, assim que sentiu

o elevador descer meio andar, carregou no botão para parar. Um alarme estridente soou quando o elevador parou de forma brusca, mas o barulho era facilmente abafado pelo som ainda mais alto do sistema de incêndios.

Com a ajuda do martelo forçou a porta do elevador pelo interior até esta abrir. Tal como esperava, o elevador parou quase no sexto andar, ficando a parte de cima da porta exterior exposta nesse andar. Esticou-se e deu um safanão no fecho para abrir manualmente as portas. Esgueirou-se para fora da caixa do elevador, depois virou-se e rastejou para baixo do elevador parado.

O poço encontrava-se por baixo dele, totalmente desimpedido.

Com a caixa do elevador por cima da cabeça, balouçou-se em direção às escadas de emergência que se encontravam na parede à sua esquerda. Quando as alcançou, deslizou por elas abaixo, ignorando os degraus. Usou as mãos e os pés para travar ocasionalmente e controlar a velocidade, contando os andares enquanto passava por eles. Em vinte segundos, chegou às portas do andar abaixo da cave, assinaladas com L3.

Pendurado com uma mão, puxou o fecho para abrir as portas, depois atirou-se assim que estas se abriram. Aterrou e deslizou de joelhos pelo chão, o seu corpo virado de frente para a porta que dava acesso às escadas mais próximas. Tal como desconfiava, um único homem armado encontrava-se de vigia, mantendo a porta aberta com um pé e vigiando as escadas.

Gray já tinha a pistola que roubara em riste, ainda com o silenciador. Disparou e atingiu o homem na cabeça, o som do tiro abafado parecendo pouco mais que alguém a tossir. Apontou rapidamente a sua arma para o centro de dados ao fundo do corredor.

Sombras moviam-se no interior, juntamente com vozes apressadas, furiosas.

«Talvez nunca tenham cá estado», ouviu um dos homens gritar bruscamente. «Aquele tipo que matámos pode ter-nos mentido em relação a estar alguém cá em baixo.»

Gray suspirou de alívio. Então Monk e Jason não tinham sido encontrados. Talvez já estivessem lá em cima. Contudo, queria ter a certeza, sobretudo depois de ouvir uma voz firme ladrar:

«Estamos a ficar sem tempo!»

Outra voz:

«Já está! O vírus já está nos servidores. Vai apagar todos os ficheiros aqui e quaisquer cópias de segurança que tenham sido feitas.»

«Então, coloca os últimos explosivos e vamos sair daqui!»

Com o alarme de incêndio ainda a tocar, Gray percorreu o corredor até à porta aberta do centro de dados. Espreitou rapidamente para dentro da sala antes de se voltar a esconder.

Quatro homens.

Estavam todos a olhar fixamente pela janela para as filas de *mainframes* na sala ao lado.

Devem estar mais homens lá dentro, a preparar os últimos explosivos.

A sua missão era, claramente, danificar os servidores. Lembrou-se de Lucius Raffee lá em cima. Pensou na quantidade de seguranças que teriam sofrido um destino semelhante. Será que o diretor se encontrava simplesmente no local errado na altura errada ou seria a sua execução um dos objetivos desta equipa de assalto? Há apenas uma hora, Gray ouvira Painter falar da tentativa de eliminar a única testemunha do que acontecera na Califórnia. Seria este ataque parte disso ou uma tentativa de fazer desaparecer todas as pistas relacionadas com aquela base militar?

Não tinha como saber... porém, o líder da equipa de assalto tinha sotaque britânico. Lembrou-se que Jason descobrira uma ligação entre o trabalho do doutor Hess e a equipa de investigação de Inglaterra.

Pode ser apenas uma coincidência, ou talvez não.

«Tudo a postos!», gritou uma voz da sala dos servidores.

«Saíam todos», ordenou o líder. «E rápido, antes que fiquemos todos colados à parede.»

Gray manteve-se encostado ao lado da entrada da sala, parcialmente escondido atrás de um caixote de lixo. Ainda estava bastante visível, mas Gray tinha esperança de que, com a pressa de fugir, os homens passassem por ele.

Tal como esperado, os homens saíram da sala a correr e percorreram o corredor ruidosamente em direção às escadas... onde o corpo do vigia ainda se encontrava caído nas sombras.

Gray não tinha muito tempo para agir.

Assim que o último homem saiu a correr, Gray rolou pela soleira da porta e entrou no centro de dados. Fechou a porta atrás dele com um pontapé e passou o seu cartão de acesso preto da Sigma para a trancar por dentro.

Um grito irrompeu vindo do corredor do lado de fora da sala.

Gray pôs-se de pé, a olhar fixamente pelo vidro à prova de bala da porta.

Uma lanterna foi ligada ao fundo do corredor, revelando um grupo de homens à volta do colega de equipa caído no chão. O mais alto de todos, corpulento e com feições aristocráticas bem definidas, virou-se e olhou para Gray.

Fitaram-se à distância, o outro olhava para Gray furioso.

Um colega de equipa tocou-lhe no ombro e apontou para o relógio. Era evidente que não tinham tempo para obrigar Gray a sair da sala trancada, não com a polícia prestes a apertar o cerco e a carga prestes a explodir.

Com um rosar silencioso preso nos lábios, o líder fez sinal aos outros em direção às escadas e depois fugiu com eles.

Gray virou-se e abriu a porta que dava para a sala dos servidores. Meio lanço de escadas metálicas conduzia ao espaço ventilado e isolado. De onde se encontrava, procurou entre as filas de *mainframes* pretas e altas. Reparou nas cargas de C-4 fixadas às estantes mais próximas, os seus temporizadores a brilhar, todos em contagem decrescente a partir dos 90 segundos.

Gritou pela sala.

— Monk! Jason!

Na última fila, a porta para uma das enormes *mainframes*, do tamanho de um frigorífico, abriu-se. Monk e Jason caíram lá de dentro, desembaraçando-se um do outro.

Graças a Deus.

Gray acenou com as mãos.

— Vá, mexam-me esses rabos!

Vieram os dois a correr, desviando-se das filas de servidores. Ambos subiram as escadas metálicas apressadamente para chegar à sala do centro de dados.

Gray destrancou a porta para o corredor com o seu cartão de acesso.

Monk deu uma palmada nas costas de Jason.

— Pensamento rápido, miúdo.

Jason foi projetado para a frente, mas recompôs-se.

— Geralmente, as salas de servidores são construídas de forma a sobrar espaço — explicou ele —, para haver estantes livres para acomodar futuras expansões. Presumi que a DARPA fizesse o mesmo.

Gray conduziu-os para fora da sala e correu para as escadas.

— Por aqui.

Quando chegou à porta que dava para as escadas, Gray não encontrou um corpo, apenas uma poça de sangue.

— Já vi que tiveste alguns problemas para chegar até nós — disse Monk, reparando na mancha.

— Também havia mais homens lá em cima. Executaram o doutor Raffee.

Monk praguejou enquanto subiam as escadas a correr a grande velocidade.

— Fazes ideia de quem eram?

— Levaram o corpo lá em baixo, mas há mais quatro no sétimo andar. Somos capazes de os conseguir identificar.

Isto é, se ainda restar alguma coisa depois disto tudo.

Chegaram ao piso térreo e atravessaram o átrio a correr. Gray reparou na silhueta de um dos seguranças do edifício caído no chão atrás da sua secretária. A raiva apoderou-se dele novamente. Lembrou-se do rosto do líder da equipa de assalto e prometeu em silêncio que ia fazer justiça.

Contudo, isso teria de esperar.

Gray saiu do edifício e atravessou a correr com os outros os muitos pátios. Quando chegaram ao passeio da North Randolph Street, um estrondo fez o chão estremecer, acompanhado por uma explosão violenta. Muitas das janelas dos pisos de baixo do edifício estilhaçaram para fora. Momentos depois, nuvens de fumo negro dissipavam-se pela noite dentro.

À distância ecoaram sirenes, vindas na sua direção.

Monk suspirou profundamente.

— Lá se vai o grande trunfo da DARPA.

Gray afastou-os do caminho, deixando o trabalho de limpeza a cargo das equipas de emergência que se aproximavam. Queria regressar à sede de comando da Sigma, mas, mais importante que isso, queria respostas.

Quem enviou aquela equipa... e porquê?

28 de abril, 06h02 PDT

Sierra Nevada, Califórnia

Espero estar a fazer isto bem...

Jenna encontrava-se dentro da tenda de campanha no ponto de encontro, fora da área afetada. Através das paredes translúcidas, o nascer do sol não passava de uma luminosidade difusa que surgia a leste. O ar dentro da tenda cheirava a um misto de químicos ácidos e odor corporal.

A expressão no seu rosto deve ter revelado algo, pois a doutora Cummings (*Lisa*, lembrou a si mesma de que a devia tratar pelo nome próprio) veio para junto dela. Ambas já tinham vestido os fatos descartáveis *Tyvek* de uma só peça, conhecidos por serem impermeáveis à maioria dos químicos.

Pelo menos, espero bem que sejam.

Como salvaguarda adicional, foram instruídas para colar com fita adesiva a parte aberta do punho das luvas que ficava sobre as mangas dos fatos.

— Parece-me tudo bem — disse Lisa, verificando Jenna. — Eu ajudo-te a colocar a próxima camada.

— Obrigada.

Dirigiram-se para uma fila de fatos NBQ vermelhos que se encontravam pendurados num suporte giratório. A segunda camada ia cobri-las da cabeça aos pés, isolando-as por completo da atmosfera exterior. Respirariam dentro do fato através de máscaras e botijas de oxigénios presas num arnês à volta dos ombros.

As mulheres ajudaram-se uma à outra a entrar nos respetivos fatos. Jenna sentiu um momento de pânico claustrofóbico quando o último fecho foi apertado, respirando com dificuldade com a máscara posta. Tentando esconder o seu desconforto, levantou-se e deu alguns passos, como se estivesse a testar o peso das botijas.

— Vejo que estás a desfilas na passarela.

O comentário surgiu através do rádio ativado por voz instalado nas máscaras.

Jenna virou-se e viu o sargento artilheiro Drake cumprimentá-la, também ele encapsulado no que era chamado, de forma eufemística, o fato de coelho.

— Como podia não estar? — respondeu ela. — Sobretudo quando estou a vestir o expoente máximo da moda.

Tentou parecer descontraída, mas pareceu-lhe ter soado bastante desolada.

— Vai correr tudo bem — disse Drake, esticando-se para lhe dar uma palmada no ombro.

Jenna desviou-se, com medo que rasgasse alguma coisa.

— Os fatos são mais resistentes do que parecem — garantiu-lhe Lisa.

O irmão de Lisa, Josh, encontrava-se atrás dela, também equipado com um fato NBQ. Outros dois fuzileiros iam acompanhá-los nesta expedição, mas com todo o seu nervosismo Jenna esquecera-se dos seus nomes.

O rádio emitiu um som digital, em seguida surgiu uma voz. «O transporte está a postos para vos levar.»

Era a voz do diretor Crowe. Encontrava-se a dezasseis quilómetros de distância, na base de fuzileiros, a supervisionar a missão e a coordenar a resposta das equipas de emergência da região.

A sua outra função, e de uma enorme importância, era tomar conta de *Nikko*.

Jenna já sentia saudades do *husky*. A sua ausência fazia-a sentir-se perdida, mas ninguém fabricava fatos NBQ para cães.

— Como está a imagem das câmaras? — perguntou Lisa, acenado com a mão em frente do rosto.

— Perfeita — respondeu Painter. — Com a ligação via satélite, devo conseguir olhar por vocês à medida que avançam. Tenham cuidado. Sigam os protocolos adequados e evitem riscos desnecessários.

— Sim, pai — murmurou Josh, embora se tivesse ouvido de forma clara através dos rádios altamente sensíveis.

Painter ignorou-o e continuou:

— Até agora, os limites da zona afetada parecem ter-se mantido estáveis, mas não sabemos que outros riscos existem por aí.

Jenna olhou fixamente para as paredes translúcidas da tenda, a pensar para onde iam. O limite da área de quarentena ficava a quase dois quilómetros de distância de onde se encontravam. O gás tóxico atingira a sua expansão máxima nas últimas horas, tendo já assentado. As estações de monitorização química delimitavam a área, mantendo-se alerta para o caso de os ventos mudarem e provocarem movimentos súbitos na terra batida e na areia.

O seu objetivo, o local da explosão, estava a trinta quilómetros de distância.

Neste momento, ninguém sabia se o que escapara da base fora neutralizado. Jenna tentou imaginar alguma coisa que fosse capaz de sobreviver tanto ao calor da explosão, como àquela nuvem tóxica.

Tremeu dentro do fato só de pensar.

A sua missão era simples: recolher amostras, avaliar os danos e procurar pistas relativamente ao que acontecera.

Painter tentara convencê-la a ficar na base naval, próximo dele, a observar à distância a excursão à zona afetada. No entanto, ela sempre fora o tipo de rapariga de meter mãos à obra. Fora por esta razão que se tornara guarda-florestal, para sujar as mãos.

Jenna também insistira em fazer parte da excursão por outra razão. Uma preocupação que a incomodava e a mantinha acordada a maior parte da noite, às voltas na cama: *se eu tivesse chegado à base mais cedo, poderia ter evitado tudo isto?*

Talvez fosse uma presunção estúpida, que mais se devia ao seu orgulho do que à realidade, mas não conseguia deixar de pensar nisso. Sobretudo depois de saber que mais de trinta pessoas tinham morrido na estação. Enquanto guarda-florestal, sob juramento solene de defender a lei, recusava-se a ser afastada desta investigação.

Não no meu território.

— Então, rapazes e raparigas — disse Drake, liderando o caminho —, vamos.

Jenna seguiu com os outros, mudando o arnês do ombro de posição a fim de equilibrar melhor as botijas. Já estava a ficar calor dentro do fato. Saíram da tenda, como um grupo de astronautas a pisar uma superfície extraterrestre. Jenna lembrou-se de um turista dizer no dia anterior que o lago Mono parecia a superfície de Marte.

E aqui estou eu agora... a provar ainda mais este facto.

No exterior, um *Hummer* militar verde encontrava-se estacionado na estrada que conduzia à zona afetada. O veículo fora concebido para transportar tropas, com um compartimento à frente para a equipa encarregada de o conduzir e um atrás com bancos corridos para os

soldados. Um dos elementos da marinha que os acompanhava — o primeiro-marinheiro Schmitt, lembrou-se ela de repente — pôs-se atrás do volante. Os restantes foram encaminhados para a retaguarda do *Hummer*.

Quando todos se sentaram, Drake bateu com a mão enluvada na chapa.
— Podemos arrancar, Schmitty.

O motor despertou para a vida e rugiu. Em seguida, arrancaram, subindo a colina em direção à zona de quarentena. Jenna engoliu com dificuldade e continuou a verificar os fechos do seu fato.

Lisa estava sentada ao lado de Jenna.

— Não estejas tão preocupada. A maior parte da toxina já assentou e está a perder força rapidamente.

Ainda assim, Jenna sentiu pouco alívio, sobretudo depois de ver a nuvem de poeira levantada pelos pneus largos enquanto se deslocavam pela estrada de gravilha. Esforçou-se por controlar a respiração, para preservar as suas reservas de oxigénio. Tinham botijas sobresselentes a bordo, mas o objetivo era não precisar de as trocar na zona afetada, se possível.

Passados alguns minutos, o primeiro-marinheiro Schmitt buzinou e estendeu um braço para fora da janela.

Um cilindro da altura da cintura de um homem (um dos monitores químicos) encontrava-se na berma da estrada. Uma antena alta saía do topo, juntamente com um anemómetro utilizado para medir a velocidade do vento. Graças a Deus que a pequena vareta estava completamente parada.

Drake olhou para o monitor quando passaram por ele e disse:

— Despeçam-se do ar puro, pessoal.

Estavam agora a entrar na zona afetada.

A estrada tornou-se ainda mais íngreme enquanto continuavam a subir as colinas cobertas de vegetação, a vista ocasionalmente obstruída por

pinheiros. Tudo parecia bem ao início, apenas mais um passeio pelas montanhas. Depois, apareceu o primeiro veado-mula na berma da estrada. Estava deitado de lado, o pescoço torcido por uma derradeira convulsão, uma língua grossa e cor-de-rosa saía para fora dos lábios moles.

Jenna engoliu em seco e olhou para o outro lado, mas passados alguns metros já não podia olhar para nenhuma direção. Os animais selvagens eram difíceis de avistar no vale, sobretudo durante o dia. Contudo, a explosão, o fumo e o veneno pareciam ter feito os animais saírem dos seus covis, tocas e buracos.

Passado pouco tempo, os pneus do *Hummer* começaram a esmagar corpos de gaivotas, *Salpinctes* e esquilos. Pedacos peludos de coelhos-de-cauda-de-algodão e lebres salpicavam as colinas em redor. Sombras grandes evidenciavam uma manada de veados-mula caída. Noutro lado, um dos raros carneiros-selvagens da região encontrava-se prostrado sobre as patas dianteiras, os chifres em espiral emaranhados num arbusto espinhoso.

Uma lágrima correu-lhe pelo rosto. Não conseguia secá-la. Mesmo sendo guarda-florestal, Jenna não sabia que existia tanta vida escondida nestas colinas.

Agora estão todos mortos.

A carrinha parava a cada dois quilómetros. Drake recolhia amostras do solo enquanto Lisa reunia espécimes de pelo e tecido dos animais mortos. Jenna ajudou-a a recolher uma amostra de sangue de um urso preto. Infelizmente, quando o rolaram para terem acesso à jugular, Jenna encontrou uma pequena cria esmagada por baixo do corpo da mãe.

Ao ver isto, Jenna parou e afastou-se.

— Já chega — disse ela. — Já chega.

A conversa animada entre eles esmorecia a cada quilómetro percorrido, até restar apenas o som das suas respirações, o barulho do

motor e o ranger dos pneus.

Quando estavam a cerca de cinco quilómetros da zona de impacto, Drake voltou a falar.

— Reparem na vegetação que cobre a colina à nossa frente.

Jenna levantou-se do banco para ver melhor.

Até agora, as colinas pareciam bastante normais, cobertas por artemísias, mímulos, flox e alguns pinheiros. Contudo, à frente tudo mudou. De ambos os lados da estrada, as colinas estavam escuras, sem um único laivo de verde à vista.

— A explosão poderia ter provocado um incêndio nos arbustos? — perguntou Lisa.

Jenna abanou a cabeça. Tinha bastante experiência com fogos semelhantes, alguns provocados por relâmpagos, outros por campistas descuidados. Com a erva seca e os arbustos altamente combustíveis, as chamas devorariam hectares de mato em poucos minutos. Apenas restariam cinzas e alguns troncos de pinheiro queimados.

— Isto não foi um incêndio — disse Jenna.

— Vamos observar mais de perto — disse Lisa, tocando no braço do sargento artilheiro.

— Para a carrinha — ordenou Drake.

O condutor travou à beira dos campos negros.

Drake virou-se para Lisa e Jenna e disse:

— Talvez deversemos ficar aqui até termos a certeza de que é seguro.

Jenna revirou os olhos.

Nada era *seguro* no meio de tudo isto.

Dirigiu-se para a parte de trás do *Hummer* e saltou para fora. Lisa seguiu-a, acompanhada pelos outros.

— Traz os *kits* de recolha — ordenou Lisa ao irmão.

— Já os tenho — respondeu Josh, saltando da carrinha e aterrando suavemente.

Com o condutor instruído para permanecer atrás do volante, o grupo fez-se ao caminho pelo campo. Jenna caminhava cuidadosamente. Grande parte do que conseguira crescer neste ambiente agreste e alcalino desenvolvera defesas bastantes perigosas: espinhos longos, picos recurvados, ramos afiados. Jenna receava furar ou comprometer a integridade do fato.

Todos atravessavam cuidadosamente a paisagem repleta de verdes, roxos e vermelhos em direção à escuridão. Parecia que uma sombra caíra sobre a parte de cima da colina. A linha que separava as duas áreas parecia nítida à distância, mas quando se aproximaram repararam que esta era bastante menos definida, uma mistura de flora saudável e morta.

Lisa orientou o irmão.

— John, recolhe uma planta que pareça saudável nesta zona. Eu vou colher um dos espécimes que parece esturricado. — Lisa apontou para Drake. — Vamos recolher também amostras do solo aqui.

Enquanto todos se afastavam para fazer o que Lisa mandara, Jenna permaneceu ao seu lado. Juntas, entraram nos campos sombrios e agacharam-se junto a um tufo de plantas altas e esguias, cada caule coroadado de pétalas negras.

— *Castilleja* — disse Jenna. — Pincel-do-deserto. Por vezes é chamada fogo-da-pradaria, devido às suas flores vermelho-vivo. Elas começam a florir nesta altura do ano.

Jenna apontou para uma extensão saudável destas plantas nas áreas mais baixas da colina, onde floriam em tons de vermelho-escarlate.

Lisa pegou no pé de uma das plantas doentes e arrancou-a da terra, com raízes e tudo. Contudo, quando a tentou dobrar para colocar no saco

grande de plástico, próprio para a recolha de amostras, o caule e as folhas desfizeram-se, como uma escultura feita de areia.

Jenna ajudou-a, segurando o saco aberto para recolher os detritos que caíam. Quando terminaram, levantaram-se. Lisa olhou fixamente para o topo da colina.

— Vamos dar uma vista de olhos — disse Jenna, querendo perceber a dimensão dos estragos.

Assentando cada bota no chão com imenso cuidado, subiram a colina até ao cume. Jenna engoliu em seco com a vista que surgiu perante os seus olhos. Colinas negras estendiam-se até onde o olhar alcançava e uma acalmia absoluta cobria toda a área.

À distância, uma cerca de arame atravessava a colina morta, demarcando o limite oficial da estação de investigação.

— Poderia aquela nuvem tóxica ter causado esta destruição? — perguntou Jenna. — Será que o gás era, de alguma maneira, ainda mais mortífero tão próximo da base?

— Talvez, mas duvido.

Jenna ouviu o medo na voz de Lisa e sabia o que a preocupava.

Seria um indício de que algo escapara da base? Jenna olhou em redor.
E, pior ainda, será que ainda está ativo?

Lisa afastou-se, arrastando Jenna consigo, e disse:

— Vamos continuar até ao local de impacto. Procurar indícios e regressar à nossa base com as amostras. Assim, talvez tenhamos algumas respostas.

De volta aos limites do campo escuro, encontraram Drake e o fuzileiro a fixar uma fila de estacas de madeira ao chão ao longo das bermas, delineando a fronteira. Do outro lado, Josh encontrava-se de pé, segurando uma caixa com as amostras do resto da equipa, tanto do solo, como das plantas.

Regressaram juntos para o *Hummer*, subiram a bordo e continuaram a sua viagem em direção ao centro devastado da zona de impacto.

Jenna estava boquiaberta face à destruição que os rodeava, reparando no cadáver de um coiote na valeta, quase sem pelo, o seu corpo tão escuro como os campos.

Jenna olhou fixamente em direção à base.

Que horror criou, doutor Hess?

06h43 PDT

Baja California, México

Kendall Hess encontrava-se de pé junto ao pequeno avião enquanto este era abastecido. Tinha-lhe sido dada autorização para esticar as pernas. O homem corpulento que o guardava, Mateo, entregou um maço de notas de cem dólares preso com um elástico a um homem local com olhos desconfiados a espreitarem por baixo da aba do chapéu de vaqueiro.

Deve ser um traficante de droga, pensou Kendall. A pista de aterragem não assinalada e o camião de abastecimento solitário davam credibilidade à sua dedução.

Depois dos acontecimentos nas montanhas, Kendall esforçara-se ao máximo por monitorizar o seu percurso para sul. Mateo abandonara o helicóptero no deserto do Nevada e mudara para um avião privado num pequeno aeródromo. Mudara outra vez para este *Cessna* no Arizona e usara-o para atravessar a fronteira antes do amanhecer. Desde então, viajavam pela península de Baja. Kendall desconfiava que se encontrava algures a sul da cidade de San Felipe.

À distância, o mar de Cortez brilhava de forma esplendorosa, com uma luminosidade azul-celeste que contrastava com as dunas do deserto

circundante. Era uma paisagem agreste e árida, salpicada por uns quantos catos.

Kendall reconhecia as plantas altas e espinhosas. *Pachycereus pringlei*, chamados catos-elefante, pela sua dimensão. Esta espécie em particular cativara a sua atenção científica devido à sua capacidade de sobreviver em territórios tão hostis. Crescia bem acima dos dez metros de altura e era capaz de viver mais de mil anos, geralmente em solo constituído por pouco mais que rocha. Conseguia isto através de uma relação simbiótica com uma bactéria única. O microrganismo ajudava a quebrar a pedra e a converter o nitrogénio em compostos biológicos capazes de serem assimilados pela planta. A relação era de tal forma bem-sucedida que o cato acumulava a bactéria nas suas próprias sementes.

Kendall estudara brevemente aquele micróbio como parte da sua investigação sobre extremófilos, mas provara ser um beco sem saída.

Vamos esperar que não seja o meu caso.

— Volta para dentro — ordenou Mateo, bruscamente.

Sabendo que não tinha alternativa, Kendall baixou-se para passar debaixo da asa e subiu para a cabina, seguido de perto pelo seu maciço guarda. O piloto do avião era o mesmo que os trouxera da Califórnia. Assim que Kendall se sentou, o *Cessna* começou a percorrer a pista, depois levantou voo, novamente em direção a sul.

Para onde me estão a levar?

Kendall não sabia a resposta a esta pergunta, mas sabia quem o esperava no destino. Era o mesmo homem que orquestrara o ataque e que, provavelmente, manipulara a investigação de Kendall à distância ao longo da última década.

O sacana, outrora colega, fora dado como morto há onze anos. O seu avião despenhara-se no Congo e, uma semana depois, uma equipa de salvamento encontrara os destroços, juntamente com os restos mortais

carbonizados do que parecia ser a tripulação e os passageiros. Kendall sabia agora que isso era mentira, mas na altura ficara secretamente aliviado com a sua morte, receoso dos caminhos obscuros que a sua investigação estava a levar.

Se ele ainda está a seguir a mesma linha de investigação...

Kendall estremeceu de horror, sabendo o que criara no seu próprio laboratório, o que fora lançado sobre a Califórnia. Com um arrepio, Kendall era capaz de adivinhar por que razão fora raptado.

Deus nos ajude a todos.

06h46 PDT

Painter inclinou-se ainda mais sobre o monitor, com o coronel Bozeman, o comandante da base, colado a si como uma sombra. O monitor do computador estava dividido em cinco secções, com as imagens de vídeo provenientes dos vários membros da equipa da expedição. Através das suas câmaras, Painter estudava a paisagem destruída à medida que a carrinha se aproximava da rede de segurança que delimitava a antiga base.

— Não se aproximem demasiado da estação em si — disse pelo rádio, avisando a equipa. — A maior parte dessa base está debaixo de terra. Quem sabe se ainda mantém a integridade estrutural depois daquela explosão? O peso da carrinha, até mesmo dos vossos próprios corpos, pode despoletar um desabamento. Não queremos que vocês caiam acidentalmente dentro de um buraco tóxico.

— Nós também não queremos isso, senhor — respondeu Drake.

O coronel Bozeman inclinou-se sobre o ombro de Painter e falou para o microfone.

— Ouve o que o diretor diz, Drake. Não resmungues. Ele é que manda.

— Sim, senhor.

Quando o coronel se voltou a endireitar, Painter continuou:

— De acordo com as plantas da base, não deverão avançar mais de cento e oitenta metros. Se se aproximarem mais, ficarão literalmente estacionados em cima da estação.

— Acho que isso não vai ser problema — respondeu Drake.

No monitor, o *Hummer* atravessou os portões abertos e percorreu uma curta distância do caminho de entrada, onde parou.

— Estão a captar isto? — perguntou Drake.

Para conseguir ver melhor, Painter selecionou uma secção no monitor, aproximando a imagem. Vinha da câmara embutida no fato de Lisa, que se encontrava de pé na caixa da carrinha, proporcionando uma vista panorâmica da estrada em frente.

A cinquenta metros de distância, uma explosão fizera uma enorme cratera no flanco da colina. Uma nuvem densa de fumo pairava sobre o local. A extensão da destruição era bem maior do que ele antecipara. Parece que o doutor Hess não estava disposto a correr qualquer tipo de risco quando concebera esta salvaguarda.

— Acho que não foi apenas a base que desabou — disse Jenna via rádio.

Nikko ficou agitado aos pés de Painter, erguendo-se sobre as patas traseiras, uma orelha levantada ao ouvir a voz da sua dona.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ele.

— De acordo com os boatos, os militares construíram esta estação dentro de uma mina que já existia. Uma mina da época da febre do ouro. Parece que a estação ao explodir fez desabar também partes dos túneis circundantes.

Isso não pode ser uma coisa boa.

Painter virou-se para Bozeman e disse:

— Temos algum mapa ou planta da velha mina?

— Vou verificar.

O coronel Bozeman saiu apressadamente, gritando ordens ao seu pessoal.

Painter respirou fundo e falou novamente:

— Vocês devem recuar, até sabermos a extensão desses velhos túneis.

— Então e a investigação da zona de impacto? — perguntou Lisa.

— Ao que parece, não vão conseguir encontrar nada de útil, de qualquer maneira. É mais seguro se...

A imagem estremeceu no monitor.

Ouviram-se gritos.

Painter viu as mãos de Lisa segurarem a barra na caixa aberta da carrinha. A dianteira do *Hummer* inclinou-se para baixo, o chão a desfazer-se por baixo. Estalaram fendas no terreno onde a carrinha se encontrava em direção à enorme cratera.

No monitor, Painter conseguia ver Drake bater repetidamente no topo da carrinha. «Vai, vai, vai!»

O motor rugiu em marcha atrás. Painter ouviu os pneus chiarem na gravilha.

Nikko levantou-se rapidamente, rosnando para igualar o timbre do motor em esforço.

De forma lenta, a carrinha recuou, a dianteira saindo a custo do buraco cada vez maior. O condutor conduziu para trás, ziguezagueando para obter alguma tração no piso instável. Passado um momento de cortar a respiração, atravessaram os portões e seguiram pela estrada em marcha atrás.

À sua frente, o buraco continuou a abrir e o chão desabou para dentro da mina abandonada, mas deixou de os perseguir.

Drake disse em voz alta:

— Acho que é melhor ouvirmos o diretor e desandarmos daqui.

Ninguém se opôs.

Painter recostou-se na cadeira e deu uma palmada no flanco de *Nikko*.

— Eles estão bem.

Tentou acalmar o cão tanto quanto o seu próprio coração, que batia acelerado. Mudou a imagem de vídeo para outra câmara, a de Josh. Enquanto o jovem ajudava a irmã a sentar-se, Painter analisou o rosto dela, as suas feições parcialmente tapadas pela máscara. Reparou que tinha madeixas de cabelo coladas ao rosto por causa do suor, mas não parecia perturbada e ainda mais importante que isso...

Estava sã e salva.

Isso era o que lhe bastava.

A expedição podia não ter descoberto nada de significativo relativamente ao que se passara na base, mas, com alguma sorte, as amostras que tinham recolhido poderiam orientá-los na direção certa.

A carrinha começava a dar a volta fora do portão quando Jenna gritou:

— Esperem!

Drake mandou o condutor parar.

Painter endireitou-se na cadeira.

— Acabei de me aperceber de uma coisa. Não sei se é importante, mas esqueci-me de o mencionar antes. — Jenna apontou para o portão. — Quando aqui cheguei ontem à noite, o portão estava aberto. Como agora. Não pensei muito nisso na altura, mas agora deixou-me curiosa.

Painter seguiu a linha de pensamento de Jenna. *O inimigo fugira de helicóptero. É provável que também tenha chegado dessa forma.*

— Quem deixou o portão aberto? — perguntou Jenna. — E se não tiver sido alguém a *entrar* na base, mas sim a *fugir* dela?

Painter pensou na sucessão temporal dos eventos e disse:

— Quando o pedido de ajuda foi emitido pela analista de sistemas, ela mencionou uma falha de contenção, mas nada sobre um ataque.

— O que significa que é provável que alguém, alguém de dentro, tenha sabotado a base com antecedência, pondo tudo em movimento. E, sabendo o que estava por vir, o sabotador fugiu antes que o inferno se abatesse sobre a Terra.

Painter considerou a probabilidade deste cenário.

— Faz sentido. O caos resultante ajudaria a encobrir a chegada da equipa de assalto, permitindo-lhes aterrar e raptar o Hess.

Jenna apontou para a cratera.

— E com este nível de destruição levaria semanas, se não meses, a encontrar e a identificar os corpos. Ninguém ficaria a saber que o professor Hess fora raptado por muito tempo.

— O que explica por que razão a equipa de assalto estava tão interessada em silenciá-la, Jenna. Não faziam ideia do quanto a Jenna vira e não podiam arriscar que se soubesse do rapto.

— Mas falharam — acrescentou Jenna. — E agora sabemos que é provável que alguém tenha fugido por aqui também. A única estrada para sair destas colinas passa por Mono City ou por Lee Vining. Ambas as cidades têm inúmeras câmaras de vigilância de trânsito. Se conseguíssemos descobrir o padeiro do sabotador...

Podíamos descobrir o que realmente se passou aqui... e porquê.

Anteriormente, Painter fora informado dos acontecimentos em Washington D.C., com pormenores sobre o ataque à sede da DARPA e a execução do doutor Lucius Raffee. Era evidente que alguém estava a tentar apagar todas as ligações a esta base.

Contudo, agora tinham alguma esperança de os apanhar.

Painter coçou *Nikko* atrás da orelha.

Tens uma dona muito inteligente.

Painter debruçou-se sobre o microfone.

— *Okay*, bom trabalho a todos. Vamos trazer-vos para casa sãos e salvos.

06h55

Lisa permaneceu em silêncio enquanto o *Hummer* descia as colinas. Na sua mente, revia os protocolos de ação para quando regressassem ao centro de operações da missão.

Na fronteira, um grupo de fuzileiros, trabalhando em conjunto com membros do Centro de Controlo e Prevenção de Doenças (CCPD), já tinha construído uma garagem de quarentena improvisada para a carrinha. Depois de descarregar a carrinha lá dentro, Lisa e os outros tinham de despir os fatos e passar por uma série de fases de descontaminação. Além disso, a equipa teria de ficar isolada durante doze horas para observar quaisquer indícios de contágio ou contaminação.

Lisa olhou fixamente para as colinas negras, reconhecendo a seriedade desta ameaça. Estimava que a área destruída chegasse aos cento e trinta quilómetros quadrados.

Mas o que significava? Será que a explosão dispersara o que quer que estivesse a ser produzido naquele laboratório, espalhando-o por todo o lado? Se sim, teria a contramedida tóxica do doutor Hess conseguido neutralizá-lo?

As únicas respostas encontravam-se na base da marinha, onde um laboratório de experimentação biológica de nível 4 estava a ser estabelecido dentro de um hangar. Lisa estava ansiosa por voltar para lá a fim de estudar as amostras e os espécimes.

Por fim, surgiram à sua frente colinas verdes, pacificadas pela luz da manhã. Parecia que estavam a sair de um filme a preto-e-branco e a entrar noutra a cores. Alimentou-se de esperança na beleza da paisagem, na resiliência da natureza.

Em seguida, avistou todos os corpos espalhados pelas colinas... pássaros, veados, até mesmo lagartos e cobras... e um desespero pesado caiu-lhe sobre os ombros. Ou talvez fosse o peso dos malditos tanques de oxigénio. Mudou a posição do arnês que os segurava, tentando ficar mais confortável.

— Olha para ali — disse Jenna, apontando para os limites da área destruída.

Depois, Lisa também viu.

— Pare a carrinha — ordenou a Drake.

Ele obedeceu, e o veículo parou bruscamente.

Na berma da estrada, a fila de estacas de madeira que os fuzileiros tinham colocado para delimitar a zona afetada ainda lá se encontrava. Mas agora a sombra escura espalhara-se para lá da demarcação, cada vez mais perto da área verdejante.

— Ainda se está a espalhar — observou Jenna, quase a murmurar.

Drake praguejou.

Lisa engoliu o medo que lhe secava a boca e disse:

— Devíamos medir a distância a que se espalhou para lá das estacas.

— Lisa baixou-se para ver as horas no painel de instrumentos do *Hummer*.

— Podemos fazer uma estimativa aproximada da velocidade a que se está a espalhar.

— Vou tratar disso — disse Drake.

O sargento de artilharia tirou uma fita métrica da mala do equipamento que se encontrava na caixa da carrinha e voltou para a estrada.

Josh seguiu-o.

— Eu ajudo-o.

Lisa moveu-se na sua direção com o intuito de os ajudar, mas a voz de Painter fez-se ouvir no rádio.

— Lisa, sintoniza uma frequência privada.

Lisa parou, segurando com força a borda da caixa da carrinha. Acenou para os outros para continuarem.

— O que se passa?

— Se esse organismo ainda estiver vivo, se não foi destruído pelas toxinas do gás, podemos ter de incinerar toda a área.

— Mas será que o fogo o mata?

— Penso que sim.

— Porquê?

— A equipa de assalto chegou com um lança-chamas como parte do seu arsenal. É uma escolha invulgar.

Lisa compreendeu e concluiu:

— A não ser que estivessem a antecipar a necessidade de recorrer a tal arma.

— Exatamente. A equipa foi enviada para fazer uma incursão num laboratório com uma falha de contenção. Alguém os deve ter enviado com os meios necessários para abrir um caminho seguro para chegar ao doutor Hess.

— Espero que tenhas razão. — Lisa olhou para as carcaças espalhadas pela paisagem. — Talvez o objetivo secundário do gás tóxico, se as toxinas não conseguissem eliminar o organismo, fosse matar tudo o que mexia, tudo o que pudesse levar consigo este organismo para fora desta área.

— Para manter o contágio localizado.

Lisa acenou para si mesma. Esta conversa deixara-a ainda mais ansiosa por regressar ao laboratório para testar estas teorias.

Um grito estridente captou a atenção de Lisa para trás da carrinha. Josh encontrava-se de joelhos. Drake ajudou-o a levantar-se.

— Tens de ter cuidado com as pedras escondidas que há por aqui — disse Drake.

Josh deu um safanão para se soltar da mão do homem e deu um passo para trás. Olhava fixamente para a sua perna esquerda.

— Alguma coisa se espetou na minha pele. Um espinho, acho eu.

— Deixa-me ver.

Drake começou a examiná-lo, mas Lisa gritou-lhe:

— Para trás! — Lisa correu para junto deles. — Josh, não te mexas.

Chegou ao pé dos dois homens, reparando que o rosto do irmão ficara pálido.

Agachou-se e examinou o corte no fato dele e o raminho preso à sua perna por um espinho.

O pedaço do caule e a folha estavam ambos negros.

— Vai buscar fita adesiva! — gritou Drake ao outro fuzileiro; depois disse para Lisa: — Podemos remendar o fato dele. O rasgão não é assim tão grande.

Em vez disso, Lisa, com os dedos enluvados, abriu um buraco ainda maior. Conseguiu ver a canela de Josh. A pele à volta do espinho preto empalado já ficara de um tom vermelho-arroxeadado.

— Arde tanto! — exclamou Josh, contorcendo-se.

Lisa voltou-se para Drake.

— Precisamos de corda. Um cinto. Algo para fazer um torniquete.

Drake foi procurar.

— Vais ficar bem — disse Lisa, mas até as suas palavras soavam forçadas e pouco convincentes. Permaneceu junto ao seu irmão mais novo, encontrando a sua mão e apertando-a com força.

Por trás da máscara, Josh respirava com dificuldade, os seus olhos semicerravam-se de dor. Parecia dez anos mais novo, o medo transformara-o num miúdo que procurava conforto na irmã mais velha.

Palavras ecoavam na sua cabeça.

Matem-nos... matem-nos a todos.

Drake voltou a correr, arrastando toda a gente com ele, à exceção do condutor. Trazia nas mãos uma corda de escalada. Lisa ajudou-o a prendê-la à volta da coxa de Josh.

— Aperta o mais que conseguires — disse ela.

Jenna encontrava-se de pé, com os braços cruzados, ansiosa, obviamente reconhecendo a ameaça.

— O torniquete vai impedir que se espalhe? — perguntou ela.

Lisa não respondeu, não querendo mentir.

Quando a corda se encontrava devidamente apertada, comprimindo os músculos da coxa de Josh, os fuzileiros içaram-no para dentro do *Hummer*. Enquanto o levantavam e o colocavam na caixa aberta do veículo, Lisa dirigiu-se à mala de equipamento e retirou o que precisava.

A voz de Painter surgiu na frequência privada.

— Lisa...

— Tem de ser feito — sussurrou ela.

— Ao menos espera até chegarem aqui.

— Vamos perder demasiado tempo.

Quando Lisa se virou, Drake ficou boquiaberto ao ver o que ela tinha na mão. Ela passou-lhe o machado de incêndios.

— Pelo joelho — disse ela. — Corta-a pelo joelho.

28 de abril, 10h17 EDT

Washington, D.C.

— É ele — disse Gray.

Gray inclinou-se para a frente, apoiado nos punhos, num dos terminais de computador do centro de controlo da Sigma. Estava sozinho com Kat, embora Jason se encontrasse na sala ao lado, visível através de uma janela, a trabalhar nos ficheiros que tinham conseguido recuperar dos servidores da DARPA.

Graças a Deus que ainda tinha aquela pen comigo.

Concentrado no monitor, Gray olhava fixamente para a fotografia do homem no ecrã: as suas feições distintas, o nariz afilado, o cabelo curto e louro. Ele lembrava-se desse mesmo rosto a fitá-lo furiosamente ao fundo do corredor na sede da DARPA.

— Tens a certeza de que é ele? — perguntou Kat.

— Sem qualquer dúvida. Quem é?

Há algumas horas, depois de regressar à sede de comando da Sigma vindo de Arlington, Gray fora informado por Kat. Ela também o sentara com um desenhador profissional, enquanto outra equipa recolhia os cadáveres do corredor do sétimo andar da DARPA. Não encontraram qualquer identificação nos corpos, mas recolheram impressões digitais.

Kat não demorou muito a determinar que eram todos ex-soldados das forças especiais britânicas, mais especificamente do SAS — Regimento 22 do Special Air Service. O mais provável era terem-se tornado mercenários contratados, uma equipa de elite que recebera uma quantia elevada.

Kat apontou para o monitor.

— Este é o líder deles, o major Dylan Wright.

— Deixa-me adivinhar. Ele também é do SAS.

— Perto. Ele é das forças especiais britânicas, mas pertencia ao SBS. Special Boat Service.

Gray conhecia esse destacamento do Reino Unido. A unidade fora criada na Segunda Guerra Mundial para realizar incursões contra alvos alemães, sobretudo nos mares Mediterrâneo, Egeu e Adriático. Agora eram destacados por todo o mundo para ações antiterroristas.

— Se tivesse de adivinhar — continuou Kat —, diria que este grupo é formado por antigos membros do Esquadrão X Britânico. Essa unidade especializada formou-se em 2004, composto por voluntários do SAS e do SBS.

Tal como a equipa que assaltou a DARPA.

— O Esquadrão X é considerado o melhor dos melhores — concluiu Kat.

— Então quem é que contratou estes ex-soldados? — perguntou Gray.

— Não se sabe, mas já espalhei palavra por vários serviços secretos e também por alguns contactos no mundo obscuro dos mercenários. Com alguma sorte, teremos algumas respostas dentro de poucas horas. — Kat olhou de relance na direção de Gray, um olhar repleto de compreensão. — Entretanto, se precisas de tratar de assuntos pessoais, agora é uma boa altura.

Gray suspirou. Já fizera uma sesta e passara por casa do pai. A enfermeira de dia estava presente na altura em que Gray lá fora e tinham

conversado durante muito tempo quanto a instalar alarmes nas portas e tomar outras medidas para ajudar a garantir a segurança do seu pai à noite. Contudo, até ela admitira que este era, na melhor das hipóteses, um plano temporário, e que ele e Kenny deviam considerar dar o passo seguinte, o que significava tirar o pai da sua própria casa, se não para uma unidade de cuidados para doentes de Alzheimer, pelo menos para um lar.

— Acho que, em vez disso, vou ao ginásio — disse ele, precisando de arejar as ideias. — Espairar um pouco.

Kat olhou para ele mais um segundo, depois acenou lentamente.

— Acho que o Monk está lá em baixo agora.

Jason bateu no vidro com os nós dos dedos, tentando chamar-lhes a atenção. Acenou para Kat se juntar a ele. Curioso, Gray seguiu-a para a sala ao lado.

Kat passou para trás da secretária para junto de Jason.

— Estás a fazer algum progresso com os ficheiros?

— Algum. Mas quem me dera ter recuperado mais que este único ficheiro de informação sobre a base. É como tentar ter uma imagem completa de uma sala espreitando apenas pelo buraco da fechadura. Se ao menos tivesse tido tempo para copiar mais ficheiros...

Kat tocou-lhe no ombro e disse:

— A primeira coisa que tens de aceitar no mundo dos serviços secretos é que nunca vais ter a imagem completa. Aprendes a lidar com os factos que tens e fazes o teu melhor para inferir a partir deles.

Jason franziu o sobrolho, ainda insatisfeito. Dava para perceber, pelos papos escuros por baixo dos olhos e a bebida energética *Rockstar* junto ao cotovelo, que o miúdo não dormira nada.

— Fiz um telefonema para o British Antarctic Survey — acrescentou Jason —, para tentar falar com o professor Harrington, aquele

paleobiólogo que tinha contacto frequente com o doutor Hess. Ele é capaz de conseguir preencher uma série de lacunas na nossa investigação.

— Espero que sim — disse Kat —, mas porque nos chamaste aqui? Encontraste alguma coisa?

— Talvez, mas queria que a Kat visse. Depois de tantas horas soterrado nestes ficheiros, posso não ter reparado em algo. Preciso de alguém que não esteja tão embrenhado nisto.

— Não há problema. Já estive na mesma situação muitas vezes. Vá lá então, fala connosco.

Gray estava estupefacto com a gentileza de Kat para com o rapaz. Era um contraste nítido com a sua habitual maneira de ser dura e assertiva. Quando conheceu Kat pela primeira vez, sentiu que tinha de parecer mais confiante, endireitar um pouco mais as costas. Ela tinha esse efeito nas pessoas. Talvez fosse o resultado de criar duas meninas, mas este era um lado diferente dela. Embora estivesse longe de ser calorosa e meiga, ela era, sem dúvida alguma, uma ótima mentora.

Jason endireitou-se na cadeira, com uma atitude mais confiante.

— Está bem, mas têm de ter alguma paciência comigo, pois estive ocupado com o que as muitas equipas militares e de investigação britânicas andaram a fazer na Antártida.

Kat olhou de relance para Gray, a sua intenção clara. *Os militares britânicos outra vez. Tal como os que tinham atacado a DARPA. Será que havia uma ligação?*

— Continua — encorajou Kat.

— Antes de falar da história, vamos começar com os acontecimentos mais recentes. Em 1961, o Tratado da Antártida entrou em vigor, declarando, basicamente, que o território não estaria sujeito a ser reivindicado por ninguém, que deveria ser utilizado apenas para fins pacíficos. Desde então, várias bases foram estabelecidas por toda a

Antártida. Algumas são meros postos de investigação, mas a maioria, apesar do tratado, são bases conjuntas de operações militares e de investigação.

À semelhança daquela base na Califórnia, apercebeu-se Gray.

— Contudo, antes do tratado, uma guerra territorial foi iniciada naquele continente pelas várias comunidades internacionais. Todas queriam um pedaço daquela tarte congelada. Esta disputa atingiu um ponto crítico durante a Segunda Guerra Mundial, devido ao uso do oceano Antártico como refúgio para os submarinos nazis. Mas, mesmo antes da guerra, a Alemanha sempre foi muito agressiva nas suas tentativas de reivindicar o território. Em 1938, estabeleceram a Deutsche Antarktische Expedition a fim de explorar o continente e montar uma base.

Jason carregou no teclado e surgiu um emblema da equipa alemã.



— A razão oficial para esta expedição era procurar um local para estabelecer uma estação baleeira, mas a maioria acreditava que os alemães estavam a escolher os melhores locais para estabelecer uma base naval. Por mais estranho que pareça, chegaram mesmo a contratar o explorador

polar americano, Richard E. Byrd, para instruir o grupo antes de partirem de Hamburgo. O que é importante.

— E porquê? — perguntou Gray.

— Os nazis acabaram por conseguir reivindicar uma parte da Antártida, chamada Terra da Rainha Maud, que era considerado território norueguês na altura. Os alemães deram-lhe o nome de Neuschwabenland. Aparentemente, isto incentivou os americanos a iniciarem a sua própria expedição, liderada pelo mesmo Richard Byrd. Houve muito mistério em volta da expedição americana. Byrd encomendou a construção de um enorme veículo de neve, uma monstruosidade de dezassete metros, capaz de escalar montanhas polares ou fazer fissuras profundas. A parte de cima podia até acomodar uma pequena aeronave exploratória. Aqui está uma fotografia dele a aterrar na Antártida.

Jason carregou num ícone para trazer a imagem do veículo para o monitor.



— Uma besta impressionante — admitiu Gray.

— Foi concebido para carregar uma equipa de exploração, juntamente com os mantimentos e o equipamento necessário para um ano, e para

funcionar com total independência, fazendo dele uma base móvel.

— Qual era o seu propósito?

— Ah, aí é que se torna mais interessante. Embora tenha havido imensa publicidade em redor da construção e do transporte desta besta, assim que o veículo chegou à Antártida nunca mais se ouviu nada. Não só Byrd ordenou que a expedição fosse secreta, como a existência das próprias ordens foi dada como informação confidencial. Só passados vários anos é que Byrd admitiu que o veículo explorara mil e quinhentos quilómetros de linha costeira desconhecida, a que chamou Costa Fantasma, e que cinquenta e nove homens tinham ficado lá para continuar a exploração.

— De que estavam à procura? — perguntou Kat.

Jason encolheu os ombros.

— Há muitas teorias, algumas banais, outras bastante complexas. Contudo, o professor Harrington reuniu uma enorme quantidade de apontamentos e documentos históricos dessa altura. Ele acreditava que os alemães tinham descoberto algo incrível, algo enterrado por baixo do gelo.

— O quê? — Gray troçou. — Algo como um óvni?

— Não, mas não está tão longe como pensa. Alguns relatos antigos contam que os alemães descobriram um vasto sistema subterrâneo de lagos tépidos, fendas profundas e túneis.

Gray deve ter mostrado o seu ceticismo.

Jason olhou de relance para Kat, que acenou com a cabeça como que autorizando o rapaz a falar à vontade.

— Não é assim tão descabido quanto isso — disse ele, tartamudeando um pouco, como se tivesse algum conhecimento pessoal do assunto.

Gray queria saber mais, mas Kat fez sinal a Jason para continuar.

Jason aclarou a garganta.

— Na verdade, levantamentos geológicos recentes fazem com que essa hipótese seja menos descabida. Vários estudos realizados nos últimos anos revelaram anomalias surpreendentes por baixo do gelo, a grande profundidade. De lagos antigos a rios, que poderiam estar cheios de vida, a desfiladeiros muito mais altos que o Grand Canyon. Foram descobertos até vulcões soterrados, alguns com fluxos de lava a abrir lentamente um caminho, quilômetros abaixo do gelo.

Gray tentou imaginar uma paisagem tão estranha.

— De qualquer forma — continuou Jason —, a crença de que existia uma base nazi captou a atenção ao nível nacional. Aqui está um artigo publicado no *New York Times* em 1945.

Gray inclinou-se sobre o ombro de Jason e leu o cabeçalho. «*Relatos de um Refúgio na Antártida.*»

Kat deu um pequeno suspiro de impaciência.

— Sim, mas o que é que isso tem que ver com o doutor Hess ou com o British Antarctic Survey?

— Tudo. O professor Harrington dava grande importância a estas expedições anteriores. Os ingleses sempre foram os exploradores mais ativos da Antártida. Foram os primeiros a estabelecer uma base lá, atribuíram nome à maior parte dos principais marcos locais e, nos dez anos que se seguiram à guerra, realizaram mais de uma dúzia de expedições pelo continente, a maioria conduzida por uma organização chamada Falkland Dependencies Survey. — Jason olhou para Kat e Gray. — O grupo mudou de nome em 1962 para British Antarctic Survey.

— Então, tem sido sempre o mesmo grupo a operar lá ao longo de décadas — disse Kat, a sua expressão pensativa, considerando toda a informação. — Mas por que razão realizaram tantas expedições, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial?

— Há algo que tem de compreender, Kat. No final da guerra, grande parte das figuras mais importantes da Alemanha nazi acabaram nas mãos dos ingleses. Rudolf Hess, Heinrich Himmler e, mais importante ainda, o cabecilha da marinha alemã, o almirante Karl Dönitz. Os ingleses tinham acesso ilimitado para interrogar estes líderes e os seus aliados, bem antes de nós ou os soviéticos terem oportunidade de o fazer.

Gray compreendia o significado daquela informação para esta conversa.

— E como comandante da marinha, Dönitz teria um conhecimento privilegiado da atividade dos submarinos alemães no continente mais a sul — disse Gray.

— E tinha mesmo, sabia até a localização da base de Neuschwabenland e o que os alemães tinham descoberto naquele continente. Aparentemente, era algo incrível. Está aqui uma afirmação de Dönitz durante os julgamentos de Nuremberga, onde se gabou das descobertas nazis na Antártida. Diz que encontrou uma *fortaleza impenetrável, um oásis paradisíaco no meio do gelo eterno*.

Jason deixou esse facto ser assimilado antes de continuar.

— E, o que é ainda mais invulgar, é que este almirante, com uma posição tão alta na hierarquia de comando nazi, acabou por cumprir apenas *dez* anos na prisão de Spandau, em Berlim. Enquanto outros foram condenados à morte, o comandante da frota nazi escapou com pouco mais que uma palmada na mão. E porquê, acham vocês?

— Deixa-me adivinhar — disse Gray. — Fez algum acordo. Uma sentença mais leve em troca de informação.

Jason acenou com a cabeça e disse:

— É isso que o professor Harrington afirma nas suas trocas de informação com o doutor Hess.

— E esse grupo inglês anda à procura deste sistema perdido de cavernas há décadas? — disse Kat. — Porque é tão importante?

Jason respirou fundo de repente.

— É só isto que consta na pasta da história, mas as notas pessoais do professor Harrington sugerem que existem documentos secretos, talvez um mapa, algo que estava antes nas mãos de Darwin.

Gray não conseguiu esconder o seu choque.

— *Charles Darwin?*

— Exato.

Gray apontou para o nome da pasta no topo do monitor do computador.

D.A.R.W.I.N

— É por isso que o ficheiro copiado dos servidores da DARPA tem esse título? — perguntou Gray.

— Talvez, mas ao que parece é também o acrónimo para a principal filosofia partilhada por Harrington e Hess. Falam dela em vários *e-mails*. Significa *Develop and Revolutionize Without Injuring Nature* (Desenvolver e Revolucionar Sem Prejudicar a Natureza). Os dois investigadores uniram esforços numa tentativa de parar a atual extinção em grande escala que está a varrer o mundo.

A sexta extinção.

Gray lembrou-se da descrição que o diretor Raffee fizera da missão do doutor Hess: tentar travar esta extinção em massa.

— Mas como é que esta história do passado está relacionada com o atual projeto de biologia sintética do doutor Hess? — perguntou Kat.

— Não sei, mas acho que atingiu o seu ponto crítico em 1999.

— Porquê nessa altura?

— Ambos os cientistas fazem referências constantes a uma descoberta realizada em outubro desse ano, descrevendo-a como um ponto de viragem nas suas investigações. Harrington descreveu-a de forma mais ostensiva como a *chave para abrir os portões do Inferno*.

Gray não gostava nada de como isso soava.

— Eram ambos bastante vagos quando escreviam sobre o assunto. Contudo, revelaram o que era a chave. — Jason virou-se para Gray e Kat. — Foi por isso que os chamei aqui. Achei que podia ser importante face aos acontecimentos na Califórnia.

— O que era? — pressionou Gray.

— Confirmei esta informação com fontes independentes. Este pormenor em particular é, sem dúvida, verdadeiro. Em 1999, um grupo de investigadores descobriu um vírus na Antártida, ao qual nenhum animal ou ser humano era imune. O que é ainda mais estranho é que este microrganismo foi descoberto nos campos isolados de gelo, onde nada mais existia. Alguns cientistas da época especularam que o vírus pudesse ser alguma forma de vida pré-histórica que saíra do seu estado de congelação no gelo... ou talvez fosse parte de um programa antigo de armas biológicas. De qualquer forma, a descoberta despoletou o interesse do professor Harrington e do doutor Hess.

Gray entendeu por que razão este pormenor chamara a atenção de Jason. Tendo em conta o que se passava na Califórnia, podia ser significativo.

Antes de poderem discutir o assunto, o telefone na secretária de Kat tocou. Ela atendeu. Gray tinha esperança de que fossem mais notícias da Califórnia. Olhou para o relógio; a equipa de expedição já devia ter regressado da zona de impacto... e, possivelmente, com algumas respostas.

Kat olhou de relance para Gray e disse:

— Estão a transferir-me uma chamada do professor Harrington.

Gray endireitou-se. *Talvez isto fosse ainda melhor.*

Kat pôs a chamada em alta-voz.

— Estou, estou? — A ligação estava fraca, falhando de vez em quando.

— Daqui fala Alex Harrington, consegue ouvir-me?

— Sim, professor. Está a falar com...

— Eu sei — respondeu ele, interrompendo-a —, pertence à Sigma.

Kat olhou para Jason com um ar furioso.

Jason formou palavras com a boca: «Eu não disse nada.»

— Eu era muito amigo de Sean McKnight — explicou Harrington.

Gray e Kat trocaram olhares de espanto. Sean McKnight fundara a Força Sigma. Na verdade, fora ele que recrutara Painter há uma década e acabara por dar a sua vida ao serviço da Sigma, morrendo dentro das paredes da sede.

— Senhor — disse Kat —, temos tentado contactá-lo. Não sei se soube do acidente no laboratório do doutor Hess na Califórnia.

Fez-se uma longa pausa, longa o suficiente para Gray pensar que a chamada caíra.

Em seguida, Harrington falou novamente. Parecia em pânico e furioso.

— Aquele tolo, eu avisei-o.

— Precisamos da sua ajuda — insistiu Kat — para perceber melhor o que o doutor Hess estava a investigar.

— Não pelo telefone. Se querem respostas, têm de vir até mim.

— Onde está?

— Antártida... na Terra da Rainha Maud.

— Pode ser mais específico?

— Não. Venham até à estação de investigação de Halley na plataforma de gelo de Brunt. Estará lá alguém da minha confiança para os trazer até mim.

— Professor — continuou Kat a insistir —, o tempo é crucial nesta questão.

— Então, é melhor despacharem-se. Mas, primeiro, digam-me uma coisa: o doutor Hess está morto ou desaparecido?

Os lábios de Kat estreitaram-se, claramente avaliando o quanto revelar. Por fim, optou pela verdade.

— Acreditamos que possa ter sido raptado.

Fez-se outra longa pausa na linha. O medo substituiu a raiva na voz do professor.

— Então, é melhor virem para cá agora.

A linha emitiu um estalido e a chamada terminou.

Uma nova voz surgiu atrás deles.

— Parece que vamos fazer uma viagensinha.

Gray virou-se e viu Monk à entrada, de calças de fato de treino e *t-shirt* encharcada, com uma bola de basquetebol debaixo do braço.

— Vim cá acima ver se querias jogar comigo — disse Monk —, mas parece que o jogo vai ter de esperar.

— É verdade — disse Kat. — Alguém tem de ir à Antártida e interrogar o Harrington de imediato.

Gray acenou com a cabeça para Monk e disse:

— Nós damos conta do recado. Deve bastar irmos os dois.

— És capaz de ter razão — disse Monk —, mas esta visagem não é para mim, amigo. Não desta vez. Precisas de ter ao teu lado alguém que conheça bem a Antártida.

— E quem é?

Monk apontou.

— E que tal ele?

Gray virou-se para Jason. *O miúdo?*

Jason parecia igualmente surpreendido.

— O Monk tem razão — disse Kat. — O Jason já leu os ficheiros todos e passou algum tempo naquele continente. Ele será um recurso valioso no terreno.

Gray nem tentou argumentar. Confiava na avaliação operacional de Kat tanto quanto na de Painter.

— Está bem, quando vamos?

— Agora mesmo. Antes que o professor mude de ideias em relação a colaborar. Tendo em conta o seu comportamento há pouco, o Harrington está obviamente paranoico e aterrorizado com alguma coisa... ou alguém.

Gray concordou.

Mas quem poderia ser esse alguém?

28 de abril, 21h33 AMT

Roraima, Brasil

Ele sempre adorara a selva à noite, à medida que o dia esmorecia, abdicando da sua falsa sensação de segurança, deixando para trás apenas a escuridão, as sombras vacilantes e o ruído das criaturas noturnas. Sem o sol, a floresta luminosa transformava-se numa escura selva primordial, onde não havia lugar para o Homem.

Cutter Elwes encontrava-se de pé na varanda sobranceira ao lago do complexo e à floresta tropical. Umas quantas linhas soltas de um poema de *O Livro da Selva* de Rudyard Kipling vieram-lhe à cabeça. Costumava lê-lo ao seu filho pequeno, apreciando a falta de sentimentalismo de Kipling ao homenagear a beleza da natureza.

Agora Chil, o milhafre-real, traz consigo a noite
Que Mang, o morcego, liberta...
As manadas estão fechadas nos estábulos e cabanas,
Pois soltos até de madrugada estamos nós.
Este é o momento do orgulho e do poder,
Garras e presas e gadanhos.
Oh, ouve o chamamento! — Boa caçada, a todos

Que seguem a Lei da Selva!

Fechou os olhos e escutou o zumbido das melgas e moscas, as descidas a pique ultrassónicas dos morcegos orelha-de-funil, o som gutural de aviso do macaco-aranha. Ouvia a brisa passar por entre as folhas das enormes mafumeiras, o sussurro das asas de um bando de papagaios. Na parte de trás da língua, saboreava o aroma a marga, a folhas em decomposição, misturado com a doçura do jasmim, que florescia apenas à noite.

Algumas palavras vindas da porta aberta atrás dele interromperam-no: «*Viens ici, mon mari.*»

Cutter sorriu, sabendo o enorme esforço que Ashuu fazia para tentar falar francês para ele. Virou-se, encostado ao corrimão da varanda, e olhou fixamente para a sua pele nua e morena, a voluptuosidade dos seus seios, a longa cascata de ondas de ébano que lhe caía até à cintura. Ela pertencia à tribo macuxi; o seu nome significava «pequena», mas também era usado para descrever algo tão maravilhoso.

Aproximou-se dela e colocou a palma da sua mão sobre a ligeira saliência na barriga dela, proclamando o seu segundo trimestre.

Maravilhoso, sem dúvida.

Ashuu passou os dedos pelos ombros e pelas costas dele, as pontas dos dedos delineando os contornos irregulares das suas cicatrizes, sabendo o quanto isso o excitava. Ele tinha orgulho nas suas feridas, lembrando-se das garras do leão africano a rasgarem-lhe a carne, marcando-o para sempre. Havia noites em que ainda conseguia sentir aquele bafo fétido, cheio de sangue e carne e fome.

Ela conduziu-o pela mão para dentro do quarto.

Ele virou costas à floresta, às suas criações que ainda estavam a aprender a lei da selva de Kipling por baixo daquele manto de escuridão, sabendo que, em breve, nada o impediria de concretizar o seu objetivo:

desencadear uma nova gênese para este planeta, uma gênese guiada não pela mente de Deus, mas pela mão do Homem.

Apertou os dedos de Ashuu.

Pela minha própria mão, irá começar.

Enquanto seguia a sua mulher para dentro do quarto, a floresta sombria chamava por ele, as velhas cicatrizes ardiam ao longo dos seus ombros e das suas costas, lembrando-lhe para sempre a lei da selva.

Recordou outro excerto de poesia, desta vez de Lord Tennyson, um familiar afastado do lado da sua mãe, do seu poema *In Memoriam A.H.H.* Falava do princípio fundamental da sobrevivência do mais apto, referia a magnificência e, simultaneamente, a falta de compaixão da evolução, descrevendo o verdadeiro coração da natureza como...

... vermelho e selvagem.

Nunca foram escritas palavras mais verdadeiras.

E vou fazer delas a minha própria Lei.

SEGUNDA PARTE

A COSTA-FANTASMA



29 de abril, 07h05 PDT

Lee Vining, Califórnia

O que é mais uma cidade-fantasma aqui nas montanhas?

Jenna ia na parte de trás de um veículo militar com *Nikko*. O *husky* arfava ao seu lado, entusiasmado por estar em casa. Os dois homens que os escoltavam iam sentados à frente, o primeiro-marinheiro Schmitt novamente atrás do volante. O grupo chegara de helicóptero ao pequeno aeroporto de Lee Vining e atravessava agora a cidade evacuada em direção à estação dos guardas-florestais.

Habitualmente, a esta hora da manhã, a pequena cidade à beira do lago fervilhava com a presença de turistas vindos da cidade vizinha de Yosemite ou dos muitos hotéis ao longo da autoestrada 395. Hoje, nada se movia na rua principal, à exceção de uma solitária planta estepicursora que rolava pela linha central amarela, empurrada pelos ventos cada vez mais fortes.

Enquanto o sol brilhava a leste, nuvens escuras carregavam os céus a oeste, amontoando-se sobre as montanhas da Sierra Nevada e ameaçando avançar sobre a baía a qualquer momento. A previsão meteorológica anunciava chuva e ventos fortes. Pensou naquelas terras desertas e

mortíferas no topo das colinas e imaginou a água da chuva a escorrer por elas até chegar ao lago e até mais além.

No entanto, não era o gás VX que fazia todos observar o céu. O último relatório toxicológico mostrava que a potência daquele agente tóxico diminuía rapidamente assim que entrara em contacto com o solo.

No que ela pensava era naquelas terras desertas e escuras... e no que lá estava a incubar.

Graças a Deus, já não está ninguém na cidade.

A evacuação de Lee Vining, com uma população de cerca de duzentas pessoas, sem contar com os turistas, não demorara muito. Jenna olhava fixamente para o letreiro amarelo do restaurante Nicely, anunciando um especial de pequeno-almoço que nunca seria servido. Um pouco mais à frente, o centro de informações e a livraria do Comité do Lago Mono ainda tinha a bandeira da América pendurada do lado de fora, embora estivesse trancado e com as persianas de metal completamente fechadas.

Será que alguém poderia um dia voltar para aqui?

Por fim, o veículo saiu da autoestrada para a rua do Centro Turístico. A estrada subia em direção à estação dos guardas-florestais, que ficava sobranceira ao lago Mono. Nem sequer se incomodaram a estacionar no parque de estacionamento e conduziram até à enorme entrada envidraçada. O edifício também servia de centro turístico, com placares informativos, duas galerias de arte e um pequeno auditório.

Uma figura familiar abriu a porta enquanto eles paravam o carro. Bill Howard levantou o braço para os cumprimentar. Estava vestido com calças de ganga, uma camisa castanha e um casaco dos guardas-florestais da mesma cor. Apesar de já ir a meio dos sessenta, mantinha o corpo firme e em boa condição física. O único indício da sua idade eram as rugas no canto dos olhos causadas pelo sol.

Jenna estava muito feliz por vê-lo, mas não era a única. *Nikko* saltou da carrinha e correu até Bill. O cão saltou para dar um abraço de urso ao seu colega guarda-florestal. Era falta de disciplina, mas *Nikko* só se comportava desta forma com Bill, que, por sua vez, não se importava nada. Mas também, Bill tinha três cães.

Jenna abraçou Bill calorosamente.

— Que bom ver-te.

— Digo o mesmo, miúda. Parece que tiveste uns dias bastante excitantes.

Excitantes era dizer pouco.

Drake desceu do veículo e juntou-se a eles.

— Senhor, recebeu a informação que o diretor Crowe enviou?

Bill endireitou as costas, mostrando-se profissional.

— Recebi, sim, e já recolhi todas as imagens das câmaras de trânsito e das câmaras *web*. Sigam-me.

Atravessaram o centro turístico e entraram na estação dos guardas-florestais propriamente dita. O gabinete das traseiras era pequeno, com espaço para apenas algumas secretárias, uma fila de computadores e um grande quadro branco ao fundo. Jenna viu uma longa lista de veículos registada no quadro, juntamente com as matrículas, trinta e duas no total.

Nas últimas dezasseis horas, Painter Crowe conseguira pôr uma lista inteira de pessoal a trabalhar na estação de investigação na montanha. Também reunira informação sobre todas as suas viaturas e quaisquer veículos de aluguer utilizados. Demorara um período exasperante de tempo para o fazer devido ao nível de segurança e às múltiplas agências governamentais envolvidas... mas o maior atraso devia-se ao simples facto de o dia anterior ter sido domingo.

Quem diria que a segurança nacional estava tão dependente do dia da semana?

Bill Howard acenou na direção de uma fila de três computadores.

— Coloquei câmaras desde aqui até Mono City e, na eventualidade de o vosso alvo escapar por estas sem ser visto, consegui obter as imagens das câmaras *web* em Passo Tioga em direção a Yosemite e na autoestrada 395.

— Isso deve cobrir toda a área a sul do lago — explicou Jenna a Drake.

O sargento artilheiro acenou com a cabeça, satisfeito.

— O Crowe pôs o departamento do xerife em Bridgeport a fiscalizar as estradas a norte daqui. Se alguém daquela base é um sabotador e fugiu de lá, devemos ser capazes de cruzar a informação do veículo com a dos carros que passam por uma ou mais destas câmaras.

Jenna pensou nos portões abertos que conduziam à estação de investigação. Seria um esforço hercúleo verificar cada carro e compará-lo com a informação da lista, mas tinha de ser feito. Era a melhor pista que tinham. Isto é, se a sua teoria do sabotador estivesse certa.

Talvez alguém se tenha simplesmente esquecido de fechar o portão.

Só havia uma maneira de saber.

— Vamos pôr mãos à obra — disse Jenna.

Apesar de a tarefa ser extremamente aborrecida, Jenna não se queixava. Havia quem estivesse bem pior.

07h32

— Como é que ele está? — perguntou Painter à enfermeira.

A mulher, uma jovem fuzileiro que pertencia ao pessoal médico do MWTC, retirou as luvas descartáveis enquanto saía da sala isolada da ala de quarentena. Parecia exausta após terminar o turno da noite, seguido de um processo de descontaminação que demorava uma hora.

Virou-se e olhou pela janela de vidro para a sala de recuperação improvisada. A unidade de isolamento de pacientes do laboratório de biossegurança nível 4 ocupava um canto do amplo hangar. As instalações de isolamento tinham sido trazidas por via aérea pelo Instituto de Investigação Médica de Doenças Infeciosas do Exército dos Estados Unidos (USAMRIID) de Fort Detrick e rapidamente instaladas no local.

Tinha uma única cama e um paciente.

Josh encontrava-se deitado, ligado por tubos e fios a uma enorme quantidade de equipamentos médicos. A sua pele estava pálida, a sua respiração débil. A sua perna esquerda — o que restava dela — encontrava-se suspensa no ar. Um cobertor fino escondia a ponta do coto.

Duas outras figuras moviam-se no interior, um médico e uma enfermeira, ambos protegidos por fatos de biossegurança, ligados à parede por tubos de oxigénio.

— Ele está o melhor que poderia estar, tendo em conta as circunstâncias — respondeu a enfermeira, retirando a touca cirúrgica e revelando o cabelo castanho-avermelhado pela altura dos ombros. Era uma mulher bonita, mas a preocupação carregava-lhe as feições. — Segundo o médico, é capaz de precisar de mais cirurgia.

Painter fechou os olhos para respirar fundo. Lembrou-se do golpe do machado, da fuga desenfreada das montanhas, da frustração do tempo perdido a mover Josh em segurança para aqui. A cirurgia teria de ser realizada sob o mesmo nível de isolamento, com cirurgiões a tentarem arduamente reparar o ferimento grave com luvas volumosas. Lisa tinha o mesmo tipo de sangue do irmão e doou duas unidades — mais do que deveria ter doado —, chorando a maior parte do tempo.

Ele sabia o quanto fora difícil para Lisa tomar aquela decisão no terreno. De início, mantivera a compostura, consciente de que, naquela altura, Josh precisava de um médico, não de uma irmã. No entanto, assim

que tinham chegado aqui, depois de Josh ter sido levado para a sala de operações, Lisa foi-se abaixo, quase desmaiando de tanto desespero e preocupação.

Painter tentara convencê-la a tomar um sedativo, a dormir, mas ela recusara.

Somente uma coisa a mantinha sã, a fazia continuar.

Painter olhou fixamente para o lado oposto do hangar, para outro aglomerado de estruturas com paredes brancas. Era o laboratório de biossegurança nível 4, instalado pela equipa do CCPD. Lisa passara a noite toda com esse grupo. A perda da perna não era a única preocupação.

— Há algum indício de contaminação? — perguntou Painter à enfermeira.

Ela abanou ligeiramente a cabeça, encolhendo os ombros.

— Estamos a fazer análises regulares ao sangue, a monitorizar a temperatura e a manter-nos alerta para alguma resposta do sistema imunitário. A cada meia hora, verificamos o corpo dele à procura de alguma lesão que venha do interior. É tudo o que podemos fazer. Ainda não sabemos o que temos de procurar, nem com o que estamos a lidar.

A enfermeira olhou na direção de um complexo maior de laboratórios de biossegurança nível 4 do outro lado do hangar.

Todos estavam à espera de mais informação.

Há vinte minutos, Painter recebera informações de uma equipa estacionada na zona de impacto. A destruição, o que quer que ela fosse, continuava a espalhar-se sem limites, consumindo vários hectares no período de algumas horas.

Mas que raio estava a causar aquilo?

Agradeceu à enfermeira e dirigiu-se para o melhor lugar para descobrir uma resposta para esta pergunta.

Ao longo das últimas vinte e quatro horas, Washington enviara pessoal por avião, mobilizando especialistas de várias disciplinas: epidemiologistas, virologistas, bacteriologistas, geneticistas, bioengenheiros, qualquer pessoa que pudesse ajudar. Toda a região fora isolada num raio de oitenta quilómetros da zona de impacto. As equipas de jornalismo lutavam pela cobertura da história nos limites do perímetro de segurança, montando acampamentos na zona.

Estava a ficar de loucos por ali.

À distância, o ribombar de um trovão ecoou pelas montanhas, fazendo estremecer o telhado de metal do hangar.

Até a Mãe Natureza parecia determinada a piorar a situação.

Painter andou mais depressa em direção ao complexo dos laboratórios.

Precisamos de uma oportunidade... nem que seja uma bem pequena.

07h56

— Vejam isto — gritou Jenna do seu computador.

Drake fez deslizar a sua cadeira para o terminal de Jenna, trazendo consigo o aroma intenso da sua masculinidade. Bill esticou as costas para aliviar uma dor na parte inferior das costas e juntou-se a eles. Até *Nikko* levantou a cabeça do chão, onde estava a roer um brinquedo que Jenna mantinha debaixo da secretária para o distrair enquanto trabalhava.

No monitor, Jenna tinha a imagem parada de um *Toyota Camry* branco. Esta provinha de uma câmara meteorológica na autoestrada 395, a sul da cidade. Infelizmente, a qualidade da imagem era má.

Apontou para o quadro branco ao fundo da sala, que incluía um *Camry* branco na lista de carros suspeitos.

— Não consigo perceber a matrícula, mas o condutor ia muito rápido — disse Jenna.

Carregou no botão do *play* e o veículo em questão percorreu a grande velocidade o troço da autoestrada.

— Cento e vinte ou cento e trinta quilómetros por hora — estimou Bill.

— A marca e o modelo do carro são bastante vulgares — comentou Drake, cético. — Podia ser apenas alguém a regressar a casa.

— Sim, mas observe quando se cruza com outro carro que circula na faixa contrária.

Jenna recuou a imagem e passou-a em câmara lenta, imagem a imagem. Numa delas, o *Toyota* cruzou-se com um monovolume que circulava na faixa contrária. Os faróis dianteiros do monovolume bateram no para-brisas no ângulo certo de forma a iluminar por completo o condutor do *Toyota*. Mais uma vez, a resolução da imagem não permitia uma identificação muito clara.

Drake semicerrou os olhos e disse:

— Louro-escuro, talvez, cabelo pelos ombros a comprido. Ainda não passa de um vulto.

— Sim, mas repare no que ela tem vestido.

Bill assobiou.

— Ou ela está vestida com um fato completo branco ou aquilo é uma bata de laboratório — disse Bill.

Jenna virou-se para o quadro branco.

— Qual é o investigador que consta na lista que conduz um *Camry* branco?

Drake fez deslizar a cadeira e pegou no seu *tablet* que se encontrava em cima da secretária. Pesquisou até encontrar o ficheiro de um funcionário governamental que correspondesse.

— Diz aqui que pertence a Amy Serpry, bióloga de Boston, uma contratação recente. Há cinco meses.

— E tem fotografia?

Drake bateu no ecrã, estudou a imagem e depois virou o *tablet* para eles, dizendo:

— Loura, cabelo num rabo de cavalo. Mesmo apanhado, parece-me bastante comprido. — O fuzileiro sorriu para Jenna, o que provocou nela uma sensação bastante agradável. — Acho que é agora que dizemos *jackpot*.

Jenna queria ter mais certezas e continuou:

— O que sabemos sobre ela?

Painter providenciara tudo o que conseguira sobre cada investigador: registos, avaliações, verificações de antecedentes, até mesmo todos os artigos publicados com os seus nomes.

Drake deu uma vista de olhos nos aspetos mais importantes da sua biografia.

— Ela é de França, tornou-se cidadã americana há sete anos, fez doutoramentos nas universidades de Oxford e Northwestern.

Não admira que o doutor Hess a tivesse contratado. Além do currículo, pelo que a sua fotografia dava a entender, era muito bonita, uma qualidade que provavelmente nunca atrapalharia a contratação por parte do clube dos rapazes que é a comunidade científica.

Drake continuou a ler em silêncio, claramente à procura de alguma coisa que se destacasse.

— Ouçam isto — disse Drake, por fim. — Ela foi uma das figuras mais importantes num movimento que defendia o livre acesso à informação científica. O movimento era a favor de uma maior transparência. Ela até escreveu um artigo de opinião de apoio a um

virologista holandês, que publicou na Internet truques genéticos para tornar o vírus H5N1, a gripe das aves, mais contagioso e mortífero.

— Ela não se importou que isso fosse publicado? — perguntou Bill.

Drake leu mais um pouco e respondeu:

— Não era contra.

Jenna respirou fundo e disse:

— Devíamos contar tudo isto ao departamento do xerife e ao diretor Crowe. Aquele *Camry* é um modelo de 2009. É provável que esteja equipado com um GPS.

— E com o número de identificação do veículo — disse Bill —, devemos conseguir localizá-lo.

— Vale a pena tentar — concordou Jenna.

Drake levantou-se e fez sinal para que ela o seguisse.

— Entretanto, devíamos voltar para o helicóptero e estar preparados para avançar na eventualidade de a conseguirem localizar.

Jenna sentiu-se orgulhosa por estar incluída... não que ela aceitasse que fosse de outra forma.

— Vão. — Bill pegou no telefone. — Vou pôr tudo em movimento e alerto-vos assim que souber alguma coisa.

Com *Nikko* a segui-los de perto, Jenna e Drake saíram apressadamente do gabinete e atravessaram o centro turístico até às portas da frente. Assim que ela saiu, alguns pingos de chuva fria bateram-lhe no rosto.

Observou o céu e não gostou do que viu.

Uns quantos relâmpagos iluminaram os contornos das nuvens negras.

Drake franziu o sobrolho, num reflexo da expressão de Jenna.

— Estamos a ficar sem tempo.

Ele tinha razão.

Jenna apressou-se em direção ao veículo que os esperava.

É melhor que alguém encontre algumas respostas... e rapidamente.

08h04

Lisa estudou o rato na gaiola, observando-o a remexer o ninho, a empurrar as aparas de madeira com o focinho rosado. Ela tinha empatia pela pequena criatura, sentindo-se igualmente encurralada e ameaçada.

Os sujeitos da experiência encontravam-se numa gaiola dividida em duas secções, separadas por um filtro HEPA espesso. Do lado oposto, estava um monte preto de pó... o que restava de uma das plantas mortas.

Escreveu uma nota no computador, um autêntico desafio com as luvas grossas do fato NBQ postas.

CINCO HORAS E NÃO HÁ SINAL DE TRANSMISSÃO

Já tinham realizado uma série de experiências com vários tamanhos de poros e espessura de filtros, tentando avaliar o *tamanho* do agente infeccioso. Até agora, este era o único rato que continuava sem mostrar sinais de contaminação. Os outros estavam todos doentes ou a morrer devido à falência de vários órgãos.

Lisa tentava desesperadamente não pensar no irmão, fechado numa unidade de isolamento do outro lado do hangar.

Há algumas horas, Lisa realizara uma necrotomia, juntamente com um dos histopatologistas, a um dos ratos na fase inicial da infeção. Os pulmões e o coração eram os órgãos mais gravemente afetados, com petéquias nos alvéolos e rabdomiólise das fibras musculares cardíacas. O coração estava, literalmente, a derreter. As lesões iniciais a manifestarem-se de forma tão dramáticas no peito sugeriam que era transmitido pelo ar.

Fora por essa razão que começaram a fazer testes com uma série de filtros.

Lisa continuou a escrever no computador.

AVALIAÇÃO: AS PARTÍCULAS INFECCIOSAS TÊM DE TER
MENOS DE 15 NANÓMETROS

Então, de certeza que não é uma bactéria.

Uma das mais pequenas espécies bacterianas conhecidas era a *Mycoplasma genitalium*, que podia medir entre 200 e 300 nanómetros.

— Tem de ser um vírus — murmurou ela.

Contudo, mesmo o vírus mais pequeno conhecido pelo homem era o *Circovirus porcino*, que media 17 nanómetros. A partícula transmissível neste caso era ainda mais pequena que isso. Não era de admirar que estivesse com dificuldades em obter uma imagem desta, para examinar a sua estrutura.

Há duas horas, um técnico do CCPD finalmente terminara de instalar e calibrar um microscópio eletrónico de varrimento no interior de um laboratório dentro do hangar. Com alguma sorte, em breve poderiam confrontar o adversário.

Lisa suspirou, querendo esfregar as têmporas para se livrar de uma forte dor de cabeça, mas, com o fato vestido, nem sequer conseguia afastar do rosto alguns cabelos que lhe faziam comichão no nariz. Já tentara soprá-los para o lado, antes de desistir. Sabia que a exaustão estava a levar a melhor, mas recusava-se a abandonar os laboratórios que estavam a conduzir vários passos da investigação.

O rádio fez barulho ao seu ouvido e, em seguida, o epidemiologista responsável, o doutor Grant Parson, falou:

— Todos os investigadores devem dirigir-se à sala de conferências central para uma reunião.

Lisa colocou uma palma de borracha por cima da jaula de plástico.

— Continua a aguentar-te, amiguinho.

Levantou-se, desprendeu a sua mangueira de oxigénio da parede e levou-a consigo pela área isolada que ia do laboratório de testes *in vivo* em animais para o resto do complexo. Cada laboratório estava separado dos outros, compartimentando a investigação e limitando a hipótese de disseminação da doença pelo complexo.

Chegou à sala central. A cada duas horas, os cientistas reuniam-se na sala para comparar notas e discutir o seu progresso. Para facilitar estas reuniões, fora instalada uma mesa comprida com monitores adicionais para ajudar a comunicar por teleconferência com investigadores espalhados pelos Estados Unidos. Uma janela por trás da mesa dava para o hangar escuro.

Lisa viu um rosto familiar atrás do vidro.

Levantou o braço para Painter e apontou para a orelha. Ele tinha um intercomunicador na orelha e sintonizou uma frequência privada.

— Como estás? — perguntou ele, apoiando a mão no vidro.

— Estamos a fazer progressos lentamente — respondeu ela, embora soubesse que ele estava a fazer uma pergunta pessoal e não a pedir um relatório dos progressos da investigação.

Lisa evitou responder e fez uma pergunta muito mais importante:

— Como está o Josh?

Ela recebia informações regulares do pessoal médico, mas queria ouvi-lo de Painter, de alguém que conhecia o seu irmão pessoalmente.

— Ainda se encontra sedado, mas está a aguentar-se. O Josh é forte... e é um lutador.

Painter estava certo. O seu irmão era capaz de mover montanhas, mas até ele era incapaz de lutar contra o que não se conseguia ver.

— A boa notícia é que parece que os cirurgiões conseguiram salvar a articulação do joelho — acrescentou Painter. — Deve ajudar bastante a sua recuperação e a fisioterapia a seguir.

Lisa rezou para que existisse um «a seguir»

— E, quanto a... há algum indício de infeção?

— Não. Parece estar tudo bem.

Lisa sentiu-se reconfortada pelas notícias. O contacto de Josh com o agente fora através de um corte na pele e não inalara nada. A falta de sintomas podia dever-se apenas a um período de incubação mais longo para esse modo de exposição.

Um receio continuava a incomodá-la.

Será que lhe cortámos a perna a tempo?

O doutor Parson falou atrás dela:

— Vamos dar início à reunião.

Lisa colocou a palma da mão enluvada por cima da mão de Painter encostada ao vidro.

— Cuida dele por mim.

Painter acenou com a cabeça.

Lisa virou-se para os outros investigadores. Alguns estavam sentados, outros de pé, todos com os fatos especiais de biossegurança nível 4. Ao longo dos quinze minutos seguintes, o responsável de cada laboratório falou dos seus progressos.

Um edafologista, um cientista que estudava microrganismos, fungos e outras formas de vida escondidas no solo, foi o primeiro a falar. A ansiedade era evidente em cada palavra que dizia.

— Terminei uma análise completa aos solos da zona de impacto. Não é apenas a vegetação e a vida selvagem que está a ser exterminada. A uma profundidade de sessenta centímetros, encontrei amostras desprovidas de vida. Bactérias, esporos, insetos, minhocas. Todos mortos. O solo foi, basicamente, esterilizado.

Parson mostrou-se chocado e disse:

— Esse nível de patogenicidade... nunca se viu tal coisa.

Lisa pensou naquelas colinas negras, imaginando a mesma sombra a penetrar a grande profundidade no solo, sem deixar qualquer rasto de vida na sua passagem, enquanto se espalhava por toda a paisagem. Também ouvira relatos do tempo rigoroso que se abatia agora sobre a bacia do lago Mono. Era a receita para uma catástrofe ecológica de proporções incalculáveis.

Um bacteriologista falou a seguir.

— Por falar em patogenicidade, a nossa equipa passou as amostras infetadas por uma série de líquidos desinfetantes, com o objetivo de esterilizar as amostras do terreno. Experimentámos níveis extremos de alcalinidade e acidez. Soda cáustica, vários tipos de lixívia, e por aí em diante. No entanto, as amostras permaneceram infecciosas.

— E calor extremo? — perguntou Lisa, lembrando-se de que Painter achava que as colinas deviam ser queimadas para impedir que a destruição se espalhasse.

O investigador encolheu os ombros.

— Ao início, pensámos que tínhamos sido bem-sucedidos. Queimámos uma planta infetada até a reduzirmos a cinza... ao princípio, parecia ter resultado, mas depois de arrefecer continuou infecciosa. Acreditamos que o calor apenas coloca o micróbio num estado semelhante ao de um esporo ou quisto.

— Talvez seja necessário algo mais quente — disse Lisa.

— É possível. Mas qual será a medida certa de calor? Já discutimos um nível de calor nuclear. Mas, se as chamas de uma bomba atômica não matarem o agente, a explosão pode espalhá-lo e aerossolizá-lo por muitos quilómetros.

Essa não era, definitivamente, uma opção.

— Continuem a procurar — incentivou Parson.

— Ajudaria sabermos contra o que estamos a lutar — concluiu o bacteriologista, o que lhe valeu muitos acenos de cabeça por parte dos outros cientistas.

Lisa explicou as suas próprias descobertas, confirmando que era provável estarem a lidar com algo de natureza viral.

— Mas é excessivamente pequeno — disse ela —, mais pequeno do que qualquer vírus conhecido. Sabemos que o doutor Hess estava a fazer experiências com extremófilos de todo o mundo, organismos capazes de se desenvolver em ambientes ácidos ou alcalinos, até mesmo alguns que conseguiam sobreviver no calor da lava de vulcões.

Lisa olhou diretamente para o bacteriologista e continuou:

— E, para piorar ainda mais a situação, sabemos que o doutor Hess se estava a aventurar nos limiares da biologia sintética. O seu projeto, Neogénese, procurava manipular geneticamente o ADN de extremófilos, numa tentativa de ajudar espécies em vias de extinção, de forma a torná-las mais fortes e resistentes a mudanças climáticas. Nesta demanda, quem sabe que monstro conseguiu criar?

O doutor Edmund Dent, um virologista do CCPD, levantou-se e interveio:

— Acredito que captámos um vislumbre desse monstro. Através do microscópio eletrónico recentemente instalado.

Todos os olhos se viraram para ele.

— No início, pensámos que fosse uma falha técnica. O que encontrámos parecia demasiado pequeno... inimaginavelmente pequeno... mas, se a avaliação que a doutora Cummings fez em relação ao tamanho da partícula estiver certa, então é provável que não seja um erro. — Dent olhou de relance para ela. — Se quiser juntar-se a nós...

— Claro. Acho que também devemos ter connosco um geneticista e um bioengenheiro. Apenas na eventualidade de...

Uma buzina soou muito alto, atraindo todos os olhares para a janela. Uma luz azul brilhava na escuridão, girando ao mesmo tempo que se ouvia uma sirene. Vinha da unidade de isolamento de pacientes.

Lisa levantou-se em pânico.

29 de abril 15h05 GMT

Plataforma de gelo de Brunt, Antártida

— Segurem-se bem! — gritou o piloto.

A pequena aeronave *Twin Otter* sacudia como um garanhão selvagem enquanto sobrevoava o mar de Weddell coberto de icebergues. Os ventos pioravam à medida que se aproximavam da costa.

— Estes malditos ventos catabáticos estão a dar cabo de mim! — explicou o piloto. — Se estiverem maldispostos, tenho sacos para o enjoo aí atrás, para o caso de quererem vomitar. Não se atrevam a sujar a minha menina.

Gray manteve-se firmemente agarrado às tiras do seu assento. Estava num dos lados da cabina com o cinto de segurança bem apertado. Na parte de trás da aeronave, caixas de material e mantimentos abanavam e rangiam. Não costumava ficar enjoado, mas este voo, que mais parecia uma montanha-russa, estava a testar o seu estômago.

Jason encontrava-se sentado do outro lado da cabina, com a cabeça a abanar para trás e para a frente, meio adormecido, nada afetado pela turbulência. Ao que parecia, já tinha bastante experiência com este continente, frequentemente atingido por tempestades. O miúdo parecia

mais afetado pelas vinte e quatro horas de voos longos para a ponta mais a sul do planeta.

Pelo menos, este era o último voo até chegarem ao destino.

Nas primeiras horas daquele dia, antes do amanhecer (que era *meio-dia* neste lado do mundo, o início do inverno escuro), voaram das ilhas Falkland para a península da Antártida e aterraram num promontório rochoso na ilha Adelaide, onde os ingleses tinham a estação de Rothera. Esse voo fora a bordo de um grande *Dash 7* vermelho, com *British Antarctic Survey* gravado de lado. Em Rothera, mudaram para esta aeronave *Twin Otter* mais pequena, pintada de forma semelhante, e cruzaram o mar de Weddell em direção à plataforma de gelo de Brunt: um lençol flutuante com cem metros de espessura que envolvia a linha costeira numa região da Antártida Oriental chamada Terra de Coats.

Quando faziam a aproximação à pista, as hélices duplas da aeronave cortaram a corrente de ar polar, os chamados ventos catabáticos, que descia das terras mais altas e se estendia até ao mar.

O piloto era um veterano inglês, que pertencia à força aérea, chamado Barstow, e era evidente que tinha muita experiência no gelo. Continuou a sua explicação e o passeio turístico.

— Sabem que o nome destes ventos vem da palavra grega *katabaino*, que significa «descer»?

— Vamos esperar que isso não nos aconteça — resmungou uma voz atrás dele.

Joe Kowalski encontrava-se encolhido na parte de trás. O seu corpanzil estava quase dobrado ao meio para conseguir caber no espaço exíguo. Parecia um gorila de cabeça rapada enfiado num cano de esgoto apertado. Mantinha a cabeça baixa para não bater no teto baixo da aeronave... não que já lá não tivesse batido algumas vezes durante a viagem atribulada sobre o mar de Weddell.

Kat enviara-o nesta missão como apoio e músculo adicional, usando outro argumento também. *Levem-no daqui. Depois de a sua relação com a Elizabeth Polk ter terminado, não faz mais nada senão andar por aqui aos caídos.*

Gray ficava admirado por Kat conseguir perceber a diferença. Kowalski nunca era propriamente um raio de sol, nem mesmo nos seus melhores dias.

Ainda assim, Gray não se queixara. O tipo podia não parecer grande coisa, mas o velho marinheiro tinha os seus talentos, que envolviam quase sempre coisas que faziam *boom*. Enquanto especialista de demolições da Sigma, já provara ser imprescindível no passado. Além disso, acabava por se gostar da sua atitude rabugenta, como bolor no pão. Assim que se habituavam a ele, era boa pessoa.

Não que eu alguma vez fosse admitir isso em voz alta.

— Conseguem ver a base de Halley além — gritou Barstow para trás.
— É aquela grande centopeia azul em cima do gelo.

Gray torceu-se para ver pela janela, enquanto o *Twin Otter* se inclinava para aterrar.

Diretamente abaixo, os mares negros batiam contra penhascos de gelo azul, as paredes tão altas como arranha-céus de quarenta andares. Embora a plataforma de gelo de Brunt parecesse uma linha costeira recortada, era, na verdade, uma língua de gelo que entrava pelo mar dentro, com cem quilómetros de um lado ao outro, fluindo dos glaciares mais altos da Terra da Rainha Maud para leste. Movia-se a uma distância equivalente a dez campos de futebol a cada ano, destacando-se dos icebergues na ponta, fragmentados pelas águas mais quentes de Weddell ou pelo movimento das marés.

Contudo, o que chamou mais a atenção de Gray foi algo que se encontrava no cume daqueles penhascos. Parecia mesmo uma centopeia. A

Estação de Investigação Halley VI fora estabelecida em 2012, utilizando um desenho único de módulos de aço individuais, todos azuis, ligados entre si por passagens fechadas. Cada módulo assentava sobre esquis, semelhantes a andas, com a altura controlada por um sistema hidráulico.

— Esta é a sexta versão da Halley — disse Barstow, pilotando o avião de um lado para o outro por causa do vento. — As outras cinco foram enterradas pela neve, esmagadas e empurradas para dentro de água. É por essa razão que agora está tudo assente em esquis. Podemos rebocar a estação para zonas onde a neve não está alta ou mantê-la afastada do gelo que se separa.

Kowalski tinha o nariz colado à janela.

— Então porque está tão perto daquele desfiladeiro agora? — perguntou ele.

Kowalski estava certo. Os oito módulos interligados, todos alinhados numa fila, encontravam-se a apenas cem metros da beira do desfiladeiro.

— Não vai ficar ali muito mais tempo. Vão deslocar a estação mais para o interior dentro de duas semanas. Um grupo de estudiosos do clima está a desenvolver um estudo de um ano sobre o degelo dos glaciares, monitorizando a velocidade com que o gelo se desprende deste maldito continente. Já estão quase a terminar por aqui e depois vão todos para a outra ponta da Antártida. — O piloto olhou de relance para eles, o que Gray não gostou muito, pois o avião estava a descer a pique para aterrar. — Vão para a plataforma de gelo de Ross. Para a estação McMurdo. Uma das estações dos vossos compadres ianques.

— Mantenha os olhos na estrada — rosnou Kowalski lá de trás, apontando para a frente para dar mais ênfase.

Quando o piloto regressou às suas funções, Gray virou-se para Jason, que se mexera com os solavancos e o barulho, e disse:

— McMurdo? Ainda tens família lá, certo?

— Lá perto — respondeu Jason.

— Quem é que quer morar ali? — comentou Kowalski. — Ficava com as bolas congeladas se tentasse sequer mijar.

Barstow riu-se de forma ruidosa e acrescentou:

— Sobretudo a meio do inverno, amigo. E era provável que também te caísse o zezinho. No inverno, isto vira um mosteiro.

— Mosteiro? — perguntou Kowalski.

— Ele quer dizer que fica um frio do caraças — traduziu Gray.

Jason apontou para baixo.

— Porque é que uma das secções da estação está pintada de vermelho e todas as outras são azuis?

— É o nosso bairro das luzes vermelhas — respondeu Barstow, lutando para manter a aeronave no ar, à medida que o gelo se levantava na sua direção. — É naquela secção que toda a diversão acontece. É lá que comemos, bebemos umas cervejas em raras ocasiões, jogamos *snooker* e temos televisões para ver filmes.

O *Twin Otter* aterrou e deslizou pela superfície de gelo que servia de pista de aterragem. Toda a aeronave abanou e vibrou sobre os patins, acabando por parar não muito longe da estação.

Todos saíram. Embora estivessem vestidos com casacos polares grossos, o vento descobria de imediato todos os buraquinhos e pregas soltas. Cada inspiração era como engolir nitrogénio líquido, e o fulgor do Sol que se punha no horizonte refletia na neve e quase cegava. Faltava apenas meia hora para o pôr do sol. Daqui a dois dias, não voltava a nascer ou a pôr-se de todo.

O piloto seguiu-os para fora da aeronave, mas manteve o casaco desapertado e não colocou o capuz sobre a cabeça. Virou o rosto enrugado para o céu azul, como se estivesse a aproveitar os últimos raios de sol.

— Não vai ficar assim tão ameno durante muito tempo — disse Barstow.

Ameno?

Até os dentes de Gray doíam por causa do frio.

— Temos de aproveitar para nos bronzearmos quando podemos — disse Barstow, e levou-os para um lanço de escadas que dava acesso a um dos enormes módulos azuis.

Do solo, o mero tamanho da estação era impressionante. Cada módulo parecia tão grande como uma casa de dois andares e era elevado quinze metros acima do gelo coberto de neve por quatro enormes esquis hidráulicos. Um trator de dimensões normais poderia passar facilmente por *baixo* da estação, o que era provável que acontecesse de vez em quando, visto que havia um *John Deere* estacionado nas imediações.

— Deve ser como rebocam os módulos — disse Jason, observando a peça de maquinaria americana. Depois olhou para a estação, encrustada no gelo. — Isto tudo parece saído da *Guerra das Estrelas*.

— Exato — concordou Kowalski. — Tal como em Hoth, o planeta gelado.

Gray e Jason olharam para ele.

O ar carrancudo de Kowalski acentuou-se ainda mais e disse:

— O que é? Eu vejo filmes.

— Por aqui, meus senhores — disse Barstow, fazendo-lhes sinal para subirem as escadas.

Enquanto subiam ruidosamente as escadas, sacudindo a neve das botas, uma porta abriu-se no cimo e uma mulher com uma parka vermelha desabotoada saiu para os receber. O seu longo cabelo castanho estava penteado para trás e afastado do rosto, preso num eficiente, ainda que feminino, rabo de cavalo, por causa do vento. O seu físico era esguio e

musculado, as suas faces queimadas pelo vento e bronzeadas. Aqui estava uma mulher que se recusava a ficar fechada dentro da estação.

— Sejam bem-vindos ao fim do mundo — cumprimentou ela. — Eu sou a Karen Von Der Bruegge.

Gray dirigiu-se a ela e apertou-lhe a mão.

— Obrigado por nos receber, doutora Von Der Bruegge.

— Trate-me apenas por Karen. Não somos nada formais por aqui.

Gray fora informado sobre esta mulher, que era simultaneamente a cientista responsável e a comandante da base. Com apenas quarenta e dois anos, já era muito conceituada enquanto bióloga no Ártico, tendo sido formada em Cambridge. No dossiê da missão, Gray vira as fotografias que Karen tirara aos ursos polares no Polo Norte. Agora, encontrava-se no lado oposto do globo a estudar colónias de pinguins-imperador, que faziam os seus ninhos aqui.

— Entrem. Vamos instalar-vos. — Karen virou-se e levou-os para dentro. — Este é o módulo de comando, onde vão encontrar a lavandaria, o posto de comunicações, o gabinete médico e o meu escritório. Mas acho que vão ficar mais à vontade na nossa sala de convívio.

Gray olhou em redor enquanto Karen lhes mostrava o seu território, reparando no gabinete médico com uma única sala de operações. Parou uns instantes junto à porta do posto de comunicações.

— Doutora Von Der Bruegge... Karen, tenho estado a tentar contactar os Estados Unidos desde que chegámos à estação de Rothera, em Adelaide, mas não consigo obter uma boa receção.

O sobrolho dela franziu.

— O seu telefone por satélite... deve estar a usar uma conexão geoestacionária.

— Sim.

— Esses tendem a funcionar mal quando se atravessa setenta graus para sul da linha do equador. Basicamente, em toda a Antártida. Nós usamos um sistema de satélite LEO por aqui. Órbita terrestre baixa. — Karen apontou para a sala. — Esteja à vontade para fazer uma chamada. Podemos dar-lhe alguma privacidade. No entanto, devo avisá-lo de que nos encontramos no meio de uma tempestade solar que está a afetar os nossos sistemas também. É uma chatice, mas torna a aurora austral, as nossas luzes do Sul, bastante espetacular.

Gray entrou na sala.

— Obrigado.

Karen virou-se para os outros.

— Vou levar-vos à nossa área de convívio. Aposto que vos deve apetecer um café quente e comida agora.

— Nunca recuso uma refeição grátis — disse Kowalski num tom bastante mais animado.

Enquanto saíam por uma portinhola para uma das pontes cobertas que fazia a ligação entre os módulos, Gray fechou a porta da sala de comunicações e dirigiu-se ao telefone por satélite. Marcou o número da sede de comando da Sigma e ouviu os ruídos que a linha fazia a ser conectada.

Kat atendeu de imediato.

— Já chegaram à estação Halley? — perguntou ela, sem demora.

— É provável que tenha ficado sem a massa que preenchia alguns dos meus molares com tanto abanão e sacudidela, mas chegámos sãos e salvos. Ainda temos de esperar pela pessoa que o doutor Harrington enviou. Só depois podemos começar a obter algumas respostas.

— Espero que seja muito em breve. As notícias que chegaram da Califórnia nas últimas duas horas são cada vez piores. Uma tempestade

aproxima-se da área, com a ameaça de chuvas torrenciais e inundações repentinas.

Gray compreendia o perigo. Qualquer contenção naquela zona de quarentena seria impossível.

Enquanto Kat continuava, algumas das suas palavras perdiam-se no meio do barulho da estática e falhas de rede.

— Também tenho de te dizer que o irmão da Lisa está com... sinais de infeção. Teve um ataque há vinte minutos. Ainda estamos a tentar perceber se é um efeito da sua exposição ao agente ou uma complicação relacionada com a cirurgia. De qualquer maneira, precisamos de... controlar esta situação o mais rapidamente possível antes que tudo piore.

— Como está a Lisa?

— Não para de trabalhar. Motivada pela esperança de encontrar uma forma de ajudar o irmão. Ainda assim, o Painter está preocupado com ela. A única boa notícia é que somos capazes de ter uma pista sobre o sabotador da base. Estamos a analisá-la neste momento.

— Ótimo, eu também vou tentar acelerar as coisas por aqui. Mas ainda temos de esperar mais uma hora até o contacto do professor chegar para nos levar até onde ele se encontra.

Onde quer que isso seja.

A impaciência de Kat fez-se sentir do outro lado do mundo.

— Se ao menos ele não fosse tão paranoico...

Gray compreendia a frustração de Kat, mas tinha outra preocupação em mente: *E se Harrington tivesse razões para ser tão paranoico?*

15h32

De volta a casa...

Com o Sol quase a pôr-se no horizonte, Jason aproveitou a vista. Estava sentado a uma mesa em frente de um conjunto de janelas de vidro triplo, com a altura de dois andares, de onde se via a extensão gelada que se estendia até ao mar de Weddell. Enormes pedaços de gelo salpicavam as águas azul-escuras, esculpidos pelo vento e pelas ondas em formas etéreas altíssimas, cristas, arcos e velas recortadas de um branco-azulado.

Jason juntara-se à Sigma para fazer o bem, para manter a nação segura, mas também porque esperava ter a oportunidade de ver mundo. Em vez disso, passava a maior parte do seu tempo enterrado na sala de comando subterrânea da Sigma, e agora, na sua primeira verdadeira missão no terreno...

Mandam-me para casa.

Passara a maior parte da sua infância na Antártida com a mãe e o padrasto, que ainda trabalhava perto da estação McMurdo, do outro lado do continente.

E agora dei a volta completa.

Sorveu tristemente o chá quente, ouvindo a conversa de uns quantos membros do pessoal da base que partilhavam aquela área de convívio. O módulo vermelho estava dividido em dois níveis. A cantina ficava na parte de baixo, e uma escada em caracol subia para um espaço aberto que continha uma pequena biblioteca, alguns computadores e uma área de reuniões. Havia até uma parede de escalada que se estendia ao longo dos dois andares.

Imediatamente atrás dele, três homens jogavam *pool*, falando o que parecia ser norueguês. Apesar de a estação pertencer ao Reino Unido, tinha um grupo internacional de cientistas ao seu serviço. Segundo a doutora Von Der Bruegge, a estação albergava normalmente entre cinquenta a sessenta cientistas, mas estavam a diminuir o número à medida que os meses escuros de inverno se aproximavam. O número de cientistas tinha

baixado para os vinte, e apenas meia dúzia ou menos iriam permanecer na estação durante o período que seria, finalmente, de permanente escuridão.

Devido a este período de transição, a base vibrava de atividade, dentro e fora. Para lá daquelas janelas, dois *Sno-Cats* arrastavam paletes de caixas para fora da estação. Contudo, o mais impressionante era ver o trator *John Deere* verde a rebocar pelo gelo um dos módulos azuis soltos. Desapareceu como um fantasma no nevoeiro junto à plataforma, desafiando os ventos mais fortes à medida que o pôr do sol se aproximava.

A comandante informara-os que ao longo da semana seguinte, a trabalhar incessantemente, a estação seria desmontada e arrastada mais para o interior do território, onde seria de novo montada para operar nos meses de inverno.

No céu, outro *Twin Otter* sobrevoou baixinho a plataforma de gelo, refletindo os últimos raios de sol e parecendo que ia aterrar para ali passar a noite. Em vez do vermelho-cereja do esquadrão do British Antarctic Survey, este estava pintado de branco. Era uma pintura bastante invulgar para uma região polar, onde se preferiam cores primárias berrantes para se distinguirem da neve e do gelo.

Talvez seja o contacto do doutor Harrington.

Jason quase se levantou, pronto para avisar Gray. Do outro lado, Kowalski estava no bufete, empilhando um segundo prato de comida, sendo a maior parte fatias de tarte, ao que parecia.

Em seguida, a aeronave inclinou-se para cima, desviando-se da pista de aterragem sem neve. Parecia que ia embora. Não deve ser o contacto, talvez um turista. De qualquer forma, era um falso alarme.

Jason voltou a recostar-se na cadeira.

Observou a aeronave a inclinar-se sobre a ponta de uma das asas. Uma porta abriu-se na fuselagem. Viu movimento no seu interior, seguindo-se a saída suspeita de um par de longos tubos pretos.

As extremidades dos tubos cuspiam fogo, deixando um rasto de fumo.
Lança-granadas-foguete.

A primeira explosão destruiu o *Twin Otter* que se encontrava parado no gelo. Em seguida, a aeronave dirigiu-se à estação.

Jason sentiu alguém agarrar-lhe o braço.

Kowalski puxou-o da cadeira.

— Está na hora de irmos embora, miúdo.

15h49

Gray correu agachado pela ponte que ligava o módulo de comando à área de convívio. As explosões ainda ecoavam na sua cabeça. Acabava de sair da sala de comunicações depois de ter terminado a conversa telefónica com Kat quando a primeira granada-foguete rebentou. Através das janelas da ponte, observou os destroços do *Twin Otter* a arder.

Mais à frente, outra figura se levantou na passagem.

Gray correu para ela.

— Karen, está bem?

A comandante da base parecia desorientada, momentaneamente aturdida. Em seguida, os seus olhos azuis focaram, ficando furiosa em vez de assustada.

— Mas que raio foi isto? — gritou ela.

— Estamos a ser atacados.

Karen empurrou Gray para passar.

— Temos de enviar um sinal de alerta.

Gray apanhou-a pela cintura, parando-a. Ele ouvira o rugir dos motores da aeronave ficar mais alto. Arrastou-a para a área de convívio.

— Não temos tempo — avisou ele.

— Mas...

— Confie em mim.

Gray não tinha tempo para explicar, por isso apressou-a até ao final da ponte, quase que levando Karen em braços. Quando chegaram à porta, esta abriu-se à sua frente. Kowalski apareceu, enchendo por completo a entrada. Parecia que também trazia Jason com ele.

— Voltem para dentro! — gritou Gray.

Quando Kowalski saiu do caminho, Gray entrou rapidamente e empurrou Karen para junto dos seus colegas. Bateu a porta atrás dele, no momento em que mais duas explosões fizeram tremer o módulo inteiro. Objetos de vidro caíram das prateleiras na área de refeições e uma série de painéis triangulares das janelas estilhaçaram-se em mil bocados com a onda de choque.

Gray espreitou pela pequena janela na porta. A parte mais afastada da ponte que unia os módulos fora destruída. Uma cratera fumegava na lateral do módulo de comando.

Mesmo onde ficava a sala de comunicações.

Karen voltara para junto de Gray, espreitando por cima do ombro dele.

— Estão a isolar-nos — explicou Gray. — Primeiro, eliminaram o avião e com ele a única hipótese de sairmos do gelo. Depois, quando ouvi o avião dirigir-se para aqui, sabia que eles iam atacar o centro de comunicações a seguir, para cortar o nosso contacto com o mundo exterior.

— E quem são *eles*?

A imagem da equipa que atacara a sede da DARPA surgiu na cabeça de Gray. O *Twin Otter* no céu era *branco*, uma cor comum para operações de combate no gelo. Um ataque terrestre estava iminente.

— Têm algumas armas? — perguntou Gray.

Karen virou-se na direção oposta e respondeu:

— No último módulo da estação. Mas temos poucas.

Gray preferia *poucas* a *nenhumas*.

Por esta altura, já os outros se tinham juntado a eles, incluindo Barstow, juntamente com uma mão-cheia de investigadores com ar assustado.

— Quantos mais estão dentro da estação? — perguntou Gray, conduzindo-os pela sala de jantar.

Karen observou os que estavam com eles, claramente fazendo uma contagem de cabeças.

— Nesta altura do ano, não mais de cinco ou seis, sem contar com a equipa que está lá fora a trabalhar.

Gray chegou ao outro lado e abriu a porta para a próxima ponte.

— Continuem a andar! Módulo a módulo! Até chegarem ao último! — disse Gray, acenando para todos passarem, depois correu ao lado de Karen. — A estação tem um sistema de intercomunicação, uma forma de enviar um alerta geral?

Karen acenou com a cabeça.

— Claro que sim. E também comunica com quem quer que esteja lá fora a trabalhar no gelo.

— Ótimo. Então, assim que chegarmos ao último módulo, ordene uma evacuação.

Karen olhou para ele, preocupada.

— Com o Sol a pôr-se, a temperatura lá fora vai baixar drasticamente.

— Não temos escolha.

Lá fora, reinava o silêncio. Não houve mais nenhuma explosão. Gray imaginou o *Twin Otter* a voar em círculos para aterrar. Não tinha dúvidas de que uma força de assalto desembarcaria em breve. Sem quaisquer meios de comunicação, não podiam pedir ajuda, enquanto os assaltantes teriam a noite toda para vasculhar a base ou, simplesmente, colocar explosivos e rebentar com cada módulo.

Enquanto Gray formulava um plano, o seu grupo em fuga chegou ao módulo seguinte. Eram os quartos de dormir da estação, um módulo composto por várias salas pequenas pintadas de cores vivas. Recolheram outro membro do pessoal da estação lá: um jovem franzino de óculos com um ar assustado. Continuaram em frente, passando por mais dois módulos de investigação. Ambos estavam arrumados e fechados para o período do inverno.

Por fim, chegaram à última carruagem do comboio gelado. Era, claramente, uma área de arrumações.

— Onde estão as armas? — perguntou Gray.

— Junto à porta das traseiras — disse Karen, e atirou um molho de chaves a Barstow. — Mostre-lhes.

Enquanto Barstow obedecia, Karen aproximou-se de um intercomunicador que se encontrava na parede, introduzindo rapidamente o código. Gray seguiu Barstow, enquanto Karen fazia soar um alarme geral, avisando outros membros de pessoal da estação que ainda estivessem no interior para evacuar. Para os que se encontravam no exterior, Karen ordenou que se mantivessem afastados.

Barstow levou-os até um cacifo nas traseiras e usou a chave de Karen para abrir as portas duplas. Gray olhou fixamente para as filas de espingardas e pistolas, tentando não mostrar a sua desilusão face à quantidade escassa de armas, mas também que tipo de ameaça seria de esperar numa base destas? Não havia predadores terrestres por aqui, nada mais que pinguins e algumas focas. As poucas espingardas deviam ser para lidar com alguns visitantes mais indisciplinados que pudessem aparecer na estação, e não com um ataque desta magnitude.

Gray distribuiu as seis pistolas *Glock 17* e colocou ao ombro uma das três espingardas automáticas. Era uma *L86A2 Light Support Weapon*.

Passou outra a Kowalski e a última a Barstow. Ao seu lado, Jason carregou a sua *Glock* com perícia.

Gray aproximou-se da janela da última porta. No exterior, a noite caíra sobre o dia curto, cobrindo-os com um manto de escuridão. Para lá da portinhola, uma pequena plataforma conduzia a uma escada que descia para o gelo.

— Kowalski e Barstow, assim que chegarmos ao chão, vamos tentar evitar que o avião aterre. Se isso falhar, passamos para uma posição defensiva. — Gray virou-se para Jason. — Vocês levam os outros. Afastem-se o mais possível da estação.

O miúdo acenou com a cabeça. Os seus olhos pareciam alerta, vidrados por um medo saudável, mas prontos para a ação.

Karen regressou, trazendo o braço cheio de rádios.

— Também trouxe estes.

Gray acenou com a cabeça, aprovando a sua iniciativa, depois tirou um e colocou-o no bolso da parka.

— Distribua os restantes.

Assim que ficaram todos prontos, Gray liderou o caminho. Abriu a portinhola para a noite escura e gelada. Quando a primeira rajada de frio lhe bateu no rosto, duvidou por instantes do seu plano. A morte era certa, tanto lá fora no gelo, como dentro da estação. Tinham de encontrar um abrigo e rapidamente... algures longe dali.

Mas onde?

Ouviu-se outra explosão, fazendo estremecer a estação. As luzes piscaram uma vez e depois apagaram-se.

Karen falou atrás dele.

— Devem ter rebentado com os geradores.

Gray franziu o sobrolho. *Será que o inimigo ouvira o alerta dado por Karen? Teria despoletado este novo ataque? Ou seria esta a salva final da*

equipa de assalto para assustar e desconcertar os alvos antes de aterrar?

O trabalhar contínuo do *Twin Otter* lembrou Gray que quaisquer dúvidas ou hesitações iriam apenas piorar as suas hipóteses lá fora. Sabendo isto, apressou-se a sair para o frio, colocou as luvas e agarrou-se à escada. Deslizou a maior parte das escadas e fez sinal para os outros o seguirem.

Com a parte de trás da arma assente no ombro, usou a mira para seguir as luzes do *Twin Otter* no céu noturno. Fez um voo picado sobre a outra ponta da estação. Depois, um clarão surgiu da aeronave. Outra explosão ecoou pelo gelo. Uma pequena ilha de luz ficou às escuras lá fora.

— Acho que era um dos nossos *Sno-Cats* — disse Karen, a sua voz evidenciando o seu sentimento de culpa. — Devia tê-los avisado para apagarem as luzes.

Gray reparou noutro *Sno-Cat* estacionado no gelo do lado direito da estação, juntamente com três *Ski-Doo*.

— Consegue pôr aqueles três veículos de neve a funcionar rapidamente? Se mantivermos as luzes apagadas, somos capazes de conseguir cobrir mais terreno do que a pé.

Karen acenou com a cabeça.

— E se o inimigo tiver visão noturna? — perguntou Jason, juntando-se a eles.

— Se tiverem, dão por nós mesmo que estejamos a pé. — Gray apontou para o nevoeiro denso que se instalava na plataforma gelada em redor da estação. — Assim que se puserem em movimento, avancem o mais rapidamente possível aproveitando a cobertura do nevoeiro. É a vossa melhor hipótese.

Jason olhou para o nevoeiro, pouco convencido.

Na esperança de melhorar as suas hipóteses, Gray virou-se para Kowalski e Barstow.

— Vamos tentar dar-lhes o máximo de tempo possível. — Gray fez sinal para o lado oposto dos veículos de neve. — Se dispararmos dali, podemos manter a atenção do inimigo em nós.

Kowalski encolheu os ombros e disse:

— Bem, acho que é melhor do que ficarmos aqui a gelar o rabo.

Barstow também acenou com a cabeça.

Com um plano delineado, Gray mandou separar os dois grupos.

Jason olhou de relance por cima do ombro enquanto conduzia o seu grupo para junto dos veículos de neve.

— Um dos *Ski-Doo* tem três lugares — disse Jason, olhando para a equipa de Gray. — Vou deixá-lo ligado... caso precisem.

Gray concordou com um aceno de cabeça, impressionado pela iniciativa do miúdo.

Com o assunto resolvido, Gray conduziu Kowalski e Barstow para baixo do último módulo da estação. Ouviu os motores dos veículos de neve a ligar do outro lado, ao início frios e a engasgar, depois com mais força.

Gray observou o grupo a afastar-se lentamente, desaparecendo no nevoeiro, um a seguir ao outro.

Satisfeito, Gray saiu de baixo do módulo, com a arma em riste. Seguiu as luzes do *Twin Otter* no céu, enquanto este virava e vinha na sua direção. A aeronave parecia estar a subir, como se pressentisse a presença de francoatiradores escondidos em terra.

A singularidade das suas manobras preocupava Gray, que ficou extremamente desconfiado.

Porque não teria ainda feito qualquer tentativa para aterrar?

A aeronave continuou a sobrevoar num círculo apertado, como um falcão sobre um campo. Até agora, o ataque parecia ter como único objetivo isolar a base e manter os seus ocupantes encurralados.

Mas com que finalidade? De que estão à espera?

A resposta chegou uns segundos depois.

Uma enorme explosão, cem vezes mais forte que qualquer uma das anteriormente provocadas pelas granadas-foguete, fez o mundo estremecer. Da ponta mais longínqua da estação, um gêiser de gelo e fogo irrompeu bem alto pela noite dentro. Depois ocorreu outra explosão, muito mais perto de onde se encontravam, seguida de mais uma.

Gray e os outros caíram de joelhos com a força da onda de choque. Gray imaginou uma fila de munições enterradas no gelo a grande profundidade. A linha de explosivos devia ter sido colocada há muito tempo.

Uma série de explosões continuou na outra ponta da estação, de um lado ao outro.

Gray olhou fixamente para lá daquela linha, em direção ao nevoeiro denso.

Ao menos os outros fugiram a tempo...

Enquanto Gray observava, o gelo abria fendas em direção ao exterior da plataforma, as quais ligavam as novas crateras entre si e continuavam a expandir-se pelo solo. Imaginou o gelo a quebrar em baixo também, separando em pedaços a plataforma de gelo flutuante.

De repente, Gray percebeu o plano do inimigo.

Sentiu um nó no estômago.

A confirmar o seu maior receio, surgiu um derradeiro e ruidoso craque, que parecia o som da crosta terrestre a estilhaçar-se por baixo deles.

Lentamente, o gelo moveu-se por baixo dos seus joelhos, separando-se da nova fratura e inclinando-se em direção ao mar escuro. As bombas enterradas tinham cumprido a sua função de desprender um pedaço da plataforma de gelo de Brunt, formando um novo icebergue... um icebergue que continha a estação Halley VI em cima.

A estação inteira estremeceu e começou a deslizar lentamente pelo gelo, a resvalar dos seus enormes esquis.

Gray olhou para cima, incrédulo.

Kowalski também observava o cenário.

— Parece que, afinal, não me vou reconciliar com a minha ex.

29 de abril 08h45 PDT

Vale de Yosemite, Califórnia

— Se vamos esconder-nos — disse Drake —, este sítio é o ideal.

— Esperemos que ela ainda aqui esteja.

Jenna desceu do SUV para os chuviscos da manhã. Cobriu a cabeça com o capuz do seu casaco *Gore-Tex* e apreciou a magnificência do famoso Hotel Ahwahnee, a joia da coroa do Parque Nacional de Yosemite.

Inaugurado em 1927, este rústico hotel nas montanhas era um misto sumptuoso de estilo rústico e *design* nativo americano, famoso pelas suas enormes lareiras de arenito, as suas vigas de madeira com motivos pintados à mão e pelos seus inúmeros vitrais. Embora a estadia por noite fosse muito cara para o salário de Jenna, ela deliciava-se, ocasionalmente, com um *brunch* na fantástica sala de jantar, um espaço com a altura de três andares e suportado por armações maciças de *Pinus lambertiana*.

Mas esta manhã o hotel não era o seu destino.

A equipa de quatro fuzileiros estacionara o seu veículo à paisana num parque nas traseiras. Drake liderou o caminho em direção ao bosque que delimitava o hotel, levando consigo Jenna e *Nikko*. Estavam todos vestidos à civil, mas um pouco mais maciços devido ao colete de *Kevlar* por baixo da roupa, e levavam as armas escondidas.

Jenna tinha a sua *Smith & Wesson M & P* de calibre 40 à cintura, escondida pelo casaco, e um par de algemas penduradas sobre a outra anca.

Há dez minutos, a equipa sobrevoara de helicóptero as montanhas da Sierra Nevada, atravessando bastante mau tempo, para chegar ao vale de Yosemite. A ampla pradaria ao lado do hotel Ahwahnee era um local de aterragem frequente de helicópteros de busca e salvamento no parque, mas Drake receou assustar a sua presa e escolheu um local mais afastado para aterrar, a pradaria de Stoneman.

— Carro — disse o primeiro-marinheiro Schmitt.

Schmitt apontou para um *Toyota Camry* com placas do Massachusetts. A matrícula correspondia. O veículo pertencia a Amy Serpry.

Há uma hora, Painter mandara fazer uma busca GPS para encontrar o veículo com o número de identificação correspondente. Tinham-no descoberto aqui, no vale de Yosemite, não muito longe da área das montanhas que fora evacuada e isolada.

Ao início, todos pensavam que a mulher tivesse abandonado o veículo, possivelmente até trocado para outro. Os registos do hotel não continham qualquer hóspede com o nome Amy Serpry. Contudo, fora enviada uma fotografia para a receção. Aparentemente, uma mulher que correspondia à descrição dela reservara um quarto usando outro nome, chegando com identificação e cartões de crédito falsos.

Um indício inegável de culpa.

Mas por que razão teria a suspeita ficado acomodada ali, tão perto do limite da zona de quarentena? Teria ficado na área para observar os efeitos da sua obra?

A raiva queimava as entranhas de Jenna, imaginando aquela desolação, toda aquela vida selvagem morta. Tentava não se lembrar do machado a cair, dos gritos. Fora ela que segurara os ombros de Josh quando Drake fez

o que tinha de ser feito. Depois disso, o sargento da artilharia recusara-se a falar na viagem de regresso, o seu olhar perdido nas colinas.

— Ela ainda deve lá estar — disse Schmitt quando passaram pelo *Toyota*. — A não ser que tenha ido embora noutro veículo.

Esperemos que não. Precisamos de respostas.

Drake ia à frente, o seu rosto duro e estoico. Era evidente que ele queria mais do que respostas; ele queria vingança.

O *Toyota* estava estacionado junto a um pequeno trilho que atravessava uma mata de *Pinus ponderosa*. O hotel Ahwahnee tinha vinte e quatro bangalôs rústicos para alugar, todos ocultos no meio da floresta. Era provável que Amy tivesse reservado uma dessas casas de campo isoladas para tentar passar despercebida.

A equipa começou a percorrer o trilho. O aroma a resina de pinheiro enchia o ar por baixo das copas das árvores. Numa bifurcação, dois dos homens de Drake seguiram pela direita. Alguns passos depois, o sargento da artilharia seguiu com outro fuzileiro pelo lado esquerdo, para dentro da floresta. Tencionavam cercar o bangalô, sitiar o local.

Enquanto os fuzileiros desapareciam, Jenna e *Nikko* dirigiram-se diretamente para o bangalô. O plano era Jenna fazer uma primeira abordagem. Com roupa civil e um cão ao lado, ela pareceria uma turista. O objetivo era fazer com que Amy baixasse a guarda e abrisse a porta a uma caminhante perdida.

Depois de uma curva no trilho, surgiu uma casa de campo feita de madeira de cedro e com um ar encantador, aninhada entre os pinheiros. Estava pintada de verde para se confundir ainda mais com a floresta. Um pátio de pedra emoldurava a entrada com duas luzes, uma de cada lado. As janelas tinham as cortinas corridas, bem como as portinholas fechadas.

Parece que alguém quer mesmo manter a sua privacidade.

Jenna não sentia qualquer apreensão ao caminhar sozinha em direção à porta, sabendo que os fuzileiros estavam lá para a proteger. Ainda assim, ajeitou discretamente o colete à prova de bala que tinha por baixo da roupa. *Nikko* manteve-se junto a Jenna, como se sentisse a sua tensão.

Quando chegou à porta, abanou a cabeça para tirar o capuz, ignorando a chuva, e o seu rosto exibiu uma expressão confusa. Bateu à porta com firmeza, depois deu um passo para trás.

— Olá? — gritou ela. — Será que me podia dizer como chego à receção do Hotel Ahwahnee?

Ouviu um som ténue.

Sempre estava alguém lá dentro.

Chegou-se mais perto da porta e colocou a orelha junto à porta.

— Olá? — tentou outra vez, agora ainda mais alto.

Enquanto tentava ouvir, apercebeu-se de que o som era o de um telefone a tocar. Pelo toque, parecia ser de um telemóvel.

Ganhou fôlego para chamar novamente quando alguém respondeu, uma voz rouca, quase inaudível:

— ... ajudem-me...

Reagindo de forma instintiva ao apelo, Jenna sacou a sua *Smith & Wesson* e usou a coronha da pistola para partir o painel de vidro junto à maçaneta da porta. Quando o vidro estilhaçou, puxou o punho do casaco para baixo de forma a cobrir-lhe a mão, desviou os bocados maiores de vidro, enfiou a mão e destrancou a porta pelo interior.

Ouviu passos de botas pesadas a bater no chão atrás dela.

Olhou de relance para trás e viu Drake a correr na sua direção.

— Espera!

Agora destrancada, a porta abriu-se sozinha.

Jenna manteve-se abrigada de um lado da porta e ergueu a pistola com as duas mãos. Drake chegou ao pé dela, tomando posição do outro lado da

porta.

Um único candeeiro na mesinha de cabeceira iluminava a sala sombria. A luz revelou uma figura na cama, meio tapada por um edredão. Pelo cabelo louro, devia ser Amy Serpry... mas o rosto da mulher estava inchado e com manchas, a pele cheia de bolhas a rebentar e o contorno dos lábios escuro. Manchas de vomitado cobriam a parte de cima do edredão, enquanto os lençóis se encontravam todos enrodilhados, como se ela tivesse lutado dentro deles.

Há umas horas, Jenna ficara a saber que Josh tivera um ataque.

Desconfiava que Amy tivesse sofrido o mesmo.

Não é de admirar que ela não tenha fugido para longe. Deve ter ficado doente e resolvido parar onde conseguiu.

Jenna sentia pouca compaixão pela sabotadora, sabendo quantas pessoas tinham morrido por causa das ações daquela mulher.

A cabeça de Amy inclinou-se na almofada, na direção da porta. Os seus olhos estavam brancos e opacos, provavelmente cegos. A sua boca abriu-se, como se fosse pedir ajuda novamente.

Em vez disso, saiu uma golfada de sangue, encharcando a almofada e o colchão. O corpo caído na cama ficou inerte.

Jenna deu um passo em frente para a ajudar, mas Drake colocou o braço em frente da sua cintura, parando-a.

— Olha para o tapete — avisou ele.

Ao início, Jenna não conseguia perceber o que eram as formas que salpicavam o chão. Depois, a sua mente apercebeu-se do que estava a ver.

Ratos... ratos mortos.

Jenna ouvira histórias sobre os pequenos invasores de propriedade privada que, por vezes, partilhavam estas casas de campo com os hóspedes. Uma amiga dela da escola ficara hospedada num destes bangalôs o ano passado. Depois da experiência, a amiga só falava de como

os ratinhos passavam por cima da cama dela à noite, vasculhavam a bagagem e até deixavam alguns dejetos nos sapatos.

O hotel travava uma luta constante para lidar com o problema, sobretudo depois de terem ocorrido casos de hantavírus disseminados pelos roedores.

Contudo, a batalha dentro *deste* bangalô já tinha terminado.

Ou quase.

Um ratinho solitário movia-se debilmente pela alcatifa com o seu corpo a tremer.

Jenna reagiu de forma demasiado lenta por estar tão concentrada nos horrores que se passavam no interior.

Nikko passou por ela, com o movimento do ratinho a despertar os seus instintos.

— *Nikko*, não!

O *husky* parou à sua ordem, mas já tinha o rato entre os dentes. Virou-se para trás, com a cauda para baixo, sabendo que fizera algo de errado.

— *Nikko*...

O cão largou o rato e dirigiu-se acabrunhado para junto de Jenna, a cabeça baixa, a cauda enfiada entre as pernas.

Drake empurrou Jenna para trás com um braço e depois fechou a porta. O que se escondia por detrás daquela porta era algo bem pior que qualquer hantavírus.

Do outro lado da porta, *Nikko* gania, suplicando para que o deixassem sair.

Lisa esperava dentro da câmara hermética que a pressão estabilizasse para poder abrir a porta interior que conduzia ao complexo de laboratórios. Através das paredes, ouvia o ligeiro tinido que as gotas de chuva faziam a bater no telhado de metal daquele hangar cavernoso.

O som lembrava-a de que estavam a ficar sem tempo.

De acordo com os meteorologistas locais, a enorme frente tempestuosa continuava a aproximar-se da região. Até agora, os hectares mortos que rodeavam o local de impacto continuavam secos, mas era apenas uma questão de tempo até aqueles céus escuros se abrirem sobre a área. Um grupo logístico fora encarregado de descobrir até onde a doença se poderia espalhar, utilizando programas de simulação computadorizados para calcular padrões de escorrência superficial baseados na topografia e geologia local.

Os seus relatórios iniciais eram extremamente perturbadores.

Naquele momento Painter encontrava-se em conferência por telefone com várias autoridades estaduais e federais, tentando ficar um passo à frente desta tragédia. Infelizmente, uma chegada a meio da noite provou ser uma dor de cabeça. O diretor técnico do CDT, o Centro de Desenvolvimento de Testes do Exército dos Estados Unidos da América, viera de avião dos Dugway Proving Grounds no Utah, entidade que assegurava a defesa da nação contra ameaças nucleares, químicas e biológicas. O homem chegara há muito pouco tempo e já era uma dor de cabeça para Painter.

A luz em cima da porta interior ficou verde e a tranca magnética abriu com um som bastante audível de libertação de pressão. Lisa passou para o outro lado, bastante contente por deixar as politiquices para Painter. Ela tinha um desafio bem maior em mãos.

Lisa olhou de relance por cima do ombro em direção à unidade de isolamento de pacientes do outro lado do hangar. Josh estava novamente a descansar, medicado com diazepam. A causa do seu breve ataque

permanecia desconhecida, mas Lisa receava ser um sinal da infecção a espalhar-se pelo seu sistema nervoso central.

Lembrou-se do espinho a sair da perna de Josh.

Espero estar errada.

No entanto, até ter a certeza, pretendia continuar a trabalhar.

— Doutora Cummings, está de volta. Fantástico.

A voz surgiu do auricular do rádio. Virou-se e viu o doutor Edmund Dent, o virologista do CCPD, do outro lado da janela, no seu laboratório. Levantou o braço para a cumprimentar, depois fez-lhe sinal para entrar.

— Graças ao seu trabalho, penso que fizemos progressos significativos no que diz respeito a isolar a partícula infecciosa — disse ele pelo rádio. — Quando soubemos que tínhamos de procurar algo tão pequeno, começámos a ir na direção certa. Contudo, gostaria de ter a sua opinião em relação ao que encontrámos até agora.

— Claro — respondeu ela.

Entusiasmada até mesmo com o mínimo progresso, Lisa apressou-se a passar pelo compartimento isolado mais pequeno para chegar ao laboratório dele. A sua secção do complexo de laboratórios era toda brilhante, com equipamentos em aço: centrifugadoras de alta velocidade, espectrómetros de massa, um micrótomo e uma câmara de criopreservação *Leica* e um par de microscópios eletrónicos.

Lisa reparou noutra figura sentada num dos terminais de computadores, debruçada sobre o monitor. Não o conseguiu reconhecer até ele se virar. Disfarçou o melhor que pôde a sua surpresa.

Era o doutor Raymond Lindahl, o diretor técnico do Centro de Desenvolvimento de Testes do Exército dos Estados Unidos da América. Através da máscara, o homem parecia ter cinquenta e poucos anos, cabelo pintado de preto e uma barbicha a condizer. Desde a sua chegada que metia o nariz comprido em todo o trabalho de Painter, fazendo julgamentos

apressados e ordenando mudanças sempre que o conseguia fazer, o que, para Painter, era demasiado frequente.

Agora parecia que a dor de Painter se ia tornar sua.

Claro que fazia sentido que o homem ali estivesse. Lisa ouvira falar do trabalho de Lindahl enquanto geneticista e bioengenheiro. Era um homem brilhante por direito e tinha a atitude arrogante a condizer.

— Doutor Dent — disse Lindahl num tom severo —, acho que não precisamos da perícia da doutora Cummings em medicina e fisiologia por aqui. O seu tempo é mais bem empregado no campo clínico, concentrando-se nos estudos em animais, e não neste nível de investigação.

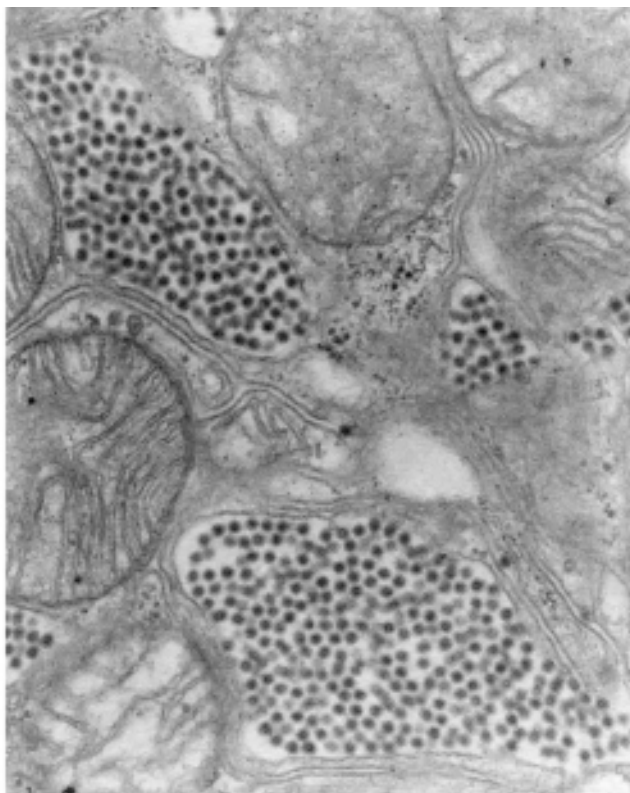
O virologista não cedeu, o que fez com que Lisa gostasse ainda mais dele. Edmund era dez anos mais novo que Lindahl e tinha uma atitude boémia, talvez adquirida durante o tempo que passara em Berkeley e Stanford. Apesar de nunca ter visto o virologista fora do fato protetor, sempre o imaginara com sandálias *Birkenstock* e uma *t-shirt* tingida.

— Foi o trabalho da Lisa que assegurou o nosso progresso por aqui — lembrou Edmund a Lindahl. — E não faz mal nenhum ter outro par de olhos a analisar o problema. Além disso, desde quando é que se faz mel com uma única abelha na colmeia?

Lindahl deixou escapar um suspiro exasperante, mas resolveu não dizer mais nada.

Edmund fez deslizar uma cadeira para junto do diretor do CDT.

— Lisa, deixe-me pô-la a par de tudo. Eu mencionei na reunião desta manhã que era capaz de ter vislumbrado o monstro com que estamos a lidar. Aqui está a imagem do corte dos alvéolos pulmonares de um rato infetado, que analisámos num microscópio eletrónico de transmissão.

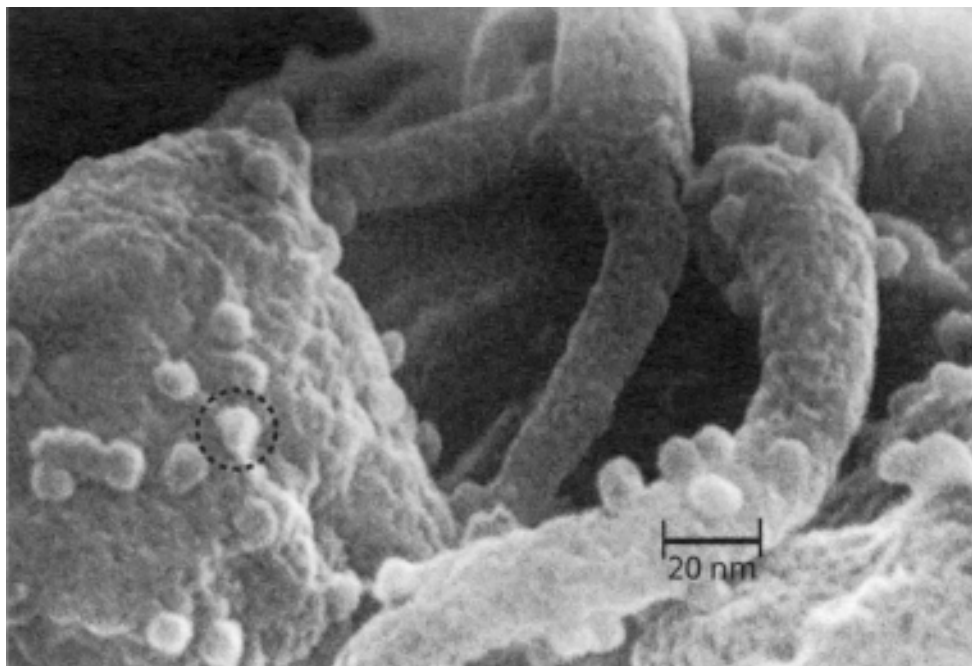


Lisa aproximou-se, analisando as bolsas de partícula minúsculas compactadas densamente nas células dos pequenos alvéolos pulmonares.

— Parecem, sem dúvida, viriões... partículas de um vírus — admitiu Lisa. — Mas nunca vi nada tão pequeno.

Edmund acenou com a cabeça e disse:

— Medi algumas partículas que surgiram nas fibras infectadas do miocárdio. Esta imagem é de um microscópio eletrónico de varrimento, que nos dá uma visão 3D.



A nova imagem revelou vírus individuais presos a feixes de músculos e nervos. Fora incluída uma escala na imagem para dar uma ideia do tamanho.

— Parece que têm menos de *dez* nanómetros — comentou Lisa. — Isso é metade do tamanho do vírus mais pequeno conhecido.

— Foi por isso que vim ajudar. — Lindahl deu uma cotovelada a Edmund para sair do caminho. — Para obtermos uma imagem mais nítida, examinei e comparei os dados do biólogo molecular da equipa referentes às proteínas. A partir dos dados e utilizando um programa que eu próprio patenteei, concebi uma representação tridimensional da cápside, o seu invólucro.

Lisa estudou o modelo esférico da partícula infecciosa. Estava impressionada com as capacidades de Lindahl, quase ao ponto de aceitar a sua arrogância.

— Este é o rosto do vosso monstro — disse Edmund. — O Henry já está a realizar a análise genética do que está escondido *dentro* deste invólucro.



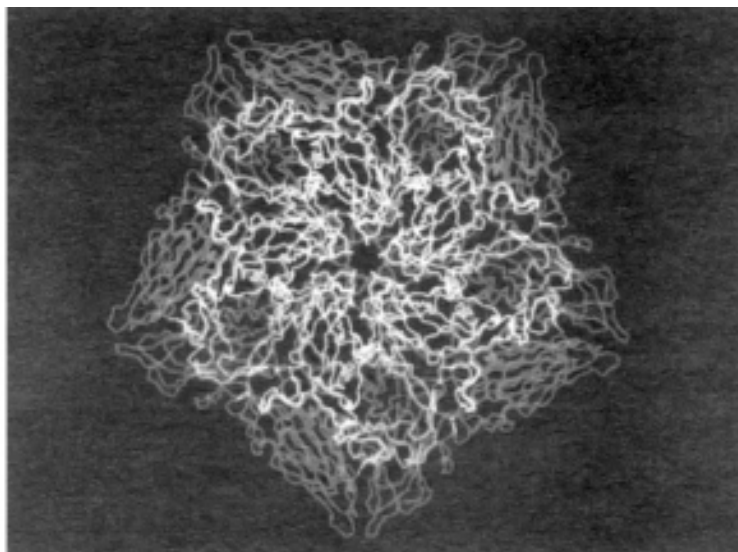
O doutor Henry Jenkins era um geneticista de Harvard.

— Contudo, ainda podemos extrapolar muito a partir desta cápside — disse Lindahl. — Basta dizer que isto é um constructo *artificial*. Por baixo daquele invólucro proteico, encontrámos fibras de grafeno, cada uma das quais com apenas dois átomos de espessura, entrelaçadas num padrão hexagonal.

Lindahl colocou outra imagem no monitor ao lado da anterior, onde mostrava o vírus sem o invólucro proteico, revelando apenas uma rede emaranhada.

Sem dúvida, parecia artificial. Lisa ponderou o significado daquelas fibras feitas pelo homem. O grafeno era um material extremamente resistente, mais robusto que o fio produzido pela aranha.

— Quase parece — disse ela — que o doutor Hess estava a tentar criar o equivalente a uma camada de *Kevlar* por baixo do invólucro.



Lindhahl virou-se para ela.

— Exato. Muito perspicaz da sua parte. Esta subestrutura adicional pode ser responsável pela estabilidade do vírus, pelo facto de ser resistente a lixívias, ácidos e até ao fogo.

Contudo, nada disto respondia à grande pergunta: *O que está este invólucro resistente a proteger?*

Lindhahl continuou:

— Parece que o doutor Hess criou o invólucro *perfeito*, suficientemente pequeno para penetrar qualquer tecido. Animal, planta, fungo. O seu tamanho e natureza invulgares são capazes de explicar por que razão é tão universalmente patogénico.

Lisa acenou com a cabeça, lembrando-se de como o organismo tornara o solo estéril até uma profundidade de sessenta centímetros.

— Mas por que razão o criou o doutor Hess? — indagou Lisa. — Qual é o seu propósito?

— Sabe o que são eVLP? — perguntou Lindhahl.

Lisa abanou a cabeça.

— Estávamos a discutir esse assunto quando a Lisa chegou — explicou Edmund. — A sigla significa partículas vazias semelhantes a vírus. É um

novo campo de investigação experimental, onde se retira o ADN de um vírus até ficar apenas o seu invólucro. Existem algumas vantagens neste método, sobretudo na área da produção de vacinas.

Lisa compreendeu a explicação. *Aquelas partículas vazias estimulariam uma resposta antigénica ou protetora sem o risco de o agente da vacina nos pôr doentes.*

— Mas isso é apenas uma parte — continuou Lindahl. — Quando se tem um invólucro vazio, pode-se produzir qualquer coisa com ele. Adicionar componentes orgânicos ou até inorgânicos, tal como aquelas fibras de grafeno.

— E assim que se cria um invólucro — acrescentou Edmund —, pode-se enchê-lo com as maravilhas ou os horrores que se quiser. Por outras palavras, o invólucro perfeito torna-se o modo de transmissão perfeito.

Lisa olhou novamente para o rosto do monstro.

O que estaria escondido no seu interior?

— E acha que o doutor Hess conseguiu conceber algo assim? — perguntou Lisa. — Acha que ele criou este virião do nada no seu laboratório e colocou algo no seu interior?

Lindahl encostou-se para trás e respondeu:

— Já temos a tecnologia. Em 2002, um grupo de cientistas em Stony Brook sintetizou um vírus de poliomielite vivo do nada, recorrendo apenas a químicos e a dados genéticos conhecidos.

Edmund suspirou e acrescentou:

— O projeto foi patrocinado pelo Pentágono.

Lisa ouviu o tom acusatório nada dissimulado na sua voz. O trabalho do doutor Hess também era financiado pelas forças militares.

Lindahl ignorou a acusação e continuou:

— E, em 2005, uma estirpe mais potente de gripe foi sintetizada noutro laboratório. Em 2006, o mesmo foi conseguido com o vírus Epstein-Barr,

que tem o mesmo número de par de bases que a varíola. Mas isto é tudo brincadeira de crianças comparado aos dias de hoje. Agora conseguimos produzir organismos cem vezes maiores e a uma fração do custo. — Lindahl suspirou com desdém. — Até já se pode comprar um sintetizador de ADN no eBay.

— Então o que foi que o doutor Hess colocou aqui dentro? — perguntou Lisa.

Antes que alguém se atrevesse a dar um palpite, o rádio de Lisa emitiu um som. Pela reação dos outros dois homens, também o ouviram.

Era Painter. A aflição na sua voz fez o coração de Lisa disparar.

— Tivemos agora notícias de Yosemite — reportou ele. — A pessoa que suspeitávamos ser o sabotador está morta.

Morta...

Lisa fechou os olhos, pensando em Josh. Amy Serpry era a sua única pista, a única forma de descobrir mais sobre o trabalho do doutor Hess.

— De acordo com o relatório inicial — continuou Painter —, ela morreu com a mesma doença com que estamos a lidar aqui. A Guarda Nacional, juntamente com uma equipa de controlo de epidemias, está a caminho para isolar o território em redor do Hotel Ahwahnee. Também temos possivelmente novas vítimas de exposição ao agente. O guarda-florestal Beck e o sargento artilheiro Drake. E o cão de uma guarda-florestal.

Oh, não...

Painter continuou a dar instruções e a recomendar medidas de precaução adicionais. O CCPD ia estabelecer outra área de quarentena no hangar, a tempo de acolher as vítimas a caminho.

Assim que terminou, Lisa mudou para uma frequência privada.

— Foram muito expostos? — perguntou ela.

— A Jenna e o Drake não chegaram a entrar no bangalô e, segundo o Drake, estavam virados de costas para o vento quando começou a chover, por isso pode ser que estejam bem.

— E o cão?

— Entrou no bangalô e abocanhou um rato que podia estar infetado.

Então, era provável que o cão tivesse entrado em contacto com o virião pelas mucosas.

Lisa olhou novamente para o monstro no monitor.

Pobre cão.

29 de abril 16h04 GMT

Plataforma de gelo de Brunt, Antártida

Enquanto o gelo rangia e partia por baixo dos seus pés, Gray estava pasmado com a visão da enorme estação Halley a passar-lhe por cima da cabeça. Os seus esquis gigantescos deslizavam pela superfície inclinada de gelo, prestes a iniciar uma descida em direção ao gélido mar de Weddell.

Do lado mais distante da estação, a linha por onde o gelo quebrara com a explosão ainda deitava fumo e vapor devido à explosão das munições enterradas. O pedaço de gelo que segurava a estação continuava a separar-se da superfície mais extensa da plataforma de Brunt.

Gray levantou-se e puxou o piloto inglês para cima.

— Mexam-se! Os dois!

Kowalski pôs-se de pé, cambaleante, olhando em volta.

— Para onde?

— Sigam-me!

Gray começou a andar, cravando as botas no gelo coberto de neve, escalando o declive cada vez mais íngreme, enquanto a estação deslizava atrás dele. A superfície era suficientemente áspera para obter tração, mas escorregou algumas vezes, caindo com uma mão ou um joelho no gelo. Utilizando o cabo de aço da sua espingarda como muleta, tentava mover-

se mais rapidamente. Tinham apenas alguns segundos para agir. Caminhou através do nevoeiro de vapor e fumo que se erguia da zona da explosão. A visibilidade passou a ser muito reduzida.

Gray rezou para que o seu sentido de orientação os guiasse.

Depois de alguns passos, Gray soltou um suspiro de alívio... ainda que pequeno.

A forma de um *Ski-Doo* surgiu à sua frente. O rugir do seu motor tornava-se cada vez mais alto à medida que Gray cambaleava na sua direção.

Graças a Deus que Jason tivera a iniciativa de o deixar a aquecer.

Gray aproximou-se do *Ski-Doo* de três lugares e passou a perna por cima do assento, mas, antes de se conseguir instalar, Barstow fez-lhe sinal para ir para trás.

— Mas afinal quem é o perito aqui? Eu conduzo. Tu e o teu amigo vão atrás.

Gray não discutiu, presumindo que o piloto tivesse mais experiência que ele em veículos de neve. Quando Kowalski se sentou atrás dele, Gray apontou por cima do nariz do *Ski-Doo*, na direção da fratura de gelo à sua frente, cada vez maior.

— Vamos ter de...

— Já sei — disse Barstow e acelerou a fundo.

Neve e gelo pulverizado saíram disparados das lagartas traseiras, e o *Ski-Doo* foi projetado para a frente. A sua única esperança era tentar saltar por cima do desfiladeiro e chegar ao gelo sólido do outro lado. A probabilidade de serem bem-sucedidos era pouca, sobretudo com o veículo tão pesado, mas ficar ali significava morte certa.

Gray baixou-se ainda mais.

Kowalski praguejou bem alto.

Em seguida, Barstow curvou abruptamente, apanhando Gray de surpresa e quase o atirando para fora do *Ski-Doo*. A traseira do veículo derrapou até ter o nariz virado para o lado oposto à zona da fratura. O motor rugiu mais alto e Barstow *desceu* a grande velocidade o declive. Passaram pelo nevoeiro quente e húmido e surgiram do outro lado. Agora, parecia que estavam a perseguir a estação que continuava a deslizar.

Gray gritou:

— O que estás a...

— Deixa-me conduzir!

Barstow inclinou-se sobre o guiador, tentando obter mais velocidade. Gray não tinha outra escolha, senão seguir o seu exemplo.

Mas não estavam sozinhos ali.

O único aviso foi o piscar de luzes de navegação no céu escuro. O *Twin Otter* do inimigo sobrevoou-os a grande velocidade e, em seguida, o gelo explodiu à sua frente com o rebentamento de uma granada-foguete.

— Raios partam! — gritou Barstow. — Segurem-se bem, cavalheiros!

O piloto contornou a cratera fumegante e acelerou em direção ao seu único esconderijo. Fez outra curva rápida, levantando uma esteira de gelo e neve, depois derrapou de lado por baixo da estação deslizante, passando entre dois dos quatro enormes esquis hidráulicos que elevavam o módulo.

Kowalski resmungou:

— Avisem-me quando acabar!

Ainda estava longe disso.

Barstow perdera velocidade com a sua manobra precipitada, mas agora descia ao lado da Halley VI, mantendo-os estrategicamente escondidos da linha de visão do *Twin Otter*. Com a estação ainda a deslizar pela plataforma inclinada, o *Ski-Doo* voltou a ganhar alguma velocidade.

Por esta altura, Gray já percebera a manobra anterior de Barstow, porque dera uma volta de 180 graus, virando-os na direção contrária. Não

era possível que o *Ski-Doo* a *subir* a encosta ganhasse velocidade suficiente para saltar por cima do desfiladeiro cada vez maior, sobretudo com tanto peso. No entanto, a descer, Barstow conseguia ganhar impulso, transformando o *Ski-Doo* num foguete impelido por lagartas.

Só havia um problema com este plano...

Estavam a ficar sem gelo.

À frente deles, o último módulo desta centopeia deslizante chegou à beira do precipício e caiu, libertando-se do resto da estação e mergulhando nos mares escuros em baixo.

— Está na hora de irmos embora, rapazes!

Barstow virou, deslizando por entre dois enormes esquis, e voltaram para campo aberto. Começaram a subir ligeiramente a encosta, fugindo da estação, enquanto esta caía, pedaço a pedaço, no mar de Weddell.

A pequena secção de gelo deslocado que tinham pela frente oscilava num ângulo inclinado e afastava-se da extensão plana da enorme plataforma de gelo de Brunt. Barstow percorreu a grande velocidade o bloco de gelo inclinado, apontando para o local onde o pedaço de gelo se separava da plataforma maior e tentando escolher um sítio onde a fenda fosse menor.

Acelerou a fundo.

Contudo, um falcão teimoso não estava disposto a perder a sua presa. O *Twin Otter* irrompeu por entre o vapor fumegante à frente deles, voando baixo, com as suas hélices a cortarem o nevoeiro. A aeronave virou e inclinou-se sobre uma asa, expondo a parte lateral da cabina, assim como um homem com um lança-granadas-foguete sobre o ombro.

O inimigo estava determinado a não correr quaisquer riscos.

O próximo disparo seria quase à queima-roupa.

Gray torceu-se no seu assento, empurrando Kowalski para trás com os cotovelos. Libertou a sua espingarda e trouxe-a para a frente, segurando-a

com uma só mão, o braço completamente esticado. Puxou o gatilho com força, colocando-a em modo automático, disparando as trinta munições em apenas três segundos. Concentrou a sua primeira rajada na abertura lateral escura da aeronave. Com um grito, o atirador caiu da portinhola aberta. Gray descarregou as restantes munições na parte de baixo do avião enquanto este os sobrevoava baixinho.

— Segurem-se! — gritou Barstow.

Kowalski empurrou Gray para baixo no seu assento e inclinou-se por cima dele.

O *Ski-Doo* chegou à última porção de gelo e levantou voo.

Sobrevoou bem alto a ponta saliente do gelo partido, rodopiando em pleno voo. Gray conseguiu ver nitidamente a fenda debaixo deles por alguns instantes. Em seguida, o veículo desceu a pique e embateu no chão do outro lado, aterrando sobre uma das lagartas.

O veículo de neve deu um forte solavanco e virou, projetando-os a todos para longe.

Gray rolou pelo gelo e perdeu a arma, encolhendo-se numa bola ao cair. Por fim, conseguiu parar. O *Ski-Doo* deu mais umas quantas voltas até parar. Os outros dois homens levantaram-se do gelo.

Kowalski apalpou-se, como que a verificar se ainda estava vivo, e disse:

— Não controlei muito bem esta aterragem.

Barstow juntou-se a eles, agarrando um braço e com o rosto ensanguentado. Olhou de relance para os destroços do *Ski-Doo* e comentou:

— Costumam dizer que toda a aterragem é bem-sucedida se conseguirmos sobreviver.

— Acho que se referiam a aterragens de aviões — admoestou Kowalski — e não de malditos veículos de neve.

O piloto encolheu o ombro que não estava ferido.

— Chegámos a *voar* por alguns instantes. Por isso, também conta.

Gray ignorou-os e procurou o *Twin-Otter* no céu. Viu um feixe de luz no meio da escuridão desaparecer para lá da beira do desfiladeiro, enquanto o canto que se separara da plataforma de Brunt deslizava para o mar. Não tinha a certeza se danificara o *Twin Otter* o suficiente para o fazer despenhar ou se o atingira sem gravidade e este apenas retirara. De qualquer forma, o inimigo podia ter pedido reforços.

Gray não queria ficar ali para descobrir.

Virou-se para o *Ski-Doo*.

Barstow deve ter lido a expressão no seu rosto e disse:

— Lamento, amigo, está destruído. Parece que agora vamos a pé.

Gray cobriu a cabeça com o capuz da parka, já sentindo frio.

Kowalski deu voz à pergunta que o atormentava:

— E agora para onde vamos?

16h18

— Desapareceu... desapareceu tudo.

Jason ouviu o desespero na voz da comandante da estação, ou melhor, *ex-comandante* da estação. Ele e Karen encontravam-se de pé em cima de uma pequena colina de gelo. Era suficientemente alta para conseguirem ver para além do nevoeiro gelado até à costa. A secção partida da ponta da plataforma continuava enevoada, mas não havia como negar que faltava algo na paisagem distante.

A Estação de Investigação Halley VI desaparecera.

As explosões iniciais ainda ecoavam na cabeça de Jason. Enquanto fugiam num dos *Ski-Doo*, observara aquela linha costeira a desfazer-se por

entre clarões de fogo e explosões violentas. A onda de choque provocada pelas detonações percorrera o gelo até onde ele estava, a um quilómetro de distância. Demorara mais alguns minutos agonizantes até encontrar um ponto alto para ver bem o resultado.

Agora sabiam.

... desaparecera tudo.

Karen respirou fundo, na tentativa de se livrar do choque inicial.

— Devíamos continuar — avisou ela, observando o denso nevoeiro polar.

A temperatura parecia estar a descer vários graus a cada minuto que passava.

Ou talvez seja a hipotermia a instalar-se, pensou Jason.

A trinta metros dali, encontrava-se o *Sno-Cat* parado no meio de uma série de veículos de neve. Tinham salvado uma dúzia de funcionários da estação, mas quanto tempo aguentariam ficar ali? Apanhados de surpresa, a maioria estava mal agasalhada para as temperaturas gélidas e os veículos de neve só os levariam até certo ponto com apenas um tanque de gasolina. Nem o aquecimento do *Sno-Cat* funcionava. Fora essa a razão por que o veículo não estava a ser utilizado na altura do ataque.

— Precisamos de encontrar um local para nos abrigarmos — disse Karen —, mas ainda estamos a centenas de quilómetros de qualquer base ou acampamento. A nossa melhor opção é ficar por aqui e esperar que alguém tenha ouvido as explosões e venha investigar. Contudo, pode demorar vários dias.

— Quanto tempo conseguimos aguentar aqui sozinhos?

Karen bufou.

— Temos sorte se sobrevivermos esta noite. O sol só nasce daqui a dezoito horas. E amanhã o dia terá apenas duas horas.

Jason ponderou as hipóteses.

— Se alguém nos vier procurar, terá dificuldade em encontrar-nos no meio da escuridão.

— Talvez pudéssemos arranjar uma forma de sinalizar a nossa posição. Podemos retirar um pouco de gasolina de um destes veículos e pegar-lhe fogo quando ouvirmos um avião aproximar-se.

Jason encontrou um problema bastante óbvio neste plano.

— E se não forem as equipas de *salvamento* a vir à nossa procura primeiro?

Karen cruzou os braços.

— Tens razão — murmurou ela. — Então, o que é que fazemos?

— Acho que sei para onde podemos ir.

Karen arqueou as sobrancelhas, mas, antes de o conseguir interrogar, ouviu-se um guincho vindo do interior do seu casaco. Karen foi visivelmente surpreendida pelo ruído súbito. Abriu o fecho da sua parka e retirou um rádio portátil, um dos que distribuía antes de saírem da estação.

— ... *ouvir-nos? Alguém nos ouve?*

— É o Gray! — disse Jason com dificuldade em acreditar nessa impossibilidade.

Karen passou o rádio a Jason.

Jason carregou no botão e disse:

— Comandante Pierce?

— *Jason, onde estás? Estás em segurança?*

Jason fez os possíveis por explicar a sua situação, enquanto ouvia o relato de Gray sobre a sua fuga do icebergue de gelo que se separara. Contudo, a equipa de Gray continuava encurralada e, tal como Jason, Gray receava que o inimigo regressasse em breve.

— Posso pegar em dois *Ski-Doo* e ir buscá-los — ofereceu-se Karen.

Jason acenou com a cabeça.

Karen virou-se para ele, com um ar desconfiado.
— Sabes mesmo onde nos podemos abrigar?
Jason olhou fixamente para o gelo escuro e vazio.
Espero que sim.

17h22

Gray tremia dentro do seu casaco e inclinou-se mais sobre o guiador do seu *Ski-Doo*. Tinha um cachecol grosso de lã congelado sobre a parte inferior do seu rosto. Os seus dedos enluvados pareciam moldados aos punhos do guiador pelo frio.

Semicerrou os olhos doridos por causa do vento, fixos no brilho do farol dianteiro que iluminava tenuemente o nevoeiro rodopiante. Não tirava os olhos do veículo de neve que seguia à sua frente, conduzido por Karen Von Der Bruegge. A comandante da estação chegara há uma hora com um segundo *Ski-Doo* a reboque. Transportava agora no seu veículo Barstow, que se encontrava ferido, e Kowalski seguia encolhido atrás de Gray.

Gray tinha de confiar que Karen sabia para onde ia. Parecia estar a seguir as marcas das lagartas deixadas pelo grupo liderado por Jason. O miúdo levava os outros para o lado da plataforma de gelo de Brunt mais distante do mar de Weddell, na esperança de se afastar o suficiente para o inimigo não os encontrar.

Se tivermos sorte, eles pensam que morremos todos.

O *Ski-Doo* à sua frente abrandou de repente. Distraído com os seus pensamentos, Gray quase embateu na sua traseira, mas travou a tempo de evitar uma colisão.

A cerca de dez metros, a razão por que o *Ski-Doo* abrandara repentinamente surgiu.

Uma enorme silhueta indefinida encheu o mundo à sua frente. Parecia uma montanha de cume plano a erguer-se da planície gelada. Quando se aproximaram, começaram a surgir pormenores: os esquis gigantescos, o volumoso módulo azul e o trator *John Deere* abandonado.

Era uma secção isolada da estação destruída.

Anteriormente, Jason reparara neste módulo a ser rebocado para dentro do nevoeiro, pouco tempo antes de o ataque começar. Tivera esperança de que o inimigo, concentrado na parte principal da estação de investigação Halley VI, não tivesse dado pela sua partida.

Parece que o miúdo tinha razão.

Embora às escuras, o módulo parecia intacto. Reparou num *Sno-Cat* e numa série de veículos de neve estacionados por perto. Karen dirigiu-se para lá e estacionou junto deles. Gray parou o seu *Ski-Doo* ao lado do dela.

Uma portinhola nas traseiras do módulo abriu-se e Jason saiu para a pequena plataforma exterior. Fez sinal com a mão para as escadas que conduziam até ele. Gray não precisava que o convidassem duas vezes. O vapor do ar quente que vinha daquela portinhola aberta era suficientemente convidativo.

O grupo apressou-se em direção ao abrigo e à sua promessa de calor. A temperatura baixara para os trinta graus negativos e o vento catabático soprava cada vez mais vigorosamente à medida que a noite avançava, fazendo com que o ar gélido entorpecesse ainda mais os ossos.

Gray ajudou Barstow a subir a escada. O piloto deslocara o ombro aquando do acidente com o *Ski-Doo* e, embora tivessem conseguido colocá-lo no sítio, o braço ainda estava dorido e fraco. Após algum esforço, todos entraram no módulo.

Gray fechou a porta ao frio polar e ficou alguns momentos a desfrutar o calor. O seu rosto ardia de forma dolorosa enquanto descongelava. As queimaduras provocadas pelo frio eram certamente uma preocupação, mas pelo menos ainda conseguia sentir a ponta do nariz.

Seguiu os outros até ao centro do módulo, que parecia ser uma daquelas unidades residenciais, dividida numa série de quartos, uma casa de banho comum e um ginásio. Estava tudo decorado com cores primárias, concebido para compensar a monotonia interminável deste mundo congelado. Enquanto as suas fossas nasais continuavam a descongelar, Gray conseguiu sentir o cheiro a cedro, vindo das tábuas das paredes, outro truque psicológico para minimizar os efeitos da falta de plantas.

Reuniram-se todos numa pequena sala central comum, que continha uma mesa e cadeiras. Muitos dos investigadores resgatados já se tinham recolhido aos seus pequenos quartos, provavelmente em choque e exaustos. Outros estavam encostados às paredes, com expressões desanimadas e preocupadas no rosto.

Tinham todo o direito de se sentir assim.

Jason falou.

— Conseguimos apanhar o *John Deere*. Acho que assustámos o condutor do trator quando começámos a segui-lo. Mas, pelo menos, o seu rasto foi fácil de seguir. Quando chegámos lá, ligámos o gerador. — O miúdo apontou para as luzes. — Infelizmente, não temos como comunicar por rádio com o exterior.

Kowalski deu uma palmada nas costas de Jason e disse:

— Encontrei este sítio. É razão mais que suficiente para mereceres um charuto.

Provando ser um homem de palavra, Kowalski retirou um charuto barato, enrolado em celofane, do bolso da sua parka e deu-o a Jason. Depois, olhou em volta e perguntou:

— Pode-se fumar aqui dentro, certo?

— Normalmente, não — respondeu Karen —, mas, tendo em conta as circunstâncias, abro uma exceção.

— Então, até era capaz de me habituar a este sítio — disse Kowalski, afastando-se, talvez à procura de um lugar sossegado para acender o charuto.

Gray concentrou a sua atenção em assuntos mais práticos.

— Como estamos de água e comida?

— Não há comida no módulo — respondeu Jason. — Só o que o condutor do trator trouxe. Era suficiente para lhe durar vários dias, caso ficasse apeado, mas as suas reservas não chegam sequer para a quantidade de pessoas que temos. No entanto, a água não deve ser problema. Podemos sempre derreter gelo ou neve.

— Então, vamos ter de racionar a comida que tivermos.

Gray virou-se ao lado de Karen, que se afundara numa cadeira, o seu rosto pálido e cansado, e disse:

— Em relação ao que aconteceu... as munições que rebentaram com aquele pedaço de gelo deviam estar enterradas há bastante tempo. Como pode ser?

— Posso tentar adivinhar. As bombas podem ter sido colocadas no local e congeladas muito antes de a estação chegar.

— Isso é possível?

— Não seria muito difícil — especulou ela. — Nós movemos a estação Halley VI para mais perto do mar há cerca de três meses, de modo que os cientistas pudessem completar o seu estudo sobre o degelo cada vez mais rápido da superfície do continente. O nosso movimento foi planeado e agendado com um ano de antecedência, incluindo a escolha das coordenadas da nova localização.

Gray considerou a informação.

— Então, alguém com esse conhecimento prévio podia, facilmente, ter preparado esta emboscada, com tudo a postos para destruir a estação num piscar de olhos.

— Sim, mas isso não explica o porquê.

— Talvez estivesse relacionado com a investigação do professor Harrington. A estação funciona como uma espécie de porta de entrada para a Terra da Rainha Maud, onde a equipa do professor está estabelecida. Se alguém quisesse isolar de repente esse local secreto, o primeiro passo seria destruir a estação Halley VI.

Karen ficou ainda mais pálida.

Gray perguntou:

— Tem alguma ideia do *que* o professor Harrington estava a estudar?

Karen abanou a cabeça.

— Não, mas isso não quer dizer que não existissem rumores sobre o que se passava por lá. As histórias vão da descoberta de uma base nazi perdida ao teste de armas nucleares, o que foi feito nesta região pelo seu próprio país, devo acrescentar, em 1958. No entanto, são tudo conjecturas.

Ainda assim, qualquer que fosse a verdade, valia a pena matar por ela.

E, pelos vistos, ainda vale.

Gray olhou de relance para uma das janelas triangulares.

— Temos de estabelecer postos de vigia. De todos os lados do módulo. E pelo menos uma pessoa a patrulhar lá fora, a monitorizar os esquis.

Karen levantou-se da mesa e disse:

— Vou começar a tratar dos turnos.

— Mais uma coisa — disse Jason antes de ela sair. Apontou para uma figura vestida com um fato-macaco coberto de manchas de óleo. — O Carl diz que pode ficar no *John Deere*.

O homem acenou com a cabeça. Devia ser o condutor do trator.

— A sua cabina é aquecida — acrescentou Jason. — O Carl pode ir acertando a nossa posição para manter o módulo abaixo do nevoeiro que vem da linha costeira. Pode ajudar a escondermo-nos.

Gray admitiu que era um plano consistente. Mas quanto tempo aguentariam?

E ainda mais preocupante: *quem os encontraria primeiro?*

23h43

Com a meia-noite a aproximar-se, Jason vestiu a sua parka e pegou nas luvas, no cachecol e nos óculos de proteção. Estava de vigia no primeiro turno do dia seguinte. Rendiam as patrulhas de hora a hora, para evitar que alguém ficasse demasiado tempo no exterior com temperaturas geladas.

Embora tivesse dormido uma sesta para se preparar para o turno, sentia-se cansado e preocupado.

E é um facto que não estou ansioso pelos próximos sessenta minutos ao frio.

Depois de se equipar, dirigiu-se à portinhola. Encontrou Joe Kowalski encostado à ombreira. Tinha a ponta do charuto a arder lentamente, presa entre os molares de trás, e parecia que já o estava a morder há algum tempo.

— Não devia estar a descansar? — perguntou Jason.

O especialista em demolições da Sigma ia render Jason à uma da manhã.

— Não conseguia dormir. — Tirou o charuto da boca e apontou a sua ponta incandescente para Jason. — Tem cuidado lá fora. Pelo que ouvi, o Crowe tem grandes planos para ti. Vê lá se não te matas para aí.

— Não planeava deixá-lo acontecer.

— Essa é que é a questão, o *planear* não tem nada que ver com isto. É o inesperado que te apanha sempre. Troca-te as voltas.

Jason acenou com a cabeça, reconhecendo a sabedoria prática por baixo das palavras rudes. Avançou para passar por Kowalski, quando reparou numa pequena fotografia presa entre os dedos grossos do homem. Antes de Jason conseguir ver mais pormenorizadamente a mulher na imagem, Kowalski guardou a fotografia.

Enquanto abria a portinhola, ponderou se o aviso do homem não se referia aos perigos da missão, mas sim aos de uma vida amorosa.

Contudo, esses pensamentos desapareceram assim que o frio o atingiu como uma estalada forte no rosto. O vento quase o fez cair da plataforma elevada. Foi até à escada a escorregar e desceu-a. Encontrou um dos investigadores abrigado do vento junto a um dos esquis gigantescos.

O homem passou por Jason, deu-lhe uma palmada no ombro e com a voz trémula do frio intenso disse:

— Está tudo sossegado. Se ficares com demasiado frio, vai para a cabina do Carl para te aqueceres.

Com aquelas poucas palavras, o investigador subiu a escada em direção à promessa de uma cama quente.

Jason olhou para o relógio.

Só faltam cinquenta e nove minutos.

Percorreu lentamente a estação, tentando abrigar-se do vento o mais possível. Observou o céu, procurando as luzes de um avião que se aproximasse. Continuava tudo escuro por ali, nem as estrelas eram visíveis com o nevoeiro de gelo que se espalhava ao longo da plataforma, vindo da linha costeira distante. A única luz vinha de sul, um ténue brilho amarelo, assinalando a localização do *John Deere*. Jason usava a sua posição como uma bússola enquanto fazia as suas rondas.

Passado algum tempo, o uivo do vento parecia encher a sua cabeça, ecoando no seu crânio. Os seus olhos começaram a enganá-lo, avistando luzes-fantasma no meio da escuridão. Jason pestanejava ou esfregava os olhos para que desaparecessem.

Enquanto dava a volta mais uma vez à estação, considerou ir para dentro da cabina do trator, não pelo calor, mas para fugir à monotonia da escuridão e ao uivo constante dos ventos catabáticos. Saiu de baixo do módulo e caminhou em direção à luz amarela quando um brilho ténue lhe chamou a atenção do lado esquerdo, a oeste.

Tentou pestanejar e fazer com que aquela luz fraca desaparecesse, mas esta acabou por se transformar em *dois* olhos a brilhar na escuridão. Por entre o ruído intenso instalado na sua cabeça, penetrou um som indefinido e mais baixo, acompanhado, alguns momentos depois, pelo estalar do gelo.

Demorou mais alguns segundos até perceber que não era mais uma ilusão da noite, mas sim algo enorme que atravessava os ventos a alta velocidade em direção ao módulo isolado.

Jason tirou o rádio do bolso e aproximou-o dos lábios.

— Temos movimento cá fora. No gelo. Um veículo grande a aproximar-se, vindo de oeste.

— Recebido — disse o vigia no interior. O homem alertou os outros dentro da estação antes de voltar ao rádio. — Também já o vejo!

Jason abrigou-se atrás de um dos esquis de apoio, com o rádio ainda próximo dos lábios.

— Digam ao Carl para apagar as luzes do trator!

Passados alguns segundos, a ilha de luz quente extinguiu-se. A única iluminação vinha agora daqueles dois feixes de luz, cada vez maiores e mais brilhantes. Jason desconfiava que o que quer que se aproximava era do tamanho de um tanque. Este palpite foi reforçado pelo som de lagartas a esmagar o gelo.

Jason ouviu a portinhola fechar em cima dele. Em seguida, Gray e Kowalski desceram apressadamente as escadas, com as armas em riste. Só naquele momento é que Jason se lembrou de retirar a sua própria arma de dentro da parka.

— Estou aqui! — gritou Jason.

Os dois homens juntaram-se a ele.

Gray apontou para as outras torres hidráulicas.

— Espalhem-se. Fiquem escondidos. Deixem-nos aproximar. Até mesmo desembarcar. Se houver qualquer indício de que são hostis, usamos a escuridão para começar uma guerrilha aqui em baixo. O Barstow está no telhado com a Karen, armados com as nossas duas últimas espingardas, para nos dar cobertura de cima.

Depois de Jason acenar em concordância relativamente ao plano, Gray dirigiu-se para um dos pilares, Kowalski para outro. Correram agachados, tentando não ser vistos.

O veículo abrandara, o seu motor mudou de timbre.

Depois parou a cerca de quarenta metros.

Os ventos afastaram o nevoeiro o suficiente para revelar uma estranha visão. A máquina parecia e era do tamanho de um enorme tanque. Lagartas gigantescas flanqueavam o veículo de ambos os lados, cada uma mais alta que as costas de um elefante. Suportavam o que se assemelhava a um autocarro blindado com o que parecia ser a ponte de comando de um rebocador em cima.

Acenderam-se luzes no topo e viu-se movimento dentro do veículo.

Uma porta abriu-se na ponte e um vulto escuro saiu para a plataforma aberta que rodeava a estrutura superior. Um grito atravessou o uivo do vento. Não fora alto o suficiente para discernir as palavras, mas parecia uma pergunta, um desafio.

Outro vulto passou algo ao que se já se encontrava na plataforma.

Pelo aumento repentino de volume, devia ser um megafone.

— OLÁ! INTERCETÁMOS A VOSSA COMUNICAÇÃO VIA RÁDIO! SABEMOS QUE ESTÃO EM APUROS!

A voz era claramente de uma mulher, inglesa pelo sotaque. Devia ter intercetado a comunicação via rádio de Gray para Karen.

— SEGUIMOS O VOSSO RASTO E VIEMOS AJUDAR-VOS!

Gray gritou do seu esconderijo, não precisando de um megafone para se fazer ouvir.

— Quem são vocês?

— REPRESENTAMOS O PROFESSOR HARRINGTON. ESTÁVAMOS A CAMINHO PARA RECOLHER UMA EQUIPA DE AMERICANOS QUANDO SOUBEMOS DO ATAQUE.

Jason tentou controlar o choque e considerou esta possibilidade. Painter dissera-lhes que os contactos do professor chegariam de *avião* à estação de Halley. Mas depois de intercetarem a comunicação e tomarem conhecimento do ataque, teriam voltado para trás e vindo por terra?

— TEMOS DE NOS DESPACHAR! SE OS AMERICANOS ESTÃO AQUI, TÊM DE VIR CONNOSCO URGENTEMENTE!

— E quem é você, exatamente? — perguntou Gray, querendo mais provas. — Como se chama?

— CHAMO-ME STELLA... STELLA HARRINGTON.

Jason respirou fundo, reconhecendo o nome dos ficheiros da missão. A pessoa que falava confirmou-o na sua afirmação seguinte.

— O PROFESSOR É MEU PAI... E ELE ESTÁ EM APUROS!

29 de abril 19h55 PDT

Sierra Nevada, Califórnia

Se me espetarem mais uma maldita agulha...

Jenna andava de um lado para o outro na sua secção da recentemente alargada unidade de isolamento. Estava de quarentena há doze horas.

No interior do hangar, a equipa do CCPD acrescentara novos módulos ao hospital de isolamento existente. Através da janela de um dos lados, conseguia ver Josh, inconsciente, deitado na cama. Sofrera mais dois ataques na tarde anterior, com episódios de alucinações.

Do seu módulo, observou o rapaz a ser sujeito a mais uma bateria de exames. Uma enfermeira segurava-o virado de lado, enquanto o médico realizava uma punção lombar. Restavam poucas dúvidas de que Josh fora infetado pelo microrganismo que se encontrava por aí. Contudo, pelo que sabia, ainda não tinham conseguido isolar a presença do vírus infeccioso em nenhum dos tecidos ou no sangue de Josh.

Continuavam a recolher amostras dela, também, à procura do mesmo.

Do outro lado do seu módulo — da minha *cela de prisão*, pensou ela, furiosa — outra janela dava para Sam Drake, na secção vizinha. Tal como ela, tinha a bata do hospital vestida e não parecia nada contente, sentado na sua cama. Ambos tinham sido completamente desinfetados ao chegar,

um procedimento humilhante que incluía respirar por um nebulizador pressurizado que administrava uma dose aerossolizada de um antimicrobiano de largo espectro. Era uma medida de precaução caso tivessem inalado alguma das partículas infecciosas dentro do bangalô de Yosemite... não que o fármaco tivesse uma eficácia comprovada.

Mas, pelo menos, é melhor que nada...

Desde então, ela e Drake foram testados, esfregados, picados e viram todos os seus fluidos corporais serem recolhidos. Até agora, nenhum deles sofria dos sintomas clínicos que Josh manifestara nas primeiras doze horas: nomeadamente, picos de febre e tremores musculares. Por esta razão, os médicos acreditavam que ela e Drake tinham escapado à infeção no bangalô. Ainda assim, por precaução extra, tinham de ficar de quarentena mais um dia. Se continuassem assintomáticos, podiam ter alta.

Podiam, era a palavra-chave.

Neste momento, havia poucas certezas.

Com uma exceção...

Jenna deu outra volta à sua cela. A preocupação fazia-a continuar a mexer-se, agitada, sem conseguir estar muito tempo sentada ou deitada. Havia um terceiro membro da equipa de Yosemite cujo futuro era bastante mais incerto.

Nikko.

O seu parceiro fora levado para o complexo de laboratórios de investigação do outro lado do hangar escuro. Lisa assegurou-lhe que *Nikko* seria bem tratado e de que ficaria no canil dentro do seu próprio laboratório. Infelizmente, o *husky* já tinha desenvolvido uma febre muito alta, acompanhada de vômitos e diarreia.

Meu pobre menino...

Jenna estava ansiosa por sair dali, para ir ter com o cão. Nem que fosse apenas para o consolar, para o fazer sentir que o amava. Sentia um misto

de raiva e angústia, o que deixava uma dor no seu peito. Detestava imaginá-lo a sofrer sozinho, à procura dela, a pensar que ela o abandonara. Mas, pior que tudo isto, nem conseguia pensar em perdê-lo.

— Vais fazer um buraco no chão de tanto andar de um lado para o outro.

Jenna virou-se e viu Drake junto à janela, o seu dedo sobre o botão do intercomunicador. Ele sorriu de forma suave, triste, sabendo perfeitamente que ela estava a sofrer.

Ela aproximou-se da janela, carregou no botão e disse:

— Se, ao menos, eu pudesse ir ter com ele.

— Eu sei, mas a Lisa vai fazer tudo o que estiver ao seu alcance. — O olhar de Drake moveu-se para a janela atrás dela. — Especialmente porque ela tem um interesse muito pessoal neste caso.

Jenna sentiu alguma culpa. O que era a perda de um cão comparada à de um irmão? Talvez precisasse de pôr tudo em perspetiva, para ser mais profissional. No final de contas, *Nikko* era apenas um cão.

No entanto, Jenna recusava-se a aceitá-lo.

Para ela, *Nikko* era como um irmão.

— O que podemos fazer enquanto esperamos — disse Drake, baixando a voz — é perceber contra o que estamos a lutar. Se descobríssemos o que estava a ser criado naquele maldito laboratório, talvez o Josh e o *Nikko* tivessem mais hipóteses de sobreviver.

Trovões ribombavam no exterior, fazendo estremecer o hangar e lembrando a Jenna de que não era apenas Josh e *Nikko* que estavam em perigo. A tempestade chegara finalmente à bacia do lago Mono e a chuva começara a cair nas terras mais altas. Segundo o diretor Crowe, as equipas de emergência estavam a usar helicópteros para largar pilhas de sacos de areia nos regatos mais vazios e nos leitos dos riachos secos, numa tentativa de limitar a disseminação do contágio.

Não que alguém esperasse uma contenção absoluta.

Mesmo que os esforços iniciais de colocar sacos de areia resultasse, quanto tempo durariam essas barragens improvisadas? E se o organismo alcançasse os lençóis de água subterrâneos que corriam por toda a região, contaminando o próprio lençol freático?

Drake tinha razão.

Jenna manteve o dedo sobre o botão do intercomunicador.

— Mas como podemos ajudar a descobrir mais alguma coisa sobre o maldito microrganismo? Sobretudo, aqui fechados. Com a sabotadora morta, essa era a nossa última pista direta.

— Então e *indireta*? — propôs Drake.

Jenna respirou fundo, tentando controlar a sua ansiedade e frustração. Com a base destruída, o doutor Hess raptado e ainda desaparecido, o rasto parecia impossível de seguir. Ao que se sabia, o círculo de investigadores do doutor Hess estava no laboratório na altura da sua destruição. Amy Serpry fora a sua última esperança.

Com mais tempo, talvez fosse possível encontrar outra pista.

Mas eles não tinham mais tempo.

— Será que nos escapou alguma coisa? — perguntou Drake, claramente escrutinando o seu próprio cérebro.

Jenna reviu tudo na sua cabeça: desde o pedido de socorro inicial recebido por Bill Howard até ao momento em que viu o corpo de Amy Serpry ser levado de avião, selado num saco para cadáveres. O seu corpo tornara-se o centro das atenções no complexo de laboratórios de biossegurança nível 4 do outro lado do hangar.

Jenna fechou os olhos, percorrendo mentalmente os horrores das últimas quarenta e oito horas. Era difícil acreditar que só tinham passado dois dias desde aquela chamada de Bill Howard.

Aquela chamada...

Abriu os olhos, mostrando o seu choque.

— Jenna? — perguntou Drake.

— Tenho de falar com o Painter Crowe! Agora!

20h12

Por enquanto, Painter tinha o gabinete do coronel Bozeman só para si. Era um raro momento de privacidade no que se tornara o centro de comando para operações de emergência na área. Nos últimos dois dias, um furacão de agências políticas, militares e agentes da autoridade caíra sobre esta região, sobretudo em cima de Painter. Se a agência tinha um acrónimo, estava no terreno a necessitar de ajuda, orientação ou aconselhamento.

Tal como era habitual nestas situações, aquilo ameaçara rapidamente tornar-se um caos ineficaz. Felizmente, devido aos esforços anteriores da Sigma, o presidente intervieria pessoalmente e concedera autoridade plena a Painter, colocando-o numa posição de chefia.

Mas tem cuidado com o que desejas...

Painter ainda estava com dificuldade em chefiar as várias agências, em fazer com que todos trabalhassem como uma equipa. Deixara-o com pouco tempo para pensar, apenas para agir, para ir remediando o que conseguia.

Assim, aproveitou esta calma momentânea, sabendo que era apenas a tranquilidade antes da tempestade.

Devia ir lá abaixo ver a Lisa.

Já não a visitava há várias horas. Não que falar através de uma janela fosse o mesmo que segurá-la nos braços. Ela não parecia a mesma desde a última vez que a vira. Ele sabia por que razão Lisa se encontrava nesse

estado. Josh estava a piorar e não havia esperança de qualquer tratamento eficaz no horizonte.

Painter empurrou a sua cadeira para trás, pronto para a consolar o melhor que sabia... quando a porta se abriu. Era o fuzileiro que fora nomeado para seu adjunto, uma jovem austera com um uniforme impecável e um boné com o nome Jessup.

— Diretor Crowe — disse ela —, a guarda-florestal Beck está em linha. Disse que é urgente.

— Passe a chamada.

Ele trocara poucas palavras com Jenna e Drake depois de eles regressarem de Yosemite. Até ao momento, ambos estavam saudáveis e era provável que tivessem evitado a contaminação. Eram boas notícias num dia tão mau, sobretudo porque ainda não havia notícias da equipa de Gray na Antártida desde que chegara à estação inglesa no gelo. Até agora, Kat não estava demasiado preocupada, sabendo que um enorme erupção solar limitava as comunicações na maior parte do hemisfério sul.

Deveriam ter notícias de Gray em breve.

Por enquanto...

Crowe atendeu a chamada.

— Daqui fala o diretor Crowe.

— Senhor! — Jenna parecia agitada. — Acabei de me lembrar de uma coisa que é capaz de ser importante.

Painter endireitou-se na cadeira.

— O quê?

— No bangalô, antes de entrar, antes de ouvir o último pedido de ajuda de Amy, ouvi um telemóvel tocar no interior. Depois de tudo o que aconteceu, esqueci-me de o mencionar.

— Tem a certeza de que era um telemóvel e não o telefone do quarto?

— Tenho. Talvez fosse alguém a saber como ela estava. Um cúmplice, quem a contratou. Não sei.

— Mas isso não faz sentido. Nós recolhemos o telemóvel e os pertences da Serpry que se encontravam no bangalô antes de o interditar. Examinámos tudo minuciosamente. Eu revi pessoalmente os registos de chamadas do telemóvel dela, na esperança de encontrar uma ligação ao exterior, como a Jenna acabou de mencionar.

— E?

— E não havia nada significativo. Umas quantas chamadas para familiares e amigos. Mas, ainda mais importante, não havia uma única chamada feita ou recebida naquele telemóvel nas últimas vinte e quatro horas. Mesmo que ela não tivesse atendido, a chamada perdida apareceria nos registos.

Fez-se uma pausa demorada na linha.

— Tenho a certeza de que era o telemóvel dela — disse Jenna, com firmeza. — Alguém estava a tentar contactá-la.

Painter ganhara respeito pela guarda-florestal e acreditou na sua palavra.

— Vou pedir a um técnico que examine novamente o telemóvel.

Se Jenna estivesse certa e os registos tivessem sido de alguma maneira apagados ou corrompidos, tal ato seria significativo. Poderia indicar que a última chamada fora feita por alguém do grupo de Serpry, talvez até pela pessoa que estava acima dela.

— A Jenna é capaz de nos ter dado uma nova pista — admitiu Painter.

— Ainda bem. Então, se surgir alguma coisa, quero estar envolvida na sua investigação.

Ao fundo, ouviu uma voz impetuosa a expressar o mesmo desejo, vinda do sargento artilheiro Drake.

— Eu também!

Painter sabia o quanto ambos estavam determinados a ajudar, sobretudo depois do que acontecera ao cão da guarda-florestal.

— Vamos ver onde isto vai dar primeiro — disse ele, sem se comprometer.

— Nós não estamos doentes! — gritou Drake do fundo. — Nós vamos sair daqui! Nem que eu tenha de pegar num bisturi e cortar um caminho daqui para fora.

Painter compreendeu a determinação de ambos. Via o mesmo nos olhos de Lisa sempre que a visitava. Mas, por vezes, nem toda a determinação do mundo era suficiente. Por vezes, só havia um caminho a seguir.

Tomar decisões complicadas e difíceis.

20h22

— Doutora Cummings, acho que devíamos abater o cão.

Lisa virou-se para o doutor Raymond Lindahl. O diretor do Centro de Desenvolvimento de Testes dos Estados Unidos estava agachado no seu fato NBQ em frente da jaula de aço inoxidável onde o *husky* se encontrava.

Nikko estava deitado de lado, a respirar com dificuldade, com uma agulha colocada. Fora-lhe administrado um sedativo ligeiro para o manter calmo, juntamente com antieméticos para controlar os vômitos e uma mistura de antivirais.

Ainda assim, o estado do cão continuava a piorar.

— Ele está a sofrer — disse Lindahl, endireitando-se para estar de frente para ela. — Vai fazer-lhe um favor. No nível de infeção em que se encontra, uma necropsia ia permitir-nos uma melhor compreensão da doença nesta fase inicial. É uma oportunidade rara.

Lisa manteve a voz no mesmo tom, apesar da raiva que fervia dentro de si.

— Podemos aprender o mesmo se continuarmos a monitorizar os sinais clínicos do paciente e a sua resposta a vários tipos de tratamento.

O homem revirou os olhos.

— Até compreendermos com *o que* estamos a lidar, qualquer tratamento será apenas um tiro no escuro. É um desperdício desnecessário de recursos e tempo.

Lisa colocou-se entre Lindahl e a jaula de *Nikko*.

O diretor suspirou.

— Não quero ter de a mandar fazer isso, doutora Cummings. Pensei que ouvisse a voz da razão.

— Eu não acato ordens suas, doutor Lindahl.

Lindahl olhou para Lisa de cima a baixo.

— Foi-me dada autoridade total sobre estes laboratórios pelo comando militar. Além disso, pensei que queria fazer o humanamente possível para ajudar o seu irmão.

Lisa reagiu bruscamente à acusação de Lindahl.

— Não há nada de humano no que está a propor fazer.

— Não pode deixar que os sentimentos interfiram no seu profissionalismo — argumentou ele. — A ciência tem de ser, necessariamente, desprovida de paixão.

— Até os seguranças me arrastarem à força deste laboratório, não vou deixar que ninguém faça mal ao meu paciente.

A discussão sobre o destino de *Nikko* foi interrompida pelo sibilar da porta do laboratório a abrir. Ambos se viraram e viram o virologista, Edmund Dent, a entrar no laboratório, acompanhado pelo geneticista da equipa, o doutor Henry Jenkins, um prodígio louro de apenas vinte e cinco anos.

Pela expressão do rosto de Edmund, visível por detrás da máscara, tinha más notícias.

— Queria que ouvisse isto pessoalmente — começou o virologista. — Recebemos os resultados dos últimos testes que fizemos ao seu irmão.

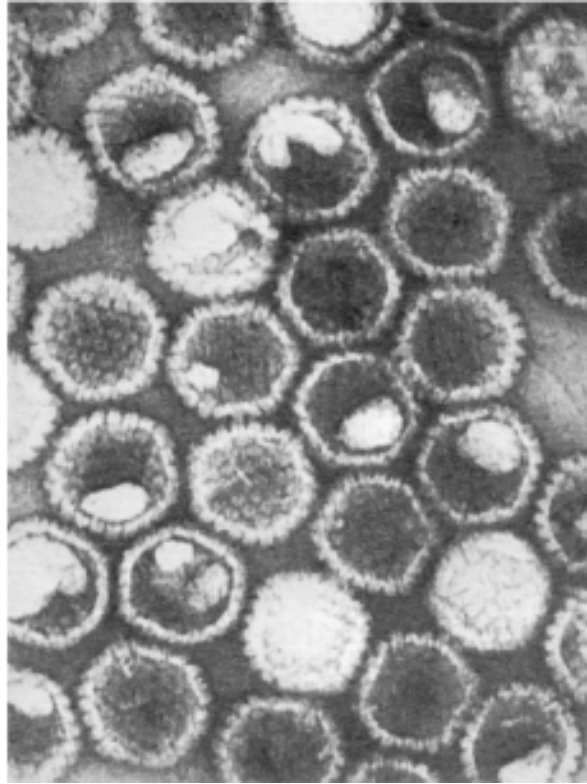
Lisa sentiu um nó no estômago, juntamente com alguma sensação de alívio, tendo uma ideia do que Edmund lhe vinha dizer. Já há muito que esperava que isso acontecesse.

— Embora continuemos sem encontrar uma viremia ativa no sangue de Josh, o que é bom sinal, analisámos as últimas amostras de líquido cefalorraquidiano.

Edmund fez sinal ao seu acompanhante para o seguir até ao computador. Henry entrou no sistema e acedeu à ficha clínica de Josh. A fotografia do seu irmão apareceu momentaneamente no monitor, retirada da sua carta de condução, o seu rosto sorridente e queimado pelo vento na última excursão que fizera pelas montanhas.

O coração de Lisa ficou apertado ao ver a imagem.

Esta foi rapidamente substituída pela microfotografia eletrónica.



A imagem mostrava um conjunto de viriões, recolhido do sedimento de líquido cefalorraquidiano do seu irmão depois de processado pela ultracentrifugadora do laboratório. Até agora, Lisa não tinha qualquer dificuldade em reconhecer a forma característica do inimigo.

No entanto, sentia dificuldade em contrabalançar o rosto sorridente do irmão com o horror exibido no monitor. As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Não conseguia falar.

Edmund apercebeu-se do seu sofrimento.

— Achamos que a evolução da doença de Josh foi tão prolongada porque o vírus viajou pelos nervos da perna até atingir o sistema nervoso central. O caminho semelhante ao utilizado pelo vírus da raiva. Também é capaz de explicar por que razão ainda não encontrámos uma presença viral ativa no seu sangue e porque demorou tanto tempo para detetarmos a sua existência.

Henry clarificou a importância da descoberta.

— Quando lhe amputaram a perna no terreno, a hemorragia deve ter removido as partículas virais que se tinham começado a instalar nos sistemas circulatório e linfático do membro.

— Mas não as removeu do sistema nervoso periférico — acrescentou Edmund. — Algumas partículas devem ter alcançado o nervo tibial ou talvez até o nervo fibular comum antes da amputação. Permaneceu ali e começou a espalhar-se lentamente para o sistema nervoso central.

Lisa parecia nauseada.

Edmund tocou-lhe no braço e disse:

— Ainda assim, isto prova que a sua ação rápida no terreno deu mais algum tempo precioso ao seu irmão.

Lisa sabia que Edmund estava a tentar atenuar a culpa que sentia, mas tinha noção da verdade fundamental.

Eu devia ter cortado a perna toda de Josh.

Em vez disso, Lisa tentara que o irmão ficasse com um joelho funcional, o que lhe proporcionaria uma melhor mobilidade com o uso de uma prótese. Ativo como ele era, Lisa tentara dar-lhe a melhor hipótese de regressar a uma vida o mais normal possível.

Se ao menos eu tivesse seguido a filosofia de Lindahl de há pouco.

Naquele campo, Lisa deixara as suas emoções interferirem na sua decisão profissional. E, agora, isso podia custar a vida de Josh.

Edmund apontou para o monitor do computador, provavelmente para a distrair.

— Devo dizer-lhe que o doutor Henry descobriu um pouco mais sobre o que faz este monstro reagir.

Lisa lutou contra o desespero que sentia, sabendo que não ia ajudar Josh em nada.

Henry explicou:

— Tenho estado a trabalhar com o biólogo molecular da equipa para fazer uma análise genética do que está no interior da cápside sintética do virião.

Lisa imaginou o invólucro de proteína esférico, sustentado por um revestimento de fibras resistentes de grafeno. Na altura perguntara-se o que estaria escondido por baixo daquele exterior duro.

— Macerámos e centrifugámos amostras do vírus de forma a libertar os ácidos nucleicos que compõem a sua codificação genética...

Lindahl chegou-se à frente, acenando com impaciência.

— Não precisamos que nos diga como se faz a salsicha, doutor Jenkins. Não somos alunos de biologia do primeiro ano. Diga-nos apenas o que descobriu.

Edmund olhou para o diretor com um ar reprovador e disse:

— O doutor Jenkins estava a tentar explicar a dificuldade que teve. É importante para percebermos o que ele descobriu.

— Que dificuldade? — perguntou Lisa.

Henry olhou fixamente para ela, com a sua aparência extremamente juvenil, os seus óculos de armações grossas pretas e um ar calmo.

— As nossas tentativas de extrair ADN falharam. Na verdade, utilizando um indicador de difenilamina, não conseguimos identificar qualquer tipo de ADN. Tentámos outras técnicas, claro, mas sem melhor sorte.

— E ARN? — perguntou Lisa.

Ela sabia que os vírus estavam divididos em duas categorias: os que utilizavam ácido desoxirribonucleico, ADN, como base genética, e os que usam ácido ribonucleico, ARN.

— Também não encontrámos qualquer tipo de ARN — respondeu Henry.

— Isso é impossível! — Lindahl deixou transparecer a sua irritação. — Então, o que é que encontraram?

Henry olhou para Edmund, que respondeu pelo geneticista mais tímido.

— O doutor Jenkins e o biólogo molecular descobriram uma forma de AXN.

Lisa franziu o sobrolho, sem perceber.

Edmund explicou:

— Depois de extraírem com sucesso ácidos nucleicos do invólucro duro do virião, não encontraram desoxirribose ou ribose. Em vez disso, descobriram que o seu material genético era composto por algo estranho.

— O X é de *xeno* — disse Henry —, que significa «o que vem de fora».

— Mas não quer dizer extraterrestre — acrescentou Edmund rapidamente. — Achamos que este material genético foi criado. Há mais de uma década que os cientistas se aventuram numa tentativa de criar tipos exóticos de AXN, demonstrando nos seus laboratórios que estas moléculas são capazes de se replicar e evoluir, tal como o nosso ADN.

— Mas o que é diferente no caso deste virião? — perguntou Lisa. — O que se encontrava no lugar da desoxirribose ou da ribose nestas moléculas genéticas?

Henry mordeu o lábio inferior, depois respondeu:

— Ainda estamos a investigar isso, mas até agora detetámos vestígios de arsénico e níveis demasiado elevados de fosfato de ferro.

Arsénico e ferro...

Lisa franziu a sobrancelha, lembrando-se de que o doutor Hess viera até ao lago Mono por causa da descoberta de uma bactéria na sua lama que prosperava em arsénico. Será que existia alguma ligação?

— Mas o que será que o doutor Hess pretendia criar com tudo isto? — perguntou Lindahl. — Qual era o objetivo do projeto?

Edmund encolheu os ombros e disse:

— Só podemos tentar adivinhar. Mas há um pormenor importante relativamente aos AXN criados em vários laboratório e de que se tem conhecimento. Foi provado que todos eles são mais resistentes à degradação.

Por outras palavras, mais tenazes.

— Tal como aquele invólucro exterior — disse Lindahl. — Não é de admirar que não consigamos destruir aquela maldita coisa.

— Pelo menos, por enquanto — argumentou Henry. — Mas, se conseguíssemos perceber melhor o que compõe essa molécula exótica, basicamente descobrir o que é o *X* neste AXN, teríamos alguma hipótese de desenvolver não só um virucida para matar o organismo, mas também um regime terapêutico para qualquer pessoa infetada pelo vírus.

Lisa pensou em Josh, do outro lado do hangar, e permitiu-se sentir alguma esperança, ainda que pouca.

— Há outro pormenor relativamente ao AXN que é capaz de ser importante — acrescentou Edmund. — Está ligado à origem da vida. A investigação atual sobre a capacidade que o AXN tem de se replicar e evoluir sugere que talvez tenha existido um sistema genético mais primitivo neste planeta, um sistema genético mais *antigo* que o ADN e o ARN e que precede o mundo moderno.

Lisa considerou esta possibilidade e as suas implicações.

— O cerne da investigação do doutor Hess era arranjar uma forma de parar a atual extinção em massa. Será que essa experiência com formas de vida sintética tinha algo que ver com isso? Estaria ele a tentar construir um ecossistema mais resistente, que tivesse por base ou fosse sustentado pelo AXN, algo que conseguisse aguentar a poluição ou sobreviver ao aquecimento global? — perguntou Lisa.

— Quem sabe? — admitiu Edmund. — Vai ter de lhe perguntar, se alguma vez o encontrarmos. Mas o Henry tem uma última preocupação relativamente ao problema que temos em mãos.

— E qual é? — perguntou Lindahl.

Henry virou-se para eles.

— Eu não acho que este virião seja artificial... pelo menos não completamente.

— Porque acha isso? — perguntou Lisa.

— Até à data, ninguém foi capaz de fabricar, com sucesso, um *organismo* AXN totalmente funcional. O número de variáveis necessárias para conseguir isso é astronómico. Parece-me um salto científico demasiado grande, mesmo para o doutor Hess.

Lindahl apontou para a microfotografia que ainda se encontrava no monitor e disse:

— Mas ele conseguiu. Aí está a prova.

Henry abanou a cabeça e disse:

— Não, necessariamente. Penso que ele tenha dado esse salto científico utilizando um modelo. Acho que ele descobriu algo exótico, um organismo AXN vivo, e simplesmente manipulou-o para criar a sua forma atual, dando origem a um híbrido da biologia natural e sintética.

Lisa acenou com a cabeça lentamente.

— O doutor Jenkins é capaz de ter razão. O doutor Hess tinha um grande interesse por extremófilos. Procurava por todo o mundo coisas invulgares e bizarras. Talvez tenha encontrado alguma coisa.

Seria essa a razão por que fora raptado?

— E se conseguirmos descobrir o que ele encontrou — acrescentou Edmund —, talvez fiquemos a saber o que significa o *X* e possamos começar a resolver esta trapalhada imensa.

O rádio de Lisa soou e a voz de Painter surgiu na frequência privada. Estava ansiosa por falar com ele, para partilhar o que acabara de descobrir, tanto o horrível, como o que lhe trazia alguma esperança.

— Acho que temos mais uma pista — disse Painter antes de Lisa conseguir falar. — A Jenna sugeriu que examinássemos novamente o telemóvel da Amy Serpry. Parece que alguém se esforçou muito para apagar a sua comunicação com Serpry, eliminando os registos de chamadas junto da própria operadora de telecomunicações. No entanto, nem tudo desapareceu, sobretudo quando se sabe como e onde procurar.

— O que descobriste? — perguntou ela, afastando-se dos outros.

Painter explicou:

— Conseguimos recuperar registos suficientes para descobrir que foi efetuada uma chamada para a Amy Serpry da América do Sul. Da cidade de Boa Vista, a capital do estado brasileiro de Roraima, na região norte do país.

Lisa ajoelhou-se junto à jaula de *Nikko*. O *husky* levantou a cabeça, os seus olhos vítreos moveram-se na sua direção. Ele abanou a causa uma vez.

Lindo menino.

— Antes que a pista desapareça — disse Painter —, vou levar uma equipa comigo para lá a fim de investigar. Vou mantendo contacto com o coronel Bozeman, que vai ficar encarregado das operações por aqui durante a minha ausência.

Lisa queria ir com ele, para ficar ao lado de Painter, mas cruzou o olhar com o *husky* em sofrimento e percebeu que o seu lugar era ali. Também se lembrou do aviso de Lindahl.

Não pode deixar que os sentimentos interfiram no seu profissionalismo.

Não podia cometer esse erro novamente. Ainda assim, isso não impedia que se sentisse preocupada. Quando Painter desligou, uma pergunta ecoava na sua cabeça.

O quê ou quem estaria à espera de Painter no Brasil?

29 de abril, 23h35 AMT

Em voo sobre o Brasil

O doutor Kendall Hess encolheu-se ainda mais no seu assento quando outro relâmpago surgiu no céu e se alastrou pelos contornos das nuvens negras, iluminando a floresta sombria em baixo. Um trovão fez o helicóptero estremecer, enquanto a chuva batia violentamente na janela da pequena aeronave.

À frente, o piloto praguejava em espanhol, enquanto lutava contra a tempestade. O homem enorme que o escoltava encontrava-se sentado na cabina de trás com ele, com um ar muito tranquilo, a olhar fixamente pela janela do seu lado.

Kendall tentou abstrair-se do terror que sentia e fazer o mesmo. Encostou a testa à janela. O clarão do relâmpago revelara pouco mais que uma imensidão de selva verde em baixo. Passaram grande parte do dia a sobrevoar esta floresta tropical em direção a sudoeste, tendo parado apenas uma vez numa estação de reabastecimento situada na floresta e camuflada com redes.

Para onde quer que me estejam a levar, fica atrás do sol-posto.

Desesperou ao pensar se algum dia voltaria a ver o mundo.

Sabia que estava algures na América do Sul, provavelmente ainda a norte do equador. Mas não sabia muito mais. Na noite passada, os seus raptos tinham aterrado o *Cessna* por uma última vez nos arredores de uma pequena cidade. Fora levado para uma casa decrépita com um telhado de chapa ondulada, sem água canalizada, e obrigado a dormir num colchão sobre um chão de terra. Tinham-lhe coberto a cabeça no percurso do avião até à casa, para que não conseguisse descobrir o nome da cidade. No entanto, ouvira vozes na rua a falar espanhol, algum inglês, mas sobretudo português.

Tendo isto em conta, Kendall presumiu que estivesse no Brasil, provavelmente num dos seus estados do Norte. Mas não tinham ficado tempo suficiente para determinar mais nada. Na madrugada do dia seguinte, transferiram-no para este pequeno helicóptero, que tinha um aspeto maltratado e pouco seguro.

Ainda assim, levaram-os até aqui.

Uma série de relâmpagos encadeados ribombou por entre as nuvens. Uma silhueta escura surgiu junto ao horizonte, erguendo-se da floresta de forma imponente, como um navio de guerra negro navegando num mar verde. Kendall esticou-se, tentando ver melhor, sobretudo quando Mateo se baixou para apanhar uma caixa do chão.

Qual seria o destino?

Enquanto o helicóptero prosseguia em frente, a chuva abrandou, mas o trovejar continuou, acompanhado por ocasionais clarões brilhantes, cada um deles revelando mais pormenores da montanha à sua frente.

E era mesmo uma *montanha* que se erguia do chão da floresta, com penhascos muito íngremes e milhares de metros de altura. O seu cume plano, rodeado de névoa intensa, erguia-se sobre as nuvens mais baixas.

Kendall reconheceu aquela invulgar formação geológica. Era única e característica desta região da América do Sul. Blocos altíssimos de arenito

antigo como estes, chamados *tepui*, encontravam-se espalhados pelas florestas tropicais e pântanos do norte do Brasil, estendendo-se até à Venezuela e à Guiana. Eram mais de cem. O mais famoso era o monte Roraima, que se erguia a mais de três quilómetros do chão da floresta, tendo o seu cume, um planalto, uma extensão superior a vinte e cinco mil quilómetros quadrados.

O *tepui* à sua frente era bastante menor, talvez um quarto desse tamanho.

Contudo, há muito tempo, estas centenas de mesetas estavam juntas e formavam um só maciço de arenito gigantesco. Quando os continentes se separaram e moveram, o antigo maciço fragmentou-se em vários pedaços e a chuva e o vento erodiram os blocos partidos, o que deu origem a esta coleção de planaltos dispersos, sentinelas solitárias de outros tempos.

Embora Kendall nunca tivesse visitado nenhum destes *tepui*, sabia da sua existência através da sua investigação sobre formas de vida invulgares. Os *tepui* eram uma das formações mais antigas da Terra, remontando aos tempos pré-cambrianos, mais antigos que a maioria dos fósseis. Estas ilhas no céu, isoladas durante séculos, albergavam espécies que só podiam ser encontradas nos seus cumes, plantas e animais únicos.

Muitos dos planaltos nunca tinham sido pisados pelo Homem, visto serem tão remotos e os penhascos tão íngremes. Representavam uma das áreas menos exploradas do planeta, permanecendo livres de poluição e no seu estado mais puro.

O helicóptero subiu mais alto, fustigado por ventos cada vez mais fortes, dirigindo-se para a montanha, a qual, vista de cima, parecia muito sombria e assustadora, sem ter alguma vez sido tocada pelo Homem.

À medida que se aproximavam do planalto, a superfície do *tepui* não era tão plana como parecia à distância. Um grande lago ao centro dominava o cume, refletindo as luzes de navegação do helicóptero. Ao

longo da sua margem mais a sul, corriam as águas remanescentes das cheias causadas pela tempestade para uma secção mais baixa do planalto, uma plataforma coberta por uma densa floresta em miniatura, uma pequena amostra da vida riquíssima que se encontrava em baixo. A norte do planalto, estendia-se um labirinto de rochas, esculpidas pelo vento e pela chuva em ravinas, cavernas e florestas de pilares extraordinários, tudo coberto por um musgo esponjoso verde-escuro ou por algas de aspeto gelatinoso. Contudo, entre as fendas, Kendall reparou em orquídeas e bromélias em flor, um jardim mágico banhado pela névoa.

O helicóptero começou a baixar para aterrar na área plana de rocha junto ao lago, com as suas luzes a varrerem o planalto. Só nessa altura é que Kendall viu vestígios de ocupação humana. Construída dentro de uma das cavernas, ocupando-a por completo como uma cornucópia, encontrava-se uma magnífica casa de pedra com varandas, gabletes e até um jardim de inverno. Toda a superfície da casa estava pintada com várias tonalidades de verde-escuro para se camuflar na paisagem.

Kendall também reparou num estábulo próximo, com dois cavalos árabes, ao lado de uma fila de carrinhos de golfe estacionados, que pareciam não pertencer ali, embora também os veículos estivessem pintados de verde. Próximo da casa, uma série de aerogeradores altos camuflava-se na perfeição com os pilares de pedra.

É bastante óbvio que alguém quer passar despercebido.

Esse alguém encontrava-se por perto, debaixo de um guarda-chuva.

Assim que os patins do helicóptero tocaram no chão, o guarda de Kendall abriu a porta da cabina e saltou para o exterior. Sendo muito alto, manteve-se agachado para evitar as pás que giravam por cima da sua cabeça. Alguns homens encontravam-se por perto com redes camufladas à mão, prontos para esconder a aeronave quando esta parasse. O grupo

partilhava a mesma pele escura e rosto redondo do guarda e do piloto. Era provável que fossem todos da mesma tribo nativa.

Sabendo que não tinha escolha, Kendall saiu do helicóptero e sentiu um leve chuveirar. Tremeu com o frio abafado característico desta altitude, completamente diferente do calor abrasador da floresta tropical mais abaixo. Caminhou em direção ao homem que toda a gente pensava ter morrido há onze anos.

— Cutter Elwes. Para um homem morto, estás com bom aspeto.

Na verdade, Cutter parecia bem *melhor* do que da última vez que os dois tinham estado juntos. Fora há muito tempo, numa conferência de biologia sintética em Nice. Kendall lembrava-se dele com o rosto corado, a ferver com uma fúria jovial e imatura provocada pela fraca receção que o seu artigo tivera por parte dos colegas de Kendall.

Mas de que é que ele estava à espera?

Agora, o homem tinha um aspeto atlético, descontraído, uma determinação tranquila no seu olhar azul-aço por baixo do cabelo escuro como breu. Estava vestido com calças de linho impecáveis e uma camisa branca, com um colete de safari bege por cima.

— E tu, meu amigo, pareces cansado... e molhado.

Cutter estendeu-lhe o seu próprio guarda-chuva.

Furioso, Kendall ignorou a oferta.

Cutter não expressou qualquer desagrado e voltou a colocar o guarda-chuva por cima da sua cabeça. Virou-se, esperando que Kendall o seguisse, o que ele fez.

Para onde é que eu havia de ir?

— Imagino que tenha sido uma viagem atribulada até aqui — disse Cutter. — Já é tarde e o Mateo vai levar-te ao sítio onde vais dormir. Tens na tua mesa de cabeceira uma refeição fria e café quente, descafeinado, claro. Temos um longo dia pela frente amanhã.

Kendall acelerou o passo, caminhando praticamente ao lado do seu anfitrião, sempre seguido de perto pelo seu enorme guarda.

— Tu mataste... assassinaste tantas pessoas. Meus amigos, colegas. Se esperas que colabore contigo depois de tudo o que fizeste...

Cutter ignorou esta invetiva acenando com a mão.

— Falamos dos pormenores de manhã.

Chegaram à casa de três andares e atravessaram as portas duplas, entrando num átrio cavernoso. O chão era revestido por tábuas de mogno do Brasil, trabalhadas à mão, os tetos eram altos e abobadados, as paredes decoradas com tapeçarias francesas. Se Kendall não soubesse da riqueza da família Elwes, teria ficado desconfiado de como tinham arranjado os vários milhões que devia ter custado construir aquela casa em segredo.

Kendall procurou em volta, sabendo que este sítio devia esconder muito mais. A paixão de Cutter nunca fora o dinheiro ou a acumulação de riqueza. A sua paixão sempre fora o planeta. Começara como um ambientalista dedicado, utilizando o dinheiro da família para financiar muitas causas de conservação. Contudo, o homem era também brilhante, com uma pontuação da Mensa muito além do genial. Embora Cutter fosse francês por parte do pai, estudara em Cambridge e Oxford, sendo a última a universidade onde a sua mãe se formara e onde Kendall conhecera Cutter pela primeira vez.

Depois de se formar, Cutter pegou no seu portentoso cérebro e na sua riqueza sem fim e deu início a um movimento descentralizado com o objetivo de democratizar a ciência com o estabelecimento de laboratórios de ensino por todo o mundo, sendo que muitos deles se aventuraram nos primórdios da investigação da manipulação genética e da síntese de ADN. Tornou-se rapidamente o rei da comunidade biopunk, aqueles empreendedores que se dedicavam ao mundo da codificação genética com um desprendimento encantador.

Cutter também conquistara bastantes seguidores por defender ferozmente uma mudança nas políticas ambientais. Ao longo do tempo, fizera com que grupos de extremistas como o Earth First! e o Earth Liberation Army parecessem conservadores em comparação. As pessoas ficavam cativadas pela sua personalidade iconoclástica e determinação implacável. Ele era a favor da desobediência civil e de protestos dramáticos.

Mas depois tudo mudou.

Kendall estudou as costas de Cutter, reparando que ele se inclinava ligeiramente mais para o lado direito. Durante uma missão no Serengeti, que tinha como objetivo deter caçadores furtivos, Cutter fora violentamente atacado por um leão africano, uma das criaturas que tentava proteger. Quase morrera... aliás, ele *morreu*, pelo menos durante um minuto, na sala de operações. A sua recuperação fora longa e dolorosa.

A maioria das pessoas teria visto num acontecimento tão horrível e violento uma razão para virar costas à causa, mas, em vez disso, Cutter dedicou-se ainda mais. Era como se o facto de ter sobrevivido à fúria primitiva do animal, a representação literal da crueldade da natureza, tivesse aumentado a sua paixão. Contudo, também o mudara. Embora continuasse um ambientalista, o seu fervor orientou-se para uma filosofia mais niilista. Fundou um novo grupo, com indivíduos com crenças semelhantes, a que chamou Dark Eden, cujo objetivo já não era a conservação, mas a aceitação de que o mundo se estava a desmoronar e de que devíamos estar preparados para isso, talvez até contribuir para esse processo e olhar para a atual extinção em massa como uma nova génese, um novo Éden.

Num curto período de tempo, as suas ações tornaram-se mais radicais, os seus seguidores maníacos. Acabou por ser condenado *in absentia* por

vários crimes, em vários países, sendo obrigado a desaparecer da face da Terra. Foi enquanto fugia das autoridades que sofreu um acidente de avião.

Agora era evidente que a sua morte fora um embuste, parte de um plano mais elaborado para o Dark Eden.

Mas qual seria o seu objetivo?

Cutter conduziu Kendall para uma impressionante escadaria de pedra. Uma mulher desceu em direção a eles, com um simples vestido branco, que revelava a beleza da sua pele bronzeada, bem como as suas curvas.

A voz de Cutter tornou-se mais suave.

— Ah, Kendall, deixa-me apresentar-te a mãe dos meus filhos. — Cutter estendeu a mão para a ajudar a descer o último degrau. — Esta é a Ashuu.

A mulher inclinou ligeiramente a cabeça para a frente, como se fizesse uma vénia, e depois voltou toda a sua atenção para Cutter, os seus olhos escuros quase a brilhar sob a luz do candeeiro. A sua voz era um sussurro suave.

— *Tu as fait une promesse à ton fils.*

Kendall traduziu o francês.

Fizeste uma promessa ao teu filho.

— Eu sei, minha querida. Assim que o nosso convidado estiver instalado, vou vê-lo.

Ashuu tocou com ternura na face de Cutter com a parte de trás da sua mão suave, depois acenou com a cabeça para Mateo.

— *Bienvenu, mon frère.*

Em seguida, virou-se e subiu as escadas.

Kendall franziu o sobrolho e olhou para trás, para Mateo.

Frère.

Irmão.

Kendall observou o rosto cheio de cicatrizes do gigante que o olhava de cima. Tendo em conta a beleza impressionante da mulher, nunca imaginaria que os dois eram irmãos, mas, agora que sabia, conseguia ver uma ligeira parecença.

Cutter tocou no cotovelo de Kendall e apontou para o fundo do corredor.

— O Mateo leva-te ao teu quarto. Vemo-nos de manhã. Tenho assuntos importantes para tratar antes de me ir deitar. — Cutter encolheu os ombros com o seu habitual charme insolente. — Tal como a minha mulher me lembrou... *une promesse est une promesse*.

Uma promessa é uma promessa.

Cutter seguiu Ashuu, subindo as escadas.

Enquanto Mateo lhe agarrava o ombro com brutalidade e o levava à força, Kendall não tirava os olhos das costas de Cutter, imaginando as cicatrizes que tinham transformado o homem de forma tão radical, tanto por dentro, como por fora.

Porque me trouxeste para aqui?

Já desconfiava de qual era a resposta.

E esta aterrorizava-o.

23h56

Pequenos dedos seguravam a mão de Cutter enquanto desciam os degraus de arenito do túnel.

— Papá, temos de nos despachar.

Cutter sorriu, enquanto o filho o puxava para ir mais depressa com um alheamento despreocupado, típico da juventude. Com apenas dez anos, Jori ficava maravilhado com tudo, a sua curiosidade pura irradiava de cada

milímetro do seu lindo rosto. Tinha as feições suaves da mãe, bem como o seu tom de pele acastanhado, mas os olhos eram do pai, de um azul-claro brilhante. O curandeiro local tinha tocado no rosto do rapaz e, olhando fixamente para os seus olhos, declarara-o especial. Um ancião macuxi fizera a melhor descrição do seu filho: *Este menino nasceu para ver o mundo entre céus sem nuvens*.

Jori era assim.

O seu olhar azul intenso estava sempre à procura da próxima maravilha.

Essa era a razão que levava os dois a fazer esta caminhada à meia-noite pelos túneis subterrâneos. Dirigiam-se à biosfera viva que ele criara no *tepui*, ou melhor, *dentro* dele.

A maioria destes cumes de arenito estava crivada de cavernas e túneis antigos, formados à medida que a rocha suave fora desgastada por éons de chuva e água corrente. Dizia-se que os sistemas de cavernas encontrados aqui eram os mais antigos do mundo. Assim, era natural que estas passagens antigas se tivessem tornado as forjas do que estava para vir.

As lâmpadas espalhadas ao longo do teto do túnel revelaram uma porta de aço à frente, bloqueando o caminho. Cutter aproximou-se da fechadura de segurança e usou o cartão que tinha à volta do pescoço para a destrancar. Com uma vibração silenciosa, três trancas do tamanho de punhos deslizaram do caixilho da porta.

— Preparado? — perguntou Cutter, olhando para o relógio.

Faltavam três minutos para a meia-noite.

Perfeito.

Jori acenou com a cabeça, balançando-se sobre os dedos dos pés.

Cutter abriu a porta para outro mundo... o mundo *seguinte*.

Conduziu o filho para a plataforma no exterior. Caía uma chuva ligeira do céu para as profundezas de uma gigantesca dolina que se encontrava à

sua frente. Estavam a apenas cinco metros daquele buraco cilíndrico. Um parapeito largo em caracol percorria as paredes interiores da dolina, estendendo-se desde o planalto até à base do *tepui*. O buraco era enorme, com trezentos metros de diâmetro, mas, ainda assim, era um terço mais pequeno que a sua prima, a dolina gigantesca no *tepui* de Sarisariñama na Venezuela.

Ainda assim, este ecossistema confinado e mais pequeno servia o seu propósito na perfeição.

O buraco funcionava como uma ilha dentro de uma ilha.

Foram estes mesmos *tepuis* que inspiraram Sir Arthur Doyle a escrever *O Mundo Perdido*, povoando estas ilhas no meio das nuvens com os remanescentes de um passado pré-histórico, um mundo violento de dinossauros e pterodáctilos. Para Cutter, a realidade era mais excitante que qualquer fantasia vitoriana. Para ele, cada planalto era uma Galápagos no céu, uma panela de pressão evolutiva, onde cada espécie se esforçava por sobreviver de forma única.

Aproximou-se da parede, adornada pela vegetação luxuriante, pingando devido à humidade, encharcada pela névoa. Apontou gentilmente para uma pequena flor com pétalas brancas. As suas folhas semelhantes a gavinhas estavam cobertas de caules minúsculos, cada um com uma gota pegajosa e brilhante na ponta.

— Sabes dizer-me o nome desta, Jori?

Jori suspirou.

— Essa é fácil, papá. É orvalho-do-sol. Dro... dro...

Cutter sorriu e terminou a palavra pelo rapaz.

— Drósera.

Jori acenou vigorosamente com a cabeça.

— Elas apanham formigas e insetos e comem-nos.

— É isso mesmo.

Tais plantas eram a infantaria na guerra evolutiva que existia por aqui, desenvolvendo estratégias de sobrevivência distintas para compensar a falta de nutrientes e a escassez de solo nos cumes dos *tepui*s, tornando-se carnívoras para sobreviver. E não era só a drósera, mas também a utriculária, a *Nepenthes*, até mesmo algumas espécies de bromélias tinham desenvolvido o gosto pelos insetos nesta ilha no céu.

— A natureza é o derradeiro inovador — murmurou ele.

Contudo, por vezes, a natureza precisa de uma ajudinha.

Quando chegou a meia-noite, uma tênue fosforescência surgiu ao longo das paredes, estendendo-se do topo até ao fundo escuro.

Jori bateu palmas. Era isto que o seu filho queria ver.

Cutter manipulara o gene fosforescente de uma medusa, introduzindo-o no ADN de uma espécie ubíqua de orquídea que crescia neste *tepui*, e programara um ritmo circadiano para que brilhasse àquela hora. Para além da beleza, a sua criação proporcionava iluminação à noite para os trabalhadores que cuidavam deste jardim artificial.

Não que as minhas criações precisem de muitos cuidados.

— Olha, papá! Um sapo!

Jori ia tocar no anfíbio de pele negra, que estava agarrado a uma trepadeira.

— Não, não... — avisou Cutter, e puxou a mão do rapaz para trás.

Ele conseguia perceber que o seu filho confundisse o habitante desta dolina com o seu primo vulgar lá de cima, um sapo único, que só existia neste *tepui*. A espécie nativa que se encontrava lá em cima, a *Oreophrynella*, não era capaz de saltar ou nadar, mas desenvolvera dedos oponíveis nas patas que lhe permitiam agarrar-se melhor às superfícies rochosas escorregadias.

Contudo, a espécie que existia aqui não era *nativa*.

— Lembra-te —avisou Cutter —, aqui em baixo temos de ter cuidado.

Este sapo fora geneticamente manipulado para conter uma neurotoxina potente na estrutura glandular da sua pele. Cutter recolhera a sequência de genes do peixe-pedra australiano, a espécie mais venenosa do mundo. Um toque causaria uma morte muito dolorosa.

O sapo tinha poucos inimigos... pelo menos, no mundo natural.

Incomodado pelas suas vozes, o sapo subiu ainda mais a trepadeira. O movimento atraiu a atenção de outro predador. Debaixo de uma folha, umas asas translúcidas abriram-se, ficando do tamanho de uma mão aberta. A folha separou-se do caule, revelando o seu mimetismo inteligente.

Fazia parte da família *Phylliidae*, por vezes chamada «bicho-folha» ou «folha-caminhante».

Só que esta criação não caminhava.

As suas asas flutuavam entre a névoa, as suas patas minúsculas mexiam-se freneticamente no ar, enquanto caía silenciosamente em direção ao nevoeiro.

— Papá, para-a!

Jori devia ter-se apercebido do que estava prestes a acontecer. O seu filho tinha uma afinidade por sapos, típica de um rapaz. Tinha até um grande terrário no seu quarto com uma coleção de várias espécies.

Jori mexeu-se para afastar as asas esvoaçantes, mas Cutter pegou-lhe no pulso... não que o inseto modificado lhe fizesse pior que uma simples picada, mas este era outro momento ideal para o ensinar.

— Jori, o que aprendemos sobre a lei da selva, sobre a presa e o predador? O que se chama a isso?

Jori baixou a cabeça e murmurou baixinho:

— A sobrevivência do mais apto.

Cutter sorriu e acariciou o cabelo do rapaz.

— Lindo menino.

Depois de aterrar nas costas do sapo, o inseto enfiou as suas patas afiadas na pele tóxica e começou a alimentar-se. Enquanto pai e filho observavam, aquelas asas estendidas e pálidas tornaram-se lentamente rosadas com o sangue fresco.

— É bonito — disse Jori.

Não, é a natureza.

A beleza era outra das formas de sobrevivência da Mãe Natureza, fosse através da flor perfumada que atraía a abelha ou das asas de uma borboleta que confundia o predador. Todo o mundo natural tinha um objetivo: sobreviver, passar os seus genes para a geração seguinte.

Cutter aproximou-se da beira da dolina e olhou fixamente para a queda de vários metros até ao fundo. A cada dez metros, o ecossistema mudava. Junto ao topo da dolina, era húmido e frio; no fundo, quente e tropical. O declive entre as duas zonas permitia a criação de áreas de teste, nichos ecológicos únicos, para pôr à prova os seus trabalhos em progresso. Cada nível estava codificado por cores, desde tons mais claros em cima até tons mais escuros em baixo, todos separados por barreiras biológicas e físicas.

O preto era o nível mais profundo e mortífero.

Mesmo com o brilho das orquídeas, Cutter mal conseguia ver a selva escura e húmida que crescia no fundo, o seu solo enriquecido pelos detritos dos níveis de cima que eram arrastados pela chuva. Aquele pedaço de floresta tropical isolada era uma estufa perfeita, onde as suas melhores criações se abrigavam, tornando-se cada vez mais fortes e aprendendo a sobreviver sozinhas.

As tribos nativas desta região receavam estes *tepuis* encobertos pelo nevoeiro, acreditavam que se escondiam por ali espíritos perigosos.

Como isso era verdade agora.

A questão é que estes novos espíritos eram as suas criações, concebidas para o que estava para vir. Cutter continuou junto à beira, a

olhar para a vastidão da dolina.

Aqui estava uma nova Galápagos para um novo mundo.

Um mundo muito para além da tirania da raça humana.

TERCEIRA PARTE

FUGA AO INFERNO



30 de abril, 10h34 AMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

— Onde está o maldito sol? — resmungou Kowalski.

Gray compreendia a frustração do homem corpulento. Encontrava-se na cabina de comando do enorme veículo com lagartas e estudava a paisagem que se estendia para lá das suas janelas altas. Embora fosse apenas meio da manhã, estava escuro como breu no exterior. Com a lua a desaparecer, estrelas brilhantes cintilavam friamente num céu sem nuvens. Ocasionais ondas etéreas de brilho rolavam pela paisagem estrelada, em tonalidades de verde-esmeralda e vermelho-escarlate, por entre salpicos de azul-elétrico.

Esta impressionante tempestade da aurora austral, as luzes polares do Sul, perseguira-os ao longo da extensão gelada da Terra da Rainha Maud durante todo o seu percurso noturno. A ferocidade desta exibição refletia a gravidade da erupção solar que comprometia as comunicações via satélite em toda a Antártida. Cada dança hipnotizante da aurora lembrava a Gray quanto estavam isolados.

Estudou o território na esperança de descobrir alguma pista sobre o local para onde se dirigiam. Depois de deixarem Karen e os outros investigadores no módulo que restava da estação Halley, Gray e a sua

equipa dirigiram-se para leste no enorme veículo, movendo-se lentamente por um mar calmo de neve e gelo. De acordo com o monitor por cima do terminal do condutor, que assinalava em tempo real a posição em que se encontravam, percorriam agora um caminho paralelo à linha costeira distante. No entanto, ao olhar pela janela, não havia qualquer vestígio de mar ou oceano, apenas um mundo gelado em tons de branco e azul. A única coisa que quebrava a monotonia da paisagem eleva-se a sul da posição onde se encontravam. Uma linha de picos escuros escarpados espreitava entre o gelo, assinalando os cumes de montanhas soterradas. Afiados como lâminas, os penhascos assemelhavam-se a uma fileira de presas e eram, de facto, chamadas Fenriskjeften, ou as Mandíbulas de Fenris, o nome do mítico lobo nórdico.

A conversa atraiu a atenção de Gray de volta para a cabina de controlo atrás dele e para a sua anfitriã, Stella Harrington, filha do professor solitário, com quem iam agora encontrar-se.

— Na verdade, nós desenvolvemos o nosso CAAT a partir do protótipo criado pela DARPA — explicou Stella ao seu ávido aluno.

Jason encontrava-se ao lado de Stella junto ao piloto, olhando para um conjunto de diagramas deste estranho veículo. Ele, simplesmente, não parecia faltar-se de receber informação sobre aquele modo de transporte único.

Ou talvez fosse da sua professora.

Com vinte e poucos anos, Stella era da mesma idade que Jason, tinha o cabelo louro e curtinho, como uma fada, lindíssimos olhos verdes e curvas que se evidenciavam mesmo por baixo da camisola grossa de lã e das calças polares volumosas. Era também muito inteligente, com um mestrado duplo em botânica e biologia evolucionária, um par interessante para o génio informático da Sigma.

— Lembro-me de ter visto um vídeo desse protótipo da DARPA — disse Jason. — Era um quinto do tamanho deste. A deslocação sobre a água ainda é possível neste aparelho, sendo ele bastante maior?

— Porque achas que se chama transporte *anfíbio*? — perguntou Stella, revirando os olhos de forma encantadora. — Cada esteira individual que compõe a lagarta é feita de uma espuma flutuante, o que nos permite deslocar em terra e no mar. E isso é muito importante por aqui.

Jason franziu o sobrolho, olhando de relance para a extensão de terra gelada.

— Porque é preciso um veículo anfíbio por aqui?

— Porque usamos o CAAT principalmente para... — Stella calou-se de repente, talvez percebendo que estava a falar demasiado à vontade.

Fora assim desde que eles tinham subido a bordo do veículo. Qualquer conversa era rematada por pausas e silêncios. Ela ainda não lhes dissera em que tipo de sarilhos o seu pai se encontrava, apenas lhes pedira ajuda.

Stella desviou o olhar, o tom da sua voz tornou-se mais baixo, evidenciando alguma culpa.

— Já vais ver.

Jason não insistiu no assunto.

— Mas o CAAT também é útil sobre o gelo — continuou Stella, mais confiante. — Pode atingir os cento e trinta quilómetros por hora em terreno plano, e o seu comprimento permite-nos transpor fendas estreitas.

Jason estudou os diagramas.

— Este CAAT lembra-me o veículo de neve do vice-almirante Byrd, o enorme transportador polar construído pouco depois da Segunda Guerra Mundial. Conheces?

Gray lembrava-se de ver uma imagem do veículo polar de quinze metros, capaz de transportar uma pequena aeronave. A fotografia fora

encontrada nos ficheiros do professor Harrington recuperados dos servidores da DARPA.

— Eu... conheço, sim — disse Stella, novamente hesitante, como se estivesse a caminhar sobre gelo fino. — O meu pai acreditava que o CAAT pudesse desempenhar um papel semelhante.

Jason acenou com a cabeça.

— Faz sentido.

O miúdo olhou de forma sorrateira para Gray. De repente, este apercebeu-se de que Jason estivera a testar Stella discretamente, utilizando a informação contida nos ficheiros do seu pai para ver até que ponto ela estaria disposta a falar abertamente.

Talvez ele não estivesse assim tão encantado, afinal.

— Qual é a capacidade de passageiros deste CAAT? — perguntou ele.

— Foi concebido para transportar uma equipa de doze pessoas, incluindo a tripulação. Mas, em caso de emergência, podemos levar mais seis ou sete pessoas.

Fora esta a razão por que tiveram de deixar Karen e os outros para trás. Gray já vira as acomodações apertadas por baixo de onde se encontravam. Parecia que o motor e as peças mecânicas do veículo ocupavam a maior parte do espaço disponível. As acomodações da tripulação compreendiam um pequeno refeitório e uma camarata, e Stella trouxera consigo uma força inteira de soldados britânicos, todos armados, na eventualidade de terem problemas. Era impossível trazer Karen e a sua equipa de doze investigadores a bordo do CAAT.

Contudo, isso nunca fora uma opção.

Stella deixara bem claro que o professor Harrington apenas autorizara Gray e os seus dois homens a serem transportados da Terra da Rainha Maud para a sua base secreta. Parece que a paranoia do homem se agravara ao saber do ataque. Stella estava a caminho de avião quando

intercetou a conversa via rádio depois de Gray fugir da base destruída. Inverteu a marcha de imediato e procurou o CAAT, que já se encontrava no gelo numa missão diferente. Fez uma aterragem de emergência e desviou a rota do enorme tanque para a sua missão de salvamento.

Stella fez uma pequena concessão e deixou dois soldados britânicos com Karen e os outros, juntamente com lança-granadas-foguete e arsenal pesado, na eventualidade de o inimigo decidir perseguir o módulo itinerante. Era o melhor que se podia fazer tendo em conta a situação.

Gray juntou-se a Jason.

— Quanto tempo vamos demorar até chegarmos ao nosso destino?

Stella olhou de relance para o mapa no sistema de posicionamento dinâmico sobre a cabeça do condutor. Estudou-o durante demasiado tempo, claramente ponderando quanto revelar.

Jason interveio, dando às suas palavras um tom irónico.

— Nós não vamos contar a ninguém.

Stella continuava a olhar fixamente para o mapa, mas Gray reparou no vislumbre de um sorriso nos cantos dos seus lábios.

— Lá isso é verdade. — Stella apontou para o ecrã. — Vêm aquela pequena península com a forma de uma meia-lua? A cerca de trinta quilómetros. É onde fica Hell's Cape.

— Hellscape? — perguntou Jason, franzindo o sobrolho ao ouvir um nome tão agourento.

O sorriso dela tornou-se maior.

— Percebeste mal. Não é Hellscape. É Hell's *Cape*. Cabo do Inferno.

— Como se isso fosse bem melhor — comentou Kowalski, de forma sarcástica, da cabina do condutor. — Não vai conseguir atrair muitos turistas para aqui com esse nome.

— Não fomos nós que lhe demos o nome.

— Então, quem foi? — perguntou Gray.

Stella hesitou... depois acabou por não aguentar mais e falou abertamente.

— Foi Charles Darwin. Em 1832.

Depois de um minuto de silêncio e espanto, Gray fez a pergunta óbvia.

— Porque lhe chamou Hell's Cape?

Stella não levantou os olhos do mapa, depois abanou a cabeça. Repetiu a resposta vaga que usara anteriormente. Só que agora a sua voz estava gelada de terror.

— Já vão ver.

10h55

Não parece assim tão mau para um inferno.

Jason observou o CAAT a percorrer com dificuldade os últimos dois quilómetros em direção ao cabo gelado que penetrava pelo oceano Antártico dentro. Por esta altura, os seus olhos já se tinham adaptado à escuridão, vendo bem com a luz das estrelas e das ondas cintilantes da aurora austral no céu escuro.

Em frente, a curva da linha de costa, um misto de gelo azul e penhascos rochosos e escuros, abrigava uma pequena baía. No fundo dos penhascos, as ondas rebentavam numa praia repleta de pedregulhos. Esta era uma das raras áreas da linha costeira que não tinha gelo.

— Então, onde fica essa base? — perguntou Kowalski.

Era uma boa pergunta.

Stella encontrava-se de pé atrás do condutor, debruçada para a frente, a sussurrar-lhe ao ouvido. O homem abrandou o CAAT à medida que este se aproximava da costa. Conduziu as enormes lagartas até à beira de um penhasco...

... e seguiu em frente.

— Agarrem-se a qualquer coisa — avisou Stella.

Jason segurou o corrimão que se estendia ao longo de uma parede, enquanto Gray e Kowalski se agarraram aos cantos de uma mesa de navegação.

O CAAT continuou para a frente até a dianteira do veículo se encontrar suspensão para lá do penhasco. Em seguida, começou a cair, com a parte da frente inclinada para baixo. Jason segurou-se com mais força, esperando aterrar de cabeça na praia rochosa. Em vez disso, as lagartas dianteiras embateram numa escarpa oculta por debaixo do precipício. O CAAT estremeceu, a traseira levantou. Então, começaram a percorrer uma encosta íngreme feita de cascalho, em direção à praia repleta de pedregulhos lá em baixo.

Jason largou o corrimão e foi para junto de Stella.

A escarpa parecia feita pelo homem com as mesmas pedras soltas que se encontravam na praia, provavelmente teriam sido arrastadas para lá com um buldózer. Mas, à primeira vista, era possível que a escarpa passasse completamente despercebida, sobretudo por estar escondida pela curvatura do cabo.

Ao fundo da encosta, o CAAT alcançou a praia e seguiu pela base dos enormes penhascos, com as suas lagartas a remexerem a areia. Em frente, surgiu a abertura de uma caverna, que parecia esculpida por um golpe de machado contra a rocha debruada de gelo. O CAAT abrandou e fez uma viragem brusca em direção àquela boca escura. Os seus faróis dianteiros penetraram a escuridão como lanças. O túnel terminou passados apenas trinta metros, bloqueado por uma parede fria de aço azul. Erguia-se por cinco andares e contava com cem metros de largura. As extremidades da barreira pareciam fixadas com cimento.

Enquanto o CAAT entrava, um enorme par de portas duplas abriu-se nessa parede, deslizando para os lados sobre carris. Uma luz brilhante, que quase cegava depois de tantas horas de escuridão, inundou o túnel e incidiu sobre eles.

— Bem-vindos a Hell's Cape — disse Stella.

Para além da parede, estendia-se um espaço cavernoso, pavimentado a aço, mas com paredes de pedra natural. Parecia uma mistura entre o convés de um porta-aviões e o maior hangar industrial do mundo. Outro CAAT do mesmo tamanho encontrava-se estacionado ao lado de seis mais pequenos, cada um com metade do tamanho do irmão mais velho. Havia também duas aeronaves equipadas com flutuadores a serem reparadas do outro lado. Noutro lugar, um trio de empilhadoras transportava caixotes, enquanto um sistema de roldanas no teto trazia para dentro um contentor.

O condutor dirigiu o veículo para o meio daquele caos e encostou ao lado do seu gémeo, enquanto as enormes portas se fechavam atrás deles. O CAAT parou com um pesado suspiro dos seus motores a gasóleo.

Assim que pararam, Stella acenou-lhes na direção das escadas.

— Vamos desembarcar. O meu pai está ansioso por vos conhecer.

Stella conduziu a equipa americana até ao andar de baixo e por uma rampa que se estendia da traseira do veículo. O ar estava estranhamente quente, cheirava a óleo e a produtos de limpeza químicos. Jason ficou boquiaberto com a dimensão daquelas instalações.

Stella conversou com o agente britânico franzino que fora recebê-los, ofegante, com o olhar preocupado. Quando terminou, virou-se para eles e apontou para o outro lado da caverna.

— Ele está lá em cima, na plataforma de observação.

Do outro lado deste hangar gigantesco, uma enorme estrutura de aço ocupava por completo as traseiras da caverna. Estendia-se por oito

andares, com escadas e pontes interligadas. O último nível tinha uma fileira de janelas altas de vidro.

Havia algo vagamente familiar naquela disposição.

Gray também reparou.

— Aquilo é a superestrutura de um navio de guerra?

Stella acenou com a cabeça.

— Pertence a um contratorpedeiro britânico desmantelado. Foi trazido para aqui às peças e montado de novo.

À semelhança das portas exteriores, a superestrutura reaproveitada estava selada em todas as extremidades por cimento, como os vidros de uma janela fixados à sua moldura.

— Sigam-me — disse Stella, virando-se. — Mantenham-se perto.

Enquanto obedecia às suas ordens, Jason distraiu-se com o traseiro de Stella.

Kowalski apanhou-o a olhar e deu-lhe uma cotovelada.

— Continua a andar, miúdo. Aqui só há problemas.

Ao sentir as faces a aquecer, Jason olhou para outro lado que não na direção de Stella. O grupo passou por fileiras de sacos de areia empilhados à altura da cintura e três suportes de metralhadora que suportavam *Brownings M2*, feitas na América, todas apontadas para as portas exteriores.

Em cima, observou o contentor a passar nos carris no teto e a desaparecer para dentro da superestrutura. Pela primeira vez, reparou que o contentor tinha janelas espessas, como um teleférico blindado. E que uma saliência na parte de baixo parecia uma torre de tiro.

Jason apressou-se para acompanhar os outros.

Que raio de sítio é este?

Gray seguiu Stella até ao nível mais baixo da superestrutura de aço. Stella juntou-os num elevador e carregou no botão para o andar mais alto.

Quando começaram a subir, Gray perguntou:

— Este lugar foi construído há quanto tempo?

Enquanto atravessava o hangar exterior, parecia-lhe que a construção da estação britânica tinha um ar descuidado, como se alguém a tivesse construído à pressa.

— A construção começou há seis anos — respondeu Stella. — É um trabalho demorado. Ainda estamos a aperfeiçoar e a acrescentar quando o orçamento e as circunstâncias o permitem. Mas a busca deste local já data de alguns séculos.

— O que quer dizer com...

As portas do elevador abriram-se, interrompendo a sua pergunta.

Stella fez-lhe sinal para saírem.

— O meu pai explica-lhes... se houver tempo.

Caminharam pelo que fora, em tempos, a ponte do contratorpedeiro, com uma fila de janelas altas que davam para o hangar atarefado em baixo. A maior parte da ponte fora alargada e transformada numa série de escritórios centrados em redor de uma convidativa biblioteca. Tapetes persas suavizavam o chão de aço, enquanto estantes de madeira, repletas de livros, se estendiam por todas as paredes. Por ali, várias secretárias e mesas acomodavam mais livros, juntamente com revistas e papéis espalhados. Também reparou nos plintos que seguravam vários artefactos: pedaços de fósseis, pedras cristalinas invulgares, livros antigos que eram mantidos abertos, expondo diagramas de biologia ou esboços de animais e pássaros desenhados à mão. O tomo mais volumoso era uma enorme

coletânea de mapas requintados e iluminados, que pareciam ter vários séculos, a tinta metálica ainda a cintilar nas suas páginas.

A renovação parecia mais a de um museu, como algo saído da ala de História Natural da Royal British Society.

Do lado oposto da sala, um homem magro e elegante de cabelo grisalho saiu de uma reentrância oculta entre duas estantes. Embora parecesse já ter quase setenta anos, caminhou rapidamente na direção deles. Vestia calças cinzentas, presas por suspensórios, e uma camisa branca impecável, com sapatos engraxados. Parou apenas o tempo suficiente para pegar no casaco que se encontrava pendurado nas costas da cadeira, por detrás de uma secretária ampla com um serviço de chá a fumar em cima. Vestiu o casaco rapidamente e aproximou-se para os cumprimentar.

— Comandante Pierce, obrigado por ter vindo.

Gray reconheceu o professor Alex Harrington do dossiê da missão. Apertou a mão do homem, achando-a magra, mas ainda com muita força. Desconfiava que este professor passava mais tempo a fazer trabalho de campo do que dentro de uma sala de aula.

— A Stella contou-me os problemas que tiveram na estação Halley — disse Harrington. — Desconfio que o nosso problema seja o mesmo. Nomeadamente o major Dylan Wright, antigo líder do Esquadrão X.

Gray lembrava-se do homem corpulento que comandara a equipa de assalto na DARPA, com os seus olhos frios e cabelo rapado louro, quase branco. Na sede da Sigma, Kat identificara o líder como sendo Dylan Wright.

— Como o conhece? — perguntou Gray.

— O Wright e a sua equipa escolhida a dedo foram destacados como equipa de segurança da base nos primeiros tempos. Depois, alguém o influenciou ou então ele esteve sempre infiltrado. Desconfio que tenha

sido a última hipótese, pois ele sempre foi um cretino do pior, descendia de uma família aristocrática qualquer que caiu em desgraça, até costumava andar armado com uma espingarda de caça de fabrico inglês. De qualquer forma, começámos a ter problemas por aqui, provas de sabotagem, juntamente com o desaparecimento de ficheiros, até mesmo amostras roubadas. Há um ano e meio, foi apanhado pelas câmaras de segurança, mas conseguiu fugir com a sua equipa, matando três soldados no caminho, todos homens bons e leais.

A imagem do diretor Raffee, executado no seu gabinete, veio à cabeça de Gray.

— Se ele destruiu a Halley — continuou Harrington —, vai voltar aqui para nos matar a todos, sobretudo aproveitando o facto de as comunicações estarem em baixo em todo o continente. E, o que mais me preocupa, é que o homem sabe tudo o que há para saber sobre Hell's Cape.

— Porque acha que ele vai voltar? O que é que ele quer?

— Talvez apenas vingança. O homem sempre foi vingativo. Mas acho que tenciona fazer algo bem pior. O nosso trabalho aqui, além de ser sensível e confidencial, é muito perigoso. Ele pode provocar um enorme caos.

— E qual é a natureza da vossa investigação aqui?

— A Natureza, em si, na verdade. — Harrington suspirou, o seu olhar cansado e assustado. — É melhor começarmos pelo princípio.

Aproximou-se da sua secretária, acenando-lhes para que se juntassem a ele. Depois, pressionou a palma da mão sobre o canto de um pedaço de vidro embutido no tampo da secretária. Um ecrã LCD de 40 polegadas iluminou-se, trazendo um pouco de modernidade a este museu da Royal British Society.

Harrington deslizou os dedos e teclou na superfície tátil. Com um simples movimento dos dedos, espalhou várias fotografias pelo ecrã, tão

facilmente como se estivesse a distribuir cartas num jogo real.

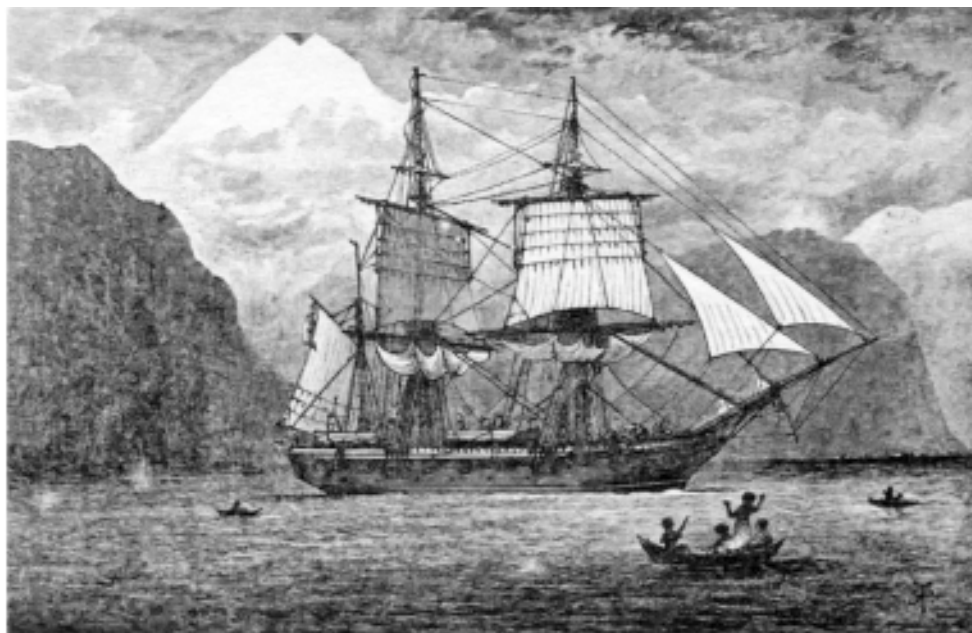
Gray reparou no nome do ficheiro que brilhava junto ao topo do ecrã.

D.A.R.W.I.N.

Já o vira antes e lembrou-se que era o acrónimo de Develop and Revolutionize Without Injuring Nature (Desenvolver e Revolucionar Sem Prejudicar a Natureza). Era a filosofia de conservação de base que Harrington e Hess partilhavam. No entanto, manteve-se em silêncio, deixando o professor controlar a história.

— Tudo remonta à expedição do HMS *Beagle* e à viagem de Charles Darwin por esta região. E ao encontro fatídico com os homens da tribo fueguina da Terra do Fogo. Aqui está um esboço antigo feito a lápis desse primeiro encontro, junto ao estreito de Magalhães.

O professor carregou no ecrã e aumentou uma fotografia da velha chalupa britânica e de um grupo de nativos em pequenos barcos.



— Os fueguinos eram marinheiros e pescadores exímios, navegavam os mares à volta da ponta da América do Sul e mais além. De acordo com um diário secreto escrito por Darwin e guardado no Museu Britânico, o comandante do *Beagle* obteve um mapa que retratava uma parte da linha costeira da Antártida, juntamente com um pedaço de território sem gelo. Tentando reclamá-lo para a Coroa, o *Beagle* procurou a sua localização... mas o que descobriram foi de tal forma assustador que o local foi apagado para sempre dos registos da viagem.

Jason estudou a imagem e perguntou:

— O que é que eles descobriram?

— Já lá chego — disse Harrington. — Darwin não podia deixar que esse conhecimento fosse perdido para sempre, por isso conservou o mapa junto ao seu diário secreto. Apenas alguns cientistas privilegiados tiveram acesso a ele. A maioria considerava a sua história demasiado fantasiosa para ser credível, sobretudo porque a local só voltou a ser encontrado um século depois.

— Hell's Cape — disse Gray. — Este lugar.

— Ao longo da maior parte do século passado, plataformas compactas de gelo esconderam a verdadeira linha de costa. Foi só depois do degelo das últimas décadas que a conseguimos descobrir novamente. Ainda assim, tivemos de utilizar bombas para soltar os últimos pedaços de gelo a fim de chegar a este lugar e estabelecer a nossa base. Só depois é que percebemos que não tínhamos sido os *primeiros* a chegar aqui desde a fatídica viagem de Darwin. Mas já me estou a adiantar na história.

Harrington colocou mais mapas no ecrã. Gray reconheceu o que fora desenhado pelo explorador turco Piri Reis, juntamente com o mapa de Oronteus Finaeus.

— Estes mapas antigos sugerem que, algures no passado, há cerca de seis mil anos, grande parte da costa não tinha gelo. O almirante turco que

desenhou este primeiro mapa declarou que o compilara com base em mapas muito antigos, alguns datados do século quatro antes de Cristo.

— Há tanto tempo assim? — perguntou Jason.

O professor acenou com a cabeça.

— Naquele tempo, os minoicos e os fenícios eram marinheiros exímios, construindo gigantescos navios de guerra a remos que navegavam mares e oceanos. Por isso é possível que tenham alcançado este continente mais a sul e registado a sua descoberta. O almirante Piri Reis compilou a sua carta de navegação a partir de mapas guardados numa biblioteca em Constantinopla, mas até ele desconfiava que algum do seu material de origem mais antigo tivesse vindo da famosa Biblioteca de Alexandria antes de ter sido destruída.

— Porque achava isso?

— Ele mencionou que alguns dos mapas que estudou em Constantinopla tinham anotações que sugeriam uma origem egípcia. E, de acordo com alguns arqueólogos, os antigos egípcios já navegavam pelos mares em 3500 antes de Cristo.

— Há quase seis mil anos — disse Gray. — Quando a costa não tinha gelo. Mas porque estão estes mapas relacionados com Darwin?

— Depois de regressar a Inglaterra, Darwin ficou obcecado por descobrir mais sobre o que encontrara no local a que chamara Hell's Cape. Reuniu mapas antigos e pesquisou registos de grande antiguidade, à procura de qualquer outra menção deste lugar. Também tentou compreender a sua geologia única.

— Porquê única? — perguntou Kowalski. — Parece uma enorme caverna.

— É muito maior do que imagina. Tudo aquecido pela atividade geotérmica. Na verdade, quando Darwin descobriu a entrada desta caverna, estava manchada de vermelho-vivo devido ao óxido de ferro que saía da

sua abertura em forma de vapor, erguendo-se de um mar escaldante de água salgada rica em ferro, que se encontra nas profundezas. Do outro lado do continente podemos encontrar uma formação geológica semelhante, chamada Cataratas de Sangue, nos vales secos de McMurdo, perto da vossa base americana.

Gray nem conseguia imaginar quão sinistra aquela visão deve ter sido para aqueles homens da era vitoriana que seguiam a bordo do *Beagle*.

— A obsessão de Darwin tomou conta da sua vida, de tal maneira que atrasou a publicação da sua famosa dissertação sobre a evolução, *A Origem das Espécies*. Sabiam que foi quase vinte anos depois da sua viagem a bordo do *Beagle* que Darwin publicou o seu trabalho revolucionário? Sabemos que não foi o medo de causar controvérsia que atrasou a publicação. Foi outra coisa qualquer.

Harrington agitou as mãos por cima do conjunto de mapas.

— Foi esta obsessão. Além disso, o que ele descobriu nestas cavernas, penso eu, pode ter sido fundamental para o ajudar a formular a sua teoria de que as espécies evoluem de forma a adaptar-se ao seu ambiente e de a sobrevivência do mais apto ser a força motriz da Natureza. Tal teoria é certamente comprovada aqui.

A curiosidade de Gray tornou-se ainda mais aguçada.

O que se esconde aqui?

— Qual é a dimensão deste sistema cavernoso?

— Não temos a certeza. Não vale a pena utilizar georradars devido aos muitos quilómetros de gelo que cobrem o interior do continente. Levantamentos deste tipo são ainda mais complicados de fazer porque este sistema se estende por baixo das montanhas costeiras.

Gray imaginou a cordilheira recortada dos penhascos de Fenriskjeften.

O professor continuou:

— No entanto, já enviámos drones com equipamento de radar para o interior do sistema tão longe quanto conseguimos. Julgo que os túneis e as cavernas se estendam por grande parte do continente, talvez até cheguem ao lago Vostok ou até mesmo à cratera da Terra de Wilkes, o que abre algumas possibilidades interessantes relativamente às origens do que descobrimos. E somos capazes de ter alguma corroboração do seu enorme tamanho por parte de fontes históricas.

— Que fontes históricas? — perguntou Jason.

— Os nazis... mais especificamente o cabecilha da marinha alemã na altura.

— O almirante Dönitz — disse Jason, fazendo uma careta assim que o nome deixou os seus lábios, revelando sem querer que já tinham acedido a alguns destes ficheiros D.A.R.W.I.N.

No entanto, Harrington não reagiu. Talvez assumisse que esse conhecimento era do domínio público. Contudo, Stella lançou um olhar desconfiado ao jovem.

Harrington continuou:

— Dönitz defendia que os nazis tinham descoberto uma trincheira debaixo de água que se encontrava ligada por túneis ao coração deste continente, formada por uma série de lagos, rios, cavernas e túneis de gelo interligados.

Gray lembrou-se de Jason ter partilhado as palavras do almirante alemão durante os julgamentos de Nuremberga, de que os nazis tinham descoberto *um oásis paradisíaco no meio do gelo eterno*.

Jason falou novamente, mais devagar, claramente cuidadoso depois do seu deslize.

— Não foram os únicos. Sabiam que o governo dos Estados Unidos da América já detonou bombas nucleares nesta área? Justificaram-no dizendo que estavam apenas a testar armas nucleares, mas faz-me pensar se não

estariam antes a tentar encobrir uma grande confusão, a tentar aniquilar algo que, inadvertidamente, deixaram escapar. Ocorreu na mesma área onde foi descoberto um vírus único em 1999, um que parecia ser universalmente patogénico.

Gray lembrava-se de como essa descoberta intrigara Hess e Harrington, que o descreveram como *a chave dos portões do Inferno*.

— Foi o doutor Hess que reconheceu o código genético único desse vírus, algo muito diferente dos nossos. Foi um indicador que nos levou a descobrir este lugar, embora ainda tenha demorado outros oito longos anos a descobrir a abertura deste sistema cavernoso.

— Até o continente ter derretido o suficiente para revelar os seus segredos — disse Gray.

— Exatamente.

Jason aclarou a garganta.

— Mas como tem a certeza de que os americanos e os alemães já aqui estiveram?

— Porque...

Um retumbante *boom* estremeceu o mundo, fazendo os vidros das janelas abanar nos caixilhos. Todos se baixaram, esperando o pior, mas, ao ver que a superestrutura aguentou, Gray correu agachado em direção à fileira de janelas que dava para o enorme hangar. Alcançou-as a tempo de ver uma das enormes portas de aço a sair das calhas e a ser projetada no ar, acabando por esmagar uma das aeronaves flutuadoras que se encontrava estacionada.

Fumo negro encheu o hangar. Vultos de armadura branca como a neve entraram encobertos pela nuvem.

Tinha de ser a equipa do major Wright.

Começou um tiroteio.

Dois soldados britânicos foram abatidos, mas um alcançou um suporte da metralhadora e começou a disparar contra o inimigo. O metralhar da arma era ruidoso o suficiente para chegar ao topo da superestrutura... até uma granada-foguete atingir a posição do homem com uma explosão atroadora.

— Vamos! — disse Harrington, puxando a manga de Gray. — Não os podemos deixar soltar o inferno sobre o mundo!

Gray seguiu o professor para o lado oposto da ponte, perseguido pelos sons do combate que decorria em baixo. Na parede do fundo, o professor agachou-se e atravessou o mesmo par de cortinas pelas quais entrara.

Gray seguiu-o, levando toda a gente consigo.

Para lá das cortinas, estendia-se uma longa passagem em direção às traseiras da superestrutura. As suas botas batiam ruidosamente no chão de aço. O túnel terminava na plataforma de observação envidraçada na parte de trás da estação. Estava ligada ao teto da caverna. Pelo teleférico parado ao seu lado, dava para perceber que esta plataforma de aço e vidro era também a última paragem do sistema de roldanas que corria por cima.

Gray chegou à plataforma pouco depois de Harrington.

Quando viu o que se estendia à sua frente, parou, demasiado aturdido para se mexer, para falar.

O mesmo não podia ser dito de toda a gente.

— *Okay* — disse Kowalski —, agora o maldito nome faz sentido.

30 de abril, 07h20 AMT

Boa Vista, Brasil

É como reconstituir os passos de um fantasma...

Jenna seguiu Drake e Painter pelas ruas sufocantes de Boa Vista, a capital do estado brasileiro de Roraima. A temperatura já estava quase nos trinta graus e a humidade devia rondar os cem por cento. A camisa fina colava-se-lhe às axilas e às costelas sob a mochila pendurada nos seus ombros. Ela tinha de a puxar constantemente para baixo a fim de a manter entalada nos calções. Também usava um boné para se proteger do sol ofuscante, com o rabo de cavalo a balançar sobre as suas costas.

Drake e Painter também estavam vestidos de modo informal, assim como os dois fuzileiros — Schmitt e Marlow — que iam atrás deles fazendo-se passar por turistas, uma visão comum na cidade. Ao que tudo indicava, Boa Vista era o ponto de partida para todos os viajantes aventureiros que quisessem visitar a floresta amazónica ou os planaltos vizinhos da Guiana ou da Venezuela.

O facto de Boa Vista ser uma cidade de passagem também complicava a sua busca dos últimos passos de Amy Serpry. Pela análise dos peritos forenses ao telemóvel da sabotadora, sabiam que Amy tinha recebido uma chamada daquela cidade. Jenna tinha o toque daquele telemóvel nos seus

ouvidos. Ela recordou o corpo devastado da mulher na cama... e recordou *Nikko*.

Jenna afastou este último pensamento. Odiava abandonar o seu parceiro na Califórnia, mas a única hipótese que tinha para o ajudar estava ali, procurando a solução para aquela doença monstruosa.

A equipa aterrara há uma hora, precisamente ao nascer do sol. Do ar, a cidade dispunha-se como os raios de uma roda. Tinham percorrido de táxi uma dessas ramificações e agora dirigiam-se a pé para um pequeno hotel afastado da rua principal, aninhado num bairro pequeno e sossegado no meio das árvores.

— Deve ser aqui — disse Painter, apontando para um pitoresco hotel de madeira em estilo colonial situado a meio da rua.

Ao atravessarem na direção da pensão, Drake fez um sinal impercetível aos dois fuzileiros para se dirigirem para cada lado da rua, a fim de protegerem o perímetro discretamente.

Jenna avançou com Drake e Painter para os degraus do hotel. Um alpendre de madeira corria ao longo da fachada, com vasos carregados de flores. Havia mesmo um pequeno baloiço, ocupado por um gato gordo tigrado cor de laranja, que se espreguiçou ao vê-los e se esticou a todo o comprimento.

— Deve ser o proprietário — disse Drake, parando para acariciar o gato no pescoço.

Apanhada desprevenida, Jenna deixou escapar uma breve gargalhada, mas abafou-a rapidamente, culpando a tensão pela sua explosão.

O hotel era a única pista concreta que tinham. Embora soubessem que a última chamada de Amy fora feita naquela cidade, não conseguiam determinar mais nada. Painter acreditava que quem a fizera tinha usado um sistema grosseiro de reflexão via satélite para ocultar a sua localização exata.

Sendo assim, eram obrigados a usar o bom e velho sistema de bater o terreno, o que não era um problema para ela.

Por vezes, os velhos métodos são os melhores.

Quando Painter empurrou a porta do hotel, ela ajustou a mochila, deslizando a mão sobre o punho da *Glock 20* acomodada no fundo. Painter tinha-lhes fornecido armas, que estavam escondidas num armário no aeroporto, pouco depois de terem aterrado. Ele não disse como é que as tinha arranjado e ela nem sequer lhe perguntou.

Embora armada, sentia-se indefesa sem *Nikko*.

Jenna seguiu Painter para o interior do hotel, enquanto Drake ficava no alpendre com o gato. Ao aproximar-se da receção, que pouco mais era que uma secretária alta, Painter pôs um braço à volta da cintura de Jenna.

Uma mulher brasileira já de idade, envergando uma bata e um sorriso de boas-vindas, levantou-se de uma cadeira almofadada em frente de uma pequena televisão e saudou-os.

— *Sejam bem-vindos.*

— *Obrigado* — agradeceu Painter. — Fala inglês?

Ela sorriu ainda mais.

— Sim. Geralmente consigo.

— Esta é a minha filha — continuou Painter empurrando Jenna para a frente. — Ela anda à procura de uma amiga, com quem se devia ter encontrado na cidade, mas ela não apareceu.

O rosto da mulher ficou mais sério e acenou com a cabeça, fazendo sinal que compreendia.

Painter fez uma ligeira pressão nas costas de Jenna, indicando-lhe que continuasse.

— O nome... o nome dela é Amy Serpry — disse Jenna, tentando parecer preocupada, o que não era difícil.

Eu estou preocupada...

— A minha amiga tem andado a viajar por esta região no último mês, mas quando chegou aqui ficou hospedada no seu maravilhoso hotel.

Sem poder localizar com exatidão a chamada, Painter tentara seguir os últimos passos da sabotadora procurando os registos bancários, rastreando outros telefonemas do seu apartamento em Boston, até mapeando o registo do GPS recuperado do *Toyota Camry* dela. Era como recuperar a vida de um fantasma, bit por bit digital, refazendo os seus passos nos últimos meses.

A investigação também revelara mais da juventude volátil da mulher, antes de ter assentado no seu programa pós-doutoramento e ser contratada pelo doutor Hess. No final da adolescência, fizera parte de um movimento ambiental radical chamado Dark Eden, que defendia um mundo natural sem a Humanidade, promovendo ações ecoterroristas para fazer valer o seu ponto de vista.

Então, na noite passada, pouco depois das duas da manhã, Painter recebera um telefonema de D.C. Jenna e Drake estavam no gabinete de Painter a essa hora, acabados de sair da quarentena. Painter colocara a chamada em alta-voz. A mulher em linha — Kathryn Bryant — tinha feito uma descoberta.

Não havia carimbos no passaporte americano dela, por isso deduzimos que ela não tinha saído dos Estados Unidos todo este tempo. Mas então descobrimos que ela ainda tinha o passaporte francês.

Aparentemente, Amy tinha adquirido a cidadania americana há sete anos, mas, tendo nascido em França, mantinha a dupla nacionalidade. Investigando o passaporte original, Bryant descobriu que Amy embarcara num voo há cinco semanas, pago em dinheiro, de Los Angeles para Boa Vista. O período de tempo e a localização não podiam ser uma coincidência.

Não demorou muito a descobrir que Amy usara um cartão de crédito francês, do Crédit du Nord, para pagar ligações à Internet naquele hotel em Boa Vista.

Aquela frágil pista levava-os a estarem ali naquele momento, na esperança de conseguirem alguma informação adicional para seguirem os passos do seu fantasma.

— Tenho uma fotografia dela — exclamou Jenna.

Mostrou uma cópia da fotografia da carta de condução de Amy. De novo, foi difícil para Jenna olhar para aquela cara sorridente, sabendo os horrores que a mulher desencadeara, recordando o estado do seu corpo naquele bangalô em Yosemite.

A proprietária estudou a fotografia, depois acenou lentamente com a cabeça.

— Lembro-me dela. Muito bonita.

— Ela veio com alguém? — insistiu Jenna. — Ou encontrou-se aqui com alguém?

— Alguém que possa saber onde é que ela está? — acrescentou Painter.

A mulher mordeu o lábio inferior, esforçando-se por se lembrar de alguma coisa. Em seguida, acenou lentamente com a cabeça.

— Lembro-me. Veio um homem à noite. Ele era muito... — Ela lutou para achar a palavra, mas em vez dela separou os dedos e simulou que estavam a sair raios dos seus olhos.

— Intenso? — perguntou Jenna.

— *Sim* — anuiu —, mas também assustador. O *Senhor Cruz* não gostou dele. Bufou-lhe e escondeu-se.

O Senhor Cruz devia ser o gato que estava no alpendre.

Se aquele visitante noturno era o cúmplice ou o chefe de Amy, talvez o gato fosse um bom avaliador de caracteres. Era óbvio que o bichano gostara de Drake na hora.

Painter deu um passo em frente, mostrando uma série de fotografias.

— Talvez consiga reconhecê-lo. São fotos de alguns amigos de Amy.

Espalhou as fotografias de alguns colegas e amigos de Amy sobre a mesa de reservas. Porém, a maior parte delas era dos seus tempos de juventude, do antigo *website* do Dark Eden, que ainda tinha fotos dos primeiros membros do grupo. Era a conexão mais provável. Havia mesmo uma de uma Amy adolescente a sorrir numa fotografia de grupo.

A mulher debruçou-se sobre elas, pondo os óculos de leitura. Examinou-as, olhando cada uma atentamente. Na fotografia de grupo, bateu num dos rostos.

— É este homem. Está a sorrir, mas não sorria quando estive aqui. Ele era muito — olhou para cima, para Jenna — *intenso*.

Painter pegou na fotografia e examinou o homem. Jenna olhou sobre o seu ombro. O suspeito tinha cabelo preto, cor do ébano, penteado para trás, um rosto atraente e pálido e olhos azuis penetrantes.

— Alguma vez os ouviu falar? — perguntou Painter

— *Não*. Eles iam para o quarto dela. Ele partiu, mas eu não vi.

— E não veio mais ninguém?

— *Não*.

Painter anuiu e deu-lhe algumas notas de dinheiro brasileiro.

— *Obrigado*.

Ela devolveu-lhe as notas abanando a cabeça.

— Espero que encontre a sua amiga. Espero que ela não esteja com esse homem.

Jenna colocou as notas na mão da mulher.

— Para o *Senhor Cruz*, então. Compre-lhe um bom peixe.

A mulher sorriu, depois acenou com a cabeça, os seus dedos apanhando as notas do banco.

— Obrigada.

Jenna dirigiu-se para o alpendre com Painter.

— Descobriste alguma coisa? — perguntou Drake, acenando a Schmitt e Marlow para se aproximarem.

Painter suspirou.

— Alguém veio visitá-la, alguém do seu passado, do Dark Eden.

Drake fez um ar ameaçador.

— Então, deve ser o nosso tipo.

— Quem é ele? — perguntou Jenna.

— Ele era o fundador do Dark Eden. — Painter não parecia contente e explicou porquê. — De acordo com os relatórios, morreu há onze anos.

Jenna olhou novamente para o hotel.

Então, parece que ainda estamos a perseguir fantasmas.

07h45

— A vista não é maravilhosa? — perguntou Cutter Elwes.

Kendall queria discutir, atacá-lo, mas nem mesmo ele conseguia encontrar forças para o fazer, olhando fixamente para lá do gradeamento de ferro forjado da varanda.

O sol estava a erguer-se sobre o topo do *tepui*. A tempestade acalmara durante a noite, deixando os céus de um azul espantoso, mas a névoa ainda pairava junto ao cume, o que dava ainda mais a ilusão de ser uma ilha no meio das nuvens. A luz da manhã incidia sobre esta névoa e conferia-lhe tons de âmbar meloso e rosa-escuro. O planalto em si parecia brilhar com o novo dia, cintilando em todos os tons de esmeralda, enquanto o lago refletia na perfeição o céu sem nuvens.

Era tentador baixar as defesas face a tamanha beleza, mas Kendall permanecia inabalável. Encontrava-se sentado muito direito do outro lado

da mesa do seu anfitrião, um pequeno-almoço espalhado entre os dois: um caleidoscópio de frutas coloridas, pães escuros e pratos quentes de ovos e lentilhas.

Nada de carne... não para Cutter Elwes.

Kendall petiscara a oferta, mas não tinha apetite, o seu estômago revolvendo-se com a antecipação do que aquele dia lhe reservava. Cutter tentava fazer Kendall cooperar, partilhar o seu conhecimento, mas ele recusaria.

Pelo menos, até conseguir.

No passado, poucos tinham conseguido fazer frente a Cutter, e Kendall duvidava que essa realidade tivesse mudado. Imaginara todo o tipo de torturas durante a noite, o medo tirando-lhe grande parte do sono. Qualquer pensamento de fuga, ou mesmo de se atirar do cimo desta montanha, era dissuadido pela sua sombra onnipresente.

Até mesmo neste preciso momento, a estrutura gigantesca de Mateo guardava a porta da varanda.

Na tentativa de levar a conversa para longe do assunto do que estava para vir, Kendall olhou de cima a baixo para a sua escolta.

— O Mateo... ele é nativo destas selvas. Tal como a irmã dele, a tua mulher. De que tribo são? Acuntsu? Talvez ianomami?

Dos seus dias a explorar as florestas tropicais e selvas à procura de extremófilos, Kendall conhecia várias tribos indígenas do Brasil.

— Tu olhas para eles como se fosses superior, com olhos de ocidental — repreendeu Cutter. — Cada tribo é muito distinta quando se vive no meio deles. O Mateo e a minha mulher fazem parte do povo macuxi. A tribo deles é um subgrupo nativo desta região. Vivem nestas florestas há milhares de anos, fazem tão parte da natureza como qualquer folha, flor ou cobra no interior da sua toca. O seu povo também é único por outra razão.

— Qual? — perguntou ele, na esperança de manter a conversa neste rumo.

— A tribo tem um número invulgar de nascimento de gémeos, ambos fraternos e idênticos. Na verdade, a Ashuu nasceu num grupo de trigémeos. Um caso muito invulgar. Tem uma irmã idêntica *e* um irmão fraterno, o Mateo.

Kendall franziu o sobrolho. Duas meninas idênticas e um menino. Já ouvira falar de casos tão invulgares, de mulheres que deram à luz dois gémeos idênticos e um terceiro fraterno, chamado filho único. Embora estes casos ocorressem de forma natural, era mais frequente acontecerem em resultado de tratamentos de fertilidade.

Kendall baixou a voz, a curiosidade levando a melhor de si.

— Achas que o facto de o Mateo ter nascido gémeo fraterno... pode estar relacionado com o seu tamanho invulgar?

— É possível. Talvez seja o resultado de uma anomalia genética secundária, mais do que de uma estranha configuração de trigémeos. Mas o que eu acho ainda mais fascinante é o número invulgar de nascimentos múltiplos. Faz-me pensar se não existe uma ocorrência natural análoga aos medicamentos de fertilidade na floresta tropical local, algum fármaco desconhecido.

Era, de facto, uma teoria interessante. As florestas tropicais eram fonte de uma grande quantidade de novos fármacos, desde a cura para a malária até alguma medicação poderosa contra o cancro. E era certo que havia centenas de outras descobertas por fazer. Isto é, se as florestas tropicais continuassem a prosperar, em vez de serem reduzidas e queimadas para construir quintas ou cortadas pelas companhias de madeira.

No entanto, isto levantava outra questão.

— Sabes muito sobre esta tribo — disse Kendall. *Até os recrutaste para trabalharem para ti.* — Então, como conseguiste obter esse nível de

cooperação? Sobretudo, aqui em cima. Se bem me lembro, a maioria dos nativos tem medo destes *tepuis*.

— Não os macuxi. Eles veneram estes planaltos como sendo a casa dos deuses, creem que os antigos túneis, cavernas e dolinas são passagens para o seu submundo, onde enormes gigantes transmitem a sabedoria dos tempos. — Cutter olhou fixamente para além da varanda, para a floresta em baixo, na direção de uma vasta dolina escura que era visível à luz do dia. — Talvez tivessem razão.

Kendall ponderou que talvez Cutter se visse como um destes gigantes, semelhantes a deuses, o guardião de um conhecimento superior.

Cutter continuou:

— Sabias que o meu antepassado distante, Cuthbert Cary-Elwes, era um padre jesuíta? Viveu com os macuxi durante vinte e três anos e era muito estimado por este povo. Ainda é lembrado pelos membros da tribo com histórias que passam de boca em boca.

Kendall desconfiava que o homem calculista e persuasivo sentado à sua frente teria usado esse passado para converter os nativos locais à sua causa. Teria casado com Ashuu pela mesma razão, para cimentar esse laço, casando com um membro da tribo? Kendall sabia como estes nativos respeitavam ferozmente os laços familiares e os velhos compromissos, até mesmo dívidas que passavam de geração em geração. Para sobreviver na floresta selvagem, uma sociedade tinha mesmo de ser próxima, a fim de se protegerem uns aos outros.

Cutter levantou-se de repente, esfregando as palmas da mão.

— Se já comeste o suficiente, devíamos ir trabalhar.

Era precisamente isto que Kendall temia, mas forçou as suas pernas a levantar. Se não conseguisse mais nada, pelo menos saberia o que Cutter planeava... depois lutaria com ele o mais que conseguisse.

Cutter conduziu-o de volta para o interior e em direção ao elevador, envolto em ferro forjado francês, como algo vindo de um hotel antigo. Assim que Kendall e Mateo se juntaram a ele no interior do elevador, Cutter carregou no botão para o piso mais abaixo.

Através das barras da porta de ferro, Kendall viu os andares passarem enquanto descia. Passaram uma biblioteca ampla, depois um salão com uma lareira enorme, até chegarem ao andar térreo com a sua entrada cavernosa... mas o elevador não parou aí.

Paredes de arenito ásperas passavam no exterior, fechando-se sobre eles. Estavam a afundar-se em direção ao núcleo do *tepui*, ao mundo labiríntico descrito pelo mito macuxi. O elevador continuou a descer por mais vinte longos segundos, depois parou num espaço muito bem iluminado.

O cérebro de Kendall precisou de mais algumas sinapses para perceber o que estava a ver. Já não havia indícios de paredes de pedra. Em vez disso, um gigantesco laboratório estendia-se à sua frente, a brilhar com aço inoxidável e superfícies lisas, desinfetadas e imaculadas. Alguns trabalhadores vestidos de branco encontravam-se ocupados em vários postos.

— Aqui estamos — disse Cutter, conduzindo Kendall para fora do elevador. — O verdadeiro núcleo do Dark Eden.

Kendall olhou perplexo para o equipamento de ponta. Ao longo da parede corria uma longa fila de capelas de exaustão, intercaladas por estantes com autoclaves, centrifugadoras, pipetas, gobelés, provetas. Na outra parede encontravam-se enormes portas de aço que ocultavam frigoríficos e congeladores gigantesco. Também reparou na porta de vidro fumado do que parecia ser uma incubadora.

No entanto, a maior parte do espaço central estava ocupado por bancadas de trabalho, com vários analisadores genéticos em cima,

juntamente com termocicladores para realizar reações em cadeia da polimerase e sintetizadores de ADN utilizados para criar oligonucleotídeos de alta qualidade. Também identificou equipamento para realizar a mais recente técnica de CRISPR-Cas9 de manipulação de segmentos de ADN.

Esta última era a que o assustava mais. Era uma tecnologia nova, tão inovadora que qualquer novato a conseguia usar, mas tão poderosa que várias equipas de investigação nos Estados Unidos já a tinham utilizado para fazer mutações de todo e qualquer gene encontrado nas células humanas. Alguns apelidavam-na de máquina da evolução. O potencial abuso desta tecnologia nas mãos erradas já preocupava as agências de segurança nacionais, receosas do que pudesse ser libertado, de propósito ou acidentalmente.

Há quanto tempo possuiria Cutter esta tecnologia?

Kendall não sabia, mas tinha de reconhecer que este laboratório era bastante superior ao seu em tamanho e sofisticação. Além disso, havia ainda mais salas, expandindo a investigação de Cutter para níveis desconhecidos.

Kendall estava com dificuldade em falar, a sua voz fraquejava.

— O que é que andaste a fazer, Cutter?

— Coisas maravilhosas... livre de regulação governamental e sem supervisão. Permitiu-me alcançar os limiares do possível. Contudo, com toda a modéstia, posso dizer que estou apenas cinco ou seis anos à frente de alguns dos teus colegas. Mas o que eu já consegui alcançar... para criar... — Cutter virou-se de frente para Kendall. — E tu, meu querido amigo, podes ensinar-me muito mais.

Kendall engoliu o seu terror.

— O que queres de mim?

— No teu laboratório criaste o eVLP perfeito, um invólucro vazio tão pequeno que é capaz de entrar em qualquer célula viva. É um trabalho brilhante, Kendall! — Acenou com a cabeça em sinal de respeito. — Devias estar orgulhoso.

Naquele momento, Kendall sentia tudo menos orgulho.

— A tua criação é um cavalo de Troia ideal — disse Cutter. — Podemos pôr qualquer coisa no seu interior e nada lhe consegue resistir. É um sistema de entrega *genética* infalível. — A sua voz assumiu um tom reprovador. — Mas tu criaste esse invólucro vazio utilizando um esquema genético que não pertence a este mundo, a partir de algo que vai para além do ADN, não foi?

Kendall decidiu que estava na altura de se impor. Endireitou os ombros, recusando ser intimidado.

— Cutter, não te vou revelar a minha técnica. O método para fabricar aquele invólucro viral vai morrer comigo.

Cutter riu-se... o que arrepiou profundamente Kendall.

— Oh, não é preciso, amigo. Um dos teus jovens colegas foi muito generoso e enviou-me uma amostra há cinco meses, e eu consegui inverter o procedimento. Produzi em série um fornecimento que durará vários anos.

Kendall sentiu dificuldade em acompanhar o seu adversário.

— Então... então, o que queres de mim?

— É mais uma questão do que eu posso fazer *por* ti.

— O que queres dizer com isso?

— Quero ajudar-te a parar a praga que está a varrer a Califórnia. Desde que estás ao meu cuidado, o teu organismo sintético tem-se espalhado, saiu da sua unidade de contenção e propagou-se com as chuvas e cheias recentes. Não vai demorar muito até estar por todo o lado, devastando o país... e até mais além.

Kendall sempre temera tal consequência, mas agora que sabia que se tornara realidade...

— Mas não é possível matá-lo — admitiu Kendall numa voz precipitada e assustada. — Tentei tudo.

— Ah, isso é porque estás fechado dentro de uma caixa. — Cutter deu pancadinhas na sua própria cabeça. — Por vezes, temos de quebrar aquela carapaça de dogmas científicos estabelecidos e pensar mais além. Procurar soluções novas ou criativas. Na verdade, estou até surpreendido que não tenhas chegado lá sozinho. Tem estado mesmo à frente dos teus olhos e dos do doutor Harrington o tempo todo.

As palavras de Cutter deixaram poucas dúvidas de que ele conhecia o trabalho de Harrington. Com cada afirmação, a esperança morria mais um pouco dentro de Kendall.

— E o que queres em troca desta cura? — perguntou Kendall.

— Apenas a tua cooperação, nada mais. Embora tenha sido capaz de recriar o teu magnífico invólucro viral, continuo sem conseguir *enchê-lo*, a fim de transformar aquele invólucro oco num organismo vivo.

Kendall compreendia a sua frustração. Demorara vários anos de tentativa e erro à sua equipa para conseguir realizar esse processo. Depois disso, Kendall aperfeiçoara a técnica pessoalmente e guardara-a em segredo. Mas o que fazia agora os seus joelhos tremerem era o medo do que Cutter tencionava colocar dentro do invólucro viral, do que ele planeava libertar sobre o mundo.

Cutter deve ter lido o medo nos seus olhos e levantou a palma da mão no ar.

— Juro que o que eu tenciono fazer não matará um único ser humano ou criatura neste planeta.

Kendall queria duvidar da sua honestidade, mas sabia que Cutter era um homem de palavra. Tinha uma noção invulgar do conceito de honra.

— Mas, a cada minuto que não colaboras comigo, a situação agrava-se na Califórnia. Em breve, nem a minha cura será suficiente para o conter. Ajuda-me e salvas o mundo. Recusa-te e o mundo vai padecer pelas tuas próprias mãos, pela tua própria criação. Será esse o teu legado.

— Juras que tens uma cura.

Cutter manteve a palma da mão levantada, olhando Kendall nos olhos.

— Tenho e já a testei. Vai resultar, mas, como te disse, podem existir limitações se esperarmos demasiado tempo.

— E, se eu cooperar, dás-me essa cura e deixas-me partilhá-la com as autoridades apropriadas.

— Sim. Não tenho qualquer intenção de ver a tua criação provocar este caos. Quero pará-la tanto como tu.

Kendall acreditou nele. Apesar da sua mudança obscura, Cutter continuava a ser um ambientalista. Não queria ver o mundo morrer. Ainda assim...

— Então, porque sabotaste o meu laboratório? — perguntou Kendall, com um tom mais furioso na voz. — Porque mataste todas aquelas pessoas e libertaste o vírus?

Cutter olhou fixamente para ele, como se a resposta fosse óbvia.

Kendall, de repente, percebeu e tremeu face à simples audácia daquele homem.

— Fizeste tudo isso para obter alguma vantagem, não foi? Para que eu te revelasse tudo o que sei.

— Vês, meu querido amigo — disse Cutter, virando-se de costas —, já estás a pensar fora da caixa. Agora vamos trabalhar.

Contudo, depois de dar dois passos, um telemóvel tocou no interior do bolso do colete de Cutter. Tirou-o para fora, falou com brevidade no que parecia ser a língua macuxi. O único sinal de consternação de Cutter foi uma ruga que se formou na sua testa perfeita.

Quando terminou o telefonema, suspirou.

— Parece que temos outro problema, algo que te seguiu até aqui da Califórnia. Alguém andou a fazer perguntas onde não devia.

Kendall sentiu um laivo de esperança, mas esta morreu quando Cutter acenou com a cabeça, claramente pondo esta nova preocupação para trás das costas.

— Não interessa. É uma questão fácil de resolver.

08h07

— Esse parvo não pode estar a falar a sério — disse Painter ao telefone.

Painter andava de um lado para o outro em frente de um café no centro de Boa Vista. Os outros encontravam-se no seu interior a beber café e a tomar o pequeno-almoço. Já telefonara a Kat para obter o máximo de informação possível sobre o antigo fundador do Dark Eden, um homem já falecido chamado Cutter Elwes. Enquanto esperava que ela lhe ligasse de volta, telefonou para o Mountain Warfare Training Center a fim de obter as últimas novidades.

— A situação piorou muito por aqui — disse Lisa. — A tempestade da noite passada arrastou a contaminação para lá de muitas das barreiras. Temos pequenas acumulações a surgir a vários quilómetros de distância da zona de impacto, ligadas às ramificações de plantas mortas ao longo de todos os canais de escoamento que não conseguimos bloquear.

Painter imaginou a mancha negra cancerígena a espalhar-se por toda a montanha.

— Alargaram a zona de quarentena em cerca de quarenta quilómetros em todas as direções. Yosemite foi completamente evacuado. Passa pouco

das cinco da manhã aqui, mas quando amanhecer vão começar a fazer buscas mais intensivas. Dependendo do que for encontrado, terão de tomar uma decisão. Para agravar a situação, o tempo vai piorar nos próximos três dias. Tempestade atrás de tempestade.

Painter tinha esperança de que a situação estivesse melhor, mas parecia que não era esse o caso. A Mãe Natureza parecia determinada em contrariar os seus esforços.

Lisa continuou:

— O Lindahl colocou a hipótese nuclear sobre a mesa, com receio de que este contágio se alastre por toda a Califórnia e por todo o país. A opção está a ser seriamente considerada.

Eu já deveria saber que Lindahl ia tentar fazer qualquer coisa estúpida.

— Estão mesmo a considerar seriamente essa opção?

— Sim. O Lindahl já tem o apoio da equipa que tem procurado uma forma de liquidar o organismo. Eles concordam que a tempestade ígnea e a radiação provenientes de uma explosão de intensidade média são a melhor opção. Estão a desenvolver modelos e a calcular os piores cenários.

— Qual é a tua opinião?

Houve uma enorme hesitação antes de Lisa responder.

— Painter, não sei. Em alguns aspetos, o Lindahl tem razão. Tem de se fazer alguma coisa ou chegaremos a um ponto crítico e perderemos tudo. Se a explosão for controlada para limitar o contágio, talvez valha a pena arriscar. Se não o eliminar, esse tipo de medida drástica podia atrasar o avanço deste agente e dar-nos mais tempo para arranjarmos uma nova estratégia.

Painter ainda não conseguia acreditar que tal alternativa fosse o recurso mais viável.

— Ou talvez esteja só cansada — acrescentou Lisa. — Não estou a pensar de forma clara. A saúde do Josh continua a piorar. Os médicos induziram o coma a fim de controlar as convulsões. E o *Nikko* não está muito melhor. Como te disse, tem de se fazer *alguma* coisa.

Painter desejava mais que tudo poder abraçá-la, reconfortá-la. Em vez disso, tinha de a pressionar ainda mais.

— Lisa, tens de arranjar maneira de nos dar mais tempo. Mantém o Lindahl controlado. Pelo menos, nas próximas vinte e quatro horas.

— Se nos restar assim tanto tempo...

— Vamos encontrar alguma coisa — prometeu Painter, mas as suas palavras não soaram tão convincentes como ela desejava. — Se a nossa equipa não conseguir, então a do Gray.

— A Kat já teve notícias dos outros?

— Não, ainda não. Mas ela disse que a tempestade solar já está a acalmar e as comunicações via satélite devem ficar operacionais mais logo. Vamos tentar atrasar a hipótese nuclear, pelo menos até recebermos notícias do Gray.

— Vou fazer os possíveis.

Eu também.

Despediu-se e dirigiu-se para a porta do café, quando uma bala lhe raspou no braço e estilhaçou a janela do restaurante.

Caiu de joelhos no chão ao mesmo tempo que várias rajadas atingiam a frente do café. O vidro estilhaçou por cima da sua cabeça enquanto rolava pelo chão para se abrigar atrás de um caixote de lixo.

Olhou de relance para dentro do café e viu a sua equipa agachada no chão... também conseguiu ver três homens de camuflado preto a irromperem da cozinha atrás deles, disparando as armas contra quem se encontrava no interior. Do outro lado da estrada, outro trio de homens veio na sua direção, disparando incessantemente.

Imobilizado no chão, Painter só teve tempo para um único pensamento, reconhecendo o desespero da sua situação.

Gray, é bom que tenhas mais sorte que nós.

30 de abril, 12h09 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida.

— Entrem todos! — gritou Harrington, enquanto se dirigia apressadamente para o teleférico que se encontrava suspenso, ao lado da plataforma de observação da estação sitiada de Hell's Cape. — Agora!

Gray sentiu alguma dificuldade em obedecer, o seu olhar estava fixo no inferno escuro que se encontrava para lá da plataforma envidraçada. Os holofotes por trás da superestrutura de aço iluminavam a área imediatamente abaixo. Mas nem mesmo aquelas poderosas lâmpadas de xénon conseguiam penetrar muito longe a imensa e cavernosa escuridão.

Passados cinquenta metros, o chão de pedra desapareceu e surgiu no seu lugar um amplo lago. A superfície escura borbulhava e emanava um vapor amarelado, formando uma névoa tóxica sobre a água. Uma plataforma mais elevada de pedra húmida abraçava a margem direita do lago. Eram visíveis marcas enlameadas de lagartas na base da superestrutura em direção à ponte natural.

Gray lembrou-se daqueles CAAT mais pequenos estacionados no hangar. Agora percebia a necessidade do modo anfíbio no gelo.

— Depressa! — gritou Harrington.

O professor abriu as portas duplas que davam acesso ao teleférico e esgueirou-se por elas. Dirigiu-se para um painel no interior e carregou num grande botão vermelho. Um sirene soou, muito alto, ecoando do interior da superestrutura de aço e para além dela.

Gray empurrou Kowalski para dentro da cabina que aguardava.

— Vai!

Jason seguiu-os juntamente com Stella.

Gray encolheu-se com o barulho enquanto entrava na cabina. Quando as portas fecharam, o ruído da sirene de emergência ficou abafado, o que provava que o teleférico era bastante isolado.

— O que vai fazer, professor? — perguntou Gray. — Qual é o seu plano?

— Levar-nos para um lugar seguro.

Harrington puxou uma alavanca e a cabina iniciou a marcha. Mas o teleférico não se moveu na direção da superestrutura e da batalha que se desenrolava no hangar. Em vez disso, moveu-se para a *frente*, para o interior da ampla caverna.

Um pouco agachado e com o pescoço esticado, Gray viu os carris pretos de aço a continuar ao longo do teto da caverna, suportados por armações em alguns pontos para proporcionar uma viagem relativamente estável.

— Para onde vamos? — perguntou ele, enquanto se endireitava.

— Para a Porta dos Fundos — disse Harrington, acenando para a frente com um braço; a sua outra mão permanecia na longa alavanca vermelha. — É uma subestação a cerca de seis quilómetros. Vai dar à superfície, um pouco para lá dos penhascos de Fenriskjeften.

Gray visualizou aquela fileira de penhascos recortados junto à costa.

— Há lá um rádio — acrescentou Stella — e um CAAT na garagem.

— Então, vamos limitar-nos a fugir? — perguntou Kowalski.

— Não — disse o professor, apontando para o botão vermelho em que carregara. — Eu ativei um alarme de evacuação geral. As forças britânicas vão aguentar a equipa de Dylan Wright o máximo de tempo possível, mas, passados trinta minutos, eles sabem que devem fugir. Que se devem afastar desta área.

— Porquê? — perguntou Gray.

— Toda a parte de trás desta estação está carregada de explosivos antibunker, incluindo o Massive Ordnance Penetrator, de catorze toneladas e fabrico americano. Destruirá a base e selará a abertura do sistema de cavernas, prendendo o que lá se encontra.

— Quando é que vai explodir?

Harrington parecia preocupado.

Stella respondeu:

— Só pode ser ativado na Porta dos Fundos. Somente o meu pai tem o código de detonação.

Gray franziu o sobrolho. *Então, as forças britânicas vão evacuar pela frente, enquanto nós nos esgueiramos pela porta dos fundos, explodindo tudo atrás de nós. Que raio precisava de um nível de segurança tão elevado?*

Antes de conseguir perguntar, Gray sentiu uma dor de cabeça fortíssima a surgir atrás dos olhos... mas não foi só ele.

Kowalski colocou as mãos de ambos os lados da cabeça, resmungando:

— Filha da...

Jason inclinou-se para a frente de joelhos, parecendo que ia vomitar.

Harrington falou por entre o maxilar quase cerrado:

— Vamos passar pelo pior daqui a poucos segundos.

Gray respirou fundo, prestes a vomitar o pequeno-almoço. Em seguida, a dor começou a diminuir lentamente. Os seus molares deixaram de vibrar

no seu crânio. Consequia agora adivinhar qual era a fonte da sua agonia repentina.

— LRAD? — perguntou ele.

Long Range Acoustic Device — Dispositivo Acústico de Longo Alcance.

Harrington acenou com a cabeça.

— Temos uma série de canhões sónicos apontados continuamente para o interior da caverna ao fundo da estação. Funciona como uma espécie de amortecedor para manter tudo o mais afastado possível. Descobrimos que as frequências ultrassónicas e de infrassons são um dissuasor eficiente aqui em baixo. Melhor do que armas.

Gray encostou uma mão à parede, tentando equilibrar-se, contente pelo facto de o teleférico ser tão bem isolado. Nem conseguia imaginar a intensidade em bruto daquele dissuasor sónico no exterior.

Jason apontou para os seus pés, para uma escotilha de vidro no chão. Através da janela, era visível uma cadeira, aparafusada dentro de uma cúpula no exterior da cabina. Uma arma com uma enorme parabólica cónica encontrava-se em frente do assento.

— Isto é outro canhão LRAD, não é? — perguntou Jason.

Stella acenou com a cabeça e disse:

— Também se pode trocar a arma e colocar uma metralhadora no seu lugar, se for necessário.

— Assim que sairmos desta zona onde utilizamos os dissuasores sónicos — avisou Harrington —, somos capazes de precisar de ambos para proteger a cabina, se nos encontrarmos em sarilhos.

Sarilhos provocados pelo quê?

Para lá das janelas à sua frente, o mundo estava escuro como breu. Atrás do teleférico, as paredes reforçadas da estação, iluminadas por lâmpadas, continuavam a desaparecer para dentro da escuridão, refletida

no lago borbulhante. Em seguida, os carris fizeram uma curva no túnel cavernoso e até a última das luzes desapareceu.

Harrington aproximou-se de um armário e abriu a porta. Pendurados por ganchos encontravam-se pares de óculos de proteção volumosos: equipamento de visão noturna.

— Ponham isto. Vou apagar as luzes da nossa cabina para não atraírmos atenções indesejadas. Depois ligarei as nossas luzes exteriores de infravermelhos.

Gray colocou o equipamento sobre os olhos enquanto Harrington desligava as luzes no interior da cabina. Os seus óculos captavam pequenas partículas de luz dos díodos no painel de controlo, mas, para lá das janelas, o mundo continuava escuro. Neste submundo, sem sol e sem lua, até a visão noturna era inútil.

Em seguida, o professor acendeu as luzes exteriores e feixes de infravermelhos penetraram a escuridão interminável. Apesar de o comprimento de onda ser invisível a olho nu, os óculos transformavam aqueles feixes na luz mais brilhante, iluminando o que a escuridão mantinha escondido há apenas alguns momentos.

Gray ficou boquiaberto com a visão do que se estendia à sua frente.

Kowalski limitou-se a acenar com a cabeça e a dizer:

— Algo me diz que vamos precisar de armas maiores.

12h14

Jason encostou as palmas das mãos ao vidro, assimilando o que via enquanto a cabina blindada percorria lentamente os carris ao longo do teto deste novo mundo.

— Alguma vez viste algo semelhante? — perguntou Stella.

— Não... nunca.

O túnel cavernoso era suficientemente alto para lá caber a Estátua da Liberdade sem que a sua tocha tocasse nas fiadas de estalactites suspensas do teto como dentes afiados. Em baixo, um rio serpenteava lentamente, enevoadado pelo vapor. À volta da cabina, uma floresta de colunas gigantescas formava um labirinto.

Quando a cabina passou por uma das colunas, Jason reparou em ramos de pedra que se erguiam do pilar e se juntavam ao teto, como contrafortes. De perto, a superfície irregular dos pilares parecia estranhamente ondulada, quase como a casca de uma árvore.

Depois, olhou ainda mais de perto.

— É *mesmo* casca de árvore — apercebeu-se ele em voz alta, olhando para trás à medida que a coluna desaparecia.

— Estamos a percorrer uma floresta petrificada — disse Stella. — Resquícios de um tempo longínquo em que a Antártida era verde e repleta de vida.

— São *Glossopteris*, árvores semitropicais — disse Harrington. — Ao longo das últimas décadas, os arqueólogos descobriram três florestas antigas como esta à superfície do continente. Gigantescos troncos de árvore petrificados com folhas fossilizadas à sua volta.

— Mas nada tão bem preservado como aqui em baixo — acrescentou Stella, com algum orgulho.

Jason lembrou-se de um pormenor na história de Darwin sobre o antigo mapa fueguino: de como, naquele mapa, este lugar estava assinalado por um conjunto de árvores estilizadas. Fora essa promessa de vida verdejante nesta terra gelada que levara o *Beagle* a fazer a viagem fatídica até aqui.

Será que era esta a floresta? Será que estas árvores petrificadas era o que os fueguinos desenharam no seu mapa?

Fascinado, Jason continuou a observar atentamente o território, aproveitando a sua vista panorâmica. Enquanto contemplava o rio em baixo, algo grande emergiu à superfície, desaparecendo em seguida. Ao início, pensou que se tratava de uma ilusão ótica; depois viu outra e mais outra.

— Está algo dentro da água — disse ele.

Gray juntou-se a ele.

— Onde?

Antes de Jason ter tempo para apontar, uma enorme aranha pálida, semelhante a um crustáceo, saltou da superfície da água para a margem. Era do tamanho de um pequeno bezerro, com um par de pinças grandes à frente e espinhos ao longo da carapaça. Em seguida, esses *espinhos* começaram a sair da carapaça da criatura e pareciam estar a comer as algas pretas das rochas húmidas.

Uma sombra escura desceu em voo picado de um ninho escondido no meio das estalactites e aterrou sobre as pontas das suas asas com garras, que mais pareciam ser feitas de pele. Um bico afiado golpeou como uma lança e apanhou um dos pequenos que se alimentava, depois lançou-se novamente para apanhar outro.

O crustáceo maior defendeu as suas crias e perseguiu o agressor, com as pinças a abrir e a fechar. Para evitar o confronto, a criatura voadora abriu novamente as asas e, com um só bater, o predador aéreo impulsionou-se para cima. Fez um amplo voo em arco, passando perto da cabina. A envergadura das suas asas abertas era de quase dois metros, o seu corpo estava coberto de finas escamas pretas; a sua cabeça parecia a de um crocodilo, à exceção do bico que se assemelhava a uma espada.

— Este é um exemplar mais pequeno da espécie — comentou Harrington. — Demos-lhes o nome de *Hastax valans*, que em latim

significa «lança voadora». Já encontrámos exemplares três vezes maiores. Aquela lagosta pálida é um *Scalpox cancer* ou «pinça cinzelada».

— O que mais existe por aí? — perguntou o comandante Pierce.

— Tantas coisas, um ecossistema complexo. Ainda estamos a tentar classificar a maior parte. Até agora, identificámos mais de mil espécies, desde o mais pequeno *Lutox vermem*...

— Uma espécie de minhoca da lama — interrompeu Stella.

— ... até ao *Pachycerex ferocis*, que tem o tamanho de um elefante.

Jason não conseguiu esconder o misto de deslumbramento e terror na sua voz:

— Incrível.

Gray sabia que o parceiro de Harrington, o doutor Hess, vasculhava o mundo à procura de biosferas-sombra, à procura de novas formas de vida radicais.

Parece que as encontrou em abundância por aqui.

— Este é o primeiro ambiente deste tipo — declarou Harrington. — Um ecossistema xenobiológico único.

Jason franziu o sobrolho.

— Xenobiológico?

Stella explicou, revelando o seu mestrado em biologia evolucionária.

— É um ecossistema baseado num sistema biológico *estranho* ao resto da vida no planeta. Foi por isso que criámos um sistema de classificação taxinómico que incorpora um *X* em todos os nomes em latim, a fim de distinguir as várias novas espécies como *xenobiológicas*.

Jason não conseguia desviar o olhar da vista em baixo.

No exterior do teleférico, o predador aéreo dera uma volta e parecia pronto para atacar novamente o pálido *Scalpox* e as suas crias. Planou rente à água, agitando a neblina. Vindos do rio, como que impulsionados para cima pelo despertar da criatura voadora, globos luminosos do

tamanho de bolas de *bowling* vieram à superfície. Jason tirou os óculos de visão noturna por um momento. Os globos cintilavam em tons elétricos no meio da escuridão, o que lhe lembrou as criaturas bioluminescentes que podiam ser encontradas em fendas no alto-mar. Mas estes discos cintilantes surgiam de corpos maiores ocultos debaixo de água: enormes criaturas, semelhantes a enguias, ondeavam pelo rio.

O predador aéreo voou entre estes balões em forma de globo, tocando-lhes com as asas. Onde elas tocavam, a pele crepitava e queimava. O *Hastax* contorceu-se em agonia e caiu para dentro da água. Através da superfície escura, Jason viu aquelas enguias monstruosas fecharem o cerco à sua presa.

O ataque recordava-lhe a técnica de caça do tamboril, que utiliza um isco bioluminescente semelhante para arranjar comida.

Stella disse o nome deste novo predador com a voz gelada de terror.

— *Volitox ignis*.

Jason aprendera latim suficiente para se arriscar a adivinhar a tradução.

— Fogo flutuante.

— São dos habitantes mais perigosos que temos aqui em baixo. Com o seu corpo semelhante ao de um pitão, são muito velozes dentro de água, capazes de esticar os tentáculos que queimam para apanhar as presas no ar ou nas margens. São também incrivelmente prolíficos, dando à luz grandes quantidades de crias carnívoras. Para agravar a situação, a sua prole nasce com membros vestigiais, o que lhes permite trepar para terra. Não há como fugir-lhes.

— Os *Volitox* são também muito inteligentes — acrescentou Harrington, com um ar igualmente pesaroso. — Caçam em grupo, empregando uma série de técnicas de emboscada. Até as nossas armas sónicas são inúteis contra eles.

Stella franziu o sobrolho.

— Perdemos três homens nas nossas primeiras expedições... antes de aprendermos.

— É um mundo cruel e desconhecido lá em baixo — admitiu Harrington. — As estratégias de sobrevivência que foram evoluindo são engenhosas e terríveis.

Jason olhou fixamente para as águas em baixo, novamente escuras, ocultando o que se escondia por baixo.

Parece que nos davam jeito algumas estratégias de sobrevivência engenhosas.

12h16

— Já se foram embora, senhor — declarou o seu segundo em comando.

— Isso vejo eu.

O major Dylan Wright olhava fixamente para os carris vazios, que se estendiam da plataforma de observação. A fúria aquecia-lhe o rosto, queimando tanto como a bala que o atingira de raspão na anca. Perdera dois homens durante o ataque, tudo na tentativa apressada de apanhar Harrington antes que ele pudesse escapar.

Bertram e Chessie, recordou, tencionando honrá-los quando chegasse a altura certa. Mas ainda tinha outros quinze homens sob o seu comando, que contavam com ele para lhes dizer qual era o próximo passo.

— As bombas — perguntou Dylan —, o Gleeson já deu notícias?

O seu segundo em comando, um escocês musculado chamado McKinnon, abanou a cabeça e disse:

— Parece que instalaram um novo sistema na base depois de termos ido embora. O Gleeson é capaz de arranjar maneira de contorná-lo, mas

não é provável que o consiga na próxima meia hora.

O Harrington demorará menos que isso a chegar à Porta dos Fundos.

Dylan amaldiçoou o facto de as atividades da sua equipa terem sido descobertas há dezasseis meses, o que obrigara a uma fuga rápida de Hell's Cape para evitar a captura. Tudo isto tornara o resto da missão difícil e problemática. Por sorte, armadilhara a plataforma de gelo que suportava a estação Halley com bombas incendiárias antibunker. Tinha esperança de ter conseguido eliminar a equipa americana. Lembrou-se do homem a disparar contra o *Twin Otter*, destruindo o motor de estibordo. A sua equipa quase não conseguira regressar à base. Ainda assim, tinham mantido o seu programa.

Até agora...

— Posso enviar uma equipa terrestre — sugeriu McKinnon. — Podíamos fazer-lhes uma emboscada.

— Se a base reforçou a segurança aqui, também é provável que o tenham feito lá fora.

Além disso, a subestação da Porta dos Fundos ficava para além dos perigosos penhascos costeiros. Nenhuma equipa conseguiria lá chegar a tempo de impedir Harrington de mandar tudo pelos ares.

E isso não pode acontecer.

Pelo menos, até eu ter concluído a minha missão.

Fracasso não era uma palavra que constasse no vocabulário do seu empregador. Cutter Elwes pagara a peso de ouro os serviços da sua equipa, incluindo subornos avultados e o puxar de muitos cordelinhos para fazer com que o seu grupo fosse destacado para a estação como equipa de segurança. Desde essa altura que lhe davam informação privilegiada sobre este lugar e obedeciam a cada ordem sua.

E agora era o fim do jogo que estava em causa.

Se fossem bem-sucedidos, ficariam numa situação financeira muito vantajosa para o resto da vida.

McKinnon mudou de posição e perguntou:

— Qual é o próximo passo?

Dylan pensou nos vários cenários possíveis, olhando fixamente para dentro da caverna escura. Harrington fugira rapidamente, como uma raposa dos cães de caça do seu pai. No entanto, Dylan nunca perdera uma caçada... nem na propriedade dos seus pais, nem agora.

A sua mão pousou sobre a pistola *Howdah* do século XIX, encaixada no coldre, um dos raros tesouros ainda na sua posse, apesar da falência da sua família nas últimas décadas. A pistola era uma arma de cano duplo, com mais de quarenta e cinco centímetros, carregada com cartuchos de calibre .577 feitos por medida e disparados por um mecanismo duplo de percussão. A pistola remontava ao período da Índia britânica, numa altura em que os seus pais viviam como reis na Índia. O seu nome, *Howdah*, derivava da cela utilizada nos elefantes, e a arma de grande porte era utilizada na altura para defesa contra ataques de tigres ou para caçar animais selvagens.

Nunca testara a sua arma aqui, contra os habitantes de Hell's Cape.

Os seus dedos apertaram o cabo, preparando-se para mais uma caçada nestas cavernas escuras.

— Equipa os homens — disse ele. — Carreguem os caixotes para o CAAT. Vamos atrás deles. A toda a velocidade.

— O professor já tem um grande avanço — avisou McKinnon.

Dylan sorriu com desdém, apreciando o desafio.

— Então, vamos ter de fazer alguma coisa para compensar isso.

Um silêncio tenso instalara-se na cabina, cada passageiro perdido nos seus próprios pensamentos. Gray observava constantemente o indicador do conta-quilómetros. Ainda só tinham percorrido um quarto do caminho em direção à estação secundária, a Porta dos Fundos.

Gray estudou o mundo por baixo do seu frágil refúgio. Com ainda muito a percorrer, queria obter o máximo de informação possível antes de chegarem ao fim da linha.

— Então, de onde surgiu tudo isto? — perguntou ele, por fim, quebrando o silêncio tenso. — Como conseguiu este ecossistema sobreviver durante tanto tempo sem a luz do sol?

— Não tenho resposta para a sua primeira pergunta — disse Harrington —, mas tenho as minhas teorias. Em relação ao *como* este ecossistema pode ter sobrevivido, a situação aqui em baixo não é muito diferente da dos oásis de vida que se encontram nas fontes hidrotermais em alto-mar. Ninguém esperava encontrar vida àquela profundidade, naquela escuridão eterna, com temperaturas tão extremas. Mas a Natureza arranjou uma maneira. O mesmo acontece aqui em baixo, mas numa escala maior.

Harrington acenou com a mão para indicar a água a ferver e continuou:

— O ecossistema aqui em baixo não é movido pelo sol ou pela fotossíntese, mas sim por químicos... por quimiossíntese. Tudo começa com as bactérias quimioautotróficas que se alimentam de sulfureto de hidrogénio ou metano, químicos que são libertados continuamente para este sistema cavernoso provenientes de toda a atividade geotérmica local. Estas bactérias desenvolvem-se e formam tapetes espessos, que desempenham um papel semelhante ao da erva no mundo iluminado pelo sol lá em cima, estimulando a rede de vida que se encontra aqui em baixo.

Stella advertiu:

— Mas nem a quimiossíntese consegue explicar por completo como tudo isto se formou. Como o meu pai mencionou, a vida aqui em baixo é xenobiológica, é estranha a tudo o que existe na superfície.

— O que é que a torna especificamente estranha? — perguntou Jason.

— A vida que se encontra neste ecossistema não está baseada em ADN, mas numa variante que utiliza uma estrutura genética de base diferente, nomeadamente o AXN.

Gray ouvira os relatos vindos da Califórnia sobre o facto de o organismo sintético libertado pelo doutor Hess ser um organismo manipulado com AXN, em que a molécula de açúcar normal fora substituída por uma combinação tóxica de arsénico e fosfato de ferro. Aquele lugar devia ser a origem daquele elemento genético único.

— Porque é que o AXN faz uma diferença tão grande? — perguntou ele.

— Faz toda a diferença — elucidou Harrington. — Richard Dawkins descreveu o nosso ADN como sendo *egoísta*; os nossos genes são impulsionados acima de tudo por pressões evolucionárias para se multiplicarem. Se eu tivesse de descrever o AXN, usaria o termo *predatório*.

— Predatório?

— Através dos nossos estudos desta paisagem natural, e verificado em laboratórios que criaram sinteticamente versões de AXN, pudemos concluir que estes genes são oportunistas e altamente mutagénicos, muito mais que o ADN normal, o que permite uma evolução acelerada. Os genes de AXN não são somente egoístas, eles são impulsionados para a dominância total. Até mesmo a expressão fenotípica destes genes reflete esse impulso primitivo, criando organismos extremamente resistentes, resilientes e adaptáveis. Se forem expostos a qualquer nicho ambiental, evoluem de forma a dominarem esse mesmo nicho.

— E o doutor Hesse andava a fazer experiências com um código genético tão volátil? — perguntou Gray. *Não admira que a sua criação se tenha revelado tão difícil de matar.*

— Eu avisei-o para não continuar nessa linha de investigação ou, pelo menos, para fazer as experiências aqui, mas ele não me deu ouvidos.

— O que estava ele a tentar fazer?

— O Kendall achava que conseguia aproveitar as melhores características do AXN e colocá-las num invólucro que poderia ser utilizado para vacinar espécies em vias de extinção, talvez até todas as espécies, a fim de as tornar mais resistentes, mais adaptáveis, capazes de sobreviver às forças globais que nos estão a levar a uma sexta extinção em massa.

— E isso é possível, incorporar AXN no ADN?

— Sim. Nos laboratórios que agora trabalham com o AXN, já provaram que os produtos xenobiológicos podem substituir quase todos os organismos vivos. Por isso, sim, é teoricamente possível, mas também acarreta grandes riscos.

Gray tinha apenas de olhar para o mundo feroz por baixo do teleférico para reconhecer essa verdade.

— Professor, também disse há pouco que tinha uma teoria sobre *como* a vida poderá ter surgido aqui em baixo.

Harrington acenou com a cabeça.

— É apenas uma conjectura neste momento. Se tivesse mais tempo, talvez conseguisse corroborá-la.

— Qual é a sua teoria?

— Lembra-se de eu ter dito que este sistema cavernoso devia atravessar a maior parte deste continente?

— Através de um sistema interligado de rios, lagos e túneis de gelo?

— Não esteja tão desconfiado. Embora a superfície da Antártida seja gelada e pareça inalterada, é quente e húmida a muitos quilómetros de profundidade, formando marismas e zonas húmidas que se mantiveram ignoradas do mundo durante milhares de anos. Considere o lago Vostok, por exemplo. É tão grande como qualquer um dos Grandes Lagos, é duas vezes mais profundo e esteve isolado durante quinze milhões de anos. Depois existe também a enorme quantidade de atividade geotérmica que ocorre debaixo do gelo. Sabia que um dos meus colegas, um glaciologista do British Antarctic Survey, descobriu um vulcão ativo a quase um quilómetro de profundidade debaixo do lençol de gelo na Antártida Ocidental, com indícios de lava a fluir por baixo? Isto é o quão estranho e fantástico este continente é na realidade.

— Mas, mesmo que este sistema de cavernas atravessasse o continente, como é que isso explica como surgiu este ecossistema?

— Se extrapolar o que já mapeámos até agora, a direção geral destes túneis parece apontar para uma enorme cratera na outra ponta da Antártida Oriental, uma região chamada Terra de Wilkes. Foi descoberta em 2006 e mede cerca de quinhentos quilómetros de um lado ao outro. Para deixar uma cratera de impacto desse tamanho, estima-se que o meteorito teria quatro vezes o tamanho do que extinguiu os dinossauros. Alguns acreditam que esse impacto possa ter provocado a *terceira* extinção em massa da Terra: a extinção do Permiano-Triássico que dizimou quase toda a vida marinha e dois terços da vida terrestre.

— Está bem, mas qual é o significado disso?

— Primeiro, aquele impacto do meteorito pode ter dado origem a este sistema de cavernas. Depois, com a extinção da maior parte das espécies do planeta, alguma semente de AXN pode ter-se enraizado nesse ecossistema vazio e ter-se desenvolvido para o ocupar, preservado em

pleno isolamento. Contudo, este cenário levanta outra possibilidade intrigante.

— Qual?

De forma surpreendente, a resposta veio de Jason.

— Panspermia.

Harrington sorriu.

— Muito bem.

Gray conhecia a teoria da panspermia, de que a vida neste planeta poderia ter vindo num meteorito, trazida de longe para povoar este mundo.

— Não se esqueçam de que seria precisa uma molécula muito resistente e resiliente para sobreviver àquela longa viagem pelo espaço — disse Harrington.

— Como o AXN — sugeriu Gray.

— Precisamente. Mas, tal como eu disse, é apenas uma conjectura. Embora seja uma conjectura bastante intrigante, devo dizer. Será esta biosfera sombria um vislumbre de uma paisagem extraterrestre ou, pelo menos, um caminho genético de vida alternativo?

Antes de o assunto poder ser debatido, a cabina abanou de um lado para o outro à medida que começava a descer uma encosta, como um teleférico de uma estância de esqui a descer novamente para terra firme.

Era demasiado cedo para se estarem a aproximar da subestação.

— É o Aperto — assegurou Harrington.

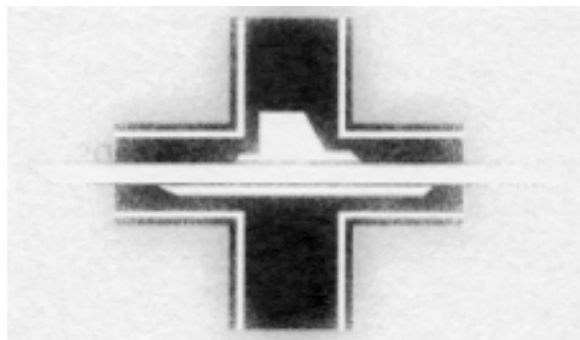
Gray olhou para fora da janela. Em frente, o túnel cavernoso tornava-se mais estreito. A cabina esgueirou-se por uma passagem mais apertada. Agora seguiam a uma altura de apenas três andares acima do rio agitado. As margens de ambos os lados emanavam uma tênue fosforescência, com o brilho a estender-se pela borda da água, revelando fileiras de estranhos bivalves e vultos que se moviam rapidamente nos baixios. A vida era abundante naquelas águas quentes.

Harrington chamou a atenção de Gray para a sua frente.

— Perguntou-me como é que eu sabia que outros já tinham descoberto estes túneis antes da nossa equipa. Olhe para ali.

A cabina fez uma curva no Aperto e surgiu uma forma cinzenta à frente, suficientemente alta para raspar no teto. Era a torre de um submarino. Uma linha de estalactites partidas assinalava a passagem da embarcação até este ponto do estreito. A maior parte da estrutura em forma de charuto do submarino encontrava-se à superfície do rio, parecendo uma baleia de ferro encalhada.

Quando a cabina passou ao lado da velha embarcação, Gray reparou num emblema na parte lateral da torre.



Era uma cruz negra com um submarino branco por cima.

— Alemão — disse Harrington. — Da décima flotilha da Kriegsmarine.

Um *U-Boat* nazi.

— Estes túneis deviam ter mais água nessa altura — explicou Harrington. — De acordo com provas que descobrimos, os alemães abriram este caminho com explosões, utilizando torpedos, mas só conseguiram penetrar a caverna até determinada distância. Depois disso, o teto abateu, selando o caminho atrás deles e tudo o que aqui se encontrava

ficou congelado. Mesmo que a tripulação tenha tentado prosseguir a pé ou num barco a remos, não imagino que tenham chegado muito longe.

Enquanto a cabina passava silenciosamente por esta lápide sombria, Gray só conseguia imaginar o terror daqueles tripulantes presos no interior. Felizmente, a torre desapareceu na escuridão atrás deles e a cabina começou a subir e a sair do Aperto.

Antes de avançar muito mais, a cabina parou de forma abrupta, abanando de um lado para o outro, pendurada nos seus carris, durante alguns momentos assustadores. Harrington mexeu na alavanca vermelha, tentando pô-los novamente em marcha.

— O que se passa? — perguntou Gray.

Harrington olhou de relance na direção de onde vinham.

— Dylan Wright. Deve ter encontrado o painel de controlo.

— Consegue pôr-nos em movimento outra vez? — inquiriu Gray.

Sem Harrington tocar nos comandos, a cabina começou a andar para trás, regressando lentamente à base.

Wright deve estar a tentar puxar-nos de volta para a base.

Harrington esticou-se para chegar a uma alavanca vermelha de plástico no teto da cabina e puxou-a com força. Ouviu-se um estalido e a cabina parou novamente.

— Soltei a cabina do cabo da roldana.

Os olhos do professor brilharam de terror.

Estavam agora imobilizados por cima da água.

30 de abril, 08h18 AMT

Boa Vista, Brasil

Em pânico com a emboscada repentina, Jenna escondeu-se atrás de uma mesa virada enquanto as balas destruíam o café.

Há apenas um momento, um trio de homens com máscaras irrompera da cozinha com espingardas em riste. Ao mesmo tempo, a janela da frente estilhaçara atrás deles, atingida por alguém que disparava da rua.

Era graças aos reflexos rápidos de Drake que Jenna ainda estava viva. Quando dispararam os primeiros tiros, Drake pontapeou a cadeira onde Jenna se encontrava sentada, amparou-lhe a queda e rolou o seu corpo para debaixo do dele. Um dos fuzileiros, Marlow, virou de lado a pesada mesa de madeira, fornecendo-lhes um local onde se abrigarem temporariamente. O seu colega, Schmitt, disparou contra os atacantes.

— Painter... — disse ela, num sobressalto.

O diretor ainda se encontrava na rua.

— Vou já tratar disso — disse Drake. — Fica aqui.

Drake levantou-se de um pulo, para tentar ver através da janela estilhaçada. Na rua, o ritmo em *staccato* de uma pistola soou, contrastando com o fogo mais ruidoso das espingardas.

Deve ser Painter a dar luta.

— Parece que ele está ferido, imobilizado — reportou Drake, enquanto se agachava novamente. — Malcolm, Schmitt, cubram-me e aguentem o forte.

Sem esperar por uma resposta dos colegas de equipa, Drake saltou do seu esconderijo. Ambos os fuzileiros continuaram o fogo de cobertura enquanto o sargento da artilharia se atirava de cabeça pela janela.

Jenna agarrou na sua mochila e tirou a arma, pronta para ajudar.

Enquanto os seus dedos apertavam o cabo da pistola, o tiroteio no interior, bem como no exterior, intensificou-se. Um dos atiradores caiu em cima de uma mesa. Os outros dois refugiaram-se atrás do balcão, disparando de um lugar bastante abrigado.

Malcolm praguejou, voltando a abrigar-se, com a orelha a sangrar.

Jenna levantou-se e assumiu a posição de Malcolm, sabendo que qualquer sinal de fraqueza, qualquer falta de retaliação, era um risco que poria o inimigo em vantagem e possibilitaria a sua vitória. Disparou a sua *Glock*, travando o avanço de um dos atiradores que começara a ganhar terreno.

Jenna aproveitou aquela fração de segundo para estudar o café. Corpos espalhados pelo chão, sangue salpicado sobre os azulejos. Reparou em ligeiros movimentos. Alguns dos cerca de seis clientes e funcionários ainda estavam vivos.

Contudo, foi outro movimento que lhe captou a atenção.

Um espelho atrás do balcão fora partido pela primeira rajada de tiros, mas, no reflexo estilhaçado dos pedaços que restavam, Jenna viu um dos inimigos de joelhos a recarregar a espingarda.

Não vai existir uma oportunidade melhor...

Disparou novamente na direção do primeiro atirador.

— Agora — gritou ela para os dois fuzileiros.

Não teve tempo de explicar mais, por isso saiu a correr de trás da mesa para o balcão, na esperança de que eles percebessem a sua intenção.

E perceberam.

Malcolm e Schmitt protegeram-lhe o flanco, disparando contra o atirador que ainda constituía uma ameaça. No meio de um tiroteio tão intenso, uma munição ricocheteou da estrutura de metal de uma cadeira e atingiu o atirador, projetando-o para trás.

Jenna chegou ao balcão e saltou bem alto, com os pés primeiro, deslizando a anca pelos pratos partidos e utensílios espalhados por cima do balcão. Manteve sempre o olhar fixo no reflexo do inimigo escondido. Já acabara de recarregar e estava a levantar-se para ir em defesa do colega.

Assim que ele se levantou, Jenna já tinha a perna esquerda esticada e acertou-lhe no nariz, tapado pela máscara, com o salto da bota. A sua cabeça foi para trás com um som bastante agradável de ossos e dentes a ranger. O seu corpo caiu no chão inerte, inanimado.

De um dos lados, Schmitt disparou uma rajada contra o outro atirador, enquanto este tentava apontar a sua espingarda.

A cessação súbita do tiroteio dentro do café deixou apenas um zumbido nos seus ouvidos, abafando a troca de tiros no exterior.

Malcolm dirigiu-se agachado para junto de Jenna, enquanto Schmitt espreitava para dentro a cozinha, entrando com a pistola em riste.

— Está tudo seguro aqui atrás! — gritou ele, voltando para junto deles.

Com o rosto vermelho de fúria, Malcolm ergueu o cano da sua arma para o rosto do homem inanimado no chão.

— Não o faças — disse Jenna. — Podemos precisar que ele fale.

Malcolm acenou com a cabeça.

Jenna manteve a sua *Glock* apontada para o homem caído no chão.

— Eu vigio-o. Vai ajudar o Painter e o Drake.

Pela intensidade do tiroteio no exterior, eles estavam em apuros.

08h20

— Estão a cercar-nos — disse Drake.

Painter também já reparara. Estava de cócoras, encostado ao fuzileiro, atrás de um caixote de lixo metálico. O abrigo mal servia de refúgio para os dois homens, que disparavam um de cada lado contra os três homens do outro lado da rua.

Infelizmente, o inimigo tinha uma vantagem óbvia. Uma fila de carros contornava o passeio, proporcionando-lhes bastante espaço para se abrigarem e movimentarem. O lado da estrada em que Painter e Drake se encontravam era uma área onde era proibido estacionar.

Ainda assim, se Drake não tivesse saído disparado da janela do café, provavelmente Painter já estaria morto.

A chegada súbita e oportuna do sargento de artilharia fez com que os três atiradores saíssem do meio da estrada e se abrigassem atrás dos carros. Contudo, o trio começava agora a separar-se. Dois homens corriam ao longo da rua, agachados atrás dos veículos, um à esquerda e o outro à direita, enquanto o terceiro continuava a bloqueá-los, as suas rajadas a atingir e a ricochetear no caixote de lixo.

Encurralados, Drake e Painter mal se conseguiam mexer. Demoraria poucos segundos até os dois homens que se aproximavam de lado chegarem a locais de onde conseguiriam disparar de forma certa e desimpedida.

— Eu cubro-te — disse Painter, colocando um novo carregador. — Volta para dentro. Tenta sair pelas traseiras com os outros.

Painter reparara que estava silêncio no interior do café... mas seria um bom ou um mau sinal?

Em seguida, irrompeu um novo tiroteio, vindo da parte de dentro da montra do café e atingindo a fila de carros estacionados do outro lado da

estrada.

Apanhado de surpresa, o atirador que se encontrava do lado esquerdo foi atingido com uma rajada no pescoço, caindo no chão a esguichar sangue. O atirador à direita teve um destino semelhante, sendo atingido com um tiro na testa.

O terceiro atacante escondeu-se atrás de um modelo antigo da *Volvo*, reconhecendo de imediato que a situação se invertera.

Drake pôs-se em bicos de pés, olhando de relance para Painter, para o seu ombro ferido.

— Nós apanhamos este — disse ele, obtendo um acenar de cabeça dos outros dois fuzileiros, enquanto saíam para a rua. — Os fuzileiros são feitos para isto.

Painter sabia que não adiantava protestar.

— Tentem apanhá-lo com vida.

Ao aperceber-se do seu destino iminente, o homem escondido começou a gritar, não para eles, mas, ao que parecia, para um telefone ou rádio, provavelmente a pedir ajuda ou reforços.

Painter percebeu algumas palavras em espanhol, mas o resto era um misto de algum patoá nativo desconhecido. Uma palavra em espanhol captou a sua atenção. Foi repetida novamente, com ainda mais urgência.

Mujer.

Painter ficou tenso, olhando para dentro do café.

Mujer significa *mulher*.

— Onde está a Jenna? — perguntou Painter, o seu coração a bater com mais força.

Malcolm manteve o seu olhar fixo no *Volvo* do outro lado da estrada.

— Lá dentro. Está tudo seguro.

Ou talvez não.

Ignorando a ameaça do atirador, Painter correu em direção à porta e entrou. Segurou a pistola em riste com o braço bom e estudou as mesas e os corpos, caminhando por entre os destroços do tiroteio. Espreitou atrás do balcão, dentro da cozinha.

Um tiro ecoou vindo da rua.

Passado um momento, Drake entrou no café pela porta da frente. O seu rosto parecia perturbado, receoso, revelando uma emoção profunda, para lá da simples preocupação em relação a um colega de equipa.

— Onde está a Jenna? — perguntou ele.

— Desapareceu. — Painter acenou com a cabeça em direção à rua, sabendo que só tinham uma oportunidade de descobrir quem a levava. — E o terceiro atirador?

Drake compreendeu a importância da sua pergunta, ficando pálido.

— Matou-se.

Morto.

Painter respirou fundo.

Então, perdemo-la.

08h22

Jenna recuperou os sentidos entre ondas de dor. A escuridão foi estilhaçada por uma luz demasiado brilhante, por sons demasiado altos. Levantou a cabeça do chão trepidante de uma carrinha em movimento, despoletando uma dor lancinante que se estendia de uma ferida na têmpora esquerda até ao pescoço.

Auuu...

Conteve um gemido, com medo de atrair a atenção dos seus raptos. Fez uma rápida avaliação da sua situação, o coração a bater com força na

garganta. De onde se encontrava, só conseguia ver pela janela os andares do topo de edifícios a passar e linhas elétricas.

Um fiozinho de sangue escorria pela sua face esquerda.

Lembrou-se da emboscada, permitindo que a raiva que sentia controlasse o terror que a gelava. Estava agachada atrás do balcão do café, a observar Malcolm e Schmitt a sair pela janela e a começar a disparar na rua. O som ensurdecido do tiroteio encobriu a aproximação do seu atacante vindo da zona da cozinha. O único aviso foi um suave aroma doce.

Virou-se e viu uma mulher morena de olhos sombrios, agachada a um metro dela, com as plantas dos pés descalços posicionadas de forma a desviar-se dos pedaços de vidro partido no chão... não para evitar ser cortada, mas na posição furtiva de um animal selvagem.

Antes de Jenna conseguir reagir, a mulher atacou-a, movendo o braço a uma grande velocidade. A coronha de uma pistola atingiu o crânio de Jenna. Viu um clarão de luz, seguido de uma escuridão absoluta, e perdeu a consciência.

Quanto tempo estive desmaiada?

Não lhe parecia ter sido muito. Não mais do que um ou dois minutos, estimou ela.

Do banco do passageiro, um rosto virou-se para a ver. O longo cabelo preto emoldurava um lindo rosto moreno. A sua pele tinha um tom de caramelo quente, os seus olhos negros brilhavam. Ainda assim, um vestígio de ameaça perpassava naquelas belas características físicas, desde os cantos austeros dos seus lábios cheios ao brilho implacável do seu olhar. Era como confrontar o focinho frio de uma pantera na árvore, revelando a natureza em toda a sua beleza... e letalidade.

Jenna queria desviar o olhar daqueles olhos penetrantes, mas manteve o contacto visual, recusando-se a desistir. Não que pudesse fazer alguma

coisa. Tinha os pulsos e os tornozelos presos com tiras de plástico.

O som estridente de um toque de telemóvel interrompeu o confronto. A mulher virou-se para a frente, enquanto o condutor lhe passava um telemóvel.

Colocou-o junto ao ouvido.

— *Oui* — respondeu ela, a sua voz tão sedosa, como o tom moreno da sua pele. Ela ouviu durante alguns momentos, depois olhou de relance para trás, para Jenna. — *Oui, j'ai fini.*

Jenna sabia que devia ser o tópico da conversa. Alguém estava a confirmar que ela fora capturada ou, pelo menos, que um dos membros da equipa americana fora feito prisioneiro. Esforçou-se por escutar o resto da conversa, mas não falava francês. Ainda assim, era capaz de adivinhar quem estava do outro lado da linha.

Cutter Elwes.

Era provável que Cutter tivesse alguém a vigiar aquele bangalô, para garantir que qualquer rasto que Amy deixasse em Boa Vista fosse constantemente monitorizado. Ou talvez aquela proprietária prestável afinal não fosse assim tão prestável e tivesse espalhado a notícia de que os americanos tinham aparecido. De qualquer forma, Cutter devia ter mobilizado uma equipa local para capturar um dos americanos, alguém que ele pudesse interrogar e descobrir o que o mundo sabia sobre ele, sobre as suas operações.

Enquanto homem morto, Cutter desejava claramente manter esse estatuto.

A carrinha acelerou quando saiu do centro de Boa Vista. Jenna esticou-se para olhar por cima do ombro, temendo por Drake e pelos outros. Será que tinham sobrevivido ao tiroteio? Rezou para que sim, mas não tinha qualquer esperança de que eles conseguissem descobri-la ou segui-la.

Virou o rosto novamente para a frente, reconhecendo a terrível verdade.

Estou por minha conta.

Passados mais alguns minutos, a carrinha travou de forma brusca, fazendo com que Jenna deslizesse meio metro para a frente. Levantou-se rapidamente. Do vidro da frente via-se um bairro degradado, as casas em cima umas das outras, nitidamente construídas com o que fora possível encontrar. Mas este não era o destino final dos seus raptos.

Um velho helicóptero encontrava-se parado num heliporto de terra batida. Os seus rotores já cortavam o vento, preparado para levantar voo.

Jenna desesperou.

Para onde me levam?

08h32

Ainda no laboratório principal de Cutter, Kendall encontrava-se à entrada de um laboratório de biossegurança nível 4, onde alguns técnicos trabalhavam no interior com os fatos de proteção equipados com mangueiras de ar amarelas. Há alguns momentos, Cutter afastara-se para atender uma chamada. Kendall respirou fundo, ainda com dificuldade em decidir se ajudava aquele sacana ou não.

Se não ajudar, o mundo pode ser destruído.

Se ajudar, o resultado final não será o mesmo?

Kendall estava na corda bamba, a sua decisão dependente de uma questão que ainda não fora respondida: qual era o plano de Cutter para o eVLP sintético de Kendall? Lembrou-se da descrição preocupante de Cutter daquele invólucro oco perfeito.

Um cavalo de Troia... um sistema de entrega genética infalível.

Era evidente que Cutter tencionava encher o cavalo de Troia... mas com o quê?

Será que posso confiar nele quando diz que ninguém morrerá com o que quer que ele tencione colocar dentro desse invólucro oco?

Kendall tinha a cabeça a andar à roda, agradecido pela chamada que surgira e lhe dera mais tempo para tomar uma decisão. Utilizou o contratempo para estudar o espaço de isolamento que tinha à sua frente. Tal como a instalação de bioengenharia principal atrás dele, o laboratório de biossegurança nível 4 continha o mais recente equipamento de análise de ADN e manipulação genética. A parede do fundo tinha uma grande unidade refrigerada com portas de vidro. Filas de frasquinhos de vidro brilhavam por trás dessas portas.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha enquanto tentava imaginar o que estava guardado ali. No entanto, eram as quatro salas adjacentes ao lado do frigorífico que o aterrorizavam verdadeiramente. Cada sala continha um tipo diferente de equipamento médico. Reconheceu um simples aparelho de radiografias numa das salas e um de tomografia axial computadorizada noutra. As duas últimas salas tinham um equipamento de ressonância magnética, para analisar os tecidos em profundidade, e um de tomografia por emissão de positrões, a fim de criar imagens a três dimensões de processos biológicos.

A presença destes equipamentos não deixava dúvidas.

Cutter avançara para testes em animais.

Mas quão *avançados* seriam esses testes?

Cutter regressou por fim, a sua atitude mais descontraída, como se tivesse recebido boas notícias.

— Parece que vamos ter um convidado dentro de pouco tempo. Mas temos muito trabalho para fazer antes disso, não é, Kendall?

Cutter levantou uma sobrancelha, curioso, aguardando uma resposta.

Kendall olhava fixamente para o laboratório de biossegurança nível 4.

— E juras que, se eu colaborar, se te ensinar a minha técnica, ninguém morrerá?

— Posso prometer-te que tenciono usar a tua técnica para algo absolutamente não letal. — Cutter franziu o sobrolho ao perceber a desconfiança que ainda se refletia no rosto de Kendall. — Talvez te consiga sossegar com uma pequena excursão. Não demora mais que alguns minutos.

Cutter virou-se e começou a andar.

Kendall apressou-se a ir atrás dele, mais do que feliz pelo atraso adicional. Mateo seguiu-o de perto, a sua sombra constante.

— Onde vamos? — perguntou Kendall.

Cutter sorriu-lhe, um entusiasmo pueril irradiava do seu rosto.

— A um lugar maravilhoso.

Ainda assim, quando Cutter se voltou, Kendall reparou no seu ombro esquerdo. Imaginou as cicatrizes profundas naquele lado. Servia para lembrar que, apesar das aparências, aquele rapaz já não existia há muito. Morrera naquela savana africana há muito tempo. Apenas restava um génio insensível e perturbado com ambições sombrias, profundamente amargurado com o mundo.

Saíram do laboratório genético principal e seguiram por um longo túnel natural. Kendall supôs que estivessem a ir em direção ao centro do planalto.

Cutter continuou a andar, a passos largos.

— Não somos assim tão diferentes, tu e eu.

Kendall nem se deu ao trabalho de discordar.

— Ambos nos preocupamos com este planeta, preocupamo-nos com o rumo que está a seguir. No entanto, enquanto tu tentas preservar o *status quo* através dos teus esforços de conservação, eu acredito que o mundo já

está para além disso. O Homem é incapaz de reverter o que o seu engenho criou. Os nossos apetites tornaram-se demasiado vorazes, mas a nossa visão mais limitada. A conservação é uma causa perdida. Para quê salvar uma espécie aqui e ali quando toda a ecologia está a ruir à nossa volta?

— Era precisamente essa calamidade que eu estava a tentar resolver na Califórnia — contra-argumentou Kendall. — Encontrar uma solução a todos os níveis.

Cutter troçou:

— Tentando inserir a resistência e a adaptabilidade do AXN em várias espécies? Só estás a roubar de uma biosfera para preservar outra que está a morrer.

Kendall ficou tenso. Então, Cutter sabia o que ele estava a tentar alcançar. O termo científico era adaptação facilitada, que visava fortalecer o ADN para tornar uma espécie mais resistente a doenças ou torná-la mais robusta para sobreviver num ambiente inóspito. Recusava-se a pedir desculpa pelo seu trabalho. A sua investigação tinha o potencial de proteger muitas espécies da destruição que estava por vir, mas o seu trabalho ainda se encontrava numa fase inicial. Infelizmente, o que criara até agora precisava de ser aperfeiçoado, era perigoso e consumia tudo em que tocava, destruindo todo o ADN que encontrava.

Nunca devia ter sido libertado.

Com um novo acesso de raiva, Kendall confrontou Cutter.

— Então, o que sugeres que façamos? Nada?

Cutter virou-se para Kendall.

— Porque não? Devíamos deixar de interferir no curso da natureza. A natureza é o maior inovador de todos os tempos. Vai ser capaz de sobreviver à nossa ação... talvez não da forma como gostamos ou conhecemos. No final, a natureza vai preencher todas aquelas falhas deixadas por uma extinção em massa. As cinco extinções anteriores

despoletaram uma explosão de evolução a seguir. Considera a humanidade. Os dinossauros tiveram de morrer para nós nos podermos erguer. É somente através da morte que nova vida pode surgir.

Kendall já ouvira o dogma principal do Dark Eden vezes suficientes para o reconhecer naquele momento. Resumiu-o em poucas palavras:

— A extinção em massa traz consigo a promessa de uma nova génese.

Cutter acenou com a cabeça.

— O início de um novo Éden.

Pelo fervor na voz de Cutter, parecia que estava ansioso por que isso acontecesse.

Kendall suspirou.

— O teu raciocínio tem uma falha fundamental.

— E qual é?

— A extinção é rápida. A evolução é lenta.

— Precisamente. — Cutter parou, parecendo prestes a abraçá-lo. — É exatamente isso! A extinção será sempre mais rápida que a evolução. Mas e se conseguíssemos *acelerar* a evolução?

— Como?

— Eu mostro-te.

Cutter chegara a uma porta maciça de aço que bloqueava o túnel. Pegou no cartão que tinha ao pescoço e disse:

— Os esforços de conservação devem preocupar-se menos em *preservar* a vida tal como ela existe e concentrar-se mais em *cuidar* do que virá a seguir.

— Mas como podemos saber o que vem a seguir?

— Criando-o. Conduzimos a evolução em direção a essa nova génese.

Kendall ficou de tal modo impressionado que se manteve em silêncio.

Cutter passou o cartão na ranhura e enormes ferrolhos começaram a destrancar lentamente.

— Isso é impossível — murmurou Kendall, incapaz de se convencer a si mesmo. A manipulação genética e a síntese de ADN já se encontravam no seu limiar.

— Nada é impossível — contra-argumentou Cutter, enquanto abria a porta. — Agora já não.

A luz brilhante do sol inundou o túnel mal iluminado, juntamente com uma mistura doce de aromas, atenuada pelo familiar cheiro almiscarado a marga e folhas em decomposição. Atraído por essa luz, pelo ar fresco, Kendall seguiu Cutter para fora da passagem para uma estrutura de metal que sobressaía na parede lateral de um penhasco.

Enquanto as suas botas percorriam ruidosamente a grade, Kendall esticou-se em direção ao céu azul. A plataforma ficava a quatro metros e meio da orla do que parecia ser uma enorme dolina. As paredes tinham sido escalonadas em vários níveis de jardins, repletos de orquídeas, bromélias, trepadeiras frondosas e flores de todas as cores e tamanhos. Cada nível estava interligado por um caminho que se estendia numa espiral ao longo das paredes interiores.

Kendall observou um carrinho de golfe elétrico a deslizar silenciosamente pelo caminho, a subir na sua direção, passando por portões que se abriam de forma automática quando se aproximava. Um sinal triangular amarelo com um relâmpago preto estava pendurado numa vedação próxima, indicando que a barreira de cada nível se encontrava eletrificada.

Uma súbita preocupação fez esmorecer o seu encantamento momentâneo.

Cutter encontrava-se num dos lados, a examinar minuciosamente as paredes mais próximas, como se estivesse à procura de ervas daninhas a crescer no seu fantástico jardim.

— Ah — disse, por fim. — Aqui em baixo. Vem ver com os teus próprios olhos.

Cutter abriu um portão no gradeamento da plataforma e desceu uma escadaria íngreme de metal para o caminho de pedra que passava por este nível. Kendall recusava-se a olhar para o enorme precipício ao centro. Era tão alto que nem conseguia ver o fundo, sobretudo com o sol da manhã ainda tão baixo no horizonte. Ainda assim, reparou no que pareciam ser copas gigantescas de árvores no fundo, provavelmente uma parte da floresta tropical brasileira enclausurada lá em baixo.

Com enorme cuidado, Kendall desceu das escadas de aço para o arenito antigo. Afastou-se da beira do caminho, para longe do precipício abissal. Do outro lado, estendia-se uma série de canteiros em relevo com cerca de nove metros de profundidade. Estavam encostados aos penhascos, onde convergiam com a espessa cascata de folhagem verde que cobria as paredes. Passadiços estreitos atravessavam essas plantações, que poderiam ser facilmente confundidas com uma espécie de horta orgânica, mas Kendall desconfiava que o que crescia ali era algo mais insidioso e tudo menos orgânico.

Reparou numa fila de formigas de pernas longas, cada uma do tamanho do seu polegar, a percorrer a beira de um dos canteiros.

— *Paraponera clavata* — disse Cutter. — São vulgarmente conhecidas por formigas-bala. As pestinhas receberam essa alcunha porque a sua picada é considerada uma das piores. Está no topo do Índice Schmidt de Dor de Picadas. As suas vítimas comparam a dor da picada a ser alvejado, e a dor pode durar até vinte e quatro horas.

Kendall deu um passo para trás.

— Consegui duplicar a sua carga venenosa.

Kendall olhou com um ar reprovador para Cutter.

— Uma picada de uma destas formigas pode deixar-te paralisado e com dores agonizantes. Um dos meus trabalhadores foi picado acidentalmente. Partiu os molares de trás com as dores. Mas isso não é tudo. Aproxima-te.

Não, obrigado.

Kendall permaneceu no mesmo lugar.

Cutter pegou num pedaço de ramo partido.

— As formigas-bala, como todas as formigas, pertencem à ordem *Hymenoptera*, que inclui as abelhas e as vespas.

Cutter tocou numa das formigas preto-avermelhadas, que respondeu abrindo um par de pequenas asas membranosas, completamente invisíveis antes. Voou alguns centímetros, depois aterrou em cima das suas irmãs, agitando-as.

— Foi fácil devolver-lhes as asas — disse Cutter. — Foi só uma questão de juntar os genes de uma vespa caçadora. Sobretudo porque as duas espécies partilham a mesma herança genética.

— Criaste uma *quimera* — desembuchou Kendall, por fim. — Um híbrido genético.

— Precisamente. Ainda não consegui dar-lhes a capacidade plena de voo, até agora só aqueles voos repentinos como o que viste, mas tenho esperança de que, com o tempo e com as pressões ambientais, a natureza faça o resto e as ponha a voar como as suas primas vespas.

— Como? — perguntou subitamente Kendall. — Como conseguiste isso?

— Não foi assim tão difícil. Sabes tão bem como eu que a tecnologia existe. Foi só uma questão de ter vontade e recursos para o fazer, longe de qualquer tipo de supervisão e regulação. Já reparaste que o meu laboratório está equipado com várias estações que utilizam a tecnologia

CRISPR-Cas9 mais recente. Um procedimento que aperfeiçoei ainda mais, devo acrescentar.

Isso era uma notícia aterradora. A CRISPR-Cas9 permitia manipular qualquer parte do genoma com tamanha precisão que chegara a ser comparado à edição de letras individuais numa enciclopédia sem criar um único erro ortográfico.

— E, de certeza que conheces as técnicas MAGE e CAGE desenvolvidas por George Church.

Kendall sentiu o sangue gelar-se-lhe nas pernas. Tal como a CRISPR-Cas9, aquelas duas novas tecnologias — *multiplex automated genome engineering* (MAGE), engenharia genómica automatizada em multiplex, e *conjugative assembly genome engineering* (CAGE), engenharia genómica por ligação conjugada — eram várias vezes chamadas máquinas de evolução. Estas duas tecnologias de edição genética eram, de facto, isso mesmo, capazes de realizar automaticamente milhares de alterações genéticas em simultâneo. Conseguiam introduzir milhares de anos de evolução em poucos minutos.

As técnicas MAGE e CAGE traziam consigo a promessa de mudar a biologia sintética para sempre, de a levar a novos limites... *mas onde nos levariam esses limites?*

Kendall olhou aterrado para a fila de enormes formigas.

Cutter girou o raminho na sua mão, aparentemente desiludido com a reação de Kendall.

— Li num artigo que escreveste no ano passado que defendias a utilização de CAGE e MAGE enquanto ferramentas para ressuscitar espécies perdidas.

Cutter estava certo. Estas novas tecnologias de edição genética tinham um enorme potencial. Os investigadores poderiam pegar no genoma

intacto de um animal vivo e começar a editar e a fazer alterações ao ADN, convertendo-o lentamente no genoma de uma espécie semelhante extinta.

— Começa com um elefante e és capaz de conseguir ressuscitar um mamute a partir dos seus genes — resmungou Kendall em voz alta.

Tal era possível não apenas em teoria. Um russo chegara mesmo a criar uma reserva experimental na Sibéria, chamada Pleistocene Park, onde, depois de criar estes mamutes, tencionava deixá-los andar à solta.

— *Desextinção* foi a palavra que utilizaste no artigo — disse Cutter com desdém. — É uma distração infeliz. Utilizar uma tecnologia tão prometedora para um fim conservacionista tão limitado. Tudo o que estás a fazer é abafar a capacidade de a natureza responder aos danos provocados pela humanidade.

— E esta é a tua solução? — troçou Kendall, acenando para a fila de formigas pretas.

— Isto é apenas parte de um todo. Enquanto tu e os teus colegas vivem no passado, procurando a salvação através da desextinção, eu olho para o futuro, para me preparar para o que está por vir, com um plano de *renaturalização*.

— Renaturalização?

— Reintroduzir espécies-chave, animais e plantas que têm maior impacto no ambiente.

— Como as tuas formigas.

— Manipulei as minhas criações, todas as minhas criações, para serem mais fortes, com as ferramentas necessárias para sobreviver ao Homem. Juntamente com inovações mais recentes.

Cutter pegou no raminho e fez com que uma das formigas subisse para a sua ponta. Antes que esta conseguisse trepar pelo ramo acima e mordê-lo, Cutter atirou-a para um dos canteiros mais próximos. A formiga

aterrou em cima de uma folha larga de bromélia e percorreu-a atabalhoadamente. Asas finas vibraram como sinal de irritação.

Em seguida, de um poro na folha, surgiu uma bolha cintilante, que envolveu a formiga numa seiva gelatinosa. O inseto contorceu-se, tentando lutar, mas em poucos segundos as suas patas dissolveram-se, seguidas do resto do corpo. Depois disso, a bolha gelatinosa rapidamente se tornou líquida e escorreu pelo interior da folha até à sua raiz.

— Neste caso introduzi a sequência genética de uma planta carnívora — explicou Cutter — e intensifiquei as suas enzimas digestivas.

O estômago de Kendall estava às voltas, enquanto se virava para observar o jardim sombrio que se estendia em baixo.

— Quantas mais espécies?

— Centenas. Mas são apenas a primeira vaga. Fui mais longe e associei geneticamente cada alteração a sequências de retrotransposições de ADN.

Kendall começou a imaginar o que Cutter pretendia. Os retrotransposições eram também chamados «genes saltitantes», pela sua capacidade de saltar entre espécies num processo chamado transferência horizontal de genes. Os geneticistas chegaram a defender que estes genes saltitantes eram motores de evolução poderosos, transmitindo traços entre espécies. Estudos recentes realizados no ADN de gado revelaram que um quarto do seu genoma era oriundo de uma espécie de víbora-cornuda, o que provava que a Mãe Natureza já trocava genes há vários milénios, criando espécies híbridas desde os primórdios dos tempos.

No entanto, já não era apenas a Mãe Natureza a fazê-lo.

— É assim que tencionas acelerar a evolução — apercebeu-se Kendall em voz alta. — Tencionas usar estes traços associados aos genes saltitantes para espalhares o que criaste por todo o lado.

— Cada espécie será como uma semente lançada ao vento. Um híbrido dará origem a dois, dois a quatro. Com todas estas trocas, consegues imaginar que novas espécies poderão aparecer? Que novas combinações irão surgir? Todas elas a lutar para sobreviver neste mundo danificado que nós criámos.

Kendall imaginou uma enorme conflagração a espalhar-se pela floresta tropical e por todo o mundo.

Se Cutter já conseguiu alcançar tanto sozinho, porque precisa do meu invólucro geneticamente manipulado? O que tenciona colocar no seu interior?

De certeza que existia outro passo neste seu plano louco.

— Um novo Éden avizinha-se — continuou Cutter, a sua voz triunfante. — Estamos no limiar de um mundo novo. Um génese tão dramática, a que podemos assistir na nossa vida. Quero partilhar isso contigo. Ajudas-me a alcançá-la?

Kendall confrontou a paixão pura que se encontrava perante si e fez a única coisa que podia fazer. Tinha de sobreviver tempo suficiente para travar o homem.

— Sim... eu ajudo-te.

08h44

— Temos de ir atrás dela — disse Drake, caminhando pesadamente por entre a carnificina deixada pelo tiroteio, seguido por dois colegas de equipa.

Painter ajoelhou-se junto a um dos sobreviventes, uma jovem empregada de mesa. Pressionava a ferida que ela tinha de um dos lados com uma toalha, tentando estancar a hemorragia provocada por um tiro no

abdômen. O seu próprio ombro ardia devido ao ferimento da bala que lhe arrancara um pedaço da parte de trás do braço. Pouco tempo antes, Malcolm fizera-lhe um curativo com o estojo de primeiros socorros da sua mochila.

Os três fuzileiros já tinham batido as ruas atrás do restaurante, mas não havia qualquer sinal de Jenna.

Painter compreendia a frustração evidente na voz de Drake.

À distância, ouviram-se sirenes a vir na sua direção. Iriam perder ainda mais tempo precioso a lidar com as autoridades locais.

Um gemido ecoou de trás do balcão.

Então, alguém decidira finalmente acordar.

Painter fez sinal a Schmidt para o substituir.

— Faz uma ligadura no ferimento desta mulher.

Enquanto o fuzileiro obedecia à sua ordem, Painter dirigiu-se para a origem do ruído. Um vulto levantou a cabeça do chão. As suas mãos estavam presas atrás das costas. Sangue ensopava a máscara que escondia o seu rosto. Era o atirador que Jenna pusera inconsciente durante o confronto. Com a pressa, os raptos de Jenna deviam ter pensado que ele estava morto, sobretudo pela quantidade de sangue à sua volta.

Painter aproximou-se e arrancou-lhe a máscara, provocando um grito de dor que lhe trouxe uma enorme satisfação. Mais sangue escorreu do seu nariz desfeito. Os seus olhos estavam tão inchados que quase nem abriam.

— Leva-o — ordenou Painter a Drake.

As sirenes soavam agora ainda mais alto.

Painter reparou que Schmidt já terminara a ligadura à volta da barriga da empregada de mesa. Ela sobreviveria.

— Vamos embora — disse Painter e acenou para todos saírem.

Drake e Malcolm dirigiram-se para a porta dos fundos, com o atirador desorientado arrastado entre eles. O SUV esperava-os no beco das

traseiras. Fora estacionado ali pelos fuzileiros para facilitar uma evacuação rápida.

Drake atirou o prisioneiro para o banco de trás e perguntou:

— E se este cretino não falar?

Painter usou um dos nós dos dedos para limpar uma gota de sangue do atirador do banco da carrinha.

— Talvez não tenha de o fazer. Mas vamos precisar de ajuda.

30 de abril, 06h02 PDT
Sierra Nevada, Califórnia

Aguenta-te, Josh...

Lisa estava sentada num banco desconfortável na unidade de isolamento de pacientes. Segurava a mão do irmão, desejando poder tirar as luvas e tocar-lhe verdadeiramente. Apesar de ele se encontrar mesmo ali, Lisa sentia um abismo entre eles. E não era apenas a barreira do fato de polietileno que os separava. O coma induzido roubara-lhe Josh: o seu riso rouco, a sua disposição brincalhona, o seu jeito envergonhado na presença de uma rapariga bonita, a sua expressão concentrada quando se pendurava de um penhasco preso por uma corda.

Desaparecera tudo.

Josh fora ligado ao ventilador há alguns minutos devido ao agravamento do seu estado. Cada inalação era demasiado brusca, demasiado regular. De um dos lados, os monitores crepitavam, zuniam e apitavam suavemente. Era tudo o que restava da vida energética e plena do seu irmão.

O rádio dentro do seu fato deu um estalido, o que a fez endireitar-se no banco. Preparou-se para receber mais más notícias. Em seguida, uma voz familiar e calorosa encheu a sua cabeça. Apertou com mais força a mão de

Josh, como se tentasse encorajar o irmão a continuar a lutar, que Painter o salvaria.

— Lisa — disse Painter —, como te estás a aguentar?

Como achas que me estou a aguentar?

De repente, as lágrimas inundaram-lhe os olhos e correram pelas suas faces. Não tinha como as limpar. Engoliu umas quantas vezes para as disfarçar na sua voz.

— A... a situação por aqui não está boa — disse ela, com dificuldade em manter a compostura. — As coisas pioram a cada hora que passa. Não sei se ouviste, mas o Lindahl mandou enviar um dispositivo nuclear para as montanhas. Está a caminho e deve chegar esta tarde.

— E não há forma de o impedir?

— Não. Ao nascer do sol, uma equipa de agrimensores mapeou as áreas contaminadas ou, pelo menos, aquelas áreas que revelavam uma destruição efetiva. A situação é pior do que o que os relatórios da noite passada indicavam. O organismo ainda se está a espalhar e aproxima-se do que Lindahl chama massa crítica, o ponto em que até a opção nuclear pode não funcionar. Os cientistas nucleares ainda estão a calcular a carga e os níveis de radiação necessários para alcançar o nível de letalidade mais elevado.

Lisa colocou na voz a maior urgência que conseguia, tendo em conta o estado de exaustão em que se encontrava.

— Precisamos de respostas para travar este monstro nuclear. Ou, pelo menos, alguma esperança de solução.

Lisa olhou fixamente para o rosto de Josh, para a sua tez pálida.

Por favor.

— Somos capazes de ter uma boa pista — admitiu Painter, apesar de parecer hesitante, claramente preocupado. Fez-lhe um breve resumo do que acontecera no Brasil.

Lisa deu por si concentrada no final da história.

— Alguém raptou a Jenna...

Largou a mão de Josh e virou-se para o complexo de laboratórios de biossegurança nível 4 do outro lado do hangar. *Nikko* não se encontrava melhor que Josh. O cão estava a receber transfusões de plasma e plaquetas, cada vez mais moribundo a cada hora que passava. Na verdade, o pobre *husky* já estaria morto se não fossem os esforços hercúleos do doutor Edmund Dent. O virologista estava usar todos os recursos médicos existentes para ajudar *Nikko* e Josh. E, embora Edmund não tivesse conseguido reduzir a carga viral nos seus pacientes, os seus tratamentos paliativos pareciam abrandar o progresso dos sintomas clínicos.

Painter ofereceu um vislumbre de esperança.

— Estamos a caminho das instalações em Boa Vista administradas pela Universidade Federal de Roraima e associadas ao Projeto Genográfico. Há muitos anos que recolhem informação genética de todas as tribos indígenas brasileiras, utilizando marcadores autossómicos a fim de calcular padrões migratórios e subgrupos dentro das várias tribos. Compilaram uma base de dados extensa. A partir de uma amostra de sangue do homem que capturámos, somos capazes de conseguir descobrir a que tribo pertence.

— Qual é a importância disso?

— Lembra-te daquelas fotografias que a Jenna tirou dos homens que a atacaram na cidade-fantasma junto ao lago Mono?

— Sim.

— Ao que parece, os homens que nos atacaram aqui hoje são da mesma tribo nativa. Faz-me pensar se o Cutter Elwes não terá resolvido dar vida à obra *Heart of Darkness* na floresta tropical, integrando-se nessa mesma tribo e acabando por vergá-los à sua vontade. Se conseguirmos

encontrar essa tribo, podemos descobrir não só Cutter Elwes... mas também a Jenna e o doutor Hess.

Uma onda de otimismo vibrante substituiu o seu desânimo. Respirou fundo, recompondo-se.

— Tens de encontrar alguma coisa — insistiu ela. — Algo que eu possa mostrar ao Lindahl e travar ou atrasar os seus planos.

— Vou dar o meu melhor.

— Eu sei que sim. Amo-te.

— E eu a ti, querida.

Lisa não ficou contente com a resposta reflexa de Painter.

— Diz que também me amas, para eu ouvir.

Painter riu-se, o que a fez sentir-se animada.

— Em frente aos rapazes, não.

Lisa imaginou Drake e os colegas à sua volta e deu por si a sorrir. Ouviu o mesmo sorriso na voz de Painter.

— Está bem — disse ele. — Também de amo.

Depois de se despedirem, Lisa sentiu-se revigorada, pronta para enfrentar qualquer coisa. O seu rádio voltou a fazer barulho. Tinha esperança de que fosse Painter, que se tivesse esquecido de dizer alguma coisa — tudo para ouvir novamente a sua voz — mas era Edmund Dent.

— Lisa, tens de voltar para o teu laboratório agora.

— Porquê? — disse ela, olhando nessa direção. — O *Nikko* piorou?

— Estava a trocar-lhe o saco de plasma e o Lindahl deixou o rádio a transmitir em alta-voz para toda a equipa ouvir. Ele tenciona deixar a equipa nuclear fazer experiências no *Nikko*. Querem descobrir os efeitos que a radiação terá no organismo quando é administrada em tecido vivo, a fim de calcular uma dosagem que seja suficientemente elevada para matar o vírus dentro do corpo.

— Estão a planear submeter o *Nikko* a radiação?

— Em dosagens cada vez maiores, enquanto recolhem biopsias do rim e do fígado, para descobrir quanta radiação é necessária para erradicar o vírus.

Todo o otimismo vibrante de há momentos transformou-se numa raiva implacável. Jenna arriscara a sua própria vida para os ajudar e eles tencionavam matar o seu cão, torturando-o, assim que ela virava as costas.

Por cima do meu cadáver.

Lisa apressou-se em direção à entrada da unidade de quarentena.

— É melhor despachares-te — avisou Edmund. — Acabei de ouvir outra ordem de Lindahl no rádio.

— O que foi agora?

— Ordenou à equipa de segurança de fuzileiros que te impedisse de entrar no teu laboratório se mostrasses qualquer sinal de resistência.

Aquele cretino...

Lisa abriu a porta com um puxão e iniciou o processo de descontaminação. Enquanto os jatos pulverizavam o exterior do seu fato, Lisa tinha dificuldade em encontrar uma solução, uma forma de salvar *Nikko*. Quando a luz verde piscou para avançar, autorizando-a a sair, Lisa tinha encontrado uma única possibilidade... um estratagema que envolveria grande risco pessoal.

Mas estava disposta a arriscar.

Pelo *Nikko*...

Pela Jenna...

Devia-lhes isso, mas uma questão preocupava-a enquanto percorria o hangar mal iluminado em direção ao complexo de laboratórios de biossegurança nível 4.

Quanto tempo teria ainda *Nikko*? Quanto tempo teria qualquer um deles?

Apenas tinha certeza de uma coisa.

Alguém tinha de descobrir uma solução... e rapidamente.

30 de abril, 13h03 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

— Não podemos simplesmente ficar aqui — comentou Kowalski, parecendo prestes a dar um pontapé na parede lateral do teleférico imóvel.

Gray compreendia a frustração do seu colega. Ajustou os óculos de visão noturna enquanto estudava a paisagem para além da pequena cabina suspensa. A cabina encontrava-se a quatro andares de distância do chão da caverna. Águas escuras batiam contra a costa rochosa mesmo por baixo deles. Não podiam voltar para o lugar de onde tinham vindo e os infravermelhos por baixo da cabina não conseguiam penetrar a escuridão à sua frente, revelando apenas alguns dos ubíquos troncos petrificados, semelhantes a pilares que suportavam o teto.

Que horrores se esconderiam naquela escuridão?

Porque o que era visível daqui já era bastante assustador.

O rio que corria lentamente lá em baixo estava repleto de vida oculta. Barbatanas esguias surgiam à superfície ocasionalmente. Observou uma criatura com uma carapaça semelhante à de uma tartaruga a percorrer os baixios, a sua cabeça pontiaguda como a cauda de um estegossauro. Um animal crocodiliano deslizou sobre a barriga de uma das margens coberta de algas para evitar este invasor gigantesco e desapareceu dentro da água.

Mais acima na costa, nuvens de pássaros semelhantes a morcegos, pouco maiores que pardais do tamanho do polegar, rodopiavam em movimentos circulares perfeitos, como fumo a sair dos seus ninhos protegidos. Quando os olhos de Gray se habituaram à escuridão, apercebeu-se de ainda mais pormenores. Pedacos de musgo brotavam das camas de algas; nuvens de moscas minúsculas e outros insetos giravam em volta dos troncos da floresta petrificada; lesmas de um branco-pálido subiam pelas paredes acima, deixando rastos luminescentes, como artistas de grafíti em câmara lenta.

Stella falou com o pai, o que captou a atenção de Gray.

— Ele tem razão — disse ela, acenando com a cabeça para Kowalski. — Não podemos ficar aqui. Dylan Wright deve saber onde estamos e que queremos chegar à Porta dos Fundos. Por esta altura, já deve ter percebido que reprogramaste os comandos das bombas antibunker para isolar a estação principal. Como não nos conseguiu puxar de volta para a estação, vai enviar uma equipa atrás de nós.

— Por este mundo *infernal*? — perguntou Jason, enfatizando de propósito a palavra infernal.

— Pode utilizar os nossos CAAT — disse o professor Harrington, desolado. — Vir por terra. Só estamos a cerca de um quilómetros e meio de distância.

E a quase cinco quilómetros da Porta dos Fundos, pensou Gray.

O professor colocou o braço à volta da filha. O medo e a preocupação acentuavam ainda mais as rugas do seu rosto. Stella inclinou-se para ele, igualmente ansiosa pelo pai.

As luzes tornavam-se cada vez mais fracas. Ao início, Gray pensou que era o seu próprio terror a turvar-lhe a visão, mas Kowalski praguejou, batendo nos seus óculos de visão noturna.

— Quando nos desconectei do cabo — explicou Harrington —, desliguei-nos da conduta de eletricidade que corria pelo teto. Estamos a funcionar com uma bateria neste momento.

— Quanto tempo temos até ficarmos sem bateria? — inquiriu Gray.

— Duas horas, na melhor das hipóteses.

Gray abanou ligeiramente a cabeça. Não queria ficar ali sentado na escuridão, à espera que a equipa de Wright os descobrisse presos no teleférico imóvel.

— E o submarino alemão? — sugeriu Jason. — Fica a apenas duzentos metros daqui. Existe alguma possibilidade de chegarmos a esse abrigo? Talvez escondermo-nos no seu interior?

Gray virou-se para Harrington.

— É possível? Podemos sair deste teleférico?

Stella soltou-se do braço do pai e dirigiu-se à escotilha que se confundia com o chão. Abriu-a com um puxão. Uma escada desdobrável feita de arame e metal encontrava-se no interior.

— Se puxarmos essa alavanca vermelha, abre-se uma porta de emergência e a escada desdobra-se. Deve chegar ao chão.

— Nem pensem que vou lá para baixo — disse Kowalski.

Harrington parecia concordar com ele, olhando apreensivamente para a filha. Ainda assim, virou-se e abriu outro compartimento na parede. No interior, amontoadas em cima umas das outras, encontravam-se três armas, semelhantes a espingardas, com canos duas vezes mais grossos que os de uma caçadeira de 18,5 milímetros de diâmetro.

— *Directed Stick Radiators, DSR* — explicou Harrington —, dispositivos de emissão sónica dirigíveis. Concebidos pela American Technology Corporation. Utilizam uma série de discos nos seus canos que amplificam um sinal, produzindo o equivalente a uma bala sónica.

Kowalski bufou e sussurrou entredentes:

— Bem que preferia balas a *sério*.

Harrington ignorou-o.

— O DSR também pode captar vozes ou, em modo inverso, ser utilizado como microfone. — Harrington deu uma pancadinha no que parecia ser uma mira de espingarda no topo do dispositivo. — Acrescentei luzes de infravermelhos portáteis para serem utilizadas lá em baixo.

— E essas espingardas sónicas são suficientes para nos proteger? — perguntou Gray.

— Em grande parte. Não são tão potentes como as unidades de LRAD, mas conseguem afastar a maior parte das formas de vida daqui. Mas tenham cuidado. O coice destas armas é suficientemente forte para vos atirar ao chão.

Gray aproximou-se e pegou numa das espingardas, examinando-a de forma minuciosa. Assim que terminou, passou-a a Kowalski, que parecia que lhe tinham acabado de oferecer uma cascavel. Em vez dele, Jason chegou-se à frente e pegou na arma.

Stella aproximou-se e tirou uma espingarda.

— Ela tem boa pontaria — comentou Harrington, com orgulho. — Estas coisas dão-me dores de cabeça horríveis se as tentar usar.

Gray pegou na última arma, colocando-a ao ombro.

Harrington ainda não terminara. Abriu a escotilha que dava para a cúpula debaixo da cabina. Ajoelhou-se e tentou tirar algo do seu interior. Quando se endireitou, trazia consigo uma arma bastante mais familiar, segurando-a com dificuldade devido ao seu peso.

— Eu ouvi o que disseste antes — disse ele para Kowalski —, pensei que pudesses gostar mais disto.

Kowalski sorriu com enorme satisfação, levantando a metralhadora *M240* dos braços do professor. Segurou-a como se fosse um bebé. Depois ajoelhou-se ao lado do professor e puxou para cima um longo cinto de

cartuchos 7,62 mm x 51 mm usados pela NATO, colocando a bandoleira por cima do ombro, como uma espécie de cachecol mortífero.

Levantou-se, enchendo o peito de ar, e disse:

— Assim está melhor.

Jason examinou a escada desdobrável, parecendo, de repente, menos convencido da sabedoria do seu plano.

— Então, vamos tentar chegar ao submarino alemão?

— Não — respondeu Gray. — Se fôssemos descobertos, ficaríamos encurralados no seu interior. E, mesmo que Wright não nos encontrasse, iríamos deixar o caminho livre para eles chegarem à Porta dos Fundos primeiro.

— Então, para onde vamos? — inquiriu Jason.

Uma velha frase de Churchill surgiu na memória de Gray.

Se estiveres a atravessar o Inferno, continua em frente.

Gray apontou para a frente.

— Vamos em direção à subestação, vamos tentar chegar à Porta dos Fundos.

O sorriso de Kowalski transformou-se novamente na sua expressão descontente habitual.

— E como vamos fazer isso?

Gray não tinha resposta para essa pergunta... mas alguém tinha.

— Eu sei o que podemos fazer — disse Harrington, ainda parecendo bastante descontente. — Mas primeiro ainda vamos ter de percorrer uma grande distância.

13h22

O inferno tornou-se demasiado real, atingindo todos os seus sentidos.

Jason desceu cuidadosamente os degraus da escada oscilante com a sua DSR pendurada às costas. Desde que saíra do teleférico, o mundo inóspito engolira-o por inteiro.

Cada inspiração trazia consigo o cheiro nauseabundo a enxofre, expelido pelas forças vulcânicas que se encontravam na base deste mundo. Conseguia sentir um sabor repugnante na parte de trás da língua, enquanto um calor húmido lhe queimava a pele, fazendo-o suar por todos os poros. O mundo silencioso sussurrava-lhe agora com estalidos, coaxares, salpicos de água e um ténue zunir constante, vindo de um misto de insetos e de uma frequência ultrassónica subtil que ressaltava das paredes, emitida pela vida que se podia encontrar cá em baixo.

Esta última deixava-o inquieto, eriçando-lhe os pelos atrás da nuca... ou talvez fosse só o medo.

Jason olhou fixamente para o que se encontrava abaixo dos seus pés. Gray e Kowalski já tinham chegado à margem pedregosa do rio. Todos tinham as armas encostadas ao ombro. As luzes de infravermelhos da espingarda de Gray iluminavam a escuridão. Kowalski tinha a metralhadora em riste, o cinto de munições estendendo-se até ao chão.

Jason observou Harrington a descer o último degrau da escada e a juntar-se aos outros dois homens. Sussurravam entre si, seguindo as instruções do professor: *neste mundo de eterna escuridão, o som é a visão.*

Era por isso que as armas sónicas eram tão eficazes por aqui.

Pelo menos, espero que sejam.

Jason ajeitou a DSR sobre o ombro e continuou a sua descida pela escada que abanava. Olhou para o rio em baixo. Era capaz de sobreviver se caísse desta altura e aterrasse na água... mas sair do rio com *vida* seria o verdadeiro desafio.

Harrington partilhara outra pérola de conhecimento antes de saírem do teleférico: *Façam o que fizerem, mantenham-se sempre afastados da água.*

O ecossistema aqui em baixo dependia daquele rio principal e dos lagos, todos eles alimentados pelo gelo dos muitos quilómetros de glaciares à superfície que derretia devido à atividade geotérmica, fluindo por baixo do continente para partes desconhecidas.

Antes de o teleférico parar, o professor elucidara-os sobre este mundo primordial, sobre o facto de ser maioritariamente *anfíbio* por natureza, prosperando naquele limite entre terra firme, rios e poças de água. Muitos dos ciclos de vida tinham evoluído para incorporar estágios que transitavam entre estes dois extremos: juvenis que se refugiavam nas margens rochosas, adultos que viviam dentro de água, ou vice-versa.

Harrington descrevera o ecossistema como estando estagnado no Período Carbonífero, uma era em que a superfície da Terra era dominada por florestas pantanosas primordiais. O professor reparara em paralelismos nos caminhos evolutivos seguidos pelas espécies cá em baixo. Apenas este mundo único e isolado estagnara, nunca sofrendo as alterações radicais que o mundo à superfície sofrera com a separação do supercontinente da Pangeia ou com a destruição provocada pelo impacto de meteoros. Ainda assim, a matriz genética altamente adaptável do AXN compusera a engenhosidade da vida que existia no interior deste sistema cavernoso.

Palavras proferidas baixinho chegaram-lhe vindas de baixo, outro aviso de Harrington dirigido principalmente a Kowalski.

— Cuidado com as armas — disse o professor —, além do barulho, o *cheiro* é um forte precipitador, sobretudo o cheiro a sangue. O barulho dessa arma e a carnificina resultante podem dar origem a um festim frenético.

Jason imaginou o frenesi dos tubarões sobre isco espalhado no mar.

— À vossa direita — disse Stella em voz baixa, mas com urgência na voz, atraindo a atenção de Jason nessa direção.

Ao início, não detetou qualquer ameaça. O tronco gigantesco de uma árvore fossilizada erguia-se a vinte metros de distância. Em seguida, um véu de movimento captou-lhe a atenção, flutuando à volta do tronco como se apanhado por um ligeira brisa... mas não havia vento ali em baixo. Passou um braço à volta de um dos degraus da escada e deslocou a arma para a frente, acendendo as luzes de infravermelhos. Um cone de luz mais brilhante revelou o que a visão apurada de Stella captara.

À volta da árvore, um emaranhado de vermes, que mais pareciam fios, contorcia-se no ar em direção a eles. Cada um deles flutuava com um pequeno paraquedas feitos de fios sedosos. Jacob sabia que algumas espécies de aranhas e lagartas utilizavam uma técnica semelhante, chamada «kiting» ou «ballooning», usando o vento ou o campo de eletricidade estática da Terra para conseguirem manter-se no ar.

A flotilha dirigiu-se para eles.

— Despacha-te — avisou Stella.

Jason obedeceu, confiando na experiência de Stella. Colocou a DSR ao ombro e começou a descer mais depressa a escada. Depois de lhe terem chamado a atenção para a ameaça, Jason não tinha qualquer dificuldade em continuar a vê-la.

Por estar a olhar para cima enquanto descia as escadas, Jason não reparou num batedor solitário que se antecipara aos outros insetos. O verme filiforme raspou na sua face e pegou-se a ela, queimando-lhe a pele como a beata acesa de um cigarro. Engolindo um grito de dor, tentou arrancá-la, mas a seda de aranha cobriu-lhe a pele, tão pegajosa como cola de contacto, colando a larva à sua face.

Tentou arrancá-la com mais força.

— Deixa-a! — disse Stella, agora num tom mais alto, quase em cima dele. — Temos de sair desta escada. Agora!

Jason forçou-se a colocar as mãos novamente na escada, os seus olhos lacrimejavam devido à dor agonizante. Desceu rapidamente. Stella seguia-o de perto. Acima dela, a massa esvoaçante colidiu com a escada de emergência. Fios de seda e carne envolveram o aço, cobrindo-o com uma camada espessa. Remoinhos de fumo escaldante emergiam dos degraus e cabos, enquanto os ácidos corrosivos das criaturas reagiam com o metal.

Um dos arames individuais do cabo fortemente entrelaçado que passava entre os degraus partiu-se com um forte estalido.

Oh, bolas...

Jason desceu ainda mais rapidamente, quase deslizando pelas escadas abaixo. Ainda se encontrava a cerca de dez metros do chão quando Stella gritou de novo.

— À tua esquerda!

Jason virou-se nessa direção, empunhando a espingarda com uma mão, respondendo ao pânico na sua voz. Algo grande saltou do tronco do pilar fossilizado mais próximo. A criatura devia estar perfeitamente camuflada enquanto assumia a sua posição de ataque, possivelmente atraída pela passagem anterior dos outros três homens.

Abriu as asas enquanto mergulhava em voo picado, revelando a sua natureza.

Hastax valans.

Uma lança voadora.

O bico afiado apontava para o peito dele, a escassos momentos de o empalar. Premiu o gatilho da DSR, disparando uma bala de som. A explosão sónica atingiu a besta à queima-roupa. O *Hastax* guinchou, as asas pararam de bater e a criatura despenhou-se aos trambolhões para o lado.

Embora a lança tenha falhado o alvo pretendido, o coice da arma quase atirou Jason para fora das escadas. Um dos pés escorregou do degrau, mas

segurou-se com força para não cair. Um olhar de relance para baixo revelou o fim da escada a deslizar da costa para dentro de água, enquanto baloiçavam por cima do rio.

Jason susteve a respiração, esperando que o pêndulo os trouxesse de volta, quando o lado esquerdo da escada se partiu, enfraquecida pelos ácidos corrosivos e pelo movimento oscilante súbito.

Com um safanão, Jason escorregou do degrau, mas continuou agarrado com uma mão.

Alguém não teve tanta sorte.

Um corpo caiu, passando por ele.

Stella.

13h24

Gray correu para a linha de costa, enquanto o corpo da jovem mulher caía ruidosamente no rio, desaparecendo debaixo de água.

Harrington gritou e correu de forma atabalhoada para os baixios, em socorro da filha.

Gray segurou-o e empurrou-o na direção de Kowalski.

— Fique aqui... eu vou.

Mas já era demasiado tarde.

Um vulto caiu vindo de cima, mergulhando de pés para dentro do rio.

Jason seguiu Stella para debaixo de água.

Gray susteve a respiração, deixou passar alguns segundos... depois apareceram os dois à tona. Stella estava com dificuldades, os seus lábios pouco acima da linha da água. Jason lutava por a manter à superfície, mas parecia estar presa. A jovem tinha os olhos muito abertos, tal era o seu terror.

Jason gritou para os outros:

— Alguma coisa lhe apanhou a perna!

Gray pousou a espingarda, agachou-se e tirou um punhal de uma bainha nas botas. Saltou e lançou-se por cima da água, mergulhando suavemente. Os seus óculos de visão noturna detetaram o brilho da arma que ainda se encontrava presa ao tronco de Stella. Impulsionou-se em direção à luz, enquanto cardumes de peixes prateados saíam do seu caminho. Pequenas conchas, do tamanho de punhos, fugiam com os seus feixes de tentáculos.

Gray rezou para que toda a vida marinha se mantivesse igualmente assustada.

Chegou ao pé de Stella e seguiu o comprimento do seu corpo até onde o nó de uma trepadeira se encontrava enrolado à volta do seu gémeo. Fios de sangue escuro escorriam da sua perna. Gray agarrou num pedaço solto de trepadeira junto ao tornozelo de Stella e começou a serrá-lo com o seu punhal. A lâmina afiada cortou rapidamente a planta.

Quando se soltou, Stella pontapeou Gray acidentalmente na cabeça, de lado. Ele não censurava o seu pânico. Virou-se e voltou para a superfície.

— Saiam daí já! — gritou Kowalski.

Enquanto Stella e Jason nadavam para a costa, Gray seguia-os de perto, ainda de frente para o rio. Um trio de formas grandes veio ao de cima, ondulando na sua direção.

Globos luminosos emergiram das águas, em cima de caules escuros.

Lembrou-se dos mesmos globos gelatinosos a consumir as asas do predador aéreo, queimando com fogo ácido.

Volitox ignis.

Jason alcançou a costa, empunhou a arma e disparou. Água saiu disparada do cano largo, juntamente com um som que rasou o ombro de

Gray. A passagem do som deixou-lhe a cabeça a zunir, como um sino atingido por uma marreta.

Ainda assim, a explosão ensurdecedora não fizera nada para dissuadir as formas que se aproximavam de Gray.

— Os ataques sónicos não funcionam contra essa espécie! — gritou Harrington. — Corre!

Com a roupa encharcada e pesada, Gray correu em direção à costa, mas tinha uma única certeza.

Não vou conseguir.

À sua frente, globos brilhantes baixaram, mergulhando para dentro de água, como que atraídos pelos seus esforços falhados.

Em seguida, uma série de explosões surgiram atrás dele... não vindas de uma arma sónica, mas de uma metralhadora ruidosa.

Kowalski disparava da costa, mas estava a apontar demasiado para cima.

A rajada passou por cima dos globos luminosos e dos caçadores aquáticos... e atingiu um vulto escuro que andava às voltas mais acima no rio. Era o *Hastax* que Jason atordoara antes. As balas despedaçaram-no e fizeram-no cair na água numa chuva de sangue preto, desabando no meio dos caçadores.

Os *Volitox* amontoaram-se à volta do *Hastax*, possivelmente como um reflexo defensivo, ao início, depois num festim sangrento.

Gray alcançou a costa e juntou-se aos outros.

— Isto deve mantê-los ocupados... e a outras criaturas necrófagas também — disse Harrington. — Mas devíamos aproveitar a situação e afastarmo-nos o máximo possível.

— Vamos — disse Gray, respirando com dificuldade e dando uma palmada no ombro de Kowalski, como que agradecendo silenciosamente.

O homem levantou a metralhadora e assentou-a sobre o ombro.

— Como já disse antes, prefiro balas a *sério*.

Em grupo, percorreram a margem, cuidadosos com o manto escorregadio de algas e musgo que a cobria, mantendo-se bem afastados da beira da água.

Gray liderava o caminho, a arma encostada ao ombro, com Stella de um lado e Jason do outro. Harrington seguia-os, com Kowalski a guardar a fila atrás. O professor observou a filha a coxear. O pedaço de trepadeira que Gray cortara ainda se encontrava enrolado à volta da perna direita da jovem. A parte de baixo da perna das calças estava manchada de sangue.

— É melhor tratarmos disso, não? — perguntou Gray.

Harrington olhou para trás. O grupo passara por um rochedo pontiagudo, ficando fora da linha de visão do festim frenético.

— Sim, é melhor — respondeu o professor, afastando-os do caminho. — Aqui.

Uma saliência de rocha partida serviu de assento a Stella. O seu pai desenrolou cuidadosamente a trepadeira, retirando da sua pele espinhos ensanguentados, cada um com três centímetros de comprimento. Quando terminou, o pedaço de trepadeira musculada continuou a contorcer-se nas mãos do professor, mas Harrington não a largou.

Seguindo as instruções do homem mais velho, Gray cortou a parte de baixo das calças de Stella, depois limpou o ferimento com antisséptico e colocou uma ligadura do pequeno estojo de primeiros socorros trazido do teleférico.

— Temos de nos preocupar com o veneno? — perguntou ele, enquanto trabalhava.

— Não. — Harrington ergueu no ar a trepadeira. — A *Sugox sanguine* não é pior que as algas. São só um pouco mais agressivas.

— A sério? Não tínhamos reparado — comentou Kowalski.

Com a trepadeira na mão, o professor aproximou-se de Jason.

O rapaz deu um passo para trás.

— Não te mexas — disse o professor. — Deixa-me ver o teu rosto.

Jason virou a face, revelando o corte negro.

Harrington ergueu a planta. Sangue vermelho-vivo pingava da parte onde fora cortada. Gray observou novamente aqueles espinhos, cada vez mais horrorizado.

Teria aquela trepadeira musculada sugado o sangue de Stella?

O professor inclinou a cabeça de Jason mais para trás e deixou pendurada uma gota espessa e vermelha sobre a ferida.

O que é que ele...?

Do corte saiu uma larva branca e gorda, esticando-se na direção do sangue fresco. O professor trespassou-a com um dos espinhos da trepadeira, puxou o resto do seu corpo para fora da ferida, depois atirou a trepadeira e o parasita empalado para o rio.

Jason colocou os dedos sobre a ferida, enojado.

— Conheces as moscas da família *Oestridae*? — perguntou Harrington.

Jason abanou a cabeça e parecia que não queria saber.

Harrington explicou na mesma.

— Os *Cuniculux spinae* são semelhantes, uma espécie de parasita que penetra na carne. Queimam a carne até chegarem aos tecidos e dão origem a espinhos ovíparos.

— Ovíparos? — perguntou Jason, o seu rosto ainda mais pálido.

— Põem ovos. Dos ovos saem larvas carnívoras que se espalham rapidamente por todo o lado. Depois disso, desenvolvem-se, tornando-se...

— Acho que já chega da lição de biologia — disse Gray, poupando Jason a mais pormenores, enquanto ajudava Stella a levantar-se. — Vamos continuar.

14h32

Jason arrastava-se ao lado de Gray. Já estavam a andar há quase quarenta e cinco minutos, mas, segundo a sua estimativa, não tinham percorrido mais de um quilómetro.

E é se tanto...

— Já não falta muito — disse Harrington atrás deles, mas Jason não tinha a certeza se era a verdade ou se o professor só estava a tentar convencer-se disso.

Durante a sua caminhada, o túnel fora constantemente a descer, numa sequência de degraus partidos, cada um com pouco mais de um metro de altura. Quedas de água fluíam de nível para nível, ecoando por todo o túnel. Conseguiam seguir as margens ao longo da parede mais ocidental, mas, algumas vezes, tinham de atravessar lagos estagnados ou riachos pouco profundos, saltando de pedra em pedra.

No entanto, não era o terreno que os abrandava mais.

A vida aqui em baixo continuava a testar o pequeno grupo, como uma ventania forte. As espingardas sónicas dissuadiam a maior parte das criaturas maiores. Mas, a cada passo, algo se contorcia, rastejava ou batia asas à sua volta. Durante todo o tempo, as moscas picavam-nos, imunes às suas descargas sónicas, um incómodo sempre presente.

Por esta altura, parecia que cada inspiração era mais trabalhosa que a anterior.

Cada metro mais difícil de percorrer.

O suor encharcava-lhe a roupa. Sentia os olhos inchados e a arder por baixo dos óculos de visão noturna.

A única coisa boa é que Stella ficara mais perto dele, caminhando ao seu lado, alternando entre os dois quem levava a espingarda encostada ao ombro. Ao início, Stella e o pai tentavam ensinar-lhes algo sobre as

criaturas que encontravam, classificando as várias espécies, mas por fim tornou-se uma questão de fazer uma simples pergunta para cada nova forma de vida.

Kowalski fazia-a agora:

— Disparamos?

Jason olhava fixamente para a frente. O caminho estava bloqueado pelo que pareciam ser bandos de emas sem penas, numa quantidade que chegava facilmente aos duzentos exemplares. Cada animal, semelhante a um pássaro, assentava em pernas esguias e altas, que provavelmente tinham evoluído dessa forma para possibilitar a sua deslocação pelos pântanos que se encontravam espalhados pela área. Vários ninhos continham ovos sarapintados do tamanho de uma toranja.

— Se nos movermos devagar, não nos devem importunar — disse Harrington. — Não têm medo de pessoas. Desde que não nos aproximemos muito de um dos ninhos, devemos conseguir passar sem problemas.

— E o que acontece se os importunarmos? — perguntou Gray.

— Os *Avex cano* têm uma mentalidade de bando. Atacam em massa. Vê aquela garra curva na parte de trás das patas? É utilizada para esventrar as presas.

— Mas costumam ser dóceis — disse Stella. — Até amistosos, por vezes curiosos.

Stella demonstrou-o, aproximando-se de um e estendendo a mão. A criatura saltitou para mais perto dela, inclinando a cabeça para um lado, depois para o outro. Somente nessa altura Jason se apercebeu de que a criatura não tinha olhos. Pequenas narinas por cima de um bico comprido em forma de remo abriam e fechavam.

Stella esticou-se um pouco mais e passou as pontas dos dedos pela parte de baixo do bico, o que fez com que a criatura soltasse um som

ululante. O ruído espalhou-se pelos seus vizinhos, como uma onda que se alastra de uma pedra que é atirada para dentro de um lago.

Stella deu um passo em frente e seguiu aquelas reverberações, passando facilmente entre o bando, liderando agora o caminho. Jason sentiu-se compelido a segui-la, não apenas pelo encanto de tudo aquilo, mas também pela consideração que tinha pela mulher que se encontrava à sua frente.

Por perto, um *Avex* entrou num dos lagos, agitando a água e deixando um rasto fosforescente à sua passagem, o brilho emergindo da vegetação espessa e gelatinosa que flutuava por cima da água estagnada. A criatura recolheu com o bico uma grande quantidade desse lodo viscoso.

— Eles pastam nestes tapetes bacterianos — disse Stella. — São muito nutritivos.

— Eu continuo a preferir um bom bife — comentou Kowalski, embora olhasse com um ar faminto para o bando de *Avex*, como se tentasse decidir se saberiam ou não a galinha.

O grupo passou ileso e foi provavelmente isso que levou Jason a baixar a guarda.

— Para! — gritou Harrington.

Jason imobilizou-se. Estava prestes a pisar uma pedra... quando dela saíram pernas articuladas fortes, de quitina, e a criatura fugiu do caminho. Quando se virou, revelou uma cauda encaracolada, cuja ponta era composta por um trio de espinhos com quinze centímetros de comprimento. Pela humidade brilhante daqueles picos, deviam ser venenosos.

Harrington confirmou-o ao nomear a criatura fugidia.

— *Pedex fervens*.

Ou traduzido de forma livre: *pé escaldante*.

Stella acenou-lhe para que continuasse a andar.

Jason continuou ao lado de Gray, mas grande parte do seu encanto momentâneo de há uns momentos desvanecera-se por completo.

Depois de percorrermos com dificuldade os cem metros seguintes, o túnel desceu uma última vez e desembocou num espaço enorme. O grupo reuniu-se à entrada. Só o mero tamanho do lugar confundia os sentidos.

— Chamamos-lhe Coliseum — disse Stella.

Pode dizer-se que o nome subestimava a magnitude do lugar.

O teto ficava fora do alcance dos feixes dos emissores de infravermelhos. As paredes de ambos os lados estendiam-se amplamente, como braços abertos até perder de vista. O rio que seguiam desde que tinham abandonado o teleférico dividia-se agora em milhares de pequenos riachos e regatos, transformando o lugar num delta rochoso gigantesco. Mais ao fundo, lagos enormes refletiam as luzes, revelando as sombras de ilhas mais sombrias.

Observando mais de perto, os troncos de árvore petrificados pelos quais tinham passado de teleférico transformaram-se numa floresta de pedra virtual que se estendia à sua frente. Os exemplares encontrados aqui eram miniaturas de árvores coníferas, mas, em vez de serem apenas troncos, as árvores nesta caverna colossais eram réplicas de pedra perfeitas, incluindo ramos intactos e pedúnculos mais pequenos, tecendo um dossel florestal abobadado e despido de folhas.

Era uma escultura fossilizada de um mundo antigo.

Por cima das suas cabeças, estranhas criaturas luminosas flutuavam entre os ramos, possivelmente mantendo-se no ar devido a uma espécie de reservatório interno de hidrogénio comprimido ou hélio. Pareciam lanternas japonesas a pairar com a brisa.

O grupo entrou no amplo espaço, esticando os pescoços face ao seu tamanho colossais. Jason lera sobre a descoberta de uma fenda por baixo do

gelo da Antártida Ocidental, duas vezes mais profunda que o Grand Canyon. Este espaço podia ser o seu equivalente cavernoso.

— Por aqui — disse Harrington.

O professor conduziu-os para a direita, em direção ao amplo e pouco profundo afluente do delta. Atravessou o curso de água que lhe dava pelos tornozelos. Jason seguiu-o, mas teve de controlar a vontade de atravessar em bicos dos pés, ainda com receio da água. Ficou atento a quaisquer novas ameaças, observando Stella, que varria a zona à sua frente com o feixe de luz de infravermelhos. Reparou em duas filas de pilares partidos, cada um tão grosso como a coxa de Kowalski, que se estendiam pelo seu caminho. Ao início, pensou tratar-se de formações naturais, mas as filas eram demasiado uniformes. Uma inspeção mais aproximada revelou que eram, na verdade, cepos de torres de madeira, fixados ao chão por estacas de aço, escurecidas pelo bolor.

A construção parecia demasiado antiga para pertencer aos ingleses.

Stella reparou na atenção de Jason.

— São suportes de várias pontes antigas que caíram há muito tempo.

— Quem as construiu?

Harrington gritou, chamando-os a todos. A resposta — e o seu destino — encontrava-se à frente. Estava estacionado de lado, em cima de um istmo de pedra no meio deste delta escuro. O enorme corpo do veículo tinha uma altura de dois andares e assentava sobre gigantescos pneus novos. Escadas reluzentes encontravam-se encostadas a ele.

— Encontrámo-lo há pouco tempo — disse Stella. — Uma equipa de mecânicos ingleses pô-lo a funcionar novamente.

Jason olhava, perplexo.

Era o veículo de neve do vice-almirante Byrd.

15h14

Dylan Wright encontrava-se junto à rampa das traseiras do CAAT maior. Irritado, ajustou o colete à prova de bala só com uma mão. Com a outra, mantinha os canos duplos da sua pistola *Howdah* encostados ao ombro, preparado para enfrentar qualquer ameaça que encontrasse ali em baixo.

Um CAAT mais pequeno parou ao lado do seu, desligando os motores. Os faróis dos dois veículos quebravam a escuridão. Nos tejadilhos, a equipa de Dylan comandava as unidades de LRAD instaladas no topo. Uma parabólica apontava para a frente, a outra para trás, prontas a serem usadas se necessário.

Dylan praguejou entredentes, enquanto olhava para o teleférico encajado no teto. Na parte de baixo da cabina, encontrava-se pendurado o que restava de uma escada.

Então, o Harrington e os outros foram para terra... mas para onde?

O rugir de um motor atrás de si captou-lhe a atenção. Um segundo CAAT mais pequeno surgiu do rio, sobre as lagartas flutuantes, alcançou a margem rochosa e saiu de dentro da água, demonstrando a natureza anfíbia do veículo.

Aproximou-se do veículo de Dylan e parou. Uma janela abriu-se. O seu segundo em comando pôs a cabeça de fora.

— O professor não está escondido no submarino — disse McKinnon.
— Verificamos de uma ponta à outra.

Dylan enviara o escocês para confirmar se Harrington não se escondera dentro da embarcação alemã.

Tendo agora a certeza, Dylan virou-se para a frente.

Então, eles continuaram mesmo a pé.

Anteriormente, um dos seus batedores encontrara marcas de rodas ao longo da margem, mas Dylan queria confirmar se alguém não o tinha tentado enganar com pistas falsas. Não queria acreditar que Harrington tivesse coragem para percorrer um caminho tão perigoso por terra.

Parece que continuo a subestimar-te, velhote.

Infelizmente, a sua equipa também demorara muito tempo a preparar o CAAT para a missão, sobretudo depois de um pelotão de soldados britânicos os terem emboscado em Hell's Cape. Com a sua pressa desmesurada de capturar Harrington no início do ataque, Dylan não revistara bem a estação. Alguns soldados tinham-se escondido e apanharam-nos de surpresa, atrasando-os durante dez minutos muito turbulentos. Eventualmente, conseguiram subjugar-los.

Ainda assim...

Perdemos demasiado tempo.

Mas agora tinha de compensar o tempo perdido. Harrington não podia ter chegado muito longe a pé. Endireitou-se, afastando a sua irritação com um encolher de ombros, e subiu para o seu CAAT.

Colocou a pistola no coldre e gritou para os outros:

— Entrem nos veículos! Vamos!

Está na altura de começar a caçada a sério.

30 de abril, 11h33 AMT

Boa Vista, Brasil

— Isto é muito interessante — disse o doutor Lucas Cardoza, endireitando-se da posição curvada sobre o ecrã do computador.

Painter levantou-se de um banco e dirigiu-se a ele.

O geneticista brasileiro estava à frente do Projeto Genográfico em Boa Vista. Era um homem corpulento, com cabelo escuro, bigode farfalhado preto e olhos estudiosos por detrás de um par de óculos de armação grossa. Cardoza e a sua equipa recolhiam e registavam ADN das tribos nativas da América do Sul há mais de uma década. Utilizando um algoritmo próprio, tinha compilado os dados recolhidos para averiguar padrões de antiga migração de centenas de tribos que habitavam as florestas brasileiras.

Painter e Drake reuniram-se com Cardoza no seu gabinete na Universidade Federal de Roraima, a universidade principal da cidade. O investigador concordara fazer uma análise de ADN da amostra de sangue do único atirador sobrevivente do ataque ao café. Como era de esperar, o prisioneiro, agora sob custódia das autoridades, recusara-se a falar e chegara mesmo a tentar enforcar-se na sua cela numa tentativa falhada de se suicidar. Um ato tão desesperado dizia muito sobre o fervor dos seguidores de Cutter e do forte tribalismo que unia o grupo.

Mas que tribo era?

— Acho que descobri alguma coisa — disse Cardoza, acenando para que Painter se aproximasse do computador.

Drake também se aproximou, murmurando entredentes:

— Já não era sem tempo.

Painter olhou para o relógio. Jenna fora raptada há cerca de três horas. Os seus captores tinham um avanço considerável e, à medida que o tempo passava, o seu rasto ficava mais difícil de seguir. Ele sabia que a sua equipa tinha um tempo muito limitado para a encontrar. Cutter Elwes raptara-a por alguma razão, provavelmente para a interrogar, para descobrir o que os americanos sabiam sobre ele. Contudo, depois disso, Jenna deixaria de ter utilidade para ele.

Consciente disso, Painter enviara Malcolm e Schmitt para a base aérea brasileira, para prepararem o seu novo modo de transporte. O avião vinha de um navio de guerra americano que se encontrava no Atlântico Sul. Kat tratara de todos os pormenores, pressionando os seus contactos no governo brasileiro e nas forças militares para obter a sua cooperação. Estando um passo à frente, Kat arranjava apoio adicional a Painter, que já vinha a caminho. Esse era o ponto forte de Kat: antecipar sempre o que viria a ser necessário em vez de aguardar ordens de forma passiva.

Ele agora apreciava essa qualidade mais do que nunca.

Não podemos perder mais tempo.

E não só por Jenna.

Kat também partilhara com ele a notícia de que um dispositivo nuclear chegara à região do lago Mono e que estava a ser preparado para detonação. A sua avaliação das consequências era devastadora. Uma área total de duzentos e sessenta quilómetros quadrados seria completamente destruída pelo fogo e explosões, enquanto a radiação e detritos contaminariam mais de mil quilómetros quadrados de área, incluindo todo

o Parque Nacional de Yosemite. Ainda pior, não existia qualquer garantia de que uma medida tão drástica erradicasse o organismo.

Assim, Painter precisava de respostas... e o geneticista brasileiro era a sua maior esperança.

— O que descobriu? — inquiriu Painter.

— Peço desculpa por ter demorado tanto tempo — lamentou Cardoza.

— O processo de análise de ADN tornou-se bastante mais rápido nos últimos anos, mas o nível de pormenor necessário para um estudo genético deste tipo requer uma precisão minuciosa. Não queria cometer um erro e orientar-vos na direção da tribo errada.

Painter colocou a mão sobre o ombro do homem.

— Agradeço a sua disponibilidade em ajudar-nos, sobretudo tão em cima da hora.

O investigador acenou com a cabeça, com um ar sério, e apontou para o ecrã.

— Veja isto.

No ecrã brilhavam múltiplas filas de barras verticais em tons de cinzento. Parecia um código de barras, mas este *código* representava, na verdade, a herança genética do prisioneiro.

— Identifiquei vinte e dois marcadores que são exclusivos dos nativos do norte do Brasil, o que em circunstâncias normais não ajudaria muito, pois o número de tribos nessa área é elevado e elas encontram-se espalhadas um pouco por toda a parte. Mas esta sequência aqui... — Cardoza circulou com o dedo um grupo de barras no ecrã — ... é uma mutação única encontrada num subgrupo da tribo macuxi, uma tribo dentro de uma tribo, por assim dizer. Este grupo em particular é conhecido pelo seu isolamento e por procriarem dentro do próprio grupo, incluindo até casos invulgares de nascimentos múltiplos.

— E o prisioneiro pertence a este grupo fortemente unido?

— Tenho quase a certeza de que sim.

Era esse *quase* que punha Painter nervoso.

— Quanta certeza tem disto?

Cardoza ajustou os óculos.

— Estou no percentil dos noventa e nove. Talvez até mais uma fração disso.

Painter dissimulou um sorriso. Só um cientista classificaria uma correspondência de 99 por cento como um *quase*.

— Onde vive essa tribo? — perguntou Drake, aproximando-se mais.

Cardoza teclou mais um pouco e fez surgir no ecrã um mapa topográfico. Apareceu um ponto vermelho a cerca de cento e sessenta quilómetros a sudoeste de Boa Vista, nas profundezas da floresta tropical.

Painter suspirou, frustrado. Ainda era muito território para bater.

— O que sabe sobre esta zona da floresta? — perguntou ele, procurando alguma pista.

Cardoza abanou a cabeça.

— Muito pouco. É praticamente impossível chegar lá por terra, devido à natureza acidentada da sua geologia. O terreno está cheio de abismos profundos e coberto de vegetação. Muito poucos se aventuraram por lá.

— Não admira que essa tribo se reproduzisse dentro do próprio grupo — comentou Drake.

— Aqui está uma imagem via satélite da zona. — Cardoza passou da imagem do mapa topográfico para uma fotografia panorâmica, tirada de uma órbita baixa, mostrando um área coberta por densas copas de árvore.

Parecia impenetrável. Qualquer coisa podia estar escondida por baixo daquelas copas verdejantes, mas Painter tinha um palpite.

Ao ler tudo o que conseguira sobre Cutter, Painter começara a delinear um perfil da personalidade do homem. Cutter tinha um gosto especial por

tudo o que era dramático, juntamente com um ego que faria com que fosse impensável esconder-se... mesmo enquanto se fingia de morto.

— Pode afastar a imagem, de forma a vermos a área circundante? — perguntou Painter, lembrando-se de uma característica invulgar que se encontrava no mapa topográfico.

— Com certeza.

A imagem alargou, revelando um área maior da floresta tropical. O ponto vermelho que assinalava a aldeia ficava próximo do único ponto que sobressaía naquele mar de esmeralda. Uma montanha alta emergia da floresta tropical, mais para sul. Os penhascos eram enormes, parecendo impossíveis de escalar. O seu cume permanecia envolto em névoa.

— O que é aquilo? — perguntou Drake.

— Um *tepui* — explicou Cardoza. — Um pedaço fragmentado de um planalto antigo. Os planaltos elevados desta região são centros de mitos e lendas, repletos de histórias de espíritos vingativos e passagens perdidas para o submundo.

Painter endireitou-se.

E talvez sejam também um bom lugar para um homem morto regressar ao mundo dos vivos.

Drake olhou de relance para Painter.

— Achas que é ali?

— Se não for, fica suficientemente perto da aldeia assinalada no mapa. Podemos sempre passar por lá, cair lá de surpresa.

Cair lá, era a melhor descrição possível.

Painter acrescentou:

— Se não encontrarmos nada naquela montanha, com sorte, alguém naquela aldeia sabe alguma coisa sobre Cutter Elwes.

— Então, vamos. — Drake virou-se rapidamente, sem agradecer, nem se despedir do doutor Cardoza.

Painter compreendia a pressa do fuzileiro, mas foi apertar a mão do geneticista.

— É capaz de ter salvado a vida de uma jovem.

Enquanto seguia Drake apressadamente, Painter rezou para que isso fosse verdade.

11h38

Jenna encontrava-se no limiar da civilização.

A selva estendia-se à sua frente, com o zunir dos insetos e o chilrear dos pássaros, enquanto, atrás dela, o motor do helicóptero estalava e crepitava ao arrefecer parado na clareira da floresta.

Um par de nativos de tronco nu e calções sujos abasteciam o avião parado com combustível puxado de enormes bidões pretos. Ao fundo, avistavam-se redes, presas aos troncos das árvores, cobertas por mosquiteiros. Pilhas de beatas de cigarros sujavam o chão da floresta por baixo das redes. Uma revista pornográfica encontrava-se pousada num monte, parecendo atirada para lá à pressa, provavelmente por alguém ao ouvir o barulho do helicóptero a aproximar-se. O ar tresandava a óleo, fumo de tabaco e dejetos humanos.

Afastara-se até à orla da clareira para fugir a tudo isso, imaginando o cheiro nauseabundo que se instalaria quando a rede de camuflado fosse colocada por cima deste buraco putrefato de corrupção humana. Neste momento, a rede encontrava-se pendurada na copa de uma árvore, à espera de que o helicóptero levantasse voo novamente para voltar a cobrir a área e ocultar esta estação de abastecimento.

Olhou para cima, de frente para o sol do meio-dia, para o mais azul dos céus. O calor era escaldante, já queimava a sua pele ainda pálida do

inverno, agravado pela humidade excessiva. Abrigou-se à sombra de uma árvore de mogno, o que captou a atenção do seu guarda. O piloto tinha uma espingarda ao colo e olhou na sua direção. Os seus raptos não se tinham dado ao trabalho de a amarrar.

Para onde poderia fugir?

Mesmo que tentasse fugir, estes indígenas conheciam a selva melhor do que ela e seria rapidamente recapturada.

Na orla da floresta tropical, Jenna inspirou o perfume da selva, tentando acalmar o terror que sentia. Uma brisa agitava as folhas, trazendo consigo o aroma das flores da floresta, da terra húmida, da vegetação abundante. Enquanto guarda-florestal, era-lhe difícil ignorar a beleza pura deste lugar e o milagre da vida em toda uma imensidão de formas: desde as árvores altíssimas que se erguiam em densas copas verde-esmeralda à passagem sussurrante de um bando de macacos por entre os ramos mais baixos, até mesmo a fila de formigas que subiam pelo tronco da árvore onde Jenna se abrigava. Ela lera que o naturalista E. O. Wilson contara mais de duzentas espécies de formigas só numa árvore da floresta tropical. Parecia que a vida estava determinada a preencher cada fenda e cada buraquinho deste Éden resplandecente.

Algo maior agitou a vegetação na selva, mais perto dela, saindo das sombras a poucos metros de distância e assustando-a.

A mulher com cabelo cor de ébano, de tronco nu como os homens, aproximou-se. A única roupa que vestia era um par de calções castanho-escuros, que se confundiam com a sua pele. Sobre os ombros, equilibrava o corpo inerte de um veado. Tinha a cabeça cinzenta e as patas pretas, e o pelo castanho-avermelhado. Grandes olhos pretos, sem vida, fixavam o lugar onde outrora fora a sua casa.

Passou por Jenna sem sequer a olhar.

A mulher só estivera quinze minutos na selva. Pousou a carcaça junto às redes, deixando-a para os dois nativos que deviam viver nesta estação de abastecimento. Para a mulher, parecia que a caçada não fora para aproveitar a carne ou a pele, mas sim por desporto.

Jenna reparou como os homens evitavam olhar para a mulher, embora os seus seios, que eram verdadeiramente espetaculares, estivessem à mostra.

A mulher voltou a vestir a blusa que se encontrava pendurada num ramo e falou com o piloto num tom de voz baixo e calmo. Os seus olhos escuros moveram-se na direção de Jenna, depois de volta ao homem à sua frente. O piloto acenou com a cabeça, gritou para os dois nativos e acenou-lhes para que tirassem o seu equipamento do caminho.

Ao que parecia, estava na hora de ir embora.

Minutos mais tarde, Jenna estava de volta ao seu assento na cabina de trás. Os rotores começaram a girar, rugindo, e o helicóptero levantou voo, libertando-se da selva, em direção ao sol escaldante do meio-dia. Inclinando o nariz ligeiramente para baixo, o helicóptero percorreu a grande velocidade a interminável extensão de copas verdes.

Jenna olhou para a frente.

Uma sombra escura ergueu-se no horizonte, ainda muito longe.

Será que é para ali que vamos?

Não tinha como saber a resposta. Tinha apenas a certeza de que o que quer que se encontrasse no final desta viagem não seria agradável. Fechou os olhos e encostou-se para trás, preparando-se para o que estava por vir, sentindo falta da sua habitual fonte de força e resiliência.

Nikko...

Contudo, o seu parceiro tinha a sua própria luta para travar.

08h40 PDT

Sierra Nevada, Califórnia

Lisa empurrou a maca em direção à câmara pressurizada que dava para a saída do seu laboratório *in vivo*. O único rato sobrevivente moveu-se na sua gaiola de testes, aproximando-se das grades para a ver passar, o seu nariz rosado a mexer.

Desculpa, só posso salvar um passageiro neste navio prestes a afundar.

Nikko encontrava-se deitado de lado na maca almofadada, quase sem respirar depois da sedação ligeira. A sua pata dianteira esquerda estava esticada com uma tala, ligada por duas linhas intravenosas a dois sacos: um contendo fluidos misturados com um *cocktail* de antivirais e outro com plasma rico em plaquetas. Os sacos encontravam-se pousados sobre uma almofada ao lado do cão, prontos para serem novamente pendurados.

A maca onde *Nikko* se encontrava era uma maca de transporte de pacientes em quarentena, completamente selada, sob um capuz transparente com o seu próprio fornecimento de oxigénio, que fluía vindo de tanques presos à parte de baixo da maca.

Empurrou a maca para a câmara pressurizada, esperou que a pressão estabilizasse e, em seguida, quando a luz verde piscou, acenou com a cabeça para a figura que se encontrava no exterior do espaço selado. Edmund Dent abriu a porta do seu lado e ajudou-a a empurrar a maca até à pequena sala de reuniões no centro dos laboratórios de biossegurança nível 4.

— Temos de nos despachar — disse Edmund. — Já não temos muito tempo.

Lisa também estava consciente disso.

Lindahl e os seus comparsas tinham ido supervisionar a chegada do dispositivo nuclear à base na montanha, levando consigo toda a equipa de

cientistas nucleares e de radiação. Por algum tempo, o laboratório estaria praticamente vazio. Os investigadores que ainda lá se encontravam eram colegas de Edmund e tinham concordado em ignorar o que eles estavam a fazer. Todos eles conheciam Jenna, sabiam que ela fora raptada e que Lindahl tencionava submeter o seu cão a alta radiação.

Ainda assim, quem sabe quanto tempo duraria aquele silêncio se fossem pressionados?

Edmund ajudou Lisa a levar a maca para a câmara pressurizada da sala de descontaminação principal. Um fuzileiro estava de guarda do outro lado. Edmund levantou o braço quando o guarda se virou, como se o que estivessem a fazer fosse perfeitamente normal.

Lisa entrou na câmara pressurizada sozinha, deixando Edmund para trás, para ajudar a encobrir os seus passos. Depois de ela passar, Edmund ia sabotar a câmara pressurizada que dava para o laboratório dela, de forma que Lindahl não desse pela falta de *Nikko* durante o máximo de tempo possível.

O processo de descontaminação começou. Jatos de água banharam o seu fato e a cobertura da maca, seguidos por radiações ultravioleta, depois novamente os jatos de água e a secagem. O processo completo demorou uns agonizantes vinte minutos.

O fuzileiro que se encontrava lá fora olhava na sua direção de vez em quando. Lisa evitava o contacto visual.

Por fim, a luz verde piscou, autorizando-a a sair. Na antecâmara a seguir à câmara pressurizada, Lisa despiu o fato de biossegurança. O suor colava-lhe a roupa a todas as fissuras do seu corpo, sobretudo por causa do calor que fazia dentro do fato, mas também pelo medo de ser descoberta. Agarrou nas pegadas da maca e, com algum esforço, empurrou-a para o hangar principal.

— Está pronta? — perguntou o guarda.

Lisa acenou com a cabeça.

— Obrigada.

Sarah Jessup, uma cabo fuzileiro de cabelo castanho-avermelhado, vestida com um uniforme impecável, fora destacada como adjunta pessoal de Painter. Vinha altamente recomendada pelo comandante da base.

— Não tinhas de fazer isto — disse Lisa, enquanto as duas esgueiravam *Nikko* pelo espaço cavernoso.

A mulher encolheu os ombros.

— Não estou a violar lei nenhuma. O diretor Crowe foi designado meu superior direto. Ele aprovou verbalmente as tuas ações. Por isso, estou a seguir ordens, como qualquer bom fuzileiro. — Ainda assim, sorriu de forma suave para Lisa. — Além disso, tenho um labrador cor de chocolate em casa. Se alguém tentasse magoar a *Belle*, iria arrepender-se amargamente.

Lisa respirou fundo para se recompor, grata pela cooperação da cabo. Se Jessup não tivesse concordado e arranjado maneira de trocar o turno de guarda, tirar *Nikko* do laboratório teria sido impossível.

A cabo também facilitara a situação de outra forma.

— Estabeleci uma área temporária de quarentena seguindo as tuas instruções — disse Jessup. — Num lugar onde poucos pensarão em procurar.

— Onde?

Jessup sorriu novamente.

— Numa sala nas traseiras da capela da base. O capelão concordou em encobrir-nos e a afastar possíveis problemas.

— Conseguieste fazer um padre mentir por nós.

O sorriso dela alargou-se.

— Não te preocupes, ele é episcopaliano... e meu namorado. Além disso, ele adora tanto a *Belle* como eu... e ainda bem que é assim, senão

nem consideraria casar com ele. A *Belle* e eu formamos um pacote, quem quer uma, leva as duas.

Lisa ouvia o amor jovem na voz da cabo, o que a lembrou das suas próprias bodas adiadas. Sentindo ainda mais a falta de Painter, Lisa engoliu a dor que sentia no coração.

Deixou a cabo Jessup liderar o caminho, sabendo que esta fuga só lhes ia dar um pouco mais de tempo. Alguém acabaria por falar ou o esconderijo de *Nikko* seria descoberto. Além disso tudo, a ameaça nuclear pairava no ar.

Com outra tempestade prevista para depois da meia-noite, Lindahl marcara a detonação para o anoitecer.

Lisa imaginou um cogumelo em chamas a erguer-se por cima das montanhas.

O desespero apoderou-se dela. Alguém tinha de arranjar uma forma de parar tudo isto antes que fosse demasiado tarde.

Mas quem... e, ainda mais importante, como?

11h43 AMT

Roraima, Brasil

Nas últimas duas horas, Kendall trabalhara sob o intenso escrutínio de Cutter Elwes no interior do laboratório de biossegurança nível 4 das suas instalações. Ambos estavam protegidos por fatos de biossegurança brancos com mangueiras amarelas presas à parede.

Kendall ergueu dois frascos no ar e leu as etiquetas.

25UG OF CRISPR CAS9-DIOA NICKASE MRNA
1UG OF CRISPR CAS9-DIOA NICKASE PLASMID

As pequenas ampolas de vidro continham os ingredientes essenciais para editar o código genético. Com estas ferramentas, um investigador podia quebrar as cadeias duplas de ADN em locais escolhidos especificamente, permitindo que as alterações fossem introduzidas. Estes frascos em particular eram mais usados para aplicações transgénicas: para inserir um gene estranho — chamado transgene — no código genético de outro organismo.

Como acrescentar asas a uma formiga-bala.

Cutter estava a fazer de Deus há já algum tempo, introduzindo genes estranhos em espécies existentes. O ato em si não era assim tão chocante. A tecnologia já existia há mais de uma década e era utilizada para criar criaturas transgénicas em laboratórios por todo o mundo. De bactérias a ratos, e até uma colónia de gatos que brilhavam no escuro. Na verdade, o trabalho de Cutter não era assim tão avançado, sobretudo tendo em conta que ele tinha acesso aos processos MAGE e CAGE, técnicas que possibilitavam a introdução de *centenas* de alterações mutagénicas em simultâneo.

Infelizmente, embora as criações de Cutter fossem monstruosas, Kendall não tinha moral para criticar o seu trabalho. No lago Mono, Kendall utilizara o conteúdo destes mesmos frascos para desenvolver o seu vírus sintético. A sua criação também fora o resultado de manipulação transgénica. Mas os transgenes que ele inserira eram ainda mais *estranhos*, sendo provenientes de uma das espécies AXN que se encontrava na biosfera-sombra por baixo da Antártida.

O último pormenor fora crítico para o seu sucesso no lago Mono. Conduziu à descoberta que lhe permitiu transformar um invólucro vazio num organismo vivo e que se multiplicava.

Que Deus me ajude... não posso deixar Cutter descobrir como o fiz.

Cutter regressou dos frigoríficos altos ao fundo do laboratório. Através das janelas de vidro, as filas de tubos de ensaio brilhavam. Era a biblioteca genética das suas criações... as do passado e as que ele queria criar no futuro.

Regressava agora com dois tubos de vidro, cada um cheio até meio de uma solução turva.

— Na minha mão direita — disse ele, levantando o braço correspondente —, está o eVLP que tu manipulaste geneticamente. O teu invólucro vazio perfeito.

Kendall já vira provas da reivindicação de Cutter, passando a primeira hora no laboratório a analisar os seus dados, para garantir que o homem reproduzira, de facto, o mesmo invólucro de proteína.

Cutter ergueu o outro tubo.

— E esta é a *minha* criação, um pedaço do tamanho de um prião de um código genético único.

Então é isto que o sacana quer colocar no interior do meu invólucro.

O uso da palavra *prião* por parte de Cutter era algo preocupante. Os priões eram proteínas infecciosas responsáveis por doenças tão graves como a doença das vacas loucas nos bovinos e a Creutzfeldt-Jakob nos humanos. Os sintomas clínicos dessas infeções tinham uma natureza invariavelmente neurológica, afetando sobretudo o cérebro. O pior de tudo é que estas doenças eram incuráveis e, muitas vezes, fatais.

Cutter ergueu os dois frascos ainda mais alto.

— Agora tens de me mostrar como combinar os nossos trabalhos. O *teu* invólucro e o *meu* código genético.

Passou os dois frascos para uma mão e entregou-os a Kendall.

Kendall aceitou-os com relutância.

— O que faz o teu código?

Cutter repreendeu-o, acenando com um dedo enluvado, depois apontou para a bancada de trabalho.

— Primeiro provas-me o teu conceito. Mostra-me que o teu sucesso na Califórnia não foi acidental.

Com esta afirmação, Kendall apercebeu-se de como deveria ter sido embaraçoso para Cutter pedir-lhe ajuda. Em vez de aceitar que alguém conseguira fazer o que ele não fora capaz, preferia rotular o feito de Kendall como um golpe de sorte ou um mero acidente. Por muito que Cutter tivesse mudado depois de ser atacado pelo leão, a sua arrogância permanecia intacta.

— Vai demorar algum tempo — empatou Kendall. — Vou precisar de uma análise completa do ADN do teu código para arranjar uma maneira de o inserir no invólucro.

— O ficheiro com essa análise já está guardado no computador da tua bancada de trabalho.

— Gostava de ser eu a fazer a análise completa.

A desconfiança fez a sobancelha de Cutter franzir.

— Para quê repetir o que já foi feito?

— É uma parte fundamental do meu procedimento. É provável que precise de alterar o teu código, acrescentar uma sequência-chave para desbloquear o invólucro.

Pelo menos, isso era verdade.

Talvez reconhecendo a lógica das suas afirmações, Cutter suspirou e acenou com a cabeça.

— Então, começa a trabalhar.

Antes de o homem se conseguir virar, Kendall parou-o.

— Eu concordei em cooperar. Não me podes dizer como parar o contágio na Califórnia?

Antes que seja demasiado tarde.

Cutter parecia estar mesmo a considerar o seu pedido. Por fim, os seus olhos pousaram em Kendall.

— Dou-te parte da solução se me contares como é que esta *chave* desbloqueia o teu invólucro. Tenho de admitir que me intriga o suficiente para mostrar alguma boa vontade.

Kendall lambeu os lábios secos, sabendo que devia ser muito cuidadoso. Tinha de lhe dar informação suficiente para ser credível, o homem não era parvo, mas não demasiada para não revelar tudo.

Kendall aclarou a garganta.

— Soubeste da atenção mediática que recaiu sobre o Scripps Research Institute em maio de 2004? Depois de terem anunciado a criação de uma colónia de bactérias vivas, que se multiplicava e que continha novas letras do alfabeto genético?

Cutter semicerrou os olhos, pensativo.

— Referes-te ao facto de terem inserido bases de nucleótidos artificiais no ADN de bactérias?

Kendall acenou com a cabeça. Fora um trabalho inovador. Toda a biodiversidade neste planeta, desde o bolor limoso aos humanos, tinha como base um simples alfabeto genético de apenas quatro letras: A, C, G e T. Fora através da combinação dessas quatro letras que as espécies surgiram na Terra. Mas, pela primeira vez, os investigadores do Scripps criaram uma bactéria viva com *duas* letras adicionais no seu código genético, que denominaram X e Y.

— E então? — perguntou Cutter.

— Eu fiz algo semelhante — admitiu Kendall. — Utilizando a técnica CRISPR, consegui retirar secções de ADN viral e substituí-las por secções estranhas de AXN. É essa sequência *exata* de genes AXN, e não outra, que funciona como chave para desbloquear o invólucro.

— Dando vida à tua criação. — Cutter sorriu. — Por isso é que eu continuava a falhar. Não tinha essa chave.

E espero que nunca venhas a ter.

— Devia ter pensado nisso — disse Cutter. — Aquela cápside viral, aquele invólucro perfeito... manipulaste a sua configuração invulgar produzindo proteínas a partir de genes AXN. Então, para inserir material genético naquele invólucro, é preciso uma sequência específica de marcadores AXN para esse invólucro o aceitar.

— Uma chave que corresponda à fechadura — disse Kendall. — Essa foi a minha grande descoberta.

Ou, pelo menos, parte dela.

— Genial, Kendall. Tu impressionas-me.

— Então, se já estás satisfeito, podes partilhar mais alguns pormenores sobre a cura?

Era a única esperança de Kendall. Se conseguisse descobrir a solução por si, então talvez não precisasse de dar a receita para armar a sua cápside viral a este cretino.

— É justo — concordou Cutter. — Antes de mais, deves lembrar-te que eu disse que a solução para aniquilar a tua criação, para a neutralizar, estava mesmo à frente dos teus olhos e dos de Harrington. Tal como a tua solução com a chave, tem tudo que ver com AXN.

— De que forma?

— O que vocês, infelizmente, se esqueceram de questionar foi a *razão* por que aquela biosfera-sombra exótica permaneceu encapsulada na Antártida durante milhares de anos, sobretudo quando existe um mundo inteiro praticamente indefeso contra a sua natureza agressiva e única.

— Qual é a resposta a essa pergunta?

— Dás-me a chave e eu dou-te a resposta... e o método para resolveres a situação na Califórnia.

Kendall não insistiu, sabendo que não ia conseguir arrancar mais nada do homem.

Cutter virou-se novamente e afastou-se.

— Vou deixar-te trabalhar. Temos um convidado prestes a chegar, com quem quero conversar. — Olhou para trás, de relance, para Kendall. — Mas espero resultados quando voltar. Acredita quando digo que não me queres desiludir.

Kendall observou-o a afastar-se pela câmara pressurizada da sala. No laboratório principal, para lá de onde se encontrava, a figura gigantesca de Mateo mantinha-se de guarda, garantindo que Kendall não fugia dali.

Sem escolha, Kendall começou a estudar o pedaço único de código genético de Cutter, o material que ele queria inserir no sistema de entrega genética perfeito de Kendall.

Mas o que era? Qual era o seu propósito?

Se conseguir descobrir isso, posso arranjar uma forma de o travar.

E, se não servisse para mais nada, trabalhar neste código adiaria o momento em que teria de dizer a verdade a Cutter: que a chave que ele tanto queria se encontrava fora do seu alcance. Kendall não era capaz de a reproduzir aqui. Para criar essa chave, precisaria primeiro dos linfócitos de uma espécie específica daquela biosfera. O seu AXN era de tal maneira único que não podia ser sintetizado em laboratório. Precisava de uma amostra viva para construir a chave.

Mas durante quanto tempo consigo guardar esse segredo?

Por agora, tudo o que podia fazer era atrasar o máximo de tempo possível.

Mas com que propósito?, pensou ele. Quem me pode ajudar?

Painter encontrava-se num local remoto do aeroporto internacional de Boa Vista sob o sol escaldante do meio-dia. Protegeu os olhos do sol levantando o braço que não estava ferido e observou o céu. Tinha o outro braço ao peito, a ligadura que envolvia o ferimento fora mudada recentemente.

O aeroporto ficava a apenas três quilómetros da cidade e partilhava as suas instalações com a Base Aérea de Boa Vista, o contingente local da força aérea brasileira. Este canto do aeroporto era raramente utilizado, o que era bastante evidente pelas ervas daninhas que cresciam em todas as fendas do alcatrão. Não existia pista, apenas um parque de estacionamento rodeado por uma fila decrépita de hangares velhos e outros edifícios há muito abandonados.

A base aérea atual fora mudada para instalações mais recentes do outro lado do aeroporto. Mas este local servia os interesses de Painter na perfeição, pois ficava longe do trânsito habitual e de olhares indiscretos. Um pequeno grupo de militares da força aérea brasileira guardava a entrada desta área, mantendo afastados os mais curiosos.

Drake andava impacientemente de um lado para o outro, enquanto os seus colegas de equipa, Malcolm e Schmitt, descontraíam à sombra de um dos hangares.

— Aí vêm eles — disse Painter, avistando um avião cinzento-prateado a aproximar-se no céu profundamente azul.

— Por que raio demoraram tanto? — resmungou Drake.

Painter não respondeu, sabendo que era a frustração que pusera o fuzileiro tão impaciente. Drake sentia-se responsável pelo rapto de Jenna, tendo-a abandonado no interior do café. Não que tivesse sido culpa sua, mas dizê-lo não fazia diferença alguma. O fuzileiro tinha um código de honra intransigente. Ainda assim, Painter desconfiava que o motivo da

frustração de Drake fosse mais de natureza pessoal do que profissional. Ele e Jenna tinham-se tornado mais próximos durante esta prova de fogo.

Drake juntou-se a Painter, protegendo os olhos do fulgor do sol.

No céu, a aeronave aproximava-se deles rapidamente. O avião viera do USS *Harry S. Truman*, um superporta-aviões da classe *Nimitz*, que realizava exercícios no oceano Atlântico.

Enquanto Painter observava, as hélices duplas do avião oscilaram da posição vertical para a horizontal, fazendo-o abrandar e transformando-o num helicóptero. A aeronave era semelhante ao seu irmão mais velho, o *MV-22 Osprey*, que transportara Painter da costa da Califórnia para a base naval das montanhas da Sierra Nevada. Era o novo *Bell V-280 Valor*, por vezes chamado «Son of Osprey», «filho de Osprey», devido ao seu desenho mais pequeno e mais esguio. Desempenhava funções de avião batedor e podia atingir uma velocidade de trezentos nós, cobrindo uma área de oitocentas milhas náuticas.

Era perfeito para onde eles precisavam de ir.

O *Valor* planou por cima deles e começou a baixar. Painter e Drake afastaram-se no asfalto rachado, ou melhor, foram *empurrados* pela deslocação de ar das hélices duplas. O *Valor* aterrou tão suavemente como um mosquito sobre um braço nu. O ruído não era tanto quanto o esperado, devido à tecnologia *stealth* incorporada no seu desenho, que abafava o rugido do motor.

A escotilha lateral abriu.

Fiel à sua palavra, Kat enviara-lhe mais homens: outro trio de fuzileiros saltou do *Valor*, equipados com coletes à prova de bala e capacetes. Drake e os seus colegas de equipa cumprimentaram os seus camaradas, apertando os antebraços de uma forma fraternal.

O líder moreno da equipa de apoio dirigiu-se a Painter.

— Ouvimos que estava com problemas, senhor — disse ele com um ligeiro sotaque hispânico. — Sou o sargento Suarez. — Acenou com o braço para os dois homens ao seu lado, um fuzileiro negro e musculado de olhar implacável e um homem ruivo corpulento. — Os primeiros-marinheiros Abramson e Henckel.

Painter apertou a mão a cada um dos soldados.

— Agradeço a vossa ajuda.

Suarez virou-se para o avião.

— O *Valor*, o pequeno grande pássaro. Vai ser uma viagem um pouco apertada a bordo, mas cá nos arranjam. — O sargento olhou para o sol escaldante. — Está um dia quente hoje, não?

Painter acenou com a cabeça.

E é provável que venha a ficar ainda mais quente... de muitas formas.

30 de abril, 16h03 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

Gray encontrava-se na cabina da frente do enorme veículo de neve, encostado às costas do banco do condutor. O amplo para-brisas oferecia uma vista panorâmica do terreno cavernoso do Coliseum. Há uma hora que atravessavam lentamente o coração deste delta rochoso, percorrendo a floresta petrificada que se erguia a toda a volta.

Neste momento, o veículo circulava pela margem de um grande lago, tão vasto que quase não se conseguia discernir o lado oposto, mesmo com o feixe intenso de luz dos seis faróis do veículo, cada um do tamanho de uma tampa de esgoto. O caminho que seguiam estava tão bem iluminado que já não precisavam dos óculos de visão noturna.

Na orla do lago cresciam canas altas, brancas como cadáveres, com filamentos ondeantes e luminosos nas pontas. Mas estas plantas (ou talvez fossem animais) erguiam-se nestas pernas falsas e afastavam-se sobre a água à medida que eles se aproximavam. Stella comentou que os bolbos bioluminescentes em cima das canas atraíam insetos, apanhando os mais distraídos com aquelas gavinhas acídicas.

E não eram apenas estas canas que evitavam o veículo.

A sua passagem iluminada captava a atenção de muitas formas de vida aqui em baixo, mas o mero tamanho e o rugido dos motores parecia intimidar a maior parte dos predadores ou afastar as espécies mais tímidas.

Kowalski estava ao volante. Geralmente, ir ao lado do grandalhão em qualquer veículo era enervante, mas Kowalski tinha muita experiência a conduzir camiões articulados e revelava grande aptidão neste veículo de neve, provando o seu enorme talento a manobrar este monstro pelo terreno difícil. O tipo podia não ter muita sorte com as mulheres, mas a sua afinidade por motores compensava-o.

Segurando a ponta de um charuto quase apagado entre os dentes, Kowalski estava concentrado a manejar a caixa das mudanças, enquanto conduzia por entre uma derrocada de pedregulhos, inclinando para o lado o corpo do veículo de quinze metros, com os seus pneus gigantescos a desfazerem as pedras à sua passagem.

— Cuidado — avisou Gray.

— Não preciso de um copiloto — resmungou Kowalski. — Vai tentar descobrir quanto é que falta para chegarmos. Esquece os quilómetros por litro... esta coisa faz *metros* por litro. Vamos ficar sem combustível dentro de pouco tempo.

Para o provar, bateu com um dedo grosso no indicador de combustível, mostrando que o ponteiro se aproximava da sinistra linha vermelha.

Não era bom sinal.

Embora a maior parte da vida aqui em baixo ignorasse o veículo, a sua deslocação pesada e ruidosa remexia tudo à sua passagem, fazendo com que fosse ainda mais arriscado sair deste abrigo.

Quando o veículo atravessou ileso o monte de pedregulhos, Gray deixou Kowalski conduzir à vontade e desceu uma escada curta para o compartimento principal do veículo. O espaço em baixo estivera outrora

dividido em dois pisos, mas ao que parecia alguém o abrira todo e transformara-o numa cabina ampla. Ainda assim, os bancos originais ainda se encontravam alinhados de ambos os lados e ao fundo havia uma rampa que podia ser aberta para deixar as tropas sair pelas traseiras.

Encontrou Stella e Jason sentados ao pé um do outro, a falar baixinho, discutindo o que parecia ser uma aula de biologia. Dirigiu-se a Harrington, que se encontrava sentado do outro lado da cabina com um ar sério, os cotovelos assentes nos joelhos, a cabeça baixa.

— Professor — disse Gray —, estamos a ficar sem combustível. A que distância fica a subestação da Porta dos Fundos?

Harrington levantou o rosto, muito pálido e cansado, os olhos vidrados de tanta ansiedade. Parecia que envelhecera várias décadas durante a viagem de Hell's Cape.

— Falta pouco. A Porta dos Fundos fica do lado oposto do Coliseum. Não há como enganar.

Algo guinchou de forma muito ruidosa, atingindo, em seguida, a parte de cima do veículo. Garras arrastaram-se ao longo do tejadilho, antes de cair para o chão novamente.

É melhor chegarmos lá depressa.

Harrington lançou um olhar preocupado à filha, depois inclinou-se, agarrou o joelho de Gray e sussurrou com algum fervor:

— Se algo correr mal, o Gray tem de a tirar daqui.

— Vou fazer os possíveis — prometeu ele.

As suas palavras pareceram oferecer pouco consolo a Harrington. Para distrair o homem, Gray sentou-se ao seu lado.

Gray apontou para o corpo principal do veículo.

— Então, o que fazia o vice-almirante Byrd aqui em baixo?

— Acho que veio à procura de uma base nazi secreta... e, em vez disso, encontrou este lugar. Só posso afirmar com certeza que ele chegou à

Antártida em 1946, um ano depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Foi acompanhado por treze navios, mais de vinte aviões e quase cinco mil homens.

— Cinco mil... porquê tantos?

— Foi a chamada Operação Highjump. A história oficial é que a Highjump era um exercício de treino polar, combinado com uma missão de mapeamento do continente, mas a maior parte dos objetivos da sua expedição foram mantidos em segredo. Levou, mais tarde, a uma série de rebentamentos atômicos aqui em baixo. Acho que os mandachuvas que supervisionavam a expedição de Byrd estavam a tentar manter selar este local. Diz-se que Byrd nunca mais foi o mesmo depois dessa expedição, que voltou um homem diferente, mais isolado, doente. Alguns culpam os muitos anos de isolamento no gelo por isso, mas às vezes pergunto-me se não foi este lugar que o mudou.

Bastava contemplar os olhos assombrados e assustados de Harrington para se perceber o que queria dizer.

— Talvez nunca devêssemos ter redescoberto estas cavernas — disse o professor. — Talvez devêssemos ter prestado atenção à sabedoria de Darwin e mantido este segredo enterrado e intocado.

Kowalski gritou da frente:

— É melhor verem isto!

A urgência na sua voz fez com todos se levantassem rapidamente. Amontoaram-se na cabina da frente. Harrington deixou-se cair no banco do passageiro.

Para além do para-brisas, um vasto pântano bloqueava o caminho à frente, com riachos, poças e quedas de água espalhadas aqui e ali. A enorme floresta petrificada atrás deles resumia-se agora a umas poucas sentinelas solitárias à frente. Por cima das suas cabeças, havia estalactites penduradas no teto.

Por este pântano, estendiam-se campos vastos de canas fosforescentes, iluminando até a escuridão para lá do alcance dos seus faróis. Estranhas criaturas moviam-se por todo o lado neste campo macabro. Aves pernaltas com asas semelhantes a couro levantavam voo, fugindo da chegada ruidosa da besta fumegante que era o veículo de neve. Sombras maciças ocultavam-se entre as canas, a sua presença discernível apenas à sua passagem. Ao longo das margens, outras criaturas deslizavam, saltavam ou rastejavam para fora do seu caminho. Durante o tempo todo, gritos, miados e trinados penetravam o seu casulo de aço, como se a vida aqui em baixo desafiasse constantemente este invasor ruidoso que se encontrava no meio deles.

No entanto, não fora nada disto que fizera Kowalski chamá-los.

Gray ficou boquiaberto com o que tinha à sua frente.

Meu Deus...

Pela savana alagada, movia-se uma manada de enormes bestas, em número superior a uma centena, cada uma do tamanho de um mamute. Moviam-se, na sua maioria, sobre quatro patas, embora, por vezes, uma delas se erguesse sobre as patas de trás e desse uns passos semelhantes aos de um urso, talvez examinando a área à procura de perigos, antes de cair novamente de quatro. Os seus focinhos tinham probóscides curtas, como trombas de elefante em miniatura. Estes apêndices preênceis apanhavam as canas, arrancavam-nas e mastigavam-nas lentamente, como uma vaca a ruminar erva.

— Vêm aquele musgo a crescer nos seus flancos? — perguntou Stella.

Gray semicerrou os olhos. Ele pensava que os tapetes desgrenhados que se encontravam pendurados nos seus corpos musculados eram pelo, como o dos mamutes. Só que este tapete brilhava tenuemente num caleidoscópio de cores.

— Nós achamos que o musgo tem uma relação simbiótica com estas criaturas, às quais chamámos *Pachycerex ferocis*. Os *Pachyceri* usam o calor do corpo para desencadear aquelas mudanças de cor, utilizando-as como uma forma de comunicação entre a manada.

— Como pirilampos num prado — disse Jason, o que lhe valeu um sorriso de Stella.

Kowalski estava menos encantado.

— Só que parece que estes pirilampos são capazes de nos pisar até à morte — disse Kowalski, olhando de relance para o professor no banco ao lado. — E quanto a nós? É seguro avançar?

— Vai devagar. É provável que os faróis os confundam o suficiente para nos deixarem passar.

Para uma espécie que comunicava através de luz suave, a manada devia pensar que o veículo estava a gritar com eles, como um membro surdo e deformado da sua espécie.

— Nunca tivemos problemas com eles antes — continuou Harrington. — Mas nunca vi tantos num só lugar. Já tínhamos visto uns aqui e ali, e nunca nos deram importância, sobretudo se nos mantivermos bem iluminados.

— Talvez esteja na época de acasalamento — disse Stella. — E este é o local onde procriam.

— Nesse caso — disse Kowalski —, esperemos que nenhum fique confuso e tente montar esta caixa de aço em que estamos. Ser esborrachado por um elefante excitado não é propriamente a forma como tenciono morrer.

— Faz o que o professor disse — avisou Gray. — Põe-te em movimento, mas num andamento lento.

Kowalski resmungou entredentes, enquanto engatava a mudança. Dirigiram-se aos baixios, fazendo um amplo arco a fim de se manterem

afastados das poças mais profundas do terreno alagado. Os *Pachyceri* saíram do caminho deles, alguns bufando-lhes, como que a repreendê-los pela intrusão grosseira. Passaram por um suficientemente alto para espreitar para dentro da cabina, tendo olhado com curiosidade para os estranhos no seu interior.

— Este está a meter a tromba onde não é chamado — disse Kowalski, olhando para trás, à procura de aprovação. — Perceberam... a *tromba* onde não é chamado.

Stella e Jason suspiraram.

Gray continuava a olhar atentamente para os retrovisores, certificando-se de que nenhuma das bestas decidia desafiá-los, temendo que mesmo um veículo tão robusto como aquele não aguentasse um ataque direto de uma ou mais destas criaturas gigantescas.

Enquanto se mantinha de vigia, uma luz chamou-lhe a atenção no retrovisor, muito mais intensa que o brilho da manada. Vinha de longe, de onde a floresta petrificada era mais densa. Depois avistou outro feixe de luz à esquerda, como um par de olhos brilhantes como xénon. E, um momento depois, um terceiro par juntou-se aos outros dois.

Os dedos de Gray fincaram-se nas costas do banco à sua frente.

— Temos companhia.

16h32

Não admira que tenha demorado tanto tempo a encontrar estes sacanas...

Dylan Wright encontrava-se atrás do condutor do CAAT maior, olhando fixamente para a extensão pantanosa e para a manada lenta de *Pachyceri*. À sua direita, um veículo abria um caminho luminoso pela

periferia da manada brilhante, um cometa a percorrer o chão da caverna escura.

Então, eles puseram o veículo de neve de Byrd a funcionar novamente.

Devia ter acontecido quando Dylan e a sua equipa fugiram de Hell's Cape há um ano e meio. Mas não era algo problemático. Enquanto transporte meramente terrestre, o veículo não podia competir com a velocidade e a destreza anfíbia de um CAAT, sobretudo com a dos mais pequenos.

Além disso, as probabilidades estavam todas a favor de Dylan: três contra um.

Já para não mencionar o facto de a sua equipa estar em maior número e ter mais armas que os seus adversários, provavelmente na mesma proporção desigual.

Dylan tocou no auricular do seu rádio. Comunicou com os dois CAAT mais pequenos que tinha de cada lado.

— McKinnon, vai pela direita. Seward, pela esquerda. Mantenham-se ao lado deles. Eu vou avançar com o CAAT grande e abalroá-los por trás.

Dylan obteve confirmação de ambos os homens.

— Vão! — ordenou ele, saboreando o prazer familiar da caçada na garganta.

Vamos acabar com isto agora.

16h33

Jason seguia ao lado de Kowalski enquanto o veículo de neve atravessava os pântanos, esmagando as canas e espalhando vida selvagem por todo o lado, evitando os obstáculos maiores no seu caminho, nomeadamente os enormes *Pachyceri*. As enormes criaturas bradavam o

seu descontentamento, saindo do caminho o melhor que conseguiam. Kowalski virava o volante de um lado para o outro para evitar acertar num dos membros da manada... não por preocupação com os animais, mas por medo que uma colisão pudesse provocar mais danos no veículo do que nas criaturas de pele espessa.

O veículo de neve embateu num terço e foi projetado para cima, ficando no ar por um momento, caindo, em seguida, novamente sobre as suas rodas gigantescas.

Jason agarrou-se ao braço do seu assento, enquanto olhava pela janela. Do outro lado da cabina, Stella estava encolhida num banco desdobrável atrás de Kowalski, mantendo os olhos colados ao lado esquerdo do veículo.

Surgiram luzes na escuridão do lado direito.

— Aí vêm eles, a estibordo! — gritou Jason, suficientemente alto para Gray ouvir no andar de baixo.

— Deste lado também! — ecoou Stella.

Em ambos os lados, feixes gêmeos de luz flanqueavam o veículo, a cerca de trinta metros de distância, circulando de forma mais rápida e mais ágil que o seu pesado veículo. Os CAAT mais pequenos tencionavam claramente ultrapassá-los, para os fazer abrandar. Seguia-os um CAAT maior, que se aproximava a alta velocidade, com as suas lagartas flutuantes que lhe permitia atravessar com maior facilidade o solo alagado.

— Temos de ir mais depressa — sussurrou Jason entredentes.

Kowalski ouviu-o.

— Estou com o pé a fundo no acelerador, miúdo. A não ser que queiras ir lá para fora empurrar, isto é o máximo que ele dá.

Jason partilhou um olhar de preocupação com Stella.

Nunca conseguiriam deixar estes caçadores para trás.

Os CAAT mais pequenos começaram a aproximar-se mais, apertando como uma pinça, tentando intercetá-los. Começaram a disparar. As rajadas crivavam o veículo de neve de lado e atingiram o para-brisas dianteiro. O vidro grosso aguentou-se... por agora. O veículo fora construído para o terreno inóspito da Antártica, para aguentar avalanchas e derrocadas de gelo, mas havia limites para a sua tecnologia da era da Segunda Guerra Mundial.

Tinham de fugir desta situação. Era agora ou nunca. Os caçadores estavam demasiado perto.

— Preparem-se! — gritou Jason para Gray, lá em baixo.

Stella apontou para a frente e para a esquerda.

— Ali... aquele!

Jason acenou com a cabeça e gritou:

— Bombordo! Tenho um grandalhão a bombordo!

— Força! — gritou Gray de volta.

Kowalski inclinou-se sobre o volante do veículo.

— Agarrem-se ao que puderem.

16h35

Gray sentou-se no último lugar da cabina e apertou o cinto, ficando virado para as traseiras do veículo. Harrington encontrava-se sentado do lado oposto, também com o cinto apertado.

O veículo guinou de repente para o lado, fazendo uma curva apertada à direita. Ergueu-se sobre duas rodas, com a borracha a guinchar sobre a pedra molhada, oscilando perigosamente enquanto ainda rodopiava para a direita, girando a traseira para bombordo.

Gray susteve a respiração, com a certeza de que iam capotar, mas o veículo acabou por se endireitar e voltou a assentar sobre as quatro rodas.

— Agora! — gritou ele para Harrington.

O professor carregou num botão preto grande por cima do seu assento.

Trancas de metal saíram disparadas do topo da retaguarda e a porta das traseiras abriu-se, estendendo-se e formando uma rampa de evacuação. A ponta mais distante da rampa embateu no chão e ficou a arrastar atrás do veículo, abanando e saltando para cima e para baixo no chão da caverna, atravessando poças e riachos pouco profundos.

Harrington gritou para ser ouvido com o ruído do aço na pedra e a agitação da manada assustada no exterior.

— Deve ser este!

O professor apontou para um *Pachycerex* excepcionalmente grande que vinha a correr atrás do veículo e a bradar a sua fúria. O animal era um terço mais alto que os outros. Um dos CAAT pequenos acelerava, ainda a tentar compensar a manobra súbita do grande veículo de neve.

Gray levantou a espingarda DSR e apontou para a parte de trás do enorme *Pachycerex*. Esperou até que o CAAT que os perseguia ficasse lado a lado com o animal e disparou.

O coice da espingarda elétrica atingiu-o no ombro. O impulso foi suficiente para lhe deixar os dentes a ranger. A bala sónica atingiu o flanco do animal. Sabia-o porque a pele do animal brilhava num tom escuro de escarlate e, de repente, exibia um tom azul, como se Gray tivesse disparado uma pistola de tinta contra o seu flanco.

A criatura rugiu e ergueu-se sobre as patas traseiras, contorcendo-se com o ruído e a dor. Voltou a cair de quatro e investiu na direção oposta... em direção ao CAAT que acelerava desse lado.

O animal dirigiu toda a sua raiva para o intruso. Baixou a cabeça e investiu sobre a parte lateral do veículo com um embate ruidoso de osso

contra aço. O CAAT mais pequeno foi abalroado e projetado no ar, capotando. Aterrou de lado na margem mais distante do lago e resvalou numa chuva de faíscas.

Um abatido.

Sabendo que estavam em menor número, Gray planeava usar este mundo hostil como arma, virá-lo contra os caçadores.

Kowalski guinou o veículo de neve em direção ao local da colisão, fazendo girar novamente a parte de trás. Gray foi atirado com força contra as fitas do cinto de segurança, quase deixando cair a espingarda. Iam aproveitar esta falha no cerco para se libertarem.

O veículo pesado passou pela zona do acidente. À distância, o CAAT maior ficou para trás. Gray observou os seus faróis, cada vez mais longe, pressentindo que a sua némesis se encontrava a bordo dele.

Vamos a isso.

16h36

Dylan vislumbrou um vulto na rampa do veículo de neve. A luz dos seus faróis revelou uma figura no seu interior que segurava uma espingarda comprida. Embora estivesse demasiado longe e só tivesse conseguido ver durante alguns segundos, Dylan lembrou-se do homem que vira há vinte e quatro horas, sentado no topo do *Sno-Cat* a disparar na direção do seu *Twin Otter*, quase abatendo o avião.

Tinha de ser o mesmo americano.

Então, o sacana sobreviveu... conseguiu chegar à estação.

Dylan sentiu um rasgo de admiração. Agora percebia porque é que Harrington continuava a escapar-lhe. O velhote tinha ajuda, alguém profissional e competente.

Os dedos de Dylan encontraram a coronha da sua pistola *Howdah* e apertaram o cabo de madeira antigo, preparando-se para o desafio que estava por vir.

O condutor do CAAT abrandou quando se aproximaram do local da colisão. O veículo mais pequeno encontrava-se de lado, numa ilha de luz, as lagartas ainda a rodar inutilmente no ar. A rampa de evacuação abrira com o impacto. Clarões de tiros surgiram do interior da cabina.

Alguém ainda estava vivo, ainda lutava.

E com boas razões para isso.

Pela escotilha aberta, o mundo de Hell's Cape, agitado e enfurecido pelo caos, entrava na cabina do veículo capotado, num frenesim de carne e ácido. Sombras moviam-se, rastejavam e deslizavam, amontoando-se em cima umas das outras, provavelmente atraídas pelo sangue dos feridos no seu interior. Um homem irrompeu da vaga mortífera, aos tropeções e cambaleante. Algo escabroso e semelhante a uma aranha agarrava-se ao seu ombro e pescoço. Pernas longas perfuravam a sua carne, fixando-se firmemente.

Era Seward, o líder daquela equipa. O homem lutou através das canas em direção aos faróis que se aproximavam, um braço erguido numa súplica silenciosa.

— Senhor? — perguntou o condutor, ainda a abrandar.

Em seguida, uma enorme sombra escura passou rente ao topo luminoso das canas e perfurou o homem pelas costelas, levantando-o no ar e levando-o.

Havia mais três homens a bordo do CAAT.

No entanto, por esta altura, o tiroteio cessara no seu interior.

Não havia nada a fazer.

Dylan dirigiu a sua atenção para a frente e apontou com o braço para a traseira do veículo de neve em fuga. Ainda tinha uma missão a cumprir.

— Segue em frente.

16h39

Gray vigiava a porta aberta das traseiras com a sua espingarda. Estava demasiado danificada para fechar. A ponta mais afastada da rampa saltava para cima e para baixo e fazia faíscas enquanto arrastava pelo chão da caverna. Expostos aos elementos, estavam ainda mais em risco. Gray disparava a sua DSR contra todas as sombras que se aproximavam, mas a trepidação provocada pelo veículo, juntamente com o fumo e o rugido dos motores, continuava a ser a sua melhor defesa.

Em seguida, uma buzina de estridente irrompeu por entre a cacofonia. Era Kowalski a apitar insistentemente.

O que foi agora?

Gray espreitou por cima do ombro e viu Jason e Stella a voarem pelas escadas abaixo, vindos da cabina principal do veículo.

— O Kowalski precisa de ti! — gritou Jason, acenando, em seguida, para Stella. — Nós ficamos de guarda à cabina.

A jovem aproximou-se de Harrington.

— Também devias ir, pai.

— Esperem. — O professor encontrara um velho par de binóculos da Segunda Guerra Mundial e olhava fixamente para a escuridão. Baixou-os e apontou. — Parece que o Wright se está a afastar de nós.

Gray virou-se e viu que Harrington estava certo.

Os faróis do CAAT afastavam-se do veículo de neve, dirigindo-se para a esquerda, levando o veículo de volta para os pântanos, em direção à escuridão ao fundo do Coliseum cavernoso.

Onde é que ele vai?

Harrington fez sinal com os binóculos.

— Vi qualquer coisa presa no topo daquele CAAT. Parecia um...

Um tremendo *boom* arrancou-lhe as últimas palavras, ecoando por toda a caverna, silenciando por alguns momentos os gritos e gemidos da vida alucinada que se encontrava por ali. Parecia vir de longe.

Quando o ruído retumbante cessou, Gray virou-se para Harrington.

— Foram as suas bombas antibunker?

O terror sufocou a garganta de Gray.

Será que Wright tinha feito ruir a outra ponta destes túneis?

Os olhos de Harrington estavam arregalados... mas por um medo diferente.

— Não. Se essas bombas tivessem rebentado, a explosão teria sido *muito mais* ruidosa. Teria feito abanar todo o sistema cavernoso.

Então, o que foi isto?

O professor respondeu à pergunta tácita.

— Acho que Wright plantou cargas explosivas mais pequenas, capazes de abrir um buraco na estação de Hell's Cape.

— Porque faria isso?

Harrington apontou para o CAAT desaparecido.

— Estava a tentar dizer-te... Ele tinha uma parabólica grande montada em cima do veículo, parcialmente coberta por uma lona. Acho que era uma parabólica do LRAD. Era quatro vezes maior que as que protegiam a estação.

Gray olhava fixamente em direção à trajetória de Wright pela caverna, para as profundezas deste mundo perdido.

Subitamente, percebeu o plano de Wright.

Imaginou um buraco através da superestrutura de Hell's Cape, expondo esta biosfera ao mundo exterior. *Se Wright conseguiu chegar*

suficientemente longe neste sistema e apontou a enorme parabólica do LRAD na direção da entrada destes túneis...

— Ele tenciona libertar este mundo no exterior — apercebeu-se Gray em voz alta, imaginando o dispositivo sónico a conduzir as criaturas deste território para a sua saída, recentemente aberta.

Harrington parecia nauseado.

— Os danos provocados ao libertar estas espécies agressivas de AXN nos nossos ecossistemas, já estabelecidos, seria incalculável — disse Harrington, abanando a cabeça. — Por que razão faria alguém tal coisa?

— O porquê pode esperar — disse Gray. — Por agora, temos de evitar que isso venha alguma vez a acontecer.

Stella acenou com a cabeça.

— Se conseguíssemos chegar à Porta dos Fundos e detonar as bombas antibunker, fazendo ruir os túneis na outra ponta, ainda conseguiríamos manter tudo aqui preso, independentemente de Wright ligar ou não a enorme parabólica do LRAD.

Era a sua melhor opção.

A buzina do veículo de neve soou novamente, agora de forma contínua para lhes chamar a atenção.

Gray apontou para a rampa oscilante, gritando para ser ouvido:

— Jason, Stella! Não deixem nada entrar!

Se Harrington estivesse certo, não podia deixar que nada os atrasasse.

Depois de obter confirmação de Jason e Stella, Gray dirigiu-se de forma apressada para a frente do veículo, arrastando o professor consigo. Trepou rapidamente a escada e ajudou Harrington a subir para a cabina de cima.

Kowalski olhou para eles com um ar reprovador, largando a corrente que acionava a buzina quando puxada. O clamor finalmente cessou.

— Até que enfim. — Um braço maciço apontou para a frente. — Doutor, é aquela a sua Porta dos Fundos?

Os potentes faróis do veículo rasgavam a escuridão, revelando uma instalação incrustada como uma craca de aço no cimo da parede distante. Os cabos do teleférico ao longo do teto iam ao encontro desta pequena base, que, pela série de salas quadradas interligadas e túneis selados, podia ser confundida como uma estação espacial em terra.

— Aquela é a subestação — concordou Harrington. — Enfiámo-la num fenda natural, uma fissura que vai quase até à superfície. Perfurámos um túnel até ao topo.

Criando esta saída nas traseiras.

— Então, temos um problema — disse Kowalski, baixando o braço e chamando-lhes a atenção para o terreno à sua frente.

Entre o veículo de neve e a Porta dos Fundos, um amplo afluente atravessava o seu caminho. O curso de água fluía rapidamente, deixando um rasto de espuma por entre rochas denteadas e estalagmites afiadas. Parecia demasiado profundo para o veículo de neve o atravessar.

Mas nem tudo estava perdido... ou, pelo menos, não *completamente*.

— O que achas? — perguntou Kowalski.

À esquerda, um velha ponte de madeira e ferro arqueava-se sobre o rio. Durante a sua passagem pelo Coliseum, os resquícios de outros pilares da ponte salpicavam esta paisagem alagada, provavelmente construída pelos americanos que exploraram primeiro este local. Deve ter sido uma tarefa hercúlea.

Gray lembrou-se da história de Harrington sobre a Operação Highjump. Não admira que Byrd precisasse de tantos navios, aviões e mão de obra. Aventurar-se aqui em baixo era como explorar a superfície de Marte.

Enquanto o veículo de neve se dirigia para a ponte, Gray reparou que muitas das travessas da via férrea, sobre as quais assentavam os carris, tinham apodrecido ou caído há muito tempo. Imaginou as ruínas das outras pontes.

— Achas que aguenta connosco? — perguntou Kowalski.

Harrington mordeu o lábio inferior, claramente procurando alguma razão para se manter otimista.

— Estes suportes velhos devem ter sido originalmente concebidos para suportar o peso e o tamanho do veículo de Byrd.

Mas isso fora há setenta anos.

Ainda assim, Gray não via outra opção. A Porta dos Fundos ainda estava a trezentos metros de distância. Para chegar à estação a tempo de travar Dylan, precisavam da velocidade do veículo de neve... juntamente com a segurança relativa do seu abrigo.

— Vamos ter de arriscar — afirmou Gray. — Com o impulso certo, devemos ser capazes de voar por cima da ponte até ao outro lado se esta desabar por baixo de nós.

— Tu é que mandas — disse Kowalski.

O corpulento homem pôs o veículo em marcha rápida novamente, utilizando o que restava de combustível para andar mais depressa.

Gray gritou para os dois que se encontravam no piso abaixo.

— Agarrem-se a algo e segurem-se bem!

Considerou tirar Jason, Stella e Harrington do interior do veículo antes de tentar esta travessia perigosa. Mas fazê-lo ia custar-lhes demasiado tempo, energia e combustível. Além disso, se tudo corresse mal, deixar os três ali sozinhos não seria mais seguro que o que estavam prestes a fazer.

Talvez fosse até menos seguro deixá-los.

— Segurem-se bem! — gritou Gray quando o veículo de neve chegou ao rio e acelerou em direção à ponte.

Gray encolheu-se quando os pneus da frente tocaram no primeiro conjunto de travessas de madeira, mas os pilares robustos aguentaram. Expirou lentamente, ainda a preparar-se para o pior. O veículo percorreu os carris que se estendiam ao longo de cinquenta *longos* metros à sua frente.

Pelo retrovisor, observou duas tábuas a partir sob o peso do veículo e a cair para o rio agitado em baixo. No entanto, os pneus gigantescos atravessavam quaisquer pequenas fendas. Não era nada que o veículo não conseguisse aguentar. Até agora, a velocidade e o impulso estavam a seu favor.

Mas a sorte não.

Algo luminoso foi disparado por cima do lago e vinha na sua direção.

Gray viu de relance de onde vinha. Uma piscina de luz revelou a presença distante do segundo CAAT mais pequeno. Ao que parecia, não tinha seguido o seu irmão mais velho, em vez disso fora enviado para os emboscar.

Uma figura encontrava-se de pé no cimo da cabina do CAAT, arriscando-se bastante face aos perigos que existiam por ali, balançando o comprimento fumegante de um lança-granadas-foguete nos seus braços.

A granada disparada atingiu a ponte à sua frente, explodindo travessas antigas e destruindo ferro.

Sem conseguir parar a tempo, o veículo de neve chegou à parte dos carris que fora rebentada e mergulhou de frente para o rio.

QUARTA PARTE

DESCIVILIZAÇÃO



30 de abril, 12h45 AMT

Roraima, Brasil

Quem diria que tantos problemas poderiam vir numa embalagem tão pequena?

Escondido nas sombras nos limites da sua propriedade, Cutter Elwes observava a jovem rapariga a descer com hesitação do helicóptero para a cume do *tepui*. Estendeu uma mão com a palma virada na direção da luz brilhante do sol, puxando para baixo a pala do seu boné de basebol. Tinha vestida uma blusa larga e um colete e o cabelo preso num rabo de cavalo.

Não era nada desagradável à vista.

Mas nada se comparava à beleza que a seguia de perto e lhe segurava o cotovelo. Cutter sorriu ao ver a gémea da sua mulher, de feições idênticas às de Ashuu, embora Rahei tivesse um coração de pedra quando comparada com a alma generosa da irmã. Nem naquele preciso momento Rahei demonstrava qualquer emoção ao ver Cutter, apenas virando os seus olhos negros para ele e empurrando a prisioneira na sua direção.

Anteriormente, Cutter recebera um fax com o passaporte da sua convidada, encontrado enquanto vasculhavam os seus pertences depois de a terem capturado. Uma breve investigação ao seu historial revelara muitos pormenores interessantes sobre a sua nova convidada, uma mulher

chamada Jenna Beck. Ao que parecia, Jenna fazia parte dos guardas-florestais da Califórnia, no lago Mono, onde Kendall Hess estabelecera as suas instalações de investigação.

Não podia ser uma coincidência.

Mateo mencionara uma guarda-florestal persistente que talvez tivesse testemunhado o rapto do doutor Hess. O homem também relatara a presença dessa mesma guarda-florestal no tiroteio no cimo da colina.

Será que era a mesma pessoa que se encontrava à sua frente?

Interessante.

Curioso por saber mais, Cutter saiu da sombra da caverna que abrigava a sua casa. O sol brilhava intensamente no céu, mas mesmo assim não era suficiente para dissipar a neblina que envolvia os flancos da sua casa no cimo da montanha.

Reparou numa série de emoções percorrerem o rosto da mulher quando o viu. Pelo ligeiro arregalar de olhos dela, uma expressão era fácil de identificar.

Reconhecimento.

Então, ela conhece-me.

Será que a sua visita em má altura à base do lago Mono despoletara uma série de eventos que levara à chegada da equipa americana a Boa Vista, onde teriam feito perguntas sobre um homem morto? Esta questão levantou outras, mas haveria tempo para elas dentro de breves momentos.

Cutter aproximou-se dela e estendeu a mão para a cumprimentar.

Jenna ignorou-o.

— És o Cutter Elwes.

Cutter fez uma ligeira vénia com a cabeça, como que a admitir a verdade da afirmação de Jenna, não encontrando qualquer razão para continuar a farsa.

— E tu és a Jenna Beck — respondeu ele. — A guarda-florestal que nos tem dado tantas dores de cabeça.

Ele sentiu algum prazer em observar a expressão de espanto no rosto de Jenna. Ainda assim, a mulher recuperou a compostura de forma muito calma.

— Onde está o doutor Hess? — perguntou ela, olhando em volta, o seu olhar demorando-se na casa que se encontrava atrás dele.

— Está são e salvo. A fazer um trabalhinho para mim.

A desconfiança era evidente no rosto de Jenna.

Cutter também tinha uma pergunta para fazer.

— Como me encontrou, menina Beck? Esforcei-me muito para permanecer no mundo dos mortos.

A mulher ponderou a sua resposta antes de começar a falar. Um erguer desafiador do seu queixo sugeriu que ia optar por dizer a verdade, quaisquer que fossem as consequências.

— Através da Amy Serpry — disse ela. — A informadora que colocaste no laboratório do doutor Hess.

Cutter já suspeitava disso, visto que as suas tentativas anteriores de contactar a jovem devota ao Dark Eden tinham falhado. Inicialmente, pensou que ela tivesse morrido durante a fuga do agente, mas era mais provável que tivesse sido capturada.

— E onde está a Amy agora?

Cutter ponderou o que a mulher revelara às autoridades. Não que estivesse muito preocupado. Amy nunca visitara o seu *tepui* e não sabia nada sobre a verdadeira dimensão dos seus planos.

— Morta — respondeu Beck. — Vítima do mesmo organismo que libertou na Califórnia.

Cutter refletiu para compreender o que sentia em relação à sua perda, mas não descobriu uma resposta emocional intensa.

— A Amy conhecia os riscos. Era um soldado dedicado ao Dark Eden, feliz por contribuir para a causa.

— Não me parecia muito *feliz* no final.

Cutter encolheu os ombros.

— Existem muitos sacrifícios penosos que têm de ser feitos.

E muitos mais serão feitos, como esta jovem rapariga vai perceber muito em breve.

Cutter fez sinal a Rahei para trazer a prisioneira, enquanto se virava. Dirigiu-se para a entrada da sua casa. Viu um pequeno rosto a espreitar. O seu filho, Jori, ficava sempre curioso quando via pessoas desconhecidas. Cutter era o culpado, pois mantinha o rapaz sempre tão isolado de tudo e de todos.

Fez sinal ao filho para voltar para dentro de casa.

Esta era uma visita que Jori não precisava de conhecer.

— Quero ver o doutor Hess — insistiu Jenna —, antes de dizer mais alguma palavra.

Apesar da sua coragem, Jenna sabia que Rahei era capaz de a fazer falar em menos de uma hora, mas tal não seria necessário.

Cutter olhou de relance para trás.

— Para onde achas que te estou a levar?

12h48

Não pode ser...

Kendall olhava fixamente para o ecrã do computador no laboratório principal, enquanto Mateo rondava por perto.

Depois de ter completado a sua análise ao código genético que Cutter desenhara — o código que se destinava ao seu invólucro viral —, Kendall

despiu o fato de biossegurança e regressou à sua bancada de trabalho na sala que ficava do lado de fora do laboratório.

Utilizara a técnica CRISPR-Cas9 para decompor o código de Cutter, gene a gene, nucleótico por nucleótido. Descobriu que o código era muito simples: uma única sequência de ARN, uma apresentação comum para uma ampla família de vírus.

Esta abordagem minimalista sugeria que Cutter pegara num vírus comum e inserira um novo código no seu interior, utilizando a mesma técnica de hibridização a que recorrera para criar as espécies quiméricas que habitavam aquela dolina.

Mas qual seria a origem primordial do vírus?

Era um *puzzle* simples de resolver. Analisou o código num programa de identificação e encontrou 94 por cento de correspondência com um norovírus comum. Este vírus específico era a praga dos navios de cruzeiro ou de qualquer outro local onde se reunisse uma grande quantidade de pessoas. Era um dos vírus mais contagiosos da natureza, sendo apenas necessárias cerca de vinte partículas para infetar uma pessoa. Podia ser transmitido através de fluidos corporais, pelo ar ou, simplesmente, pelo contacto com superfícies contaminadas.

Se a intenção fosse criar um organismo universalmente contagioso, o norovírus seria uma boa escolha. A desvantagem era a sua elevada sensibilidade a desinfetantes, lixívia e detergentes comuns, pelo que podia ser prontamente combatido.

Contudo, se aquele vírus estivesse protegido dentro do meu invólucro, nada o poderia parar.

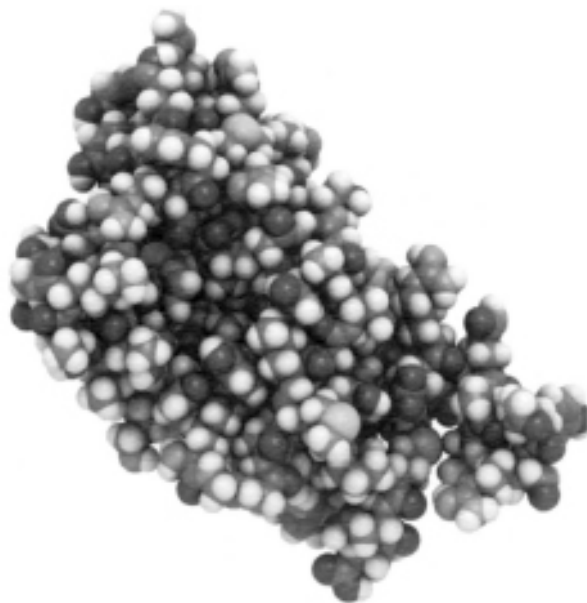
Ainda assim, o norovírus não costumava ser fatal, sobretudo em indivíduos saudáveis. Despoletava apenas sintomas parecidos com os da gripe. Este facto levantava uma preocupação ainda maior.

O que é que Cutter adicionou à mistura?

O que constituía os outros seis por cento do código?

O restante material genético parecia ter as mesmas sequências repetidas de um gene codificador de proteína específico. Para descobrir de que proteína se tratava, Kendall analisou a sua descoberta num programa de modelação que convertia o código numa cadeia de aminoácidos, e depois, a partir dessa cadeia, o computador criou um modelo tridimensional dessa proteína final.

Kendall olhava fixamente para o modelo, observando-o a girar no ecrã.



Apesar de ter sido ligeiramente alterado, Kendall ainda conseguia reconhecer esta proteína enovelada única. Confirmou-o com o mesmo programa de correspondência.

Meu Deus, Cutter, o que estás a planejar fazer?

Como se tivesse sido evocado pelo seu pensamento, a porta do laboratório abriu e Cutter entrou. Duas mulheres acompanhavam-no. Uma era a sua esposa, ou pelo menos parecia ser, embora algo não batesse certo. Faltava-lhe a paixão calorosa da mulher de Cutter e não existia o afeto latente entre marido e mulher que Kendall testemunhara antes.

Depois percebeu tudo, lembrando-se da característica invulgar da tribo. Esta deve ser a gémea da mulher de Cutter... a outra irmã de Mateo.

A confirmar a conclusão a que chegara, a reação do homem marcado por cicatrizes a esta mulher foi muito diferente da forma como recebera Ashuu. Mateo mal olhava nos olhos desta irmã, parecendo estranhamente assustado e nervoso.

Antes que conseguisse perceber a razão, surgiu a segunda mulher. Pela roupa e atitude, parecia ser americana. Ainda assim, havia algo de estranhamente familiar nela, como se já se tivessem conhecido. Mas não conseguia perceber de onde, nem quando.

Cutter fez as apresentações.

— Kendall, esta é a minha cunhada, Rahei. E esta jovem adorável ao meu lado vem dos teus lados. Uma guarda-florestal da Califórnia. A menina Jenna Beck.

Kendall pestanejou, surpreendido, lembrando-se de súbito. *Conhecera* de facto esta jovem por breves instantes, em Lee Vining, enquanto tomavam café no Bodie Mike's. Ela fizera-lhe perguntas sobre a sua investigação no lago. Teve dificuldade em processar a confusão que sentia.

O que fazia ela aqui, agora?

Pela raiva evidente no seu rosto e pela sua atitude tensa, não era cúmplice nesta situação.

Jenna passou para o lado de Kendall, tocando-lhe com o cotovelo, preocupada.

— Está bem, doutor Hess?

Ele humedeceu os lábios com a língua, demasiado chocado para sequer saber responder a esta pergunta.

O olhar de Cutter recaiu sobre o ecrã.

— Ah, Kendall, vejo que fizeste grandes progressos durante a minha ausência.

Kendall olhou de volta para a proteína que girava lentamente no ecrã.

— Aquilo é uma espécie de prião, não é?

— Muito bem. É, de facto. Na verdade, é uma versão modificada da proteína infecciosa responsável pela doença de Creutzfeldt-Jakob, uma doença que se apresenta nos humanos como demência que progride de forma rápida.

Jenna olhou para os dois homens.

— De que estão a falar?

Kendall não tinha tempo de explicar em pormenor... não que ele próprio compreendesse tudo. Os priões eram meros fragmentos de proteína sem um código genético próprio. Assim que a vítima era infetada, aquelas proteínas danificavam outras proteínas, sobretudo no cérebro. Como consequência, as doenças causadas por priões costumavam ser lentas, mais difíceis de disseminar.

Mas agora já não.

Kendall virou-se para Cutter.

— Criaste um norovírus contagioso, que se pode disseminar rapidamente e espalhar este prião mortífero em grandes quantidades.

— Antes de mais, não é *mortífero* — corrigiu Cutter. — Eu modifiquei a estrutura genética do prião para não ser fatal. Tal como te prometi logo no início, nem humanos nem animais serão mortos pela ação direta do meu organismo.

— Então, qual é o teu objetivo? É óbvio que queres inserir a tua criação no meu invólucro, para fazer com que o teu código seja praticamente impossível de erradicar. Assim que for encapsulado, poderá espalhar-se rapidamente sem haver qualquer possibilidade de o parar.

— É verdade. Mas foi também o tamanho pequeno do teu invólucro que me intrigou, um sistema de distribuição genética suficientemente pequeno para passar facilmente através da barreira hematoencefálica. Isto

permite que estas pequenas fábricas de priões tenham livre acesso aos sistemas neurológicos dos infectados.

Kendall não conseguiu esconder o seu horror e até mesmo a guarda-florestal percebeu o suficiente para ficar pálida. As doenças causadas por priões já eram incuráveis, os danos que provocavam permanentes. Os sintomas clínicos típicos eram demência generalizada e a perda progressiva das capacidades cognitivas superiores, transformando uma pessoa inteligente num vegetal.

Kendall imaginou a doença criada por Cutter a espalhar-se por toda a população, tão imparável como o organismo que escapara do seu laboratório, deixando um rasto de destruição neurológica à sua passagem.

Cutter deve ter-se apercebido do desânimo nos olhos de Kendall.

— Não temas, meu amigo. Não só manipulei o prião para *não* ser fatal, como o concebi para se *autodestruir* após um determinado número de repetições, evitando assim a aniquilação total do cérebro da vítima.

— Então, qual é o seu propósito?

— É uma dádiva — disse Cutter, sorrindo. — Deixará os infectados a viver num estado mais simples, em harmonia com a natureza, para sempre livres de funções cognitivas superiores.

— Por outras palavras, reduzindo-nos a animais.

— E o mundo ficará melhor assim — disse Cutter.

— Isso é desumano — protestou Jenna, igualmente horrorizada.

Cutter virou-se para ela.

— A Jenna é guarda-florestal. Devia compreender isto melhor do que ninguém. Ser *desumano* é humano. Nós já somos animais que fingem ter alguma moral. Precisamos de religião, governo e leis para exercer algum nível de controlo sobre a nossa natureza básica. Eu pretendo eliminar a doença que é a *inteligência*, acabar com o engano que leva a humanidade a acreditar que é a espécie mais poderosa e mais merecedora deste planeta.

Cutter acenou com o braço para englobar tudo.

— Nós queimamos florestas, poluímos oceanos, derretemos calotas glaciares, lançamos dióxido de carbono para o ar... somos a maior força por trás de uma das maiores extinções em massa neste planeta. É um caminho que levará, inevitavelmente, ao nosso *próprio* fim.

Kendall tentou contra-argumentar, mas Cutter interrompeu-o.

— Ralph Waldo Emerson é que tinha razão. *O fim da raça humana será trazido pela eventual morte da civilização*. Já nos encontramos quase lá, mas o que deixaremos para trás na hora da nossa morte? Um planeta tão poluído a ponto de nada conseguir sobreviver nele?

A guarda-florestal levantou-se, discordando das suas afirmações.

— Mas é a *civilização*... é a nossa *inteligência* inata que contém, também, a possibilidade de nos salvarmos a nós mesmos e a este planeta. Enquanto os dinossauros não conseguiram ver o meteoro que vinha na sua direção, muitos de nós *vemos* o que está a acontecer e estamos a lutar por mudanças.

— Tens uma perspetiva muito limitada sobre a civilização, minha querida. Os dinossauros dominaram o planeta durante cento e oitenta e cinco milhões de anos, enquanto o homem moderno só existe há duzentos mil anos. E a civilização há uns meros dez mil.

Cutter abanou a cabeça para dar mais ênfase ao seu discurso.

— A sociedade é uma ilusão de controlo destrutiva, nada mais. E vejam os danos que causou. Durante esta curta experiência com a *civilização*, nós, enquanto espécie, já estamos à beira de um colapso ecológico absoluto, provocado pelas nossas próprias mãos. Acreditam mesmo que algo vai mudar neste mundo industrial, flagelado por nações em guerra constante, por políticas motivadas pela ganância?

Jenna suspirou ruidosamente e disse:

— Temos de tentar.

Cutter bufou.

— Isso nunca irá acontecer, muito menos a tempo. O melhor caminho? Está na altura de *descivilizar* o mundo, a fim de travar esta experiência ridícula antes que não sobre nada neste planeta.

— E esse é o teu plano? — perguntou Kendall. — Espalhar este vírus e privar a humanidade da sua inteligência.

— Eu prefiro pensar que estou a curar a humanidade da doença chamada *civilização*, a fim de deixar apenas o animal natural, nivelando a existência de todos. Para fazer com que a única lei seja *a sobrevivência do mais apto*. O mundo ficará, assim, mais forte e mais saudável.

Jenna olhava fixamente para Cutter, com um ar desconfiado.

— E tu? — perguntou ela. — Também vais receber esta *cura*?

Cutter encolheu os ombros, mas parecia irritado pela pergunta, a qual fez Kendall gostar ainda mais dela.

— Alguns têm de ser poupados para supervisionar esta transição.

— Estou a ver — disse Jenna, claramente salientando a sua hipocrisia. — Isso é muito conveniente.

Bastante irritado, Cutter virou-se para Kendall.

— Já está na hora, meu amigo, de me mostrares o teu método para armar o teu invólucro viral.

Kendall buscou força na coragem da jovem.

— Não posso — disse ele com toda a honestidade.

— Não podes ou não queres? — perguntou Cutter. — Tenho sido muito paciente contigo, Kendall, porque já fomos amigos, mas existem maneiras de te fazer cooperar.

Cutter olhou de relance para a irmã da sua mulher. Um brilho nos olhos escuros de Rahei sugeriam que ela gostaria desse desafio.

— Não é uma questão de me recusar, Cutter, ainda que estivesse disposto a fazê-lo se adiantasse alguma coisa, mas não adianta. É o

simples facto de a chave que queres estar fora do alcance de qualquer um de nós. Não posso fazer a sua síntese. Não aqui. A sequência de AXN necessária para desbloquear o meu invólucro só pode ser encontrada na natureza.

Aquela natureza de que tu tanto gostas.

— Onde?

— Tu sabes onde, Cutter.

Cutter acenou com a cabeça, fechando os olhos.

— É claro... na Antártida — murmurou ele. — Deve existir uma espécie específica daquela biosfera-sombra, algo que contenha um código genético único que funcione como a chave que procuro.

Kendall ainda se assustava com a velocidade a que a mente daquele monstro funcionava.

Cutter abriu os olhos.

— Qual é a espécie?

Kendall fitou aquele olhar impassível, pronto para tomar uma posição. Se Cutter colocara uma informadora no seu laboratório, de certeza que tinha uma pessoa ou uma equipa infiltrada na estação de Harrington. Era um facto que Cutter sabia o suficiente sobre Hell's Cape. Se este sacana descobrisse a verdade, poderia obter a última peça deste terrível *puzzle* genético.

Isso nunca poderá acontecer.

Cutter leu a determinação na expressão de Kendall e abanou a cabeça, desiludido.

— Como queiras. Então, vamos ter de o fazer da maneira mais difícil.

Kendall sentiu os joelhos tremer. Daria o seu melhor para suportar a tortura que estava por vir.

Cutter virou-se para Jenna, acenando a Rahei com a mão.

— Vamos começar por ela e deixar Kendall assistir, para que perceba melhor o que aí vem.

13h00

— Estamos a uma hora do destino! — gritou Suarez da frente, sentado ao lado do piloto do *Valor*.

Painter olhou pela janela atrás do seu ombro envolto em ligaduras. Antes da descolagem, tomara uma mão-cheia de ibuprofeno e retirara a ligadura que lhe segurava o braço ao peito, mas até este simples movimento lhe provocava dores que mais pareciam facadas. Estudava o terreno, apenas conseguindo ver o mar verde que se estendia por baixo das turbinas murmurantes do rotor basculante. Algures à frente ficava o seu destino, o *tepui* onde o homem morto, Cutter Elwes, construía a sua casa.

E, esperamos nós, onde encontraremos a Jenna e o doutor Hess.

Estavam a ficar sem tempo.

Ainda tinha o telefone com receção por satélite encostado ao ouvido.

— Não existe alguma maneira de empatar o Lindahl? — perguntou ele.

Lisa respondeu.

— Os padrões climatéricos alteraram-se na última hora. E não para melhor. A próxima tempestade está a aproximar-se mais depressa do que prevíamos inicialmente e espera-se que chegue às montanhas a meio da tarde. As estimativas da velocidade do vento e da precipitação sugerem que esta tempestade será três ou quatro vezes mais violenta que a anterior. Devido a essa ameaça, agendaram a opção nuclear para o meio-dia, em vez do final do dia.

Meio-dia...

Painter olhou para o relógio e calculou a diferença horária. Faltavam apenas duas horas. E ainda tinham mais sessenta minutos pela frente antes de chegarem ao *tepui*, o que não lhes dava quase tempo nenhum para encontrar Kendall Hess e descobrir se existia uma opção não nuclear para fazer face à ameaça.

Painter reconheceu a impossibilidade da tarefa em mãos. Olhou fixamente para os fuzileiros à sua volta. Estava sentado entre dois homens sob o comando do sargento Suarez: Abramson e Henckel. Do outro lado da cabina, Drake conversava em voz baixa com Malcolm e Schmitt. Foi buscar forças aos homens duros que o acompanhavam.

Ainda assim...

— Quando vão evacuar a base? — perguntou ele.

— Já estão a fazê-lo. A Guarda Nacional passou a pente fino a região durante o dia, evacuando todos os habitantes locais mais teimosos, que desobedeceram à ordem obrigatória de evacuação. O pessoal da base está a desmontar os laboratórios e a transferir o Josh neste preciso momento.

— E tu e o *Nikko*?

— Não confio no Lindahl. Vou esperar pelo último autocarro a sair daqui. A Sarah... a cabo Jessup já preparou um pequeno helicóptero para nos pôr a salvo.

— Não esperes demasiado — avisou ele, temendo por ela de tal maneira que lhe secava os lábios.

— Não te preocupes. O Edmund vai-me mantendo informada regularmente sobre os avanços da equipa nuclear que está a preparar o dispositivo. Ainda estão a fazer os cálculos finais. O plano é elevar a bomba com um helicóptero teleguiado até uma determinada altitude, para alcançar o máximo efeito possível em todos os cumes de montanha e vales da região. A equipa ainda está a trabalhar nos últimos pormenores. — A voz de Lisa tornou-se mais tensa. — Por isso, Painter, tens de descobrir

alguma coisa... se não uma cura, pelo menos alguma esperança para adiar o inevitável.

Painter suspirou profundamente. Não era um pedido simples. Mesmo que conseguisse descobrir alguma solução para esta ameaça, algum agente biológico desconhecido, será que era possível manipulá-lo ou usá-lo a tempo de travar esta resposta nuclear?

— Vou fazer tudo o que puder — prometeu Painter.

Despediu-se e terminou a chamada, pousando o telefone sobre os joelhos.

Drake decifrou a expressão no seu rosto e disse:

— Deixa-me adivinhar. As notícias de casa não são boas.

Painter abanou a cabeça lentamente.

Não eram mesmo nada boas.

Sentindo uma súbita dor no ombro, Painter virou-se para a janela, avistando, por fim, uma montanha escura a surgir no horizonte.

Duvido muito que a situação seja melhor por ali.

13h05

— Isto é capaz de arder — disse Cutter Elwes.

Jenna estava sentada no laboratório, presa a uma cadeira pelo enorme nativo, Mateo. Era o mesmo homem que a emboscara naquela cidade-fantasma no cimo da colina. Reconheceu-o pela cicatriz arroxada que lhe percorria a face até ao queixo. Parecia que a situação tinha dado uma volta de trezentos e sessenta graus.

— Não faças isso — pediu Kendall. — Por favor.

Cutter endireitou-se, segurando nas mãos uma ferramenta com a forma de uma pistola. Reconheceu uma pistola injetora modificada, utilizada

para administrar vacinas. Preso na ponta, encontrava-se um pequeno frasco invertido, contendo um líquido cor de âmbar.

Jenna desconfiou que não ia ser ameaçada com a vacina contra a gripe.

— Diz-me apenas o nome da espécie de AXN que é a chave biológica — disse Cutter a Kendall. — E nada disto tem de acontecer.

— Não diga — protestou Jenna, sentindo alguns dedos cravarem-se de forma dolorosa nos seus ombros, avisando-a para ficar em silêncio, mas ela ignorou a ameaça. — Não lhe dê o que ele quer.

Kendall hesitou, claramente, mas acabou por cruzar os braços.

— Muito bem — disse Cutter.

A mulher morena, Rahei, puxou a manga de Jenna mais para cima.

Cutter pressionou o cano da pistola injetora contra o braço de Jenna.

— É a tua última oportunidade, Kendall.

O investigador desviou o olhar de Jenna, sentindo uma enorme culpa.

Cutter encolheu ligeiramente os ombros e premiu o gatilho. Ouviu-se o assobiar do gás comprimido e uma picada penetrou a pele de Jenna, que a sentiu até ao osso.

Jenna praguejou entredentes quando Mateo a largou. Esfregou o braço e pôs-se de pé.

— O que foi aquilo?

Cutter ergueu a pistola injetora, espalhando o resto do conteúdo do frasco.

— ARN sem cápsula viral.

Jenna lembrou-se da discussão anterior.

— É o código genético que tu manipulaste. Aquele que afeta o cérebro.

— Precisamente. Mas, na sua forma atual, é apenas moderadamente viral e muito sensível às pressões ambientais. É por esta razão que preciso do invólucro viral de Kendall.

Jenna percebeu. Ele queria criar um microrganismo com resistência antibiótica que derrubasse a raça humana e a fizesse regredir até à Idade da Pedra... ou até *antes* disso.

— Mas no seu estado mais puro — acrescentou ele —, os danos neurológicos serão os mesmos.

Jenna respirou fundo, receosa da resposta à sua próxima pergunta.

— Quanto tempo tenho?

— Deves começar a sentir os efeitos dentro dos próximos trinta minutos. Febre moderada, ligeira dor de cabeça, rigidez no pescoço... depois, ao longo das horas seguintes, as mudanças degenerativas irão manifestar-se a um ritmo cada vez mais acelerado. A linguagem costuma ser a primeira função a ser afetada, depois os pensamentos complexos, por fim, a noção de si mesmo desaparece, deixando apenas desejos básicos e o instinto de sobrevivência.

O horror instalou-se no fundo do seu estômago.

— Então... então já testaste isto em pessoas? — perguntou Jenna, na esperança de que ele tentasse justificar os seus atos hediondos.

Em vez disso, Cutter respondeu calmamente:

— Minuciosamente, minha querida. Minuciosamente.

Kendall tocou na mão de Jenna.

— Desculpa.

Cutter dirigiu-se a Rahei.

— Leva a menina Beck para uma das nossas jaulas de testes. Lá em baixo, no Nível Negro.

Assim que ouviu as instruções, os lábios da mulher nativa esboçaram um sorriso de pura malícia. Era a primeira emoção intensa que Rahei expressava.

Isso assustava Jenna mais do que qualquer outra coisa.

Rahei agarrou-lhe o antebraço e levou-a para fora do laboratório, levando consigo outro nativo que se encontrava junto à porta com uma espingarda ao ombro. Jenna reparou que a arma tinha um pedaço de metal amarelo, em forma de U, enfiado na ponta do cano, como uma baioneta, com pontos de contacto de cobre expostos na ponta.

Jenna reconhecia o desenho.

Um bastão elétrico para controlo de gado.

Jenna manteve-se afastada daquela arma, enquanto Rahei a encaminhava para fora do laboratório. Levaram-na ao longo de um túnel comprido que parecia atravessar o coração de pedra da montanha. Depois de passar uma porta fortemente blindada no final, reparou que estava novamente no exterior.

Protegeu os olhos do sol, que queimava mesmo por cima da sua cabeça, brilhando intensamente pela garganta do que parecia ser uma dolina. Alguém a convertera numa espécie de jardim dividido em vários níveis, repleto de orquídeas, bromélias e trepadeiras em flor. No fundo, as copas verdejantes de uma floresta refletia a luz do sol. Cada nível, do fundo ao topo, parecia estar separado por níveis com vedações, ligados entre si por uma rampa de pedra em espiral, esculpida ao longo das paredes.

Rahei empurrou-a para uma escada que se estendia da plataforma de aço para a estrada sinuosa. Um carrinho de golfe fechado esperava em baixo. Foi obrigada a sentar-se atrás com Rahei, enquanto o guarda armado se juntou ao condutor no banco da frente.

Quando estavam todos sentados, o carrinho de golfe desceu a rampa, com o seu motor elétrico a ronronar. Passou por uma série de portões, que abriam como que por magia à sua frente, provavelmente respondendo a um *chip* de identificação por radiofrequência inserido no carro.

Ao início, nada parecia invulgar nestes jardins, mas depois de passar alguns níveis Jenna começou a reparar em coisas estranhas. Embora não conhecesse bem a vida selvagem que habitava as florestas tropicais, algumas das plantas e dos animais pareciam ser extraterrestres. Inicialmente, os indícios eram subtis: abelhas do tamanho de nozes, uma parede de orquídeas pretas, cujas pétalas abriam e fechavam sozinhas, uma boa-anã que rastejava para dentro de um lago límpido, revelando uma série de guelras ao longo dos seus flancos.

No entanto, quando mais fundo iam, criaturas maiores apareciam, ainda mais fora do normal. Num ramo fino por cima da estrada, estava uma fila de ratos com listas de zebra pendurados pelas suas caudas preênses, semelhantes às que se encontram nos gambás. Enquanto esperavam que o portão abrisse por completo, uma vinha volumosa disparava espinhos contra eles, atingindo o carrinho de lado. Noutra curva, um bando de papagaios da Amazónia de grandes dimensões levantou voo à sua passagem, revelando um monte de plumagem de todas as cores, um caleidoscópio de penas que deliciavam a vista.

Um destes papagaios voou demasiado alto, parou de repente e caiu vários metros antes de recuperar os sentidos e voar ao encontro dos outros.

Jenna olhou fixamente para cima. Será que Cutter usava etiquetas eletrónicas ou *chips* para manter cada criatura confinada ao seu próprio nível? Ponderou esta possibilidade... qualquer coisa que ocupasse a sua mente e afastasse o terror que sentia dentro de si.

O carrinho continuou a descer vários níveis, o ar estava cada vez mais quente e mais húmido. O suor surgiu na sua testa e escorreu pelas suas costas abaixo.

Ela olhava para cima, para a entrada distante da dolina, estimando que estivessem a cerca de dois quilómetros de distância da mesma.

Nunca mais vou sair daqui.

O desespero dominou-a... até que, por fim, chegaram à floresta que crescia no fundo da dolina. Estimou que tivesse mais de oitenta e cinco mil metros quadrados.

Ao atravessar o último portão, passaram para baixo da copa das árvores.

Bem-vinda ao Nível Negro, pensou ela com tristeza.

Mas o que estaria lá em baixo?

A sua descida ao longo da rampa tornou-se cada vez mais sombria. A luz brilhante do sol transformou-se numa luz verde ténue. Quando os seus olhos se habituaram, reparou em filas de fungos, ligeiramente luminescentes, que brotavam ao longo do tronco das árvores. Pelo chão, charcos minúsculos e riachos estreitos refletiam a luz ténue, enquanto fetos com folhas volumosas preenchiam tudo em redor, compactados ao longo da solitária estrada de cascalho até à floresta.

O carrinho chegou a essa estrada e dirigiu-se para o interior da floresta. Ligaram, finalmente, os faróis.

Aproveitando a luz mais forte, Jenna tentou espreitar através das espessas paredes de vegetação, mas não conseguia ver muito longe. De vez em quando, o para-choques do carrinho tocava num feto e as suas folhas e caules esponjosos retraíam e enrolavam, oferecendo uma melhor visão da floresta.

No entanto, era apenas mais do mesmo.

Acabou por desistir e focar a sua atenção em frente, pensando para onde estaria a ser levada. Insetos zumbiam ruidosamente nos feixes de luz dos faróis. Por todo o lado, escorria água pelas folhas e pétalas de flores caíam suavemente para o chão.

A conversa entre o condutor e o guarda esmorecera assim que chegaram a este nível. O medo deles era palpável, o que fez o coração de Jenna disparar.

Cerca de trinta metros à frente, algo grande caiu vindo de cima e ficou esparramado na estrada. Quando chegaram ao local do embate, o carrinho contornou o que se encontrava despedaçado sobre o cascalho.

Jenna olhou fixamente para o esqueleto ensanguentado de uma cabra ou de um veado. Alguma carne ainda se encontrava presa à carcaça, incluindo um dos olhos, que a fitava, desprovido de vida, à medida que o carrinho passava.

Encostada à janela, Jenna procurou entre o emaranhado de ramos volumosos por cima da sua cabeça e a pérgula das copas escuras das árvores.

Não viu nada.

Quem ou o que deixara cair o...

Um rugido tremendo, repleto de raiva e fome territorial, estilhaçou o silêncio pesado. Em resposta, surgiram ruídos vindos do interior da floresta, ecoando por toda a parte.

Horrorizada, Jenna virou-se para Rahei.

A mulher estava novamente a sorrir.

30 de abril, 17h00 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

— Estão todos bem? — gritou Gray. — Respondam!

Levantou-se do fundo da cabina do veículo de neve e verificou se estava bem, colocando o dedo sobre uma ferida no escalpe, onde a sua cabeça batera contra um poste. Olhou de relance para a frente e viu o rio a correr para além do para-brisas estilhaçado. Há apenas alguns momentos, o veículo caíra da ponte que explodira, embatera nas suas estruturas de suporte e aterrara no rio.

Então porque não tinham afundado por completo?

Kowalski ajudou Harrington a sair do espaço em frente do banco do passageiro. O professor tinha um golpe feio na testa e os seus olhos pareciam confusos e desorientados.

Jason gritou da cabina principal das traseiras:

— Preciso de ajuda aqui em baixo!

Gray respondeu ao pânico na sua voz e empurrou tudo para fora do seu caminho até chegar à escada. Reparou que o piso inferior estava a ficar cheio de água, o rio entrava para dentro da cabina pela porta das traseiras, que se encontrava aberta. Um enorme espinho preto atravessava o veículo, desde o fundo até ao tejadilho. Gray lembrava-se de ver as estalagmites,

semelhantes a presas afiadas, a surgir de dentro do rio. O veículo devia ter-se empalado numa delas ao cair.

A estaca de pedra era, provavelmente, tudo o que os impedia de serem arrastados pelas correntes fortes e de se afundarem nas profundezas do rio.

Jason estava com dificuldade em ajudar Stella. Agarrado com força a um cano perto do teto, a sua outra mão segurava Stella junto ao peito. A cabeça dela oscilava de um lado para o outro, como se estivesse bêbeda, com metade do seu corpo ensanguentado. A corrente dentro da cabina ameaçava arrastar Jason a qualquer momento.

E não era só o miúdo que corria perigo.

O veículo inteiro estava a sofrer a pressão da corrente, rodando alguns graus sobre o espinho. Os suportes de madeira que se encontravam nas proximidades soltavam-se, fazendo com que mais pedaços da ponte caíssem para dentro do rio. A sua posição precária não aguentaria muito mais tempo.

Preparava-se para mergulhar no turbilhão escuro quando Jason gritou.

— Está algo na água para além de nós!

Gray voltou a colocar os óculos de visão noturna, tirou a espingarda DSR do ombro e ligou o seu dispositivo de infravermelhos. O feixe penetrava a água o suficiente para conseguir procurar nas suas profundezas, refletindo o chão de aço do veículo. Examinou a cabina até descobrir um feixe de tentáculos que entrava pela porta das traseiras e tateavam o veículo. Ao contrário de um polvo, estes apêndices tinham pinças afiadas no lugar de ventosas. Um peixe distraído passou demasiado perto da criatura e foi cortado ao meio num ataque tão rápido como um relâmpago. Membros mais pequenos apanharam os pedaços do peixe e levaram-nos.

Gray não queria saber a que criatura pertenceriam aqueles tentáculos.

— Tenta não te mexer! — gritou para Jason.

Infelizmente, Stella começou a recuperar os sentidos, esperneando, assustada, junto ao peito de Jason. Alguns dos tentáculos pretos serpentearam na direção deles.

Gray considerou disparar uma munição sónica, mas duvidava que a arma fizesse muito efeito sobre os tentáculos, enquanto o principal adversário ainda se encontrava escondido no exterior. No entanto, esse pensamento deu-lhe uma ideia. Na sua maioria, a vida aqui em baixo era bastante sensível a vibrações e sons. Uma única munição poderia não ser suficiente para afastar o predador escondido, mas, se ele conseguisse *amplificar* o efeito, poderia transformar o veículo num amplificador gigante.

— Jason, quando te fizer sinal, vens para junto de mim.

Jason parecia aterrorizado, mas respondeu com um aceno de cabeça firme.

Gray afastou a espingarda da água e apontou-a para o teto. Tinha medo de que o ruído no espaço fechado derrubasse Jason, mas tinha de arriscar. Premiu o gatilho. A emissão sónica atingiu o teto de aço e ressoou por toda a cabina do veículo, deixando-a a tinir como uma campainha.

Jason encolheu-se com o ruído, perdendo a força na mão que o segurava ao cano e caindo para dentro da água. Gray mergulhou atrás dos dois, reparando nos tentáculos da criatura a contraírem-se e a retirarem-se para fora da cabina. A corrente arrastou Jason na direção de Gray. Felizmente, o miúdo não largou Stella.

Gray apanhou ambos e juntos, ele e Jason, nadaram com Stella até à escada. A queda na água acordara-a o suficiente para que conseguisse subir os degraus. Kowalski puxou-a para cima, onde Harrington abraçou a filha com força.

— Eu estou bem — murmurou ela, encostada ao peito do pai.

Mas nenhum deles ficaria bem durante muito mais tempo.

Gray seguiu Jason de volta para a cabina da frente e apontou para a escotilha no tejadilho.

— Todos lá para cima!

O veículo cedeu, mais uma vez, com a corrente.

— Ainda estamos entalados no que resta da ponte — explicou ele. — Podemos tentar trepar pelo que resta dos suportes até chegarmos ao topo, depois atravessar de volta para a costa.

Kowalski foi primeiro, mal precisando da escada para abrir a escotilha e sair, mesmo com o peso da metralhadora que levava consigo. Quando chegou ao exterior, ajudou Harrington e a filha a subirem. Jason e Gray treparam rapidamente atrás deles.

Gray endireitou-se, aliviado por ver que os suportes pareciam ser fáceis de trepar para chegar ao cimo da ponte.

— Temos companhia — disse Kowalski num tom solene.

Gray virou-se e viu faróis ao longo do rio a ir na sua direção. Era o CAAT que lhes fizera a emboscada, provavelmente para confirmar que estavam todos mortos.

Gray apontou para a margem oposta, na direção da Porta dos Fundos.

— Jason, leva a Stella e o pai para a subestação, aciona as bombas antibunker e isola todo este local. O Kowalski e eu lidamos com os outros.

— O que vais fazer? — perguntou Jason.

— Eles emboscaram-nos... é só uma questão de boa educação retribuir o favor. Com alguma sorte, tomamos o veículo deles.

Jason olhou para ele, o sobrolho franzido, desconfiado.

— Tencionas ir atrás do Wright, não é?

— Se alguma coisa correr mal com aquelas bombas antibunker, não podemos deixar aquele sacana usar o LRAD para provocar uma debandada e libertar sobre o mundo o que se encontra neste sistema de cavernas.

Jason acenou com a cabeça e dirigiu-se para os suportes da ponte junto à dianteira do veículo. Gray e Kowalski foram na direção do emaranhado de aço e pedaços de madeira que se encontrava na parte de trás do mesmo.

Kowalski olhou para trás, para os outros três, e resmungou:

— Desde quando é que separarmo-nos é uma boa ideia?

17h07

Depois da ponte, Jason caminhava lentamente com Stella e Harrington em direção à subestação bem no topo da parede das traseiras. Tinham apenas uma DSR para os três. Stella perdera a sua arma durante o acidente. Ainda assim, depois de tanto tempo na escuridão, o único dispositivo de infravermelhos produzia luz suficiente para conseguirem ver com os óculos de visão noturna postos.

Era como fazer uma caminhada com lua cheia.

Jason estudava o objetivo à sua frente. A Porta dos Fundos era um conjunto de estações de trabalho quadradas, compactadas dentro de uma fenda elevada. Algumas unidades encontravam-se do lado de fora, presas à parede, como blocos de brincar colados do lado de fora de um edifício.

— Como chegamos ali acima? — perguntou Jason.

A avaliar pelos cabos que percorriam o teto, o teleférico devia ser o método mais comum de chegar àquele complexo de aço no céu.

Stella caminhava com o pai, segurando-lhe a mão. Estavam ambos magoados, feridos e ensanguentados, mas continuavam a andar por entre os tufos de musgo, à altura dos joelhos, e tapetes espessos de algas que lhes prendiam as botas.

Stella apontou com o braço livre para a subestação.

— Está ali uma escada. Os degraus de aço batem contra a parede que se estende do chão da caverna até à estação.

Tinham percorrido apenas trinta metros quando um ruído estridente captou a atenção de Jason, que espreitou por cima do ombro. A guerra entre a corrente do rio e o veículo entalado terminara. A velha máquina de Byrd libertou-se da ponte e rolou para as profundezas.

Mais ao longe, o brilho de luzes intensas aproximava-se da extremidade mais distante da ponte. Jason rezou para que a emboscada de Gray fosse bem-sucedida. De outra forma, o CAAT poderia atravessar o rio em cima das suas lagartas flutuantes, numa parte pouco profunda, e atropelá-los rapidamente.

Sabendo disto, Jason apressou os outros.

— À esquerda — avisou Stella.

Jason apontou a espingarda, iluminando essa direção com o feixe de infravermelhos. Silhuetas escuras corriam na sua direção, parecendo uma matilha de lobos, cada um do tamanho de um cão grande.

Jason contou, pelo menos, uma dúzia.

— O que são? — perguntou Jason.

Harrington respondeu:

— Sarilhos.

17h09

Gray encontrava-se deitado sobre a barriga na escuridão, uma experiência bastante assustadora, tendo em conta as perigosas formas de vida que existiam nesta paisagem infernal. A alguns metros de distância, Kowalski respirava pesadamente, não mais contente que Gray.

Depois de treparem os suportes da ponte, Gray insistira para que se mantivessem na escuridão, desligando o seu dispositivo de infravermelhos. Não queria alertar o CAAT que se aproximava da sua presença deste lado do rio. Os dois rastejavam às cegas, usando as mãos e os joelhos, até encontrarem um amontoado de pedras a cerca de vinte metros da ponte, onde se esconderam. Também cobriram os seus corpos com algas e outras matérias orgânicas, a fim de reduzir a sua assinatura térmica.

Na escuridão, criaturas rastejavam pela sua pele ou zumbiam à volta do seu rosto, provavelmente atraídas pelo cheiro do seu suor e do sangue que lhe escorria da cabeça. Algumas mordiam, outras picavam. Fez o que pôde para as enxotar.

Felizmente, não tinham de esperar muito mais.

O CAAT apareceu a grande velocidade, com um brilho de tal forma intenso que Gray tirou os óculos de visão noturna.

As lagartas esmagavam tudo à passagem, derrapando ligeiramente quando o veículo fez uma curva apertada na ponte, parando na margem do rio.

Passados alguns momentos, a porta da cabina do lado do passageiro abriu-se. Alguém saiu e rolou de forma muito profissional por cima das lagartas, aterrando suavemente no chão. Pegou nuns óculos de visão noturna e observou o rio em baixo, depois o outro lado.

— Tenho três alvos! — gritou o homem com um sotaque britânico. — Em movimento... em direção à Porta dos Fundos.

O condutor praguejou.

— Os cretinos têm nove vidas.

O comando no exterior estudou o rio.

— Senhor, a corrente parece demasiado violenta para arriscar o CAAT. Pode afundar-nos.

— Recebido — disse o condutor, que parecia ser o líder da equipa, as suas palavras pronunciadas com um inconfundível sotaque escocês. Gritou para outro colega de equipa: — Copper, pega na *AWM*. Limpa esta confusão.

Gray ficou tenso. Era provável que *AWN* fosse a abreviatura de *Arctic Warfare Magnum*, uma versão da espingarda de precisão britânica vulgar adaptada aos climas mais frios. Eles tencionavam matar os outros.

Gray esperou até que um segundo homem saísse pela mesma porta. Uma vez no terreno, o comando carregou a espingarda e colocou-a ao ombro, regulando a mira.

— Com certeza, senhor — anunciou ele. — Eles estão em campo aberto. São alvos fáceis.

Posso dizer o mesmo de vocês.

— Agora — sussurrou Gray, saltando para a frente.

Kowalski disparou do lado direito. A sua metralhadora disparou incessantemente e as munições atingiram o peito do atirador britânico. Mesmo antes de o corpo do homem cair no chão, Kowalski redirecionou a sua arma e atingiu o comando que se encontrava na ponte, atirando-o para dentro do rio.

Gray correu para o CAAT e atirou-se para a porta aberta. Disparou a sua DSR à queima-roupa para o interior do espaço fechado da cabina do veículo, uma barreira ensurdecadora de balas sónicas.

Enquanto se ouviam gritos na cabina, Gray rolou para o interior do veículo.

Antes que Gray conseguisse parar o condutor, este fugiu pelo outro lado da cabina, claramente aturdido, mas com energia suficiente para antecipar o seu ataque. Outro dos membros da equipa não foi tão rápido. Gray cravou um punhal na garganta do homem e rodou-o. Quando soltou a

lâmina com um puxão, o homem sufocou, agarrado ao pescoço caindo morto em seguida.

Gray vasculhou o resto da cabina.

Vazia.

Então, só estes quatro.

Através do para-brisas, avistou o líder da equipa a correr velozmente pela margem do rio, posicionando-se de forma cuidadosa, mantendo a estrutura do CAAT entre ele e o local de onde Kowalski disparava. Enquanto corria, o comando tentava desesperadamente pegar no seu rádio.

Se contactasse o seu superior e o alertasse do ataque, qualquer esperança de utilizar o CAAT como cavalo de Troia para se aproximar de Wright desapareceria.

Gray saltou para fora do CAAT pela porta do condutor e ergueu a sua espingarda, mas sabia que a distância era demasiada para o atingir. Da mesma forma, Kowalski saiu de trás do CAAT, com a metralhadora nos braços, arrastando um cinto de munições.

O líder da equipa já tinha o rádio encostado aos lábios.

Tarde demais.

Então, algo escuro saiu do rio, enrolou-se à volta da cintura do homem e arrancou-o da margem. Desapareceu dentro de água com um chape estrondoso.

Gray reconheceu aquele tentáculo revestido de pinças. O tiroteio, tanto o sónico, como o normal, devia ter atraído a criatura para a linha de costa. O ataque de há pouco não só a aturdira, como também a irritara.

Até mesmo no inferno, a vingança é doce.

Jason corria ao lado de Stella e do seu pai. Ouvira o tiroteio a começar do outro lado do rio, mas não se atrevia a desviar a sua atenção da matilha de predadores que os perseguia para ver como estava Gray e Kowalski.

Com a espingarda assente no ombro, protegia Stella e o seu pai. Disparava contra as criaturas, mas as munições sónicas pareciam dispersar apenas temporariamente a matilha, dando-lhes mais alguns segundos preciosos. O pior de tudo é que o indicador de bateria da sua espingarda passara a vermelho à medida que disparava repetidamente.

Estou quase sem bateria.

— Eu levo-os para longe daqui — disse Jason, com as botas pesadas por causa da lama e das algas. — Vocês os dois corram para a Porta dos Fundos.

Jason abrandou, acenando-lhes para que seguissem em direção à parede ao fundo.

— Vai, pai — disse Stella, empurrando o professor para a frente, enquanto retirava uma faca do seu cinto. — Vou ajudar o Jason.

— Ficamos juntos — afirmou Harrington, parando com eles, ofegante. — Os *Leox depilis* são semelhantes aos seus equivalentes, os leões africanos. Eles tentam dividir o grupo e isolar o mais fraco. Além disso, acho que não sou capaz de correr o resto do caminho. Vamos marcar a nossa posição aqui e agora.

Jason disparou outro tiro, atingindo o líder dos *Leox*, o qual reagiu como se tivesse sido atingido no focinho por um bastão de basebol. Os outros desviaram-se para a esquerda e para a direita, abrandando até que o membro da matilha atingido recuperasse os sentidos.

Deve ser o líder.

Por esta altura, Jason já os conseguia ver bem. Os seus ombros musculados ficavam à altura da cintura, a sua pele sem pelos coberta de óleo preto, quase iridescente com o brilho do feixe de infravermelhos. As

suas cabeças eram longas como as dos lobos, com maxilares que se prolongavam até à parte de trás do crânio, o que lhes permitia abrir a boca repleta de dentes afiados como facas, atingindo uma dimensão assustadora, o que lhe lembrava fotos do agora extinto tilacino, o tigre-da-tasmânia.

Um uivo arrepiante irrompeu da garganta do líder da matilha, claramente um desafio. Ao que parecia, neste mundo obscuro, quem gritava mais alto, era o mais corajoso.

A matilha reuniu-se, perseguindo-os mais cuidadosamente agora, preparando-se para recuperar o terreno perdido.

Jason ergueu a espingarda, o que fez o líder abrandar.

Esperto... reconhece a ameaça.

A única esperança de Jason era que a arma sónica provocasse danos maiores a uma distância mais próxima e fizesse com que a matilha decidisse perseguir uma presa mais fácil. Um olhar de relance para o indicador de bateria da sua arma sugeriu que só lhe restava mais um disparo, por isso tinha de o fazer valer a pena, o que significava deixar a matilha aproximar-se o mais possível antes de disparar.

Apontou para o líder da matilha, sabendo que ele era o seu verdadeiro adversário.

Stella posicionou-se ao seu lado, pronta para defender o pai.

— Dá-me a arma — sussurrou ela.

Jason hesitou.

— Tenho uma ideia — insistiu ela.

Jason cedeu e passou-lhe a espingarda, ficando com o seu punhal em troca.

— Acho que só nos resta um tiro.

— Então, vamos esperar que eu tenha razão quanto aos padrões de dominância desta espécie.

Stella retirou o que parecia ser um pequeno microfone da espingarda. De imediato, Jason recordou-se das instruções anteriores de Harrington em relação à DSR: como não só disparava balas sónicas, como também podia ser utilizada para ampliar vozes como um megafone ou, em modo inverso, para ouvir conversas secretamente à distância.

Stella assentou a parte de trás da espingarda no ombro, aproximando o microfone dos lábios. Em vez de apontar o cano para a matilha que os perseguia silenciosamente, levantou a arma em direção ao teto.

E uivou.

Era uma imitação bastante boa do uivo do líder da matilha, cem vezes amplificado quando Stella premiu o gatilho, pulsando aquele grito de desafio até ao teto.

A explosão ecoou por toda a caverna.

O clamor selvagem parou o líder subitamente, fazendo o animal encolher-se, assustado. Ficou claramente intimidado pelo volume daquele grito que ecoava.

Jason lembrou-se do que pensara há apenas uns momentos.

Neste mundo obscuro, quem gritava mais alto era o mais corajoso.

O líder afastou-se deles, um passo, depois outro, nunca virando as costas. A matilha seguiu o seu exemplo, movendo-se e fugindo de ambos os lados, nervosos, retirando lentamente.

Em seguida, após algum sinal desconhecido, a matilha virou-se e fugiu de volta para a escuridão, ganindo enquanto corriam, prontos para perseguirem uma presa menos ruidosa.

Jason olhou fixamente para Stella.

— És incrível.

Stella encolheu os ombros e devolveu-lhe a espingarda, agora sem bateria, dissimulando um sorriso de orgulho enquanto se virava. Continuaram em frente, em direção à parede ao fundo. Pelo menos tinham

bateria suficiente para manter a luz de infravermelhos acesa, mas por quanto mais tempo?

Jason acelerou o passo e percorreu os últimos cem metros em poucos minutos. Lá em cima, a subestação brilhava tenuemente, iluminada por duas luzes de emergência.

Mais de perto, Jason observou as barras de aço fixas à parede. Formavam uma escada que subia os doze ou mais andares até chegar à Porta dos Fundos.

Ia ser uma subida difícil.

Stella apontou para a caverna.

— Ali!

Jason ficou tenso e virou-se, esperando outro ataque. No entanto, Stella apontava para um feixe de luzes do outro lado do rio. Era o CAAT. Enquanto observavam, o veículo começou a percorrer a linha de água, afastando-se.

Jason susteve a respiração, em seguida ouviram-se três toques de buzina distantes.

Era o sinal que fora combinado anteriormente.

Gray e Kowalski estavam bem. Tinham capturado o CAAT do inimigo, prontos para perseguir Dylan Wright.

Devem ter esperado para partir até verem as nossas luzes na parede das traseiras.

Jason não sabia se os outros o conseguiam ver, mas levantou o braço.

Boa sorte.

Pensando bem, deveria ter guardado alguma dessa *sorte* para si mesmo.

Enquanto baixava o braço, a luz de infravermelhos piscou e apagou-se, mergulhando-os numa escuridão total.

30 de abril, 13h22 AMT

Roraima, Brasil

O que é que eu fui fazer?

Kendall encontrava-se sentado numa bancada de trabalho no laboratório principal. Não tinha outra escolha senão olhar fixamente para o enorme ecrã LCD. Emitia a imagem de vídeo captada ao vivo do cimo de uma árvore. A julgar pelos vários tons de cinzentos, devia estar a filmar através de um sensor de baixa luminosidade. A imagem revelava uma floresta densa, coberta de trepadeiras, ensombrada por copas de árvore cerradas. A lente apontava para baixo, para uma clareira ladeada por cascalho.

Um conjunto de três jaulas altas encontrava-se no meio da clareira. Sinais de perigo avisavam que as suas grades estavam eletrificadas, tal como as cercas que separavam os níveis do macabro jardim de Cutter.

Este deve ser o andar mais baixo.

Kendall lembrava-se de ver de relance este recanto isolado de floresta tropical. Mas o que mais estaria lá em baixo?

No ecrã, viu Jenna ser forçada a entrar na jaula do meio. Pela forma como encolhia os braços junto ao peito, mantendo-se afastada das grades, devia saber do perigo.

Rahei fechou a porta da jaula com brutalidade.

— A nossa querida menina Beck já deve estar a sentir os primeiros sinais da infeção — disse Cutter, andando de um lado para o outro atrás dele, sempre seguido de perto por Mateo. — Dores de cabeça, talvez dores no pescoço.

— Por favor, não faças isto — implorou Kendall.

No ecrã, Rahei afastou-se, juntamente com os dois cúmplices. Ambos os homens vigiavam a selva atentamente com bastões elétricos de controlo de gado e espingardas. Entraram rapidamente no carrinho, fizeram inversão de marcha na clareira e seguiram pelo caminho de onde tinham vindo.

— Porque a levaste ali para baixo? — perguntou Kendall, olhando para trás, para Cutter. — Porque a deixaste sozinha?

— Oh, ela não está sozinha.

Provando a sua afirmação, algo enorme passou à frente da câmara, demasiado rápido para que se visse mais que umas garras curvas gigantescas e pelo desgrenhado. Ainda assim, Kendall reconheceu a espécie, afundando-se na sua cadeira, horrorizado.

— Tu não foste capaz de... — murmurou Kendall.

Cutter encolheu os ombros.

— Foi uma das primeiras experiências, uma ideia tirada do teu livro sobre a preservação das espécies. *Desextinção* foi a palavra que usaste naquele teu artigo, se bem me lembro. Foi uma questão de utilizar as técnicas CAGE e MAGE para pegar numa espécie que já existia nesta floresta tropical, alterar-lhe o código genético e ressuscitar o seu ancestral.

Kendall sabia que era possível na teoria, que muitos laboratórios por todo o mundo tentavam alcançar este mesmo objetivo e que seriam bem-sucedidos dentro de alguns anos. Já muitas instalações procuravam formas de ressuscitar o mamute a partir do ADN do elefante, outros tentavam

trazer de novo à vida o pombo-passageiro com a informação genética do pombo-comum, e ainda outros procuravam reavivar o há muito extinto auroque selvagem com a herança genética dos bovinos atuais. Estas aventuras ficaram conhecidas por muitos nomes: Revive & Restore, Projeto Uruz, um até foi chamado, de forma muito apropriada, Projeto Lázaro, que procurava desextinguir um sapo australiano que tinha as crias pela boca.

Mas o que Cutter conseguira fazer aqui...

— Não podes deixá-la lá em baixo — insistiu ele.

— Por agora, ela está suficientemente segura atrás daquelas grades eletrificadas. Vamos dar-lhe mais meia hora, quando a infeção a tiver reduzido a algo mais simples. Depois, terás um vislumbre do que este novo mundo será para a humanidade quando a nossa espécie for libertada da sua inteligência cancerígena.

Kendall sentiu lágrimas a surgir, sabendo que este monstro o faria assistir ao que estava prestes a acontecer a Jenna.

— Mas tu podes parar tudo isto — insistiu Cutter. — Diz-me apenas o nome da espécie de AXN que contém a chave genética para desbloquear o teu invólucro viral. Um nome... e tudo isto acaba. Eu trato de tudo.

Kendall sabia que, se Cutter descobrisse este último elemento crítico de informação, seria capaz de resolver o resto deste *puzzle* biológico.

— Não demores muito — disse Cutter, apontando para o ecrã. — Existe algo para reverter o mal de que a menina Beck padece, mas tem de ser administrado no período de uma hora ou os efeitos neurológicos serão permanentes.

— Existe uma cura? — perguntou Kendall, engolindo em seco.

— Existe, sim — respondeu Cutter, olhando na direção de um dos grandes frigoríficos ao fundo do laboratório de biossegurança. — Uma proteína, que é o espelho do que eu criei. É capaz de reparar os danos

neurológicos provocados pelo meu prião, mas, tal como disse, há um limite de tempo. Um ponto a partir do qual a menina Beck estará perdida para sempre.

Kendall tinha uma preocupação ainda maior que a guarda-florestal.

— E, se eu te der o nome, dizes-me como travar o que está a alastrar pela Califórnia?

Cutter coçou o queixo, claramente fingindo concentrar-se.

— Eu sou um homem de palavra. Essa era a minha oferta *inicial*. Mas isso foi antes de a menina Beck chegar.

— O que queres dizer com isso?

— Diz-me o que eu quero saber e eu deixo-te escolher. Posso ensinar-te a erradicar o horror que escapou do teu laboratório ou... posso salvar a menina Beck. Mas as duas coisas, não.

Kendall olhou fixamente para o ecrã, sabendo que teria de dizer a verdade a Cutter. Com o passar do tempo, o sacana iria conseguir arrancar-lhe a informação de qualquer maneira.

Kendall virou-se para Cutter, o tom da sua voz baixo, anunciando a derrota.

— Vais precisar do sangue de uma das espécies da Antártida.

— De qual?

— *Volitox ignis*.

Cutter parecia verdadeiramente intrigado agora.

— Aquelas enguias temperamentais. Uma tarefa bastante árdua, de facto. Vou ter de fazer um telefonema antes que seja tarde demais. Parece que me antecipei demasiado com o meu plano. *Pus a carroça à frente dos bois*, como se costuma dizer.

O homem começou a afastar-se.

— Cutter, tu prometeste.

Cutter virou-se para trás.

— É claro, desculpa. Qual é a cura que queres? A da menina Beck... ou a do mundo inteiro?

Kendall voltou a olhar para o ecrã, para a jovem encolhida na jaula. Ao mesmo tempo, imaginou a fúria da destruição que consumia as montanhas da Califórnia.

Desculpa, Jenna.

Kendall virou-se para Cutter.

— Como matas o que eu criei?

— É a solução mais simples que existe. Alguma vez te perguntaste por que razão aquela biosfera debaixo da Antártica nunca se espalhou pelo resto do mundo? É claro que já houve evasões no passado, pequenas fugas. No entanto, nunca se disseminou em grande escala. Desconfio que fossem necessárias grandes quantidades para que isso acontecesse.

Kendall estava com dificuldade em chegar à resposta. O que teria a Antártida de tão único? O que teria mantido aquele mundo preso lá em baixo? Seriam os mares salgados, o gelo, o frio? Já fizera experiências com todas estas variáveis no seu laboratório.

— Nós já tentámos temperaturas negativas, vários níveis de salinidade, toxinas de metais pesados, como as que se encontram nos oceanos circundantes — admitiu Kendall. — Nada o matou.

— Porque estavas a pensar de forma muito limitada, meu amigo... sempre foi esse o teu problema. Tu olhas para as árvores, mas não vês a floresta. Tu pensas localmente, em vez de *globalmente*.

Cutter levantou uma sobrancelha, como que a testar Kendall.

Kendall ponderou o significado daquelas palavras.

Globalmente.

Onde queria Cutter chegar?

De repente, percebeu.

13h24

Jenna esfregou a parte de trás do pescoço, tendo cuidado para não se aproximar demasiado das grades da jaula. A moínha nas suas vértebras cervicais transformara-se num intenso espasmo muscular, disparando lanças aguçadas de agonia por todo o seu crânio. Até os olhos lhe doíam, fazendo com que o mortiço brilho verde da floresta parecesse demasiado intenso.

Ela sabia o significado destes sintomas.

Já está a começar.

Começou a repetir um mantra, receando o que estava para vir.

Eu sou Jenna Beck, filha de Gayle e Charles. Vivo na interseção da D Street com a Lee Vining Avenue. O meu cão chama-se Nikko, nasceu no dia...

Jenna lutava contra as dores intensas para se agarrar a qualquer parcela da sua identidade, testando a sua memória de forma a encontrar algum sinal de deterioração.

Mas será que vou sequer saber quando estiver a acontecer?

Respirou fundo, inalando o perfume intenso da selva, tentando encontrar o equilíbrio, afastar a sensação de pânico. A toda a volta, ouvia água a pingar, o raspar das asas dos pássaros, ramos a estalar, o murmúrio das folhas.

Um pormenor parecia-lhe errado, inquietava todos os níveis da sua consciência. Ainda estava tudo *demasiado* sossegado ali. Não ouvia o canto dos pássaros, nem o ruído dos macacos, nem sequer a passagem apressada de algum animal pequeno entre a vegetação.

Em seguida, como se algo se tivesse apercebido da sua tomada de consciência, um ramo partiu-se à sua esquerda. O seu olhar voltou-se

nessa direção, mas só viu sombras a mudar de lugar. Esforçou os olhos para penetrar a parede de fetos que circundava a clareira.

Nada.

Contudo, ela sabia a verdade, lembrando-se do rugido furioso de antes, juntamente com a extrema cautela dos guardas quando a conduziram a esta prisão.

Não estou sozinha.

13h25

Pensa globalmente...

Teria sido sempre essa a resposta?

Kendall fechou os olhos, imaginando o planeta a girar, a crosta a deslocar-se por cima de um mar fundente, tudo em volta de um núcleo de ferro derretido com dois terços do tamanho da Lua. Os movimentos de convecção nesse ferro fundido, juntamente com a força de inércia de Coriolis, proveniente da rotação da Terra, geravam um dínamo elétrico que envolvia a Terra num vasto campo magnético.

— *Magnetismo* — disse Kendall. — É isso que mantém aquela biosfera-sombra contida debaixo da Antártida.

— E onde é que o campo magnético da Terra é *mais forte*?

— Nos polos — disse Kendall, imaginando aquele campo a emanar intensamente de cada um dos polos da Terra, circundando o globo. — E é mais fraco junto ao equador.

— E onde mais é *fraco*?

Kendall sabia que a resposta estaria relacionada com a localização de Hell's Cape. Imaginou aquele mundo quente, muito abaixo do gelo, a

incubadora perfeita para formas de vida estranhas. Lembrou-se do enxofre, das águas borbulhantes.

Olhou para cima, para Cutter.

— Nas zonas geotérmicas — disse ele. — O campo magnético da Terra é mais fraco nas regiões onde existe atividade vulcânica.

— Correto. O magma derretido por baixo dessas regiões não consegue conter o seu ferromagnetismo, criando uma inclinação magnética local no campo da Terra, uma ilha, se assim lhe quiseres chamar, num mar de correntes magnéticas mais fortes.

Kendall imaginou Hell's Cape como uma dessas ilhas, presa dentro do campo mais forte da Antártida. Ainda lhe parecia um pouco rebuscada a ideia de o diferencial magnético ser suficiente para manter a vida presa a um lugar. Algo tinha de tornar a vida lá em baixo especialmente sensível aos campos magnéticos, algo intrínseco à sua natureza.

— AXN — disse ele, em voz alta, endireitando-se na sua cadeira. — Toda a vida lá em baixo é baseada num código genético que não utiliza o açúcar desoxirribose na sua base. É algo único, diferente de qualquer outro tipo de vida. Essa base de açúcar desoxirribose é substituída por uma combinação de arsénico e fosfato de ferro. — Kendall olhou fixamente para Cutter. — É o *ferro*, não é? É isso que faz com que a vida AXN seja tão sensível aos campos magnéticos.

— Eu estudei essa estrutura de ferro utilizando a difração de raios X e espectroscopia de fotoeletrões. Forma nanoanéis ferrosos ao longo da hélice de AXN, como um conjunto de vértebras forma a coluna vertebral.

— E com a intensidade magnética certa é possível estilhaçar essa coluna. — Kendall olhou esperançoso para Cutter. — Já conseguiste calcular essa intensidade?

— Sim... e testei-a. Não é assim tão inovador quanto isso. A própria FDA já testa oscilações dos campos magnéticos para eliminar bactérias,

vírus e fungos na água e nos alimentos. Eu, simplesmente, modifiquei o que se descobriu nesse estudo e cheguei à intensidade que funciona melhor neste caso.

Kendall imaginou o organismo que Cutter criara no seu laboratório enfiado dentro das suas cápsides elaboradas de forma sintética, deixando para trás aqueles invólucros, tal como as muitas peles de cobra descartadas.

— Sem esta cura — disse Cutter —, nunca teria libertado o teu organismo. Tal como tu, eu também não quero que o mundo seja destruído pelo que tu criaste. Na verdade, se tivesses escolhido curar a menina Beck em vez de tentar descobrir esta resposta, eu ter-te-ia contado a verdade na mesma. Não posso deixar o mundo morrer antes de o salvar, pois não?

Kendall olhou para a imagem de vídeo. Uma onda de desânimo apoderou-se dele, mas tinha de a controlar. Ainda havia demasiado em risco.

— Então, vais deixar-me revelar a cura magnética às autoridades da Califórnia.

— A seu tempo.

— O que queres dizer com *a seu tempo*?

— Pelo que ouvi, os teus ilustres colegas estão prestes a detonar um dispositivo nuclear naquelas montanhas, por mais insensato que isso seja. Como ambos sabemos, não vai adiantar muito, só vai espalhar ainda mais o teu organismo e, ao mesmo tempo, deteriorar grande parte daquela área durante várias décadas. Mas é essa a tendência da humanidade: destruir antes de pensar. É por esta razão que estamos condenados enquanto espécie.

— Mas tu disseste que não querias que o meu organismo destruísse o mundo.

— E não quero. Assim que lhes deres a solução, vai demorar apenas mais tempo a limparem a porcaria que fizeram. Vai mantê-los ocupados durante muito mais tempo.

— E a radiação? Todos os estragos?

— A Terra já sobreviveu antes a este tipo de feridas infligidas pela humanidade e será capaz de fazer o mesmo agora. — Cutter suspirou. — Além disso, a distração vai dar-me jeito. Vai fazer com que a humanidade esteja a olhar para um lado, enquanto o seu fim vem da direção totalmente oposta.

Virá do trabalho que fazes aqui.

— E, se me dás licença, tenho de ir fazer aquele telefonema. A ver se consigo obter uma amostra do sangue de *Volitox* antes que seja demasiado tarde.

— Demasiado tarde?

Cutter parou.

— Escondeste aquele mundo subterrâneo durante demasiado tempo, Kendall, mantiveste-o preso, aquém do seu imenso potencial.

Kendall pensou que não era possível sentir mais desânimo e choque.

— O que... o que estás a planear fazer?

— Vou libertar aquela biosfera obscuramente linda e maravilhosamente agressiva sobre o teu mundo. Acho que chegou a altura de abandonarem a sua minúscula ilha de isolamento. Alguns morrerão durante a transição, claro, vítimas do fluxo magnético de que falámos antes, mas, como tu sabes, a Natureza é a maior inovadora. Devido à sua quantidade e variedade, algumas espécies sobreviverão adaptando-se, trazendo para o nosso mundo a resistência e a mutabilidade do AXN, traços perfeitos para sobreviver aos tempos difíceis que aí vêm.

Kendall imaginou o dano ambiental que seria provocado pelo ataque súbito de todas aquelas espécies alienígenas. Uma biosfera agressiva

inteira à solta no nosso mundo. As repercussões ecológicas seriam devastadoras.

— Planeio afundar o teu mundo antigo por baixo deste mundo moderno. Durante esta guerra, libertarei as minhas espécies daqui, disseminando-as por todo o lado, trazendo permutações genéticas novas e inovadoras e acelerando o processo evolutivo ao fazer com que estes traços saltem entre espécies. Será o derradeiro teste evolutivo, em que a sobrevivência do mais apto constituirá a lei do mundo. Parafraseando o antigo estratega chinês, Sun-Tzu, entre tanto *caos*, existe *oportunidade*.

Kendall devia parecer horrorizado.

— Podes ficar ao meu lado, Kendall. Para assistir a esta transformação, à génese de um novo Éden, livre da degradação humana.

Kendall imaginou aquela destruição induzida por priões, levando a humanidade de volta ao seu estado mais primitivo.

Com um olhar triunfante, Cutter regressou à bancada de trabalho.

— Observa uma pequena amostra da guerra iminente, onde a praga da inteligência do Homem é arrancada, deixando a Humanidade submetida, por fim, à lei da Natureza.

Kendall sabia a que lei Cutter obedecia com uma convicção religiosa.

A Lei da Selva.

Cutter premiu uma tecla.

No ecrã, a porta da jaula de Jenna abriu-se.

13h29

— Quanto tempo falta? — gritou Painter ao sargento Suarez.

— Mais trinta minutos, senhor!

Demasiado tempo.

Painter mudou de posição no seu assento, impaciente, com o braço a arder e a dor a agravar a sua ansiedade. Ele estava demasiado consciente do prazo. O dispositivo nuclear seria detonado na Califórnia dentro de noventa minutos.

E aqui estou eu, sentado, de braços cruzados.

Passado um minuto, Suarez gritou:

— Senhor, é capaz de querer vir cá à frente ver isto.

Grato por qualquer distração, qualquer razão para se mexer, Painter abriu o arnês de segurança e dirigiu-se para a frente, agachado. Drake soltou-se e seguiu-o até ao *cockpit* do *Valor*.

— O que se passa? — perguntou Painter.

Suarez passou-lhe um par de binóculos e apontou para o *tepui* distante. Ainda se encontravam demasiado longe para se conseguir ver com pormenor, mas Painter obedeceu.

Suarez encontrou um segundo par de binóculos e atirou-os a Drake.

Painter demorou algum tempo a focar a montanha distante, com as suas encostas envoltas em nuvens.

— Olhe para a ponta mais a sul — instruiu o sargento. Também fez sinal ao piloto. — Dê-nos alguma inclinação.

Painter concentrou-se, encostando o seu ombro dorido sobre um anteparo para manter o equilíbrio, enquanto o piloto oscilava o avião para a frente e para trás.

Ao início, não viu nada, apenas rochas esculpidas pelo vento e uma floresta pouco densa a norte. Em seguida, quando o avião mudou de posição, algo brilhou intensamente, refletindo a luz do sol, vindo da floresta de pedras ao longo da orla a sul.

Drake assobiou.

— Para brilhar daquela maneira, tem de ser algo metálico.

— Tenho estado a estudá-lo nos últimos minutos — disse Suarez. — Parece ser uma turbina eólica.

Turbina?

Painter semicerrou os olhos, mas ainda assim não conseguia ver o suficiente para chegar a essa conclusão. No entanto, o sargento tinha os olhos de um homem mais novo e inúmeras horas de vigilância aérea a bordo do *Valor*.

Painter acreditou na sua palavra. E, se realmente existiam turbinas eólicas ali, então alguém devia estar estabelecido no cimo da montanha.

Só podia ser uma pessoa.

Cutter Elwes.

— Este avião pode ir mais depressa? — perguntou Painter.

Esta notícia deixou-o ainda mais ansioso de aterrar.

— Já vamos à velocidade máxima — respondeu o piloto.

Suarez olhou para o relógio.

— Ainda faltam vinte e sete minutos.

13h33

O estalido da porta da jaula distraiu Jenna do sofrimento intenso em que se encontrava. Dores lancinantes espalharam-se pelo seu crânio quando olhou para cima. A luz vermelha fixa no topo da jaula ficara verde.

A porta abriu-se alguns centímetros.

Jenna permaneceu de pé, com receio de que fosse um truque. Usou a borracha da sola das suas botas para tocar nas grades. Não estavam eletrificadas, por isso abriu o resto da porta e saiu da jaula. As suas botas esmagaram o cascalho no exterior.

Ficou imóvel ao ouvir um pequeno ruído, os pelos eriçados na base da sua nuca dorida. Sentiu que alguém a observava. Estudou o caminho que se estendia para o interior da floresta, imaginando o portão e a cerca eletrificada que limitavam este nível.

Mesmo que conseguisse lá chegar, continuaria encurralada.

Virou-se novamente para a jaula. O lugar mais seguro poderia ser no seu interior, trancada lá dentro, mas devia haver uma razão para as jaulas serem eletrificadas. Sugeria que as grades de aço não eram suficientemente fortes para resistir ao que quer que assombrasse esta floresta.

Ainda assim, aço era melhor que nada.

Dirigiu-se de volta para a jaula... vendo a porta deslizar e fechar com uma tranca magnética à sua frente. A luz ficou vermelha novamente.

Estou trancada do lado de fora...

Esforçou-se por pensar, por arranjar um plano, mas a sua mente tornara-se instável, incapaz de se concentrar num pensamento durante muito tempo. Queria culpar a dor e o terror que sentia por esta falta de concentração, mas receava que aquela dificuldade fosse um sintoma de um problema mais grave.

Sussurrou para a floresta silenciosa:

— Eu sou Jenna Beck, filha de Gayle e Charles. Vivo na interseção da D Street com a Lee Vining Avenue...

Espera. Estou certa?

Imaginou a pequena casa de estilo vitoriano com gabletes verdes.

É ali que eu vivo.

Jenna retirou forças daquela memória.

— O meu cão chama-se *Nikko*, nasceu no dia...

Com cada palavra sussurrada, dava mais um passo ao longo da clareira, escolhendo evitar o caminho. Contudo, essa decisão poderia não ter sido

consciente. O instinto levava-a a esconder-se, a fugir de espaços abertos. Jenna decidiu confiar nesse instinto. O seu mantra passou a um monólogo interior silencioso quando chegou à orla da floresta e penetrou na vegetação sombria.

Os meus melhores amigos são o Bill e a Hattie. Deixou que a imagem da mulher paiute mais velha se tornasse cada vez mais vívida na sua memória. *A Hattie pertence à tribo kutza...* Jenna ficou ofegante, tentando lembrar-se do nome da tribo específica, os seus pés a tropeçarem devido à frustração; depois, lembrou-se do nome.

Kutzadika'a... era isso.

Inclinou-se para a frente para tirar uma folha grande de feto do seu caminho, mas esquecera-se da natureza invulgar da botânica por aqui. A planta encolheu-se ao seu toque, encaracolando as suas folhas e enrolando-se numa bola.

Por trás desse feto contraído, avistou uma criatura gigantesca a apenas alguns metros de distância. Encontrava-se de pé, tinha o tamanho de um rinoceronte, mas era peluda como um urso castanho com uma cauda comprida e espessa. As suas pernas dianteiras terminavam em garras reviradas e ferozes, cinco de cada lado. O seu focinho e pescoço eram enormes, grossos e musculados. Grandes olhos castanhos e pretos olhavam fixamente para ela.

Jenna paralisou, reconhecendo o suficiente da sua fisiologia para perceber que o que se encontrava de pé à sua frente pertencia à família das preguiças, aqueles herbívoros arbóreos que se mexiam lentamente e viviam nas florestas do Brasil. No entanto, este exemplar era gigantesco, uma versão ancestral da preguiça dos dias de hoje. Embora se parecesse com algo saído do passado pré-histórico, esta espécie extinguiu-se há apenas dez mil anos.

Megatério, lembrou-se ela. A preguiça-gigante terrestre.

No entanto, Jenna tinha a impressão de que esta criatura não era mais natural na sua forma do que as outras que vira ao longo da sua viagem até aqui abaixo. A provar isto, a criatura arreganhou os lábios, revelando dentes grossos e afiados, concebidos para arrancar a carne dos ossos.

Não era um herbívoro... mas sim um novo carnívoro nascido neste mundo.

Com um rugido, ergueu-se sobre as pernas traseiras, elevando-se a uma altura de quase quatro metros. Lançou um braço curto, rápido como um relâmpago, cortando uma árvore ao meio.

Jenna caiu para trás, fugindo aos trambolhões.

Mais gritos guturais irromperam por toda a floresta à sua volta, ecoando pelas paredes de pedra, fazendo com que fosse mais difícil pensar.

Ainda assim, lembrou-se da carcaça de cabra a ser atirada para o caminho vinda de cima, possivelmente servindo de aviso.

Considerando agora esse aviso, Jenna olhou para cima... e gritou quando uma sombra caiu da copa das árvores na sua direção.

30 de abril, 17h33 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

— Quanto tempo falta até termos esta maldita coisa instalada? — perguntou Dylan, apontando o rádio que segurava para a parabólica do LRAD parcialmente montada.

As luzes do enorme CAAT incidiam sobre a equipa de três homens que tentava prender seis painéis gigantescos, cada um pesando cerca de trinta e cinco quilos, a uma estrutura. Outros dois homens ligavam os cabos do gerador portátil a gás. Dylan escolhera um local o mais dentro possível do Coliseum, direcionando a parabólica para a entrada do sistema de cavernas, para a estação de Hell's Cape.

Até agora, tudo corria bem.

Dylan deixara um pequeno contingente de homens na estação. Tinham conseguido abrir um túnel através da estação utilizando explosivos e maçaricos, abrindo uma passagem para o resto do mundo. Os seus esforços demoraram mais do que inicialmente previsto, devido ao cuidado extra necessário para não detonarem as bombas antibunker, que tinham sido armadilhadas para explodirem se lhes mexessem.

Mas tudo corria bem.

Faltava apenas provocar uma debandada para esta nova saída. O LRAD 4000X que estavam a montar podia emitir uns poderosos 162 decibéis e tinha um alcance de cinco quilómetros ou até mais, devido à acústica destas cavernas.

— Quanto tempo? — perguntou Dylan, novamente.

— Preciso de mais dez minutos! — respondeu um dos membros da equipa, puxando um cabo para fazer pegar o gerador.

Dylan gritou para se fazer ouvir no meio de tanto barulho.

— Christchurch e Riley, venham comigo! Preciso de desencaixar e trazer para baixo o LRAD mais pequeno que está no cimo do CAAT. Agarrem na sua bateria portátil e no controlo remoto do 4000X.

As suas ordens foram imediatamente seguidas, sem qualquer pergunta, apesar de o seu pedido não fazer parte do plano original. Dylan e os seus homens tinham consciência das consequências do que estavam prestes a fazer, compreendiam o dano ecológico que seria provocado ao libertar esta biosfera isolada e agressiva no resto do mundo, mas, tendo em conta que estavam a ser bem pagos, não se importavam. Lidar com os danos ambientais seria problema de outra pessoa.

Ainda assim, inquietava-o o facto de não ter conhecimento de toda a situação. Sobretudo depois daquele telefonema. Olhou fixamente para o rádio que tinha na mão. Recebera uma ligação da estação de Hell's Cape, retransmitida da América do Sul. Parecia que Cutter Elwes decidira alterar os parâmetros da missão à última hora. Após negociar um avultado bónus de risco, Dylan acabou por concordar, deixando de lado as suas preocupações.

Mais duzentas mil libras compravam muita paz de espírito.

Christchurch saltou de cima do CAAT, carregando a pesada parabólica de sessenta centímetros debaixo do braço, com tanta facilidade como se de uma bola de rãguebi se tratasse. Na verdade, o homem tinha a constituição

de um *fullback*, com os seus membros maciços e mãos enormes. Riley, um pouco mais alto e com menos sessenta quilos, seguiu-o com a bateria, enrolando os cabos à volta do antebraço.

Quando chegaram ao pé dele, Dylan apontou para os túneis atrás do CAAT estacionado, para o desconhecido.

— Parece que temos uma caçada pela frente.

— O que vamos caçar? — perguntou Riley.

— *Volitox*.

Os seus dois colegas de equipa trocaram olhares entre si, não parecendo muito satisfeitos. Dylan não podia censurá-los, mas ordens eram ordens. Além disso, sentia-se à altura do desafio. Pousou a mão sobre a sua pistola *Howdah*, que se encontrava no coldre. Ansiava testar as suas capacidades contra uma das espécies mais agressivas... e mais perigosas aqui em baixo.

Ainda assim, no que diz respeito a este lugar infernal, pensou Dylan, olhando para o LRAD portátil, *nunca se pode ser demasiado cuidadoso*.

— Senhor! — gritou um homem, apontando para um par de luzes à distância, vindas na sua direção.

Era a equipa de McKinnon a regressar.

Até que enfim.

— Assim que a equipa dele chegar — disse Dylan —, comecem a arrumar tudo. Mantenham este canal de rádio sintonizado, para o caso de precisar de vos contactar.

Com tudo tratado aqui em baixo, Dylan partiu. Ainda assim, algo o preocupava, algo o mantinha mais nervoso que o habitual. Depois de seguir o rio que fluía do local onde se encontravam por mais cinquenta metros, olhou de relance para o lago de luz do local onde os outros trabalhavam, depois para o par de luzes que ainda percorriam a caverna.

McKinnon entrara em contacto antes, relatando pormenorizadamente a emboscada ao veículo de neve de Harrington. Sendo um soldado meticoloso, o escocês fora certificar-se de que não existiam sobreviventes. No entanto, Dylan não ouvira mais notícias do seu segundo em comando.

Distraído pelo telefonema inesperado da América do Sul, Dylan não pensara muito sobre isso. Mas agora...

Lembrou-se do americano expedito a disparar das traseiras daquele veículo de neve.

— Esperem — disse Dylan. Tirou o rádio do cinto e sintonizou o canal de McKinnon. — Daqui Wright. McKinnon, qual é o teu estado?

Esperou trinta segundos e repetiu a pergunta.

Ainda nada.

Suspirando pesadamente, sintonizou o canal da equipa que trabalhava no LRAD e obteve uma resposta imediata.

— Senhor?

— A montagem do LRAD já está completa?

— Sim, senhor.

— Continuem a tentar contactar o McKinnon. Se não obtiverem resposta quando o veículo dele estiver a trinta metros da vossa posição, ativem o LRAD.

— Mas isso fará com que a sua equipa...

— É uma ordem. Assim que pararem, desliguem o LRAD e abordem o veículo armados. Capturem o CAAT.

— Sim, senhor.

Dylan baixou o rádio.

Não quero mais surpresas.

Dylan apontou para a frente.

— Vamos lá apanhar um *Volitox*.

17h43

Através dos binóculos de visão noturna, Gray observou os homens a trabalhar na enorme parabólica do LRAD. Contou nove homens. Dylan levava consigo outros dois homens para o interior do sistema de cavernas.

A situação não lhes era favorável... mesmo com o fator surpresa do seu lado.

— Pronto? — perguntou Gray, gritando para se fazer ouvir.

Kowalski conduzia o ruidoso CAAT, tendo aprendido a manobrar com mestria o veículo com lagartas no pouco tempo que demorara a percorrer o resto da enorme caverna.

— Estou tão pronto como alguma vez vou estar.

O corpulento homem deu palmadinhas na metralhadora atravessada ao seu colo, como que a verificar que ainda ali se encontrava.

Gray pegou na sua espingarda DSR, a bateria quase no fim devido ao recente uso intensivo.

O rádio no *tablier* soou novamente.

— Responde, McKinnon. Se as vossas comunicações estiverem em baixo, pisquem as luzes se nos ouvirem!

Kowalski olhou para ele.

— Não o faças — disse Gray. — Isso só os vai deixar mais desconfiados, não menos.

O antigo Esquadrão X Britânico à sua frente podia acreditar que o CAAT estava com as comunicações em baixo — afinal, as antenas tinham sido danificadas durante o confronto —, mas Gray desconfiava que esta última comunicação era do inimigo a lançar o isco. Só em circunstâncias extraordinárias é que o equipamento receberia chamadas mas não transmitiria resposta.

Por agora, era melhor fingirem-se surdos e parvos.

— Estão a ficar impacientes — comentou Kowalski.

Sem escolha, continuaram em silêncio sustendo a respiração, à espera do inevitável. Então, aconteceu.

O mundo explodiu, gritando-lhes, fazendo vibrar o para-brisas. Os ouvidos de Gray pareciam estar a ser apunhalados por picadores de gelo. Deixou de ter visão periférica. A bílis subiu-lhe à garganta enquanto as vertigens o deixavam tonto.

Para lá das janelas que estremeciam, o mundo explodiu à volta do CAAT. Criaturas levantaram voo, fugindo à cacofonia. Outras saltaram dos seus esconderijos, pulando, rastejando. Um enorme *Pachycerex* passou por eles a grande velocidade, uma visão turva para os olhos de Gray que começaram a lacrimejar. Passado pouco tempo, já era difícil captar quaisquer pormenores, apenas uma onda de movimento a fugir daquele ataque sónico.

Não consigo aguentar muito mais tempo...

Ao seu lado, viu Kowalski cair por cima do volante.

Sem o seu piloto, o CAAT abrandou e parou.

Em seguida, Gray caiu para o lado, deslizando pela janela do passageiro abaixo, mas não sem uma última preocupação.

Não por si, mas pelos outros.

Jason, espero que tenhas conseguido chegar à Porta dos Fundos.

17h44

Façam com que isto pare...

Jason encontrava-se pendurado a meio da parede da caverna, um cotovelo enganchado em volta de uma das barras cravadas na pedra, os seus dedos dos pés fincados no degrau. Colocou o outro braço à volta da

cabeça, tentando bloquear o ruído e evitar que o seu crânio se rachasse ao meio. Ranho escorria-lhe pelo rosto, juntamente com lágrimas.

Ao longe, uma estrela distante cintilava, assinalando o local de acampamento de Dylan Wright. Enquanto subia a escada, Jason olhava frequentemente nessa direção, receoso de que a equipa britânica terminasse o seu trabalho e ativasse o LRAD antes que o grupo de Jason conseguisse chegar à estação bem isolada.

Os seus piores receios tinham-se concretizado há poucos momentos.

Também reparou numa estrela mais pequena no chão da caverna. Era o CAAT que Gray tomara de assalto. Enquanto escalava a parede, Jason monitorizara o seu progresso lento, mas naquele momento reparou que o veículo parara. Nem conseguia imaginar a intensidade daquela barreira sónica tão perto da sua fonte.

Requereu todo o seu esforço esticar o pescoço e olhar para cima. Stella e o pai encontravam-se vários metros acima dele. Uma pequena lanterna estava pendurada no cinto do professor. Depois de a DSR ficar sem bateria, aquela era a única fonte de iluminação do grupo, a qual fora encontrada na mochila de Stella. Ela dera-a ao pai para que ele conseguisse ver melhor os degraus enquanto subiam a escada.

Foi um erro.

O ruído cessou de repente, de forma tão abrupta quanto começara. Apanhado desprevenido, os dedos dos pés de Jason escorregaram do degrau por um milésimo de segundo arrepiante. Ele voltou à sua posição com alguma dificuldade, arfando, agarrando-se novamente com ambas as mãos. Era como se a força do som o tivesse mantido agarrado à parede e, quando cessou, o seu corpo fosse impulsionado na direção oposta.

Ele sabia que era apenas uma ilusão causada pela confusão dos seus sentidos. Ainda assim, agarrou-se com força durante mais alguns segundos antes de levantar a cabeça.

Stella olhava fixamente para ele, as costas iluminadas pela lanterna do pai.

— Estou bem — disse ele, os ouvidos ainda a zunir, respondendo apenas à preocupação no rosto dela.

Por cima do ombro dela, algo fez uma razia à parede.

Um *Hastax*.

Ainda estava visivelmente em pânico devido ao ruído e atacou o alvo mais próximo, aquela irritante luz intensa que invadia o seu território aéreo. Mergulhou a pique e atingiu o pai de Stella com força suficiente para o fazer cair dos degraus.

Em câmara lenta, Jason viu o professor passar por ele aos trambolhões, caindo silenciosamente e desaparecendo na escuridão, agora nada mais que uma estrela cadente.

Stella gritou, um clamor de angústia, um braço esticado, como que prestes a seguir a queda do pai.

— Fica aí! Eu vou lá abaixo! — disse Jason, descendo rapidamente, embora não tivesse muita esperança. — Lamento, Stella, mas tens de continuar para a estação. Faz explodir aquelas bombas.

Mas seria demasiado tarde?

Um vislumbre do que se passava lá em baixo revelava uma migração sombria em progresso, iluminada por pedaços de bioluminescência a fugir da fonte do ataque sónico. Até mesmo aquela pequena explosão poderia ter consequências graves. O pânico ia inevitavelmente espalhar-se aqui e aumentar ao longo do túnel comprido em direção à saída, como uma bola de neve a rolar por uma encosta abaixo.

Jason olhou para as luzes distantes do acampamento de Wright, com mais uma certeza: *aquela explosão não será a última*. Com cada soar daquela corneta, o pânico aumentaria. Se aquela saída distante não fosse selada, o mundo à superfície estaria condenado.

— Espera! — gritou Stella, com lágrimas na voz. — Eu não consigo... Jason não tinha tempo para discutir.

— Tens de conseguir!

— Ouve-me, raios!

Jason parou e olhou para ela.

— Eu... eu não sei o código — disse ela, engolindo um soluço. — Só o meu pai sabe.

Jason não considerara essa possibilidade. Ele presumira que Stella também soubesse a palavra-passe. Olhou para baixo, entre os pés, para um pequeno ponto de luz junto à base da escada. Fechou os olhos e respirou fundo para se recompor, depois abriu-os.

— Continua a subir, de qualquer forma — disse ele. — Prepara tudo. Eu vou ter contigo assim que conseguir.

— Está bem — respondeu ela, a sua voz baixa e frágil.

Ótimo.

Mesmo que ela não conseguisse fazer nada lá em cima, Jason não queria que ela visse o seu pai no chão, pelo menos não no estado em que ele esperava encontrar o velhote.

Jason apressou-se, rezado para que o professor ainda estivesse vivo.

30 de abril, 13h45 AMT

Roraima, Brasil

Jenna afastou-se aos tropeções da sombra que caía entre a copa das árvores. O seu grito foi abafado, enquanto tentava perceber o que aterrara à sua frente. Era um rapaz alto e magro, de dez ou onze anos, com cabelo preto e olhos azul-claros. Estava descalço, vestia calções e um colete de safari por cima de uma *t-shirt*.

O rapaz dirigiu-se apressadamente para ela, agarrou-lhe na mão, puxando-a para que o seguisse.

— Anda...

Na sua outra mão, segurava um bastão elétrico comprido e amarelo.

Apontou-o na direção do feto gigantesco que começara a desenrolar novamente a sua folhagem, escondendo a besta enorme que se encontrava do outro lado.

O megatério desceu de duas para quatro patas. Arqueou os ombros, eriçando os pelos da nuca, a pelagem escura riscada em tons pretos e castanhos, de uma cor perfeita para servir de camuflagem nesta floresta sombria e primitiva.

Exibiu os seus dentes grandes e afiados.

O rapaz carregou no botão do bastão. A eletricidade dançou em faíscas luminosas azuis entre os contactos em forma de U. Por esta amostra de poderio, a ferramenta devia ser muito mais potente que os modelos normais.

Os olhos do megatério semicerraram. As suas enormes garras, afiadas como lâminas, cravaram-se com mais força no solo macio da floresta.

O rapaz puxou o braço dela novamente.

Jenna fugiu com ele.

A besta perseguiu-os, movendo-se com cuidado, mantendo a distância. Pelo menos, por agora. Jenna olhava de relance para a esquerda e para a direita, ouvindo ramos a partirem e a folhagem a mexer em trilhos paralelos ao deles.

Esta besta não era a única da sua espécie aqui em baixo.

Movendo-se mais depressa, recuaram até à clareira com chão de cascalho. As três jaulas encontravam-se ao centro, ainda trancadas e eletrificadas. Não se podiam refugiar dentro delas.

Ainda assim, o rapaz recuou até terem as costas quase encostadas às jaulas eletrificadas. Pelo menos, ficavam protegidos de qualquer ataque que surgisse por trás.

E talvez não fossem só as jaulas a fornecer proteção.

O megatério chegou à orla da clareira e parou. Uma pata com garras recuou ao tocar no cascalho, claramente desconfiado deste local. Será que este predador arbóreo estava apenas desconfortável por estar em campo aberto ou seria antes alguma memória, um aviso de uma dor antiga? Era evidente que reconhecia o bastão elétrico.

O rapaz inclinou ligeiramente a cabeça, verificando o estado das jaulas.

A luz vermelha ainda brilhava em todas elas.

Pelo franzir do sobrolho, era óbvio que não esperava isso. Olhou para cima, para a copa das árvores. Havia ramos baixos, para onde seria fácil trepar se pudessem subir para cima das jaulas.

— Era por aí que querias ir? — perguntou Jenna, não tendo bem a certeza se o rapaz falava inglês. — Para cima das árvores?

O rapaz acenou, mostrando que compreendia, mas os seus olhos pareciam assustados.

Já devia ter feito isto antes, aprendendo a explorar esta floresta a uma distância segura. Se se mantivesse no cimo e escalasse por entre os ramos mais finos, os predadores maiores não o conseguiam apanhar. Qualquer coisa mais pequena seria facilmente afastada pelo bastão elétrico.

Era uma boa estratégia de fuga, mas de certeza que não precisavam das jaulas para tirar partido dela.

Jenna apontou para um emaranhado de trepadeiras próximo, um dos muitos que caíam dos ramos.

— Podemos subir por ali.

— Não — respondeu ele.

O rapaz baixou-se, pegou numa pedra maior do chão de cascalho e atirou-o na direção das trepadeiras. Onde a pedra atingiu, a corda folhosa fez um movimento semelhante a um espasmo muscular e espinhos curvos brotaram dela, brilhando com seiva.

— Venenosa — disse o rapaz. — Pica muito e depois morres.

Jenna encolheu-se, pensando como fora pouco cuidadosa quando entrara na floresta anteriormente. Observou aqueles espinhos a retraírem-se de novo, lembrando-se de uma trepadeira que existia numa floresta tropical australiana, equipada com picos curvos semelhantes. Tentou recordar-se do nome, mas a confusão cada vez maior na sua mente fazia com que fosse muito difícil pensar.

Na orla da clareira, o megatério voltou a colocar uma pata no cascalho, as suas garras abriam sulcos profundos. Qualquer que fosse o medo que o mantinha afastado, estava a esmorecer.

O rapaz encontrou a mão de Jenna e apertou-a com força.

Mais sombras moviam-se na orla da clareira, apertando o cerco sobre eles.

Jenna puxou o rapaz para mais perto, colocando-o ligeiramente atrás de si, preparada para o proteger. Ela sussurrou-lhe:

— Como te chamas?

13h48

Uma voz preocupada desviou a atenção de Kendall da pilha de apontamentos da investigação de Cutter. Olhou de relance e viu a mulher de Cutter entrar no laboratório. Parecia desesperada, levantando um braço quando viu o marido.

— *As-tu vu Jori?*

— Jori? — perguntou Cutter, passando pela bancada de trabalho em direção à mulher e falando francês. — Pensava que ele estava contigo.

Ashuu abanou a cabeça.

Kendall colocou um dedo sobre o papel para assinalar onde ficara. Estivera a ler rapidamente nos últimos minutos, sem saber quanto mais tempo Cutter o deixaria aceder a estes ficheiros. Continham relatos das suas experiências sobre o uso do magnetismo para quebrar cadeias de AXN, destruindo aquelas colunas de ferro com a intensidade certa. Escreveu os achados do homem num bloco de notas: *tem de se gerar um campo com a força de, pelo menos, 0.465 Tesla, utilizando um campo magnético estático.*

—Vamos ver as câmaras — disse Cutter, tocando no ombro da mulher de forma reconfortante. — Já sabes como é o rapaz. Sempre a explorar. Está naquela idade, cheio de curiosidade, as hormonas começam a manifestar-se, está a tentar encontrar o seu lugar no mundo entre a infância e a juventude.

Cutter dirigiu-se para Kendall e enxotou-o do caminho.

— Podes ler isso mais tarde.

Kendall fez deslizar a sua cadeira para o lado, levando os papéis consigo. Escurecera a imagem do ecrã depois de ver Jenna a sair da jaula e a entrar na floresta. Não queria ver o que acontecia a partir daí. Cutter iluminou o ecrã novamente, recuperando a imagem da clareira da floresta.

Kendall estava prestes a regressar à leitura quando um movimento no ecrã lhe captou a atenção. Jenna regressara, de costas voltadas para as jaulas... mas já não estava sozinha.

Um rapazinho segurava-lhe a mão, com um bastão elétrico na outra.

Cutter inclinou-se para a frente.

— Jori...

Ashuu aproximou-se rapidamente, olhou para o ecrã e soltou um pequeno gemido de medo, agarrando-se à garganta.

Cutter virou-se, agarrou-a pelos ombros e levou-a, firme mas gentilmente, para junto de Mateo.

— Fica aqui, *mon amour*. Vou buscar o nosso menino.

Kendall continuava a olhar fixamente para o ecrã. Viu um vulto escuro e gigantesco a mover-se em direção à clareira. O que quer que fosse, mantinha-se na sua periferia, mas Kendall suspeitava tratar-se da criatura que avistara antes por breves instantes. Lembrou-se daquelas garras, daquele manto de pelo escuro desganhado.

Megatério.

Uma criatura da última Idade do Gelo.

— Olhem! — gritou Kendall, chamando a atenção de todos para o ecrã. Cutter chegou-se à frente, olhou de relance para o monitor e praguejou. Agora, mais sombras moviam-se na orla da clareira.

— Não vais conseguir chegar lá abaixo a tempo — disse Kendall. — Mas olha para a Jenna. Repara no que ela está a fazer.

13h49

Vá lá...

Jenna olhou para a câmara. Estava montada no cimo da árvore, apontada para a clareira. Anteriormente, desconfiara que estava a ser vigiada. Por sorte, o rapaz sabia onde se encontrava a câmara.

Esticou-se para ficar à vista da lente e apontou com um braço para as jaulas, enquanto fazia um movimento de corte em frente ao pescoço.

Desliguem o raio da eletricidade.

O rapaz chamou-a.

— A luz está verde!

Até que enfim.

Jenna voltou a entrar na jaula. Tinham duas opções: esconderem-se lá dentro e esperar que alguém voltasse a ligar a eletricidade... ou seguir o caminho do rapaz e trepar pelas copas das árvores acima.

Não era uma decisão difícil.

Jenna olhou de relance para o megatério. A besta tinha metade do corpo na clareira e a outra metade na floresta, oscilando entre uma e outra. Lembrou-se da criatura a erguer-se sobre as duas pernas traseiras, atingindo quase quatro metros de altura, cada garra com mais de quarenta centímetros de comprimento. Não lhe apetecia confiar a sua vida ou a do rapazinho àquelas grades de aço, eletrificadas ou não.

E não era apenas com esta preguiça que tinham de se preocupar.

Avistara, pelo menos, mais quatro.

Apontando para o topo da jaula, Jenna disse:

— Sobe.

Jori passou-lhe o bastão elétrico e trepou pelas grades acima como um macaco. Quando chegou ao topo, Jenna passou-lhe o bastão. Jori debruçou-se sobre ela, cobrindo-a, soltando faíscas de eletricidade na direção do megatério que se encontrava à vista.

Jenna agarrou-se à jaula, colocou o pé na primeira grade... e viu a preguiça gigantesca a sair disparada da floresta, do outro lado das jaulas, e a correr na sua direção, prestes a atacar.

Jenna apercebeu-se do seu erro.

Não fora o medo que mantivera a matilha afastada.

As criaturas esperaram até terem a certeza de que a eletricidade estava desligada e que não voltaria a ser ligada, usando o rapazinho como cobaia. Enquanto ele estivesse lá em cima, as criaturas sabiam que podiam atacar sem medo de serem eletrocutadas.

— Jori! Salta!

Jenna conseguiu abrir a porta um segundo antes de a preguiça investir sobre o lado oposto da jaula. Rolou para dentro e fechou a porta. Por cima, Jori saltou do topo da jaula e agarrou-se a um ramo, saltando para cima dele com mestria.

Atrás dela, a preguiça embateu contra as três jaulas, fazendo com que estas ficassem de lado. Enquanto a besta rosnava, as garras cravavam-se na parte de cima, na tentativa de atirar as jaulas ao chão. Ela ficaria ali presa se a jaula aterrasse com a porta virada para baixo.

— Jenna!

Jori pendurou-se de cabeça para baixo e atirou o bastão elétrico para junto dela. Em vez de cair a direito por entre as grades, o bastão bateu de

lado e começou a rolar pela lateral inclinada da jaula, mesmo entre as patas do gigante. Jenna tentou apanhá-lo, segurou o cabo e apontou a ponta eletrificada para a preguiça gigantesca. Golpeou-a na zona sensível da axila, onde tinha menos pelo, e os pontos de contacto explodiram ao tocar na sua pele, suficientemente escaldante para esturricar.

O megatério soltou um rugido e caiu, deixando a jaula voltar ao lugar. Torcendo-se para o lado, a criatura caiu de quatro, lambendo a ferida debaixo do braço, e retirou.

Jenna voltou a sair da jaula, agitando em movimentos amplos o bastão, tentando abranger a clareira toda.

O megatério que ainda se encontrava na clareira observou-a com os lábios arreganhados. Contudo, passados alguns momentos, retirou-se de volta para a escuridão. Naqueles olhos viu uma fúria imensa, uma promessa de que esta guerra não terminara ali.

Jenna aproveitou o momento de acalmia para trepar a porta, rolar para cima da jaula e depois saltar para se juntar a Jori nas árvores.

— Segue-me — disse o rapaz. — Muito cuidado.

Jori indicou o caminho, subindo cada vez mais alto nas copas, movendo-se de ramo para ramo, que abanavam com o peso dela. Assim que ficou satisfeito com a altura a que se encontravam, Jori começou a dirigir-se para os portões distantes deste nível. Jenna desconfiava que ele tivesse alguma forma de transpor essa barreira.

E depois?, pensou ela. Ainda estarei presa nesta ilha no céu... enquanto um vírus destrói a minha consciência.

Tentou afastar aquelas preocupações por agora. Um problema de cada vez. Era só isso que a sua mente aguentava.

Jori seguia um caminho que lhe parecia familiar, sabendo onde os ramos entre as árvores ficavam mais perto para saltar ou onde podia

atravessar pontes de trepadeiras pendurado pelas mãos e pés. Juntos, atravessaram as copas das árvores.

— Não! — avisou Jori, afastando-a do que parecia ser um simples salto para uma árvore próxima. Apontou para uma colmeia do outro lado do tronco. — Vespas.

Jenna acenou com a cabeça, não estava com disposição para ser picada.

Jori levou-a por outro caminho, mais difícil, mas Jenna continuou a olhar para aquela colmeia. Um pequeno pardal voava a grande velocidade entre os ramos e passou muito perto daquele ninho que zunia. Um enxame de vespas avançou, envolvendo o pequeno pássaro. Após cada picada, o seu voo ficava mais errático. Em seguida, caiu aos trambolhões no chão da floresta, ainda coberto de vespas.

— São venenosas? — perguntou a Jori, que reparara na sua atenção.

— Não.

Jori continuou a atravessar a densa rede de trepadeiras, equilibrando-se com os braços abertos. Chegou ao outro lado e disse:

— Picam com... — começou ele, sendo evidente que não conseguia encontrar a palavra. Esfregou a barriga e continuou: — ... Sucos que derretem a comida.

Jenna olhou ainda com mais medo para a colmeia.

Suco gástrico.

Então os seus ferrões devem produzir um químico semelhante ao veneno das aranhas.

— Comem-nos de dentro para fora — avisou Jori, como se isto fosse a coisa mais normal de se dizer.

Continuaram durante mais uns vinte metros em silêncio, acompanhados somente pelo canto dos pássaros e o palrar dos papagaios, vindo de cima, dos níveis superiores deste jardim. Em seguida, ouviu um

gemido mais suave, vindo da sua esquerda. O choro desolado fê-la aproximar-se.

— Não — avisou Jori, novamente. — Demasiado perigoso.

Queria obedecer, mas o ruído parecia vir de perto, da árvore ao lado. Deu a volta ao tronco da árvore e afastou os ramos do rosto.

Demorou algum tempo a identificar a fonte dos gemidos suaves. Um ninho de trepadeiras encontrava-se pendurado em ramos que atravessavam uma pequena fenda. Um movimento mínimo captou-lhe a atenção, um membro peludo, do tamanho do braço de uma criança pequena, parecia chamar, implorar. Um conjunto de garras curvas abriam-se e fechavam-se, mais por causa da dor do que por vontade própria. Seguiu o braço até ver um corpo do tamanho de uma cria de urso, envolvido por trepadeiras. Até de onde se encontrava, conseguia ver os espinhos curvos, os pingos de sangue vermelho-vivo. O corpo moveu-se e as trepadeiras apertaram, provocando outro gemido da pequena criatura.

O seu coração condeu-se com esta visão.

Jori puxou-lhe o braço para baixo e os ramos que Jenna empurrava para conseguir ver voltaram à sua posição inicial.

— Lei da selva — disse ele.

Ela conseguia ver que ele tentava dizer isto com bravura, como se fosse uma lição que ele queria mostrar que aprendera, mas, ainda assim, parecia desolado.

Continuou a percorrer o dossel da floresta, tentando trazê-la consigo.

— Porque me ajudaste? — gritou ela. — Porque contrariaste a lei da selva por mim?

Jori parou e virou-se. Olhou para o rosto dela, depois para as suas próprias mãos, desviando em seguida o olhar.

— És bonita. Lei da selva — Jori abanou a cabeça — não para ti.

Com essas sábias palavras, continuou em frente.

13h55

Cutter entrou na dolina, seguido por dois homens armados. Pediu via rádio que dois carros elétricos fossem ao seu encontro. Um deles traria mais quatro homens macuxi armados. A sua cunhada viria no segundo.

Rahei olhava furiosamente para ele, como se tudo isto fosse culpa sua. Embora a mulher tivesse o sangue-frio de uma cobra, amava Jori. Somente o rapaz conseguia trazer ao de cima alguma afabilidade na mulher, mas esse amor também se podia tornar feroz, transformando-a numa leoa a defender a sua cria.

Ainda assim, Cutter aceitava-o agora de boa vontade.

Entraram nos carrinhos e percorreram a grande velocidade o caminho sinuoso, quase sem esperar que os portões abrissem na totalidade, passando a rasar para continuar em frente.

Cutter não conseguia apagar da memória a imagem do filho a desaparecer entre aquelas árvores sombrias, o mais perigoso *habitat* imaginável. *O que me passou pela cabeça ao espicaçar a curiosidade dele em relação à vida que criei?*

Ele sabia que, em parte, era orgulho, ao ver o respeito e a maravilha no rosto jovem de Jori. Era todo o reconhecimento de que precisava para o seu trabalho árduo e ambição. O seu público era uma pessoa e isso bastava-lhe, sobretudo por essa pessoa ser Jori.

Percebeu que a sua respiração estava mais pesada, à medida que a tensão e o medo aumentavam. Rahei deve ter-se apercebido disso e agarrou-lhe o joelho, os dedos a cravarem-se como punhais, dizendo-lhe sem palavras para se aguentar.

Por Jori.

Finalmente, chegaram ao último portão, e os dois carrinhos estacionaram.

— Deixem o portão aberto — disse Cutter ao sair do carrinho. — Se o Jori estiver ferido, não quero perder um único segundo.

Deixou um guarda a vigiar os carros e o portão. Desceu a rampa com os outros, penetrando nas profundezas da floresta.

Colocando a mão à volta da boca, entoou o seu desafio a este mundo hostil.

— Jori! Onde estás?

13h56

Kendall selou o último fecho do seu fato de biossegurança e entrou no laboratório. Antes de sair a correr, Cutter avisara Kendall para dar início aos preparativos para introduzir aquele código destrutivo no seu invólucro. Ainda mais preocupante, Kendall fora instruído a esperar uma amostra de sangue de *Volitox* antes do final do dia.

Kendall não discutira. Ele queria voltar a ter acesso a este espaço de isolamento. Olhou pela janela, para onde Mateo e Ashuu falavam baixinho, as suas cabeças unidas, um irmão e uma irmã a consolarem-se mutuamente. O gigante ensombrava a figura frágil da irmã. Ela abrigava-se na sua força e apoio.

Kendall sentia-se mal por ter de os matar, mas tinha de chegar a um telefone, arranjar alguma forma de partilhar com o mundo exterior a cura para o que afligia a Califórnia, uma frequência magnética capaz de destruir o organismo que criara.

O caos atual em que se encontravam por causa do rapaz era a sua melhor oportunidade.

Até Cutter se descuidara, uma raridade para alguém tão genial.

Kendall bateu no bolso, onde escondera o objeto que roubara de uma das mesas enquanto estavam todos distraídos. Dirigiu-se aos grandes frigoríficos ao fundo do laboratório, abriu as portas e procurou entre várias prateleiras de frascos. Agradeceu a Cutter pelo seu minucioso sistema de catalogar e indexar. Encontrou rapidamente o que precisava e agarrou numa dúzia de frascos, enfiando-os no bolso.

Olhou por cima do ombro, certificando-se de que Mateo continuava ocupado.

Só mais um minuto ou dois.

Dirigiu-se para uma das salas de exame nas traseiras, os espaços utilizados para estudar os tecidos e a anatomia das criações de Cutter. Kendall passou pela máquina de raios X e de tomografia por emissão de positrões e entrou na sala da ressonância magnética, revestida a cobre.

Imagem por ressonância magnética.

A ironia da situação não lhe escapava. O magnetismo era a chave para salvar o mundo, mas poderia também levar à queda de Cutter.

Olhou fixamente para a mesa rodeada pelo anel fechado de ímanes enormes. Eram suficientemente poderosos para provocar danos graves quando operados por alguém descuidado ou sem o treino adequado. Lesões, até mortes, já tinham ocorrido devido ao uso inadequado destes enormes ímanes, mas eram perigosos por outra razão.

Dirigiu-se à caixa de refrigeração na parede junto à porta e levantou a tampa. Os ímanes utilizados numa ressonância magnética são arrefecidos por hélio líquido. Em caso de emergência, o hélio pode ser rapidamente libertado para retirar a potência a um íman, mas era algo perigoso de se fazer num espaço fechado, tal como um laboratório de biossegurança nível 4 hermético, sobretudo este, enterrado nas profundezas de um *tepui*.

A maior parte dos hospitais ventilava este cano de hélio para o exterior, mas Kendall já investigara e descobrira que Cutter, com toda a

sua arrogância, não se tinha dado ao trabalho de o fazer.

Kendall saiu da sala da ressonância magnética e foi verificar qual era a situação no laboratório principal. Mateo estava agora sozinho, olhando fixamente para ele. Parecia que Ashuu já se tinha ido embora.

Kendall enfrentou o olhar do nativo, depois carregou no botão.

Mergulhou para fora da porta e atirou-se de cabeça, deslizando pelo chão de barriga para baixo.

Atrás dele, um rebentamento glacial explodiu com uma força tremenda, enquanto o hélio líquido se expandia oitocentas vezes mais que o normal, empurrando o oxigénio para a frente daquela onda. Janelas rebentaram para dentro do laboratório principal, estilhaçando-se sobre o rosto de Mateo. Um pedaço de íman saiu disparado da sala e atingiu uma fila de botijas de oxigénio na sala ao lado. Explodiram devido à faísca e formaram uma bola de fogo, desafiando a nuvem branca e gelada de hélio que irrompia por aquela janela estilhaçada.

A detonação fora maior do que ele esperava.

Pôs-se de joelhos, depois de pé. Dirigiu-se a cambalear para a saída, optando por sair pela janela de observação em vez da saída principal da área de isolamento.

Acho que já temos uma falha de contenção aqui.

Viu Mateo caído no chão, o seu rosto queimado pela bola de fogo, o cabelo chamuscado. Kendall tinha de passar por cima dele para atravessar a janela e trepar até à casa lá em cima para encontrar um telefone.

Algo lhe agarrou a perna.

Olhou para baixo e viu dedos presos ao seu calcanhar.

Mateo levantou-se, os olhos a brilhar na sua carne queimada.

Kendall tentou fugir, mas Mateo agarrou num cilindro de vidro partido e espetou-o na sua anca.

30 de abril, 17h47 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

— Ninho de ninfa em frente — anunciou Christchurch, virando a sua espingarda DSR e apontando o feixe de infravermelhos ao longo da margem do rio.

Dylan ordenou que parassem e examinou o local com um par de óculos de visão noturna. Vinte metros à frente, uma pequena lagoa formada por uma represa, não muito diferente das que os castores poderiam construir, destacava-se do curso principal de água.

Porém, esta represa era feita de ossos.

O amontoado de crânios partidos, costelas e outros restos de animais em decomposição, ligados por lama, elevava-se à altura da cintura de um homem, espalhando-se num arco, separando a lagoa pouco profunda do rio. Contorcendo-se naquela lagoa e rastejando sobre aquele matadouro estavam centenas de lesmas cinzentas que iam desde o tamanho de polegares gordos ao de um antebraço. Algumas rastejavam sobre a margem mais próxima, fixando-se nos leitos de musgos e algas.

Ele viu uma das ninfas mais velhas — como eram eufemisticamente chamadas — dobrar-se sobre si e saltar da margem rochosa, voar sobre a

lagoa e mergulhar numa abertura do dique repugnante, desaparecendo nas suas profundezas.

Dylan estremeceu.

Claramente, o ninho ainda estava agitado por causa da explosão sónica que terminara há cerca de um minuto. Embora aquele túnel estivesse atrás do LRAD, a onda de choque e o eco acústicos ainda se expandiam na sua direção. Os infrassons de baixa frequência tinham posto os dentes de Dylan a ranger, como unhas num quadro de ardósia.

— Vamos avançar mais dez metros e preparar o LRAD — ordenou Dylan.

— Tão próximo? — perguntou Riley.

Em circunstâncias normais, Dylan não teria tolerado que questionassem uma ordem sua, mas neste caso não repreendeu o seu jovem companheiro. Dylan odiava ferozmente aquelas pequenas predadoras. Elas eram uma abominação.

Mas naquele momento precisava de uma.

— Vamos — disse ele.

Moveram-se lentamente, avançando com cuidado. As ninfas eram conhecidas por atacarem em massa. Perturbar um destes ninhos era como remexer num formigueiro. O termo usado pelos cientistas era *fervura* — quando todo o covil irrompia em uníssonos em resposta a uma ameaça. Era uma visão absolutamente aterradora, uma explosão carnívora que podia percorrer dezenas de metros pelo ar.

Por isso, ele compreendia a preocupação de Riley.

Porém, Dylan era um caçador experiente. Indicou o caminho, deslocando-se silenciosamente. Por fim, levantou um punho e fez sinal a Christchurch e Riley para se moverem para a sua direita e prepararem o LRAD portátil.

Os homens trabalharam como uma equipa experimentada. Christchurch levantou bem alto a parabólica, deixando Riley ligar os cabos de alimentação. Quando acabaram, Riley recuou para trás do ombro do seu colega, carregando a bateria nos braços.

Dylan apontou para o ninho e levantou os polegares.

Riley carregou no interruptor. O LRAD zumbiu por um segundo, depois lançou um uivo estridente para o ninho. A reação foi imediata. Embora não tão dramática como a fervura, era ainda assim um espetáculo impressionante, qualquer coisa saída do círculo mais profundo do Inferno. Centenas de corpos cinzentos contorceram-se, saltaram e voaram para fora do ninho, mergulhando no rio. Os que estavam na lagoa ou ao longo das margens seguiram os seus asquerosos irmãos, fugindo do ruído como que varridos por um soprador de folhas.

Dylan contou até três, depois fez um movimento de corte na sua garganta.

Riley desligou a bateria e Christchurch baixou a parabólica.

Dylan correu para a lagoa, o escroto ainda contraído com a ideia de se aproximar do ninho putrescente. Vasculhou a lagoa, mas só encontrou o que queria no rebordo da pilha de ossos.

Uma única lesma contorcia-se pesadamente, atordoada pelo ataque.

Dylan pegou nela com uma mão protegida por luvas, tendo o cuidado de evitar a boca circular com dentes afiados como agulhas. Pendurou-a de boca para baixo, sabendo que as glândulas que rodeavam aquela boca estavam cheias de ácidos que queimavam a carne, capazes de dissolver a pele através das luvas.

Com o seu isco na mão, dirigiu-se rapidamente à margem do rio. A ninfa já estava a recuperar, fazendo sair pequenos apêndices dos seus segmentos musculares, como pernas de uma centopeia.

Quando ela começou a contorcer-se mais violentamente, ele desembainhou o seu punhal, rasgou o abdómen da criatura e manteve suspensão sobre o rio a carcaça esventrada.

Sangue negro escorreu para o rio.

Dylan esperou até a ninfa deixar de se contorcer e em seguida largou o corpo na margem junto da água. Inclinou-se para a frente e atou fio de pesca a meio do corpo dela — em seguida e rapidamente, recuou dez passos.

Uma vez posicionado, Dylan fez sinal aos seus companheiros para se colocarem do seu lado direito e voltarem a ligar o LRAD, apontado à pilha de ossos. Enquanto esperava, desejou que as outras ninfas não voltassem para o ninho. Ao contrário das ninfas, o que ele tentava atrair para aquele lugar não ouvia aquelas descargas sónicas.

Agachou-se sobre um joelho, fez deslizar a espingarda automática do seu ombro e colocou-a aos seus pés. Para caçar a sua presa, preferia outra arma.

Tirou a pistola *Howdah* do coldre. Já tinha carregado os cartuchos .557, um em cada um dos canos duplos. Embora a arma tivesse cerca de cem anos — usada para caçar rinocerontes e tigres pelos seus antepassados —, ele mantinha-a em perfeitas condições de funcionamento, esperando que ainda disparasse daqui a cem anos, quando eventualmente o seu bisneto a empunhasse.

Porém, ele não tencionava caçar nada tão modesto como um leão.

Mais depressa do que ele esperava, a sua presa chegou. O único aviso foi um remoinho em forma de V na água a dirigir-se rapidamente para a margem. Então, do rio, um globo cintilante subiu para a superfície, sustentado no cimo de um tentáculo. A esfera tóxica rodopiou em sombras bioluminescentes: azuis brilhantes, verdes elétricos, vermelhos sangrentos.

Era fácil perceber por que razão tal encanto letal maravilhava e atraía os habitantes daquele mundo sombrio, mas Dylan ignorou o espetáculo e usou o polegar para puxar atrás o cão de um dos canos.

A esfera baixou para a margem rochosa, procurando a linha da costa às cegas até descobrir o corpo da lesma. As ninfas eram a prole da *Volitox ignis*, uma fase imatura daquele monstruoso adulto predador.

A orbe rolou o corpo mole. O seu contacto estranhamente suave não queimou a carne da ninfa, como se aquela rainha *Volitox* pudesse controlar o seu fogo ácido. Na realidade, sabia-se muito pouco sobre as fases de vida destas criaturas. Elas eram demasiado violentas e perigosas para poderem ser estudadas. Porém, aqueles cientistas já tinham observado o forte instinto maternal daquelas rainhas.

Dylan aproveitou a vantagem que aquilo lhe dava.

Baixando uma mão, puxou o fio de pesca arrastando a carcaça pela margem do rio acima, afastando-a da mãe. Provocou a *Volitox* mais de perto, levando-a a acreditar que a sua progenitura podia ainda estar viva e a tentar rastejar para longe.

A orbe tateou ao longo do percurso da ninfa, esticando-se para alcançar o corpo que se lhe escapava. Por fim, a rainha teve de arquear o seu corpanzil para fora da água a fim de continuar a sua perseguição.

Já era tempo.

A sua cabeça aterrou na margem do rio, revelando o seu corpo em forma de torpedo, do tamanho de uma orca, mas encimado por uma boca circular, como a de uma lampreia. Dentro dessa boca franzida ficava um poço insondável com uma espiral de dentes curvos.

Dylan largou o fio de pesca e fez pontaria firmemente, apoiando uma mão sobre a outra. Centrou o tiro na base exposta do pedúnculo, onde ele sabia que se situava um grande gânglio, ligado diretamente ao cérebro.

Um tiro ali deveria derrubar aquela besta.

E, se falhasse, ainda tinha mais uma bala no outro cano.

Nunca precisei de mais do que dois tiros.

O seu dedo apoiou-se com firmeza no gatilho e começou a carregar...

... quando o som de tiros irrompeu no túnel.

Surpreendido, estremeceu e a sua *Howdah* disparou. A bala faiscou na margem rochosa e ricocheteou, inofensiva, na escuridão.

O tiroteio continuou nas profundezas do túnel, acompanhado pela inconfundível trepidação de uma metralhadora.

Que raio era aquilo?

17h52

Abrigado na cabina do CAAT, Gray eliminou outro homem com um tiro de caçadeira no peito. O corpo do soldado voou para trás. Sem munições, atirou a arma para o lado e agarrou na espingarda automática *Heckler & Koch* que estava junto do seu banco.

Nada como expropriar um veículo do inimigo cheio de armas.

Não que ele e o seu parceiro tivessem chegado ali de mãos vazias.

Do outro lado, Kowalski saiu da cabina, agachou-se por cima das lagartas do CAAT, protegido pela porta blindada aberta do condutor. Equilibrou a metralhadora no rebordo da porta, criando a sua própria trincheira improvisada.

Corpos juncavam o solo à volta do veículo.

Num total de sete.

Os dois soldados sobreviventes juntaram-se e metralharam o CAAT, desistindo da sua tentativa de alcançar o túnel que os levaria dali para fora. Deram meia-volta e correram para as profundezas do Coliseum, fugindo das luzes e desaparecendo a coberto da escuridão.

Gray disparou sem fazer pontaria, mas os soldados tinham-se volatilizado.

— E agora? — perguntou Kowalski.

Gray olhou fixamente para a gruta.

— Guarda o forte — disse ele, receando que o par em fuga pudesse tentar retomar aquela base. — Vou atrás do Wright.

Kowalski agarrou na metralhadora e saltou para o chão. Apontou a arma para o CAAT maior.

— É tempo de mudar de carro. Temos um rio para atravessar, se é que ainda queremos alcançar essa Porta dos Fundos.

Era uma decisão sensata. Lembrou-se de ter ouvido na ponte um comando expressar a sua preocupação quanto a usar um CAAT mais pequeno naquelas correntes traiçoeiras. O veículo maior teria mais hipóteses.

— Toma conta disto — disse Gray.

— Tem cuidado contigo. — Kowalski lançou um olhar de relance ao túnel que saía do Coliseum. — Não vais apanhar esses bastardos desprevenidos. Não uma segunda vez. Especialmente o Wright.

Gray concordou em silêncio e tirou os tampões dos ouvidos.

A sua artimanha tinha funcionado às mil maravilhas.

Quando avistara o campo pela primeira vez, tinha usado o microfone direcional montado na sua espingarda DSR para ouvir clandestinamente as conversas dos soldados. Ouvira Wright a falar com alguém via rádio. Só conseguira apanhar a parte da conversa do comando, mas tornou-se claro que Wright tinha novas ordens, alguma coisa importante que ele tinha de ir buscar antes de retirar com os seus homens.

Fosse o que fosse, Gray tencionava impedi-lo de o fazer.

Além disso, pelo caminho, tinha ouvido por acaso os planos do inimigo para usar o LRAD contra o CAAT que se aproximava, pôr os seus

ocupantes fora de combate e tomar o veículo à força. Sabendo isso, ele e Kowalski tinham arranjado equipamento protetor no veículo: tampões e auscultadores para amortizar o ruído. Ali, onde muitos dos CAAT estavam equipados com LRAD portáteis, aquele tipo de equipamento de emergência era provavelmente equipamento *standard*.

Sendo assim, bastava simplesmente fingir que estavam incapacitados, colapsarem nos seus bancos, o que não era uma atuação difícil uma vez que aquele ataque sónico era agonizante, mesmo com o equipamento de supressão de ruído. Porém, o truque fora tão bem-sucedido que o inimigo baixara a guarda. Logo que os ex-soldados britânicos ficaram suficientemente perto — rindo com a sua suposta vitória —, Gray e Kowalski dispararam de ambos os lados do CAAT e apanharam toda a tripulação de surpresa.

Porém, era aí que o estratagema acabava.

Seguramente, Wright tinha ouvido o breve tiroteio... e estaria à sua espera.

Que esteja.

Ao dirigir-se para o túnel, olhou de relance para a direita, para o local onde o cintilar de uma estrela resplandecia bem alto na parede daquele lado. Jason e os outros já deviam ter chegado à Porta dos Fundos. Por aquela altura, Gray esperava já ter ouvido uma explosão avassaladora daqueles explosivos antibunker.

Mas até agora nada.

O que é que está a demorá-los?

17h53

Jason saltou do último degrau e correu para o ténue brilho na escuridão. Tinha feito a descida às escuras tão depressa quanto conseguia, quase caindo por duas vezes. Mas ele sabia que não era o momento para cautelas.

Apressou-se através da lama e do musgo e alcançou o corpo do professor Harrington. O professor estava caído de costas, com os olhos abertos e vidrados. Corria sangue do canto dos seus lábios e tinha um braço partido e torcido debaixo dele.

Oh, Deus...

Jason caiu de joelhos no lamaçal de algas que lhe chegava aos tornozelos. Tocou no ombro do professor e estendeu a outra mão para lhe fechar os olhos.

Lamento.

Então aqueles olhos abriram-se, seguindo os seus dedos. Uma pequena gota de sangue saiu da sua narina esquerda.

Ele ainda está vivo!

Mas Jason sabia que não seria por muito tempo. Uma saliência óssea no seu pescoço magro parecia uma fratura cervical.

— Professor...

Os lábios pálidos dele moveram-se, mas não saiu qualquer palavra.

Jason odiava perturbar os últimos momentos de vida do professor, mas a situação era demasiado grave, a necessidade muito grande. Aproximou-se do rosto de Harrington e levantou-lhe a cabeça.

— Professor, precisamos do código. Consegue falar?

O olhar de Harrington encontrou o rosto de Jason. O medo brilhava aí — mas não por si mesmo. Aqueles olhos piscaram em direção à distante subestação, em direção à sua filha.

— Eu compreendo — disse ele. — Não se preocupe. A Stella conseguiu chegar em segurança lá acima.

Jason não estava seguro de que assim fosse, mas uma mentira que trouxesse consolo não podia ser um pecado.

As suas palavras mitigaram alguma da ansiedade do professor. Todo o seu corpo se afundou na cama macia debaixo dele. Provavelmente, só se mantinha vivo por causa da vegetação espessa e húmida que cobria o chão de pedra.

— O código, professor — implorou Jason.

O único sinal de compreensão foi um ligeiro aceno, apenas perceptível porque Jason tinha a palma da mão sobre a face do homem. Tentou fazê-lo falar, mas o olhar fixo do professor nunca deixou o brilho da distante estação, onde ele acreditava que a sua filha estava a salvo.

Por fim, o professor deu um último suspiro, que soou como um soluço, morrendo com uma certa paz e levando os seus segredos com ele.

Jason levantou-se, derrotado e triste.

Não posso fazer mais nada...

30 de abril, 13h58 AMT

Roraima, Brasil

— Estou a avistar uma coluna de fumo à frente — disse o sargento Suarez do *cockpit* do *Valor*. — Está a subir daquele cume.

Painter inclinou-se para a janela à medida que o aparelho de rotores basculantes se deslocava rapidamente para o planalto. O compartimento dos motores rodou, diminuindo a velocidade da aeronave para a frente. O piloto posicionou habilmente o *Valor* sobre o *tepui*, o aparelho inclinou-se suavemente e a seguir pairou com precisão sobre o local. As suas lâminas cortaram a corrente de fumo que saía das portas abertas de uma casa rústica de estilo franco-normando, oculta sob a entrada de uma gruta.

Tem de ser a casa de Cutter Elwes.

Um pouco afastado, Painter viu um pequeno lago de águas calmas e uma dolina no meio de uma floresta raquítica. Enquanto desciam, avistaram um punhado de homens a correr lá em baixo e a disparar sobre o intruso.

— Abramson! Henckel! — gritou Suarez. — Que tal mostrar-lhes como é que os fuzileiros dizem olá?

O *Valor* desceu a pique, levantando ligeiramente Painter do seu lugar. A escotilha abriu-se de um dos lados, trazendo o rugido dos motores e a

forte deslocação de ar das hélices para dentro. Os dois militares já tinham os cabos presos. As cordas foram atiradas para baixo e os homens rolaram para fora rapidamente. À medida que deslizavam pelas cordas, começaram a disparar, atingindo vários atacantes e dispersando os outros.

As rodas do *Valor* tocaram o solo um instante depois.

— Vamos juntar-nos à festa — disse Drake a Malcolm e Schmitt.

Empunhando uma *Sig Sauer*, Painter seguiu os fuzileiros que saltavam do avião.

Suarez ia atrás deles.

— Os meus homens e eu tomamos o cume. — Tocou com a mão no ouvido. — As comunicações estão abertas. Chama se precisares de ajuda.

Painter olhou para a casa envolta na bruma, sabendo onde deviam começar a busca.

Onde há fumo, há fogo.

Painter conduziu a equipa em corrida agachada para as portas abertas. Os fuzileiros levavam as espingardas apoiadas nos ombros, os rostos sombreados pela barba cor de ferrugem encostados às coronhas. Painter manteve a pistola pronta a disparar, agarrando a arma com as duas mãos.

Um atacante solitário disparou por uma das janelas do andar de cima.

Drake moveu-se mais depressa do que Painter conseguiu reagir — e disparou. Vidro estilhaçou e um corpo caiu pela janela e desabou sobre as pedras. Passaram por ele a correr e entraram num grande átrio.

Vazio.

— Elevador — disse Painter apontando a pistola para a gaiola de ferro forjado.

Correram para a frente e encontraram uma mulher atraente encolhida no chão num quarto ao lado. Ela parecia confusa mas ilesa. Não ofereceu resistência. Pelos olhos inchados e o rosto manchado de lágrimas, o que quer que a tivesse perturbado tinha pouco que ver com a chegada deles.

Painter sacou de um par de fotografias laminadas: uma de Kendall Hess, outra de Jenna Beck. Segurou-as em frente da cara dela.

— Estas duas pessoas estão aqui?

Ela olhou para cima, apontou para a de Hess, depois para o elevador.

Painter não tinha tempo para delicadezas, não com um dispositivo nuclear programado para detonar na Califórnia dali a menos de uma hora. Puxou a mulher para a pôr de pé.

— Mostre-me.

Ela cambaleou para o elevador e apontou o botão para um piso mais abaixo, algures sob a casa.

Painter soltou-a e entrou na caixa do elevador com Drake.

— Malcolm, Schmitt, revistem este lugar piso por piso. Procurem a Jenna. E o Cutter Elwes.

Os homens anuíram com a cabeça.

Drake fechou com um movimento rápido a porta do elevador e Painter carregou no botão. O elevador afundou-se, passou por rocha sólida, descendo mais do que Painter esperava. Por fim, o fumo tornou-se mais espesso e o elevador parou num laboratório gigantesco.

Havia focos de incêndio, fuligem pairava no ar e parecia que uma parede de vidro de um laboratório vizinho tinha sido estilhaçada para dentro daquela sala.

Dois homens a lutar ficaram à vista saídos de trás de um posto de trabalho.

O que se encontrava por baixo estava claramente a perder, tinha a barriga ensanguentada e estava a ser estrangulado por uma mão enorme. O atacante levantou o outro braço, empunhando um pedaço de vidro coberto de sangue. O rosto do agressor era uma ruína enegrecida — mas Painter reparou no traçado de uma cicatriz familiar.

Apontou a sua *Sig Sauer* e disparou duas vezes. Os dois tiros atingiram a testa do homem. O gigante tombou para trás e ficou estendido no chão.

Painter correu para a frente, indo em auxílio do homem ferido. Este usava um fato de proteção biológica com o capuz rasgado. Era Kendall Hess.

— Doutor Hess, chamo-me Painter Crowe. Viemos para...

Hess não precisou de mais encorajamento. Talvez o fuzileiro com todo o equipamento de combate atrás dele fosse suficientemente esclarecedor. Dedos enluvados agarraram o braço de Painter.

— Preciso de falar com alguém da Califórnia. Eu sei como travar o que se escapou do meu laboratório.

Eram as primeiras boas notícias em dias.

— E onde está a Jenna Beck? — perguntou Drake.

Hess olhou de relance para ele, notando provavelmente a angústia na voz do fuzileiro.

— Ela está aqui... mas corre grande perigo.

— Onde está ela? Que perigo?

O olhar de Hess voou para um relógio na parede.

— Mesmo que ela viva, não será a mesma dentro de trinta minutos.

O rosto de Drake empalideceu.

— O que quer dizer com não será a mesma?

14h04

Jenna debateu-se com o nevoeiro que enchia a sua cabeça. Era preciso um pensamento distinto para cada movimento:

... *agarrar trepadeira.*

... *prender perna.*

... içar para o próximo ramo.

Jori continuava a olhar para trás, para ela, franzindo a testa de preocupação, sem perceber porque é que ela se demorava tanto.

— Continua — disse ela, fazendo-lhe sinal com a mão para que ele avançasse. Até a língua lhe parecia mole e pesada, recusando-se a formar palavras sem aquela mesma parcela extra de atenção.

Tentou usar o seu mantra para a fazer mexer-se como antes.

Eu sou Jenna Beck, filha... filha de... Abanou a cabeça numa tentativa de desalojar aquele nevoeiro. Eu tenho um cão.

Visualizou o nariz preto do cão, sempre frio, a tocá-la.

Nikko...

Aquelas orelhas espetadas.

Nikko...

Os seus olhos — um azul-claro, o outro castanho.

Nikko...

Bastava por agora.

Concentrou-se no rapaz, seguindo os seus movimentos, imitando-o em vez de ter de pensar. Lentamente, ele ia-se afastando. Ela levantou um braço para o chamar, mas não saiu nenhum nome. Ela pestanejou — depois lembrou-se, o nome a subir através do nevoeiro, porém ela receava que, se aquele nevoeiro se tornasse mais denso, em breve nada sairia dele.

Abriu de novo a boca para o chamar, mas outra voz se sobrepôs, gritando de algum lugar mais à frente.

— JORI!

14h06

Cutter chamou outra vez, a voz cada vez mais rouca.

— Jori!

Um pouco antes, tinha ouvido uma explosão e visto uma estranha aeronave trovejar sobre a dolina, seguida por uma ruidosa saraivada de tiros. Sentiu o seu mundo colapsar à sua volta, mas nada disso lhe importava naquele momento.

— Jori! Onde estás?

O seu grupo tinha chegado à base da rampa em espiral e começara a percorrer o comprido caminho de gravilha que passava pela floresta. Rahei ia à frente, levando uma espingarda ao ombro equipada com um dispositivo de atordoamento. Mais cinco homens caminhavam ao seu lado e atrás dele, todos fortemente armados. Cutter também tinha um dispositivo de detonação para as munições enterradas por baixo do chão daquela dolina. Era um plano de contingência se ele alguma vez precisasse de depurar aquele lugar, mas de momento pensava nisso mais como um ato de vingança.

Se essas bestas magoaram o meu filho...

— Jori!

Então, à esquerda do caminho, um grito débil atravessou a floresta.

— Pai!

— É ele! Ele está vivo.

Uma alegria encheu-o como nenhuma outra — acompanhada por uma onda de terror. Ele não podia deixar que alguma coisa acontecesse ao seu filho.

Rahei voltou atrás e apontou para a floresta na direção da voz de Jori. Se havia alguém que podia encontrá-lo, esse alguém era a sua cunhada. Ela era um dos melhores caçadores que ele conhecia. Rahei pôs-se a caminho, arrastando todos com ela. Não diminuiria o seu andamento para compensar qualquer deficiência daqueles que a seguiam, e Cutter não admitiria que fosse de outra maneira.

— Pai!

Mais perto agora.

Um minuto depois, Rahei correu para a frente quando uma figura toda ela braços e pernas magros e compridos desceu das árvores e se precipitou nos seus braços. Ela fez girar Jori num círculo completo, depois largou-o e deu-lhe um forte abraço.

Cutter deixou-se cair sobre um joelho com os braços abertos.

Jori correu para ele e atirou-se para os seus braços.

— Estou muito zangado contigo, meu rapaz — ralhou, mas abraçou o filho ainda com mais força e beijou-o no cimo da cabeça.

Daquela mesma árvore, desceu outra figura, caindo nos últimos dois metros, mas mesmo assim aterrando de pé.

Rahei olhou para ela disposta a subjugar-lá, mas Cutter sabia que Jenna não era responsável por nada daquilo. De facto, ela provavelmente salvara a vida de Jori. Dirigiu-se a ela e abraçou-a também, sentindo-a retesar-se ao tocá-la.

— Obrigado — disse ele.

Quando a soltou, ela engoliu visivelmente, parecendo que queria dizer alguma coisa. Os seus olhos tinham ficado sulcados de grossos vasos sanguíneos enquanto vagueavam pela floresta.

Estava quase a morrer.

Lamento...

— Vamos levá-la connosco — ordenou Cutter. Ela não merecia morrer ali, já não, não depois de ter salvado o seu filho. — Despachem-se. Vamos pelos túneis secretos da floresta. Não sei o que está a acontecer lá em cima, mas penso que estamos em perigo.

Rahei voltou a ir à frente, imprimindo um andamento duro.

O caminho apareceu à frente, mas, antes que o pudessem alcançar, o homem à esquerda de Cutter caiu com a cabeça para trás, a garganta aberta

até ao osso. O sangue cobriu os ramos à medida que ele colapsava.

Alguma coisa atingiu Cutter por trás, levantando-o do chão e lançando-o vários metros pelo ar. Embateu violentamente contra um arbusto espinhoso e rolou. Viu de relance um flanco maciço e coberto de pelo passar rapidamente por ele. Cutter rolou para o lado, mantendo-se agachado, enquanto um tiroteio estalava, rasgando fetos, pulverizando troncos, mas não havia qualquer sinal dos atacantes.

Cutter levantou-se, procurando em volta.

Que diabo aconteceu?

— Jori — disse Jenna com a voz estrangulada. — Eles levaram-no.

Cutter girou sobre si mesmo, como um redemoinho de vento, procurando a toda a volta.

O seu filho *tinha* desaparecido.

Rahei apareceu ao seu lado, com o rosto frio de fúria.

— Para onde? — Cutter virou-se para Jenna. — Para onde é que foram?

Jenna apontou para a parte mais escura da floresta, onde a antiga selva desaparecia contra as paredes da dolina.

— As grutas deles... — percebeu Cutter.

Os megatérios habitavam as grutas e usavam as suas potentes garras para cavar túneis e cavernas.

Sem uma palavra, Rahei começou a correr naquela direção. O seu desprezo por todos eles era óbvio. Ela tencionava tomar o assunto nas suas capazes mãos. Mesmo que isso significasse levar todas as espécies de novo à extinção.

— Vamos — disse Cutter, dispondo-se a segui-la.

Jenna pôs-se à sua frente, colocando uma mão no seu peito.

— Não, não é... dessa maneira.

Ela debateu-se, abanando a cabeça para conseguir libertar as palavras.

Ele tentou passar por Jenna, mas ela impediu-o com os olhos suplicantes.

— Eles não o mataram — tentou ela de novo, apontando para o homem morto. — *Levaram-no*. Rahei. A maneira dela... a sobrevivência dos mais fortes... vai fazer com que o matem.

— Então, o que é que fazemos?

Ela fitou Cutter, mostrando no seu rosto toda a sinceridade e seriedade que ela lutava por encontrar nas suas palavras.

— Temos de fazer de outra maneira

11h14 PDT

Sierra Nevada, Califórnia

Lisa estava à janela da capela e olhava fixamente para o vizinho campo de aviação. Um drone do tamanho de um tanque encontrava-se na pista de descolagem. Tinha uma forma quadrada com quatro hélices, uma em cada canto. Parecia uma versão gigantesca desses quadricópteros vendidos nas lojas de modelismo, mas este não era de brincar.

No porão de carga estava um dispositivo nuclear preso por correias grossas a uma plataforma de metal. Um grupo de técnicos ainda trabalhava junto dele. Outros encontravam-se na pista claramente a discutirem. Ela sabia que um desses homens era o doutor Raymond Lindahl. Como diretor do Centro de Desenvolvimento de Testes do Exército dos Estados Unidos, era apropriado que se encontrasse presente, mas Lisa desejou que fosse Painter e não ele a estar ali, alguém menos ultraconservador, mais capaz de pensar fora da caixa.

Uma voz soou atrás dela.

— Já foi avisada de que esta área tem de ser evacuada — disse a cabo Sarah Jessup. — A detonação está marcada para daqui a quarenta e cinco minutos. Já temos pouco tempo, sobretudo porque ouvi dizer que podem adiantar a hora devido a uma ameaça de ventos cruzados.

— Só mais uns minutos — retorquiu Lisa.

Painter nunca me desiludiu.

Como que convocado por este pensamento, o telefone tocou. Apenas um punhado de pessoas tinha este número. Lisa saltou para o aparelho e pegou nele. Nem se preocupou em confirmar que era Painter.

— Dá-me boas notícias — disse ela.

A voz dele estava cheia de estática, mas era tão bem-vinda.

— É magnetismo.

Ela tinha a certeza de que não tinha ouvido bem.

— Magnetismo?

Ela ouviu enquanto Painter explicava como tinha encontrado Kendall e que o homem tinha uma solução, uma resposta tão estranha como a própria doença.

— Qualquer força magnética forte provavelmente serve — rematou Painter —, mas, de acordo com alguns testes efetuados, é necessário, e estou a citar, gerar um campo de força de pelo menos 0.465 Tesla usando um campo magnético estático.

Ela anotou rapidamente a informação numa folha de papel.

— O efeito deve ser praticamente imediato, pois esse campo magnético destrói o organismo a nível genético, não danificando qualquer outra coisa.

Oh, meu Deus...

Ela olhou fixamente pela janela, sabendo da força destrutiva prestes a ser libertada naquele lugar sem necessidade alguma.

Painter tinha informação adicional.

— Hess diz que a explosão nuclear não terá qualquer efeito neste organismo. Só conseguirá que se espalhe a uma maior distância e num raio mais amplo.

— Tenho de os impedir.

— Faz tudo o que puderes. Kat já está a tentar pelas cadeias de comando até lá acima para parar isto, mas conheces Washington. Temos menos de quarenta e cinco minutos para mover uma pedra que raramente se move.

— Já fui. — Ela desligou o telefone, sem mesmo se despedir. Virou-se para Jessup. Temos de ir buscar *Nikko*. Ele é a nossa única esperança.

30 de abril, 18h15 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

Dylan Wright amaldiçoou o seu tiro falhado.

Puxou para trás com o polegar o cão do segundo cano, consciente da besta que se encontrava à sua frente. A rainha *Volitox* ainda procurava o corpo da sua cria, arqueando-se mais alto para fora da água, com o seu chamariz fulgurante a rolar pela margem rochosa.

O que quer que aquela recente saraivada de tiros fosse, tinha acabado tão rapidamente como começara. Momentaneamente, afastou aquilo do seu pensamento, concentrando-se na tarefa que tinha agora em mãos, o perigo imediato que se aproximava.

Um caçador não deixa que nada o distraia da matança.

Ignorou o zumbido de fundo vindo do LRAD portátil à sua direita, com a parabólica ainda apontada para o ninho. Ignorou o cintilante e hipnótico brilho do chamariz do *Volitox* à sua frente. Ignorou mesmo o terror primitivo na base do seu cérebro face ao gigantesco monstro.

Levantou a pistola e fez pontaria à base do tentáculo, onde o gânglio aí situado lhe dava a oportunidade de um tiro mortal.

E disparou.

A bala de grande calibre explodiu ligeiramente à esquerda no grosso tentáculo. Embora não fosse um tiro mortal perfeito, era suficientemente bom.

A rainha *Volitox* levantou-se acima da água com um espasmo, os seus flancos estremeceram violentamente com energia bioluminescente. A sua boca abriu-se completamente revelando milhares de dentes curvos.

À sua esquerda, Riley recuou alguns passos, esbarrando em Christchurch, que deixou cair a parabólica do LRAD. Esta aterrou com estrondo no chão de pedra, libertando faíscas de eletricidade.

Embora a espécie *Volitox* fosse cega e surda, era fortemente afetada por campos e correntes elétricas — *qualquer corrente*.

O chuvisco de faíscas despoletou um ataque por reflexo. O tentáculo chicoteou o ar, encontrando a garganta de Christchurch. Enrolou-se à sua volta, cravando aquela esfera gelatinosa e ardente na sua face. A carne crestou e o soldado gritou, asfixiado num fluxo de ácido que lhe inundou os pulmões.

Christchurch foi arrancado do chão, com o pescoço partido, e lançado para o rio.

Riley passou a correr por Dylan e desapareceu na escuridão, na direção do campo distante.

Cobarde.

Dylan manteve-se firme, imóvel, confiando no seu tiro.

A rainha *Volitox* — com as suas últimas forças gastas no ataque — desabou no chão, com a sua gigantesca cabeça a bater violentamente contra a rocha.

Ele esperou um minuto, depois aproximou-se com cuidado empunhando o seu punhal. Tirou uma garrafa metálica da mochila.

Cutter Elwes tinha dito que só precisava do sangue da criatura.

Bastante fácil.

Esfaqueou a besta de lado e recolheu o fluxo negro no contentor de alumínio. Uma vez cheio, enroscou a tampa.

Missão cumprida.

Agora sair daqui.

Chegou a ele o retumbar de botas em passo de corrida, tornando-se cada vez mais forte. Inclinou-se sobre o corpanzil do *Volitox* morto, vendo Riley regressar.

Aparentemente, o jovem soldado tinha encontrado a sua coragem.

Infelizmente, depressa perdeu a cabeça.

Ouviu-se um tiro de espingarda e parte do rosto de Riley explodiu numa massa sangrenta. O seu corpo voou para a frente, caindo a todo o comprimento no chão da gruta.

Dylan saltou para trás da carcaça do *Volitox*. A sua mão procurou a *Howdah* no coldre, mas estava descarregada. Ele olhou pela caverna para onde tinha pousado a espingarda automática. Sabia que, se tentasse chegar a ela, sofreria o mesmo destino que Riley.

Quem quer que estivesse lá fora, era um atirador exímio.

Adivinhava quem ele era, visualizando o americano, sabendo que tinha de ser ele.

Ainda não estás morto, pois não?

Talvez tivesse chegado a altura de mudar isso. Sabia que o seu adversário não tinha tanta experiência como ele em combate no escuro. Resolveu tirar vantagem do facto.

Chamou-o.

— É tempo de falarmos, parceiro!

— Acerca de quê? — gritou Gray em resposta.

Agachou-se atrás de um afloramento rochoso a cerca de trinta metros de onde Dylan Wright se escondia. Estudou o terreno com os óculos de visão noturna. O corpo do soldado estava estendido no rochedo entre eles. Anteriormente, ouvira outro homem gritar, um som seguido de um grande baque na água — em seguida, o comando que ele alvejara surgiu a correr aterrorizado.

Pelas contas de Gray, só devia restar um homem, o líder do Esquadrão X.

Manteve a sua espingarda automática apontada para o corpanzil da besta morta encalhada na margem do rio. Pelo tentáculo mole estendido ao longo do corpo, devia ser uma dessas lampreias predadoras com os chamarizes bioluminescentes.

— Quero propor um acordo — respondeu Wright. — O tipo para quem trabalho pode ser muito generoso.

— Não estou interessado.

— Não podes dizer que não tentei.

De súbito, o mundo explodiu à frente de Gray, cegando-o. Ele arrancou os óculos de visão noturna — precisamente a tempo de ver Dylan apagar uma lanterna e sair a correr do seu esconderijo. No entanto, o clarão súbito da luz intensa na escuridão, amplificada pelos óculos de visão noturna, deixara uma queimadura na sua retina.

Tiros irromperam do novo esconderijo de Dylan.

Gray recuou, compreendendo o seu erro. O sacana tinha usado a escuridão contra ele de modo a chegar a uma arma. Porém, não era só uma arma. Um *pop* de eletricidade e um breve *hum* irromperam num gemido lancinante.

Um LRAD.

O ruído apunhalou os seus ouvidos, abalando as suturas do seu crânio. Desta vez, ele não tinha proteção para aquilo. Rapidamente, ficou com vertigens. Levantou a espingarda e disparou às cegas na direção do som, mas este não parou.

O seu campo de visão estreitou-se ainda mais devido à sobrecarga sensorial.

Ele estava a instantes de desmaiar.

18h18

Posicionando a parabólica do LRAD sobre um pedregulho, Dylan manteve-a apontada para onde o americano estava. Então, colocou a espingarda automática sobre o ombro e deslocou-se para o lado, ficando afastado do raio de ação do canhão sónico. No entanto, algum do refluxo do infrassom rastejou sobre a sua pele, levantando os pelos do seu braço.

Sorriu ao imaginar aquilo que o americano devia estar a sentir.

Disposto a pôr um ponto final naquele impasse, deu mais dois passos para o lado, quase de volta ao local onde se escondera ao lado da carcaça do *Volitox*. Procurou uma linha de tiro desimpedida para atingir o seu alvo.

Outro passo — e alguma coisa o picou com força na parte de trás da sua perna.

Levou a mão à coxa e arrancou uma lesma do tamanho de uma salsicha, levando um pedaço de pele com ela. Dentes rangeram nos seus dedos, queimando a palma da sua mão com ácido. Enojado e horrorizado, sacudiu a ninfa para o rio.

Olhou para trás, para o ninho. Com o LRAD desviado para outro lado, os construtores daquela pilha de ossos deviam ter voltado. Porém de

momento não viu qualquer movimento, qualquer evidência da horda desaparecida. O ninho parecia tão deserto quanto antes.

Então onde é que eles estavam?

Com o medo, o seu ombro roçou no corpo do *Volitox*. Sentiu um estremecimento naquela carne morta, como se a besta, de súbito, estivesse de volta à vida.

Não...

Cambaleou para longe dela, compreendendo de repente a verdade.

Não era a rainha que se estava a mexer.

Era alguma coisa *dentro* dela.

Como que a provar isto, uma larva cinzenta e gorda torceu-se para fora de uma brânquia e caiu pesadamente na margem do rio.

Sufocado de horror, Dylan recuou para se afastar da carcaça à medida que mais ninfas se torciam para fora de outras brânquias, fluindo daquela boca escancarada ou retorcendo-se para fora das pregas nasais.

Ao fugirem do ninho, as ninfas deviam ter procurado a sua mãe, escapando do ataque sónico num refúgio seguro. Os adultos eram imunes àquele ataque, provavelmente devido à bioenergia que ondeava através deles, o que por sua vez protegia as suas crias em tempos de perigo. Ele conhecia algumas espécies de peixes e rãs que podiam carregar os seus juvenis — mas ninguém suspeitava desta característica no *Volitox*.

Dylan também podia adivinhar o que é que as tinha acirrado.

Eu...

Olhou sobre o ombro para a unidade do LRAD. Lembrou-se de como o ninho ficara agitado quando a sua equipa chegara ali pela primeira vez, ainda perturbado pelo refluxo infrassónico da parabólica maior. Quando há pouco ele usara a arma mais pequena, a reflexão do infrassom devia ter agitado a horda que se abrigava dentro daquele corpo sem vida, enfurecendo as crias.

Ele sabia o que aí vinha, o que esta atividade significava.

Por agora, as ninfas caíam no rio e nas margens, algumas saltando na sua direção por meio de contrações musculares. Ele esquivou-se e bateu-lhes com a coronha da espingarda até chegar ao LRAD.

Dylan levantou a parabólica do pedregulho e encostou-a ao seu peito como um escudo, virando o canhão sónico para a horda — mesmo a tempo.

Do rio, das rochas e da carne, as ninfas ferveram na sua direção, uma onda carnívora de vingança.

Ele manteve a sua posição, manobrando o canhão sónico à sua frente como uma mangueira de incêndio. As ninfas encolheram-se e retorceram-se para longe. Algumas tentaram voltar para o refúgio da mãe, furando a sua carne morta. Outras voltaram a mergulhar no rio, batendo na água com violência para escapar ao massacre.

Ele deixou escapar um suspiro de alívio — até que duas detonações de espingarda explodiram no túnel.

O primeiro tiro cortou o cabo de alimentação do LRAD.

O segundo destruiu-lhe o joelho direito.

Quando o canhão morreu nos seus braços, ele atirou-o para o lado. O canhão aterrou com força no chão. Virou-se e viu o americano de pé junto a um monte de pedras, com a espingarda fumegante sobre o ombro.

Dylan ficou cara a cara com o seu adversário pela primeira vez.

Não, não pela primeira vez, percebeu de repente, recordando aquele mesmo rosto a fitá-lo através de uma janela no quartel-general da DARPA.

— Isto é pelo doutor Lucius Raffee — disse o homem.

Basta...

Ainda atordoado e parcialmente surdo com o ataque sónico, Gray afastou-se, deixando Wright a sangrar no chão da caverna — mas não sem antes ver várias daquelas lesmas carnívoras saltarem nas rochas e atacarem o peito e a barriga do homem.

Wright arrancou algumas da sua caixa torácica, mas, quando tentou agarrar a que estava no seu abdómen, as suas mãos estavam demasiado ensanguentadas, a sua pele fumegava dos ácidos. Não conseguiu tirá-la a tempo e a criatura furou para dentro dele, serpenteando, como um verme numa maçã podre.

Wright gritou, contorcendo-se no solo rochoso.

Satisfeito, Gray deu meia-volta e apressou-se pelo túnel para a entrada do Coliseum, perseguido pelos gritos do homem até que finalmente se fez silêncio. Encontrou Kowalski à espera dentro da cabina do CAAT maior. Trepou pelo degrau oposto e arrastou-se pela porta do passageiro.

— Tudo acabado? — perguntou Kowalski, engatando o veículo, os motores a roncarem.

— Por agora.

— Esteve tudo calmo por aqui... exceto por alguns gritos algures na escuridão. Acho que este sítio tratou da saúde daqueles dois desertores por nós.

E de Wright também...

Gray apontou para as luzes que brilhavam no cimo da parede, preocupado com Jason e os outros. Não queria esperar nem mais um minuto.

— Vamos para essa Porta dos Fundos.

Jason inclinou-se sobre o painel de controlo da subestação. Stella ficou atrás dele, com os braços à volta do peito e os olhos vítreos de lágrimas. Olhava constantemente para a janela sobranceira ao Coliseum.

Depois de Jason ter subido para ali, tinha-lhe falado do pai dela, do que lhe tinha acontecido. Ela limitara-se a acenar com a cabeça face às notícias esperadas mas não bem-vindas e mal dissera uma palavra desde então.

— Dá-me pormenores desse código — disse ele, tentando fazê-la falar, necessitando da ajuda dela para vislumbrar uma qualquer ideia que solucionasse aquele enigma. — Sabes se a palavra-passe tem de ter um certo comprimento? É sensível a maiúsculas e minúsculas?

Jason olhava fixamente para o ecrã de acesso aos controlos de detonação. Ele tentara cortar caminho passando aquele nível, mas continuava a deparar com sofisticadas *firewalls*. A segurança era sólida como uma rocha. Sem o *software* de descodificação da Sigma, esta era uma causa perdida.

Ele precisava daquele código.

Finalmente, Stella falou.

— Se este sistema for como os outros da estação, a palavra-passe pode ser de qualquer comprimento. Mas a sequência deve ter maiúsculas e minúsculas e pelo menos um número e um símbolo.

Aquilo era um protocolo comum.

— Sabes algum dos códigos antigos do teu pai? — indagou ele. Muitas pessoas reutilizavam uma mesma palavra-passe por comodidade.

— Não. — Ela aproximou-se mais dele. — O meu pai não te deu nenhuma pista da palavra-passe dele?

Jason olhou fixamente para o rosto magoado dela.

— Ele estava mais preocupado *contigo*. Penso que só aguentou tanto para ter a certeza de que tu estavas a salvo.

Por fim, uma única lágrima caiu e rolou pelo rosto dela. Foi rapidamente enxugada.

— E se tudo não fosse sobre *mim*, sobre a minha segurança?

— O que queres dizer?

— E se a palavra-passe tem alguma coisa que ver comigo? Talvez fosse isso que o meu pai estava a tentar dizer-te.

Jason pensou. Muita gente usava as pessoas mais significativas da sua vida para escolher a sua palavra-passe. Era certo que o professor amava a filha.

— Vamos tentar.

Jason digitou *Stella* e tentou várias iterações comuns, mas, sendo necessários um número e um símbolo, as possibilidades eram infinitas. Podia ser qualquer coisa.

Fechou os olhos, tentando concentrar-se.

— Fala-me do teu pai — disse ele. — Que tipo de homem era?

Um pequeno laivo de confusão invadiu a sua voz perante aquela pergunta bizarra.

— Ele... ele era inteligente, gostava de cães, apegava-se aos pormenores. Acreditava na ordem, estrutura, tudo no seu lugar. Mas quando gostava de alguma coisa... ou de alguém... fazia-o com todo o seu coração. Nunca se esquecia dos dias de anos ou aniversários, mandava sempre presentes.

Aquelas memórias aqueceram lentamente a dor fria das suas palavras.

Jason esfregou a barba por fazer do seu queixo.

— Se o teu pai era assim tão organizado, então muito provavelmente não escolheria nada aleatório para o seu código. Escolheria algo prático, porém pessoal. — Jason virou-se para Stella e exclamou: — Como o teu aniversário.

— Talvez...

Jason inclinou-se sobre o teclado, olhando de relance para ela. Digitou à medida que ela lhe dizia a data do seu aniversário, usando a ordem britânica para as datas.

17 JANEIRO, 1993

Suspendeu um dedo sobre a tecla *enter*.

— Esta palavra-passe tem uma maiúscula e minúsculas, números e um símbolo.

A mão de Stella procurou a dele, apertando-a cheia de esperança.

Ele carregou no botão.

A mesma mensagem de erro apareceu.

— Não é esta — disse ele.

Tinha tido tanta certeza. Tinha sentido que era aquela.

Tentou a versão americanizada.

JANEIRO 17, 1993

Outro falhanço.

O rosto de Stella voltou a refletir desânimo.

— Talvez devêssemos desistir.

Jason considerou a opção. Visualizou aquela maré que vira lá em baixo a fugir daquela primeira explosão no campo de Wright. Aquele maremoto de pânico segura e inevitavelmente rolava para a estação.

Mas talvez eu esteja errado... talvez uma explosão não fosse suficiente...

Além disso, até agora, o canhão continuava em silêncio.

Certamente que era bom sinal.

18h23

Dylan Wright jazia numa poça de sangue, atormentado pela dor, mal conseguindo mexer-se. Sentia as ninfas contorcerem-se dentro dele.

Eu tornei-me o ninho delas.

Outras alimentavam-se da sua carne, agarradas às suas pernas, braços, rosto. Rastejavam por baixo da sua roupa, enterravam-se na sua pele e exploravam cada orifício.

Na sua mão direita, os três dedos que restavam apertavam um pequeno dispositivo. Pouco depois de ter sido abandonado à sua sorte, tinha-o tirado do cinto onde se encontrava. Devia ter desmaiado por alguns minutos, mas a morte não o levaria.

Ainda não.

Não até fazer o que devo.

Moveu o polegar para o botão do detonador remoto do LRAD 4000X — e pressionou-o.

À distância, o mundo gemeu, chorando a sua própria condenação.

Se tenho de morrer deste modo, então que o inferno leve também o resto da Terra.

18h25

Gray tapou os ouvidos contra o ataque sónico, olhando fixamente para o caminho que tinham deixado para trás.

— Dá a volta — gritou.

Kowalski tinha parado o CAAT à beira do rio, não longe da ponte explodida. Já quase tinham feito o caminho de volta para a subestação quando o LRAD foi ligado de novo.

— *Que raio aconteceu?*

Mesmo àquela distância, a emissão sónica abanou tudo no veículo e todos os que estavam lá dentro.

Há pouco, os dois tinham procurado equipamento de supressão de ruído a bordo do CAAT, mas só haviam encontrado tampões moldáveis para os ouvidos, que se apressaram a colocar. A equipa que trabalhava no LRAD devia ter levado os auscultadores mais eficazes para abafar o som.

— Nunca conseguiremos chegar ao campo com isto — avisou Kowalski. — Quando lá chegássemos, já os nossos olhos estariam a sangrar e provavelmente o cérebro também.

Gray sabia que o seu parceiro tinha razão. Olhou fixamente para lá do rio, para o brilho da Porta dos Fundos.

Sendo assim, Jason, é contigo. Tens de ser tu a conter isto.

— O que fazemos? — perguntou Kowalski.

Gray ponderou as possibilidades.

— Há uma peça do equipamento de supressão de ruído que não considerámos.

— O quê?

Gray levantou-se do seu assento e retirou alguma coisa de baixo dele. Voltou-se com aquilo nos braços.

Kowalski acenou com a cabeça quando o viu.

— Isso deve funcionar.

Esperemos que Jason seja tão desenrascado.

18h26

Lá em cima na subestação, o gemido do LRAD abanou o vidro nas suas armações e fez vibrar o chão sob os seus pés. Stella e Jason estavam junto

à janela, a olharem fixamente por cima do Coliseum para a lagoa de luz junto da parede das traseiras.

Será que Gray não conseguiu parar Wright?

Alguém tinha simplesmente ligado a grande parabólica.

— Olha lá para baixo — exclamou Stella. — Há um CAAT parado na margem mais afastada do rio.

Jason já tinha reparado nos feixes gêmeos de luz que brilhavam ao longo do solo.

— Mas serão amigos ou inimigos?

A resposta não era tão importante como parar aquele assobio ensurdecador que estava a afugentar toda a vida ali existente para a superfície — ou, melhor ainda, selar aquela saída distante para sempre.

Jason voltou para o painel de controlo. A sua última entrada — o aniversário de Stella — ainda estava no ecrã com a mensagem de erro escrita a vermelho. Não tinha tentado mais nada, preso na vaga certeza de que tinha razão quanto à palavra-passe ser a data de aniversário de Stella.

O que é que me está a escapar?

Digitando rapidamente, tentou outras variações, abreviando JANEIRO para JAN. Mudou 17 para 17.º. Tentou escrever as palavras equivalentes em latim e grego, as línguas antigas que o pai dela preferia.

Nada, nada e mais nada.

Jason deu um murro no painel.

— Há alguma coisa que nos esteja a escapar na tua data de nascimento?

Stella abanou a cabeça.

— Não que eu me lembre.

Jason lutou para se concentrar, o que era particularmente difícil por causa do grito surdo do LRAD.

— Pela tua descrição dele, o teu pai era um homem atento aos pormenores, não dado a fantasias.

— Sim — disse ela. — Talvez o fosse em relação a este lugar. Antártida. Para ele, o fim do mundo era sempre um lugar mágico.

Tão mágico como a sua filha...

Nesse momento, ele teve um vislumbre da resposta.

Claro.

As pessoas muitas vezes usavam um truque simples para fazerem parecer complicados códigos óbvios, mantendo, porém, a sua simplicidade ou significado. Essa solução teria sido particularmente divertida para alguém cuja única fantasia fosse a Antártida, a terra no fim do mundo.

Jason digitou a nova palavra-passe e carregou no *enter*.

Uma janela verde abriu-se.

— Conseguieste! — exclamou Stella.

Jason olhou fixamente para o código aceite.

3991, ORIENAJ 71

Era a data de aniversário de Stella escrita ao contrário, uma versão invertida, como se se tivesse de inverter o globo para poder ver aquele continente devidamente.

Jason clicou na janela para ter acesso aos controlos de detonação. Um novo ecrã com instruções simples abriu-se. Jason seguiu-as à letra até que, por fim, apareceu um aviso vermelho a piscar com um botão onde se lia *Detonar*.

Jason afastou-se para trás e fez sinal a Stella para tomar o seu lugar.

— Deves ser tu a fazer isto.

Ela anuiu, chegou-se à frente e tocou no botão.

18h28

Gray estava de pé no cimo do CAAT quando o mundo abanou debaixo dele, balançando o veículo nas lagartas. Um estrondo ensurdecedor ouviu-se ao mesmo tempo. Ele olhou para trás, para a estação distante — depois voltou a olhar para a Porta dos Fundos.

Bom trabalho, miúdo.

Porém, para o caso de aqueles explosivos antibunker não conseguirem fazer colapsar inteiramente a abertura do sistema da caverna, Gray levantou o seu improvisado supressor de ruído e colocou-o sobre o seu ombro. Considerando que fora a arma de eleição de Dylan Wright, não era de admirar que Gray a tivesse descoberto no CAAT do homem.

Ele apontou o longo tubo do lança-granadas-foguete e fixou a mira no brilho distante da estação do LRAD — em seguida, premiu o gatilho.

A granada-foguete disparou pelo tubo e atingiu o Coliseum quase deserto. Explodiu com um clarão de fogo na parede traseira, acertando em cheio. A explosão depressa ecoou para longe.

Ele fechou os olhos, saboreando aquele momento.

Por fim, o silêncio regressara ao inferno.

30 de abril, 14h29 AMT

Roraima, Brasil

Jenna estava de pé junto da árvore de mogno-brasileiro com os braços cruzados. Demorara imenso a refazer o caminho, aquele que ela e Jori tinham percorrido através das copas das árvores. Foi o familiar zumbido do ninho de vespas, a mesma colmeia que tinha matado o pobre pardal, que finalmente a ajudou a encontrar o caminho de volta àquele lugar.

Cutter tocou-lhe no ombro e puxou-a para o lado.

— Mantém-te afastada.

Das copas das árvores por cima das suas cabeças, dois nativos saltaram para o chão da floresta. Um empunhava um machete, o outro carregava debaixo do braço um objeto embrulhado num cobertor.

— Depressa — disse ela.

O cobertor foi colocado no chão e desdobrado. Dentro dele estava a cria da preguiça, ainda dolorosamente enredada na trepadeira cheia de espinhos.

Ainda estaria viva?

Jenna avançou para tirar a trepadeira, mas Cutter puxou-a pelo braço.

— Cuidado — disse ele.

Ele pegou no bastão elétrico e deu um choque na ponta partida da trepadeira, enviando uma carga elétrica em toda a sua extensão. Ela contraiu-se, depois distendeu-se, retraindo os espinhos curvos para dentro da sua polpa verde. Cutter usou a ponta do bastão para estimular a cria enrolada numa bola.

Uma vez a cria livre, Jenna inclinou-se para ela, colocando a sua mão no seu peito. Sentiu o coração bater. As costelas subiram e desceram com uma respiração superficial. Múltiplas pequenas picadas cobriam o seu corpo, escorrendo sangue.

— Jori... disse veneno — murmurou ela tentando falar entre o nevoeiro e a língua grossa.

— Os megatérios são resistentes. Eu concebi-os assim. Foi por isso que os fiz omnívoros e não herbívoros. Dá-lhes um leque maior de opções nutricionais. — Ele apontou para a cria. — Eles também são mais resistentes à toxina desta trepadeira. Adaptaram-se lentamente a ela devido à presença da trepadeira no seu meio ambiente.

Ela inclinou-se para baixo e pegou na cria. Era mais pesada do que deduzira pelo seu tamanho, pesava pelo menos vinte quilos. Ela pôs a cria sobre o seu ombro. Ouviu de novo aquele choramingar suave e o focinho da cria aproximou-se mais do seu pescoço, encostando-se a ela com um suspiro.

— Grutas — disse ela.

— Por aqui — ordenou Cutter, pondo-se a caminho com os restantes quatro homens.

Jenna manteve-se no meio deles, deixando-os tomar a dianteira, pondo as suas botas onde eles tinham pisado, desconfiada daquela perigosa floresta. Manteve a cria bem próximo dela, mudando-a de um ombro para o outro.

— Queres que eu a leve? — perguntou Cutter.

— Não.

Jenna não conseguia explicar a razão, mas sabia que tinha de ser ela a levar aquele fardo. As criaturas que eles procuravam não eram animais estúpidos. Lá atrás, nas jaulas eletrificadas, tinham esperado até Jori ter trepado por elas antes de atacarem. E agora tinham raptado o rapaz, possivelmente na esperança de que a ameaça implícita levasse aqueles invasores para fora das suas terras. Para que Jori pudesse salvar-se, ela tinha de respeitar a sua inteligência.

A pouco e pouco, a floresta foi ficando mais alta, a copa das árvores mais cerrada. A luz do sol desvaneceu-se num persistente crepúsculo esmeralda, ao mesmo tempo que os fungos que cresciam ao longo dos troncos pareciam mais claros. À medida que caminhavam, a vegetação rasteira também se tornava menos densa, privada da luz solar pelas árvores mais altas.

Por fim, as sombras mais escuras à frente tornaram-se nítidas como penhascos de rocha negra, cobertos de trepadeiras e orquídeas. O ar tornou-se almiscarado com o vapor do couro húmido e a decomposição de restos de carne. Apareceram múltiplas entradas de grutas. Algumas pareciam inteiramente naturais; outras pareciam alargadas pelo arranhar e afiar de garras.

Cutter diminuiu o andamento.

Os habitantes daquelas grutas não se encontravam à vista.

— E agora? — perguntou Cutter.

— Devo ir eu — murmurou Jenna. — Sozinha. Fiquem aqui.

Ela passou por Cutter e avançou sozinha até ver sombras mais escuras moverem-se naquelas grutas negras.

A vigiar-me...

Ela levantou a cria, cruzou as pernas e deslizou até se sentar, embalando a pequena preguiça no seu colo. A cria choramingou baixinho,

bateu-lhe com a garra adunca, mas em seguida sossegou.

Ela ficou ali sentada, à espera.

Ao fim de algum tempo, começou a cantarolar uma canção de embalar sem se lembrar das palavras, mas a melodia ficara dentro dela.

Finalmente, apareceu uma preguiça solitária, batendo com as garras no chão, e pelas tetas sujas no tórax era seguramente uma fêmea. Levantou a cabeça e emitiu um suave ruído de contentamento.

A cria agitou-se, virou a cabeça para o som e emitiu pequenos balidos de resposta.

Claramente, mãe e cria.

Muito lentamente, Jenna depôs a cria no chão e afastou-se, mantendo-se agachada, com a cabeça baixa num sinal de submissão.

A fêmea avançou furtivamente, agarrou a cria com um braço, usando as garras como ganchos delicados para pôr a cria ao peito. Em seguida virou-se e arrastou-se de volta à sua gruta.

Jenna sentou-se de novo, à espera. De vez em quando, levantava o queixo e imitava aquele suave ruído de contentamento. Aquele bando tinha-a visto deslocar-se pela copa das árvores com Jori. Acreditariam que ele era seu filho. Fora por isso que ela tinha carregado a cria: para ficar com o seu cheiro nela, para intensificar o sentido de maternidade e de cuidadora.

Cerca de dez minutos depois, sentiu que lhe era mais difícil pensar. Por um breve momento, esqueceu-se da razão por que estava ali. Começou mesmo a levantar-se. Sentiu movimentos de novo. Uma pequena figura saiu a correr de uma caverna à sua esquerda.

Jori correu para ela e abraçou-a com tal ímpeto que a fez cair para trás.

— Cuidado — disse ela com a voz rouca.

Ele ajudou-a a levantar-se. Fê-lo com imenso cuidado.

Então uma corpulenta preguiça macho carregou da caverna e investiu para ela. Jenna puxou Jori para trás de si, sabendo que, se fugisse, os dois seriam mortos. Aguentou firme, com os braços abertos, protegendo o rapaz. Manteve o rosto de lado, não querendo desafiar o animal.

O megatério derrapou até parar, com o nariz colado ao seu rosto. A sua respiração fez levantar a penugem da sua face húmida, tresandando a sangue, carne e ferocidade. Ela sabia que era a mesma criatura que encontrara anteriormente, a mesma que a seguira até à orla da clareira.

Ele cheirou-a minuciosamente do rosto às virilhas — depois encostou o nariz ao seu rosto, não para a afastar, mas como se a reconhecesse, como que a dizer *eu também te conheço*.

Começou a virar-se para se afastar e ela deu um passo atrás.

Um tiro ribombou pela floresta silenciosa.

O ouvido do macho explodiu numa polpa de sangue e pelo. Ele rugiu, girou e atingiu Jenna de lado, mandando-a pelo ar.

Outro tiro atingiu-lhe o flanco, fazendo-o encolher o braço daquele lado.

— Foge, Jori — gritou ela, lutando por recuperar a respiração depois do golpe sofrido.

O rapaz recusou e aproximou-se dela para a ajudar. Cutter viu isto e correu para eles, disposto a proteger o filho.

Outro tiro atingiu o animal na cabeça, mas fez ricochete no seu crânio espesso. Jenna avistou Rahei deitada sobre o estômago junto de um desprendimento de rochas à beira do precipício. Ela devia ter rastejado para aquela posição muito devagar, sem que a sua presença fosse detetada pelo bando.

Cutter alcançou-os, agarrou Jori pelo braço e arrastou o rapaz com ele.

O macho sentiu o movimento e atacou.

Jenna conseguiu empurrar Jori para o chão e rolou para cima do rapaz. Cutter recebeu todo o impacto daquela fúria e foi lançado para trás. Uma garra rasgou-lhe o casaco e a camisa, deixando um rasto sangrento no seu peito.

Os outros homens atrás de Cutter abriram fogo numa barragem feroz.

O pobre animal encolheu-se sob o ataque, como se se inclinasse sob uma brisa forte. Mesmo a sua majestosa corpulência não podia aguentar tal desvantagem por muito tempo. Estremeceu, deu um passo atrás e caiu pesadamente no chão, quase esmagando Cutter.

Jenna correu com Jori na sua esteira e os dois tentaram levantar Cutter.

Rahei saltou tão leve como uma gazela do seu esconderijo, claramente triunfante pela sua parte no massacre do animal. Contudo, manteve um olhar atento à entrada da gruta, nunca lhe virando as costas.

De um dos túneis, um megatério mais pequeno investiu, talvez a parceira do macho morto. Rahei levantou a espingarda e disparou, mas o primeiro tiro só atingiu de raspão o ombro do animal. O outro membro anterior da criatura dirigiu-se para Rahei, com as garras de fora, ao mesmo tempo que a besta derrapava no barro e lançava alguma coisa embrulhada numa folha. A folha rodopiou abrindo-se e caiu. O que havia dentro dela, uma coisa pequena e preta, volteou pelo ar e atingiu Rahei na face.

Ela foi projetada para trás como que atingida por uma bala. Virou o rosto, revelando uma pequena rã cor de ébano a cintilar. Rahei gritou, deixou cair a espingarda e levou as mãos ao rosto. Arrancou o anfíbio da cara. Uma queimadura cor de sangue com o formato da rã ficou gravada na sua pele. Rahei caiu sobre os joelhos, as costas arqueadas para trás, a boca aberta, os seus membros a agitarem-se convulsivamente.

Por fim, caiu pesadamente de lado, imóvel, morta, a poderosa caçadora derrubada por uma humilde rã.

Deve ser uma das criações venenosas de Cutter.

Como se aquela morte violenta fosse uma deixa, mais preguiças atacaram, atiçadas pelos gritos, o derramamento de sangue, a morte de uma delas.

Jenna retirou com os outros, caçados pela selva, perseguidos pelo rugir de muitas gargantas. Eles fugiram simplesmente, desistindo mesmo de qualquer tentativa de disparar contra as bestas.

Não vamos conseguir...

Então a copa das árvores sobre eles abriu-se, deixando entrar o sol ofuscante que estilhaçou a escuridão. Ventos chicotearam e rasgaram a floresta. O aparelho por cima das suas cabeças rugia muito mais alto do que qualquer megatério.

O bando recuou, intimidado e confuso. Então, como se fossem um só, as bestas fugiram para as sombras profundas e retiraram.

Foram lançadas cordas da aeronave e homens deslizaram suavemente por elas e aterraram na floresta, carregados com pesadas armas automáticas e envergando coletes à prova de bala.

O grupo de Cutter foi rapidamente dominado e despojado das suas armas.

Um dos soldados avançou para ela.

— És uma mulher difícil de encontrar.

Ele levantou o capacete, revelando um rosto familiar. Mesmo através do nevoeiro, ela conhecia-o — e sorriu. Foi inundada por uma onda de alívio, acompanhada por uma explosão de calor vinda do mais fundo dela, uma emoção ainda nova e inexplorada por este homem corajoso.

— Drake...

— Pelo menos, lembraste de mim. Isso é forçosamente um bom sinal.

— Ele avançou, espetou uma agulha no pescoço dela e premiu o êmbolo.

— Uma pequena oferta do doutor Hess.

14h39

Cutter subiu pelo ar numa maca, elevando-se livre do escuro dossel de folhas para o fogo do dia. Considerou a sua obra, as múltiplas camadas de jardins, a sua Galápagos no céu. Por um momento, apreciou os seus triunfos e as suas derrotas.

À sua volta estava um cadinho de evolução, um cadinho induzido por um simples édito.

Sobrevivência do mais apto.

A lei da selva.

Porém, a dúvida assentara naquele jardim perfeito da sua alma, uma semente brilhante de nova possibilidade, revelada pela pequena figura de uma mulher, uma Eva sob a forma de uma guarda-florestal. Ela tinha apontado para um novo Éden, possivelmente um que não precisava de ser tão *sombrio*.

Ele tinha testemunhado hoje uma coisa nova.

A lei da selva não era tudo o que existia para a vida, para a evolução, mas isso com partes iguais de altruísmo, mesmo moralidade, podia ser um fator ambiental tão forte como qualquer outro, um vento de mudança para conduzir o mundo para uma existência mais vigorosa e saudável.

Sim...

Era tempo de começar de fresco, de plantar um novo jardim.

Porém, para o fazer, o velho tinha de morrer para ser cultivado de novo.

Além disso, é a minha obra. Porque é que o havia de partilhar com um mundo que estava longe de preparado, demasiado míope para ver tão nitidamente como eu?

Ele meteu a mão no bolso, visualizando as munições enterradas nos túneis mais antigos por baixo da dolina.

Carregou no botão, dando início à contagem regressiva.

Deus criou o Céu e a Terra em sete *dias*.

Ele destruiu-lo-ia em sete *minutos*.

11h40

Sierra Nevada, Califórnia

Lisa ia na parte de trás de uma *Dodge Ram 2500* de caixa fechada, que atravessava a toda a velocidade a base dos fuzileiros. Mantinha uma mão na maca hermética de *Nikko* para a estabilizar. À frente, a cabo Jessup estava sentada ao lado do seu namorado, um jovem capelão de rosto redondo e rosado com um grande coração chamado Dennis Young.

Como ela tinha pedido, ele mantinha firmemente o acelerador a fundo, voando pela base deserta. Não tinham tempo a perder com trivialidades como sinais de Stop ou semáforos. Ela olhou fixamente para *Nikko*. Dificilmente o cão sobreviveria às próximas horas. Já apresentava sinais evidentes de falência múltipla de órgãos.

Aguenta-te, Nikko.

Aceleraram pelo parque de estacionamento vazio do pequeno hospital da base. A unidade de radiologia tinha acabado de ser melhorada com uma máquina de IRM. Edmund Dent já os esperava à entrada. Lisa tinha usado o tempo em que preparara *Nikko* para ser transportado a reunir todos os jogadores-chave neste local.

A *Dodge Ram* irrompeu na área de emergências e Dennis Young travou a fundo em frente de Edmund. O virologista acenou a alguns dos seus colegas, cuja evacuação estava agendada para o último helicóptero. Juntos, retiraram *Nikko* na maca e dirigiram-se para a unidade de radiologia.

Edmund ofegava ao lado dela.

— Já aqueci o *scanner*. Um técnico ajustou os ímanes a — consultou o que estava escrito nas costas da sua mão — 0.456 Tesla. Campo estático.

— E a amostra do organismo manipulado?

— Oh, está mesmo aqui. — Ele meteu a mão no bolso e retirou um tubo de ensaio firmemente fechado e envolto em fita adesiva.

Nada como improvisar.

Chegaram à unidade de radiologia, onde estavam dois membros da equipa nuclear e o doutor Lindahl.

— É melhor que isto não seja uma perda de tempo para toda a gente — disse Lindahl à laia de cumprimento. — Depois de tudo isto terminar, vou abrir um inquérito formal à sua conduta. Fuga com um sujeito de ensaios clínicos.

— *Nikko* não é um sujeito de *ensaios* clínicos. Ele é um cão de busca e salvamento condecorado que acidentalmente ficou doente ao ajudar todos nós.

— O que for — disse Lindahl. — Vamos a despachar isto.

Foram necessários quatro deles para levantar a unidade hermética de contenção de *Nikko* e colocá-la na mesa de IRM.

O técnico bateu no vidro.

— Nada metálico.

Lisa praguejou entredentes. Na pressa, não tinha pensado naquele pormenor. Nenhum metal podia entrar numa máquina de IRM; isso incluía os componentes da unidade de contenção de *Nikko*.

Edmund olhou para ela.

Temos de fazer isto da maneira mais difícil.

Ela apontou para a porta.

— Toda a gente lá para fora.

— Lisa... — advertiu Edmund. Pelo tom de voz dela, ele sabia o que Lisa estava a planear. — E se a informação é falsa? Ou simplesmente

errada?

— Mais vale arriscar do que explodir estas montanhas com uma bomba nuclear. Além disso, a ciência parece certa. — Ela enxotou-o para a porta, não sem antes lhe tirar o tubo de ensaio. — Fora.

Uma vez sozinha, dirigiu-se à unidade de contenção, inspirou fundo e partiu-a para a abrir.

Painter, é bom que estejas certo.

Com muito cuidado, levantou *Nikko* suavemente e levou-o para a mesa. A sua forma inerte parecia muito mais leve, como se alguma coisa vital já o tivesse deixado. Ela pousou-o e colocou uma mão no seu flanco. Sabia bem poder tocar nele com as mãos nuas, sem as luvas. Ela meteu os dedos pelo seu pelo.

Bom menino.

Colocou o tubo com o vírus ao lado do cão e fez um sinal ao técnico, levantando o polegar.

Ao fim de alguns segundos, a máquina acordou com um estalido e a mesa onde *Nikko* estava deitado começou a deslizar lentamente para o anel de ímanes. Fizeram uma segunda passagem, por segurança.

Durante todo o processo, Lisa percorreu a sala com nervosismo, roendo as unhas.

Vou precisar de ir à manicure antes do casamento.

— Já está — anunciou o técnico pelo intercomunicador.

Lisa retirou rapidamente uma seringa de uma embalagem de plástico e extraiu uma amostra de sangue do cateter de *Nikko*. Injetou o sangue no tubo *Vacutainer*. Em seguida selou os dois tubos, aquele e o de Edmund, num saco de resíduos tóxicos, que manuseou usando luvas esterilizadas. Deixou o saco junto da porta e recuou.

Edmund arriscou-se a ir buscá-lo.

— Depressa — urgiu ela.

Ele anuiu e apressou-se a dirigir-se para o seu laboratório no hangar.

Foram os dez minutos mais longos da sua vida. Ela aproveitou o tempo para passar o seu próprio corpo pelo *scanner* a fim de eliminar qualquer contaminação por ter mexido em *Nikko*. Em seguida, sentou-se na mesa com ele, embalando-lhe a cabeça no seu colo.

Por fim, veio a chamada aos soluços pelo intercomunicador.

Ela ouviu o triunfo na sua voz.

— Inativo. É tudo material genético desfeito. Tanto a amostra como a carga viral no sangue de *Nikko*.

Ela fechou os olhos e debruçou-se sobre *Nikko*.

— És mesmo um bom menino — murmurou. Esperou um momento para se recompor, em seguida pegou no telefone e falou com Edmund. — Qual é o plano, agora?

Ouviu uma discussão em ruído de fundo, vozes altas, onde se destacava a de Raymond Lindahl.

— Temos problemas — disse Edmund. — E podes adivinhar vindos de quem.

Ela desligou e ficou a olhar fixamente para a porta, perguntando-se o que devia fazer.

Antes que pudesse decidir, a porta foi empurrada e Sarah irrompeu por ela, apontando-lhe um dedo.

— Eu ouvi. É melhor ires lá. Eu tomo conta do cão. O Dennis leva-te.

Ela sorriu, abraçou Sarah e saiu disparada.

Dennis conduziu o *Ram* a toda a velocidade pelos 400 metros até ao hangar. Ela saiu do veículo antes mesmo de ele ter parado e correu para o hangar, onde encontrou Lindahl de costas voltadas para ela a discutir com o técnico nuclear.

— Mantemos o plano original até novas ordens de D.C. — dizia Lindahl. — Todos esses novos resultados são... são no melhor dos casos

preliminares. E na minha opinião discutíveis.

— Mas, senhor, eu posso modificar facilmente...

— Não se modifica nada. Continuamos de acordo com o plano.

Atrás de Lindahl, Lisa deu um passo em frente e bateu-lhe no ombro. Quando ele se virou atónito por a ver ali, ela puxou atrás o braço e esmurrou-o com força no rosto. A cabeça de Lindahl foi projetada para trás e ele caiu pesadamente no chão.

Franzindo a testa, ela abanou a mão e acenou para o técnico responsável.

— Estava a dizer...?

— Pelo que acabámos de descobrir, devo poder reduzir a potência da bomba nuclear para um mínimo de uma quilotonelada. Se conseguirmos que essa bomba detone a seis quilómetros e meio do solo, altitude que o drone consegue atingir, deverá produzir uma emissão eletromagnética de pelo menos 0.5 Tesla, o que cobrirá território suficiente para varrer a zona crítica com radiação com um risco insignificante. Nada mais perigoso daquele a que se é sujeito com uma radiografia aos dentes.

— Quanto tempo é preciso?

— Posso fazê-lo antes do prazo-limite do meio-dia.

Ela anuiu.

— Fá-lo.

— E D.C.?

— Deixe que seja eu a preocupar-me com D.C. Ponha a bomba nuclear no ar.

Ele apressou-se a sair e ela olhou para os nós dos dedos magoados.

Definitivamente, vou ter de ir à manicure.

14h45

Roraima, Brasil

Kendall viu o *tepui* afastar-se lá em baixo à medida que o *V-280 Valor* levantava do cume. Tinham apenas um minuto antes de as cargas explosivas de Cutter detonarem, destruindo a sua macabra experiência de biologia sintética e manipulação genética.

Até à vista.

Ele voltou a sua atenção para a cabina. O espaço estava cheio de gente. O helicóptero privado de Cutter já tinha partido com Ashuu e Jori, mas só depois de ter efetuado dois voos para evacuar os trabalhadores nativos para a floresta tropical adjacente, onde ficariam livres de qualquer perigo.

Neste momento, Kendall partilhava a parte de trás da cabina com Cutter, que estava preso com correias à maca e com um pulso algemado a uma barra metálica. Uma via intravenosa estava ligada a um cateter nas costas da sua mão. Os golpes profundos ainda precisavam de cuidados cirúrgicos, mas uma grossa ligadura de compressão à volta do seu tórax devia aguentá-lo até que o helicóptero chegasse a Boa Vista dentro de duas horas para reabastecer.

Cutter olhava fixamente pela janela junto à sua cabeça.

— Dez segundos.

Kendall seguiu o olhar dele em direção ao cume rodeado de nuvens. Mentalmente, fez uma contagem decrescente. Quando chegou a zero, uma imensa explosão no cume lançou fumo e pedras para o alto, ocultando o sol, tornando-o da cor do sangue. Um som retumbante rolou sobre o cume da montanha arrasado, como se lamentasse as mortes de uma tão estranha forma de vida. Depois, lentamente, o planalto partiu-se e blocos de rocha rolaram para baixo como um glaciário a ruir. A lagoa em cima correu por

aquela fratura, refletindo a luz solar sangrenta, tornando-se uma corrente de fogo a descer pela rocha fraturada.

— Esplêndido — murmurou Cutter.

— Um fim digno para o Dark Eden — acrescentou Kendall.

Cutter olhou de relance para Jenna.

— Mas guardaste uma parcela dele. Para ela.

— E talvez para o mundo. — Ele recordou a sua busca frenética por aquelas ampolas antes de destruir o laboratório. — Aquele antídoto pode conter uma promessa de tratamento para outras doenças mentais. Certamente que serão necessários mais estudos. Algo de bom pode resultar do teu trabalho.

— E não salvaste mais nada? Nada da minha biblioteca de genética?

— Não. É melhor que fique perdida para sempre.

— Nada fica perdido para sempre. Especialmente quando está tudo aqui. — Cutter apontou um dedo para o seu crânio.

— Não vai ficar aí muito mais tempo — retorquiu Kendall.

Pura e simplesmente, o homem era demasiado perigoso.

Com toda a gente distraída pelo espetáculo que se via pela janela, Kendall levantou o que tinha escondido no bolso quando estava no laboratório, o que o próprio Cutter tinha imprevidentemente deixado em cima de uma mesa no meio do pânico do que pudesse acontecer ao seu filho. Inclinou-se para a frente e pressionou a pistola injetora contra o lado da garganta do homem. Era o mesmo dispositivo usado em Jenna. A ampola intacta ainda tinha uma última dose do código manipulado de Cutter.

Os olhos de Cutter arregalaram-se de terror à medida que Kendall pressionava o gatilho do dispositivo. Gás comprimido disparou a dose para a garganta do homem.

Com a outra mão, Kendall injetou um sedativo na via intravenosa de Cutter.

Cutter olhava apavorado.

— Desta vez, Cutter Wright vai morrer — prometeu Kendall. — Talvez não o corpo, mas o homem.

29 de maio, 23h29 PDT

Vale de Yosemite, Califórnia

— Não foi propriamente o teu casamento na praia — disse Painter, rodando um copo de *whisky* numa mão, com o amor da sua vida enroscada debaixo do seu outro braço.

— Foi perfeito — disse Lisa, aconchegando-se a ele.

Já tinham mudado para uma roupa mais confortável e encontrado aquele sofá de dois lugares extremamente confortável em frente da enorme lareira de pedra do salão principal do Hotel Ahwahnee. A receção do casamento esmorecia atrás deles, com os convidados a subirem para os quartos ou a irem-se embora.

O casamento acontecera ao pôr do sol numa enorme extensão de relvado, maravilhosamente iluminado e repleto de flores, incluindo as preferidas da sua mulher, os crisântemos, cada pétala de um tom profundo de cor de vinho delineada a ouro. O hotel até pagara todas as despesas, um pequeno agradecimento por tudo o que o par fizera para salvar o vale e a área circundante. A oferta generosa fora possível pois o movimento ainda estava lento, com os turistas a regressarem lentamente à área.

Bioterrorismo e bombas atómicas...

Ainda demoraria algum tempo a afastar essa reputação, mas facilitara os planos de casamento feitos à última da hora. Tinham adiado a data até Josh estar suficientemente recuperado para vir, exibindo os últimos avanços da DARPA relativamente a próteses. Ele e Monk tinham muito de que falar à mesa. O irmão mais novo de Lisa era extremamente resiliente, tendo em conta as circunstâncias, estando até ansioso por regressar às montanhas e enfrentar novos desafios.

A última razão por que tinham escolhido aquele lugar para celebrar o casamento fora a sua proximidade da zona de limpeza e supervisão da área próxima do lago Mono. Lisa ainda se encontrava a trabalhar com o doutor Edmund Dent, o virologista, e a sua equipa. Por sua vez, Painter podia aproveitar a oportunidade para passar algum tempo longe do escritório com Lisa. Kat era capaz de assegurar o trabalho diário, à exceção deste fim de semana.

Ela e Monk tinham saído pouco depois do jantar, com as duas meninas ao colo, regressando aos seus quartos antes do primeiro voo da manhã para casa. Durante a sua ausência, Gray aguentava o forte em D.C., tendo que se manter perto de casa por razões pessoais.

Alguns dos outros convidados, bem...

Kowalski apareceu ao lado deles, o casaco sobre um braço, os dois botões de cima da camisa abertos. Fumava um charuto.

— Acho que não deves poder fumar aqui — avisou Lisa.

Kowalski tirou o charuto de entre os lábios e olhou fixamente para ele.

— Oh, vá lá, é cubano. Não há mais formal que isso.

Jenna passou por trás dele com *Nikko* preso a uma trela.

— Tenho de ir tratar de um assunto urgente! — disse ela, dirigindo-se ao parque de estacionamento. — ... Ou, pelo menos, o *Nikko* tem.

Tal como Josh, o *husky* siberiano recuperara completamente e até recebera uma medalha pelos seus serviços.

Kowalski olhou para eles com um ar carrancudo e abanou a cabeça.

— Primeiro, o *Kane*, agora este cão. Daqui a pouco, a Sigma vai ter de mandar construir o seu próprio canil. — Kowalski apontou o charuto para Painter. — E não tenhas ideias, não vou limpar a porcaria deles.

— Combinado.

Kowalski acenou com a cabeça e afastou-se, envolto numa nuvem de fumo.

Painter suspirou e estendeu a mão.

— Vamos retirar-nos?

— Com certeza. — Lisa colocou a palma da sua mão sobre a dele. — Mas não estavas a contar com uma noite de sono, pois não?

Com um movimento suave, Painter puxou-a para si, deslizou a mão por trás da sua cabeça e beijou-a, afastando-se apenas o tempo suficiente para dizer:

— Quem é que tem tempo para dormir? Temos uma família para começar.

30 de maio, 06h36

Lee Vining, Califórnia

Jenna conduzia em direção à estrada 395 pelo centro da cidade na sua nova *pick-up Ford F-150*, com a estrela dos guardas-florestais da Califórnia recentemente decalcada no veículo. Fora uma oferta do departamento depois de tudo o que acontecera. O interior ainda cheirava a novo.

Não que vá cheirar assim durante muito mais tempo.

Nikko encontrava-se no banco de trás a arfar-lhe ao ouvido. Geralmente, Jenna repreendia-o, mas desta vez esticou-se para trás e

acariciou-lhe o focinho. Embora tivesse recuperado fisicamente, Jenna conseguia ver pequenos sinais de stresse pós-traumático no cão. Não saía de junto dela e era cada vez menos capaz de enfrentar situações sozinho, mas, até nesse aspeto, estava a recuperar lentamente.

Tal como eu.

Ainda se lembrava da sensação de se estar a perder, o nevoeiro a ficar mais denso, inundando-a aos poucos e empurrando tudo o que ela era para fora de si mesma.

Até agora se arrepiava. Dava por si a fazer constantemente um inventário pessoal. Se se esquecesse das chaves, seria um sinal de danos residuais? E se não conseguisse encontrar uma palavra ou lembrar-se de uma morada ou número de telefone? Aquilo era, por si só, desconcertante.

Habituara-se a levantar-se todos os dias ao nascer do sol. Sempre adorara as manhãs junto ao lago. O sol transformava as águas espelhadas numa miríade de sombras, que mudavam em cada estação. As ruas estavam praticamente desertas. Ou, se fosse época alta, era a essa hora que a cidade começava a acordar, a bocejar e a esticar as pernas.

O sossego da manhã sempre lhe dera tempo para refletir, para se recompor. E, neste preciso momento, precisava disso mais do que tudo.

Mas as manhãs agora também significavam outra coisa.

Pegou no rádio e contactou a central.

— Bill, vou parar e comer qualquer coisa.

— Recebido.

Estacionou por baixo do letreiro amarelo do restaurante Nicely e saiu do carro, seguida de perto por *Nikko*. Entrou no restaurante, fazendo soar a campainha. Atrás do balcão, Barbara ergueu o copo de café expresso quente, o melhor da cidade, e atirou um biscoito a *Nikko*, que o apanhou no ar, um truque aprendido ao longo dos muitos anos de experiência.

Mas ela agora tinha uma nova rotina.

Uma figura chamou-a de uma das mesas, sem nem sequer se dar ao trabalho de desviar os olhos do jornal.

— Bom dia, querida.

Ela atravessou o restaurante e sentou-se no banco com o seu café na mão.

— Então, o que é que o teu dia te reserva? — perguntou ela a Drake.

Drake aceitara um cargo permanente como monitor de fuzileiros na base da montanha.

— Tu sabes — disse ele —, é provável que tenha de salvar o mundo outra vez.

Jenna acenou com a cabeça, dando um gole no seu café, e estremeceu com a piada.

— MMDD.

Mesma merda, dia diferente.

Drake passou-lhe a secção de desporto do jornal, que ela aceitou.

Não havia nada melhor do que a normalidade.

14h07 GMT

Terra da Rainha Maud, Antártida

— Amigo, se queres continuar a vir para aqui, talvez queiras fazer um contrato de passageiro frequente comigo.

Jason deu uma palmada no ombro do piloto inglês e apertou mais o fecho da sua parka, puxando o capuz para cima.

— Sou capaz de ter de fazer isso, Barstow.

Jason desceu do *Twin Otter* para o gelo. Olhava fixamente para o aglomerado de edifícios que se espalhava como blocos de brincar à sombra dos penhascos das montanhas Fenriskjeften. Era como se a

subestação da Porta dos Fundos tivesse sido uma semente que germinara com o calor por baixo dela e da qual brotara este complexo de investigação internacional cada vez maior sobre a superfície gelada.

Fizeram um enorme progresso.

Ainda assim, lembrava-se daquela viagem há um mês, de abandonar Hell's Cape pela Porta dos Fundos com Gray, Kowalski e Stella. Tal como Stella prometera, tinham encontrado um CAAT estacionado numa garagem à superfície e tinham-no usado para se aventurarem para a linha costeira, acompanhados pela doutora Von Der Bruegge e os restantes investigadores da estação Halley VI. Com o fim da tempestade solar, conseguiram contactar a estação McMurdo para pedir auxílio.

Agora, estou de volta.

Mas tinha uma boa razão. Ela saiu de uma das estruturas novas mais altas, que se encontrava pintada de vermelho e preto, as cores do British Antarctic Survey, que combinava com a pintura do *Twin Otter*. Até a sua parka tinha as letras BAS no peito.

Ela caminhou na sua direção, com o capuz para baixo, como se estivesse a passear por um parque em vez de estar a enfrentar o inverno rigoroso da Antártida. Nesta altura do ano, o continente estava mergulhado numa eterna escuridão, mas as estrelas brilhantes e a lua cheia prateada proporcionavam luz suficiente, sobretudo quando acompanhadas pelas rodopiantes ondas elétricas da aurora austral.

— Jason, é tão bom ver-te.

Stella abraçou-o — o seu abraço demorando-se um pouco mais do que o esperado —, mas ele não se queixava.

— Tenho tanto para te mostrar, para te contar.

Stella começou a conduzi-lo para a estação, mas Jason não saiu do lugar.

— Eu tenho lido os relatórios — disse ele, sorrindo. — Realmente, tens muita coisa em mãos. Selecionar secções de Hell's Cape, abri-las e transformá-las em biosferas protegidas não deve ser uma tarefa fácil. Estava sempre a prometer que te arranjava ajuda especializada e aqui estou eu para cumprir essa promessa.

Jason acenou para o compartimento das traseiras do *Otter*. A escotilha abriu e duas pessoas saíram do avião vestidas com equipamento para o gelo bastante usado. A mulher enfiou longas madeixas de cabelo encaracolado preto, salpicadas com alguns fios cinzentos, dentro do capuz enquanto o puxava para cima. Foi ajudada a sair por um homem mais alto, encorpado, cuja idade a maioria das pessoas nunca adivinharia. Tal como o seu equipamento, também eles pareciam bastante usados enquanto par, um casal inseparável.

Jason apresentou-os.

— A minha mãe, Ashley Carter. E o meu padrasto, Benjamin Brust.

Stella cumprimentou-os com um aperto de mão, um sorriso de surpresa fazendo-a parecer ainda mais bonita.

— É um prazer conhecer-vos. Entrem, vamos aquecer-nos.

Stella levou-os em direção à estação da Porta dos Fundos, a nova entrada para aquele mundo subterrâneo. Quando se virou, Ben inclinou-se para trás e deu uma cotovelada a Jason.

— Boa, amigo — disse Ben, exagerando o seu sotaque australiano, como fazia sempre que o provocava. — Agora percebo porque querias vir e apresentar-nos pessoalmente. Arranjaste uma miúda à maneira.

Ambas as mulheres olharam de relance para trás, para eles.

Jason baixou a cabeça, abanando-a ligeiramente.

Ben apressou o passo e meteu-se no meio das duas mulheres, colocando os braços por cima delas.

— Então, o miúdo disse-me que encontraste um sistema cavernoso interessante por baixo do gelo.

— Sabe muito sobre cavernas? — inquiriu Stella.

— Fui conhecido por aí a explorá-las.

O padrasto de Jason era, de facto, um espeleólogo exímio, com décadas de experiência, a maior parte delas neste mesmo continente.

— Bem, duvido que alguma vez tenha visto algo como o que encontrámos aqui em baixo — disse Stella, com orgulho.

— Ficarias surpreendida com o que já vimos — disse a mãe de Jason com um sorriso. — Um dia convidamos-te para vires para os *nossos* lados.

Ben acenou com a cabeça.

— É capaz de haver aí aventuras para todos nós — disse Ben, olhando de relance para Jason. — O que me dizes? Apetece-te divertir?

Jason apressou o passo para os acompanhar.

Porque achei que isto fosse uma boa ideia?

20h23 EDT

Roanoke, Virgínia

Kendall Hess conduzia o carro de aluguer pela longa entrada bordejada de árvores, em direção às instalações privadas do hospital psiquiátrico. Relvados aparados na perfeição estendiam-se até às alamedas ajardinadas e pequenas fontes. O edifício em si estava dividido em quatro alas, que se ramificavam como uma cruz no meio destas instalações de alta segurança.

O hospital não se encontrava em nenhum diretório e poucos tinham conhecimento da existência destes dezasseis hectares, que faziam fronteira com o Blue Ridge Parkway na periferia de Roanoke, Virgínia. Eram instalações para casos especiais, de interesse ao nível da segurança

nacional. Para conseguir uma cama aqui, Kendall teve de apelar aos seus contactos junto ao Bioterrorism Risk Assessment Group (BRAG), o grupo de avaliação de risco de bioterrorismo do FBI.

Chegou ao último posto de controlo, mostrou a sua identificação e estacionou. Teve de deixar uma impressão digital na receção e ser escoltado por um dos enfermeiros.

— Como é que ele está? — perguntou Kendall.

— Na mesma. Deseja falar com o responsável clínico dele?

— Não é necessário.

A enfermeira, uma mulher jovem e formal de voz suave, vestida de azul e com sapatos de sola grossa, olhou para ele.

— Ele tem uma *visita*.

Isso era bom.

Percorreram juntos um longo corredor asséptico, pintado em tons pastel, cores supostamente calmantes. Por fim, chegaram a uma porta que requeria uma chave-mestra especial. Abria para uma pequena sala de avaliação clínica, ao lado do quarto do paciente. Um espelho unidirecional dividia os dois espaços.

Kendall aproximou-se do espelho unidirecional. O quarto ao lado estava decorado com painéis de madeira e uma lareira falsa que tremeluzia chamas de seda. Estantes delineavam a parede do fundo, repletas de livros.

Kendall achou triste, mas algo reconfortante, que os livros ainda trouxessem alguma consolação a Cutter, como se, enterrada nas profundezas do seu córtex cerebral tão danificado, ainda subsistisse alguma memória, alguma paixão pelo conhecimento.

Viu que Ashuu se encontrava sentada num canto, mas olhava tristemente pela janela.

Kendall assegurara que a família de Cutter fosse bem tratada, oferecendo-lhes acomodação e uma pequena mesada para poderem ficar

por perto. Jori frequentava uma escola local de Roanoke, acomodando-se bem a esta nova realidade com a adaptabilidade típica dos jovens. A mulher de Cutter era mais preocupante. Ele desconfiava que ela acabaria por regressar à floresta, talvez quando Jori fosse para a universidade. O miúdo era inteligente, era certamente filho do seu pai.

Cutter encontrava-se deitado de costas na cama, os seus pulsos presos por algemas almofadadas, não que ele fosse violento, mas por vezes magoava-se a si mesmo quando não estava a ser observado. Fazia passeios diários com os funcionários e tinha a companhia dos livros, ficava mais calmo quando se encontrava ao ar livre, na natureza, um resquício do que um dia fora.

— Estão a prepará-lo para a noite — disse a enfermeira. — O filho lê sempre para ele à noite.

Kendall ligou o intercomunicador para ouvir, enquanto Jori se sentava na cadeira ao lado da cama, com o livro aberto sobre os seus joelhos magros, e lia para o pai.

A enfermeira acenou com a cabeça para o livro que Jori tinha sobre o colo.

— O filho contou-me que o pai lhe costumava ler este mesmo livro todas as noites.

Kendall leu o título e sentiu um laivo de culpa.

O Livro da Selva, de Rudyard Kipling.

A voz de Jori era doce, cheia de amor pelas palavras, pelas memórias que partilhavam.

*Este é o momento do orgulho e do poder,
Garras e presas e gadanhos.
Oh, ouve o chamamento! — Boa caçada, a todos
Que seguem a lei da selva!*

23h48

Takoma Park, Maryland

Gray encontrava-se sentado no baloiço do alpendre, com uma cerveja fresca equilibrada sobre o corrimão à sua frente. A noite ainda estava quente, mais de trinta graus, e muito húmida. A temperatura e a humidade punham-no de mau humor... ou talvez tivesse sido o longo dia a visitar lares, limitando a sua escolha aos que tivessem unidades especializadas em Alzheimer.

Uma mão fresca entrelaçou-se na sua. Com apenas um toque, a tensão dentro dele atenuou-se. Ele apertou-lhe a mão, agradecendo-lhe.

Seichan estava sentada ao seu lado, acabada de regressar de Hong Kong. Deixara as malas em casa dele e viera diretamente para aqui, percorrendo ruidosamente a rua na sua mota e chegando mesmo a tempo do jantar. Seichan e o pai de Gray davam-se muito bem.

Mas também quem não o faria?

Olhem para ela.

Mesmo na escuridão, ela era uma escultura de elegância e força, ferocidade e ternura, curvas suaves e músculos definidos. Os seus olhos captavam todas as partículas de luz. Os seus lábios eram suaves como seda. Gray levantou uma mão e percorreu o queixo dela com um dedo, seguindo um fiozinho de suor ao longo da sua garganta.

Meu Deus, como sentira saudades dela.

A sua voz desceu uma oitava para um tom sedutor e intenso.

— Devíamos ir para casa.

O seu corpo estremeceu com aquele convite.

— Vai andando — disse ele. — Vou só verificar se a enfermeira da noite tem tudo de que precisa e depois vou ter contigo.

Seichan endireitou-se e começou a levantar-se, mas deve ter sentido algo e voltou a sentar-se sobre as tábuas do baloiço.

— O que se passa?

Gray virou-se para o outro lado, reparando num bando de pirilampos nos arbustos que se estendiam para lá do parapeito do alpendre. Tinham vindo cedo este ano, como mensageiros que anunciavam a mudança do tempo, diziam alguns, um lembrete das grandes forças que controlavam verdadeiramente este mundo, fazendo com que tudo o resto parecesse insignificante e pequeno.

Gray suspirou, detestando admitir que, por vezes, era demasiado pequeno.

— Posso salvar o mundo inúmeras vezes. Porque não posso salvá-lo a ele? — Encolheu os ombros vigorosamente. — Não há nada que eu possa fazer.

Seichan encontrou as mãos dele e segurou-as entre as palmas das suas.

— És um cretino, Gray.

— Nunca o neguei — disse ele, esboçando um sorriso.

— Há sempre alguma coisa que podes fazer. Já o fazes todos os dias. Podes amá-lo, cuidar dele, lembrar-te por ele, viver por ele, tratar dele, lutar por ele. Tu mostras esse amor com cada decisão difícil que tomas... é isso que podes fazer. Isso não é *nada*.

Gray permaneceu em silêncio.

Havia outra coisa que ele podia fazer... mas, para isso, precisava de um momento de privacidade.

— Já percebi, Seichan. — Ele afastou as mãos das dela. — Vai andando. Já vou ter contigo.

Ela inclinou-se para a frente e beijou-o na face, depois com mais intensidade nos lábios.

— Não me deixes muito tempo à espera.

Nunca.

Enquanto ela descia os degraus do alpendre, Gray entrou na casa e acenou com a cabeça à enfermeira da noite sentada no sofá.

— Vou vê-lo antes de me ir embora.

— Acho que ele já está a dormir — disse ela.

Ainda bem.

Subiu as escadas e atravessou o corredor em direção ao quarto do pai. A porta estava entreaberta, por isso entrou e dirigiu-se para a sua cabeceira.

Do bolso, retirou um frasquinho e uma seringa.

Há uns dias, interrogara o doutor Kendall Hess sobre o antídoto para a ameaça criada por Cutter Elwes. Ele ouvira Kendall dizer que acreditava que o fármaco pudesse ajudar a melhorar outras disfunções neurológicas. Gray expusera o caso do pai diretamente ao doutor Hess e este enviara uma amostra para a sua morada durante a noite.

Gray encheu a seringa.

Uma vez, que parecia ter sido há décadas, fora-lhe oferecida uma escolha semelhante, algo que poderia ter ajudado a melhorar a doença do pai. Acabara por despejá-la pelo cano abaixo, acreditando que tinha de aprender a aceitar o inevitável, a não lutar contra o que não podia ser vencido.

Ergueu a seringa, empurrando uma gota para a ponta da agulha.

Que se lixe isso tudo.

As palavras de Seichan ecoavam na sua cabeça.

... luta por ele...

Inclinou-se sobre o pai, espetou a agulha no seu braço e empurrou o êmbolo até ao fim. Retirou a seringa antes que as pálpebras do pai se abrissem. Quando ele acordou, os seus olhos arregalaram-se ao ver o filho inclinado sobre ele.

— Gray, o que estás a fazer?

A lutar por ti...

Inclinou-se para baixo e beijou o pai na testa.

— Só vim desejar-te uma boa noite.

EPÍLOGO ARBÓREO

O grupo movimenta-se lentamente pela selva, todos em fila, em número bastante menor do que quando deram início a esta caminhada. Ecos de fogo, pedra e ruína perseguem-nos. Lembram-se de escavar com as suas garras fortes, descobrindo túneis mais antigos que os conduziram a esta floresta interminável, livres, por fim.

Lembram-se do sangue e da morte. Lembram-se da traição e da dor. Lembram-se da faísca azul e da picada de aço.

As suas memórias são muitas.

O seu ódio ainda maior.

NOTA DO AUTOR PARA OS LEITORES

Chegou o momento de retirar o escalpe e dissecar esta narrativa, separando a verdade da ficção. Estamos à beira de várias alterações radicais neste mundo. Enquanto existem poucas dúvidas de que o planeta atravessa a sua *sexta* extinção em massa, são os caminhos que escolhemos agora — enquanto espécie, enquanto sociedade — que seguem muitas direções diferentes. Um dos objetivos deste livro é percorrer vários desses caminhos e ver onde nos podem levar. Mas que distância já percorremos desses caminhos? Vamos descobrir.

Antes de mais, esta narrativa retrata o verdadeiro abismo que divide atualmente o movimento ambientalista: entre os conservacionistas da velha guarda e um novo grupo de ecologistas, entre os que defendem a preservação das espécies e os que advogam a biologia sintética, até mesmo entre os que querem travar esta extinção eminente e os que a recebem de braços abertos. Os quatro livros seguintes foram fundamentais para construir esta história e constituem um excelente recurso para quem estiver interessado nos assuntos abordados no livro:

Regenesis: How Synthetic Biology Will Reinvent Nature and Ourselves, de George M. Church e Ed Regis (Nova Iorque: Basic Books, 2012).

The Sixth Extinction: An Unnatural History, de Elizabeth Kolbert (Nova Iorque: Henry Holt, 2014).

Apocalyptic Planet: Field Guide to the Future of the Earth, de Craig Childs (Nova Iorque: Vintage, 2013).

Countdown: Our Last, Best Hope for a Future on Earth?, de Alan Weisman (Nova Iorque: Back Bay Books, 2014).

No entanto, vamos analisar alguns aspetos específicos, começando pela

Ciência

Biologia Sintética

No que diz respeito a criar vida artificial, as descobertas sucedem-se umas às outras a grande velocidade, até mais rapidamente do que o tempo que demorei a escrever este livro. Abaixo está uma breve cronologia que refere os tópicos mencionados neste livro (embora o faça de uma forma bastante superficial):

2002: O primeiro vírus artificial é criado em laboratório.

2010: A equipa de Craig Venter produz a primeira célula sintética viva.

2012: A manipulação de AXN (ácido xenonucleico) é realizada com sucesso.

2013: Um cromossoma inteiro e completamente funcional é reconstruído do zero.

Maio de 2014: O Scripps Institute adiciona novas letras ao nosso vocabulário genético.

AXN

Vários laboratórios produziram diversas estirpes de AXN. Provou-se ser mais resistente e, sim, em teoria poderia ser utilizado para substituir o ADN de todas as criaturas vivas. Também se crê que tenha sido, em tempos, uma forma de vida predominante neste planeta. Então, será que é possível que uma bolsa desta vida ainda se encontre por aí, escondida em alguma biosfera-sombra? Só o tempo o dirá.

Adaptações Facilitadas

O objetivo da investigação do doutor Kendall — descobrir formas de aperfeiçoar espécies para se adaptarem melhor a alterações ambientais — está a ser trabalhado em vários laboratórios tendo em conta uma perspetiva realista do mundo.

Até as criações de Cutter Elwes foram baseadas num projeto inteligente denominado «Designing for the Sixth Extinction» de Alexandra Daisy Ginsberg. Ela propõe a introdução destas criações geneticamente manipuladas na vida selvagem (chegando até a patentear algumas das suas formas de vida imaginativas). Uma coisa fascinante. O seu trabalho está disponível na Internet.

Máquinas Evolutivas

1. A técnica **CRISPR-Cas9** descrita nesta narrativa é real! Já está a revolucionar o mundo da investigação e manipulação genética. Com algum treino, um novato poderia realizar estas técnicas avançadas. A precisão deste controlo foi comparada a uma ferramenta que permite a edição de letras individuais de uma enciclopédia, sem cometer qualquer erro ortográfico.

2. A **MAGE** e a **CAGE** foram inventadas pelos bioengenheiros da Universidade de Yale, MIT e Universidade de Harvard. Permitem edições

em grande escala a um genoma e são prometedoras no que diz respeito a trazer de volta à vida espécies extintas.

Desextinção

Menciono neste livro o facto de os laboratórios de todo o mundo estarem a tentar fazer reviver espécies extintas. Estas incluem o mamute (a partir do ADN do elefante), o pombo-passageiro (a partir do ADN do pombo-comum) e um boi extinto conhecido como auroque (a partir do ADN de bovinos). No entanto, existem muitos outros métodos de edição genómica para restaurar essas espécies, tal como a transferência nuclear de células somáticas.

E, sim, existe mesmo um russo chamado Sergey Zimov que está a construir o «Parque Pleistoceno» na Sibéria, para servir de casa aos mamutes.

Extremófilos

A procura de novos químicos e compostos transformou a caça aos organismos invulgares que vivem em ambientes agrestes numa corrida ao ouro biológica. Por sua vez, os cientistas descobriram vida a prosperar em muitos locais que antes eram considerados inóspitos para a vida: nas águas escaldantes das fontes hidrotermais, a grandes profundidades debaixo do gelo, em terrenos tóxicos. Foram descobertos ecossistemas completos, o que deu origem ao termo biosferas-sombra.

Vírus Indestrutíveis

Baseei o organismo que o doutor Hess criou num microrganismo real: uma bactéria denominada *Deinococcus radiodurans*. Este pequeno organismo perseverante é capaz de sobreviver a níveis de radiação quinze vezes superiores ao que a barata, famosa pela sua resistência, consegue.

Também é conhecida pela sua capacidade de suportar temperaturas geladas, desidratação, calor escaldante e os ácidos mais potentes. Nem mesmo o vácuo no espaço a consegue matar. *O Livro de Recordes do Guinness* declarou-a a forma de vida mais resistente. Vamos esperar que ninguém se lembre de começar a brincar com a caixa de ferramentas genética dessa bactéria.

Genes Saltitantes (Retrotransposões)

Mais uma vez, é surpreendentemente verdade que os geneticistas aceitem agora que os «genes saltitantes» sejam um poderoso motor de evolução. Estes traços podem ser transmitidos não só para a prole, como também *entre* espécies, num processo denominado transferência horizontal de genes. Embora seja difícil de acreditar, está provado que um quarto do ADN dos bovinos provém de uma espécie de víbora-cornuda. Por isso, tenham cuidado quando comerem o próximo hambúrguer.

Biohacking/Biologia Faça-Você-Mesmo/ Biopunks

Independentemente do que lhes quiser chamar, as garagens, as caves e os centros comunitários tornaram-se locais de eleição para a experimentação genética e a criação de novas formas de vida. Mencionei neste livro um programa que procurava produzir uma erva daninha luminescente. Esta tecnologia chegou mesmo a tornar-se uma espécie de jogo, com a introdução de *BioBricks*, uma caixa de ferramentas genética para fazer o papel de Deus no seu próprio quintal.

Os três maiores receios relativamente à biologia sintética e ao biohacking são o *bioterrorismo*, os *acidentes laboratoriais* e a *libertação propositada da organismos sintéticos*. Por isso, decidi fazer um três em um e juntar os três num só livro de *suspense*.

Magnetismo e Vida Microbial

Os campos magnéticos podem matar bactérias, vírus e fungos? Com a estática ou os campos oscilantes certos, SIM> A FDA (Food and Drug Administration) realizou um estudo completo sobre o assunto, identificando até a força dos campos necessária para matar determinadas espécies.

Panspermia

Esta é a teoria de que a vida na Terra pode ter vindo de uma semente de vida orgânica trazida para o planeta por um meteoro. Crê-se que o meteoro mencionado neste livro, o que causou a enorme Cratera de Wilkes na Antártida, foi responsável pela extinção em massa do Período Permiano, a qual esteve prestes a eliminar toda a vida na Terra. Por isso, pergunto-me: *Se todos aqueles nichos ambientais foram esvaziados pela extinção, será que o mesmo meteoro trouxe algo extraterrestre para fertilizar aqueles campos recentemente vazios?*

Vida Antártica

Os russos continuam a perfurar o lago Vostok, um lago tão grande como qualquer um dos Grandes Lagos, contudo isolado ao longo de vários milénios debaixo do gelo. Que vida poderá vir a ser encontrada neste lago? Alguns sinais: há muitos. Mas aquele continente mais a sul está repleto de fenómenos biológicos estranhos.

— Em 1999, foi descoberto um vírus no gelo a que nenhum animal ou humano é imune.

— Em 2014, um pedaço de musgo com 1500 anos foi trazido de volta à vida. Da mesma forma, na Sibéria, um vírus que esteve congelado durante 30 000 anos foi ressuscitado.

— Restos petrificados de grandes florestas foram descobertos em muitas localizações naquele continente.

Mas, até agora, estamos ainda num nível muito superficial. O que está realmente por baixo daquele gelo ainda está por descobrir. Deve ser interessante devido à...

Geologia da Antártida

Só recentemente começámos a perceber o quanto a geologia daquele continente é estranha. Apesar de o continente estar coberto de gelo, no fundo é um pantanal quente e húmido. Existem centenas de lagos subglaciares, muitas vezes com rios a fluir entre eles, alguns tão grandes como o Tamisa. Existem quedas de água que correm para *cima*. Existem vulcões ativos, alguns com lava a escorrer debaixo de quilómetros de gelo. Somente no ano passado (início de 2014) os cientistas descobriram que a Antártida tem uma fenda que faz o Grand Canyon parecer pequeno. O que estará ainda por descobrir nesta paisagem invulgar e fora deste mundo?

O *Hacking* do Cérebro

No meu livro, Cutter Elwes descobre uma nova forma de alterar a inteligência humana para seu proveito próprio. Será possível fazê-lo? Os *hackers* dos computadores dos anos oitenta e noventa estão a tornar-se os biohackers do novo milénio. Neste momento, os investigadores estudam vírus e bactérias que utilizam sinais químicos para controlar as emoções e o pensamento humano. Com o ritmo exponencial da nossa capacidade de manipular ADN — mais rápido, mais barato e com maior controlo —, qualquer coisa será possível muito em breve.

Departamento de Tecnologias Biológicas da DARPA

A DARPA já se encontra a trabalhar nos aspetos mais avançados da robótica, das próteses e da inteligência artificial. No entanto, em 2014, foi criado este novo departamento para se focar na biotecnologia, a fim de «explorar a interseção cada vez mais dinâmica da biologia com as ciências físicas». Mantenham-se informados!

Neste livro, diferentes investigadores propuseram vários caminhos para contornar ou atravessar esta sexta extinção. Assisti a debates, li de forma exaustiva e analisei artigos sobre os muitos lados deste assunto complexo, mas pensei em mencionar a origem de alguns destes

Filosofias Científicas

Conservação/Preservação

Esta filosofia engloba aqueles ambientalistas que procuram salvar espécies ou sustentar os *habitats* para proteger os animais em vias de extinção. Esta área também inclui aqueles que tentam fazer reviver as espécies extintas. Em alguns meios, isto é visto como «o ambientalismo de velha guarda».

Biologia Sintética

De forma certa ou errada, é nesta área que os cientistas jovens e entusiastas procuram utilizar a manipulação genética e a criação de vida sintética para redesenhar o mundo. Não há dúvida de que este caminho implica uma certa medida de arrogância e perigo, mas é também muito promissor.

Novos Ecologistas

Encontrei uma entrevista fascinante ao ecologista Craig Thomas na *New Scientist*, onde expõe uma nova forma filosófica de olhar para a extinção: basicamente, como uma oportunidade. Sugere que uma extinção em massa poderá fazer surgir novas e excitantes formas de vida, novos caminhos para a evolução, e até criar um Novo Éden. É uma forma alternativa e fascinante de olhar para esta sexta extinção.

Movimento Dark Mountain

Seria difícil fazer justiça a este movimento num pequeno parágrafo. Assim, sugiro que consultem a sua página na internet (<http://dark-mountain.net>), onde poderão ler *Uncivilisation: The Dark Mountain Manifesto*, escrito por Dougald Hine e Paul Kingsnorth. É mais uma forma radical de olhar para esta sexta extinção em massa.

Na personagem de Cutter Elwes, tentei criar uma pessoa que defendesse uma versão adulterada da última destas três filosofias, enquanto o colocava em confronto direto com o doutor Hess, defensor acérrimo das duas primeiras. E é um facto que essa mesma guerra filosófica retratada no livro está a acontecer na comunidade científica neste preciso momento.

• • •

E não seria uma narrativa da Sigma se não tivesse um pouco (ou muito) de

História

Darwin e a Viagem do *Beagle*

Charles Darwin visitou, de facto, os nativos fueguinos na região da Terra do Fogo da América do Sul. Os fueguinos eram navegadores exímios e é bem possível que tivessem na sua posse mapas rudimentares das suas viagens. Outro aspeto verdadeiro é o facto de Darwin só ter publicado o seu famoso tratado vinte anos depois daquela fatídica viagem. O que nos leva a perguntar: *Porquê?*

Mapas, Mapas e Mais Mapas

Ao longo destas páginas, vai encontrar exemplos de mapas antigos que retratam o que parece ser o continente da Antártida, mas sem gelo. Embora estes mapas sejam reais, com várias centenas de anos, as discussões sobre eles continuam até hoje. Mas o que sabemos é que os povos antigos já navegavam pelos oceanos do mundo há muito mais tempo do que pensávamos. Continua-se a descobrir datas cada vez mais antigas na cronologia náutica da Humanidade. E com a destruição da Biblioteca de Alexandria, o enorme armazém de conhecimento antigo, quem sabe que grandes verdades desapareceram nas chamas?

Os Alemães na Antártida

Todos os pormenores históricos sobre a exploração nazi e o seu interesse na Antártida são baseados em factos reais, incluindo as declarações crípticas do almirante Karl Dönitz durante os julgamentos de Nuremberga e a sua sentença estranhamente leve.

Os Americanos na Antártida

A Operação Highjump, liderada pelo vice-almirante Byrd, foi uma operação real que envolveu mais de 5000 homens. Continua, contudo, envolta em mistério. O veículo de neve de Byrd também existiu e foi enviado para o continente, sendo que acabou por desaparecer pouco depois

na História (ou debaixo do gelo). E, sim, o governo dos Estados Unidos da América fez testes nucleares naquela zona.

Os Britânicos na Antártida

O British Antarctic Survey tem estado operacional no continente mais a sul quase há mais tempo que qualquer outro país, tendo mudado o seu nome ao longo do processo, como descrito no livro. A Estação Halley VI é um posto de investigação britânico (a não ser que tenha deslizado para dentro do mar como aconteceu nas páginas deste livro). Parece, de facto, uma centopeia em cima de enormes esquis.

A maior parte da tecnologia referida neste livro já foi mencionada na secção da Ciência, mas existem mais dois *gadgets* a que devo fazer referência.

Tecnologia

Transporte Anfíbio (Captive Air Amphibious Transport ou CAAT).

Embora estes veículos ainda sejam protótipos, já foram construídas versões mais pequenas e totalmente operacionais deste veículo. Na verdade, decidi basear os CAAT mais pequenos que aparecem neste livro nesses mesmos protótipos (e tive de evitar chamá-los mini-CAAT... o que em inglês quer dizer minigatos ou gatinhos).

Armas Sónicas

Os dispositivos acústicos de longo alcance (Long Range Acoustic Devices ou LRAD) são utilizados em todo o mundo pelas forças policiais e militares e funcionam basicamente como foi descrito no livro.

Os dispositivos mais portáteis de emissão sónica dirigível (Directed Stick Radiators ou DSR) são patenteados pela American Technology Corporation. Pelo que sei, não são produzidos em massa, mas funcionam como descrito no livro, incluindo a capacidade de captarem vozes ou de serem utilizados como microfone direcional para ouvir secretamente conversas privadas.

Assim, se tencionarem entrar numa caverna escura por baixo da Antártida, talvez queiram comprar alguns destes a esta empresa.

Somente algumas palavras sobre as

Localizações

Tepuis

Estes estranhos planaltos, com um aspeto extraterrestre, estendem-se pela Guiana, Venezuela e Brasil. Muitos nunca foram pisados pelo homem e os ecossistemas invulgares e isolados que lá podem ser encontrados permanecem imaculados e intocados. As mitologias descritas neste livro também são precisas, tal como as estranhas dolinas, cavernas e túneis. A história *The Lost World*, de Sir Arthur Conan Doyle, desenrola-se no topo de um destes *tepuis*, por isso decidi que seria num deles que Cutter Elwes se estabeleceria e trabalharia, longe de olhares curiosos.

Mountain Warfare Training Centre (Centro de Treino para a Guerra na Montanha)

Visitei estas instalações nos arredores de Bridgeport, na Califórnia, e, embora a maior parte dos pormenores sejam precisos, tomei a liberdade de alterar alguns aspetos menores (desculpem, rapazes, fico-vos a dever

algumas costeletas do Bodie Mike's Barbecue). No entanto, a base tem uma pista para o *V/STOL* utilizada para treinos, incluindo todo o trabalho realizado com o *Osprey* de rotores basculantes. E o «Son of Osprey», o *Bell V-280 Valor*, que aparece neste livro, está a ser atualmente desenvolvido.

Lago Mono e Cidades-Fantasma

Da mesma maneira, visitei o lago Mono muitas vezes e espero ter feito justiça ao lugar e aos habitantes. Se algum dia lá forem, visitem as cidades-fantasma. Mas tenham cuidado com os helicópteros cheios de soldados.

UMA ÚLTIMA NOTA HISTÓRICA

Espero que tenha gostado deste livro. É a décima narrativa da série Sigma, publicada no décimo aniversário da primeira (*A Cidade Perdida*, 2004). Por saber que essa data se aproximava, pensei aproveitar esta oportunidade para fazer uma ligação ao passado. Tal como o regresso de Ashley Carter e Ben Brust, os determinados exploradores da Antártida, que, juntamente com Jason, se viram em sarilhos na minha primeira narrativa, *Subterranean*. Além disso, neste livro, queria reconhecer o que está por vir, com algumas alterações significativas a que fiz alusão nestas mesmas páginas — porque as maiores e mais ousadas aventuras da Sigma ainda estão no horizonte.

Por isso, espero vê-los por aí!

Jim Rollins

P.S.: Tragam protetor solar (e munições extra).